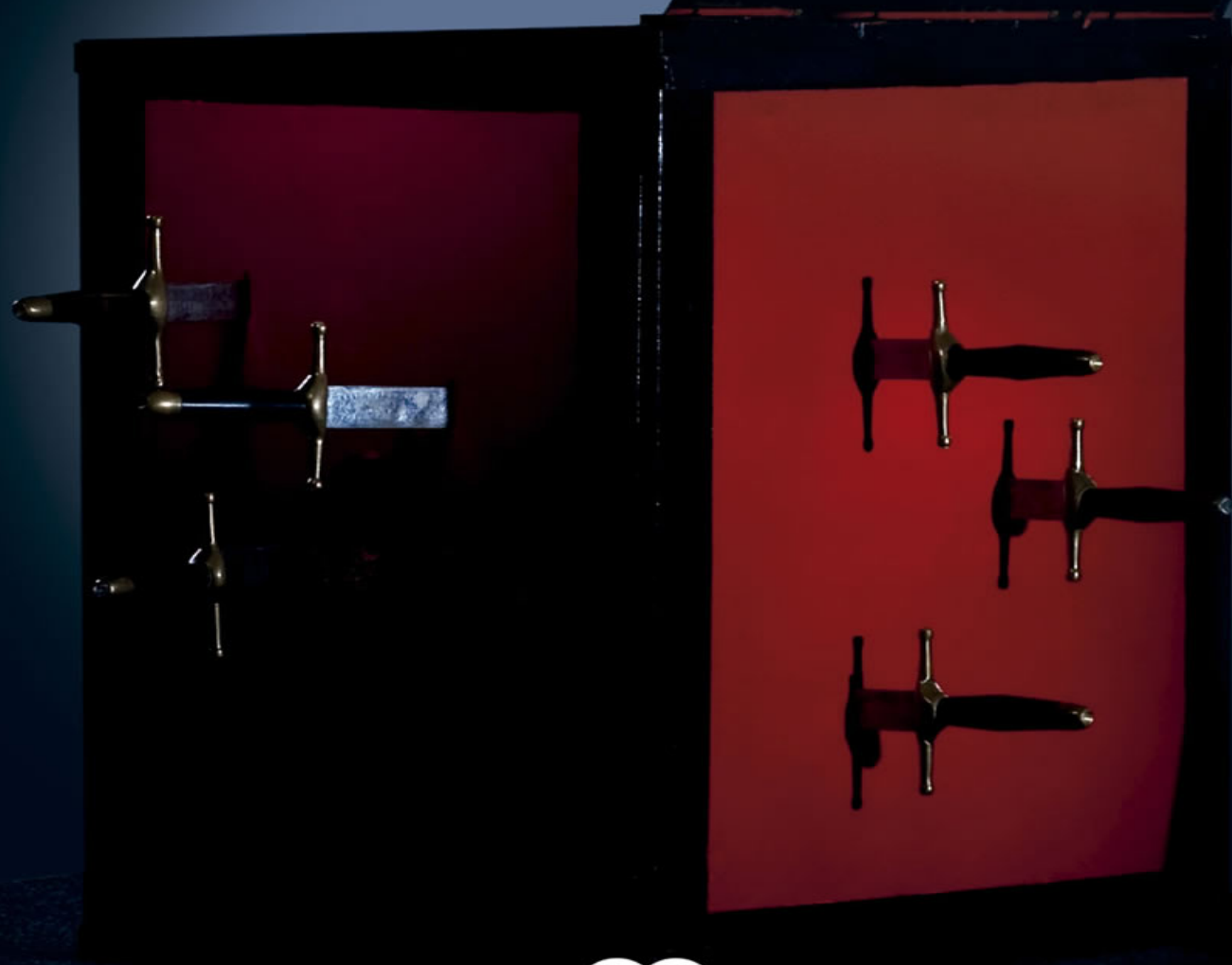


BESTSELLER INTERNACIONAL

**30 MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS**

CAMILLA
LÄCKBERG
HENRIK **FEXEUS**
A CAIXA



SUMA
de letras

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CAMILLA LÄCKBERG
& HENRIK FEXEUS

A CAIXA

Tradução de
ELIN BAGINHA



FEVEREIRO

Ansiosa, Tuva tamborila os dedos no balcão. Ainda está no trabalho, num café no bairro de Hornstull, mas já devia ter saído. Um cliente que acaba de se sentar a um canto olha para ela com ar irritado, e ela responde-lhe com um olhar assassino. Memoriza a aparência dele e pensa que aquele cliente não vai ter direito a um coração desenhado na espuma do seu próximo *cappuccino*. O mais provável é receber o desenho do dedo do meio.

Tuva fica de mau humor quando não consegue despachar-se a horas, e agora é que está mesmo atrasada. Prende o cabelo loiro atrás da orelha num ato reflexo. Já devia ter ido buscar Linus ao infantário há meia hora e, apesar de por esta altura estar imune ao franzir de sobrolho dos funcionários — que já teve de enfrentar demasiadas vezes, pelo que já não têm o poder de a afetar —, sabe que o seu filho de dois anos vai ficar triste. E Tuva não é pessoa de deixar as crianças tristes, principalmente Linus. Não sabe quantas vezes lhe disse que morreria por ele, mas, na realidade, nem sempre é fácil. Apesar de os deuses saberem que faz sempre o melhor que pode. Que faz sempre tudo e mais alguma coisa.

Tuva despe o avental, abre a porta do armário dos arrumos e atira-o para cima da pilha de roupa suja. Não pode ir-se embora sem vir o substituto, mas onde raios está ele?

Martin, o pai de Linus, encontrava-se fora em trabalho no dia em que o filho nasceu. Tuva nunca o culpou por isso; foi levada de ambulância para

as urgências duas semanas antes da data prevista para o parto. Mas não deixou de achar estranho que Martin não a tivesse ido visitar à maternidade durante os dias em que lá ficara internada. O parto decorrera com algumas complicações e Tuva estivera demasiado combalida para se recordar de tudo, tinha apenas vagas lembranças de médicos que, uma e outra vez, apareciam para lhe fazer análises e ao bebé, mas que a asseguravam de que tudo estava bem. Tal como Martin fizera, nas breves mensagens escritas que lhe enviara durante a estada no hospital. Iria aparecer, escrevera ele, só precisava de tratar de umas coisas primeiro.

Não obstante, se os dias passados na maternidade eram memórias confusas, recordava-se nitidamente do apartamento vazio que acabaria por a acolher, a ela e a Linus, no dia em que tiveram alta do hospital. Enquanto Tuva dera à luz e lutara pelo filho dos dois, Martin retirara todos os seus pertences do apartamento e fora-se embora. Aparentemente, eram essas as coisas de que precisara de «tratar». Tuva nunca mais o vira nem ouvira uma palavra daquela besta covarde desde então. Talvez fosse melhor assim. Se ele voltasse a aparecer na sua vida, é provável que o matasse.

Em vez disso, tinha sido ela e Linus contra o mundo. A não ser quando era o mundo, como acontecia com uma frequência cada vez maior, que se punha de permeio entre os dois. Tal como no momento presente. O seu colega Daniel, que ia fazer o turno da tarde, devia ter chegado há uma hora, mas ainda não tinha aparecido. Tuva teve de lhe telefonar, para o acordar, à uma e meia da tarde. Ela era assim tão irresponsável quando tinha vinte e um anos? Provavelmente. Não era de admirar que as coisas não tivessem funcionado entre eles.

Tuva olha de novo para o relógio de pulso.

Gran... de... mer... da.

Então veste o casaco de penas e o gorro, e depois prepara dois expressos

duplos, o primeiro servido numa chávena de porcelana e o outro num copo descartável.

Provavelmente, foi Matti quem, mais uma vez, teve de ficar no infantário à espera dela. Matti, o educador a quem o seu filho começou a chamar pai. Sempre que esta situação se repete, Matti olha para ela com aquela expressão, a tal que significa que ela devia passar mais tempo com o filho em vez de ficar a trabalhar. *Obrigadinha pelo peso na consciência*, como se não fosse suficiente ter de suportar as lágrimas nos olhos de Linus por não saber quando é que a mamã irá buscá-lo.

O expresso fica pronto precisamente a tempo de Daniel entrar descontraidamente pela porta, com o cabelo espetado no ar. O frio agreste de fevereiro espalha-se pela sala atrás dele e alguns dos clientes não conseguem conter um estremeção. Daniel nem parece reparar. Ou, então, simplesmente não quer saber. Como é possível tê-lo, em tempos, achado atraente?

— Toma — diz-lhe com toda a frieza que consegue impregnar nas quatro letras e estende-lhe a chávena de café. — Deves estar a precisar disto. Eu cá vou-me embora.

Não espera pela resposta dele, pega no seu copo de papel e apressa-se a enfrentar a neve no exterior, que ainda não fez qualquer tentativa de começar a derreter. Vai tão distraída que não evita colidir com um casal idoso de aspeto frágil.

— Peço desculpa, estou muito atrasada, tenho de ir buscar o meu filho ao infantário — diz Tuva entre dentes, à pressa, sem olhar para eles.

— Não faz mal. Mas, sabe, as crianças podem surpreender-nos, conseguem ser excecionalmente criativas quando estão entregues a si mesmas.

O tom de voz é amigável, nada reprovador.

Tuva não responde, mas sente-se aliviada por não se ter gerado uma discussão à conta dos seus modos desajeitados. Por vezes, as pessoas são incrivelmente irascíveis, já em várias ocasiões aconteceu os clientes exigirem-lhe não só o pagamento da limpeza a seco, mas também uma compensação financeira avultada por um pouco de café derramado. Sorri apologeticamente ao casal. O café que tem na mão salpica-a e relembra-lhe que não tem realmente tempo a perder. Depois de pedir desculpa uma última vez, avança a passos largos em direção ao metropolitano, engolindo o café de um trago. O líquido a esquentar queima-lhe primeiro a língua e depois o esófago. Tem um gosto químico, quase como se fosse um medicamento. Ocorre-lhe que tem de fazer uma limpeza a fundo à máquina. Em contraste com o frio que está na rua, a bebida pareceu-lhe ainda mais quente.

Decide que, depois de ir buscar Linus, vai levá-lo de volta para o café. Daniel pode oferecer-lhe os bolos todos que ele quiser. É mais do que justo, e que se lixe o esparguete com almôndegas para o jantar. Ela amanhã irá para fora, mas hoje pode dedicar-se ao filho.

Ao chegar às escadas que levam à estação de metropolitano, as suas pernas, inesperadamente, cedem. Tuva solta um grito e consegue agarrar-se ao corrimão no último segundo, antes de cair no chão. Deve ter tropeçado em algo. Não precisa de ter assim tanta pressa, não vale a pena chegar ao infantário cheia de nódoas negras.

Tenta levantar-se, mas sente-se como se os ossos das pernas tivessem desaparecido, os pés dobram-se sob o seu peso. É tomada por uma tontura, náuseas, quase como se fosse desmaiar. A mesma sensação de quando lhe deram toda aquela medicação no hospital, no trabalho de parto.

Linus. Estou a chegar.

Tenta erguer-se novamente apoiada ao corrimão, mas os braços parecem

ter vários quilômetros de comprimento, o corrimão paira muito acima da sua cabeça e já nem faz ideia de como funciona essa coisa de se agarrar. Manchas escuras dançam-lhe no campo de visão e, de repente, o mundo gira à sua volta e uma vozinha dentro dela diz-lhe que está a rebolar escadas abaixo. Não sente nada.

A primeira coisa em que Tuva repara quando acorda é que lhe doem as articulações. Não está deitada numa posição confortável. Lambe os lábios e pigarreja para limpar a garganta. Tem a boca completamente seca e ainda sente restos de um sabor acre que não reconhece. Demora alguns segundos a recuperar totalmente a consciência e apercebe-se de que nem sequer está deitada. Está de joelhos, ligeiramente inclinada para a frente. Ao mexer-se, sente o corpo pressionado por todos os lados contra uma parede, inclusive em cima, contra o pescoço.

É como se estivesse apertada dentro de uma caixa. As dores são demasiado intensas para se tratar de um sonho, mas também não pode ser real, não pode ser verdade. E, ainda assim... O cheiro a madeira é demasiado autêntico, a luz penetra por pequenas fendas estreitas, formando retângulos luminosos nos seus braços e pernas nuas. Pernas nuas?... Onde está a sua roupa? Não é só o casaco que lhe falta, também a camisola e as calças de ganga. Alguém a despiu. Está de camisola de alças e cuecas. Isto não pode ser real.

Lambe novamente os lábios, o sabor químico ainda perdura. Deve ter sido do café. Alguém lhe colocou algo no café sem ela ter reparado. Estava tão acelerada que nem reparou, bebera tudo de um trago.

Sente um formigueiro espalhar-se-lhe pelo corpo quando a adrenalina começa a fluir-lhe nas veias. Tem de sair dali. Grita e pressiona os lados da caixa com toda a força que consegue. A madeira cede ligeiramente, mas

não o suficiente para que a caixa se abra, nem sequer para rachar um pedaço. Uma vez que está sentada sobre as pernas dobradas, não consegue pontapear, tem de se contentar com bater com as mãos contra as paredes, que estão demasiado próximas para que o consiga fazer com muita força. De repente, surge uma sombra, alguém está do lado de fora da caixa.

— Tirem-me daqui! — grita Tuva. — O que é que pensam que estão a fazer?!

Ninguém responde, mas Tuva sente uma presença, ouve o som da respiração. Volta a gritar, mas o silêncio continua igualmente compacto, igualmente ameaçador. A sensação de formigueiro e de ardor na pele intensifica-se. Bate contra as paredes de madeira com uma energia renovada; porém, é impossível encontrar a força de que precisa naquele espaço exíguo.

— O que é que querem? — grita, piscando os olhos para afastar as lágrimas. — Deixem-me sair daqui, por favor. Vamos falar. Tenho de ir buscar o Linus!

Tuva olha para o pulso; o vidro do relógio está partido e os ponteiros pararam nas três horas exatas. Por esta altura, Matti já lhe deve ter ligado, talvez tenha começado a perguntar-se onde ela estará, talvez já andem à sua procura e irão encontrá-la dentro da caixa a qualquer momento, talvez... talvez ela costume por norma chegar atrasada ao jardim de infância, muito mais atrasada do que já está neste momento.

Ninguém anda à sua procura.

Porque ainda ninguém deu pela sua falta.

Ninguém sabe que foi sequestrada.

Sequestrada. O significado da palavra invade-a e sente dificuldade em respirar. Um som metálico perto da caixa fá-la estremecer.

— Está aí alguém? — chama.

Através de uma das fendas em baixo, do seu lado esquerdo, algo prateado e afiado penetra a caixa, algo parecido com a ponta de uma espada. A lâmina metálica continua a entrar lentamente na caixa. Tuva tenta desviar a coxa, mas está demasiado apertada, não tem espaço para se mover. A ponta da espada toca-lhe na perna e é pressionada fortemente contra a pele. Apesar de não ser tão afiada quanto parecia, não deixa de sentir dor.

— Au! O que é que estás a fazer? — grita. — Pára!

A lâmina da espada continua a pressionar-lhe a coxa até perfurar a pele e fazer aparecer uma gota de sangue. O movimento é um teste, como se quem estivesse do lado de fora se dedicasse a fazer uma experiência. Tuva solta um novo grito, mas mal ouve a sua voz. De seguida, a pressão diminui subitamente e a lâmina recua alguns centímetros.

Ouve o som de um motor ser ligado. A lâmina da espada começa a vibrar antes de se mover novamente em frente e, desta vez, não pára quando lhe atinge a perna. Tuva solta um grito gutural quando o músculo da coxa é penetrado. A espada continua a penetrar os tecidos, enquanto os seus gritos afogam o som do motor. É uma dor lancinante, surgem-lhe explosões de cor à frente dos olhos quando as suas terminações nervosas são rasgadas e parecem irromper em chamas. Tudo o resto desaparece, exceto essa dor horrível. A espada atinge-lhe o fémur e as vibrações da lâmina propagam-se pelo esqueleto, fazendo com que todo o seu corpo vibre. Tuva vomita num ato reflexo, sobre si própria e a espada ensanguentada. A lâmina acaba por trespassar o fémur no interior da sua perna e continua através do músculo, até sair pelo outro lado. A ponta da espada é uma visão quase obscena quando aparece projetada através da pele. O sangue começa imediatamente a jorrar do novo orifício, segue o contorno da perna e acumula-se numa poça por baixo do seu corpo. Mas a espada não pára. Move-se através da sua coxa, na direção da outra perna. Tuva continua sem conseguir mover-se.

— Parem, por favor, parem — implora por entre as lágrimas. — Tenho de ir buscar o Linus, estou atrasada, ele está sozinho.

Quando a espada começa a atravessar-lhe a outra perna, Tuva tenta preparar-se para a dor. Mas é impossível estar preparado, berra violentamente e a única coisa que deseja é perder a consciência, enlouquecer, qualquer coisa para não ter de sentir mais. Passam alguns segundos, uma eternidade. Já não consegue ver. A lâmina acaba por atravessar ambas as pernas e sai por uma fenda do lado oposto da caixa. A espada deixa finalmente de vibrar. Porém, o som do motor continua.

Apercebe-se de algo a picá-la nas costas, por baixo do ombro, e a racionalidade a que ainda se conseguia agarrar extingue-se. Sente-o fisicamente, como se uma parte do seu cérebro entrasse em colapso. É claro que atrás dela também há fendas na madeira. Tenta inclinar-se para a frente, querendo fugir da espada que lhe toca no ombro, mas o movimento faz com que a dor nas coxas seja ainda mais forte. E Tuva já não está ali. Está na maternidade a lutar pelo seu filho, está no café onde teve a sorte de conseguir um emprego, está aos beijos com Daniel, está com Martin e ele diz-lhe que a ama. Ouve o som de cartilagem e tecidos a rasgarem-se nas suas costas e lembra-se de que Linus costuma chamar pai a Matti.

Depois olha para baixo e vê a pele sob a clavícula esticar-se, antes de rebentar, e a espada sair-lhe pela parte da frente do tronco. Como num truque de magia. Ela é a assistente do mágico e, em breve, receberá uma salva de palmas. Já viu isso na televisão. O sangue no peito tingiu-lhe a camisola de alças de vermelho-escuro, enquanto a espada continua em frente, até uma das fendas na parede. O cheiro a ferro é avassalador.

Os olhos azuis de Linus estão diante de si.

Também me vais deixar, mamã?

Um som gorgolejante sai-lhe da garganta quando tenta falar.

— Por favor. Estou atrasada.

Alguma coisa é movida do lado de fora da caixa e uma das fendas à frente do seu rosto fica escura. Uma terceira espada. A distância até à cabeça de Tuva é de apenas alguns centímetros e as duas espadas que já a perfuraram impedem-na de se mexer.

— Não aguento mais — sussurra.

A espada move-se lentamente, mas a distância é demasiado curta. Repara que a ponta da espada é brilhante, até estar demasiado próxima dos seus olhos para que consiga focar-se nela.

Linus, perdoa-me. A mamã ama-te muito.

Estremece quando a ponta lhe toca no canto do olho direito, no pequeno espaço entre o olho e a cana do nariz, antes de continuar a entrar na caixa e a perfurar. Algo húmido escorre pelo seu rosto e Tuva fica cega do lado direito. Mas não sente dor. Pelo menos, já não sente dor.

O que será aquele cheiro a queimado? É o último pensamento de Tuva. Logo a seguir, a espada atravessa-lhe o cérebro.

MARÇO

Vincent bateu com a palma da mão na mesa à sua frente com toda a força e o público na sala do teatro inspirou ruidosamente em uníssono. Vincent franziu a testa, fez uma pausa dramática e, de seguida, encarou o público, levantando ao mesmo tempo a mão da mesa. Por baixo dela, um saco de papel branco amachucado. Risos nervosos espalharam-se pela sala quando ele varreu o papel para o chão.

— Também não estava no saco número cinco — anunciou.

O palco estava praticamente às escuras, à exceção de um holofote solitário, que apontava para ele, para a mesa e para a mulher de pé ao seu lado. A luz nua enfatizava a gravidade da cena final da atuação. O silêncio era total, o último número do espetáculo nem sequer tinha música; tornava-se ainda mais desconfortável assim. O truque começava com cinco sacos de papel numerados e virados ao contrário. Vincent já tinha esmagado dois deles com a mão.

— Faltam *três* — disse, virando-se para a mulher. — Magdalena, não olhes para os *três* sacos, senão eu sigo o movimento dos teus olhos. Mas pensa: debaixo de que saco está aquele prego enorme? Só tu é que sabes onde está, o público não viu onde o escondeste, e eu também não. *Três*. Lembra-te de quão afiado era o prego quando lhe tocaste. Pensa só, não olhes.

A mulher transpirava profusamente. O holofote emitia bastante calor,

mas ela também estava tão nervosa quanto o resto da plateia. Ou mais nervosa, até. Vincent estudou-a cuidadosamente.

— Não reagiste quando eu disse «três», apesar de o ter dito três vezes — acabou por dizer. — Por isso, também não deve estar aqui.

Bateu fortemente com a mão no saco número três, antes de a assistência ter tempo de reagir às palavras. Algumas pessoas na sala gritaram de susto com o barulho repentino.

Só faltavam dois sacos. A probabilidade de se magoar seriamente era de cinquenta por cento. Ele próprio não percebia por que motivo continuava a fazer aquele número; quem o fazia acabava por se ferir, mais cedo ou mais tarde. Era uma inevitabilidade estatística, se o fizesse vezes suficientes. Não obstante, não podia deixar que o público percebesse que estava deveras nervoso. Uma parte importante do truque era fazer transparecer que tinha o controlo da situação, quando isso não era verdade.

— Faltam o saco número dois e o número quatro — disse à mulher. — Visualiza o prego à tua frente, vinte centímetros de metal afiado.

A mulher fechou os olhos e assentiu com a cabeça, com ar infeliz.

— Lembra-te de como ele brilhava quando o colocaste de pé. Por baixo de um destes sacos. Daquele que *não* queremos que eu esmague.

— Mas não tenho a certeza, já não me lembro bem — lamentou-se ela.

Vincent ergueu uma sobancelha. A atmosfera na sala de espetáculos estava tão densa que era quase palpável. Dois sacos. Levantou a mão por cima de um deles. Depois moveu-a para cima do outro. Um dos sacos encerraria a atuação com aplausos de pé. O outro garantia uma parte do corpo perfurada e uma viagem de ambulância para as urgências do hospital.

— Abre os olhos, Magdalena — pediu.

A mulher abriu os olhos relutantemente e virou-os, semicerrados, na direção dos sacos. Vincent olhou para ela, depois ergueu a mão para

esmagar um dos sacos, mas reparou que ela arregalou os olhos em pânico quando a sua mão fazia um movimento descendente. Desviou rapidamente o braço e, em vez disso, acertou violentamente no outro. A mulher soltou um grito quando a mão dele atingiu a mesa, ilesa. Vincent aguardou alguns segundos de cabeça baixa. Depois, triunfante, varreu o saco vazio e amachucado para o chão e levantou aquele que continuava em cima da mesa. O prego no interior do último saco estava apontado para cima como uma lança e brilhava mortalmente sob a luz fria. O público urrou e levantou-se, ao mesmo tempo que a música começava a tocar.

Vincent assinou o prego com um marcador, colocou-o no saco e entregou-o à mulher, antes de ela ser ajudada a descer do palco, visivelmente aliviada. Vincent ficou de pé na ponta do palco e abriu os braços. Não precisava de fingir que também estava aliviado.

Os aplausos foram ensurdecadores, e o espetáculo no teatro de Gävle estava assim terminado. Vincent fez uma vénia dramática e varreu a sala com o olhar. As luzes em movimento durante os aplausos finais encandearam-no de tal maneira que não conseguiu ver o público, mas era como se o visse. O truque consistia em olhar em frente e fingir estabelecer contacto visual com alguém. Riu-se para a escuridão, onde sabia que quatrocentas e quinze pessoas aplaudiam de pé Vincent Walder, o Mestre Mentalista.

— Muito obrigado por terem vindo esta noite — agradeceu à assistência, por entre o furacão de aplausos.

O volume das palmas e dos assobios aumentou. A sala de espetáculos estava esgotada, fora uma boa noite, uma ótima noite, até. Ela não tinha estado lá, aquela que era um motivo de preocupação. As noites em que não aparecia eram um alívio maior do que estava disposto a admitir a si próprio.

Resistiu à tentação de proteger os olhos com a mão para ver a ovação do

público em pé. Tinha trabalhado muito por aquilo, este era o seu momento de reconhecimento. Ao mesmo tempo, a única coisa que ainda o mantinha de pé era a pura adrenalina. Quatrocentos e quinze lugares, quarenta e um mais cinco são quarenta e seis, a sua idade. Pelo menos, durante mais algumas semanas.

Pára com isso.

Hoje fora por um triz, o maldito truque do prego. E era o último número daquele espetáculo de duas horas. O suor escorria-lhe ao longo das costas e o seu cérebro parecia estar a ferver.

Mais uma vez, o segredo não era conseguir prever o comportamento do público ou fazer parecer que conseguia ler-lhe os pensamentos. A ilusão era fazer com que parecesse fácil, enquanto o seu cérebro trabalhava a mil à hora. O cartaz à entrada da sala de espetáculos anunciava-o ostentadamente como «O Grande Mestre Mentalista», mas Vincent desejava não ter concordado com essa proposta de nome. Era demasiado... era pouco sofisticado. Vulgar. Por outro lado, era um bom nome atrás do qual podia esconder-se, dava a sensação de se tratar de uma personagem de ficção, não de alguém que, acima de tudo, queria deitar-se de costas no camarim e apenas respirar durante dez minutos. Agora, tendo o espetáculo chegado ao fim, era importante recuperar o controlo dos seus pensamentos, antes que tivessem rédea solta em todas as direções. Esta noite demorara mais tempo do que o normal.

Controlo. Uma palavra de oito letras. O mesmo número de filas que sabia haver nos segundos balcões.

Pára.

Vincent levantou os olhos na direção do primeiro balcão, onde conseguira fazer quatro pessoas esquecerem-se dos seus nomes, no primeiro

ato. Vinte e três lugares em cada fila dos balcões, cento e oitenta e quatro lugares.

Alguém no balcão assobiou.

Respira fundo, não conclusas o pensamento.

Cento e oitenta e quatro lugares. O dia dezoito do quatro também era a data do último espetáculo da turnê. E vinte e três lugares por fila, oito filas, dois mais três mais oito dava treze, o que correspondia ao número de espetáculos que ainda tinha para fazer até lá.

Párapárapára.

Mordeu a língua com força.

Vincent fez uma última vénia antes de deixar o palco. Parou atrás da cortina de veludo que dava para um espaço lateral e começou a contar em voz baixa para si mesmo.

Um. Se os aplausos ainda continuassem a ouvir-se quando chegasse aos dez, correria para o palco para uma última salva de palmas. Dois. Uma sombra destacou-se da escuridão no espaço lateral, era uma mulher na casa dos trinta anos. Três. Ficou completamente gelado; afinal, ela viera. Quatro. Porém, desta vez não esperara até ao final do espetáculo para correr para o palco. Cinco. Mas como teria conseguido entrar para os bastidores? Ninguém tinha autorização para estar ali enquanto ele estava em cena, a pessoa que a deixara entrar tinha muitas explicações a dar. Pedira explicitamente que ficassem de olho nela, mas para a deterem, não para a ajudarem. Seis. Pelo menos agora iria poder ver o seu aspeto físico. Cabelo escuro apanhado num rabo-de-cavalo, camisola de gola alta. Sete. Olhos que se arregalaram uma fração de milímetro quando tomou fôlego para começar a falar. Vincent não fazia ideia de quão perigosa ela era. Oito. Fez-lhe sinal para que se mantivesse em silêncio e apontou com o polegar para o palco, para que a mulher compreendesse que ainda não tinha terminado.

Talvez houvesse outra forma de sair do palco depois dos aplausos finais. Nove. *Tenta não pensar nela, respira fundo e faz um sorriso.* Dez. Vincent correu novamente para a luz do holofote.

— Obrigado, obrigado, vocês são muito amáveis! — gritou. — Percebo que preferiram ficar aqui dentro, mas, infelizmente, a realidade está à vossa espera. Está na hora de voltarem para ela. E se ficarem com insónias a pensar em alguma das coisas que aconteceram aqui esta noite, lembrem-se: é tudo a brincar.

Fez uma pausa.

— Provavelmente.

Ouviu-se o riso generalizado do público, alto e um pouco nervoso. Vincent não conseguiu evitar um sorriso, aquilo funcionava sempre. Apressou-se a sair do palco, apesar de ser a última coisa que queria fazer naquele momento, antes que o público tivesse tempo de começar a deixar as filas de cadeiras. Nunca dava boa impressão se o artista permanecesse em cena quando o público começava a sair. E se tivessem casacos de inverno para levantar no bengaleiro, como era o caso, começavam sempre a levantar-se mais cedo, numa tentativa ingénua de fugir à fila inevitável. A mulher continuava parada na sala lateral atrás do palco quando ele lá chegou.

— Ela está aqui — disse em voz baixa para o microfone. — A segurança que venha cá. Agora.

Era uma hipótese remota, mas tinha alguma esperança de que os técnicos de som ainda o estivessem a ouvir, apesar de o som do microfone ter baixado. Os fãs que o procuravam eram na sua maioria amáveis, mas Vincent não queria surpresas durante as apresentações. Principalmente vindas de uma mulher que se tornara conhecida deles por se precipitar para

o palco quando os espetáculos terminavam. Não era um comportamento saudável. No entanto, conseguira evitar encontrar-se com ela. Até agora.

Era difícil pensar com clareza. A seguir aos espetáculos, precisava sempre de algum tempo para descontraír, para o cérebro arrefecer. Não conseguia analisar a situação tão bem quanto precisava, mas não tinha outra escolha que não ser simpático enquanto esperava que o segurança aparecesse. Isso e manter uma certa distância.

Apontou para a pequena escada que levava à sala verde, na tentativa de ganhar tempo, e ela avançou à sua frente. Apercebeu-se de que a escada tinha sete degraus. Nada bom. Vincent desceu o último degrau duas vezes, para terminar num número par. A mulher à sua frente não pareceu reparar.

Vincent e a mulher entraram num espaço mobilado como uma sala de estar. Mas porque é que aquele segurança nunca mais aparecia? Havia quatro garrafas de água por abrir em cima da mesa de centro. Vincent despiu o *blazer* e atirou-o sobre um sofá. Ajustou uma das garrafas para que todos os rótulos ficassem virados para a mesma direção. A mulher manteve o casaco vestido, só o desabotoou no pescoço. Vincent limpou o rosto com toalhas para remover a maquilhagem que usara no espetáculo e a mulher torceu o nariz, quase impercetivelmente. Ótimo, qualquer coisa que fizesse com que ela não quisesse continuar ali era uma vantagem para ele. E se cheirasse a suor, tanto melhor.

— Olhe, não quero ser desagradável — começou por dizer —, mas na verdade não é suposto ninguém entrar nesta zona.

Abriu uma garrafa de água e bebeu vários tragos.

— Não pode continuar a fazer isto — acrescentou. — O espaço do palco é considerado *off-limits* para qualquer pessoa que não faça parte da equipa de produção e...

A mulher interrompeu-o, apresentando-se.

— O meu nome é Mina — disse-lhe. — Mina Dabiri. Sou agente da Polícia.

De seguida, Mina corrigiu rapidamente a posição de uma das garrafas por abrir, que se movera quando Vincent pegara na primeira, para que todas as etiquetas ficassem alinhadas, antes de lhe estender a mão. Vincent ficou em silêncio e apertou-lhe a mão. De repente, o Mestre Mentalista não fazia a mínima ideia do que devia dizer.

Mina olhou para o homem sentado à sua frente, do outro lado da pequena mesa de madeira escura. Vincent Walder. Tivera de esperar enquanto ele trocava a roupa que vestira em palco, um elegante mas sóbrio fato azul, com uma camisa preta. Agora estava vestido de forma muito mais informal, com uma *T-shirt* branca e calças de ganga pretas. Apesar de ainda estarem em março e o inverno continuar a fazer-se sentir em Gävle, não vestira um casaco.

Para sua surpresa, Mina achou a aparência física de Vincent bastante atraente, o que era raro acontecer-lhe. E a palavra que deu por si mesma a pensar foi «sofisticado». Vincent tinha um aspeto ligeiramente austero, um pouco antiquado mas elegante, até vestido com uma simples *T-shirt* e calças de ganga. Quando o vira de fato e gravata anteriormente, a sensação fora ainda mais acentuada.

Mina teria preferido falar com ele num local onde pudessem usufruir de maior privacidade, mas Vincent insistira que precisava de comer. Preferia não se ter desviado dos seus planos, mas tivera de o deixar decidir; afinal de contas, ela é que o procurara. Portanto, agora via-se obrigada a discutir um assunto policial delicado no restaurante Harrys, um dos poucos em Gävle onde a cozinha ainda estava aberta depois das dez da noite.

Vincent parecia mais exausto depois do seu espetáculo do que ela esperara, mas tinha esperança de que a comida o ajudasse a arrebatar. Precisava que ele estivesse concentrado, no máximo da sua perspicácia. Ela

própria se deixara distrair pelos sons dos clientes ao balcão do bar, a alguma distância, que falavam alto com sotaque do Sul, exibindo cartões de identificação brancos pendurados numa fita à volta do pescoço. Vinham provavelmente de alguma conferência num hotel nas proximidades. Mina pensou que pareciam versões adultas de crianças da escola, com correntes porta-chaves a balançar à frente do peito.

O cheiro a cerveja e feromonas esperançosas pairava no ar e Mina sentiu o impulso de colocar uma máscara cirúrgica sobre a boca e o nariz, mas tentou reprimir esses pensamentos e voltou a concentrar-se em Vincent. Não encontrara nenhuma informação sobre ele nos registos da Polícia; portanto, tivera de recorrer a outros meios. Através da Wikipédia e após algumas pesquisas superficiais no Google ficara a saber que o homem à sua frente faria quarenta e sete anos dali a um mês, que «Walder» era um nome adotado e que a sua profissão era «mentalista».

De acordo com um *website*, um mentalista era alguém que usava psicologia, o poder da influência e truques secretos para criar a ilusão de, por exemplo, ter poderes paranormais ou ser capaz de ler os pensamentos. Também parecia ter muita experiência em ilusionismo, de acordo com as entrevistas que encontrara na internet. Embora estivesse ali principalmente pelos seus conhecimentos sobre como as pessoas funcionavam, um olhar experiente sobre truques de ilusionismo também vinha a calhar, dadas as fotografias que trazia consigo numa pasta. Não encontrara nenhuma informação sobre a sua vida passada ou onde nascera. De acordo com a Wikipédia, Vincent já era um profissional daquela área há quinze anos, mas apenas recentemente chamara a atenção de um público mais alargado, graças à sua participação numa série do canal TV4.

Num dos episódios, Vincent fizera uma experiência psicológica recorrendo a câmaras ocultas. Escolhera um homem aleatoriamente, cuja

vida quotidiana começara a desvendar a partir de sugestões impercetíveis e instruções hipnóticas, sem que o pobre participante percebesse o que estava a acontecer. Finalmente, o homem levantara-se uma noite e escrevera «VINCENT WALDER» com *spray*, em letras maiúsculas, numa parede de uma zona industrial. Cem vezes. Tinha demorado várias horas.

Os seguranças do local não tinham sido avisados e, quando prenderam o homem e lhe perguntaram o que estava a fazer, ele respondera que não fazia ideia do que eles estavam a falar. Não fazia ideia do que tinha feito durante as horas anteriores e mostrara-se verdadeiramente surpreendido quando vira as manchas de tinta nas suas mãos e roupa.

Mina não assistira ao programa, mas recordava-se de que toda a gente falara dele. Gerara-se um verdadeiro alvoroço à volta do assunto, muitos questionaram os aspetos éticos da situação, e o próprio Vincent dissera que se tratava de uma experiência de fanatismo, que quisera evidenciar como até as ideias mais absurdas podem apoderar-se do nosso subconsciente e controlar o nosso comportamento, sem que nos apercebamos disso. A ideia de pintar a parede fora, aparentemente, uma homenagem a algum filme dos Monty Python, e, quando lhe perguntaram sobre a mensagem pintada com *spray*, Vincent dissera que era a coisa menos ofensiva de que se lembrara. Além disso, afirmara ele, um artista assina sempre as suas obras. Essa citação transformara-se num *meme*, posto a circular no Instagram durante vários meses, antes de o assunto cair no esquecimento.

Um cheiro a óleo de fritar e carne grelhada atingiu as narinas de Mina um segundo antes de um empregado colocar um hambúrguer e pequenas tigelas destapadas com *ketchup* e maionese à frente de Vincent. Mina sobressaltou-se; qualquer pessoa podia ter feito algo com aquelas tigelas no caminho desde a cozinha. Incrivelmente anti-higiénico. Instintivamente, retirou o

frasco de álcool-gel recém-comprado do bolso do casaco, borrifou uma pequena quantidade na palma da mão e esfregou as mãos uma na outra.

— Preciso de muitos hidratos de carbono depois dos meus espetáculos — disse o mentalista, em tom de desculpa. — Caso contrário, não consigo pensar com clareza.

Tirou uma batata frita do prato, molhou-a na maionese e enfiou-a na boca. Mina observou-o atentamente. Se ele voltasse a mergulhar a batata na tigela depois de a ter levado à boca, provavelmente teria de o excluir da parte da humanidade com quem se queria associar. Felizmente, Vincent só mergulhou a batata uma vez; ainda havia esperança.

— E tenho realmente de pedir desculpa pelo meu comportamento de há bocado — esclareceu Vincent. — Pensei que era outra pessoa. Temos tido alguns problemas com uma admiradora um pouco... enfim, um tanto efusiva. Pensei que fosse ela. Não era minha intenção ser desagradável.

Mina fez um gesto com a mão a descartar aquele assunto. O empregado pousou uma cerveja à frente de Vincent e uma *Coca-Cola Zero* à frente dela. Mina retirou uma palhinha descartável do bolso, rasgou o papel protetor e colocou a palhinha no copo. Vincent ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada. Mina esperou que o empregado se afastasse e só então voltou a falar.

— Fui aconselhada a falar consigo — disse-lhe, em voz baixa. — Pelo que percebi, é um grande conhecedor da psique humana, mas também sabe algumas coisas sobre ilusionismo. E precisamos de alguém versado nas duas coisas.

Vincent assentiu com a cabeça e bebeu um pouco da sua cerveja.

— Fazia muitos truques quando era mais novo — respondeu. — Mas, quando tinha vinte anos, percebi que os truques com cartas talvez não fossem a melhor estratégia de engate do mundo, então parei.

— E ajudou? Parar? — perguntou Mina.

— Isso deixo ao seu critério, mas conheci a minha primeira mulher um mês mais tarde. O meu interesse pelo ilusionismo passou a restringir-se aos tempos livres desde então. Mas a que propósito é que a Polícia quer saber sobre isso?

Antes de Mina ter tempo de responder, Vincent olhou para o relógio.

— Oh, peço desculpa — disse. — Mas, por falar em mulher, tenho de telefonar para casa, falamos sempre a esta hora, só demoro uns minutos.

Mina começou a sentir-se impaciente, queria ir direta ao assunto e já tinha sido obrigada a esperar por ele. Os seus colegas costumavam dizer-lhe que era demasiado agressiva, que tinha de aprender a ser mais sociável, se quisesse que as pessoas a encarassem de forma positiva. Ela própria duvidava seriamente da validade desses argumentos, era agente da Polícia há quase dez anos e não sabia de nenhuma investigação cuja solução tivesse dependido do seu grau de simpatia. Mas, pronto, tudo bem.

— Não há problema — respondeu e mudou discretamente de posição na cadeira dura.

Olhou para a sua *Coca-Cola* e abstraiu-se da voz de Vincent enquanto ele falava com a mulher. Visualizou a caixa que tinham encontrado há menos de uma semana. A caixa que parecia destinada a ser adornada com símbolos cintilantes e fazer parte de um espetáculo de magia em Las Vegas. Visualizou uma assistente, vestida com lantejoulas — uma mulher, claro, eram sempre mulheres a ser postas à prova em números de ilusionismo — a enfiar-se dentro da caixa de um mágico — homem, claro —, enquanto este enfiava espadas compridas pelas aberturas na madeira, e o público acabava sempre por soltar uns «aaaaah» e uns «ooooh». Mina pesquisara aquilo no Google, o truque ilusionista misógino chamava-se «*The Sword Box*», ou «*Sword Cabinet*», «*Sword Casket*» ou «*Sword Basket*». Muitos nomes para

a mesma coisa. Na versão original, nem sequer havia uma caixa, era apenas um pequeno cesto. Com uma criança lá dentro. Repugnante. Aparentemente, a ilusão ainda era considerada um clássico. Crianças e mulheres, constantemente as vítimas.

Porém, não estava sentada no Harrys em Gävle, numa noite gelada, à espera de que Vincent Walder terminasse uma chamada telefónica, porque os seus colegas tinham encontrado adereços mágicos construídos por um amador. Estava ali por causa do corpo que tinham encontrado *dentro* da dita caixa. Um corpo que ainda não haviam conseguido identificar. E estava ali porque tinham chegado a um beco sem saída. Seguiram todas as pistas segundo os métodos habituais, mas não obtivera qualquer resultado. Por fim, Mina e a sua chefe, Julia, chegaram à conclusão de que a única coisa que lhes restava para se aproximarem de uma solução seriam os métodos incomuns.

Mina bebeu um grande trago do refrigerante e fixou o olhar nos participantes da conferência em festa junto ao bar; qualquer coisa servia para impedir que aquelas imagens voltassem a aparecer-lhe na mente. Não queria de todo recordar-se delas outra vez. Porém, estavam ali, tão claras e nítidas como da primeira vez. Raramente se sentia muito afetada pelas coisas que tinha de ver no trabalho, mas aquilo fora algo muito especial. Em dois lados da caixa, só se viam os cabos de várias espadas; nos lados opostos, as suas pontas. No meio, dentro da caixa e pendurada pelas espadas de uma forma que a fazia parecer uma marioneta perversa, uma jovem mulher. Mina fechou os olhos com força, mas era demasiado tarde, era sempre demasiado tarde.

A investigação não conseguira chegar à identidade da mulher e não tinham nenhum suspeito. A caixa com o corpo fora enviada para a médica-legista Milda Hjort, da Agência Nacional de Medicina Legal, mas Mina não

acreditava que fossem conseguir encontrar algo, pelo menos nada de muito relevante. A chave do crime estava na forma e no procedimento, tinha quase a certeza disso.

De repente, Mina apercebeu-se de que Vincent estava a olhar para ela. Aparentemente, terminara a conversa com a mulher. Mina aclarou a garganta e forçou-se a afastar as violentas imagens da cabeça.

— Peço desculpa pela chamada — disse Vincent. — Mas agora sou todo seu. Ouço no seu sotaque que não é daqui, presumo que trabalha em Estocolmo. Ainda assim, aqui está, em Gävle, numa quinta-feira à noite. E quer falar sobre ilusionismo e a psique humana com um mentalista. Disse que alguém lhe recomendou que falasse comigo? Fico muito curioso por saber o que isso quer dizer.

Vincent inclinou-se para a frente, como se quisesse enfatizar o seu interesse. Mina decidiu deixá-lo na expectativa; precisava que ele estivesse realmente empenhado.

— Vi-o fazer uma assinatura no final do espetáculo — comentou e sorriu o mais amistosamente que conseguia. — Parece que um artista acaba sempre por assinar as suas obras.

Vincent mostrou-se ligeiramente confuso, mas acabou por soltar uma gargalhada.

— Está a referir-se ao prego? Eu sei, é realmente um cliché. Mas o que é que posso dizer?... O público está à espera de que eu o assine desde aquele programa de televisão. E não quero desiludi-los. Afinal, são eles que pagam o espetáculo, investem tempo e dinheiro para que este seja possível.

Os ombros de Vincent descaíram quando ele relaxou. Se tinha estado tenso até ao momento, agora ficara visivelmente mais descontraído. Por enquanto.

— Tinha razão, há bocado — disse Mina. — Não teria vindo aqui se não

fosse realmente importante. Acontece que estamos a investigar um caso que não compreendemos. Temos conseguido mantê-lo afastado da imprensa, mas provavelmente será apenas uma questão de tempo até poder ler sobre ele nos jornais.

Vincent cortou um pedaço do hambúrguer e Mina sentiu-se indescritivelmente feliz por ele estar a comer de faca e garfo. Se tivesse agarrado naquele hambúrguer gorduroso com as mãos, não tinha a certeza se teria conseguido continuar ali sentada.

— Desculpe — disse Vincent e acenou com o garfo espetado no pedaço de hambúrguer —, mas... o que é que isso tem que ver comigo?

Em vez de responder, Mina sacou um envelope branco da sua pasta de documentos e tirou as fotografias do interior. Folheou-as até encontrar uma que não mostrasse o corpo mutilado, apenas a caixa onde fora encontrado, juntamente com as espadas. Colocou a fotografia no topo da pilha e prendeu-as com um clipe. Não iria sujeitar Vincent a olhar para as outras.

— Sabe o que isto é? — perguntou-lhe ao apontar para a imagem. Vincent parou com o garfo a alguns centímetros da boca aberta.

— Sim, um *sword casket* — respondeu. — Por vezes também lhe chamam *sword box*. Mas o que... como é que... não compreendo.

Colocou o pedaço de hambúrguer na boca.

— Eu também não — comentou Mina. — Ou melhor, temos um perpetrador que não compreendo. Mas pensei que o Vincent talvez o compreendesse, tendo em consideração aquilo que... bem, aquilo que sabe. Então, queria pedir-lhe ajuda. Deixe-me pôr as coisas nestes termos: quando a encontrámos, a caixa não estava vazia. E demorámos algum tempo até conseguir tirar as espadas do corpo da mulher.

Vincent parou de mastigar e ficou visivelmente pálido.

— Não tivemos sucesso no que toca à identificação da vítima —

continuou Mina. — Acho que a única maneira de encontrar a pessoa que fez isto é saber como ele, ou ela, funciona mentalmente. Gostaria de poder dizer que corpos mutilados são algo com que raramente nos deparamos, mas, infelizmente, não é esse o caso. Pelo menos, não tão raramente como seria desejável. Mas dentro de uma caixa de ilusionismo? Isso é novo. Quem é que iria sequer pensar numa coisa dessas? E porquê? É aí que o Vincent entra, eu vi o seu espetáculo, vi que sabe como é que as pessoas pensam. E sabe-o melhor do que a maioria de nós. Então ajude-me a perceber com quem estamos a lidar.

Vincent recostou-se no assento e franziu as sobrancelhas.

— Mas vocês não trabalham com psicólogos criminais nestas coisas? — perguntou. — O que é que acha que eu poderia acrescentar que eles não saibam? Traçar perfis de criminosos não faz propriamente parte da minha rotina diária.

Mergulhou algumas batatas fritas na maionese antes de as comer.

— Como disse, você sabe tanto da psique humana como de ilusionismo. O nosso psicólogo criminal não. E além disso... — Mina olhou à sua volta antes de baixar a voz e continuar. — Além disso, o último perfil que o nosso psicólogo criminal elaborou para uma investigação descrevia um «homem grego, de meia-idade, da alta sociedade». E depois mostrou-se que o autor do crime em questão era uma jovem mulher sueca, que trabalhava num armazém.

Vincent teve tempo de colocar um guardanapo à frente da boca, de forma a não expelir as batatas fritas, antes de soltar uma gargalhada.

— Ainda assim, parece-me uma abordagem estranha — respondeu. — Daquilo que sei, a Polícia não costuma olhar com bons olhos para a participação de civis em investigações. E eu não tenho qualquer formação como *profiler*. É verdade que aprendi muito sobre como as pessoas

funcionam, mas baseio as minhas conclusões em princípios básicos de psicologia, nas minhas próprias observações e em probabilidades estatísticas genéricas.

— E o que é que acha que os psicólogos criminais fazem?

— Mas eu sou um *entertainer*, um artista. Ninguém corre perigo se eu cometer um erro durante um espetáculo.

— Exceto você — disse Mina. — Confia o suficiente na sua capacidade de ler os outros para arriscar ficar com um prego enorme atravessado na palma da mão.

Vincent esboçou um sorriso.

— O que não deveria realmente fazer — respondeu. — Mas tudo bem. Só que ainda não percebi bem o meu papel nisto tudo e o motivo de me terem procurado.

— Nós... — Mina hesitou. — O nosso grupo tem uma posição um tanto incomum dentro da Polícia. Estamos como que à parte da organização regular dos departamentos.

— Porquê?

— Bem, a nossa chefe, a Julia, é filha do comandante e...

— Nepotismo? — perguntou Vincent e ergueu uma sobrancelha, divertido.

Mina ficou irritada e reparou que ele se apercebeu disso.

— De todo! A Julia é extremamente competente, uma líder nata e não me admirava nada se ela também acabasse no posto de chefe da Polícia. Mas está tão frustrada como todos nós com o facto de a organização ser tão rígida e pesada. E até diria que foi uma grande desvantagem para ela ser filha do chefe, mas conseguiu persuadir a administração a criar um grupo mais... mais independente, que ela lidera e no qual também é operacional.

— Com os melhores dos melhores?

— Bem — respondeu Mina secamente —, não iria tão longe. A cavalo dado não se olha o dente...

— Então é um grupo especial, mas sem competências especializadas? — perguntou Vincent.

Mina percebeu o que ele queria dizer, mas não sabia muito bem como havia de se explicar. Fez uma tentativa.

— Todos os membros têm o seu próprio talento. Mas as pessoas não deixam de ser quem são e há mil e um motivos pelos quais uma unidade policial pode ceder alguém do seu quadro voluntariamente.

— E a Mina foi cedida porquê? — quis Vincent saber, com um breve sorriso nos lábios.

— Para dizer a verdade, não sei responder. Sei quais são as minhas qualidades enquanto agente da Polícia: sou teimosa, empenhada e não tenho problemas em pensar em novas direções.

— Mas...? — insistiu Vincent, pegando noutra batata frita.

— Mas o grupo com que trabalhava antes parecia ter algumas dificuldades em lidar comigo. E não faço a mínima ideia porquê. Eu não tinha problemas nenhuns com eles. Não tenho problemas com grupos no geral, são os grupos que têm problemas comigo.

Mina aclarou a garganta antes de continuar.

— De qualquer forma, a minha chefe aprovou trabalharmos com um consultor externo nesta investigação. Oferecemos uma remuneração modesta, é um facto, mas terá oportunidade de participar em algo que pode fazer a diferença.

— Ao contrário de estar em cima de um palco, é o que está a querer dizer? — perguntou Vincent e empurrou as fotografias de volta para ela. — Acho que estão a confundir o « Grande Mestre Mentalista » com a realidade. Lamento que tenha vindo até aqui desnecessariamente, mas tem

de compreender uma coisa: como já lhe disse, sou um artista, entretenho as pessoas. O «Grande Mestre Mentalista» é uma personagem, nada mais. Aquilo que faço em palco... fica no palco, não é real. Pode parecer que tenho habilidades únicas ou especiais, mas a verdade é que qualquer pessoa pode aprender a fazer o que eu faço. Você está a falar-me de traçar perfis psicológicos. De assassinos, ainda por cima. Não sei nada sobre assassinos e, mais uma vez, há pessoas que fazem disso profissão, pessoas que... O que foi que disse? Que podem «fazer a diferença».

Vincent não enfrentou o olhar de Mina e aquilo não fora nada do que ela estivera à espera. Pensara que ele iria dizer-lhe que não tinha tempo ou que havia coisas mais importantes para fazer. Preparara-se para ter de lhe afagar o ego, mas não estava à espera de que ele lhe mentisse.

— Compreendo — respondeu e levantou-se, estava na hora de recorrer a outra estratégia. — Pelos vistos, enganei-me. É que foi mesmo muito convincente em palco. As minhas desculpas. De qualquer forma, foi um palpite. Vou só ali pagar a conta e não falamos mais sobre o assunto. Acho que deixei o talão no balcão do bar, mais ao menos onde está aquele grupo do Sul.

— Helsingborg — respondeu Vincent, evidenciando algum cansaço, e começou novamente a picar com o garfo no hambúrguer. — São de Helsingborg, estão aqui numa conferência sobre segurança elétrica, pode vê-lo pelo logotipo nos cartões de identificação. E, se fosse a si, não os incomodaria. Aquela mulher alta, de costas para nós, começou mesmo agora a falar com um homem, a primeira conversa desta noite em que não tem de se encolher ou de se fingir mais pequena para que ele se atreva a falar com ela. Só é pena que ele seja casado. Não percebo como é que os homens acreditam que se fazem passar por solteiros só por tirarem uma aliança, como se não se topasse a quilómetros de distância que são casados.

Seja como for, aqueles dois não parecem querer ser apanhados, e ela parece estar a precisar do convívio.

Mina fez um esforço para não sorrir. Vincent parecia nem se ter apercebido do que acabara de fazer.

— E não precisa de pagar a conta — concluiu. — Eu já paguei.

— Quantos degraus é que havia entre o palco e a entrada para o *green room*, no teatro de Gävle? — perguntou Mina rapidamente.

Vincent levantou os olhos para ela com ar confuso.

— Oito — respondeu. — Mas a que propósito pergunta isso?

— São sete degraus. A não ser que se dê um passo extra para acabar num número par.

Vincent arregalou os olhos. Mina conseguira captar a sua atenção. Provavelmente, não estava habituado a que outras pessoas reparassem nas suas peculiaridades. Mina sentou-se novamente e, desta vez, exibiu um grande sorriso.

— Então — voltou à carga, empurrando as fotografias de volta para ele —, alguma ideia?

— Pronto, está bem — aceitou Vincent. — Ganhou. Até ver.

A fotografia de cima deslizara um pouco para o lado e revelava agora uma parte da imagem que estava por baixo. Mina não foi rápida o suficiente para impedir Vincent de pegar nela.

— Que horror! — exclamou ele, com ar chocado.

— Pois, essa é mesmo a reação apropriada.

Vincent semicerrou os olhos para a fotografia, como se precisasse de acostumar-se lentamente à imagem hedionda.

— O que é aquilo? — perguntou, apontando para um objeto dentro de um saco de plástico, colocado ao lado do corpo.

— O relógio da vítima. O mostrador foi esmagado com os ponteiros

parados nas três horas, o que parece coincidir com o momento da morte. Três da tarde.

— Não, não estou a falar do relógio. Aquilo *ali*.

Vincent apontou para as linhas trinchadas numa das coxas da mulher, imediatamente por baixo do buraco onde a espada a penetrara. Duas linhas verticais paralelas, ligadas por três linhas horizontais mais curtas, com espaçamento uniforme entre si. Ocorrera a Mina que pudesse ser um escadote.

— São marcas de cortes — respondeu. — Feitos com uma faca ou algo parecido. Provavelmente para aterrorizar a vítima, uma amostra do que estava para vir, talvez.

— Mas foram feitas com muito cuidado — comentou Vincent. — E de forma muito diferente da violência com que o resto do corpo foi perfurado. Não me parece que tenha sido tortura, acho que esta «escada» é um símbolo.

— Símbolo de quê?

— Bem, muitas religiões têm escadas simbólicas; na Bíblia há a «Escada de Jacob», que sobe para o paraíso. Freud dizia que as escadas tinham que ver com o próprio ato sexual, não me pergunte porquê. Mas parece-me que isto é algo mais simples.

Vincent girou a fotografia noventa graus e apontou para as marcas em forma de escada novamente, que agora estavam na horizontal.

Mina compreendeu que já não estava a olhar para uma escada, estava a olhar para o número três, em numeração romana.

Ficaram os dois em silêncio durante bastante tempo. O barulho de fundo vindo do bar sobrepôs-se aos pensamentos de Mina.

— Não queria realmente perguntar, mas... — disse Vincent, ao fim de algum tempo.

Mina assentiu com a cabeça.

— Sei o que está a pensar — respondeu. — Se isto é um três, onde estão o um e o dois?

Vincent sentia sempre alguma dificuldade em orientar-se de manhã. Aqueles segundos entre o sono e a vigília, quando a única coisa que a sua consciência apreendia era a sensação dos lençóis na pele, um raio de sol ofuscante, o leve gosto residual do comprimido para dormir. Nenhum quarto, nenhum lugar, nenhuma concepção de tempo ou de onde no universo se encontrava. Alguns segundos de abençoado vácuo, onde podia apenas existir.

De seguida, a realidade começava lentamente a entranhar-se. O som de louça a tilintar, um pássaro que desafiava o inverno e chilreava junto ao bebedouro que Maria construía. A voz do filho Aston, que aumentava e diminuía, que alternava entre a felicidade e a fúria em intervalos de apenas alguns segundos.

Vincent sentou-se na cama e afastou o edredão. Pousou os pés no chão, o pé esquerdo primeiro, sempre. Vestiu um par de calças e a camisa do dia anterior; só a tinha usado à noite e, de qualquer forma, iria pô-la para lavar a seguir. Ignorou o botão de cima, como se ele não existisse de todo, e abotoou os outros seis. Como devia ser. Não conseguia compreender o motivo pelo qual todas as camisas eram feitas com sete botões, só podiam ser desenhadas por psicopatas.

Quando chegou à cozinha, estavam todos à mesa. Todos exceto Rebecka.

— Vai dizer à tua filha adolescente que está na hora do pequeno-almoço — disse Maria, sem olhar para ele.

Vincent tentou recordar-se de uma altura em que as palavras que trocavam não vinham repletas de coisas não ditas e significados ocultos, mas não conseguiu. A vida, o dia a dia, as discussões e a desconfiança tinham corroído, lenta e discretamente, o que em tempos existira entre eles. Era impossível apontar a altura exata em que isso acontecera.

Maria cortou uma maçã em pedaços para Aston, que estava sentado a mexer freneticamente o iogurte com a colher. O chá verde na caneca ao lado dela provavelmente arrefecera há muito. Benjamin descascava lenta e cuidadosamente os seus dois ovos cozidos, enquanto fazia o seu melhor para parecer que continuava a dormir. Um prato para as cascas e outro para os ovos. Vincent foi bater à porta do quarto de Rebecka.

— Rebecka? Vem tomar o pequeno-almoço — gritou ele, à porta.

Já sabia qual iria ser a resposta.

— Não tenho fome — ouviu a voz de Rebecka responder do outro lado.

— Mas tens de comer... Sai lá do quarto.

Voltou para a cozinha sem esperar pela resposta e, quando se sentou à mesa, ouviu a porta abrir-se atrás dele. E depois fechar-se com estrondo. Benjamin olhou na direção de Rebecka com ar irritado, mas não disse nada à irmã.

— Mamãããã! — gritou Aston repentinamente. — Esses bocados são muito grandes! Cortaste bocados muito grandes!

Aston empurrou a taça na direção de Maria com tanta força que entornou um pouco de iogurte na mesa.

— Não cortei nada, meu amor, estão do tamanho que costumam ter. Vê lá bem.

Maria pegou num dos pedaços com a ponta dos dedos, que ficaram sujos com iogurte.

Fez um ar irritado, mas Aston começou a rir-se.

— Mamã, não se pode comer iogurte com os dedos! — disse. — Assim vais demorar cem anos a acabar!

— Realmente, os pedaços ficaram um bocado grandes — disse Vincent e esticou o braço para a tigela.

Pegou numa faca e começou a dividir os pedaços de maçã cobertos de iogurte em bocados mais pequenos. Olhou discretamente para a mulher, que lambia os dedos ainda com ar irritado. Ponderou as vantagens e desvantagens de dizer alguma coisa; com Maria, tudo dependia de ela estar recetiva às coisas no momento exato, se o que tinha ligado era o transmissor ou o recetor. Às vezes, Vincent interpretava corretamente, outras, não.

— Tens de escolher as tuas batalhas — acabou por lhe dizer. — O teu chá está a ficar frio.

Recebeu um olhar fulminante como resposta. Aparentemente, não tinha acertado.

— Quero que seja a mamã a cortar — disse Aston e bateu com a mão na mesa. — Fica mais bonito quando é ela que corta.

— Já tens idade para cortar tu próprio a maçã — disse Vincent a Aston. — E assim ela fica exatamente como tu queres. Se formos nós a cortar, fica como nós queremos.

— Mas são vocês que tratam do pequeno-almoço — respondeu Aston.

— Que criança mais mimada tu és — bufou Rebecka ao irmão mais novo e sentou-se à mesa cruzando ostensivamente os braços.

— Tu é que és! — gritou Aston, o rosto vermelho de raiva. — Tu é que és uma criança!

— Eu tenho quinze anos, tu tens oito, tenho quase o dobro da tua idade. Portanto, a criança aqui és tu.

— Não, não!

Aston preparou-se para se levantar da cadeira, mas Maria pôs-lhe a mão

no ombro.

— A Rebecka é realmente mais velha do que tu — disse-lhe calmamente.
— Mas isso só quer dizer que tem de cortar as maçãs dela sozinha. Na verdade, tem de fazer tudo sozinha, e tu não precisas.

Aston esboçou um enorme sorriso quando Maria lhe piscou o olho. Vincent sabia que o filho idolatrava a mãe, e nada deixava a criança mais contente do que a sensação de que era ele e Maria contra os irmãos mais velhos.

— Mas quem é que come maçã ao pequeno-almoço? — resmungou Rebecka. — É simplesmente doentio.

Vincent concentrou-se na maçã, dezanove pedaços, ficariam trinta e oito se cortasse cada pedaço ao meio. O ímpar tornar-se-ia par. Foi preenchido por uma sensação de calma, apreciava o simbolismo daquilo, o facto de que algo irregular podia realmente tornar-se uniforme. Havia esperança. Vincent amava a família, mas tinha dificuldades em lidar com o caos que criavam. Era uma pessoa que apreciava a ordem, a estrutura, os números pares.

— Toma lá, seu terrorista.

Empurrou a tigela na direção de Aston, que, por momentos, pareceu ponderar se teria algo mais a dizer sobre os pedaços de maçã. Todavia, como não pareceu muito seguro do significado de «terrorista», começou a comer com um olhar desafiador para o pai.

— Come uma fatia de pão — implorou Maria a Rebecka. — Ou iogurte. Seja o que for, mas come alguma coisa.

— Em casa da minha mãe não sou obrigada a tomar o pequeno-almoço — respondeu Rebecka, ainda com os braços cruzados. — Nem ela come nada antes do meio-dia. Jejum intermitente, só faz bem ao corpo poder descansar da digestão, os nossos corpos não são feitos para receber comida

constantemente, comemos demasiado. Na idade da pedra só se comia esporadicamente, podiam passar dias sem comer.

— Isso é conversa da tua mãe. Estás só a repetir. Além disso, já não vivemos na idade da pedra, ou vivemos? Vincent, diz lá à tua filha.

— Ela não deixa de ter razão — respondeu Vincent e serviu-se de café.
— Os nossos corpos não estão adaptados à alimentação moderna e há novos estudos que provam...

Maria ergueu-se bruscamente e levantou o seu prato com metade de uma fatia de pão de centeio com abacate. Como sempre, polvilhado com raspas de coco biológico, que comprava ao quilo a preço de ouro, mas tinha propriedades anti-inflamatórias, o que Maria considerava uma espécie de elixir da vida eterna.

— Meu deus, e se me ajudasses um bocado de vez em quando?! — disse Maria. — A Rebecka tem de comer, e ponto final! É uma adolescente em fase crescimento, há muitas coisas que precisam de se desenvolver no corpo dela, as raparigas podem perder a menstruação se não comerem...

— Que nojo! — interrompeu Benjamin. — Têm mesmo de falar sobre menstruação? Eu ainda estou a comer!

— Tu tens dezanove anos, Benjamin — respondeu Vincent. — Já não tens idade para sensibilidades infantis em relação a fluidos corporais.

Benjamin olhou fixamente para o pai. Depois, levantou-se com o último ovo na mão e foi para o quarto, enquanto abanava a cabeça, em silêncio.

— Pai, tu és tão autista — constatou Rebecka secamente.

— Isso não se diz, Rebecka — respondeu Vincent, em tom de advertência. — Hoje em dia, usa-se o termo «síndrome de Asperger».

Maria ignorou o diálogo que se estabelecera entre os dois e continuou no mesmo registo.

— E estar sempre a ouvir o que a tua mãe faz ou deixa de fazer — disse.

— Rebecka, tens de perceber que, nesta casa e nesta família, temos as nossas próprias regras e rotinas. A maneira como vocês fazem as coisas em casa da Ulrika não tem a mínima relevância para a nossa família.

— Está bem, tia Maria.

Rebecka levantou-se e retirou uma fatia de pão do cesto. Mostrou-a ostensivamente a Maria antes de voltar para o quarto e bater com a porta.

— Acabei! Obrigado, mãe.

Aston empurrou rapidamente a cadeira para trás, pegou no seu *iPad*, que estava em cima do balcão da cozinha, e correu para o quarto.

— Cinco minutos, Aston! — alertou Vincent atrás dele. — Depois, temos de nos vestir e ir para a escola. Cinco minutos!

Maria encostou-se ao lava-louça e cruzou os braços, imitando inconscientemente Rebecka.

— Ela só diz aquilo da «tia Maria» para me irritar.

Vincent olhou confuso para a mulher.

— Mas tu és tia dela — respondeu. — Vocês são irmãs, tu e a mãe dela. Como é que podes ficar chateada por a Rebecka referir isso? É verdade!

Vincent não conseguia compreender por que motivo Maria desperdiçava a sua energia a questionar factos objetivos. Pegou numa fatia de pão de centeio e começou a barrar uniformemente a manteiga de um dos lados. Sem um único grumo, até às bordas.

— Claro que não se trata disso — continuou Maria. — Estás sinceramente a dizer que não percebes qual é o mal? Por favor, mas com que robô é que eu me casei? Ela só diz aquilo para me provocar.

Vincent franziu a testa. Queria realmente compreender, mas a lógica da reação de Maria era incompreensível. Factos eram factos. O que se pensava emocionalmente sobre esses factos era outro assunto, mas o facto em si não podia ser ignorado.

— E, já agora, com quem foste jantar anteontem? — perguntou-lhe num tom de voz completamente diferente. — Foi com a Ulrika?

Vincent olhou para ela, surpreendido. Acabara de dar uma dentada no pão e tinha de mastigar antes de poder responder. Dez vezes. Foram quase onze, mas conseguiu deter-se no último segundo.

— Porque é que haveria de ir jantar com a minha ex-mulher? — perguntou.

— Vi o débito do restaurante na aplicação do banco. E depois fui procurar um recibo, e encontrei-o na tua carteira. Pagaste o jantar a alguém, em Gävle. Ela ficou a dormir no hotel, a seguir? Foram para a cama?

O tom de voz de Maria subira até ao falsete e Vincent praguejou mentalmente. Devia ter percebido que aquilo iria acontecer. Era uma dança que já tinham dançado muitas vezes. Os ciúmes infundados de Maria podiam atacar a qualquer momento, e era precisamente isso que acontecia com cada vez mais frequência. Era uma das muitas coisas que estavam a corroer lentamente o que agora era o seu casamento.

— Foi uma agente da Polícia que me procurou — respondeu-lhe. — Queria discutir um caso de homicídio em que está a trabalhar.

— Ah! Ah! — Maria soltou uma gargalhada alta e forçada. — Uma pessoa da Polícia? E logo uma mulher. Que conveniente... Por favor, Vincent, achas-me assim tão estúpida? Não conseguias mesmo pensar em nada melhor do que uma polícia? Que queria falar contigo sobre um caso? A que propósito é que a Polícia havia de procurar-te a ti para falar sobre um homicídio?

— Porque tem que ver com...

Maria interrompeu-o levantando a mão.

— Logo falamos sobre o que realmente aconteceu, mas agora tens de ir levar o Aston à escola.

— Mas...

Vincent parou de falar quando viu que Maria já estava a caminho do quarto de Aston.

— Aston! — chamou. — Vá, estamos com pressa, larga o *tablet*. Tens de sair daqui a cinco segundos.

Maria continuou a avançar pela casa, em direção ao quarto.

Vincent olhou para o pão. A polícia, Mina. Não lhe saía do pensamento desde que se tinham encontrado. Sentia uma certa esperança de que ela o contactasse outra vez. Os seus dentes tinham feito com que as bordas da dentada na fatia de pão ficassem com uma pequena parede de manteiga à volta. Pegou na faca e alisou-a novamente, deu outra dentada, do tamanho de um sexto da fatia pão. Seis partes era bom. Mas agora só havia cinco bocados, isso já não era tão bom.

Durante o tempo que tinham passado juntos, Mina demonstrara uma capacidade quase arrepiante de ver através dele. Como sempre, Vincent esforçara-se por projetar a aparência do «artista cosmopolita», era um disfarce bem polido e ensaiado, uma proteção eficiente para encontros com jornalistas e outros estranhos. Na maior parte das vezes, as pessoas contentavam-se com esse disfarce, era precisamente aquela pessoa que presumiam que iriam conhecer e, por isso, não questionavam. No entanto, Mina vira-o contar os degraus da escada, reparara que ele tinha ajustado novamente os rótulos das garrafas de água no camarim. E conseguira induzi-lo a fazer uma análise aos clientes do bar.

Era provavelmente mais do que Maria ou Ulrika alguma vez tinham compreendido sobre ele, e vivera com as duas durante vários anos.

Comeu o resto o pão contando cada dentada. Comeu as partes «três» e «um» mais depressa do que as outras.

Mina devia ser uma polícia muito competente. Mas não se tratava apenas

de revelar bastante atenção, embora fosse tanto lisonjeador como preocupante ela reparar tão facilmente nas coisas que ele pensava conseguir esconder bastante bem. Tratava-se do facto de ele também a ter compreendido a ela, algo que não lhe acontecia normalmente, e um facto que Maria seria a primeira a confirmar. Ler e controlar as pessoas em palco era uma coisa, nesse ambiente ele controlava todos os parâmetros e variáveis. Porém, na vida real, as pessoas à sua volta ainda eram um mistério. Por vezes, tinha a sensação de que houvera um dia de escola em que as ferramentas da agilidade social tinham sido distribuídas e que ele tivera o azar de ficar doente precisamente nessa altura. Era por isso que representava o papel do «artista cosmopolita» sempre que podia, o artista sabia como interagir com os outros; já ele próprio raramente fazia a menor ideia.

— Aston! — chamou.

O filho saiu do quarto com uma expressão ligeiramente confusa, o *iPad* na mão. Provavelmente, já se esquecera de que tinha de ir para a escola.

— Vamos embora, vai vestir o casaco e calçar os sapatos.

Vincent vestiu uma camisola de lã cinzento-clara, enquanto Aston dava um grande abraço à mãe, que vinha apressada pelo corredor com a mochila do filho na mão, e recebia um beijo de volta.

Mas Mina não se lhe apresentara como um mistério, pelo menos um mistério tão grande como as outras pessoas. Vincent também repara nos rituais dela, a maneira como afastava sempre o cabelo dos olhos com a mão direita, como evitava tocar em algumas superfícies para além do estritamente necessário. E vislumbrara um cubo de Rubik no bolso do casaco dela. Mas não era um cubo qualquer, era um *speedcube*, extrafácil de manusear e que se podia lubrificar.

Portanto, sim, seria interessante poder encontrar-se com ela novamente.

Ao mesmo tempo, também esperava que ela não o contactasse. Não estava com muita vontade de se ver envolvido em algo que definitivamente lhe causaria pesadelos, o seu mundo já era frágil o suficiente, não precisava de também o ter povoado por corpos mutilados.

Como sempre, a água do chuveiro estava tão quente, que quase lhe escaldava a pele. O corpo de Mina reagiu inflamando-se num tom vermelho raivoso, mas a temperatura fê-la sentir-se limpa e imaculada. A água a escaldar dava-lhe a sensação de que conseguia matar todos os micro-organismos, de que fazia de si própria uma tela lisa, sem impurezas, sem sujidade. Era maravilhoso.

No duche, sentia-se sempre forte. Nos dias em que estava de folga, conseguia ficar tempos infinitos de pé sob o jato de água, até a pele parecer uma uva-passa vermelha como um tomate. Hoje, porém, conseguira ter descanso apenas durante dez minutos, os pensamentos recusavam-se a abrandar o ritmo.

Vincent Walder. Mina ainda não sabia se precisava realmente de contar com os conhecimentos dele, se a colaboração seria mais benéfica do que a do psicólogo criminal. Era um tiro no escuro, algo invulgar da parte dela, e não tinha a certeza se não se trataria de uma perda de tempo e recursos da Polícia. Além de correr o risco de ser considerada uma idiota pelo resto do grupo. Não obstante, já estava feito, e só o tempo diria se ele viria a ser-lhes útil.

Vincent também era um verdadeiro dilema. Mina percebera que a faceta que tinha conhecido não correspondia à verdade completa, havia mais por trás daquilo. No entanto, certo mesmo era não precisar de todo da sua atitude condescendente. Ele reparara na palhinha que ela usara; a questão

era saber se tinha reparado em mais alguma coisa. Por outro lado, Vincent não tinha realmente dito nada, Mina também não podia presumir saber o que ele pensava, mas, se começasse a sentir pena dela ou a demonstrar compaixão, como os outros faziam, então dispensava a sua ajuda. Nesse caso, Julia teria de procurar outra pessoa.

Mina fechou a torneira, saiu da banheira com cuidado e limpou-se meticulosamente com uma toalha recém-lavada. As toalhas eram todas lavadas a noventa graus, com detergente e lixívia, e cheiravam tanto a limpo quanto a sua pele. Não obstante, Mina sabia que a sensação de pureza era apenas temporária. Se ficasse em casa, essa sensação duraria até ao dia seguinte, mas, assim que saía porta fora, o mundo exterior envolvia-a no seu manto de sujidade.

Vestiu a roupa que tinha escolhido antes de ir para o banho. Cuecas, um *soutien* desportivo branco, *T-shirt* branca, calças de ganga e meias pretas. As cuecas eram novas, as que usara anteriormente já tinham ido para o lixo, para Mina não fazia sentido sequer tentar lavar as cuecas, não havia lixívia suficiente no mundo que a fizesse sentir-se limpa com um par de cuecas usadas. No entanto, tinha encontrado um sítio onde podia comprar grandes lotes de cuecas simples de algodão por apenas dez coroas suecas cada, um custo que considerava necessário e acessível.

Mina acordara cedo e dispunha precisamente de uma hora antes de ter de ir para o trabalho. Sentiu o estômago a dar horas. Abriu uma gaveta da cozinha e olhou para a caixa de luvas descartáveis finas que lá estava dentro. Sabia que não precisava delas, nunca ninguém ficara mortalmente doente por pegar num pacote de iogurte. *Sabia* disso, mas só de pensar em abrir o frigorífico sem qualquer proteção entre a sua pele e os alimentos ali guardados ficava com um nó na barriga. Com um suspiro, retirou um par de luvas do pacote e calçou-as cuidadosamente, para não as rasgar.

Os colegas na esquadra costumavam rir-se daquilo que consideravam ser manias suas, mas todos haviam ficado doentes no Natal anterior com uma gastroenterite viral, e Mina fora a única que conseguira manter-se saudável. Nessa altura, ninguém se riu.

Abriu a porta do frigorífico, examinou rapidamente as possibilidades e decidiu-se pelo iogurte de baunilha. Inspeccionou o pacote para confirmar que a tampa estava inviolada e abriu-o com cuidado. Depois de o colocar em cima da mesa, pegou numa colher de chá limpa, lavou-a novamente com detergente, agarrou no frasco de álcool desinfetante que tinha em cima da bancada e espremeu uma gota para a colher, que esfregou minuciosamente por cada milímetro da sua superfície. Visualizou o desinfetante a matar tudo, todas as bactérias, todos os vírus. Todas as partículas nojentas que, de outra forma, poderiam entrar no seu corpo.

Não precisas de fazer isto, a colher está limpa, acabaste de a lavar com detergente.

Provavelmente, mas como é que poderia estar segura de que se livrara de todas as bactérias se não a desinfetasse? Afinal de contas, iria colocá-la na boca. O pensamento forçou-a a pegar no álcool novamente.

Larga o frasco, estás a ser maníaca. A colher. Está. Limpa. Larga-a.

Porém, não conseguiu. Sentiu as lágrimas começarem a correr-lhe pela cara quando abriu de novo a pequena tampa de plástico e espremeu mais uma gota. Não queria fazê-lo, mas tinha de o fazer. Esfregou a colher com a nova gota álcool-gel, como se estivesse a tentar furá-la.

Depois de se sentar à mesa da cozinha, observou demoradamente o pequeno recipiente de plástico com o iogurte. Tentou não pensar em todas as pessoas que tinham tocado no rótulo, que tinham manipulado o conteúdo da embalagem e o recipiente, tentou não pensar nos milhares de milhões de agentes infecciosos que abundavam nas mãos dessas pessoas, e tentou

convencer-se de que a fábrica que produzia o iogurte era tão cuidadosa quanto ela própria no que dizia respeito à higiene. Embora duvidasse disso. Não obstante, tinha de comer alguma coisa, tinha de se livrar daqueles pensamentos.

Enojada, fez uma careta ao levar a colher à boca, depois de a mergulhar no iogurte. Ao fim de algumas colheradas, o sabor do álcool-gel desapareceu e só sentiu o sabor da baunilha. Sentiu uma espécie de triunfo quando acabou de comer, cada refeição, cada ingestão de comida era uma vitória. Depois de deitar o pacote de iogurte e as luvas para o caixote do lixo, preparou o café. Essa tarefa já correu melhor, mas não sabia dizer porquê. Não obstante, também passou o álcool pela caneca antes de a utilizar.

Ainda faltava meia hora para sair de casa, tinha tempo de fazer uma limpeza. Não considerava isso uma mania, apenas bom senso, já que não limpava a casa desde o dia anterior. Retirou um balde cheio de detergentes e acessórios de limpeza do armário por baixo do lava-louça, onde tinha de tudo: limpa-vidros, sabão, soda cáustica, acessórios para limpezas gerais, limpeza da cozinha, detergente para a louça, ainda mais frascos de álcool-gel, discos sanitários, lã de aço, panos de cozinha, panos de microfibras, escovas, esponjas... Evidentemente, só utilizava uma vez os acessórios de limpeza, como trapos e escovas, depois, deitava-os para o lixo. No entanto, também encontrara uma loja onde podia comprar grandes lotes a preços para vendedores. Mina tinha uma reserva de caixas de cartão com coisas novas no pequeno quarto, que, na verdade, era um escritório, mas que servia de armazém.

Dando por terminada a limpeza da casa, sentiu-se acalorada, a suar. Cheirou as axilas mas de imediato se arrependeu, só tinha dez minutos até sair. Julia pedira-lhe que apresentasse Vincent ao grupo o mais cedo

possível e Mina decidira dar-lhe mais um dia, mas Vincent tinha de decidir rapidamente se queria participar ou não. Mina esperava que ele quisesse ajudá-la. Ou melhor, ajudá-los. O mentalista despertara-lhe a curiosidade, apesar de todas as suas excentricidades.

Mina olhou para o relógio, ainda tinha tempo para outro duche rápido. E para mudar de roupa.

— Posso escolher o que quiser? — perguntou Steffo Törnqvist, e apontou para os objetos à sua frente.

Vincent assentiu com a cabeça e piscou os olhos para as luzes fortes no estúdio do programa informativo da manhã da TV4. Já devia estar acostumado por esta altura, estava longe de ser a primeira vez que marcava presença no programa, mas, de alguma forma, conseguiam sempre apontar-lhe as luzes diretamente para os olhos.

Recostou-se no sofá e tentou parecer descontraído. Tentou esquecer as fotografias que aquela polícia, Mina, lhe mostrara na semana anterior. Não tinham tido qualquer contacto desde então, Mina talvez já o tivesse descartado. Vincent fizera de tudo para a convencer de que era totalmente inadequado pedir-lhe para a ajudar, era uma responsabilidade demasiado grande. Ao mesmo tempo, não conseguia deixar de se perguntar qual o método que ela usaria para resolver o cubo mágico.

Concentra-te, Vincent.

Tinha de estar presente ali, naquele momento. Afinal de contas, era uma transmissão em direto.

— O que quiser, desde que escolha sem pensar muito — explicou Vincent. — O importante é que se sinta bem com a sua escolha.

Steffo olhou para os objetos em cima da mesa, a chave do carro de Jenny Strömstedt, a coapresentadora, um bolo que Vincent retirara da mesa onde o pequeno-almoço era servido aos convidados do programa, o telemóvel de

Steffo e uma carteira de pele gasta, adornada com uma imagem de Che Guevara. O último objeto fora colocado ali pelo próprio Vincent.

— Vou escolher este — anunciou Steffo ao pegar na carteira. — Parece-me... não sei dizer, mas, por algum motivo, faz-me sentir bem.

— Então, fica a carteira — respondeu Vincent. — Diria que foi uma escolha feita de livre e espontânea vontade?

— Claro que sim — disse Steffo e riu-se. — Podia ter escolhido outra coisa.

— Aquele bolo, por exemplo, parece-me absolutamente delicioso — comentou Jenny e piscou o olho para a câmara, querendo chegar aos espectadores.

— Qualquer outra coisa, sem dúvida — disse Vincent com um sorriso irónico e fez um sinal com a cabeça para o pedaço de papel em cima da mesa, que dera a Steffo antes do início da experiência.

Steffo desdobrou o papel e olhou para ele. Depois, franziu a testa e aclarou a garganta, passou a mão inadvertidamente pelo microfone e provocou uns estalidos na captação do som.

— Lê em voz alta — pediu Jenny.

Porém, Steffo passou-lhe o papel a ela. Jenny leu a mensagem que lá estava escrita com a sua melhor voz de apresentadora televisiva.

— «As minhas ações serão sempre orientadas por duas coisas: as minhas próprias referências e valores, assim como a influência de outras pessoas. A combinação destes fatores significa que, com um grau de noventa por cento de certeza, irei escolher a carteira, mesmo que eu próprio não saiba dizer porquê.»

Jenny olhou rapidamente para Steffo, que parecia muito desconfortável. Vincent bebeu um pouco de água. Jenny virou-se para a câmara, atrás da qual um operador abanava a cabeça, estupefacto.

— Para vocês que acabaram de ligar a televisão, é o Vincent Walder que está aqui connosco no programa da manhã, para falar sobre... ou antes, para confundir... os nossos cérebros.

Vincent viu-se a si próprio no pequeno monitor ao lado da câmara. Por baixo, os números vermelhos brilhavam numa contagem decrescente. Marcava agora 04:14. Tinha pouco mais de quatro minutos para explicar como tinha feito o que acabara de fazer. 414. A quarta, a primeira e a quarta letra do alfabeto soletravam DAD. Pai, em inglês. Como pai, talvez não devesse ter trazido Aston consigo para o estúdio, mas o menino de oito anos mostrara-se satisfeito ao vislumbrar os diferentes tipos de pão e sumos de frutas na sala de refeições. Só esperava que não chegassem demasiado atrasados à escola.

— Mas então... está a dizer que as nossas ações podem ser controladas por coisas que não conhecemos? — perguntou Steffo. — Como é possível eu não conhecer as minhas próprias preferências e valores?

O tom do apresentador revelava-se quase transtornado. Por um segundo, Vincent sentiu-se completamente perdido, antes de os seus pensamentos voltarem à situação presente.

— Não conhece necessariamente *todos* os seus valores — explicou Vincent. — Por exemplo, podem acontecer situações traumáticas no crescimento das pessoas que as fazem inevitavelmente agir de uma certa forma enquanto adultas. Não sabem que estão a agir de acordo com um padrão, mas são totalmente previsíveis se conhecermos as suas circunstâncias.

— Mas é realmente assim tão simples? — questionou Jenny. — Se eu der uma queda de bicicleta, não vou detestar bicicletas para sempre, não é?

— Bem, espero que não — riu-se Steffo —, considerando a quantidade de vezes que te magoas ao bateres nos adereços espalhados por aqui. E

então se pensarmos que uma vez até estiveste perto de pegar fogo ao estúdio!

Jenny lançou-lhe um olhar gélido. Steffo referia-se obviamente ao programa em que Jenny tentara fritar *Cheetos* e, em vez disso, os aperitivos tinham pegado fogo. O *clip* tornara-se viral em todo o mundo.

— Mas, se alguém a atropelar ao volante de um *Audi* azul, vai passar muito tempo a experienciar aumentos dos níveis de *stress* no corpo quando vir carros azuis — explicou Vincent. — Claro que não é preciso ser algo tão dramático, basta haver emoções fortes envolvidas.

Faltava um minuto, tinha de se despachar.

Concentração.

— Como quando eu participei no *Let's Dance* — comentou Steffo. — Foi mesmo divertido, aquilo é que foram emoções fortes. Principalmente a atuação final. Lembro-me como se tivesse sido ontem.

— Essa conversa outra vez... — disse Jenny e revirou os olhos.

Vincent percebeu que conseguira levar Steffo precisamente para onde pretendia.

— Agora estamos a aproximar-nos do cerne da questão — disse-lhe. — As emoções fortes positivas que estão ligadas a detalhes da memória das suas experiências. Detalhes que conseguem continuar a evocar sentimentos de felicidade e, por isso, fazem-no sentir-se atraído por eles. Steffo, lembra-se do que tinha vestido nesse número de dança?

— Claro que sim, uma *T-shirt* branca com...

Steffo calou-se repentinamente e arregalou os olhos.

— Está a brincar!

— O que foi? O que é que se passa? — perguntou Jenny, confusa.

O relógio sob o monitor mostrava 00:10. Faltavam dez segundos para o

fim do segmento, entrando o intervalo para a publicidade. Vincent cronometrara a conversa na perfeição.

— Uma *T-shirt* branca com uma imagem do Che Guevara — explicou Steffo e levantou a carteira, para que a câmara pudesse aproximar-se do decalque do líder rebelde da América Latina como imagem final.

— Então é mesmo assim tão simples? — comentou Jenny, estupefacta.

Vincent sorriu.

— Às vezes, sim.

A transmissão foi interrompida para publicidade um segundo depois de Vincent fixar o olhar na câmara. Podiam dizer o que quisessem, mas de televisão sabia ele.

— Obrigado por hoje — disse com um sorriso e colocou a mão no ombro de Steffo. — Pode ficar com a carteira.

Voltou costas aos apresentadores, que ainda se riam. Só esperava que Aston tivesse deixado alguma comida para os outros convidados da manhã. A caminho da sala do pequeno-almoço, pegou no telemóvel para ligar o som, que estivera desligado durante a transmissão. Tinha um aviso no pequeno ecrã: três chamadas não atendidas. Todas de Mina.

Desceu as escadas estreitas e saiu para um corredor curto. Numa das paredes havia pequenas mesas de maquilhagem com espelhos. O corredor abria-se para uma sala maior, dominada por dois sofás à volta de uma mesa, com taças de vidro com fruta e doces. Um frigorífico com porta de vidro estava a abarrotar com garrafas de água com gás.

— Creio que da última vez me disse que a zona dos bastidores era *off-limits* — comentou.

— E é, para pessoas que eu não conheço — respondeu Vincent. — Para as forças da ordem a história é outra.

Mina olhou em volta.

— Isto aqui é bastante acolhedor — comentou. — Sempre pensei que os camarins fossem sítios mais gastos, com rabiscos nas paredes, imaginava eu, e a cheirar a cerveja velha.

A verdade é que, de início, pensara recusar a proposta de Vincent de se encontrarem nos camarins do Rival, em Estocolmo, onde ele iria atuar. Até levara consigo luvas de plástico e coberturas de assento, prontas a ser usadas a qualquer momento.

— Esse tipo de camarins também existe — respondeu Vincent. — Mas pensei que iria gostar mais deste. Os do Rival são dos melhores que há na cidade. E como estamos praticamente *por baixo* do palco, não há a mínima hipótese de alguém poder ouvir-nos.

Vincent tinha razão, o camarim parecia não só acabado de limpar, mas

também recentemente renovado. Mina soltou um suspiro de alívio e sentou-se num dos sofás. A dureza das molas deixou claro que era uma das primeiras pessoas a sentar-se nele. Nenhuma *groupie* se tinha ainda enrolado com o baterista de uma banda convidada naquele sofá. Mina não precisava da proteção de assento.

— Ainda bem que tinha disponibilidade para nos encontrarmos — disse-lhe. — Já decidiu se vai ajudar-nos? Quero poder apresentá-lo ao resto da equipa o mais cedo possível, de preferência já amanhã. Pensei que podia falar-lhes dos cortes na pele que reconheceu como numeração romana.

Vincent olhou para Mina com ar de surpresa.

— Mas vocês também viram isso, ou não?

— Nós estivemos a... bem, à procura de outras coisas. Acima de tudo, tentámos identificar a vítima, como forma de encontrar o autor do crime. Mas, como lhe disse logo em Gävle, não chegámos a lado nenhum nessa frente. O facto de ter uma espécie de... simbologia marcada na pele é um pouco como ficção científica para nós.

Vincent suspirou e algo passou pelo seu rosto, como se se fechasse.

— Eu já disse que provavelmente não tenho as competências certas — repetiu. — Ficção científica. Hum... deve ter toda a razão e, para isso, não precisam de mim. Doces?

Estendeu-lhe uma das taças de vidro e Mina reparou que todos os doces estavam embrulhados individualmente, mesmo que as mãos insalubres de desconhecidos tivessem esgravatado a taça, os doces ainda assim estavam protegidos. Perguntou-se se Vincent pedira aquele tipo de doces propositadamente. Se já percebera assim tão bem como ela era. Se já tinha reparado nas suas manias. Se ele fosse como a maior parte das pessoas, Mina podia contar os minutos até ouvir a primeira piada. As pessoas pareciam ser incapazes de se conter, mas tinha esperança de que ele não

fosse como a maioria das pessoas. Ao mesmo tempo, causava-lhe um enorme desconforto pensar que um estranho a podia ler como um livro aberto.

No fundo da tigela viu que havia um caramelo com cobertura de chocolate, os seus preferidos. Mas estava lá bem no fundo, a mão teria de tocar em demasiadas coisas em que outras pessoas tinham tocado, até conseguir pegar nele. Olhou ansiosamente para o caramelo, mas acabou por abanar a cabeça e recusar a oferta.

— Não acho que tenha falhado na interpretação que fez dos cortes — disse-lhe. — É por isso que quero que conheça o resto da equipa. Eu acho que tem razão. Talvez devêssemos ter percebido que se tratava de um número, mas não o fizemos. Precisamos de si.

Vincent olhou para ela em silêncio. Mina conseguia ouvir o burburinho do público que começava a encher a sala de espetáculos por cima deles. Dali a vinte minutos, a cortina subiria e Vincent iria encantar e chocar oitocentas pessoas no seu papel de «Mestre Mentalista». Iria manipular-lhes os pensamentos e guiar o seu comportamento de forma exímia, parecendo estar no controlo total de todas as situações. Era difícil acreditar que o homem sentado à sua frente era a mesma pessoa. Olhando para ele, ali sentado no sofá, parecia quase nervoso.

— Gostaria muito de a ajudar, se conseguir — acabou por dizer. — Mas não funciono muito bem em grupos. Convém que saiba.

Pois, mas quem é que funciona? Um grupo de trabalho consiste apenas em alguns estranhos que pensam que se conhecem só porque trabalham no mesmo sítio. Mina nunca compreendera por que razão as pessoas insistiam em falar sobre o que faziam nos fins de semana, ou sobre quantos dentes de leite as crianças já tinham perdido. Como se isso interessasse a alguém.

— A reunião é às nove da manhã na sede da Polícia — disse-lhe ao

levantar-se. — Vou ter consigo à entrada principal. E agora deixo-o para ir ter com o seu público. Pelo que ouço, estão um pouco impacientes.

Vincent olhou para o teto com uma expressão divertida. Mina percebeu pelo seu olhar que o Mestre Mentalista estava de volta.

— Eu já os vou controlar — comentou. — Por falar nisso, aqui tem.

Vincent pegou numa caixa que estava em cima do frigorífico e deu-lha. Um pacote de caramelos com cobertura de chocolate. Por abrir.

— Vemo-nos amanhã — disse ao despedir-se.

A sede principal da Polícia de Estocolmo ficava no bairro de Kungsholmen, na Rua Polhemsgatan. Na entrada do edifício pontuavam duas grandes placas que o identificavam. O ar estava cru e o céu cinzento, como que a ameaçar precipitação, neve já a derreter que se transformaria em chuva antes de atingir o solo. Março não era, de todo, o mês favorito de Vincent.

Apertando os braços à volta do corpo para se manter quente, estudou as pessoas que entravam e saíam pela porta principal. Sentia-se desiludido sempre que aparecia alguém, e Mina que não havia meio de chegar. As borboletas na barriga recusavam-se a ficar quietas. Na verdade, não fazia ideia se seria bem-vindo entre aquele grupo de polícias. Ou se era sequer bem-vindo de todo. O risco de ser excluído antes de ser incluído fez com que as borboletas dançassem uma espécie de dança de guerra no seu baixo-ventre.

Finalmente, Mina saiu pelas portas de vidro. Vinha vestida com uma camisola vermelha, e Vincent não pôde deixar de reparar em como aquela cor a favorecia. Dramática, mas, ainda assim, de alguma forma, comedida. Claro que percebeu que parte do que estava a sentir era devido ao facto de a cor vermelha automaticamente lhe provocar uma produção de adrenalina no cérebro, e o mesmo acontecia a todos os humanos há centenas de milhares de anos. Porque o sangue é vermelho. Rostos zangados ficam vermelhos. O aumento súbito de adrenalina no corpo facilitava a fuga de tais situações.

— Estava mesmo a perguntar-me para onde teria ido — disse Mina. — O que é que está a fazer aqui fora? Está a pensar fugir?

— Entre outras coisas.

Mina lançou-lhe um olhar divertido, que Vincent notou causar-lhe no corpo um aumento considerável tanto de cortisol, a hormona do *stress*, como de dopamina, a «substância da felicidade», ao mesmo tempo que fez aumentar a secreção de serotonina e, assim, pondo-lhe o cérebro a funcionar a alta velocidade e elevando-lhe o nível de testosterona em cerca de quarenta por cento. Era um *cocktail* de hormonas que, se fosse experienciado por duas pessoas ao mesmo tempo, provocaria uma sensação de «química uma com a outra». Se ao menos as pessoas soubessem quão exata essa expressão era. Nenhum cientista sabia o motivo pelo qual acontecia, mas todos concordavam no facto de existir. Vincent perguntou-se se Mina estaria a sentir o mesmo. A verdade era que a fuga nunca tinha sido uma opção, Mina era uma pessoa demasiado interessante para que tal acontecesse.

— Já falou mais de mil vezes à frente de desconhecidos — disse-lhe. — Isto vai ser exatamente a mesma coisa. Vamos.

Vincent olhava em volta, curioso, enquanto Mina o guiava descontraidamente pelos corredores da esquadra da Polícia. O edifício era mais ou menos como ele imaginara, havia nele uma aura estatal. Pequenas salas de escritórios, onde se podia ver um sem-fim de papéis e pastas empilhadas, assim como um enorme *open space*, com telas divisórias, e canecas com o logotipo da Polícia pousadas um pouco por toda a parte pelas mesas.

Quando chegaram a uma porta de vidro com cortinas do lado de dentro, Mina deteve-se e pareceu hesitar.

— O que diz? Pronto para entrar no covil dos leões?

Era tal qual numa palestra, não tinha nada com que se preocupar. Se estivesse nervoso, iria culpar a camisola de Mina. E o aumento da produção de cortisol.

Vincent apercebeu-se subitamente de que Mina também estava nervosa. Presumiu que se devia ao facto de ainda não estar completamente segura sobre que papel Vincent iria ter, ou com o que ele poderia realmente contribuir e, portanto, também não tinha a certeza de como transmitir isso aos seus colegas. Uma preocupação mais do que razoável. No entanto, era desnecessário estarem os dois nervosos. Procurou as palavras que pudessem tranquilizá-la.

— Tem razão quando diz que é como falar para outro grupo qualquer — concordou. — Na verdade, é apenas uma questão de dinâmica de grupo, os grupos estabelecidos reagem sempre à introdução de um novo elemento. Freud, por exemplo, dedicou-se muito ao estudo do conceito de grupo. Definiu aquilo a que chamou alma de grupo, uma espécie de consciência coletiva que surge em contextos grupais. A teoria diz que um grupo tende a agir de forma diferente segundo o que os participantes fariam a título individual.

Mina olhou fixamente para ele.

— E porque é que me está a dizer isso? — perguntou-lhe.

— Bem, eu próprio recorro à psicologia de grupo nos meus espetáculos — respondeu Vincent. — Um público grande reage de maneira diferente do que se eu fizesse uma apresentação para uma única pessoa, e esse é um fator que posso usar para direccionar a assistência para onde quero. Na maior parte das vezes, inclino-me para a teoria de campo de Kurt Lewin, que se baseia em três variáveis principais: a energia, ou seja, o que causa as ações e as motiva; a tensão, que é a diferença entre o objetivo de uma pessoa e ou

seu estado atual; e a necessidade física ou psicológica que desperta a tensão interna.

Mina continuava a olhar fixamente para ele, mas agora ia inclusive concordando com a cabeça. Não obstante, Vincent reparou que ela já não parecia nervosa. Desviar a atenção de alguém para outra coisa era o truque mais simples do seu repertório, mas funcionava quase sempre. Em ambos os sentidos até, apercebeu-se de seguida. O seu próprio nervosismo também diminuía. Não totalmente, mas o suficiente.

— Que títulos é que os membros do grupo têm?

— Não é relevante — respondeu Mina sucintamente. — A organização da Polícia é complicada e ia demorar muito tempo a explicar-lhe. Além disso, um dos objetivos da criação desta equipa era precisamente cortarmos com a hierarquia. A Julia é que manda, é só isso que precisa de saber.

Mina abriu a porta e entraram os dois. Três pares de olhos viraram-se para eles; deveriam ter sido quatro, mas uma das pessoas na sala estava a dormir.

— Olá a todos. Apresento-vos o Vincent Walder. Já sei que a Julia vos disse que o Vincent vai acompanhar-nos enquanto consultor em certos momentos da investigação.

Silêncio de pedra. Um leve ressonar do homem que estava a dormir. Vincent observou a estranheza do ato de dormir a meio de uma reunião de trabalho e fez uma verificação mental de possíveis explicações. Presumivelmente, o homem sofria de narcolepsia ou então tornara-se pai recentemente. A segunda hipótese era estatisticamente muito mais provável, e uma nódoa de bolsado no ombro serviu de pista derradeira.

— Olá — cumprimentou Vincent, hesitante.

Pelo canto do olho, reparou que Mina estava irrequieta. Quanto a ele, sentia-se agora completamente calmo, estava em modo de trabalho. Este era

o seu território, só precisava de encontrar a chave para cada uma das pessoas sentadas à volta da mesa, ao mesmo tempo que encontrava o seu lugar na dinâmica de grupo. Depois, tudo se resolveria.

— Como a Mina mencionou, o meu nome é Vincent. E sou mentalista. Isso significa que fiz da descoberta de como manipular a psique humana e o comportamento das pessoas a minha profissão. O que, evidentemente, só é possível se já se tiver algumas ideias básicas sobre como as pessoas realmente funcionam. No entanto, não sou psicólogo nem terapeuta, utilizo os meus conhecimentos principalmente como artista.

Um homem com um bronzado ligeiramente exagerado e madeixas discretas no cabelo bufou. Tinha bom aspeto, mas aqueles detalhes sugeriam um certo desespero com o facto de estar a envelhecer. Combinado com uma autoimagem demasiado positiva, claro, coisa que a camisa desabotoada quase até meio do peito também revelava. As erupções vermelhas na pele visível do peito apontavam para uma sessão recente de depilação a cera. Ainda assim, Vincent presumiu que o homem tinha uma certa facilidade em ver a sua autoimagem insuflada confirmada por uma quantidade considerável de mulheres, já que emanava a autoconfiança de quem não precisava de pedir permissão para conseguir o que queria. E os músculos do peito bastante desenvolvidos certamente ajudavam. Isso era bastante engraçado, que ambos os sexos se sentissem atraídos por peitos grandes no sexo oposto, mas por motivos completamente diferentes. Peitos grandes nas mulheres indicavam uma boa capacidade de fornecer alimento à prole, enquanto peitorais bem desenvolvidos nos homens sinalizavam força e capacidade de defesa. A não ser que se tratasse de *man boobs*; isso era uma coisa completamente diferente.

— Desculpe — disse Mina e interrompeu os seus pensamentos. — Não lhe apresentei os meus colegas.

Mina começou por apontar para o homem com a autoestima elevada.

— Este é o Ruben Höök. Depois, temos o Christer Bengtsson, o nosso velhote.

— Porra, também não sou assim tão velho — murmurou Christer.

Vincent escondeu um sorriso, era evidente que, para Christer, o copo estava meio vazio. Não sabia que decepções tinham moldado a visão da vida do polícia mais velho, mas imaginou que se tornara uma profecia autorrealizada. Nenhum anel no dedo, provavelmente vivia sozinho. Um diâmetro de cintura considerável e uma respiração ligeiramente ofegante apontavam para muita comida de plástico e pouca atividade física. Ou seja, também não tinha nenhum animal de estimação em casa que precisasse de ser exercitado. Tinta de impressão nos dedos, queria dizer que ainda lia jornais em papel, em vez das versões *online*. Vincent quase apostava que ainda havia um telefone fixo analógico com números em disco giratório na casa de Christer.

— E será que alguém pode acordar o Peder?

Mina disse aquilo sem qualquer tom crítico na voz. Peder era obviamente um colega apreciado, o que também significava que, provavelmente, era uma pessoa simpática. Caso contrário, não tolerariam que estivesse a dormir durante uma reunião, por mais filhos pequenos que tivesse em casa.

— Peder! Acorda!

Ruben abanou Peder bruscamente, que se endireitou na cadeira, sonolento.

— O quê? Quem?

— Toma — disse Mina, colocando uma lata de *Red Bull* à frente do colega, e recebeu um olhar agradecido de volta. — E este é o Peder Jensen.

Mina não conseguiu esconder um sorriso ao apontar para ele.

— Não sou dinamarquês, apesar do nome — disse Peder com uma voz

surpreendentemente alerta. — O meu pai é que era, mas eu cresci em Bromma.

Peder Jensen irradiava simpatia e sinceridade, o que confirmava a análise de Vincent. Mas, acima de tudo, irradiava fadiga e cansaço.

— O Peder e a mulher tiveram trigêmeas há três meses — explicou Mina.

Vincent assobiou de espanto. Trigêmeas, não admirava que o homem tivesse de dormir no trabalho.

— E, por fim, eu — disse a mulher sentada à cabeceira da mesa. — Julia Hammarsten. Sou a responsável por este pequeno grupo diversificado, enquanto investigadora principal, mas também tenho um papel ativo em campo. Todos temos, não estamos muito apegados aos nossos títulos aqui.

Julia abarcou com um gesto amplo os colegas.

— Vimos todos de diferentes departamentos dentro da Polícia e este grupo é uma espécie de experiência. Mas não me vou alongar sobre isso. Como a Mina deve ter dito, o meu pai é o chefe da Polícia de Estocolmo e concordou com a criação desta equipa como uma forma de responder às necessidades de maior flexibilidade entre as várias unidades. Dito isto, há muita coisa em jogo se não correspondermos às expectativas. As oportunidades que este grupo oferece podem desaparecer rapidamente. Até diria que a experiência se aproxima rapidamente do seu final, se não conseguirmos avançar nesta investigação.

Julia disse aquela última parte num tom resignado e com os olhos voltados para o chão. A sua linguagem corporal controlada apontava para muros altos à volta do mais íntimo, do privado. Também havia uma aura de tristeza em torno da sua pessoa, algo pesava sobre ela, algo que permanecia nos seus pensamentos a maior parte do tempo. Vincent estava bastante seguro de que era algo do foro privado e que não tinha nada que ver com

aquela experiência de grupo. A maioria das pessoas não pensava na parte superior do rosto quando tentava controlar as expressões faciais, por isso era sempre mais fácil encontrar as expressões emocionais genuínas na zona da testa, das sobrancelhas e até mesmo nas pálpebras. No entanto, Julia mantinha um controlo total sobre todo o rosto, o que tornava difícil para Vincent agarrar-se a qualquer outra coisa que não uma vaga sensação de que Julia não deixava ninguém entrar facilmente na sua vida.

Apercebeu-se de que o silêncio se instalara e que os outros pareciam estar à espera de que ele dissesse alguma coisa. Vincent aclarou a garganta.

— Será então aí que eu entro — disse. — Daquilo que percebi, parece que os meus conhecimentos específicos poderão ser úteis para este caso. Senti-me um pouco inseguro de início, mas juntos, eu e a Mina, já fizemos algumas... certas observações.

Trocou um olhar com Mina, que assentiu com a cabeça.

— Antes de avançarmos, proponho esticarmos um pouco as pernas — disse Julia. — Quero toda a gente concentrada. Peder, vais ter de beber mais um *Red Bull*.

As articulações de Christer estalaram ruidosamente quando se levantou. Ruben começou a fazer uns movimentos de boxe quando saiu para o corredor, algo que lhe pareceu bastante ridículo, e Peder pegou na lata de *Red Bull*, que produziu um som sibilante ao ser aberta. A teoria de campo de Kurt Lewin aplicara-se surpreendentemente bem, o desejo de Vincent de conseguir a atenção de Mina gerara uma tensão, que, por sua vez, o motivara a agir. A verdade é que queria que ela gostasse dele.

Terminada a pausa para esticarem as pernas, sentaram-se novamente nos seus lugares. Ruben tamborilava impacientemente na mesa; não estava particularmente impressionado com a mais recente reviravolta de Julia, que fora desencantar um consultor externo que nem sequer tinha um título profissional definido, era simplesmente ridículo. Como se não bastasse, agora aquele *mentalista* também ia fazer uma espécie de apresentação conjunta com Mina, junto ao quadro. Como se fosse um deles.

A direção tinha razão, talvez fosse melhor abandonar aquela experiência organizacional, uma vez que já se tinham rebaixado até ao nível da feitiçaria. Mas era o que acontecia quando se trabalhava com mulheres. O que viria de seguida? Talvez Julia e Mina quisessem chamar um médium? Alguma maldita bruxa que fosse lá lançar cartas de *tarot* e lhes revelasse quem era o assassino? Absolutamente ridículo.

— Já o vi na televisão — comentou Peder, entusiasmado, com Vincent.
— Fiquei impressionado.

— Também já ouvi falar de si — disse Christer, mas com um tom bastante mais sombrio. — Não leve a mal pergunta, mas é algum mágico? E nós não temos o nosso próprio psicólogo criminal?

— Mentalista — corrigiu Vincent. — E no que toca ao psicólogo criminal, não havia uma história qualquer sobre homens gregos?

Julia tossiu e Peder começou a rir-se.

— Pois foi, meu deus! Nesse caso, o Jan falhou redondamente... —

comentou, abanando a cabeça.

— Quero salientar que não sou um ilusionista, apesar de trabalhar com ilusões — interrompeu Vincent. — Claro que tenho alguns conhecimentos, uma vez que me dediquei ao ilusionismo comum quando era novo. Mas, hoje em dia, o máximo que consigo fazer são truques com baralhos de cartas. O que me interessa é o que se passa dentro da cabeça das pessoas.

— O Vincent não é só conhecedor do comportamento das pessoas — disse Mina e olhou para cada um dos colegas. — Também é especialista a identificar padrões.

Mina cruzou os braços sobre o peito e parecia pronta a correr para o campo de batalha por aquele Vincent e as suas capacidades. Por algum motivo, aquilo irritava Ruben solenemente. Mina provocava-o para lá dos limites do razoável, de várias maneiras. Havia algo na sua forma indiferente de parecer totalmente imune ao charme pelo qual todas as outras mulheres se apaixonavam, algo com que Ruben nunca se deparara. O seu superpoder era precisamente atrair mulheres. Todas as mulheres o adoravam, independentemente da idade, da aparência, da origem, das convicções políticas ou da cultura. Não havia uma única mulher na sua vida que não tivesse conseguido encantar. À exceção de Mina, claro. Não que ela o tivesse em má conta; era-lhe apenas... indiferente. O que, no mundo de Ruben, até era pior.

De início, tentara seduzi-la, fazê-la apaixonar-se por ele recorrendo a todos os truques que tinha na manga. Não porque se sentisse minimamente atraído por ela, Mina não fazia de todo o seu género, mas para ver se tinha sucesso. Essa era sempre a principal força motriz de Ruben, a caça, a pesca. O sexo em si costumava ser bastante desinteressante, Ruben fartava-se rapidamente e passava para a próxima presa. Se tivesse de escolher, preferia ir para a cama com loiras exuberantes, mas, quando apanhava uma presa,

concluía sempre o processo, era uma questão de honra. Não compreendia os pescadores que apanhavam peixes só para depois os atirar de volta ao mar, não era assim que a natureza planeava a caça.

Porém, Mina mostrara-se sempre totalmente imune a todos os seus esforços.

E hoje estava a irritá-lo particularmente. Naquele momento, encontrava-se de pé em frente ao quadro branco, a rabiscar e a fixar imagens com ímanes. Estava vestida com calças de ganga azul-escuras, uma camisola vermelha, não se vendo o menor sinal de um *soutien* sob o tecido, o cabelo penteado para trás e preso num rabo-de-cavalo de onde não se soltara um único fio de cabelo e, como sempre, o rosto limpo e sem maquilhagem. A única coisa que não era perfeita em Mina eram as suas mãos, vermelhas e gretadas, provavelmente por causa de tanto as esfregar com litros e litros do álcool-gel que tinha sempre em cima da secretária. Ruben perguntou-se o que haveria sob aquela aparência aprumada; era um mestre em adivinhar que roupa interior as mulheres vestiam, identificava de imediato que tipo de pessoa elas eram. Um conjunto caríssimo de seda madrepérola da *La Perla*? Algo sexy baratucho de renda vermelha da *Victoria's Secret*, ou um conjunto ordinário com cuecas fio dental pretas, ou daquelas com abertura no meio, encomendadas *online* de alguma *sex shop*?

Ruben suspirou; tinha a certeza de que Mina usava umas práticas cuecas de algodão.

— Quando mostrei o material ao Vincent, ele fez algumas observações — estava Mina a dizer. — Coisas que nós não apanhámos.

Mina calou-se e virou-se logo para Vincent, que deu um passo em frente.

— A julgar pelas fotografias, diria que os cortes feitos na pele da vítima não foram assim tão aleatórios como se poderia pensar. Acho que foram

feitos para representar um número romano, o número três, para ser mais específico — explicou Vincent.

— Números? — perguntou Christer, surpreendido.

Ruben bufou alto e Mina virou-se para ele.

— Ruben? O que achas?

O tom de voz gelado e as sobrancelhas levantadas. Um merdoso comportamento de *bully*. Ruben fingiu não perceber

— Sobre o quê?

A pergunta soou um pouco mais agressiva do que planeava e Julia olhou para ele com ar reprovador. Peder inclinou-se para a frente com interesse e Christer murmurou algo inaudível, enquanto coçava o couro cabeludo visível através dos ralos cabelos grisalhos.

— Sobre o que o Vincent acabou de dizer, que os cortes são intencionais, que talvez até representem um número... Qual é a tua opinião profissional sobre o assunto?

Ruben abriu os braços, isto era um disparate de primeira categoria. Soltou um suspiro.

— Parece-me rebuscado — respondeu. — Quando se ouve o som de cascos, presume-se que são cavalos, não zebras. Já vimos outros perpetradores que se entusiasmaram e trincharam um pouco mais. Não é novidade nenhuma.

Vincent inclinou-se para a frente e juntou as pontas dos dedos. Ruben perguntou-se se seria possível parecer ainda mais arrogante, e sentiu um prurido de irritação percorrer-lhe o corpo. A sério que Mina caía naquilo? Mulheres, meu deus! Não conseguia compreendê-las.

— É precisamente isso — respondeu Mina. — Tudo o resto foi feito com grande precisão, alguém se preocupou em construir uma cópia exata de algo que um mágico utilizaria. E encenou deliberadamente um número clássico

de magia, exceto o final feliz. Estamos a falar de tempo, planeamento, paciência. Isso parece-nos alguém que «se entusiasmou e fez uns golpes a mais»?

Ruben encolheu os ombros.

— Bem, pois, talvez não...

— Não me parece nada atabalhoado — comentou Julia quando se levantou e se dirigiu para o quadro.

La Perla branca, pensou Ruben, mas neste caso não era só um palpite. Familiarizara-se com a roupa interior de Julia, e o que esta escondia, no cruzeiro de Natal da Polícia, cinco anos atrás. Ela ficara completamente alcoolizada e tinham tido uma noite de sexo selvagem no camarote de Ruben. Isso fora antes de ela conhecer o enfadonho do marido, Torkel. Tinha a certeza de que, com ele, era só em posição de missionário. Nessa altura, no cruzeiro, Julia estava com o período, pelo que o camarote mais parecia um matadouro quando Ruben acordara de manhã, já depois de ela se ter ido embora. Pois, pois, eram coisas que aconteciam quando havia festa. O facto de Julia agora ser sua chefe podia constituir um problema, mas o que acontecera nunca viera à baila. E Torkel definitivamente não era uma ameaça. Não que Ruben estivesse minimamente interessado em Julia, mas, ainda assim, era sempre uma sensação boa saber que tinha andado por ali.

Mina deu um passo para o lado para dar lugar a Julia junto ao quadro branco. Julia tocou acidentalmente no cotovelo de Mina e Ruben reparou que esta estremeceu como se tivesse levado um choque elétrico.

— Os cortes são perfeitamente simétricos — observou Julia. — Não tenho dúvidas de que foram propositados. Por outro lado, não acho que representem necessariamente um número, mas não temos contexto. — Julia virou-se para Peder e Christer. Peder parecia novamente exausto e já

começara a cabecear. — O que é que sabemos sobre o local onde ela foi encontrada? — perguntou.

Silêncio. Ruben atirou uma caneta pelo ar, que aterrou em cima da mesa mesmo em frente a Peder, fazendo-o estremecer.

— O quê? — perguntou Peder e olhou em volta, confuso.

— O local onde o corpo foi encontrado — disse Mina e repetiu a pergunta de Julia. — O que é que sabemos sobre isso? O que disseram os técnicos?

Peder sacudiu-se como um cão molhado para despertar e esticou-se para os papéis que estavam à sua frente, em cima da mesa.

— Foi encontrada junto à entrada do parque de diversões Gröna Lund. Mas têm quase a certeza de que se trata de um local de crime secundário, havia muito pouco sangue para poder ter sido assassinada ali. A caixa foi transportada até ao local e depois colocada ali.

— Alguma testemunha? — perguntou Vincent.

— Ninguém vive ali, mas já falámos com os funcionários do museu dos ABBA e do restaurante ao lado. Ninguém viu nem ouviu nada.

— E ainda não descobriram quem é a vítima?

Christer abanou a cabeça, desanimado, o que, por si só, não queria dizer necessariamente alguma coisa; Christer passava a vida num constante estado de desânimo.

— Ainda não — respondeu. — Estamos a analisar todas as mulheres que foram dadas como desaparecidas e que estarão na faixa etária que se julga corresponder à da vítima, mas, até agora, ninguém correspondeu à descrição. No entanto, há o risco de ela não estar registada como desaparecida e, nesse caso, temos um problema: se ninguém a der como desaparecida, isto vai continuar a ser quase impossível. Mulher loura na casa dos trinta anos. Não são exatamente uma raridade.

— Mas acho que devemos continuar à procura — disse Julia sem esconder um tom de ironia. — Parece-me desnecessário desistir da esperança de descobrir a identidade dela só porque não tem uma verruga no queixo ou outro sinal distintivo.

Christer encolheu os ombros, resignado, e Julia virou-se para o grupo. Moveu-se na direção de Mina, e Ruben reparou que Mina se desviou rapidamente, para que Julia não lhe tocasse acidentalmente outra vez. Perguntou-se o que acontecia quando Mina ia para a cama com alguém. Seria uma daquelas que simplesmente tratava de tudo sozinha, para evitar ter outra pessoa envolvida? Com um pequeno objeto estéril e a pilhas? Ou obrigava o homem a lavar-se com soda cáustica antes? Talvez lhe exigisse que usasse um daqueles fatos completos de laboratório farfalhantes, com uma pequena abertura na parte da frente para poder sacar a pila para fora... Ruben riu-se alto e Julia lançou-lhe um olhar penetrante. Corrigiu rapidamente a expressão facial, mas não conseguiu afastar a imagem mental de Mina a ser comida por um homem de macacão de plástico completo. Por alguma razão, o homem de macacão na sua mente tinha com o rosto de Vincent.

— Christer, continua a tentar descobrir a identidade da vítima. Peder, quero que revejas todo o material dos técnicos forenses à lupa, o mínimo detalhe pode ser importante, bem... tu sabes. — Julia virou-se para Vincent e explicou. — O Peder é o nosso génio das análises, consegue examinar listas que levariam ao comum dos mortais semanas a estudar, numa fração desse tempo e sem deixar escapar um único detalhe.

Peder corou ligeiramente, mas pareceu ficar contente com o elogio.

Julia continuou.

— Ruben...

Ruben interrompeu-a.

— Eu fico com a caixa — disse.

— Precisamente. Vê o que consegues descobrir sobre o produtor, o material, a construção, seja o que for que possa dar-nos alguma pista sobre quem é que a construiu ou comprou. Tenta descobrir também de onde é que aquelas espadas vêm. E pára de olhar fixamente!

Ruben desviou o olhar para cima e sorriu maliciosamente quando olhou Julia nos olhos. *La Perla*.

— Mina, fala com a medicina legal e vê se há alguma conclusão sobre os cortes ou outras descobertas. Já falei com um técnico forense para analisarem os danos no vidro do relógio. E, Vincent, se tentasse traçar um perfil, seria uma grande ajuda.

— Pois, «tentar» é a palavra certa. Como já disse, não tenho formação em *profiling*, conto apenas com uma base de conhecimentos diferente que me permite fazer observações bastante precisas sobre as pessoas.

— Agradecia-lhe que ainda assim tentasse.

Julia estava seriamente a pensar dar trabalho ao mentalista, dar-lhe acesso a ainda mais informação policial confidencial. Foi a gota de água, Ruben não conseguiu manter-se calado.

— Já chega, não? — exclamou. — Este gajo é um animador, um palhaço de entretenimento. Nós somos *polícias*! Não estão mesmo a pensar dar-lhe ouvidos, pois não?

Os outros ficaram calados a olhar para ele. A tensão no ar estava tão intensa que era quase palpável.

— Temos uma pequena margem até que isto apareça na imprensa e há que tirar proveito disso — respondeu Julia, contendo-se ao máximo. — De todas as formas possíveis.

Ruben abriu os braços num gesto de desistência. Era aquilo que acontecia quando punham mulheres a tomar decisões.

— Então eu vou andando para o Instituto de Medicina Legal — disse e levantou-se. — Tenho só de requisitar uma bola de cristal primeiro.

Peder, Christer e Ruben saíram da sala e também Vincent precisava de se ir embora. Julia ficou para trás com Mina, estavam as duas junto ao quadro branco com as fotografias. Mina sentia-se suja só de olhar para as imagens e ficou irritada por se ter esquecido do álcool para as mãos na secretária.

— Como é que achas que isto correu? — perguntou Julia.

— Sinceramente, não sei — respondeu Mina e olhou para as fotografias. — Não houve propriamente ovações de pé do resto do grupo.

Esfregou os antebraços para se livrar da camada de pele morta que sabia já existir a esta hora tardia do dia.

— Mas achas que ele vai conseguir traçar um perfil? — insistiu Julia. — Não me pareceu completamente convencido disso.

Mina encolheu os ombros.

— Acho que ele sabe coisas que nós ainda não vimos. E também não temos propriamente mais ninguém, a não ser que queiramos ir à caça de «homens gregos» outra vez. Na minha opinião, devíamos trabalhar com o Vincent e dar-lhe uma oportunidade. Precisamos de uma agulha num palheiro e ele é a nossa agulha.

— Mas, para avançarmos com ele, tens de estar completamente convencida — explicou Julia. — Porque, como deves ter reparado, tens uma sala inteira de céticos para convencer. Bem, o Peder talvez não precise de ser convencido a entrar no esquema, mas não me pareceu que o Ruben e o Christer tenham subido a bordo. Aliás, o Ruben não só ainda não subiu a bordo, como nem sequer está à porta da estação.

Julia deixou-a sozinha e Mina suspirou profundamente. A reunião tinha sido um desastre, não havia outra forma de analisar a situação. Era verdade

que Vincent acabara por ser encarregado de traçar um perfil, mas Mina não acreditava que os outros fossem prestar atenção ao que ele tivesse para dizer. Não obstante, não estava preparada para largar mão dele tão facilmente. Não podia culpá-lo por se ter mantido discreto durante a reunião, ele próprio dissera que tudo se tratava de dinâmicas de grupo, de tentar encaixar. Só era pena que não tivesse funcionado. Maldito Ruben, e ainda falavam de não ter ideias preconcebidas. Assim que se tinham visto no Rival, Mina soubera que queria colaborar com Vincent; no entanto, parecia que isso teria de acontecer fora dos muros conservadores da sede da Polícia.

O seu olhar fixou-se nas fotografias no quadro branco. O corpo ensanguentado estava pendurado pelas espadas que atravessavam a caixa de um lado ao outro. Vestida apenas com cuecas brancas e uma camisola de alças. Mina não queria olhar, mas tinha de o fazer. Uma das espadas atravessara a cabeça da mulher através de um dos olhos. *Um clássico da ilusão*. Só pessoas doentes mentais é que podiam gostar de ilusionismo.

Kvibille, 1982

Jane raspou contra uma pedra a lama que tinha agarrada aos sapatos. Odiava aquele sítio. *Odiava-o*. Não tinha sido ideia dela mudarem-se para o campo, mas era ela que tinha de sofrer com a decisão.

— Jane, anda lá! — chamou o irmão mais novo do relvado. — Não podemos comer o bolo enquanto não vieres!

A mãe já lá estava, como sempre com um dos vestidos que ela própria confeccionara. Porque é que não podia comprar a roupa nas lojas, em vez de costurá-las sozinha? Pelo menos, pusera o seu vestido mais bonito, aquele com padrão de leopardo. Como tinha encontrado tecido com estampado de leopardo era um mistério, mas, no que dizia respeito a tecidos, a mãe tinha uma habilidade quase sobrenatural. O vestido dava-lhe um ar quase sofisticado, apesar de ter sido feito à mão. Se não fossem os pés descalços... Para celebrar o seu aniversário, a mãe também colocara uma coroa de flores na cabeça. Jane soltou um suspiro e fingiu não ter ouvido o irmão.

Jane estava quase a fazer dezasseis anos e vivia na quinta há metade desse tempo. Ela e a mãe tinham sido as primeiras a mudar-se para ali. No verão de 1974, a mãe despedira-se do emprego que tinha em Estocolmo, deixaram o apartamento no centro da cidade, e todos os amigos de Jane, para que a *hippie* pudesse criar uma comunidade com os seus amigos, numa quinta nos arredores de Kvibille. Uma aldeia na região de Halland, tão

pequena que, se não fosse pela grande fábrica de queijo, nunca ninguém teria ouvido falar nela. Mas os conhecimentos das pessoas sobre Kvibille também começavam e acabavam no queijo.

Jane nem sequer vivia em Kvibille, vivia nos *arredores*. Onde nunca era possível vestir algo bonito, uma vez que era só lama por todo o lado. Olhou para os sapatos; não iria conseguir salvar as solas brancas. Odiava aquilo. Tudo.

Jane foi até à casa, descalçou os sapatos e, com um suspiro, enfiou os pés num par de galochas. Só porque a mãe decidira ficar, não significava que ela também tivesse de o fazer. Dirigiu-se para o relvado, onde a mãe e o irmão a esperavam

— Mãe, quando é que nos vamos embora daqui? — perguntou, como sempre fazia, quando se sentou no cobertor.

— Olá para ti também — respondeu a mãe.

— O Erik conseguiu — resmungou Jane. — Então e nós?

Erik era o único dos conhecidos da mãe que realmente aparecera para o plano da vida em comunidade. Porém, só aguentara lá ficar durante seis meses. Quando a mãe ficara grávida, aparentemente já não era assim tão espetacular «estar em união» com a natureza. Então, Erik fora-se embora. Tinham ouvido por portas travessas que trabalhava num banco e que apenas pedira uma licença sem vencimento durante alguns meses. Outra vez, ouviram que era vendedor ambulante de uma loja de desporto. Não sabiam se era verdade ou não. A mãe já nem sequer sabia onde é que ele estava.

— Já sabes como é — respondeu a mãe. — Não é fácil arranjar trabalho aqui no campo. Mas pelo menos na quinta não gastamos muito dinheiro. E, querida, tu vives aqui há tanto tempo como o que vivemos em Estocolmo, de certeza que as coisas lá já não são como tu te recordas, construístes um mundo de fantasia sobre como a nossa vida era na cidade, mas asseguro-te

de que não era assim tão boa. Estamos melhor aqui, muito melhor, prometo. Mas não falemos mais disso, vamos comer o bolo depois de o teu irmão fazer o truque de magia para nós.

A mãe estava com um ar cansado. Era um desses dias, não valia a pena discutir, o melhor era deixá-la continuar a sentir-se alegre.

— É um presente de aniversário — disse o irmão como explicação para o espetáculo de magia iminente.

Usava a capa que Jane costurara para ele, no seu aniversário anterior. Já lhe estava a ficar pequena demais.

— Eu também tenho um presente para ti — disse Jane e estendeu um pequeno embrulho à mãe. — Mas só o podes abrir se conseguires ler o cartão.

Por baixo do embrulho estava pendurado um pedaço de papel, onde Jane desenhara umas linhas, algumas contínuas, outras tracejadas. Também se viam partes de letras aqui e ali, interrompidas onde as linhas as encontravam. A mãe virou e revirou o papel.

— Mas como é que vou conseguir...? — murmurou, confusa.

Jane suspirou. Era tão irritante quando as pessoas nem sequer tentavam.

— Pensa em *origamis* — disse-lhe, em tom de pista.

A mãe olhou para ela sem compreender.

— Por amor de deus! Aviões de papel, então!

— Queres dizer que é suposto dobrá-lo? — perguntou a mãe e riu-se. — Que giro!

A ponta da língua assomou-lhe por entre os lábios enquanto dobrava o papel ao longo das linhas. A ponta de um pau, na relva, sob a manta, pressionava a coxa de Jane, que tentou encontrar uma posição mais confortável para se sentar, mas em vão. A vida na quinta não era nada fácil para ela.

— Parece-me que já está — anunciou a mãe com um tom hesitante. — Mas se calhar não fiz bem.

Mostrou-lhes uma pequena bola de papel irregular, onde era visível metade de um «F» na parte de cima. Jane, o irmão mais novo e a mãe começaram a rir às gargalhadas ao mesmo tempo.

— Quer-me parecer que foi um gato que fez esse lindo serviço — disse o irmão e puxou o tecido de leopardo do vestido da mãe.

Jane riu-se ainda mais.

— Ela disse-te para o dobrares como se fosse um avião de papel! — lembrou o irmão. — Tens de dobrar as linhas tracejadas para dentro e as contínuas para fora.

A mãe desdobrou o papel e dobrou-o novamente, de acordo com as instruções do filho mais novo. O resultado foi um hexágono perfeito com uma mensagem perfeitamente perceptível na parte da frente.

— «Feliz aniversário!» — leu a mãe em voz alta. — «O derradeiro em Kvibille!»

— A esperança é a última a morrer — disse Jane quando a mãe olhou fixamente para ela.

— Pronto, mana, agora é a minha vez — disse o seu irmão mais novo.

Pegou num baralho de cartas e agitou-o num gesto dramático, como se fosse um ser vivo.

— Lembrem-se deste dia, às três da tarde do dia oito de julho — anunciou de forma teatral. — Irão falar sobre este dia aos vossos netos.

— Tu sabes sequer como é que se fazem netos? — comentou Jane com um revirar de olhos, mas sem conseguir conter um sorriso.

— Pega neste baralho — continuou o irmão como se não a tivesse ouvido —, corta-o, baralha-o e retira uma carta. Olha para ela, mas não nos digas qual é.

O seu irmão mais novo tinha tanta facilidade em mostrar-se sempre feliz que era quase injusto. Por vezes, raiava o maníaco. Por outro lado, tinha vivido na quinta todos os sete anos da sua vida e não conhecia outra coisa. Ficava contente desde que pudesse fazer carpintaria no celeiro e praticar os seus truques de magia. E estava a tornar-se realmente bom no ilusionismo; o facto de Jane conseguir quase sempre descobrir o truque não era culpa dele, a irmã é que, desde pequena, tinha uma extrema facilidade em compreender sequências lógicas. Sempre que os números chegavam ao fim, conseguia facilmente pensar no que acontecera anteriormente e compreender onde se dera o truque. Mas claro que fingia sempre uma enorme surpresa.

Pegou no molho de cartas, baralhou-o, retirou uma carta e voltou a colocá-la no baralho. Oito de paus. Sem fazer por isso, reparou que a carta ficara em décimo primeiro ou décimo segundo lugar no baralho.

— Também me devo recordar disso? — perguntou em jeito de provocação, e o irmão olhou para ela com um olhar fulminante. Ele levava o ilusionismo a sério.

— Mãe, agora é a tua vez — disse. Retirou as cartas da mão da irmã e deu-as à mãe. — Baralha e tira uma, uma qualquer.

A mãe parecia muito concentrada quando baralhou as cartas e retirou uma do molho.

— Podias ter escolhido uma qualquer, não era? — perguntou o irmão com um tom de voz sério.

— Sim, uma qualquer — respondeu a mãe, com a mesma seriedade.

Levantou uma sobrancelha e tentou fingir que estava a fazer um grande esforço de concentração. Jane não conseguiu conter uma gargalhada.

— E agora, pela primeira vez — disse o irmão e virou-se para ela

novamente —, será que a menina nos pode revelar em que carta está a pensar?

— Eu digo-te quem é a «menina» — respondeu Jane. — Mas está bem, a carta que escolhi é o oito de paus. Não que tu pudesses saber isso.

— E que carta é que a senhora tem na mão?

O irmão gesticulou para a mãe para que ela mostrasse a carta que retirara do baralho. Era um oito de paus.

— Mas que merda...?! — exclamou Jane e começou outra vez a rir-se.

— Jane!! — advertiu a mãe.

O seu irmão mais novo conseguira surpreendê-la. Era uma sensação rara mas adorável. Provavelmente, seria capaz de descobrir como ele conseguira adivinhar, mas simplesmente não lhe apetecia, não hoje. O irmão fez uma vénia de agradecimento, e ela e a mãe aplaudiram com entusiasmo. Como faziam sempre.

Tudo estava como devia estar.

Porém, não duraria muito mais tempo, Jane sabia disso. Naquele verão, tudo mudaria. Tinha de contar à mãe que já não estaria ali quando as férias chegassem ao fim. Que a sua vida iria mudar. Em breve, iria contar-lhe. Em breve.

Vincent agachou-se e ajustou os atacadores do sapato direito, no qual os laços estavam maiores do que no lado esquerdo. Não costumava ser tão descuidado, mas os seus pensamentos não estavam tão focados como queria que estivessem. Levantou-se e retirou o casaco do cabide.

— Achas mesmo que devo ir sozinha? — perguntou Maria da cozinha, atrás dele.

Tinha um livro sobre metodologia de investigação aberto à sua frente. Maria estava a estudar sociologia, mas não parecia ter realmente compreendido o esforço exigido em termos de estudo intensivo e murmurava constantemente coisas como «meu deus, pensei que isto ia ser sobre pessoas», quando se deparava com as cadeiras mais exigentes do ponto de vista teórico.

Agora, porém, era outra coisa que tinha na sua lista de preocupações, e Vincent sentiu o nó no estômago crescer.

— Já sabes da festa dos setenta anos do meu pai há meses. Para quem se intitula «Mestre Mentalista», és inacreditavelmente mau a planear as coisas, às vezes. Tens de ligar à agência e ao Umberto e pedir-lhes para cancelar esse espetáculo. Falta mais de um mês até lá, não deve ser um grande problema.

Vincent virou-se e olhou para a mulher, que estava sentada à mesa. Maria agarrava a chávena de chá com tanta força, que tinha os nós dos dedos brancos. Estivera tão perto de conseguir sair pela porta e não queria nada ter

de descalçar os sapatos agora, tinha sérias dúvidas de conseguir voltar a atar os atacadores de forma tão simétrica. Vincent olhou para o texto na chávena de cerâmica: Passarinha Cintilante. Não havia nada de cintilante em Maria naquele momento. Aliás, estava até rodeada por uma nuvem trovejante, e a tempestade que carregava vinha na direção de Vincent.

— Sabes perfeitamente que não sou eu que decido as datas dos espetáculos — disse-lhe com a esperança de que fosse um daqueles dias em que Maria aceitava explicações simples, em que a trovoada passaria sem fazer cair os relâmpagos.

Porém, o aperto ainda mais forte da chávena cintilante destruiu rapidamente essa esperança.

— Então, estás a querer dizer... — começou Maria e fez uma pausa dramática calculada. — Estás a dizer-me que, se tivesses dito ao teu agente, quando a digressão foi planeada no outono passado, que não podiam marcar nenhum espetáculo para a data da festa de aniversário do meu pai, uma festa que *tu sabes*, há meio ano, que vai acontecer, eles não teriam levado isso em conta?

Vincent sentiu a ombreira da porta pressionar-lhe o ombro, enquanto ponderava uma resposta. Aquilo era engraçado, conseguia ganhar argumentações contra qualquer pessoa com as suas fintas retóricas inteligentes, nem sequer precisava de se esforçar. Mas Maria, com a sua habilidade analítica relativamente simples, conseguia sempre encostá-lo à parede. Nenhum dos seus truques habituais funcionava com ela. Na verdade, também não tinham funcionado com Ulrika, talvez fosse um traço de família. Além de que Maria tinha razão, mesmo que ele não pudesse fazer nada em relação à situação atual, não significava que não tivesse podido fazer nada anteriormente.

— Não vais dizer nada?

As nuvens carregadas à volta de Maria começavam a trovejar e Vincent apercebeu-se de que deixara a pausa para reflexão prolongar-se demasiado.

— Posso ter-me esquecido de os avisar sobre isso, sim — admitiu. — Mas agora já não há nada a fazer.

Notou que o tom da sua voz estava demasiado relaxado. Um grande erro. Suspirou, agachou-se, desapertou os laços perfeitos dos atacadores e descalçou os sapatos.

— Não há nada a fazer?! — exclamou a mulher. — Não há nada a fazer?! Como é que podes ser tão insensível?

A voz de Maria subiu em falsete e Vincent percebeu, não tardava, ela desataria a chorar. Teria preferido a trovoadas, as lágrimas de Maria deixavam-no indefeso. Entrou na cozinha e sentou-se à frente dela. O padrão de pequenos remoinhos nos veios da madeira da mesa fazia lembrar impressões digitais, e Vincent seguiu os arcos e curvas com o dedo indicador.

Ponderou pegar na mão de Maria, pousada à sua frente, com a aliança de casamento a brilhar no dedo anelar. Porém, precisamente quando estava prestes a colocar a sua mão sobre a dela, Maria recolheu-a e pousou-a na perna. Vincent evitou encarar o seu olhar, sabia que iria ver-lhe os olhos marejados e o lábio inferior a tremer.

— Não foi minha intenção ser insensível — disse-lhe com os olhos postos no tampo da mesa. — Mas não importa quão estúpido foi da minha parte não dizer nada, e reconheço que fui estúpido, porque isso não altera nada agora. Claro que devia ter reservado o dia da festa dos setenta anos do Leif logo no outono passado, mas cometi um erro. E agora temos de nos adaptar a essa realidade, por mais estúpida que a consideremos.

Maria fungou algumas vezes, bebeu um grande trago do chá verde e fez uma careta. Vincent não conseguia compreender por que motivo ela

continuava a beber litros e litros daquela bebida todos os dias, quando nem sequer gostava do sabor. Não obstante, o chá verde e os seus benefícios para a saúde eram um dos muitos cavalos de batalha de Maria. Durante algum tempo, tentara obrigá-los, a ele e aos miúdos, a beber também aquele horror, mas gerara-se praticamente a anarquia total e Maria tivera de desistir ao fim de alguns dias.

Vincent levantou-se, foi até ao armário da cozinha por cima do lava-louça e pegou numa chávena. Era uma chávena de cerâmica que fazia par com a de Maria, com a diferença que o texto na dele dizia Picha Prendada. Vincent abanou a cabeça. A repetição de várias letras atraía-o e havia algo divertido na forma como as consoantes saltavam entre as vogais. Por outro lado, incomodava-o imensamente o facto de as letras estarem posicionadas de forma desigual, quão difícil poderia ser escrever numa linha direita?

Já o próprio significado das palavras era provavelmente mais duvidoso e os adolescentes só se divertiam moderadamente com o humor de Maria. Apesar disso, todas as objeções sobre o assunto eram refutadas por longas exposições sobre a sexualidade não ser algo feio e que todos deviam aprender a sentir-se um pouco mais à vontade com termos sexuais. O que era bastante irónico, tendo em conta quão desconfortável ela própria ficava no momento em causa. No presente, Maria só conseguia ter sexo se as luzes estivessem apagadas, as cortinas fechadas e nenhum deles dissesse uma palavra. Nem sempre fora assim, o que levava Vincent a suspeitar de que o comportamento estava relacionado com o facto de ser com ele que ela tinha de fazer sexo. Ainda assim, não acreditava que ela ousasse pronunciar as palavras escritas na sua caneca em voz alta se alguém lhe perguntasse o que dizia.

Era verdade que a ambição de abertura era um princípio real de Maria, Vincent admitia isso e não exigia à mulher que ela transformasse todas as

suas palavras em atos; porém, por vezes, irritava-o que ela acreditasse piamente que o fazia.

Noutros tempos, houvera uma Maria diferente. Subitamente, apareceu-lhe na mente uma imagem rápida de Maria, transpirada e selvagem, debaixo dele ali na mesa da cozinha, a mesma mesa cujos veios ele agora percorria com o dedo.

Vincent pensou em Mina, perguntou-se se a Polícia tinha encontrado impressões digitais naquela caixa de espadas. Provavelmente não. Devia perguntar-lhe como é que essas coisas eram analisadas na prática da próxima vez que se vissem.

— Então como é que achas que devemos fazer? — perguntou Maria. — Com a festa, digo.

Vincent levantou-se, serviu-se de café e voltou a sentar-se. Olhou com atenção para o rosto de Maria, tinha esperança de que o pico súbito de adrenalina no seu sangue tivesse diminuído um pouco antes de continuarem a conversa, mas ela continuava com o rosto vermelho de raiva e as lágrimas tinham-lhe ficado presas nas pestanas.

— Sinceramente, não tenho a certeza do que é que o Umberto pode fazer. Setecentas pessoas já compraram bilhetes para o espetáculo, não o posso adiar ou cancelar. Tens de ser tu a decidir o que queres fazer em relação à festa, se vais ou não.

Vincent bebeu o café; estava para lá de torrado.

— Se vou ou não? — repetiu Maria e bebeu um grande trago do chá verde. — O que queres dizer com isso? A que propósito é que não havia de ir à festa dos setenta anos do meu pai?

A voz falhou-lhe na última frase e Vincent não sabia o que responder. Acabavam sempre ali. A lógica impunha-se, Vincent não podia ir à festa, Maria teria de ir sozinha com as crianças. Talvez pudesse olhar para isso

como uma oportunidade de reservar o tempo para si própria? Além de que Aston adorava o avô materno. Ou então poderia optar por ficar em casa. Porém, também sabia que Maria o apanhara.

— Já sabes o que costuma acontecer quando vou contigo — acabou por admitir, como forma de se antecipar a ela.

Dobrou os dedos dos pés por baixo da mesa, o assunto provocava-lhe sempre uma sensação de picadas. Vincent já deixara aquilo para trás, o facto de todos os outros insistirem em continuar a bater na mesma tecla não era de todo um problema dele, mas, ainda assim, era algo que lhe atiravam à cara em todos os jantares de família.

— Não quero que eles pensem que estamos a ter problemas — respondeu Maria.

E lá estava, a raiz de toda aquela discussão. As aparências eram muito importantes para Maria, principalmente perante a sua família. Fora um escândalo sem precedentes quando Vincent deixara a sua então esposa, Ulrika, pela irmã oito anos mais nova, Maria. Não fora uma decisão bem recebida, o que era perfeitamente compreensível. Mas não para todo o sempre, afinal já tinham passado quase dez anos, a família tinha tido tempo de sobra para se acalmar. Não era racional continuarem a ter opiniões tão inflamadas, quase uma década mais tarde. Além do mais, opiniões sobre assuntos com os quais não tinham rigorosamente nada que ver. Era ilógico, injustificado, e fazia com que fosse difícil para Vincent relacionar-se com eles. Portanto, não tinha informado o seu agente sobre a data da festa de aniversário. Por vezes, o mais lógico era evitar situações ilógicas e complicadas.

— Bem, a Ulrika ia adorar pensar que estávamos a ter problemas — disse Maria. — É uma esperança que mantém há anos, que nós nos

separemos, que tu me deixes, de preferência por outra pessoa. Ou que queiras voltar para ela. Uma vez até disse abertamente que...

Vincent já ouvira aquela conversa muitas vezes, o remoar do que tinha sido.

— E depois? — interrompeu-a. — Ela só tem poder sobre ti se tu lho deres.

— E não tem poder sobre ti, queres ver? Vocês falam várias vezes por mês!

— Maria, eu e a tua irmã temos filhos em conjunto. Mas somos nós os dois que vivemos juntos.

— Tu e eu também temos filhos juntos — respondeu Maria.

— Sim, mas às vezes pergunto-me se o Aston sabe que tem um pai — disse Vincent. — Acho que, se o Aston pudesse, casava-se contigo.

Maria ficou com um sorriso microscópico num dos cantos da boca, mas que desapareceu rapidamente e foi substituído pela mesma expressão sombria de antes. Abriu a boca para dizer algo mais.

Vincent já não aguentava ouvir mais nada e olhou fixamente para a caneca à sua frente. Picha Prendada tinha treze letras, oito consoantes e cinco vogais. Treze-oito-cinco. Pegou no telemóvel por baixo da mesa e procurou 1385 na Wikipédia. No ano de 1385, o rei norueguês Olaf autoproclamou-se rei da Suécia. Vejam só. Olaf, ou melhor, Olof na grafia sueca, era o nome do meio de Benjamin, o seu filho. Ele — a caneca — a Picha Prendada — 1385 — o rei Olof — Benjamin — ele. O círculo fechava-se. Vincent apercebeu-se demasiado tarde que Maria acabara de dizer alguma coisa precisamente sobre Benjamin.

— E diz aos teus filhos adolescentes que não podem, de maneira nenhuma, chamar-me tia na festa. A Ulrika adora quando eles fazem isso.

As lágrimas tinham secado e Vincent viu que Maria estava agora mais

zangada do que triste. O que, em muitos aspetos, era mais fácil de gerir.

— Prometo que vou falar com eles — respondeu-lhe, guardou o telemóvel no bolso e levantou-se.

— A propósito de me deixares, quando é que estás a pensar dizer alguma coisa sobre aquela polícia? — perguntou Maria.

Vincent sentou-se novamente. O tom da mulher revelava que tinha deliberadamente guardado aquela pergunta para uma altura em que Vincent tivesse baixado a guarda.

— O que queres dizer com isso? — perguntou-lhe.

— Sei que vocês se encontraram no Rival — respondeu ela.

— Sim, eu contei-te que tinha uma reunião — acrescentou Vincent.

— Não me interrompas! — explodiu Maria. O novo assunto não parecia deixá-la menos zangada. — Tu também não estás totalmente presente quando estás aqui. Em que é que andas a pensar, Vincent? Sobre onde é que vão foder da próxima vez? Que foi tão bom da última? Ou os sofás do Rival não tinham a altura certa para a foderes por trás? Se calhar, até devia agradecer-te por não a trazeres cá para casa. Por enquanto.

Vincent apoiou o rosto nas mãos, numa tentativa de se acalmar. Quando os ciúmes de Maria primeiro se revelaram, Vincent ficara furioso. O ciúme não estivera presente desde o início, porém, crescera à medida que o relacionamento se deteriorara. Vincent acabara por aprender a controlar-se, mas ainda reagia fortemente, não conseguia evitá-lo, a acusação de traição atingia algo de primitivo nele, algo na sua essência mais íntima. Claro que sabia que os ciúmes de Maria não dependiam dele, mas sim dela própria. Como tudo o resto.

— Maria, meu amor — começou por dizer, enquanto controlava a sua respiração, numa tentativa de afastar a adrenalina que queria tomar conta da situação. — Se é isso que pensas, então, é uma sorte estares a estudar com

um grupo de miúdos de vinte e cinco anos, tens muito por onde escolher. Mas a última vez que eu me encontrei com a Mina foi na esquadra da Polícia. Vou ajudá-la. A eles, à equipa da Polícia. Se te vais pôr com essas coisas, torna-se impossível para mim fazer isso. O que achas que lhes devo dizer?

Maria olhou para ele e voltou a fungar.

— Quero o número de telefone desse grupo — respondeu-lhe.

— Oh, meu... Claro que sim, um número de telefone, obviamente. Mas agora tenho mesmo de me ir embora. Peço desculpa pelo erro com a data da festa de aniversário, depois compenso-te de alguma maneira.

Levantou-se e acariciou-lhe o rosto desajeitadamente. Maria deixou-o fazê-lo. Vincent foi para o corredor, calçou os sapatos e agachou-se para atar os atacadores novamente. Ele bem sabia, claro que não ficaram tão perfeitos como da primeira vez, mas teria de servir. Saiu e conseguiu percorrer quase todo o trajeto através da neve que cobria o relvado à porta de casa, antes de se deter para desatar os atacadores e atá-los novamente. Alguma ordem havia que manter.

Mina estava sentada num táxi a caminho do Instituto de Medicina Legal, que ficava em Solna, nos arredores da cidade. Não vinha diretamente da sede da Polícia, tinha estado noutra reunião, mais privada. Nenhum dos seus colegas sabia que ela, uma vez por semana, ou quando sentia necessidade, frequentava reuniões dos Alcoólicos Anónimos. Não havia motivo para o saberem, principalmente porque ela não era alcoólica. No seu caso, tinha sido outra coisa, durante um período. Um período demasiado longo, que lhe custara demasiado caro. E continuava a pagar o preço pelo seu erro todos os dias. Não obstante, era um assunto que só a ela dizia respeito.

O local dos encontros ficava em Kungsholmen, apenas a meio quilómetro da esquadra, e fora por isso que optara pelos Alcoólicos Anónimos em vez dos... enfim, do outro grupo. Esse não ficava tão próximo e, para ela, os AA serviam o mesmo propósito e função, a ideologia era praticamente a mesma. E na eventualidade de se encontrar com algum colega no caminho, podia simplesmente dizer que estava a voltar do trabalho para casa.

Quando saiu do táxi, cingiu o casaco ao corpo para se proteger do frio. Não havia realmente nenhuma razão para os colegas saberem coisas da vida dela. Mina tinha muita dificuldade em compreender a forma como algumas pessoas partilhavam generosamente pedaços das suas vidas privadas só porque trabalhavam juntas. E os colegas, ao fim de algumas tentativas

iniciais, aprenderam que não valia a pena fazerem-lhe perguntas sobre qualquer outra coisa que não trabalho.

Foi autorizada a aceder às instalações do Instituto de Medicina Legal, vestiu o fato protetor e colocou a máscara, preparando-se para entrar na sala de autópsias. Bateu ao de leve na porta e ouviu um «entre».

Milda Hjort não olhou para Mina quando ela entrou, sabia que a colega estava a caminho e permaneceu totalmente focada no corpo à sua frente. Mina aproximou-se e postou-se ao lado dela. Observou, fascinada, a caixa que repousava em cima da mesa brilhante e esterilizada, ao lado do corpo.

A caixa em si, por outro lado, não estava propriamente esterilizada. Sangue, tufo de cabelo, massa encefálica e uma série de outros componentes humanos encontravam-se espalhados um pouco por toda a parte na madeira clara. Um homem de cerca de cinquenta anos, que Mina assumiu ser um técnico forense, trabalhava concentradamente. Documentava e examinava a caixa, enquanto Milda se concentrava no corpo. O Instituto de Medicina Legal era apenas a primeira paragem para a caixa do crime, e Mina sabia que o objeto estava ali porque devia ter sido difícil remover o corpo do seu interior sem destruir potenciais provas. Na verdade, deveria ter ido diretamente da sede da Polícia para o Centro Forense Nacional, o CFN, em Linköping. Como se tivesse ouvido os seus pensamentos, o homem fez um gesto com a cabeça e afastou-se da caixa.

— Já terminei. Vou certificar-me de que é recolhida e enviada para Linköping.

— Obrigada — respondeu Milda sem levantar os olhos do corpo.

O homem saiu da sala, onde as duas mulheres ficaram juntamente com o assistente de Milda, Loke, um jovem extremamente inibido socialmente, com quem Mina, apesar de há vários anos frequentar a sala de autópsias, nunca trocara uma única palavra.

— Que raio de confusão vai para aqui — disse Milda. — Não foi nada fácil tirá-la da caixa, o corpo entrou em *rigor mortis* na posição em que ela estava sentada. Já sabem quem é?

— Ainda não, mas estamos a trabalhar nisso. Na pior das hipóteses, vamos ter de nos virar para a comunicação social, mas prefiro fazê-lo apenas em última instância.

— Pois, compreendo.

Milda virou o olhar para a caixa e Mina caminhou lentamente à sua volta para a observar de todos os ângulos.

— Alguma vez tinhas visto uma coisa destas? — perguntou.

— Já vi muita coisa — respondeu Milda. — Mas isto é novo, tenho de admitir. O teu colega Ruben também cá esteve.

— O que é que o técnico disse especificamente sobre a caixa?

— Não muito. É feita de contraplacado, pregado e colado em forma de cubo. Mas há pormenores estranhos, como se originalmente tivesse sido pensada de outra maneira. Não me diz nada. Pequenas fendas nas laterais, adaptadas à largura e espessura das espadas. E depois temos, claro, as próprias ferramentas do homicídio.

Milda fez um sinal com a cabeça para outra mesa, onde uma série de recipientes de plástico transparente estavam alinhados, com uma espada em cada um. Mina aproximou-se e observou-as, fascinada. Todas as espadas eram idênticas, inteiramente feitas de metal, com uma lâmina comprida e uma pega que terminava com uma guarda, para evitar que a mão deslizesse sobre a lâmina. As espadas estavam ensanguentadas e pegajosas com fragmentos do corpo da vítima. Mina pegou no telemóvel e fotografou-as, apanhando ora um grande plano, ora todos os detalhes que conseguiu obter através do plástico. Depois voltou para perto da caixa de madeira e também a fotografou de todos os ângulos.

— É preciso ter muita força para fazer as espadas atravessarem o corpo?
Milda assentiu com a cabeça.

— É verdade que estas espadas são incrivelmente afiadas, mas, ainda assim, fazê-las atravessar um corpo de um lado ao outro com tanta precisão, de forma a passarem exatamente nos buracos do outro lado da caixa... Sim, acho que é preciso tanto força como precisão.

— Algo que salte à vista como particularmente estranho? Tirando o mais óbvio, evidentemente. Um pormenor específico na caixa ou nas espadas que me possa ser útil?

— O meu departamento são corpos mortos — respondeu Milda. — Acho que o melhor é fazeres as perguntas sobre a caixa quando os técnicos forenses do CFN já a tiverem analisado. Mas, desde que o faças com todo o cuidado, podes dar uma vista de olhos também, ela vai ficar aí até a virem buscar.

Mina assentiu com a cabeça e passou os olhos pela sala. Até sentiu um arrepio de prazer ao confirmar a limpeza extrema daquele local. À exceção da caixa, não havia ali qualquer tipo de desordem, nenhuma sujidade ou bactérias. O cheiro dos produtos desinfetantes, maravilhosamente corrosivo, pairava-lhe junto das narinas. Mina poderia muito bem viver ali, naquela sala. A ansiedade constante que sentia oprimir-lhe o peito diminuiu e, em vez disso, um calor relaxante espalhou-se-lhe pelo corpo. Seria assim que as pessoas normais se sentiam quando vagueavam, despreocupadas, pelo mundo sujo lá fora?

Mina acedeu às fotografias que acabara de tirar às espadas com o telemóvel e observou-as atentamente; era mais fácil do que manusear os recipientes. Viu um detalhe que a levou a aumentar várias vezes a imagem.

— De onde é que vêm estas marcas? — perguntou.

— Desculpa?

— As marcas — repetiu Mina. — Há aqui umas marcas nos cabos das espadas.

Milda aproximou-se dos recipientes e inclinou-se para poder observar os cabos mais de perto. Mina tentava ignorar o corpo em cima da mesa de autópsias, mas não conseguia deixar de ver, pelo canto do olho, como Loke trabalhava.

— Tens razão — disse Milda. — Parece que estiveram presas a qualquer coisa. Mas não faço ideia do que poderá ter sido.

— Não tens nenhuma teoria?

— Não, como te disse, a minha área são corpos mortos, não objetos. Vais ter de esperar pelo relatório de Linköping.

Mina tirou umas últimas fotografias à caixa.

— Ligas-me se encontrares alguma coisa? — perguntou.

— Claro que sim.

— Quanto tempo achas que a caixa ainda vai ficar aqui?

— Umas poucas horas. Ainda têm de encontrar alguém que a possa levar até lá.

Mina assentiu com a cabeça. Milda era uma profissional capaz, e Mina teve de admitir relutantemente para si própria que também Ruben, que fora encarregado de obter mais informações sobre a caixa, era bom no que fazia. Além do mais, Ruben tinha uma memória quase fotográfica que, muitas vezes, se mostrara um recurso inestimável. A razão pela qual fora despachado do seu anterior departamento para a equipa deles não tinha que ver com incompetência, tinha que ver com o movimento #MeToo. Não obstante, tanto ele como Milda careciam de um quadro de referência importante. Para eles, a caixa era apenas uma arma do crime, mas Vincent poderia fornecer-lhes informações importantes sobre a sua ligação ao ilusionismo. Ele tinha estado na reunião e nem sequer aproveitaram a

oportunidade para lhe perguntar. Todavia, neste momento, Mina confiava mais nos conhecimentos específicos de Vincent do que em qualquer conclusão a que Ruben pudesse chegar. Ruben podia dizer o que quisesse, mas Mina tinha de conseguir colocar Vincent na mesma sala que a caixa. Antes de ela desaparecer para o Centro Forense Nacional.

Inspirando fundo, agarrou na maçaneta da porta e rodou-a lentamente. Uma parte de Mina não queria deixar aquele maravilhoso ambiente estéril e sair para a sujidade, mas, ao mesmo tempo, sabia que não tinha escolha, a porcaria não podia ser evitada.

O taxímetro parou nas quatrocentas e trinta e sete coroas suecas.

— Desculpe — disse Vincent e inclinou-se para o taxista —, é possível avançar mais alguns metros, por favor?

— Mas parei precisamente à frente da entrada — respondeu o condutor, ligeiramente contrafeito.

— Sim, sim, e estaria muito bem, sem dúvida. Mas agradecia que avançasse mais alguns metros.

O motorista, que, de acordo com o cartão de identificação do táxi, pendurado no para-brisas, se chamava Yusef, abanou a cabeça e fez o que Vincent lhe pediu. Quando o taxímetro chegou às quatrocentas e quarenta e quatro coroas, Vincent gritou-lhe que parasse. Yusef encolheu os ombros e abanou novamente a cabeça, mas parou.

— Você é que é o cliente, faço o que me mandar. Aqui está melhor?

— Está perfeito — respondeu Vincent e pagou. Saiu do carro e teve de dar um grande passo para evitar a poça de neve meio derretida em cima da qual o táxi parara.

Viu Mina atrás do vidro da entrada do Instituto de Medicina Legal. Ela recebeu-o com um aceno da cabeça, em vez de lhe apertar a mão, e Vincent presumiu que era porque não teria consigo o álcool-gel.

— Obrigada por ter vindo tão depressa — disse-lhe.

— Não tem nada que agradecer — respondeu Vincent, com sinceridade.

— Onde é que está a caixa? E não era o Ruben que tinha ficado de a

analisar? — perguntou, pondo-se de seguida a olhar em volta; nunca tinha estado naquele edifício.

— Já a analisou. A caixa está agora com a Milda, a nossa médica-legista, e os técnicos forenses também já fizeram uma análise preliminar. Depois vai ser enviada para Linköping, juntamente com as espadas, para uma análise mais aprofundada. Mas ainda nos resta algum tempo antes de a virem buscar, e queria que o Vincent lhe desse uma vista de olhos, porque pensei que provavelmente a iria observar de uma perspetiva completamente diferente da nossa. E, quem sabe, recolherá alguns elementos para aquele perfil que a Julia lhe pediu para fazer.

— Não tinha a certeza se ela estava a falar a sério — respondeu Vincent.

Subiram pelas escadas alguns andares e Vincent observou Mina pelo canto do olho. Era a pessoa mais interessante que conhecera em muito tempo, com ou sem corpos mutilados associados.

— Por aqui — disse Mina e avançaram por um corredor comprido.

Mina foi à frente e Vincent seguiu-lhe o cabelo escuro apanhado num rabo-de-cavalo, a balançar de um lado para o outro, quase como se o quisesse hipnotizar. Entraram num vestiário para se equiparem com fatos de proteção e, de seguida, Mina abriu a porta para uma grande sala estéril com mesas de autópsia de metal brilhante. Estava limpa, vazia; era tal qual na televisão. No extremo oposto da sala, lá estava a caixa.

Vincent parou de repente. Há muito tempo que não via uma na vida real e era algo completamente diferente de a ver nas fotografias de Mina. Evocava memórias, memórias que Vincent pensava terem desaparecido há muito tempo, embora soubesse que dificilmente isso viesse a acontecer. Ele, melhor do que ninguém, sabia tudo sobre a capacidade do cérebro de armazenar informação. Nada desaparecia para lado nenhum. Tudo permanecia nos interstícios do cérebro, à espera de reaparecer quando

menos se esperava. Vincent só não pensara que aquelas memórias específicas alguma vez tivessem oportunidade de reaparecer.

— Parecia-me mais pequena nas fotografias — disse num tom pensativo. — Mas isso também faz parte da ilusão, a caixa deve dar a impressão de ser mais pequena do que realmente é, para parecer ainda mais impossível que a assistente consiga escapar às espadas. Bom, não era bem essa a intenção neste caso, obviamente.

A caixa estava em cima de uma mesa metálica baixa e Vincent agachou-se à sua frente.

— Posso tocar-lhe? Ou corro o risco de destruir provas?

— Depende. Quer que as suas impressões digitais sejam encontradas quando ela for analisada? — respondeu Mina.

— Pois, bem visto — disse Vincent e recuou um passo. — Parece que alguém se deu ao trabalho de fazer uma pesquisa. Esta caixa de espadas é considerada uma das primeiras ilusões a serem apresentadas em palco. Entrou num espetáculo do coronel Stodare, no Egyptian Hall, em Londres, em 1865. Um ano depois, ele explicou como funcionava. Mas, claro, na versão dele, era um cesto, a caixa só apareceu mais tarde. Mas que horror alguém ver-se enfiado numa coisa destas!

— Não gosta de espaços apertados?

— Nem me diga nada. Saio à minha mãe. Só de pensar nisso, até tenho pesadelos.

Vincent enfiou a cabeça na caixa e observou os buracos para as espadas, certificando-se de que não respirava com demasiada força através da máscara. Os buracos estavam todos nos sítios errados, pelo menos se a intenção fosse que a assistente sobrevivesse.

— Algumas pessoas terminam a ilusão mostrando a caixa vazia —

explicou. — E depois a assistente aparece algures no meio do público. Eu pessoalmente nunca percebi o fascínio.

Vincent receara que a caixa tivesse cheiros. Fluidos corporais, sangue, suor, talvez urina. Mas não cheirava rigorosamente a nada, apesar das enormes manchas de sangue que tinham tingido a madeira não tratada de forma permanente.

— Como assim? A mim parece-me um truque ainda melhor! — respondeu Mina.

— Pense bem, a ilusão é baseada no facto de a assistente que está a ser trespassada por espadas, sobreviver. Então, se a caixa a seguir é exibida vazia, porque ela afinal está noutro lado, o primeiro efeito é anulado. Ela nunca esteve dentro da caixa. O que quer dizer que as espadas eram desnecessárias. Claro que com esta caixa isso seria impossível — explicou Vincent e apontou para a parte traseira, onde era suposto estar uma tampa secreta. — Não há maneira de sair daqui.

Levantou-se e esticou as pernas.

— É mesmo preciso pensar tanto? — comentou Mina. — É só um truque de ilusionismo.

— Precisamente. É quando não se pensa tanto que se torna «só» ilusionismo. É engraçado assistir a isso, mas não se tem a certeza se se percebeu do que se tratava. E as espadas?

— Estão ali — respondeu Mina e apontou para uns cilindros de plástico transparente em cima de uma mesa, ao lado da caixa. — Estão dentro dos recipientes para que o sangue possa secar. Além disso, se alguém acabasse por se cortar, seria um bocado estúpido, enfim... Vão ser enviadas para o CNF a fim de preservar o ADN e proceder à recolha de impressões digitais. Mas ainda pode levar algum tempo até termos respostas.

— O CNF? — perguntou Vincent?

— O Centro Nacional Forense. Fica em Linköping — esclareceu Mina.

— Acho que isto não nos vai levar a lado nenhum, isto é, para se traçar um perfil — disse Vincent e pegou num dos recipientes cilíndricos. Observou atentamente a espada que estava no interior, de todos os ângulos. — É uma *Condor Grosse Messer*. Cheguei a pensar que seria uma *Falchion*, têm lâminas bastante semelhantes, mas, ao contrário da *Falchion*, a *Messer* tem uma textura escamosa no punho. Aqui.

Estendeu o cilindro na direção de Mina para que ela pudesse ver melhor. Mina inclinou-se para a frente, estudou a espada atentamente e assentiu com a cabeça. Depois olhou para ele.

— Posso perguntar-lhe como é que sabe essas coisas? Ilusionismo é uma coisa, faz parte do seu mundo, mas isto?

Vincent riu-se.

— Houve uma altura na minha juventude em que era fã de RPG.

— RPG? O que é isso?

— Jogos de representação. Fazia parte de um grupo que se encontrava para representar cenas da Idade Média.

— Uau... Imagino que o sexo não fosse um tema a que dedicasse muita atenção.

Vincent riu-se do comentário inesperado e a gargalhada ecoou desconfortavelmente entre as paredes do ambiente estéril.

— Muito menos do que aqueles que usavam espadas de esferovite, talvez. Além disso, há alguma mulher que não sonhe com um audaz cavaleiro andante?

— Sim... e o Vincent deveria ser bastante audaz — respondeu Mina, e Vincent sentiu-se corar. — Mas adiante. Então esta é uma...?

— Uma *Condor Grosse Messer*. Pesa cerca de dois quilos, a lâmina é

feita de uma folha de aço, chamado aço carbono 1075, e é fabricada no Equador. O punho é feito de nogueira europeia e americana.

— Pronto, agora passou do tal RPG para uma Wikipédia ambulante. Vou esquecer o assunto por agora... Mas porque é que acha que não nos vai levar a lado nenhum?

Vincent sopesou o cilindro na mão, sentiu o peso da espada. Depois colocou-a novamente em cima da mesa, ao lado das outras espadas idênticas, dentro dos seus cilindros.

— Não são, de forma alguma, espadas invulgares. Há imensas disponíveis no mercado e, para além das novas, também há um grande mercado de artigos em segunda mão. Podem ter sido compradas usadas, daí que ache difícil rastreá-las até um comprador ou vendedor específico. A pessoa que fez uma coisa assim tão estudada e planeada não se iria deixar apanhar por causa de uma espada.

— Devia estar com esse comentário na ponta da língua. Mas há quanto tempo? — perguntou Mina com um sorriso nos olhos.

— Há demasiado tempo, aparentemente.

— E a caixa? O que tem a dizer sobre ela? É preciso algum conhecimento especializado para construir uma coisa destas?

Vincent inclinou-se outra vez sobre a caixa e enfiou lá a cabeça.

— Acho que a caixa vai ser uma pista melhor, neste caso. Quantas pessoas sabem sequer o que isto é?

— Acha que foi feita em casa? Onde é que se poderia encomendar uma coisa destas?

Os joelhos de Vincent estalaram quando se endireitou.

— Poderá tratar-se das duas coisas — respondeu. — Se tivesse sido encomendada de um fabricante, teria, ainda assim, de ser feita à medida das dimensões da pessoa que esteve lá dentro. Também é possível comprar

desenhos técnicos, para quem quiser construir sozinho. É apenas uma questão de saber onde procurar.

— Seria interessante ver como são esses desenhos — comentou Mina.

— Como disse, a pessoa que construiu isto teve de partir de algum lado, o que significa que ele ou ela tem de ter estado em contacto com alguém deste meio. Isto se não tiver sido simplesmente encomendada. Posso começar por contactar os fabricantes que conheço. Não é uma lista muito grande. Vou ter com o meu agente daqui a pouco, mas a seguir posso dedicar-me a isso.

— Agradecia-lhe imenso — respondeu Mina a abanar a cabeça de tal forma que o rabo-de-cavalo balançou de um lado para o outro. — Precisamos de toda a ajuda possível.

Começaram a dirigir-se para a porta.

— Espero que esta ideia não tenha sido descabida, que isto lhe tenha fornecido material para estabelecer um perfil — acrescentou Mina.

Vincent parou e virou-se para ela.

— Construir uma caixa daquelas leva tempo — disse-lhe. — Por isso, foi alguém que planeou isto ao pormenor, de uma forma completamente fria. Ao mesmo tempo, parece-me uma coisa demasiado agressiva para não ser um ato emocional. Acho que há um conflito na forma como foi feito que me deixa confuso, mas não me atrevo a dizer mais nada ainda, não quero fazer um retrato do suspeito às três pancadas. Preciso de tempo para digerir isto tudo. Já agora, chegaram a alguma conclusão sobre aqueles traços na pele? O número no corpo dela, digo.

— Não, ainda não. Mas pedi à médica-legista para confirmar nos relatórios se já houve outros casos assim. Só que ainda não sabemos se são mesmo números. É só uma hipótese. A sua hipótese.

— Acho que vale a pena investigar. Tenho pensado nisso e continuo a

achar que um número é a explicação mais provável. Mesmo que a Julia não concorde. Talvez seja tudo o que precisam para encontrar o vosso assassino, em vez de um perfil psicológico feito por mim.

A porta abriu-se antes de eles poderem alcançá-la e tiveram de dar um passo rápido para trás de forma a evitar que ela lhes batesse na cara. Ruben estava do lado de fora e pareceu ficar furioso quando viu Vincent e Mina.

— O que é que ele está aqui a fazer? — perguntou bruscamente olhando para Vincent.

— Ordens da Julia, só estou a fazer o que me mandaram — respondeu Mina e encolheu os ombros o mais casualmente que conseguiu. — E tu, onde é que estiveste?

— Há aqui algumas... médicas forenses simpáticas com quem costumo ir tomar um café — respondeu Ruben e passou por eles.

Quando saíram para o corredor, Vincent olhou para Mina de lado.

— Porque é que senti um certo clima de tensão? — perguntou-lhe.

— Deixe-me pôr as coisas da seguinte maneira — respondeu Mina. — É verdade que a Julia lhe pediu para traçar um perfil, mas isso vai acontecer à margem da investigação formal, para não criarmos ansiedade e conflitos no seio da equipa. Ela pediu-me para «tratar» de si, e sim, é uma citação exata. Também vamos precisar de contar com o Jan Bergsvik, o nosso psicólogo criminal, mais cedo ou mais tarde.

Mina fez uma careta antes de continuar.

— A Julia deu-me autorização para o contactar, mas ela não está totalmente convencida. E os outros... por eles, o Vincent não faria parte do grupo. Quero mesmo a sua ajuda, mas tenho receio de que não nos deem ouvidos. Principalmente o Ruben. Acho que estaremos os dois por nossa conta.

— Talvez possa tentar encantá-los com a minha personalidade flexível —

comentou Vincent.

— Pois, já que correu tão bem da última vez... — respondeu Mina secamente.

Vincent não levou a mal, as regras sociais não eram tão evidentes para ele como para as outras pessoas. Fora obrigado a aprendê-las conscientemente, e era por isso que se tinha tornado tão bom a controlar as pessoas em palco. Precisara de aprender ao pormenor como se fazia e, ainda assim, só costumava funcionar precisamente aí, em cima de um palco, sendo a sua excêntrica família um eloquente exemplo.

De certa forma, era um alívio que Mina soubesse disso, tornava-se tudo um pouco mais fácil.

— O tal perfil — disse ela —, que dados reuniu até agora?

— Ainda não tenho uma análise completa, ainda há demasiadas variáveis. O que me intriga é que existem elementos tanto de organização como de desordem. Na mesma pessoa. E isso é invulgar. Não é impossível, mas é invulgar.

Mina franziu a testa.

— Desculpe — disse Vincent. — Depois explico melhor, só preciso de alinhar as ideias. Mas obrigado por me ter deixado observar a caixa, foi bastante proveitoso. A propósito de análises, tem a noção de que o Ruben gostaria de a levar para a cama, ou não sabia disso? A expressão corporal dele quando se inclinou para si e a maneira como as pupilas se dilataram...

Mina interrompeu-o.

— Por amor de deus, Vincent. Não é preciso ser nenhum mentalista para saber isso. O Ruben quer ir para a cama com toda a gente.

— E se tivesse participado nos jogos de encenação da Idade Média teria conseguido! A não ser que seja um tipo que usa uma espada de esferovite. Acha que é um tipo da espada de esferovite?

O riso de Mina ecoou pelo corredor. Era um som bonito, um som que trazia felicidade. Vincent nem sequer contou o número de gargalhadas.

Era praticamente impossível, e Christer Bengtsson sabia-o. Suspirou profundamente, sentado ao computador, prosseguindo com a lenta e monótona tarefa de rever todos os relatórios sobre pessoas desaparecidas. O público ficaria surpreso se soubesse quantas pessoas desapareciam na Suécia, todos os anos, apesar de a maioria, muito provavelmente, o fazer voluntariamente.

Tinham estimado a idade da vítima entre os vinte e os trinta anos. Porém, se já era difícil determinar a idade de alguém em vida, era ainda mais complicado fazê-lo com um corpo morto. Christer voltou a observar as fotografias que recebera da médica-legista, para as comparar com as imagens das mulheres desaparecidas: cabelo louro pelos ombros, olhos azuis, provavelmente uma rapariga bonitinha em vida. Voltou a olhar para o monitor, percorrendo as imagens. Havia umas quantas que se encaixavam na descrição geral, raparigas louras de olhos azuis eram muito comuns na Suécia, mas nenhuma que fizesse Christer desconfiar de que pudesse corresponder à fotografia em cima da sua secretária.

Quanto a si, só tinha tido relacionamentos com mulheres de cabelos escuros, isto é, considerando os poucos relacionamentos que tivera. Com certeza haveria uma explicação freudiana ligada ao cabelo negro da sua mãezinha. Mas Christer continuava a viver sozinho, pois nenhuma das mulheres com quem tentara encetar uma vida a dois acabara por ficar. O que também nunca o surpreendera verdadeiramente, desde o início de

qualquer relacionamento soubera que, mais cedo ou mais tarde, as coisas iriam terminar. Nunca ficou com a sensação de ter encontrado a pessoa certa e o amor não era uma constante. Nada era uma constante. Só o clima. Bem, embora nem isso fosse uma constante, a acreditar naquela maldita Greta Thunberg.

Voltou a concentrar-se no monitor do computador. Estendeu a mão para a chávena de café e bebeu um grande trago, mas acabou por cuspir o líquido de volta para a chávena com um esgar. Café frio sabia horivelmente! Os rostos foram passando no ecrã, uns atrás dos outros, mulheres jovens e cheias de esperança, embora fosse apenas uma questão de tempo, para elas como para toda a gente, até que a vida se encarregasse de sugar essa esperança. Christer sentia-se agradecido por a mãe lhe ter ensinado, desde cedo, que a vida só tinha deceções e desespero para oferecer. Se as pessoas se apercebessem disso mais cedo, as suas vidas seriam certamente um pouco mais fáceis. Tantas pessoas esgotadas e deprimidas por todo o lado. Christer estava convencido de que tudo resultava de expectativas exageradas sobre o que a vida tinha para oferecer e da inevitável deceção que se seguia.

Os rostos continuaram a desfilar pelo monitor. Christer voltou a levar mecanicamente a mão à chávena de café, bebeu outro trago e praguejou novamente quando sentiu, pela segunda vez, que o café estava frio. Cuspiu o líquido e olhou fixamente para o interior da chávena. A vida. Era simplesmente horrível, a vida.

Vincent ajustou a disposição das bolachas em cima da travessa, para que ficassem duas filas com quatro bolachas cada. Estava no escritório do seu agente, a ShowLife Productions, na Avenida Strandvägen, em Estocolmo. Tentou reprimir as imagens mentais da caixa, que o perseguiram desde a visita ao Instituto de Medicina Legal. E a de Mina ao seu lado. Mina com o seu rabo-de-cavalo.

Concentra-te.

No início da sua colaboração com a ShowLife serviam-lhe sempre bolos refinados, *biscotti* de pistacho e tabletes de chocolate negro nas reuniões. Porém, à medida que a colaboração progrediu, a necessidade do seu agente de impressionar Vincent foi-se desvanecendo, pelo menos de uma forma tão superficial. O facto de a travessa à sua frente estar agora novamente enfeitada com bolachas feitas à mão da confeitaria Tösse, uma das mais requintadas de Estocolmo, era um mau sinal. Bem, não que os bolos da Tösse fossem maus, mas queria dizer que Umberto tinha alguma na manga.

Umberto viera para a Suécia há quinze anos, mas o seu sotaque italiano era por demais evidente. Vincent suspeitava de que Umberto, com alguma razão, considerava que o sotaque o fazia soar sofisticado. Só desejava que Umberto tivesse comprado bolachas de pacote em vez das caseiras, já que se trataria apenas de bolachas simples. Claro que as caseiras tinham um sabor melhor, mas as de pacote eram feitas com máquinas, o que queria

dizer que eram todas precisamente do mesmo tamanho, nenhuma bolacha se distinguia da outra, eram todas iguais. Também era mais fácil alinhá-las.

— Ela voltou a aparecer?

Vincent abanou a cabeça.

— Não, nos últimos dois espetáculos não apareceu. Mas diria que é só uma questão de tempo.

— Já sabes a minha opinião. Devíamos ponderar contratar seguranças à parte.

— Não, não, isso é um custo desnecessário. Acho que as salas de espetáculos são capazes de tratar do assunto. Vai correr tudo bem, vais ver.

— O John Lennon deve ter dito a mesma coisa sobre o Mark Chapman — murmurou Umberto.

— Não vamos falar mais sobre isso — desdramatizou Vincent e pegou numa bolacha. Chocolate branco e nozes. Era realmente deliciosa, apesar da assimetria.

— Vincent, recebemos algumas queixas — disse Umberto, incomodado, e passou uma mão pela barba cuidadosamente aparada. — Na semana passada, fizeste espetáculos no centro de concertos e congressos de Linköping e também em Malmö.

— Mil cento e noventa e seis lugares vendidos no primeiro e novecentos no segundo — interrompeu Vincent e assentiu com a cabeça. — Salas esgotadas, ovações de pé em ambos os casos. Houve alguém que tenha ficado pouco satisfeito com a minha atuação?

Umberto suspirou.

— Não, não se trata da atuação... Escuta, Vincent, não te podes deitar no chão do camarim, como se estivesses morto, depois das atuações. O pessoal da limpeza ia tendo um ataque cardíaco. Nos dois locais!

Vincent pegou noutra bolacha, para uniformizar as filas. Umberto enfiou

a mão num saco de papel para retirar mais bolos, mas Vincent deteve-o com um olhar. As linhas ficariam completamente desordenadas.

— Umberto, há quanto tempo trabalhamos juntos? — perguntou-lhe. — Dez anos? Eu dou o litro nessas atuações, não é tão fácil como faço parecer. O meu cérebro precisa de recuperar a seguir aos espetáculos e a melhor maneira de fazer isso é deitar-me no chão. Tu já sabes como é que funciona.

— Mas durante *uma hora*? Além disso, os técnicos em Karlstad ficaram extremamente irritados quando agrupaste todos os cabos elétricos por cores.

— Tudo bem — respondeu Vincent. — Pede desculpa por mim, vou ter mais atenção. Mas em Karlstad experimentei algumas dificuldades com o número do prego, estive quase a espetá-lo na mão. Então precisei de encontrar alguma coisa para me distrair a seguir.

Umberto cerrou involuntariamente os olhos com força e abanou a cabeça. Depois abriu-os e olhou pela janela. Vincent seguiu-lhe o olhar. Apesar de ainda faltar uma semana para a Páscoa, os raios de sol faziam a água da baía de Nybroviken cintilar como se fosse verão.

— Preferia que não fizesses esse tipo de número — admitiu Umberto sem olhar para Vincent. — O que vai ser da turné se te ferires? O que é que a Maria diria?

— A Maria diria que era a melhor coisa que tinha acontecido — respondeu Vincent —, porque assim ia poder ir a festas com ela.

— Festas — replicou Umberto sem prestar realmente atenção. Em vez disso, olhava para as duas jovens raparigas, de vestidos curtos amarelos, que tinham aparecido do outro lado da rua, e que agora apontavam para a água. Provavelmente turistas que haviam sobrestimado o calor primaveril de Estocolmo.

— Sabes uma coisa? Não concordo contigo. E não vou deixar-te levar a

tua avante, vou certificar-me de que tens um guarda-costas contigo quando fores fazer o próximo espetáculo.

— Parece-me completamente ridículo — respondeu Vincent. — Não sou propriamente o Benjamin Ingrosso, nem o John Lennon, já agora. Mas também já sei que nem vale a pena discutir contigo. Portanto, obrigado.

Umberto virou-se outra vez para Vincent.

— Já agora, continuas a assinar os pregos? — perguntou-lhe.

— Os pregos, fotografias que as pessoas levam, *T-shirts*... — explicou Vincent, passando a mão pelo rosto. — Havias de ver as coisas que as pessoas querem que eu assine.

— Um artista assina sempre as suas obras — retorquiu Umberto, rindo-se. — Foste tu que cavaste a tua própria sepultura.

— Sim, está bem. Mas, já que estamos a falar dos espetáculos, podes pedir aos teatros que deixem de pôr garrafas de água com gás no camarim?

— Eles só querem que tu te sintas bem-vindo — respondeu Umberto, que, mais uma vez, olhava pela janela. — E não temos nenhuma cláusula nos contratos com os locais dos espetáculos sobre o que deve ou não haver nos camarins, porque tu assim quiseste. Se houver lá fruta ou doces ou água, é por iniciativa do teatro. Também já falámos sobre isso.

— Sim, mas eles deviam saber que não se pode beber água com gás antes de uma atuação. Eu preciso do suporte abdominal para projetar a voz e, se tiver o estômago cheio de gás, vou começar a arrotar. A água lisa é melhor.

As raparigas do outro lado da rua continuaram o seu passeio e Umberto olhou para Vincent com uma expressão ligeiramente exausta no rosto.

— Vincent... é um gesto de boa-vontade da parte deles, deixa-os fazer isso. Podes sempre beber a água a seguir à atuação.

— Mas não suporto todas as...

Umberto levantou a mão e, com o polegar apertado contra o indicador e o

dedo do meio, interrompeu Vincent.

— Não acredito que estamos sequer a discutir isto! — disse a agitar a mão. — *Adesso basta!* Às vezes, pareces uma criança. Bebe a água ou deixa-a ficar, ninguém quer saber, percebes?

Vincent encolheu os ombros. Considerava apenas desnecessário que salas de espetáculos mandassem aquele dinheiro pelo cano abaixo. Além de que mais garrafas também significava mais rótulos para colocar em ordem.

— Lembras-te daquele ilusionista com quem vocês trabalhavam? — perguntou Vincent para mudar de assunto. — Aquele com aquelas caixas todas. A mulher cortada ao meio, a *Zigzag Lady*, o *Water Torture Cell*, tudo muito *old school*. Sabes o que é que ele fez aos adereços que usava?

Umberto pegou numa bolacha e refletiu.

— Estás a falar do Tom Presto? Sim, realmente era uma produção e tanto: oito dançarinos, três camiões de equipamento, um ego enorme. Não era propriamente uma pechincha. Porque perguntas?

— Só queria saber se era possível ter acesso a esse material, no caso de alguém querer comprar as coisas dele. Como um *sword casket*, por exemplo.

Umberto enfiou o resto da bolacha na boca, limpou as migalhas da barba e abanou a cabeça.

— Vendemos a tralha toda quando o espetáculo faliu — respondeu. — A um colecionador francês. Acho que está tudo fechado num armazém algures em Nice. Tirando precisamente aquele *water* não-sei-quê que referiste, na verdade. Nesse, o colecionador não queria tocar nem com um dedo mindinho. Não sei se viste alguma atuação do Tom Presto, mas ele gostava muito de arriscar.

— Pensei que o que ele tinha era principalmente uma enorme necessidade de controlo.

— Isso também. Então, isto foi o que o tal colecionador francês me explicou, eu não percebo nada de ilusionismo, mas um daqueles aquários onde o Tom se enfiava e ficava trancado...

— O *Water Torture Cell*... Era o que o Houdini lhes chamava — clarificou Vincent, mas Umberto fez-lhe sinal com a mão para o interromper.

— Aparentemente, têm uma alavanca secreta do lado de fora, uma alavanca de pânico. Se o truque der completamente para o torto e o mágico não conseguir sair, um assistente pode puxar a alavanca e despejar toda a água em poucos segundos. Para que o mágico não morra afogado.

— Sim, parece-me uma coisa bastante útil.

— Pois, mas, no caso do truque do Tom Presto, essa alavanca de emergência não existia. Devia achar que era uma mariguice. Seja como for, o francês não queria ter uma coisa tão perigosa na sua coleção. *C'est trop extrême*, foi o que ele disse. Não sei onde é que esse aquário ficou a acumular pó, mas diz-me se quiseses que eu investigue.

De repente, Umberto bateu com a mão na testa.

— A propósito de coisas que estão a acumular pó — disse. — Recebeste um presente de Natal! Espera aí um bocado.

Umberto desapareceu da sala antes de Vincent ter tempo de dizer alguma coisa. Ao fim de meio minuto, regressou com um grande objeto nos braços.

— O Natal já foi há uns meses — comentou Vincent. — Estamos quase na Páscoa, não sei se reparaste.

— Eu sei, mas alguém enviou isto para ti umas semanas antes do Natal e está aqui no escritório desde essa altura. Sinceramente, tinha-me esquecido por completo.

Umberto estendeu-lhe o objeto. Era um livro grosso com uma fita

vermelha artisticamente amarrada à volta. Havia um cartão pendurado na fita.

«Para o Vincent», dizia no cartão. «Talvez não seja exatamente a tua área, mas pode ser mais interessante do que pensas. De um admirador.» Uma letra antiquada e floreada, bonita. Não tinha dúvidas de que fora escrito por uma mulher. Pensou reconhecer vagamente a caligrafia, mas não conseguia dizer de onde. Por outro lado, podia ser pura imaginação.

O livro, intitulado *Mammals of Mexico*, tinha na capa a fotografia de um jaguar com os dentes arreganhados e parecia ter pelo menos mil páginas.

— Obrigado — agradeceu Vincent. — Estava mesmo a precisar de arrastar um calhamaço destes por aí hoje.

Umberto riu-se.

— Os fãs malucos são teus, não meus — respondeu-lhe. — Mas então como é que vamos fazer com os teus espetáculos agora? Não podes continuar a provocar ataques cardíacos aos funcionários.

— Não precisas de te preocupar — assegurou Vincent. — O resto da turné vai ser isenta de qualquer crítica, prometo. Desde que consigas manter o pessoal da limpeza longe do camarim durante pelo menos uma hora, todas as noites.

Umberto riu-se outra vez e estendeu a mão.

— *Deal, amico mio.*

— *Deal* — confirmou Vincent, e apertou-lhe a mão.

Depois levantou-se, enfiou o enorme livro debaixo do braço e, a caminho da porta, agarrou também no saco com as bolachas.

Mina estava sentada com o telefone do trabalho pressionado contra a orelha. Fora uma sorte ter limpado cuidadosamente o auscultador com álcool-gel precisamente antes de atender. Escutou em silêncio, tomando notas freneticamente no verso de uma fatura, o primeiro papel que encontrara à mão de semear em cima da mesa. Fez algumas perguntas rápidas. Meio minuto mais tarde, caminhou a passos apressados até à cantina, depois de lançar um olhar para o relógio.

Ruben estava sentado de costas para a porta, deleitando-se a comer umas almôndegas com salada. Deixara de ingerir hidratos de carbono assim que surgira o primeiro indício de que estava a ganhar volume na zona da barriga. Um facto que gostava de partilhar frequentemente durante os almoços.

— Trataste de um suicídio há dois meses e meio — disse Mina a Ruben.
— A treze de janeiro, uma Agnes Ceci, de vinte e um anos.

Ruben deteve-se com o garfo a meio caminho da boca.

— Ah... sim, esse nome diz-me qualquer coisa. O que é que tem?

Ruben franziu a testa quando Mina puxou uma cadeira e se sentou à frente dele. Revirou os olhos e pousou o garfo. Mina tentou não pensar em quão suja a cadeira da cantina deveria estar, em tudo o que agora lhe rastejava pelas calças. Era obrigada a controlar-se no trabalho para poder funcionar; porém, exigia-lhe tanta energia que, normalmente, quando chegava a casa depois de um dia de trabalho, colapsava de cansaço. Não

conseguiu evitar puxar discretamente as mangas da camisola para baixo, para que a pele não tivesse de tocar no tampo da mesa quando se inclinou para Ruben e olhou fixamente para ele.

— Conta-me.

— Bem, não há assim muita coisa para contar, na verdade. Fui eu e o Lindgren, um dos novatos, quem chegou primeiro ao local, e logo à primeira vista tornou-se bastante óbvio que se tratava de um suicídio.

— Porquê?

Ruben suspirou outra vez e olhou ansiosamente para as almôndegas, que arrefeciam lentamente e começavam a ficar com uma camada ressequida de molho em cima. Mina não se sensibilizou com a fome de Ruben. De qualquer forma, ele não devia comer aquilo. Mina tinha sérias dúvidas sobre como a higiene alimentar era encarada na cantina da Polícia. Na verdade, até estava a fazer-lhe um favor.

— Um tiro na boca. A arma mesmo ao lado do corpo, com as impressões digitais dela. Sem casaco, apesar de ser inverno. Todos os sinais de que não estava no seu perfeito juízo — enumerou.

— Havia alguma carta?

— Não, não deixou nenhuma carta. Mas a Agnes tinha uma longa história de depressão e baixas médicas. Já tinha estado internada no hospital psiquiátrico algumas vezes e, das pessoas com quem falámos, ninguém pareceu particularmente surpreendido. Nem sequer a pessoa com quem dividia o apartamento.

— Não suspeitaram de nada, então?

— Sobre a pessoa com quem ela vivia? Talvez de início, porque a Agnes não deixou nenhuma carta de despedida, e os suicidas que escolhem maneiras tão dramáticas de morrer, como um tiro, costumam deixar uma mensagem. Além disso, foi precisamente a pessoa que vivia com ela que

telefonou a dar o alerta, o que aciona sempre alguns alarmes. Fizemos alguma pressão no interrogatório, mas tornou-se bastante evidente, dadas as circunstâncias, que se tratava mesmo de um suicídio. Provavelmente, uma decisão do momento, tendo em conta que aconteceu num banco de jardim. Porque é que queres saber?

— Tens alguma fotografia? Da autópsia? Do local do crime?

— Qual local do crime? Já disse que foi um suicídio!

Mina ignorou-o, depois iria explicar-lhe. Mas agora precisava de ver as fotografias.

— Anda lá, então — cedeu Ruben e ergueu-se com outro suspiro.

Mina reparou que Ruben não levantara a bandeja com as suas coisas e ponderou se devia perguntar-lhe se a mãe dele trabalhava ali, mas decidiu deixar passar. Os homens raramente pareciam apreciar essa espécie de comentários, e Ruben também era ligeiramente mais melindroso do que a maioria. Mais a mais, precisava da ajuda dele. Ruben dirigiu-se para o elevador e Mina seguiu-o. O que acabara de ouvir já era muito bom, mas as fotografias dar-lhe-iam mais por onde pegar. E, se tivesse razão, aquilo mudaria tudo.

— O que há de tão urgente?

Julia entrou na sala com um casaco sobre o braço.

— Estava mesmo a sair quando a Mina telefonou, mas ela não disse do que se tratava.

— A mim também não — respondeu Christer, num tom amargo, com uma chávena de café numa das mãos e um grande bolo na outra.

— Por acaso, não trouxeste mais bolos? — perguntou Ruben, cobiçando o que o colega tinha na mão.

Mina ignorou-os e concentrou-se em afixar no quadro branco tudo o que trouxera na pasta, ao lado da informação que já lá tinham.

— Onde é que está o Peder? — perguntou ao virar-se. — Quero que todos estejam presentes.

Ruben encolheu os ombros, pegou numa maçã da travessa da fruta que repousava em cima da mesa e mastigou-a ruidosamente. Mina nem conseguia olhar para ele enquanto comia, a maçã estava ali há vários dias. Quase conseguia ver os bacilos rastejarem pela casca, a envolvê-la, e depois a desaparecerem dentro da boca de Ruben. Também não queria pensar onde é que a boca de Ruben tinha andado, ou em quem. Era caso para dizer que havia ali um antro de bactérias de dimensões monumentais. Esforçou-se por conter as náuseas; tinha de pelo menos fingir ser normal.

— Ele não me atendeu o telefone — respondeu Ruben e deu outra dentada ruidosa.

— Procuraste-o na secretária dele? — perguntou Mina sem conseguir esconder a irritação. Ruben limitou-se a encolher os ombros.

Mina pousou a pasta, agora vazia. Saiu da sala de reuniões e encontrou Peder sentado à secretária, a dormir profundamente. A cabeça estava inclinada para trás, apoiada ao encosto da cadeira, e ele ressonava levemente. Algum colega engraçadinho desenhara-lhe um bigode com uma caneta de feltro.

— Peder! — chamou Mina e abanou-o bruscamente. Peder sobressaltou-se e olhou confuso em volta.

Mina voltou para a sala de reuniões sem esperar por ele, mas ouviu passos apressados atrás de si. Quando se juntou ao grupo novamente, viu que estavam todos a estudar atentamente o material que ela afixara no quadro. Sabia que eles não iriam ver o que ela via sem a sua ajuda, fora apenas graças ao telefonema de Milda, a médica-legista, que ela dera com aquilo. Além da pista de Vincent. Mina sabia que o grupo se mantinha de pé atrás em relação a ele, mas tinha esperança de que não fosse por muito mais tempo, pois Vincent mostrara-se já de uma valia inestimável.

Peder entrou na sala e deixou-se cair numa cadeira, exausto. Esfregou os olhos, um gesto que pareceu ter servido unicamente para realçar os papos que tinha por baixo dos olhos. Os colegas riram-se do bigode que lhe haviam desenhado, mas ninguém o alertou.

Mina virou-se para os colegas e fixou cada um deles com o olhar. Tinha de os convencer daquilo de que ela própria estava agora absolutamente segura. Inspirou profundamente e apontou para o quadro.

— Acho que o Vincent tinha razão. Estamos a lidar com um assassino em série.

Silêncio. Mostravam-se hesitantes, mas Mina contara com isso.

— Como vocês sabem, eu estava praticamente convencida de que a nossa

vítima tinha um três em numeração romana gravado no corpo — continuou. — Por isso, a conclusão natural foi pensar se haveria outros números, noutros corpos, que talvez não tivéssemos apanhado. Questionei a Milda, da medicina legal, quando a fui visitar hoje para falar sobre a autópsia ao corpo na caixa. Ela não conseguia lembrar-se de nada parecido, assim de repente, mas há pouco ligou-me para me falar da Agnes. A Agnes Ceci.

Mina apontou para uma das fotografias que acabara de colocar no quadro branco. Mostrava uma jovem ruiva, meio debruçada num banco de jardim, com o sangue a formar uma mancha vermelha na neve à volta dos seus pés. Apesar de ser no pico do inverno, não tinha vestuário apropriado para o exterior. Havia uma pistola junto à sua mão direita, como se a tivesse deixado cair.

— Esta fotografia foi tirada no parque Berzelii, mesmo à porta do Chinateatern — explicou.

— Não parece nada uma cena de um musical — murmurou Christer.

Os outros colegas olharam surpreendidos para ele, mas Christer limitou-se a encolher os ombros.

Mina moveu o dedo para uma outra fotografia, que mostrava a superfície cinzenta e estéril de uma mesa de autópsias. A mesma mulher que estivera sentada à porta do teatro jazia agora, nua, toda esticada. Na sua coxa direita viam-se claramente três linhas, uma na vertical, direita, e duas inclinadas uma para a outra na base, em forma de V. Unidas por linhas horizontais na parte superior e inferior. Um «4», em numeração romana.

— Um número romano, tal como o Vincent disse — esclareceu. — Aquilo em que vocês não acreditaram e que simplesmente nos escapou.

Os colegas inclinaram-se para a frente, interessados, mas, ainda assim, não totalmente convencidos. As sobrancelhas erguidas de Ruben demonstravam quão cético estava. Peder piscou os olhos várias vezes e

tentou concentrar-se. Mina chamou a atenção do grupo de volta para a fotografia de Agnes na mesa de autópsias.

— As marcas foram observadas na autópsia e estão descritas no relatório, mas, por causa do histórico de doença psiquiátrica da Agnes, foram descartadas como resultado de automutilação. Pensou-se que as teria infligido a si própria.

— O que ainda continua a ser uma explicação perfeitamente plausível — disse Ruben, cético, e recostou-se na cadeira novamente. Cruzou as pernas e começou a balançar a cadeira para a frente e para trás.

— Sim, claro, até podia ser, já vimos coisas mais estranhas — respondeu Mina calmamente. — Talvez, no fim de contas, não se trate de um assassino em série. Se não fosse por isto.

Apontou para outra fotografia. E depois para outra, na ponta oposta do quadro branco, onde as fotografias da primeira vítima estavam afixadas. Não disse mais nada, simplesmente deixou as imagens falarem por si. Julia levantou-se e aproximou-se do quadro. Observou atentamente ambas as imagens para onde Mina apontara.

— Relógios partidos.

Mina assentiu com a cabeça.

— Exatamente. Os relógios de ambas as vítimas foram esmagados para que parassem a uma hora exata. O relógio da nossa primeira vítima parou no três, ou seja, às quinze horas. E o relógio da Agnes parou às catorze horas em ponto. Seria uma coincidência ter parado à hora exata, mas acontecer duas vezes...

O silêncio tomou conta da sala. Todos pareciam refletir sobre o que Mina acabara de lhes mostrar.

— Achas que foi a mesma pessoa? — perguntou Ruben.

Agora parecia relutantemente aberto a aceitar a teoria de Vincent.

— Tu achas que *não* foi? — contrapôs Mina.

Ruben preparava-se para contrapor, mas fechou a boca. O rosto de Julia estava extremamente sério, a observar o que Mina afixara no quadro.

— Temos de rever tudo desde o início — disse. — Cada detalhe, por mínimo que seja. Preparem-se para uma longa sessão, telefonem para casa se precisarem e avisem que não sairão daqui hoje tão cedo. Mina, bom trabalho.

Todos assentiram com a cabeça. Peder aclarou a garganta.

— Se temos uma vítima marcada com o número três — disse com a voz rouca de cansaço —, e outra com o número quatro, isso quer dizer que este assassino em série está ativo há algum tempo, e nós ainda não nos tínhamos apercebido?

— Precisamente o que eu também me pergunto — respondeu Mina e passou os dedos pela pasta de documentos.

Havia algo ali que a perturbava, algo que deveria conseguir ver, mas que lhe escapava quando a sua consciência tentava alcançá-lo. Abanou a cabeça. Acabaria por conseguir, mais cedo ou mais tarde.

Retirou um pacote de toalhas do bolso, tirou algumas da embalagem e estendeu-as para Peder.

— Toma, limpa-te. Tens uma coisa à volta da boca.

Vincent esforçou-se para abrir os olhos. Passara a maior parte da noite acordado, à procura de informações sobre possíveis fabricantes e vendedores, tanto da caixa como das espadas que a trespassaram. Parecia-lhe uma tarefa insuperável. A oferta era consideravelmente maior do que alguém que não estivesse familiarizado com o meio do ilusionismo poderia pensar. Além do mais, Vincent sentia a pressão de estar à altura das expectativas de Mina e ser capaz de encontrar algo novo, o que contribuiria especialmente para se manter acordado.

E agora acabara de ouvir um som que lhe interrompera o sono ao fim de pouquíssimas horas na cama. Era impossível de identificar, vinha de muito longe, parecia desafinado, talvez de uma canção. Mas em tons diferentes, tão dissonantes que desejou sofrer de surdez musical. Irritou-se com o facto de o termo ser usado muitas vezes para gozar com os outros, pois corresponde a um fenómeno real que descreve alguém que não é capaz de identificar diferenças nas frequências dos sons. O extremo oposto de surdez musical é o ouvido absoluto, a capacidade de identificar e recriar notas musicais com exatidão, sem se ter um tom de referência. Uma variante do ouvido absoluto é o ouvido relativo, a capacidade de identificar intervalos entre tons, mas, ao contrário do ouvido absoluto, não ser capaz de distinguir uma determinada nota musical sem ter algo com que a relacionar. Naquele momento, Vincent sentia-se indescritivelmente feliz por a sua audição ser relativamente pouco desenvolvida.

— ... uma saaalva de paaaalmaaas...

Finalmente, a canção terminou. Vincent sentou-se na cama e semicerrou os olhos. Tinha a família aos pés da cama. Maria e Aston partilhavam a mesma expressão facial expectante, enquanto Benjamin e Rebecka pareciam a caminho do cadafalso. Vincent sentiu automaticamente que se identificava mais com os seus dois filhos mais velhos. Odiava aniversários. Ou melhor, não os aniversários em geral, os das crianças eram divertidos. Odiava *o seu* aniversário.

— Tenhas tudo de bom, do que a vida contém... *aii!*

Aston gritou e agarrou-se à perna. Furioso, virou-se e olhou fixamente para Benjamin, que encolheu os ombros e apontou para Rebecka. Rebecka ergueu uma sobrancelha e Aston olhou para ela com o ar mais zangado que conseguiu, mas acabou por desistir. A hierarquia na família era clara para o filho mais novo de Vincent: Rebecka era mais assustadora do que Benjamin; podia e até preferia infligir dor corporal se ele não fizesse o que ela queria.

— Parabéns, meu amor!

Maria colocou um grande bolo caseiro com natas batidas em cima de uma bandeja de prata aos pés da cama. Vincent sentiu as náuseas aproximarem-se, natas pela manhã não era nada que apreciasse particularmente, mas, na família de Maria, era uma tradição. O que significava que, durante os anos passados com Ulrika, também não escapara ao obrigatório bolo gorduroso nas manhãs de aniversário. Compreendia que o bolo era uma expressão de amor, e não um ataque ao seu sistema digestivo; portanto, forçou-se a abrir a boca num grande sorriso.

— Aston, os presentes!

Os olhos de Maria brilharam quando, cuidadosamente, se sentou na cama. Ela adorava aniversários, principalmente o seu, mas também os dos

outros. Com um baque pesado, Aston saltou para cima do edredão com dois embrulhos nos braços, o que quase fez tombar o bolo de natas.

— Eu e a mamã fizemos o bolo ontem à noite! — anunciou o filho, com ar de quem estava prestes a explodir de orgulho. — Parecíamos dois *pros* dos bolos e eu pus muuuuitas natas!

Aston pronunciava a palavra «*pro*» com um sotaque arrogantemente americano, sem dúvida nenhuma algo que apanhara de algum vídeo do YouTube. Vincent olhou para o bolo e, por um instante, desejou que ele simplesmente escorregasse da travessa para o chão e fosse ao encontro de uma morte prematura. Porém, também sabia que o preço a pagar por uma catástrofe dessas seria altíssimo; Maria veria isso como um mau presságio e consideraria que o resto do dia estava condenado, o que significava que se seguiriam catástrofes atrás de catástrofes, cumprindo-se a profecia.

— Toma, papá! — disse Aston alegremente e estendeu-lhe os presentes, enquanto continuava aos saltos de excitação e a lançar olhares de felicidade à mãe.

O primeiro pacote estava embrulhado de forma descuidada, com pedaços de fita-cola quase a soltarem-se do papel de embrulho amachucado, o que dava a sensação de que o conteúdo simplesmente caíra ali dentro por azar. O motivo era dos *Monster Trucks*, papel de embrulho que sobrara do aniversário de Aston em fevereiro. Vincent fez um grande sorriso e abraçou o filho. Quem não adorava os *Monster Trucks*?

— Oh, obrigado! — disse ao retirar uma gravata do embrulho.

Maria afagou o cabelo de Aston, orgulhosa. Vincent reparou que era a terceira gravata idêntica que recebia, os filhos provavelmente tinham recebido dinheiro para lhe comprar um presente e o raciocínio das crianças podia mesmo ser tão simples: se o pai ficou feliz com o presente de aniversário no ano anterior, então, é perfeitamente razoável que fique feliz

com a mesma coisa este ano também. Havia algo de amoroso nisso, que Vincent conseguia absorver plenamente. Além de que já planeara a desforra perfeita, cada um deles receberia uma das gravatas como presente pelo vigésimo aniversário.

— O próximo, abre o próximo!

As natas começaram gradualmente a escorregar da camada superior do bolo quando Aston saltou novamente na cama.

— Acalma-te um bocado, querido — disse Maria e pousou a mão pesadamente no ombro do filho.

Maria manteve o olhar expectante em Vincent. A embalagem era fina e plana e estava embrulhada com mais cuidado, o que fez Vincent pressupor que fora Maria a fazê-lo. A suspeita confirmou-se pelo autocolante cintilante na parte superior, um sinal de paz em forma de coração. Vincent abriu o papel.

— Vamos andar de barco, papá! Todos juntos!

Vincent olhou para o cartão, uma representação do seu pior pesadelo. Um *ferry* para a Finlândia, cinquenta mil toneladas de ansiedade a tresandar a cerveja. Levantou os olhos para Benjamin e Rebecka, a mesma dor que provavelmente estava gravada no seu próprio rosto refletia-se nos deles. Trocaram olhares de compreensão, sabiam os três que, a partir do momento em que Maria tivesse decidido que alguma coisa seria «fantástica para fazerem juntos em família», não havia volta a dar. Num futuro não muito distante, passariam um dia inteiro fechados num meio de transporte de chapa metálica cuja segurança era duvidosa. Vincent olhou para o verso do papel, o cartão-presente tinha a validade de um ano, dispunha de doze meses para fugir do país.

— Come um bocado de bolo agora, amor — disse Maria alegremente e estendeu-lhe um pequeno prato com uma fatia gigantesca que acabara de

cortar. — O Aston tem razão, somos *totally pros* a fazer bolos. E tem imensas natas.

Vincent engoliu em seco e sorriu. Sabia que era tudo por amor. E que a intenção era boa. Tentou cooperar o melhor que podia.

— Obrigado, querida. Talvez seja melhor irmos para a cozinha, onde podemos todos comer o bolo.

Recolheram os presentes, o papel rasgado e o bolo, e foram para a cozinha. De caminho, Vincent foi buscar o presente de aniversário que comprara para si próprio, o álbum duplo *Xerrox*, vol. 4, de Alva Noto. Desapertou a fita vermelha que enlaçara, abriu o plástico cuidadosamente com a pontinha da unha e retirou o primeiro disco de vinil do envelope, provocando uns leves estalidos de eletricidade estática. Olhou atentamente para as faixas para obter uma compreensão visual do que o esperava, antes de o colocar no gira-discos da sala de estar. Prometedor. Aumentou o volume para um nível razoável e deixou a música suave chegar à família reunida na cozinha.

Quando as notas o alcançaram, Vincent relaxou ligeiramente. Já Maria, por outro lado, pareceu reagir precisamente ao contrário; Vincent viu como ela contraiu os ombros. Não era música ao seu gosto. Maria costumava suspirar pela insistência de Vincent em tocar discos de vinil obscuros, quando se podia facilmente ouvir Ed Sheeran no Spotify. Que, além disso, ocupava menos espaço. Porém, tinha visto a fita vermelha; aquilo era para ele, naquele preciso momento.

Vincent sentou-se e pegou numa fatia de bolo, enquanto fazia uma estimativa rápida de cabeça: o relógio marcava precisamente oito, zero, zero. Dezasseis horas. Novecentos e sessenta minutos. Cinquenta e sete mil e seiscientos segundos. Era quanto faltava para o dia do seu aniversário terminar.

— Partilhaste alguma coisa hoje?

Mina abanou a cabeça.

— Não foi um bom dia para isso — respondeu. — Mas ouvi os outros com atenção. E não costumo partilhar, tu sabes como é. Há quanto tempo é que andamos aqui?

— Sim, é verdade. E realmente mais vale deixá-los falar. Eu só cheguei agora, mas pensei juntar-me à segunda parte, depois logo vejo como me sinto, se é um bom dia para partilhar ou não. Café?

O Homem do Cão, como Mina o batizara desde cedo, estendeu-lhe um copo de papel. Na verdade, sabia o nome dele, mas a alcunha que de início lhe dera tinha colado. Entre os regulares havia também «A Mulher do Lenço Lilás», «O Homem do Sul» e «A Rapariga Golfinho». Sabia os nomes de todos eles, mas preferia mantê-los anónimos, impessoais. Caso contrário, tornava-se demasiado difícil para ela ir ali, se os deixasse ter uma cara, uma personalidade. Afinal de contas, aquilo chamava-se *Alcoólicos Anónimos*. Além de que Mina nem sequer era alcoólica, o que durante todos aqueles anos lhe servira como uma boa desculpa para se manter à parte das relações de amizade no grupo, que, de outra forma, surgiam facilmente.

Mina abanou a cabeça quando o Homem do Cão lhe estendeu o copo de papel, nauseada só de pensar na quantidade de coisas que podiam andar tanto pelo copo como pela garrafa térmica em cima da mesa, onde todos tinham tocado. O homem encolheu os ombros e serviu-se de café. Este

exibia uma camada oleosa à tona e parecia deslavado; Mina não o teria querido beber mesmo que estivesse esterilizado.

— Porque é que chegaste atrasado? — perguntou, arrependendo-se de imediato. Em parte, porque não estava realmente interessada em saber, mas também porque talvez fosse rude perguntar. Nem sempre conseguia avaliar a situação da melhor maneira.

— Fui levar a minha companheira a uma consulta médica, ela precisa de fazer uns quantos exames depois da última operação. Tem uma escoliose grave e está numa cadeira de rodas há alguns anos.

Mina assentiu com a cabeça, mas não disse nada. Arrependeu-se profundamente de ter perguntado, era demasiada informação pessoal. Felizmente, o Homem do Cão ficou por ali no tocante à condição médica da parceira. Em vez disso, agachou-se e deu ao seu *golden retriever* uma tigela com água, afagando-o atrás das orelhas.

— Como é que o cão se chama?

Mais uma vez, fizera a pergunta, mas não estava minimamente interessada em saber. Mina não conseguia perceber o motivo pelo qual, precisamente hoje, parecia estar com uma necessidade de preencher o silêncio com palavras. Ela que nem sequer apreciava conversas de circunstância. Mas os olhos do homem até brilharam.

— *Bosse* — respondeu, inchado de orgulho. — E tem quatro anos.

Mina nada acrescentou. Nunca se interessara por animais, por motivos óbvios. As patas de *Bosse* estavam pretas de ter andado no lamaçal de neve derretida lá fora.

— Olá, que bom ver-te!

A Rapariga Golfinho aproximou-se da mesa do café com um grande sorriso para Mina. Estava sempre exageradamente feliz, o que parecia quase perverso, considerando o local onde se encontravam. Mina exibia algumas

facetas nos seus encontros sociais, mas raramente mostrava entusiasmo. A Rapariga Golfinho chamava-se na realidade Anna, mas recebera a sua alcunha por causa da tatuagem de um golfinho na barriga da perna, que insistira em mostrar a Mina da primeira vez que se conheceram. Mina não perguntara se o golfinho tinha mais alguns amigos no resto do corpo da jovem mulher, com receio de que Anna comesse a despir-se. Na verdade, Mina teria preferido nem saber da existência do golfinho. Apesar disso, a Rapariga Golfinho, de forma inesperada, provara ser uma grande ajuda. Mina sorriu-lhe e fez um gesto com a cabeça.

— Obrigada por me indicares o Vincent Walder — disse-lhe. — A minha chefe não perdeu tempo.

O rosto da Rapariga Golfinho irradiou num sorriso.

— Foi uma boa dica, então?

— Acho que sim — respondeu Mina. — Espero que sim.

A Rapariga Golfinho esboçou um sorriso ainda maior e Mina até ficou preocupada que se fosse magoar.

— Mas conseguiste falar com ele? Com o Vincent Walder? Uau, que fixe! Foi só uma ideia que tive no momento. Eu não o conheço pessoalmente, mas ele é *brutal*. E desculpa outra vez por ter ouvido a tua conversa.

Mina estivera ao telefone com Julia, durante o intervalo de um encontro, pouco depois de terem descoberto o corpo na caixa trespassado com as espadas. Aproximando-se o fim do intervalo, a Rapariga Golfinho fora ter com ela. Primeiro, Mina hesitara, mas a proposta de Anna de tentar entrar em contacto com Vincent fora, sem dúvida, uma jogada inteligente. E não apenas para a investigação; o mentalista obsessivo também tornara a sua vida consideravelmente mais interessante nos últimos tempos. Mais complicada, é certo, mas sem dúvida mais interessante. Ela que não

permitia ninguém entrar, que não permitia ninguém aproximar-se. De um momento para o outro, deixara a porta entreaberta, e a um estranho, para mais! Não obstante, desde que fosse maioritariamente só nos seus pensamentos, estava segura. Havia que nunca perder o controlo da situação. E precisava também de falar um pouco mais baixo ao telemóvel.

Bosse acabara de beber água e aproximou-se de Mina com a língua de fora. Mina cerrou os punhos com força e tentou controlar a vontade de recuar; conseguiu fazê-lo durante três ou quatro segundos, mas, quando sentiu um nariz molhado contra a sua mão, já não foi capaz de conter o instinto de dar alguns passos rápidos atrás.

— Ele é meiguinho — disse o homem e afagou as orelhas de *Bosse*.

Mina reparou na baba a escorrer do canto da boca do cão; este julgou que Mina mostrava interesse e começou a abanar a cauda alegremente.

— Hum... — murmurou Mina, olhando fixamente para *Bosse* e para as suas patas sujas.

Após um momento de silêncio, o cão avançou esperançoso na direção dela.

— Estou a pensar tatuar um lobo da próxima vez — disse a Rapariga Golfinho.

Mina até se esquecera de que ela continuava ali.

— E assim com uns dizeres giros, mas ainda não consegui decidir o quê. Talvez «*carpe diem*». Estará muito batida? Mas continua a ser porreira. Significa «aproveitar o dia». E não é disso mesmo que se trata? De aproveitarmos o dia, vivermos no agora, estarmos, tipo... presentes?

A Rapariga Golfinho expôs a parte de cima do braço enquanto falava, ao arregaçar a manga da camisola.

— Já sabes o que eu penso sobre tatuagens — respondeu Mina, tentando

educadamente não desviar o olhar. — Não é seguro que a agulha esteja devidamente esterilizada e também não sabes a pureza da tinta...

— Eu sei. Não é fixe? — comentou a Rapariga Golfinho. — Isso faz com que uma pessoa se sinta, tipo... viva. O não saber o que pode acontecer. Imagina que aquela merda está infetada! E apanhamos uma daquelas bactérias assassinas! Carnívoras! Que começam a comer o braço lentamente!

— *Living on the edge* — respondeu Mina, secamente.

— Sim! Boa sugestão, obrigada! É isso mesmo, vai ficar «*Living on the edge*»! Bem... és mesmo brutal!

Mina limitou-se a olhar para a Rapariga Golfinho, que estava maravilhada com o que, na verdade, ela não pretendia ser uma sugestão, e sentia-se agora bastante insegura, no mínimo, sobre como continuar a conversa. Parecia que tudo o que dissesse a seguir poderia acabar num texto sujo e infetado no braço da Rapariga Golfinho.

— Hora de nos reunirmos! — chamou uma voz masculina à porta da sala.

Mina agradeceu para os seus botões o facto de ter sido salva do constrangimento, sorriu à rapariga de fugida e apressou-se a entrar.

Kvibille, 1982

— Está tudo bem? — perguntou uma voz atrás dele. — O que é que estás a construir?

Sobressaltou-se com o som, não tinha ouvido alguém entrar no celeiro. Estivera plenamente concentrado a serrar uma tábua em duas partes sem a lascar. Uma das partes separou-se e caiu no chão, sem que ele tivesse tempo de a segurar. Uma grande lasca feia ficou pendurada da tábua no sítio onde havia cortado, pegou rapidamente na parte que caíra no chão e colocou-a na pilha com as outras partes, antes de estender um lençol por cima de tudo. O lençol estava pintado com estrelas e símbolos misteriosos, a maior parte inventados por ele sozinho. De seguida, virou-se e olhou para a mãe.

Esta estava junto à porta aberta do celeiro e o sol do fim da tarde transformou-lhe a silhueta numa aura dourada brilhante. Teve de semicerrar os olhos para a conseguir ver.

— Não te posso dizer o que estou a fazer — disse-lhe. — Assim, vais perceber como é que a ilusão acontece. Quando estiver pronto, mostro-te.

Um raio de luz iluminou a mesa de carpintaria quando a mãe se afastou da porta, entrando no celeiro, e as partículas de poeira moveram-se lentamente no ar. Quando o sol as atingia, cintilavam como purpurinas, purpurinas mágicas. A mãe pegou num dos pincéis que repousavam na mesa e agitou-o no ar.

— Posso ajudar-te a pintar, ao menos? — perguntou e fez uma tentativa

de espreitar para trás das costas dele. — Continuo a achar impressionante conseguires construir estas coisas sozinho. Só tens sete anos. Que criança de sete anos é que faz estas coisas?

— Não é assim tão complicado — respondeu ele. — Comecei a fazer esboços e sou cuidadoso. Além disso, não é que eu faça muitas outras coisas. E estou a tornar-me cada vez melhor. Mas, se queres ajudar-me, não podes espreitar até eu ter acabado. E nada de símbolos do zodíaco, desta vez! — Apontou intencionalmente para o lençol. — É suposto parecer...

— Sim, já sei... Um quadro de Les Vargas — interrompeu a mãe. — O famoso artista espanhol.

A mãe fez um dramático movimento de dança que ele não fazia ideia do que era suposto representar.

— Las Vegas, mamã! — disse-lhe.

E ficou parado a olhar para ela, cujos olhos límpidos sorriam para ele. A tensão que ele tinha no corpo desapareceu, hoje era um bom dia. Mas também se apercebeu de que tinha caído numa armadilha.

— Mãe, estavas... estavas a brincar, não era? Não há ninguém chamado Les Vargas, pois não?

Desejava que a mãe não fizesse aquilo, tinha sempre dificuldade em saber quando os outros estavam a brincar. Como na escola; era um pesadelo. Se ao menos estas férias de verão pudessem durar para sempre, para que nunca tivesse de deixar a quinta. Contentava-se perfeitamente com a sua mãe e com Jane.

A mãe piscou-lhe o olho.

— Tens razão — disse. — O Vargas fui eu que inventei. Pronto, então o pretendido é um estilo Las Vegas. — Levantou o pincel e avisou. — Mas só se me ensinares um truque com cartas. Caso contrário, ponho-me outra vez a dançar à espanhola!

Ele riu-se, ninguém gostava tanto de ilusionismo como a mãe. Mais do que ele, quase. Mas até a compreendia; quando se fazia magia, os problemas podiam desaparecer, o dinheiro podia duplicar, o mundo tornava-se um lugar diferente por momentos. Tudo era possível.

Virou-se e olhou para a pilha de tábuas de madeira. Visualizou mentalmente como as iria unir de novo, de uma maneira que só ele conhecia. Dali sairia uma caixa e, dessa caixa, poderia conjurar o que quer que fosse. O que quer que fosse que fizesse a mãe feliz.

O lamaçal de neve crepitava sob as botas de Vincent enquanto ele atravessava o parque. Mina telefonara-lhe a dizer que precisavam de conversar, e Vincent sugerira que se encontrassem para um passeio à hora de almoço, no Jardim Rålambshovsparken. O grande parque ficava a uma curta distância da sede da Polícia, pelo que ela não precisaria de se ausentar durante muito tempo. Ao mesmo tempo, ninguém iria olhar duas vezes para eles naquele local. Assim pensara Vincent. Porém, estava uma jovem mulher com um casaco de penas azul-claro a cerca de dez metros de distância, a olhar fixamente para ele. Provavelmente, reconhecera-o da televisão e hesitava em abordá-lo. Vincent acenou-lhe, julgando resolver assim o seu dilema, mas a jovem respondeu virando as costas e indo-se embora. Não se podia acertar todas.

O tempo, pelo menos, estava de feição. O sol brilhava e nas grandes superfícies relvadas havia cães a brincar com os donos. Nas ruas da cidade, a maior parte da neve já derreteria, mas no parque ainda havia alguns aglomerados. Cinco cães, cinco donos. Cinco com cinco eram dez. Ímpar tornava-se par.

— Parabéns pelo aniversário — ouviu uma voz atrás de si. — Parabéns a você, nesta data querida...

Vincent virou-se e deu de caras com Mina. Aniversário? Maldita Wikipédia. Só esperava que ela não tivesse trazido um presente. Ou que quisesse abraçá-lo.

— Deixemos de parte os aniversários — disse Vincent, inflexível.

Um pequeno sorriso passou pelos lábios de Mina, mas durou apenas um breve segundo. O rosto dela logo voltou à sua forma contida e sóbria.

— Temos um caso novo. Ou melhor, um velho.

Mina entregou-lhe duas fotografias. A primeira era a impressão de uma *selfie* tirada do Instagram. Uma jovem alegre e entusiasmada brindava para a câmara. Ao redor da mesa atrás dela viam-se amigos e uma pilha de presentes. Malditos aniversários.

— Chamava-se Agnes Ceci — disse Mina. — Cerca de vinte anos, dividia um apartamento aqui na cidade, o pai vive em Arvika e a mãe já morreu. O caso foi classificado como suicídio.

Vincent olhou para a fotografia seguinte e sobressaltou-se. Um corpo nu, estendido em cima de uma mesa de aço inoxidável. A imagem estava cortada de forma que a cabeça não fosse visível.

— Isto é outra fotografia da mesma pessoa. Olha para a coxa.

Vincent identificou os hábeis cortes sem qualquer problema, mas desviou rapidamente o olhar, não queria observar a fotografia por mais tempo do que o absolutamente necessário.

— Como vêes, também está marcada com um número. Mas, como o corpo esquartejado dentro da caixa estava marcado com o número três, pensei que uma vítima anterior estaria marcada com o número dois. Como se o assassino as estivesse a contabilizar. Porém, a Agnes está marcada com um número quatro romano, estás a ver? Como se ele já tivesse matado quatro pessoas.

Vincent deteve-se repentinamente.

— Uma vítima anterior, foi o que disseste? Queres dizer que esta morreu antes da jovem das espadas? — perguntou.

Mina assentiu com a cabeça e apertou os braços à volta do corpo quando

também ela parou de andar. Aparentemente, o casaco vermelho não a protegia o suficiente do frio que ainda se fazia sentir, apesar do sol. Vincent refletiu alguns instantes. Quatro e três. Números sequenciados. Números em ordem decrescente. Estatisticamente, a amostra ainda era demasiado pequena; quanto mais números houvesse, maior seria a credibilidade da amostra, mas o seu pressentimento dizia-lhe que estava certo.

— Estás com frio? — perguntou-lhe educadamente.

— Não. Adoro o frio — respondeu Mina rapidamente. Vincent acreditou nela.

— Posso estar enganado, mas acho que não vão encontrar corpos marcados com os números um e dois. Ainda não, pelo menos.

Mina olhou para ele com as sobrancelhas levantadas.

— Acho que é uma contagem decrescente — esclareceu Vincent. — Os assassinatos um e dois ainda não aconteceram. Percebes? Quatro, três, dois, um. E talvez até um zero.

— O que te leva a pensar isso? — perguntou Mina olhando-o com um ar aterrorizado. — Estás a dizer que achas que poderão ocorrer mais três homicídios?

— Se não detivermos o assassino, sim — respondeu Vincent e começou novamente a andar. — Não consigo encontrar nenhuma outra explicação para uma ordem numérica regressiva que não seja uma contagem decrescente. De mortes. Não estou a ver padrões ou combinações que se encaixem melhor. Mas há uma pergunta igualmente importante que vocês têm de fazer.

— «Nós», queres tu dizer. E que pergunta é essa?

— Uma contagem decrescente até *ao quê*? O que é que acontece quando chegar ao zero?

Mina ficou em silêncio alguns segundos.

— Mas isso é para lá de perverso.

Vincent assentiu com a cabeça.

— Seja como for, não tenho certezas, só para que saibas. Sendo a amostra apenas de duas vítimas, por agora não passa de um palpite.

— A propósito, esta também tinha um relógio com o mostrador esmagado, e estava parado exatamente nas catorze horas — acrescentou Mina.

Vincent murmurou alguma coisa impercetível, e logo o silêncio voltou a cair sobre eles. Queria sugerir-lhe entrarem num dos cafés ao redor da baía de Norr Mälärstrand, para se aquecerem, mas Mina parecia satisfeita por andar no parque, apesar do frio. Vincent esfregou uma na outra as mãos protegidas pelas luvas e tentou colocar os pensamentos em ordem.

— Gosto quando está frio — disse Mina. — Parece-me mais... mais limpo. Como se a sujidade não pudesse sobreviver ao frio.

— À exceção de haver um assassino à solta — comentou Vincent. — Isso é bastante sujo. Como é que esta vítima recente morreu? Ou a anterior, melhor dizendo, a rapariga no banco do jardim.

— Um tiro na cara — respondeu Mina, e Vincent fez uma careta involuntária. — Não te preocupes, não trouxe mais fotografias. Mas não percebo por que motivo o assassino quer evidenciar a que horas os homicídios ocorreram. Estou a referir-me aos relógios partidos. Não estão os dois exatamente à mesma hora, mas quase.

Antes de Vincent ter tempo de responder, apareceu um *frisbee* a voar alguns metros à frente deles, com um *dobermann* preto no seu encalço. O cão deu um salto, apanhou o disco de plástico entre os dentes e aterrou precisamente à frente de Mina e Vincent. Olhou para eles com ar feliz, antes de desaparecer a correr pelo caminho de onde viera.

— Não gosto de cães — comentou Mina.

Vincent observou o cão a desaparecer com a sua presa capturada entre os dentes.

— *Bullet catch* — comentou Vincent.

— O quê?

— A rapariga que foi baleada. Também é um ilusionismo clássico, tal como a Caixa de Espadas. Ou melhor, é mais um truque do que uma ilusão. Foi inventado há muito tempo, provavelmente no fim do século dezasseis. A primeira documentação detalhada encontra-se num livro datado de 1631, do reverendo Thomas Beard. Alguém na plateia assina uma bala, que é inserida numa pistola e disparada contra o ilusionista ou um dos assistentes, o qual faz um movimento brusco e mostra que apanhou a bala com os dentes. Ou então, nas versões anteriores, com a mão.

— Como é que isso pode ser um truque de magia? Parece-me uma coisa terrível!

— Porque toda a gente sabe que é impossível apanhar uma bala com os dentes. Além de que ninguém no seu perfeito juízo ia realmente disparar uma pistola carregada com balas verdadeiras contra o próprio artista. Então a pergunta é: se sabemos que não é real, então, como é que funciona? E a resposta é: magia. Mas é um truque politicamente incorreto para fazer hoje em dia. E há o perigo de morte; pelo menos doze casos fatais foram documentados. O mais antigo é também o do primeiro ilusionista conhecido por fazer o truque, um senhor de Couleu, da Lorena, que morreu em 1613. O espectador que disparou a arma ficou furioso e matou-o à pancada. Ironicamente, fê-lo precisamente com a pistola usada no truque.

Mina bateu com a ponta do pé num montículo de neve.

— Mas tudo na magia se baseia em fingir matar alguém? — perguntou.

— Sim, muita coisa, na verdade. — Vincent aclarou a garganta. — As ilusões de palco clássicas são basicamente todas sobre matar ou mutilar

uma mulher, por exemplo serrando-a ao meio, separar partes do corpo, atravessá-la com espadas, tudo para, no final, mostrar que escapou ilesa. E o facto de serem quase sempre mulheres também não é por acaso. A explicação costuma ser que as mulheres são mais magras e ágeis do que os homens e, por isso, cabem mais facilmente nas caixas. Mas não posso assegurar.

— As mulheres são muitas vezes as vítimas também na vida real — murmurou Mina num tom sombrio.

Agachou-se e apanhou um punhado de neve molhada com as mãos enluvadas e começou a dar-lhe a forma de uma bola.

— Acho que se baseia principalmente no misticismo — disse Vincent e parou. — A mulher consegue criar vida. Portanto, é mais trágico se uma mulher for a vítima. Do ponto de vista puramente simbólico, morre não apenas ela, mas também a continuidade da humanidade que ela representa. Acho que o nosso subconsciente, de alguma maneira, compreende isso. Que os homens são... substituíveis. E, no que diz respeito à realidade, sim, uma maneira de lidar com aquilo que não se consegue alcançar é, evidentemente, destruí-lo.

— Só que fingir matar alguém não me soa a magia, pelo menos não na forma em que eu penso nela — respondeu Mina. — Se ignorarmos toda a vertente fortemente chauvinista, então, se eu espetar uma espada através do corpo de alguém e imediatamente a seguir mostrar que afinal essa pessoa nem está ferida, então, só demonstrei que a espada é falsa. Ninguém fica impressionado com isso, ou fica?

— Mais uma vez, acho que te está a faltar o aspeto simbólico — respondeu Vincent e recuou ligeiramente, de olhos postos na bola de neve. — Se eu cortar alguém ao meio, então, estou a tirar a vida a essa pessoa, certo? O facto de depois mostrar a pessoa viva e ilesa outra vez implica, por

outras palavras, que eu a ressuscitei do mundo dos mortos. É essa a magia que as ilusões clássicas demonstram, por mais parva e absurda que a consideremos hoje. O poder sobre a vida e a morte. E com uma mulher como ajudante, transforma-se também numa forma de poder sobre o divino.

Vincent olhou discretamente para o relógio. A hora de almoço de Mina terminara há muito tempo, mas Vincent tinha esperança de que ela não se apercebesse. Continuaram a andar até chegarem aos arbustos plantados junto à água. Os barcos que costumavam estar nos pontões ainda não estavam à disposição e a água cintilava, imperturbada. Vincent passou a mão pelas folhas dos arbustos e algumas gotas de neve derretida ficaram-lhe agarradas às luvas.

— Então estamos à procura de alguém com um complexo de Deus? — perguntou Mina. — Alguém que levou o ilusionismo demasiado longe e acabou mesmo por matá-las? É essa a tua avaliação profissional da pessoa que procuramos? Alguém sedento de poder e que quer armar-se em Deus?

— Não, de todo. As duas vítimas que encontraram não padeceram por causa de truques de ilusionismo que correram mal. Falta-lhes a última parte, a ressurreição, deliberadamente. Acho que estamos à procura de um maníaco, puro e simples. E, ao mesmo tempo, não.

Mina olhou para ele com a testa franzida. Vincent tentou explicar melhor.

— Já tinha pensado nisto antes, que se trata de alguém cuja personalidade, por um lado, lhe permite ser suficientemente racional para construir caixas, planejar sequestros e deixar mensagens enigmáticas, mas que, por outro lado, sofre de um desequilíbrio de tal ordem que o faz agir de forma violentamente impulsiva. Nenhum dos homicídios parecia ter sido realizado com precisão cirúrgica. Os preparativos, sim, mas o ato em si não.

— Mas o homicídio da caixa, temos de admitir, foi feito com uma certa precisão, ou não?

— Sim, sim, absolutamente. Mas dá a sensação de alguém que é mais cuidadoso do que habilidoso. E também sinto aí uma certa falta de distanciamento. Há ali sentimentos fortes e... desculpa, mas tenho de perguntar: para que é a bola de neve?

— Para o caso de o cão voltar — respondeu Mina e sopesou a grande bola na mão.

Vincent tentou mostrar-se impassível, mas as palavras de Mina tiveram o condão de ressuscitar pensamentos indesejados. Pensamentos sobre magia e morte. Sentiu as palmas das mãos suadas. Tinha de se recompor. Encostou a luva ao rosto e pressionou as gotas frias que apanhara dos arbustos contra a pele. Só desejava que Mina não reparasse no que estava a fazer, mas tinha de conseguir pensar com clareza.

— A única coisa que podemos fazer neste momento é tentar frustrar os próximos dois ou três homicídios — continuou. — Independentemente do que os teus colegas pensam de mim. Não me agrada que o assassino nos esteja a dizer que irá acontecer outra vez, por ordem decrescente. Se é que é disso que se trata. Mas não temos mais nada por onde pegar. Agora conseguiste envolver-me emocionalmente nesta história. Tendo em conta que só passou um mês entre as duas vítimas que encontraram, acho que não temos muito tempo. E... — Vincent hesitou. — Gostava de ver o local onde a caixa foi encontrada — acabou por dizer.

— O local já foi analisado pelos técnicos forenses e deixou de estar vedado. É altamente duvidoso que ainda haja lá alguma coisa que não tenham documentado.

— Ainda assim, gostaria de ir lá. Nunca fiz um perfil deste tipo, mas acredito naquilo de seguir os passos do assassino. Tentar identificar uma sensação, não só sobre o como ou o porquê de o ter feito, mas também sobre o onde. Estiveste no local?

— Não. O Peder é que foi ver o corpo. Mas... mas acho que lhe posso pedir que nos leve lá. Acho que não vai haver problema, ele é um bocado como um *labrador*, adora toda a gente. Até mentalistas!

— Obrigado — respondeu Vincent.

Subitamente, a jovem mulher com o casaco de penas apareceu outra vez. Estava a alguma distância deles, por trás de Mina, ainda demasiado longe para ele perceber quem era. Desta vez, a mulher acenou-lhe, mas Vincent fingiu não ver. Talvez fosse rude da parte dele, mas queria concentrar-se totalmente em Mina.

— Com que então, envolvi-te emocionalmente, foi? — disse Mina com um sorriso nos lábios e atirou-lhe rapidamente a bola de neve molhada. — Ainda bem.

A neve atingiu-lhe o braço com um som molhado e caiu no chão.

— Também acho — respondeu Vincent. — Bem, quero dizer, a investigação é...

As palavras desapareceram quando a olhou nos olhos. Não sabia nada sobre a vida privada de Mina, contavam-se pelos dedos da mão as vezes em que se haviam encontrado, mas, ainda assim, a presença dela parecia-lhe tão óbvia, tão simples. Mesmo quando não estavam juntos, ela estava lá, em segundo plano, da mesma forma óbvia que o oxigénio que respirava e o sangue que lhe circulava no corpo sem ele ter de pensar nisso. Não era assim que Vincent costumava relacionar-se com as pessoas que acabava de conhecer, antes pelo contrário. Podia demorar anos até deixar alguém entrar na sua vida, e Mina parecia ser igual a ele neste aspeto. Mas com ela era diferente, sentia-se confortável na sua presença.

Mina era... *O sangue que circulava no seu corpo.*

Como é que não tinha pensado naquilo? Era essa a diferença entre ele e um polícia a sério.

— Ouve lá, aquela que foi classificada como suicídio... — disse.

— A Agnes? Agnes Ceci.

— Sim, exatamente. Tinha vestígios de alguma substância tóxica no sangue?

Mina olhou para ele fixamente.

— Bem me pareceu que alguma coisa na investigação da Agnes não batia certo, e agora já sei o que é! — respondeu-lhe.

Estava bom tempo. O sol brilhava e a neve começara a derreter. Adorava o bom tempo. Na verdade, também adorava a chuva. E logo a seguir à chuva, quando aparecia aquele cheiro a limpo. Como quando a mãe e o pai acabavam de lavar a roupa de cama. Ele também gostava muito de roupa de cama acabada de lavar. E gostava da mãe e do pai. Gostava de gostar, porque, quando se gostava, ficava-se assim feliz na barriga, como ele gostava de ficar.

Às vezes também lhe doía a barriga. Disso já não gostava, mas não acontecia muitas vezes. Mas, quando lhe doía, doía-lhe sempre muito, muito, muito. A mãe e o pai diziam que era porque ele tinha mastigado coisas más. E ele sabia que eles na verdade tinham razão, mas gostava de mastigar coisas. Poder sentir um novo sabor, uma nova sensação na boca, senti-la com a língua, deixá-la rolar na boca, coisas novas que não tinha experimentado antes. Pura e simplesmente, não conseguia evitar. Gostava de fazer isso quase tanto como atirar coisas com a fisga. Quase.

— Olá, *Billy*! — exclamou alegremente.

Agachou-se e cumprimentou o pequeno *cocker spaniel* que encontrava quase todos os dias quando ia passear. O cão saltou todo contente e tentou lambe-lhe a cara. E conseguiu. Era tão fofinho. Depois de afagar *Billy* atrás das orelhas, agradeceu à dona do cão, como fazia sempre, e continuou em direção à orla da floresta. Era importante agradecer. A mãe dizia-lhe isso muitas vezes, mas convinha repetir, porque ele esquecia-se facilmente.

Já na orla da floresta, apalpou atrás do grande cepo. As suas garrafas de plástico ainda estavam ali. Às vezes desapareciam, alguém as roubava. Não gostava quando alguém lhe roubava as garrafas de plástico, mas não tinha autorização para as levar para o seu quarto, então, não havia alternativa a não ser escondê-las ali.

Com cuidado e precisão, colocou-as em cima do cepo. Três em linha, exatamente à mesma distância umas das outras. Depois, recuou até encontrar o sítio que tinha marcado. Cinquenta passos para trás. A zona tinha ficado enlameada, ainda bem que calçara as botas. Era importante treinar a partir do mesmo lugar exato e da mesma distância exata. Senão, como é que iria saber se estava a melhorar?

As pedras que usava para atirar foram cuidadosamente selecionadas. Podia ficar horas no caminho de gravilha à entrada da casa, a procurar as pedras perfeitas. Havia umas que punha na boca, adorava chupá-las, a sensação de uma pedra áspera contra a língua. As pedras em que acabara de pegar eram as melhores que tinha, as suas favoritas. Sentiu-lhes o peso, manuseou uma delas, uma com brilhantes que cintilavam ao sol.

Sacou a fisga do bolso de trás. Estava bastante usada, a madeira desgastada e envelhecida, mas era assim que ele a queria. Estava ajustada ao formato da sua mão. Era como se se tornassem um, ele e a fisga, assim que fechava o punho à volta dela. Com cuidado, colocou a pedra na funda, fechou um dos olhos, fez pontaria... e deixou a pedra voar. Esta atingiu a garrafa precisamente no meio e fê-la cair direita e graciosamente para trás.

— Bravo! Bom trabalho!

Sobressaltou-se. Não tinha visto ninguém chegar. Mas ficou contente por ter público, era mais divertido atirar quando alguém estava a assistir.

— Olha esta então! — disse e endireitou-se alegremente quando colocou a pedra seguinte na funda. — Agora, vou fazer pontaria à tampa!

Fechou novamente um olho, fez pontaria, atirou. A pedra atingiu a tampa verde-clara com precisão e a garrafa caiu pesadamente a direito para trás.

— Uau! És mesmo bom!

Até recebeu aplausos. Adorava aplausos, faziam-no sentir um formigueiro no corpo todo. Agarrou na terceira pedra, apressou-se a fazer pontaria e a atirar novamente. Queria aproveitar enquanto alguém ainda continuava a assistir, dali a pouco estaria a treinar sozinho outra vez, nunca ninguém ficava muito tempo. A terceira garrafa caiu para trás, tão direita como as duas primeiras.

— Olha lá, acho que isto exige um prémio! Tu deveres ser campeão mundial nesta modalidade! Anda! O meu carro está ali ao fundo, acho que tenho um prémio lá dentro para te dar.

Sentiu um calor de felicidade espalhar-se-lhe pelo corpo todo. Adorava prémios, mas nunca tinha recebido nenhum em toda a vida. E queria muito recebê-lo. Mas ninguém dava prémios a pessoas como ele.

E lá foi ele, feliz e contente. O carro era grande, ainda bem, talvez fosse um prémio grande também, tão grande como aqueles animais de peluche que nunca ganhou no parque de diversões. E se fosse mesmo assim tão grande?

— Entra, lá para o fundo, e vais ver o prémio. Assim que o vires logo saberás.

O coração batia-lhe com força no peito quando entrou no carro. Finalmente. Um prémio. Um prémio muito, muito bonito e grande.

Milda Hjort sentiu a ansiedade rasgar-lhe o peito. Já pegara várias vezes no telefone para fazer a chamada, mas, em vez disso, ficara sentada à secretária com o telefone na mão. Mais de vinte e cinco anos de profissão e sentia-se relativamente confiante de que havia cometido muito poucos erros. Era cuidadosa, levava o seu trabalho a sério, sentia uma responsabilidade tanto para com as vítimas como para com as suas famílias; cabia-lhe a ela dar-lhes as respostas que mereciam. Também era responsável por dar à Polícia e ao sistema judicial as ferramentas de que precisavam para poderem punir aqueles que cometiam os atos que ela analisava.

Porém, as coisas, nos últimos tempos, andavam de pernas para o ar. Não no trabalho, mas em casa; a sua vida tinha levado um safanão. Não pensara que isso iria afetar o trabalho, mas agora ali estava a prova, preto no branco, de que o caos em casa se espalhara até ao trabalho. Tinha cometido um erro. Um grande erro.

Milda estendeu a mão para a fotografia em cima da secretária, um dos poucos objetos pessoais que tinha no seu escritório. Acreditava na ordem e na organização; em casa, abraçara o método KonMari plenamente e livrara-se de todos os objetos que não eram necessários, ou que não lhe «transmitiam felicidade quando os segurava». A seguir ao divórcio, tomara conta dos filhos praticamente sozinha durante mais de quinze anos; portanto, o ex-marido dificilmente poderia opor-se à ordem austera que impusera.

A fotografia dos filhos fora tirada alguns anos antes, numa praia em Falkenberg, quando foram visitar a sua irmã. Vera e Conrad estavam contentes, bronzeados pelo sol, os cabelos talvez demasiado compridos e as sardas que apareciam todos os verões bem evidentes. Quando os filhos eram pequenos, Milda costumava inventar nomes para as sardas. Nomes novos todos os dias. As crianças adoravam. Claro que nem sempre fora fácil ter a responsabilidade total pelos filhos ao mesmo tempo que dedicava muita energia e paixão ao seu trabalho.

O pai das crianças provavelmente fizera o melhor que pudera, de acordo com o que ele próprio considerara apropriado. Mas Milda até preferia que ele não fizesse nada, era muito claro onde o problema de Conrad tinha a sua origem e Milda iria fazer tudo ao seu alcance para garantir que Conrad não acabava como o pai, que não trabalhava desde que tinha sido cantor naquele reles bar sueco de Las Playas, na Gran Canaria.

Todavia, de alguma forma, Milda conseguira fazer as coisas funcionar. Pelo menos, assim o achava, que ela e os filhos tinham passado bem, nunca lhes faltara nada.

Agora, em retrospectiva, talvez ela não tivesse sido suficiente. Ou então era apenas uma coincidência, a lotaria genética. Não tinha sido fácil, exigira-lhe tempo, roubara-lhe concentração. Muitas noites passadas sem dormir, quando, em vez disso, andara à procura de Conrad. Quando depois fora para o trabalho, acompanhada pelas preocupações da noite e a falta de sono, faltara-lhe o olhar aguçado para os detalhes de que sempre se orgulhara tanto.

Não havia desculpas, o erro era dela. Apenas dela.

Pegou novamente no telefone para marcar o número quando o som de alguém a bater à porta a interrompeu. Milda aclarou a garganta.

— Entre.

A porta abriu-se. Era Mina. Nas mãos trazia as pastas das duas vítimas. Milda já tinha visto aquelas capas de papel gastas com demasiada frequência para não as reconhecer imediatamente. Assentiu com a cabeça e pousou o telefone. Já não precisava de fazer a chamada.

Peder refletiu sobre a chamada que acabara de receber. Mina pedira-lhe «um grande favor»: se ele podia mostrar o local do crime a Vincent Walder.

Noutra ocasião, teria hesitado em aceder ao pedido, não ouvira nada sobre Vincent ter sido contratado como consultor, mas Mina era competente e Peder gostava dela. Além disso, o pedido da colega significava que poderia voltar a sair de casa. Sim, estaria a ser desleal para com a mulher, que teria de cuidar das trigêmeas sozinha outra vez, mas a sua mente já saturada dos bebés até deu piruetas de felicidade.

— Preciso de voltar para o trabalho — disse ao dar um beijo no rosto da mulher. — Liga-me se precisares de alguma coisa.

Ela parecia precisamente tão cansada quanto ele se sentia. Nenhum dos dois dormia mais de uma hora seguida desde que as trigêmeas tinham nascido, três meses antes, um dia antes da véspera de Natal. Peder nem ousava pensar no caos de presentes que os futuros natais anunciavam. Molly estava a gemer nos braços de Anette, e Peder reparou que a tetina do biberão lhe saíra da boca sem que Anette se apercebesse. Cuidadosamente, inseriu o biberão na boca da filha outra vez, que começou a chupar o leite avidamente.

— Aquelas duas estão a dormir, pelo menos. Espero que assim continuem durante algum tempo.

Peder olhou com ternura para Meja e Majken, que estavam cada uma na sua alfofa, no chão.

— Não é de estranhar que estejam a dormir agora, tendo em conta que passaram a noite acordadas — comentou Anette, irritada.

Peder acariciou-lhe o rosto.

— Escuta... vamos fazer isto juntos, havemos de nos safar. Num abrir e fechar de olhos, vamos olhar para trás, para esta fase, e rir-nos.

— Já abri e fechei os olhos, não funcionou... não me estou a rir.

— Aguenta umas horas que eu venho para casa assim que puder e substituo-te. E não te esqueças de que a tua mãe vem cá para a semana para nos ajudar. Mais um par de braços vai fazer maravilhas.

— Nunca pensei que ficaria tão ansiosa por uma visita da minha mãe. Mas acho que nunca desejei alguma coisa tão desesperadamente em toda a minha vida.

— Nós somos uns sortudos, meu amor, só estamos demasiado cansados para o apreciar. Vou andando. Se houver alguma coisa, apita.

— Bip...

— Ah, ah! Não sabia que me tinha casado com uma comediente...

Peder piscou os olhos com força quando se sentou no carro; tinha um pavor de morte de adormecer ao volante. Com um clique, abriu a lata de *Nocco* que tinha tirado do frigorífico. Naquele momento, era provavelmente o maior cliente deles, as bebidas energéticas tornaram-se a única coisa que o fazia funcionar, nem que fosse apenas por breves instantes. Só desejava que aquelas latas tivessem o dobro da quantidade de cafeína, 180 miligramas não eram nem de longe suficientes para um pai de trigémeas.

No rádio anunciavam o desaparecimento de um menino, que os seus colegas do departamento regular procuravam intensamente. Robert, chamavam-lhe «Bobban», tinha uma deficiência mental e desaparecera de casa. Provavelmente não se tratava de um crime, de acordo com a

experiência de Peder. Com alguma sorte, o rapaz seria encontrado em breve, a vaguear pela floresta ou até mesmo pela cidade. Certa vez, tinham procurado uma criança de cinco anos durante vários dias, que acabara por embarcar num comboio para Copenhaga, para ir visitar a avó. Ninguém abordara aquela criança sozinha. A Polícia dinamarquesa até o tinha levado da estação até à casa da avó, que depois telefonara para a Polícia sueca, assim que o menino apareceu à sua porta.

Peder mudou de estação para ouvir música calma. Desde que se tornara pai, ficara tremendamente mais sensível a notícias sobre crianças e jovens.

Quando virou para o parque de estacionamento do parque de diversões Gröna Lund, viu que Mina e Vincent já estavam à sua espera. Um tanto contrariado, deu por si a sentir alguma curiosidade em relação a Vincent Walder. Ele e Anette tinham assistido a um dos espetáculos de Walder, há coisa de três anos. Fora uma experiência impressionante e igualmente frustrante, e Peder, ainda hoje, não conseguia perceber minimamente como é que o mentalista fizera aquelas coisas.

O casaco preto de Vincent esvoaçou ao vento. Clássico, foi a palavra que lhe surgiu espontaneamente na mente quando viu Vincent. Como num filme a preto-e-branco. Já na sede da Polícia pensara a mesma coisa, que podia imaginar-se a parecer assim. Porém, tinha a certeza de que Vincent não tinha três bebés barulhentos em casa.

Peder estacionou o carro e apressou-se a ir ao encontro deles. Vincent viu-o estremecer quando o vento forte o atingiu diretamente no rosto.

— Olá, Vincent — cumprimentou-o Peder com entusiasmo, apertando-lhe a mão.

Vincent segurou a mão de Peder durante alguns segundos para sentir o seu aperto. Surpreendentemente forte, tendo em conta o semblante cansado de Peder.

— Parece que foste atropelado — disse Mina, e Peder concordou com um gesto da cabeça.

— Sim, elas passaram a noite acordadas... cada uma à vez — respondeu.

Vincent não conseguiu evitar arregalar os olhos. Meu deus! Também achava que três filhos eram extenuantes, mas, ainda assim, no caso dele havia um intervalo de dez anos entre o primeiro e o último. Não conseguia sequer imaginar o que seria ter três ao mesmo tempo. Provavelmente, nem seria capaz de se aguentar de pé.

— Estou mesmo impressionado por ter vindo — disse-lhe. — O sono é uma coisa verdadeiramente interessante! Sabe que, até recentemente, não se sabia ao certo o que nos faz adormecer, por exemplo?

— Não... não, isso não sabia.

Peder começou a caminhar em direção à entrada principal do parque de diversões. Mina e Vincent seguiram-no.

— Entretanto, dois grupos de investigadores descobriram aquilo a que

chamaram o «botão do sono» — continuou Vincent. — Batizaram-no de «*Nemuri*», é a palavra japonesa para sono.

— Ah, sim? ...

— Utilizaram doze mil moscas da fruta, estudaram os seus padrões de sono e encontraram um gene que controla o tal botão do sono.

— Moscas da fruta, portanto... — comentou Peder e apontou para a entrada.

Peder não parecia minimamente interessado. O que era estranho, pois ele mais do que ninguém deveria ter o sono no topo da sua lista de interesses. Mas certamente estava com mais dificuldades do que o normal em processar informações, tendo em conta o nível de cansaço.

— Vincent... — disse Mina em voz baixa, atrás dele. — Ele deve estar a pensar que és uma Wikipédia ambulante!

Vincent assentiu com a cabeça e ficou em silêncio.

O parque de diversões parecia estranhamente abandonado, assim fechado durante a temporada de inverno. Não se ouviam os gritos da torre de queda livre, nem a música chegava do palco principal. Não se ouvia o chiar de metal das diferentes atrações nem o barulho de milhares de pessoas juntas.

— Era aqui que estava a caixa — anunciou Peder e apontou para um ponto em frente ao portão.

Também trouxera consigo algumas fotografias da investigação técnica e entregou-as a Vincent, que estudou as imagens em silêncio.

— Vocês encontraram... os técnicos encontraram alguma pista? — perguntou. — Alguma coisa que pudesse estar relacionada com o homicídio?

— Que saibamos, ainda não — respondeu Peder e esfregou o cansaço dos olhos. — Claro que recolheram imensas amostras, mas infelizmente não demora um quarto de hora, nem coisa que se pareça, a obter os

resultados. E nesta fase, num local como este, é muito difícil determinar o que pode ter uma ligação à caixa ou o que já estava aqui quando ela cá veio parar.

— Claro — comentou Vincent pensativo e andou às voltas com o olhar fixo no chão. — Sabes, se dormires mal durante demasiado tempo, isso pode dar origem a efeitos nefastos. Aumenta o risco de várias doenças, a memória deteriora-se e o sistema imunitário enfraquece.

— Pois, obrigado — respondeu Peder e tossiu. — Isso...

— Também aumenta o risco de doença de Alzheimer, de alcoolismo e excesso de peso. Com falta de sono, corremos o risco de sobrecarregar o cérebro. O sono ajuda-nos a esquecer as coisas desnecessárias.

— Pois, eu realmente noto que não tenho os parafusos todos no sítio, neste momento — disse Peder. — Mas parece-me que não sou só eu — acrescentou em voz baixa, olhando para Mina.

Vincent ouviu-o. Lá se ia a tentativa de partilhar algumas informações úteis. Mas, claro, sempre tivera dificuldades em calibrar o que era considerado «apropriado». Era perfeitamente possível que tivesse dito uma ou duas coisas a mais.

Vincent agachou-se e examinou o chão onde a caixa fora colocada. Um pedaço de fita das barreiras policiais que ficara esquecido esvoaçava ao vento, como se quisesse voar para longe dali. Mina estava ao seu lado a observar, com os braços cruzados e a tremer ligeiramente. O frio fizera-a empalidecer, à exceção dos lábios, que continuavam vermelhos. Vincent sabia que ela não usava maquilhagem, mas tinha a sensação de que estavam realmente muito vermelhos. Não que soubesse como eram os lábios dela, evidentemente. Aclarou a garganta e tentou concentrar-se no chão.

— Antigamente era mais comum as pessoas dormirem sentadas do que deitadas — disse, ainda agachado.

Passou a mão enluvada pelas pedras da calçada. Quando a caixa fora encontrada, o chão estivera coberto de neve. Era bem possível que tudo o que não havia sido varrido pelos técnicos em busca de pistas significativas tivesse desaparecido juntamente com os últimos indícios do inverno. Sinceramente, estava à espera de encontrar muito mais; teria de confiar no seu cérebro para apanhar inconscientemente algo de que ele não se tivesse apercebido.

— É por isso que muitas vezes se encontram camas extremamente curtas em museus. Os médicos do século dezassete acreditavam que era prejudicial dormir deitado, afirmavam que, dessa forma, a comida podia deslocar-se da barriga até à cabeça através da traqueia. Que raio, maldito vento! — Vincent levantou-se e os seus joelhos estalaram ruidosamente. — Mas o que estás a experienciar agora é uma variante extrema daquilo a que se chama sono bifásico, ou sono repartido. Na verdade, costumava ser hábito as pessoas deitarem-se às oito, levantarem-se à meia-noite, ficarem acordadas cerca de duas horas e depois deitarem-se outra vez para dormir mais algumas horas.

Olhou com ar entendido para Peder, que parecia um ponto de interrogação ambulante.

— Também ficas malquinho e gordo se não dormires — traduziu Mina.

— Ah, está bem, então obrigado, vou já dizer isso à minha mulher — riu-se Peder.

— Quanto tempo depois a caixa foi encontrada? — perguntou Vincent e olhou novamente para o chão.

— Cedo de manhã. Os passageiros do *ferry* da ilha de Söder passam mesmo aqui.

— Deve ter sido essa a intenção — comentou Vincent. — Que ela fosse encontrada rapidamente. Parto do princípio de que não foi assassinada aqui?

— Exatamente. Teríamos encontrado mais sangue se tivesse acontecido aqui — confirmou Peder. — A caixa foi trazida para este local já depois de ela morrer, a médica-legista estava completamente convencida disso.

A escolha do local era tão espetacular como a caixa em si. Um sítio aberto, onde passavam pessoas. O assassino queria que fosse visível e que o corpo fosse encontrado de imediato. A questão era porquê. Havia demasiado planeamento para ser coincidência.

— A pessoa que procuramos não corre riscos — disse virado para Mina. — Mas, ainda assim, arriscou-se a transportar a caixa até aqui. Temos de compreender porquê.

A tempestade de primavera atravessou-lhe o corpo. Mina parecia ainda mais gelada agora. Vincent teria tido todo o prazer em oferecer-lhe o seu casaco, mas sabia que ela não o aceitaria a menos que fosse limpo por um jato de areia e mergulhado em soda cáustica primeiro. O melhor era levá-la para um sítio aquecido. De qualquer forma, já tinham terminado por ali.

— Já vi o que podia ver — disse. — Agradeço-te imenso, Peder.

Peder parecia ter sido atingido pela força plena do cansaço e até balançou.

— Dorme um pouco no carro antes de ires para casa — aconselhou e colocou a mão no ombro de Peder. — Não queres arriscar ter um acidente. Tanto a perceção cognitiva como a capacidade de reação podem diminuir até oitenta por cento com a fadiga.

— Bem, não sei, tenho mesmo de ir para casa... — respondeu Peder.

— Dorme uma hora. Tens filhos à tua espera em casa. Não queres que cresçam sem o pai. A estatística de acidentes em que o condutor adormeceu ao volante é...

Peder levantou a mão para pôr um fim àquilo.

— Pronto, pronto, convenceste-me. Vou dormir uma hora. Obrigado.

— Obrigado eu — respondeu Vincent alegremente.

— Não digam é nada à minha mulher.

Peder encolheu-se contra o vento e regressou para o carro. Não se podia dizer que caminhava com uma passada estável.

Vincent e Mina dirigiram-se para o carro desta, que o destrancou, mas, ao mesmo tempo que ouviu o sinal sonoro da fechadura, teve um impulso e virou-se para Vincent.

— Estás com pressa para te ires embora? — perguntou-lhe. — Ou temos tempo de ir beber um café?

Mina susteve a respiração. Talvez tivesse sido uma sugestão estúpida, mas não queria separar-se já de Vincent. Pareceu-lhe ver um brilho de alegria nos olhos dele, mas podia perfeitamente ter sido o sol da manhã que espreitara e se refletira no metal dos carros. O sol fazia o seu cabelo parecer ainda mais claro, quase branco, e Mina deu por si a perguntar-se se ele o pintaria ou se era a cor natural. Fosse como fosse, agradava-lhe.

— Claro. O Hasselbacken de certeza que está aberto.

Vincent fez um sinal com a cabeça para o belo e antigo edifício de madeira pintada de verde, que se erguia a meio da colina, logo acima do estacionamento. Mina assentiu com a cabeça, trancou outra vez o carro com um novo bip estridente e guardou a chave no bolso do casaco.

— Nunca usas mala? — perguntou Vincent.

— É assim tão estranho? — retorquiu Mina, e de imediato se apercebeu de que provavelmente era uma coisa invulgar para uma mulher.

Começaram a caminhar em direção ao antigo hotel.

— Acho as malas pouco higiénicas — continuou a explicar e encolheu os

ombros. — Acumulam-se imensas coisas nelas, que depois ficam por ali e que, por sua vez, acumulam bactérias.

— Mas não acontece a mesma coisa com os bolsos? — comentou Vincent.

Mina ergueu uma sobrancelha.

— Cala-te — retrucou, e retirou rapidamente as mãos dos bolsos. — Não me dês mais ideias, já me chegam as manias que tenho.

Vincent riu-se. Mina adorava conseguir falar tão facilmente com ele sobre aquilo que dominava a sua vida. Sentia que ele a compreendia. Claro que não podia falar verdadeiramente sobre aquilo; quando muito, poderia aflorar o assunto num tom brincalhão que dava a entender que não era nada de grave. Como se fosse apenas uma pequena excentricidade, que ela até controlava por completo. Mas, ainda assim, nunca fora tão longe com qualquer outra pessoa.

Vincent tinha razão, o hotel estava aberto. Sentaram-se a uma mesa de canto e pediram uma chávena de café cada um. Mina reparou que Vincent estava a olhar para ela atentamente quando as chávenas foram servidas. E que também reparou no movimento de limpeza rápido e discreto que ela fez com o guardanapo à volta da borda da chávena, um movimento que treinara à perfeição. Os colegas da Polícia tinham demorado consideravelmente mais tempo a reparar nele, mas, no que dizia respeito a Vincent, parecia que nada do que ela fazia lhe escapava. Preparou-se instintivamente para a piadinha que costumava sempre surgir dos colegas de trabalho.

Vincent pegou num guardanapo e limpou a sua chávena da mesma maneira.

— Nunca se sabe onde é que estas chávenas andaram — comentou com um tom cúmplice e soprou o café quente.

Mina procurou nos seus olhos por algo que revelasse que ele a

considerava meio maluca, mas não encontrou nada. Em vez disso, Vincent olhou para ela com uma expressão inocente. Mina bebeu um pouco de café, uma ótima forma de se aquecer depois da tempestade de primavera lá fora. Vincent provocava nela um sentimento de pertença, fazia-a sentir que não estava à margem. Ou, que se estava à margem, então ele pelo menos se juntara a ela. Era uma sensação... invulgar. Mas das boas.

— E achas que adiantou alguma coisa termos vindo aqui? — perguntou-lhe.

— Sim e não. Como tu disseste, já não há ali nenhuma possível pista, passam demasiadas pessoas pelo local todos os dias. Mas, sim, deu-me uma noção do tipo de criminoso com que estamos a lidar. Houve sobretudo duas coisas que me saltaram à vista: primeiro, a audácia necessária para depositar um cadáver num local tão exposto; e, depois, o facto de ninguém ter notado nada de especial leva-me a acreditar que a pessoa que procuramos é alguém que não se destaca, que passa facilmente despercebida.

— Hum... — murmurou Mina, pensativa.

Ficaram os dois calados durante algum tempo, até que Vincent quebrou o silêncio.

— O que sabes sobre o parque de Gröna Lund? — perguntou-lhe e bebericou o café.

— O parque de diversões? Rigorosamente nada — respondeu Mina, e abanou a cabeça para a empregada que se aproximava da mesa deles.

— É o parque mais antigo da Suécia — disse Vincent. — Foi inaugurado em 1883. Mas em 1924 enfrentou uma forte concorrência quando um parque de diversões itinerante, chamado Nöjet, se instalou precisamente em frente.

— Ah, já me lembro! Ouvi falar disso, sim. Não havia uma história de

amor envolvida?

— Sim, exatamente. O filho da família proprietária do Nöjet e a filha da família proprietária do Gröna Lund apaixonaram-se. Casaram-se e geriram primeiro o Nöjet e depois o Gröna Lund juntos. A filha deles, Nadja, foi gerente do Gröna até 2001.

— Que romântico — disse Mina, mas apercebeu-se de que não soara muito bem.

Não quisera parecer irónica, mas as cenas românticas não tinham nada que ver com ela. Era algo que perturbava a ordem. Além de que, mais cedo ou mais tarde, resultava sempre em confusão.

— O que eu acho mais interessante são as atrações humanas que havia na década de 1920 — disse Vincent e olhou pela janela, para o perfil do parque de diversões.

— Atrações humanas? Tipo *freak show*?

Mina franziu o sobrolho; a ideia de exhibir pessoas por dinheiro, só porque não eram como as outras, deixava-a furiosa. Perguntava-se o que a teriam chamado a ela. *Mina — a mulher livre de bactérias! Vejam como ela se lava! Sintam o cheiro do seu álcool-gel!*

— No Gröna Lund era possível ir ver uma tribo africana — explicou Vincent e virou-se novamente para ela. — E até um grupo de anões alemães na cidade imaginária de Lilliput e, claro, *striptease*.

— Oh, um entretenimento para toda a família! — retorquiu Mina com aspereza.

Os olhos de Vincent semicerraram-se.

— Aquilo a que as pessoas não estão habituadas é sempre considerado estranho — disse e pousou cuidadosamente a chávena de café na mesa. — As pessoas pensam que as suas próprias normas se aplicam a toda a gente e aflige-lhes aquilo que não obedece às suas regras. Destacar-se da multidão

pode dar origem a admiração, assim como ao apontar de dedos. Por vezes, até as duas coisas ao mesmo tempo. As pessoas pagam para olhar para mim também, já pensaste nisso? E não acreditas que eu sou considerado normal de forma alguma, pois não? Que as pessoas convidam alguém como eu para um lanche descontraído antes do Natal? Nós somos únicos, Mina, e pagamos um preço por isso. Mas lembra-te de uma coisa: o único poder que os outros têm sobre a tua vida é aquele que tu lhes dás. Deixa-os olhar, se é isso que querem. E porque não deixá-los pagar por esse prazer, se tiverem vontade? E deixa-os falar, não tem nada que ver contigo.

Mina olhou para o parque de diversões na base da colina para não ter de encarar o olhar de Vincent. Piscou os olhos várias vezes; ele fazia aquilo parecer tão fácil. Mas não era fácil, era difícil. Ponderou contar-lhe sobre as reuniões dos Alcoólicos Anónimos, mas não se conheciam assim tão bem ainda. E provavelmente nunca se conheceriam.

— De qualquer maneira, génios como nós são sempre incompreendidos — acrescentou Vincent com um sorriso malicioso.

— Aprecio muito a tua humildade — respondeu Mina e sorriu-lhe também. — A propósito, este génio aqui falou com a Milda Hjort hoje de manhã.

— A Milda....? — perguntou Vincent com ar confuso.

— A médica-legista. A que fez a autópsia da Agnes Ceci. Foi ela que nos contactou sobre as marcas no corpo. Lembras-te de me teres perguntado se tinha alguma substância tóxica no corpo?

— Estou a ver na tua cara que vem aí um «mas» — respondeu Vincent e inclinou-se para a frente.

— Ela cometeu um erro — disse Mina e também se inclinou para a frente. — Esqueceu-se de pedir o exame toxicológico do corpo. Não

recolheu amostras, não pediu testes. Apesar de fazer parte do procedimento de rotina.

— Meu Deus — espantou-se Vincent, e Mina abanou a cabeça em concordância.

O desespero de Milda fora grande e palpável. Ia ser alvo de uma investigação. E de possíveis consequências.

— O fator humano — disse Mina. — Ela... tem passado por momentos difíceis.

Vincent tamborilou no tampo da mesa. O mesmo ritmo, repetidamente. Mina apercebeu-se de que começara a mexer o pé ao som da batida. Forçou-se a mantê-lo quieto e esperou enquanto ele processava a informação.

— Então... e agora? — perguntou lentamente e parou de tamborilar.

— A Milda contactou o procurador e eu informei a Julia do sucedido. Vamos solicitar a exumação do corpo o mais depressa possível e, dadas as circunstâncias, provavelmente conseguiremos obter uma decisão imediata. Talvez possamos até pedir autorização e receber uma decisão já hoje, se tivermos sorte. Os corpos decompõem-se rapidamente, quanto mais tempo demorar até as amostras poderem ser recolhidas, maior o risco de desaparecimento de vestígios. Mas também temos de resolver os aspetos práticos. Escavadoras, o pessoal da igreja, pessoas responsáveis pela escavação propriamente dita. Técnicos forenses no local. O problema é que pode levar semanas a conciliar disponibilidades.

Vincent levantou-se e pegou no telemóvel.

— Acho que posso ajudar com dois desses pontos — disse. — Se falares com o pessoal da igreja onde ela está enterrada e resolveres a questão com os técnicos forenses, vou ver o que posso fazer em relação às máquinas e ao pessoal das escavadoras.

— As coisas não funcionam assim. Um serviço desses tem de ser adjudicado, leva tempo.

— Para vocês, talvez. Mas eu não trabalho para a Polícia. Podes fingir que não sabes para onde eu liguei. Aliás, não estavas ocupada a pedir uma autorização ou assim?

As mesas na sala tinham sido todas ocupadas enquanto eles conversavam, então, Vincent foi até à receção do hotel para poder telefonar à vontade.

— Nunca teria imaginado que a tua rede de contactos incluía maquinistas de escavadoras! — observou Mina, divertida, já ele se ia a levantar.

— Há muita coisa sobre mim que não sabes — retrucou Vincent, de caminho.

E tinha toda a razão. Ainda era um cofre por abrir. Um presente por desembulhar. Teve tempo de pensar antes de se controlar. Mas fazia-a feliz. E já há muito tempo que nada nem ninguém o fazia daquela forma. Fez um movimento de rotação com os ombros e notou que não estavam tensos. Ela, que às vezes ficava tão tensa durante o dia que tinha enxaquecas quando ia para a cama à noite, estava, pela primeira vez em muito tempo, com o corpo todo relaxado. Solto um suspiro de prazer e bebeu um pouco mais de café, à espera de que Vincent regressasse.

Quando a empregada de mesa apareceu de novo com a cafeteira, Mina aceitou. Limpou cuidadosamente a borda da chávena com um guardanapo novo, antes de a levar à boca. Desta vez, não fez nenhuma tentativa de o esconder. Ouviu a voz de Vincent vinda da zona da receção, mas sem conseguir distinguir as palavras. Mina sorriu. E convenceu-se a si própria de que o calor que sentia na barriga se devia ao café.

ABRIL

Hesitaram do lado de fora da entrada da esquadra. Gunnar pegou gentilmente no braço de Märta e sentiu-a tremer sob do casaco de lã castanho, que na verdade era demasiado quente para a altura do ano. O tempo de primavera chegara com força, mas nenhum deles atribuíra qualquer importância à roupa que haviam vestido. A única coisa em que conseguiam pensar era na ansiedade torturante, a sensação de que algo estava errado.

— Mais vale despacharmos já o assunto — disse Gunnar com suavidade.

Märta continuava hesitante, mas Gunnar puxou-a gentilmente através da porta de entrada. Sabia como ela pensava; ao fim de sessenta anos de casamento, conhecia-lhe os pensamentos mais íntimos e sabia que ela estava a lutar contra o instinto de esconder a cabeça na areia, a tendência para pensar que, desde que não soubessem que algo acontecera, então nada acontecera. Porém, Gunnar não era assim. Tinham estado atentos aos telefones, fizeram chamadas, fartaram-se de procurar, tentando recordar amigos que, na verdade, nem sabiam quem eram, pessoas de quem ela alguma vez tivesse falado ou mencionado de passagem. Algum nome a que, na altura, não tivessem dado importância, mas que agora desejavam conseguir recordar. Alguém da organização. Ninguém sabia de nada. Era como se a terra se tivesse aberto e ela houvesse sido engolida. E só faltavam alguns dias para a Páscoa, que celebravam sempre juntos.

Gunnar era padre há mais de quarenta anos, mas, nos últimos tempos, quase deixara de falar com Deus. Não porque já não acreditasse, a sua fé até era mais forte agora do que quando era um jovem e entusiasmado padre recém-formado, mas porque começara a tomá-Lo como garantido, presumindo que Ele estava ao seu lado, a seguir os seus passos, a protegê-lo, sem que ele próprio tivesse de fazer nada em troca. Talvez fosse o seu orgulho que agora estava a ser punido. Não sabia. A única coisa que sabia era que não parara de rezar desde que o barco regressara sem ela. Logo nessa altura, soubera que, de alguma forma, estava perdida para eles.

— Desculpe — disse e avançou um passo cauteloso até à janela do guichê.

Uma jovem mulher de olhar simpático estava sentada atrás do vidro. Em circunstâncias normais, o seu sorriso ter-lhe-ia aquecido o coração, Gunnar ficava feliz com a felicidade dos outros e ele próprio tentava sempre espalhar tanta alegria e esperança à sua volta quanto podia. Quer na sua profissão quer na vida privada. Porém, hoje não havia espaço no seu peito para alegria nenhuma. Ou esperança, sequer. Sabia que Märta ainda tinha esperança, e Gunnar desejava do fundo do seu ser que fosse ela a ter razão e ele a estar errado. Mas tinha sentido a força do silêncio que o atingira quando gritara o seu desespero, o seu pedido de ajuda. Pela primeira vez, Deus não respondera às suas preces. Já não sentia a presença de Deus, por mais que rezasse. Só sentia um vazio.

— Queremos dar uma pessoa como desaparecida — explicou e puxou Märta para mais perto de si, para que ela também entrasse no campo de visão da mulher da receção.

— E quem é a pessoa que está desaparecida? — perguntou a jovem e o seu sorriso alegre foi substituído por uma empatia calorosa.

Devia estar habituada àquele tipo de assuntos, pensou Gunnar. Só podia

imaginar o tipo de miséria que ela devia ver e ouvir todos os dias no seu trabalho, mas certamente não entenderia quão abismal era o desespero deles. E se não os levasse a sério?

Sem dizer nada, Märta enfiou a mão na mala e retirou uma fotografia, que passou pelo espaço estreito por baixo do vidro. Tinham escolhido a fotografia em que apareciam juntos; fora Gunnar que a tirara no parque perto da vivenda deles, em Upplands Väsby. Ela estava sentada com o menino ao colo, num daqueles cavalos de madeira que balançam para a frente e para trás, em cima de uma grande mola. Tão feliz que ela estava naquele dia!

Os seus olhos brilhavam, tanto do sol como daquilo que tinha no seu interior, a que Gunnar sempre chamara «a luz de Deus». Ela não era crente, não da forma que ele e Märta eram. Talvez tivesse tido fé na infância, depois diluída em algo que se limitava à missa de Natal e à celebração da Páscoa com eles. Não obstante, gostava quando ele dizia aquilo, mesmo quando era pequena. Que ela carregava a luz de Deus dentro de si. Gunnar esperava que a mulher atrás do vidro também o visse, que compreendesse que ninguém com uma luz assim nos olhos, e com um menino assim nos braços, desapareceria voluntariamente.

— Esta é a nossa neta e o nosso bisneto. Ela ia fazer uma viagem de barco durante algumas semanas, mas nunca chegou a voltar da viagem. E agora descobrimos que nunca chegou a partir. Nesse caso, está desaparecida há um mês. O Linus, o filho dela, está connosco desde então, mas precisa da mãe.

— E não há nada que aponte para que ela possa ter desaparecido de livre vontade? — perguntou a mulher.

Formara-se uma ruga profunda entre as sobrancelhas e uma expressão

suave nos olhos da mulher, que Gunnar pensou significar compaixão. Graças a Deus. Levara-os a sério.

— Temos de falar com alguém. Alguém da Polícia — disse Märta com a voz frágil e cambaleou.

Gunnar estendeu instintivamente o braço e segurou-a. Os sintomas da recaída tinham piorado nas últimas vinte e quatro horas, a ansiedade e a esclerose múltipla não eram boas companheiras. Aguardaram enquanto a mulher olhava para a fotografia. Depois, ela assentiu com a cabeça.

— Vão pôr-vos a falar com um dos nossos agentes, vou telefonar-lhe. Como... como é que se chama a vossa neta?

— Tuva — respondeu Gunnar. — Chama-se Tuva.

Pelo menos tinham escolhido um segurança privado que não parecia um monte de músculos, teria de contentar-se com isso. Para que o seu espetáculo funcionasse, o público precisava de estar descontraído. Mais do que isso, precisava de ter um público submisso, que se sentisse seguro e estivesse de bom humor. Um monte de músculos com os braços cruzados ao lado do palco teria provocado o efeito precisamente contrário. No entanto, Umberto considerava que não tinham escolha e Vincent cumprimentou o segurança, que se chamava Ola.

— Ela aparece sempre depois de eu sair de cena — explicou Vincent. — Portanto, não sei exatamente o que é que acontece. Mas parece que sobe ao palco assim que as cortinas descem, para tentar chegar aos bastidores e a mim.

— E o que é que ela quer? — perguntou Ola.

Vincent encolheu os ombros. Subindo para o palco, inspecionou os adereços para a atuação da noite.

— Nunca me cruzei com ela — disse. — Os técnicos de cena apanharam-na sempre que ela tentou atravessar o palco. Nunca se comportou de forma ameaçadora com eles, mas isso não quer dizer nada. É uma pessoa extremamente determinada. Na semana passada, num teatro, havia uma porta corta-fogo, e ela também conseguiu passar por aí. O que me preocupa é que ela parta alguma coisa. Ou que se magoe.

Ola ergueu uma sobrancelha. Vincent corrigiu o alinhamento de uma

pilha de cubos de Rubik e alguns baralhos de cartas com fotografias de pessoas famosas.

— Não me parece lá muito saudável — comentou o segurança.

— É por isso que está aqui.

— Mas não percebo uma coisa — replicou Ola e cruzou os braços. — Quero dizer, não tenho nada contra acompanhá-lo ao longo do resto da digressão e garantir que ninguém entra sem autorização, nem durante nem depois do espetáculo, esse é o meu trabalho. Mas, se ela quer tanto encontrar-se consigo, porque é que não vai simplesmente até à entrada dos artistas e espera lá por si? Mais cedo ou mais tarde, o Vincent acabaria por sair.

Vincent desejou que Ola não tivesse cruzado os braços, musculados ou não. Aquela postura denunciava-o logo com sendo um guarda-costas. Além disso, havia vários estudos que mostravam que as pessoas ficam menos recetivas a processar informação externa, como aquilo que os outros lhes dizem, quando têm os braços cruzados. O gesto está tão fortemente associado ao ato de pensar que o cérebro automaticamente se volta para dentro quando os braços são cruzados. E Ola tinha mesmo de compreender.

— Pode segurar isto um minuto? — pediu Vincent e estendeu um baralho de cartas com imagens de pessoas famosas ao segurança. Foi o suficiente para fazer Ola abrir novamente os braços. — Eu também já pensei nisso. Porque é que ela não vai simplesmente para a porta de entrada dos artistas? E a única explicação que consigo encontrar é que a ação não é planeada, apesar de ser repetida. Ela vê o espetáculo todo, hoje talvez pela décima vez, e, no final, sente um impulso emocional tão forte de se levantar e subir ao palco que a domina completamente. Não consegue controlar-se. Não tinha planeado fazer aquilo, mas, de repente, convence-se de que, desta vez, talvez funcione.

Vincent olhou para Ola com ar sério.

— A definição de loucura é fazer precisamente a mesma coisa repetidamente e acreditar que se vai atingir um resultado diferente. Não posso chegar a outra conclusão que não a de que ela tem certos... certos desafios mentais. Além disso, também recebi isto.

Vincent retirou um envelope amarrado do bolso do *blazer*.

— Uma carta? — perguntou Ola, surpreendido. — As pessoas ainda mandam destas coisas?

— Normalmente, são de gente mais velha — disse Vincent. — Mas desta vez não.

Desdobrou a primeira metade da carta para que Ola pudesse ler. O texto fora escrito com paixão, mas a mão que segurara a caneta era tudo menos trémula. Pelo contrário, a caligrafia era quase fria.

«Vi-te no programa da manhã», dizia. «Estavas lá com a Jenny e o Steffo. E, como sempre, os teus sinais para mim foram claros. Só gostava de os ter percebido mais cedo. Tens razão, nós pertencemos um ao outro.»

— Ui — comentou o segurança e abanou a cabeça.

— Por enquanto, trata-se apenas de uma pessoa confusa a projetar as suas necessidades em alguém que viu na televisão — afirmou Vincent. — É um fenómeno psicológico reconhecido. Não é raro as pessoas ficarem convencidas de que indivíduos que veem na televisão, às vezes até personagens fictícias de séries televisivas, são mesmo amigos delas. E hoje em dia, com os serviços de *streaming* que nos permitem ver temporadas de séries inteiras de seguida, esse fenómeno é cada vez mais comum. O cérebro simplesmente não está construído para distinguir entre relacionamentos reais e inventados. Se, além disso, a pessoa também estiver um pouco deprimida, essa relação unilateral pode tornar-se vital. Até pode

ser experienciada como recíproca, como parece ser o caso de quem escreveu esta carta.

— Então, acha que esta carta é da mesma mulher que vem aos seus espetáculos?

— Não sei. Talvez. E se fosse só isso, não teria ficado preocupado. Mas esta é a segunda carta que recebo da mesma pessoa. Uma carta pode ser enviada num estado de confusão temporária, mas duas cartas já me parecem um plano. E há mais para ler. O que vem a seguir é que às vezes me tira o sono.

Vincent desdobrou a parte inferior da carta e Ola arregalou os olhos ao ler.

«Mas, depois disso, não voltaste ao programa da manhã. Já passou demasiado tempo para não ser propositado. No momento em que compreendi que pertencemos um ao outro, tu viras-me as costas. E eu não vou tolerar isso.»

— Nem é preciso explicar o que significa a última frase — disse Vincent. — Ou quão séria é a ameaça. Sei que posso parecer neste momento um artista arrogante em cima de um pedestal e nem sequer sei se ela é realmente perigosa, mas não gostaria nada de me encontrar com esta pessoa. Além disso, não quero ninguém perto dos adereços em palco quando eu não estiver presente.

Ola devolveu-lhe as cartas.

— Não se preocupe com parecer arrogante — respondeu. — As pessoas são muito estranhas. E eu já fui segurança em concertos dos Sannex. Os fãs deles é que são da pesada. A sua pequena *stalker* até é fofinha, em comparação.

Julia espreitou pela porta do gabinete de Ruben.

— Larga o que quer que estejas a fazer e vem para a sala de reuniões — disse-lhe, e desapareceu antes de ele ter tempo de reagir.

Ruben olhou para a mensagem que estava a redigir com tanto cuidado.

«Malin, foi muito emocionante estar contigo ontem. Infelizmente, acabei de ser convocado para uma missão secreta no estrangeiro e vou estar fora durante seis meses. Mas gostava muito de voltar a ver-te quando regressar a casa», escrevera. O importante era não estar disponível ao início. Se elas tivessem de fazer um esforço, acabavam sempre por vir a correr. Funcionava sempre. Só tinha de terminar com algo *sexy*. Talvez algo sobre não ter a certeza de que iria sobreviver?

— Ruben!! — insistiu Julia do corredor.

Ruben suspirou e carregou na tecla de apagar até o pequeno ecrã ficar vazio. Não responder de todo também era uma estratégia eficaz.

Mina, Christer e Julia já aguardavam na sala de reuniões. Peder estaria provavelmente a dormir a um canto. O rosto de Julia parecia afogueado, como se tivesse vindo a correr. E assim acontecera, de facto. Não obstante, Ruben não conseguia deixar de fantasiar sobre outros motivos para ela se apresentar de bochechas rosadas. Já a vira ruborizada antes, estava ela consideravelmente menos vestida e ele deitado por baixo com as mãos nas suas ancas. Ruben sentou-se e disparou um sorriso satisfeito na direção de Julia, que o ignorou por completo.

Ruben perguntou-se sobre o motivo da reunião e a que se devia tamanha urgência. No final de contas, tinham feito um apanhado da situação apenas uma hora antes, e Mina informara-os sobre a exumação do corpo de Agnes Ceci.

— Já sabemos quem é a vítima dentro da caixa das espadas — disse Julia, de pé à cabeceira da mesa. — Chama-se Tuva Lewin, tem vinte e cinco anos e mora em Hägersten. Os familiares mais próximos são os avós maternos e o filho Linus, de três anos. Os pais da Tuva não fazem parte da vida dela, e já assim é há muito tempo — acrescentou Julia como resposta às sobrancelhas arqueadas de Christer. — Os avós dela acabaram de vir à esquadra e também certificaram que o pai do Linus, o ex-namorado da Tuva, está em Londres há cerca de três anos. Claro que vamos confirmar que é mesmo esse o caso. Não recebemos nenhuma informação de contacto de amigos, mas ela trabalhava num café chamado Fab Fika, no bairro de Hornstull, com um tal Daniel. Não sabemos o apelido.

— Vou a esse café imediatamente — disse Mina antes de Ruben sequer ter tempo de abrir a boca.

Julia ficou com ar hesitante. Apoiou-se na mesa com as duas mãos e Ruben não conseguiu deixar de reparar como a curvatura do seu rabo ficava bonita quando ela se inclinava ligeiramente para a frente. Tentou encontrar um indício das cuecas através do tecido de ganga, mas não viu nada, provavelmente vestira fio dental hoje. Não o surpreenderia que até fosse por causa dele.

— Tens a certeza? — perguntou Julia a Mina. — És ótima em imensas coisas, mas novos contactos talvez não sejam o teu ponto forte. Vais ter de falar com pessoas que não sabem que a Tuva está morta e também não lhes vais poder contar.

— Não sejas assim, Julia — comentou Ruben e recostou-se com as mãos

entrelaçadas na nuca. — A Mina é tão calorosa e fofa. Vou lá eu, então. Consigo fazer com que qualquer pessoa se abra. Como tu sabes.

Lançou um olhar cúmplice à chefe.

— Ruben, acabaste de me convencer — respondeu Julia. — Mina, vai lá.

Mina assentiu com a cabeça, levantou-se e desapareceu rapidamente da sala.

— Vocês os dois vejam que mais conseguem encontrar sobre a Tuva Lewin — disse Julia a Christer e Ruben, que também se levantou. — O número de identificação pessoal e outras informações desse tipo estarão, como sempre, na nossa base de dados.

Ruben começou a dirigir-se para a porta, mas Julia deteve-o pondo-lhe a mão no braço. Depois esperou até que Christer tivesse saído.

— Ruben — disse Julia em voz baixa —, sei que pensas que és uma dádiva de Deus para as mulheres, mas mais um comentário desses e «trabalhar a partir de casa» vai passar a ter um significado completamente novo para ti. E isso é se ainda tiveres trabalho, de todo. Já tiveste muitas oportunidades, este grupo pode ser a tua última. Não me parece que a autoridade policial sueca tenha mais cursos sobre igualdade de género para oferecer.

Julia largou-lhe o braço e saiu à frente dele para o corredor. Ruben ficou a olhar-lhe fixamente para as costas. Subitamente, não tinha o menor desejo de lhe olhar para o rabo. As mulheres agressivas eram tão pouco atraentes.

Para chegar ao bairro de Hornstull desde a sede da Polícia, Mina só precisava de atravessar a Ponte Västerbron. Era um trajeto que podia perfeitamente ser feito a pé, mas, ainda assim, levou o carro. Quando chegou a Hornstull, viu o café Fab Fika do seu lado direito. O sol refletia-se nas janelas e tornava impossível ver quem se encontrava no interior. Continuou a conduzir e afastou-se do café em direção à Praça Gullmarsplan, onde iria apanhar Vincent. Telefonara-lhe assim que saíra da reunião, queria que ele estivesse presente quando falasse com Daniel. Os outros podiam dizer o que quisessem, mas Vincent conseguiria detetar coisas no comportamento de Daniel que ela própria talvez deixasse escapar. Era sensato ter um segundo observador em todas as situações de entrevista, e ela não via que Ruben fosse a pessoa indicada para esse papel. Além de que qualquer tarefa parecia mais divertida quando Vincent estava com ela.

Mina parou na Praça Gullmarsplan e viu-o imediatamente. Estava vestido com um casaco preto e uma camisola de gola alta da mesma cor. Sapatos rasos castanhos. Mina sorriu para si própria, Vincent não teria mais ar de leitor de pensamentos mesmo que quisesse. Ou de polícia à paisana, apercebeu-se a seguir. Pelo menos como os das séries de televisão. Teria de o aconselhar a não ver tanta ficção.

Vincent avistou-a e um sorriso aflorou-lhe ao rosto.

— Então, este tal rapaz que vamos conhecer — disse ao entrar no carro — é um suspeito?

— Olá para ti também — respondeu Mina com um olhar eloquente. — Como é que estás? Tive dificuldade em chegar aqui de carro?

Vincent olhou para Mina com uma expressão de confusão total. Depois franziu a testa.

— Desculpa — disse. — Claro que quero saber como estás. É que parecias tão entusiasmada ao telefone que me contagiaste. Mas olá. Olá, Mina.

— Olá, Vincent.

Mina deixou a praça e conduziu de volta para Södermalm. Vincent mudou de posição no assento, o que provocou um farfalhar por baixo dele.

— O que é isto?... Tens plástico por cima do assento? — perguntou.

— É para poder matar pessoas no carro sem ficar com manchas de sangue. Adivinha porque é que quis que te sentasses precisamente aí?

Vincent soltou uma gargalhada. Mina, impassível, permaneceu concentrada no trânsito.

— *Sorry* — disse Vincent. — Então, o que é que achas que vamos descobrir pelo colega de trabalho da Tuva?

— Não sei bem. Não muito sobre a vida pessoal dela, quer-me parecer. Quando entrevistamos familiares é impressionante o pouco que as pessoas efetivamente sabem sobre como os seus mais próximos realmente vivem. Ou viviam. Os seus testemunhos raramente correspondem ao que vemos quando examinamos as casas das vítimas.

— E o que é que costumam procurar? — perguntou Vincent e segurou-se à beira do assento quando Mina mudou rapidamente de fila, na Ponte Gullmarsbron.

— Bem, se não houver muita comida no frigorífico, quer dizer que costumam comer fora, o que se torna tanto um padrão previsível como uma oportunidade de conhecer estranhos... um assassino, por exemplo. E se

olharmos para o tipo de coisas que faltam no frigorífico, também ficamos com uma noção se é o pequeno-almoço ou o jantar que costumam comer noutro sítio. É preciso ter algum *feeling*. Instrumentos musicais e pinturas por acabar são indícios de um passatempo. A Tuva e a Agnes podem ter feito parte da mesma associação ou frequentado o mesmo curso, onde terão conhecido o assassino. Os brinquedos sexuais também são bons indicadores.

— Brinquedos sexuais? — perguntou Vincent com ar de espanto.

Mina encolheu os ombros, há muito que deixara de se surpreender com as coisas que podiam encontrar nas casas das pessoas. O importante era preparar-se mentalmente antes de olhar para baixo da cama ou para o espaço por trás da cabeceira. O pior era quando só encontravam um rolo de papel higiénico; nesses casos, podiam ter a certeza de que havia outras coisas bem escondidas noutros sítios.

— Sabemos que a Tuva era solteira — prosseguiu Mina. — E não ouvimos nada sobre a Agnes ter um relacionamento. Se encontrarmos brinquedos sexuais relacionados com práticas de dominação, pode ser um indicador de um estilo de vida para o qual se procura satisfação em clubes específicos. Locais onde podem ter-se conhecido tanto uma à outra como ao assassino.

Vincent assentiu com a cabeça, pensativo.

— Pois, as habilidades do Sherlock Holmes talvez fossem exageradas — comentou. — Mas a verdade é que, já em 1956, Brunswick formulou um modelo de ligação entre as coisas que escolhemos ter à nossa volta em casa e como isso influencia a forma como os outros nos veem. Quer Baumeister quer Swann escreveram muito desde então sobre como comunicamos através de símbolos quando decoramos as nossas casas e, em 1997, Sam

Gosling começou a mapear a ligação direta entre diferentes personalidades e objetos específicos nos quartos das pessoas. É superinteressante.

Mina lançou-lhe um olhar rápido.

— E, no meio disso tudo, vou precisar de te recordar porque é que não tinhas muito sucesso a nível sexual quando eras novo — comentou Mina e virou para a Avenida Ringvägen. Acabou atrás de um *Volvo* numa aula de condução, a avançar a trinta à hora. Típico.

— Independentemente do que encontrarem, há outra peça do *puzzle* que também aponta para que elas possam ter tido estilos de vida parecidos. Os homicídios ocorreram mais ou menos à mesma hora do dia, às catorze e às quinze horas. Acho que isso quer dizer que também aconteceram no mesmo tipo de local. A Tuva e a Agnes talvez até almoçassem no mesmo restaurante — disse Vincent.

Mina assentiu com a cabeça. Vincent daria um bom polícia, apesar da roupa preta.

— Também pensei nisso — respondeu. — O Peder ia ver os menus de *takeaway*, que, sem dúvida, existirão nas cozinhas delas. Se tivermos sorte, talvez encontremos o mesmo na casa de uma e de outra.

Pelo canto do olho, Mina viu Vincent abrir a mala e pegar nas pastas de documentos que ela lhe dera sem o conhecimento dos colegas. Começou a ler os relatórios de Milda.

— Não estou a conseguir perceber — comentou, pensativo. — Este perfil... é tão contraditório.

— Como é que reagiram em casa? — perguntou Mina. — Por estares a ajudar a Polícia em segredo, quero dizer.

Vincent fechou as pastas e olhou para ela por um momento. Mina virou para a Rua Hornsgatan e o *Volvo* virou na direção contrária. Finalmente. Chegariam ao café Fab Fika dali a poucos minutos.

— Para começar, eu não estou a ajudar a Polícia — respondeu Vincent ao fim de algum tempo. — Os teus colegas foram bastante claros em relação a isso. Estou a ajudar-te a ti. E faço-o com todo o gosto. Mas a minha família... deixa-me pôr as coisas desta maneira, o Benjamin acha que é tudo muito excitante. A Rebecka acha que só a envergonho, faça o que fizer. O Aston não está interessado em nada que não se relacione com Legos. E a Maria... é a Maria.

— Deixa-me adivinhar, não me vai convidar para ir beber café um dia destes.

Mina começou a procurar um lugar de estacionamento. Se tivesse levado um carro da Polícia, poderia ter estacionado em qualquer sítio, mas um carro civil era preferível em situações como aquela, não queria assustar Daniel desnecessariamente. Encontrou um lugar livre e parou. O Fab Fika ficava apenas a cem metros de distância.

— É uma maneira de ver as coisas, sim — respondeu Vincent. — Mas este tal Daniel... qual é a estratégia?

— Eu falo, tu observas. Mas prepara-te para seja o que for.

Daniel lançou um olhar para a janela do café em Hornstull. Quando o sol de primavera a iluminava diretamente, como agora, via-se realmente quão suja estava. Tuva tivera como regra recusar todos os serviços de limpezas de vidros que por ali passavam, preferia limpá-los ela própria. E Daniel não tivera nada contra isso, desde que ele não precisasse de o fazer. Porém, há muito tempo que Tuva não podia limpar as janelas. Aliás, não podia fazer nada de nada, uma vez que ninguém sabia onde ela estava. Daniel suspirou, já tinha reparado que vários clientes olhavam para os vidros sujos com ar de reprovação. Acabaria por ter de ser ele a fazê-lo, sabia disso. À medida que a primavera se instalasse, a sujidade só ficaria mais visível. Passou por água um pano gasto e começou a limpar o balcão que o separava dos clientes. Viu o seu cabelo alourado refletido no tampo de vidro da bancada e sorriu, satisfeito. Gostava de ver o seu cabelo assim.

A porta da rua abriu-se e uma mulher e um homem entraram. Daniel percebeu de imediato que não eram clientes regulares. Reconheceu o homem de algum lado, mas não conseguia dizer de onde. Tê-lo-ia visto na televisão? Na internet?

A mulher dirigiu-se a ele diretamente, enquanto o homem se manteve um pouco atrás.

— És tu o Daniel? — perguntou ela.

Daniel assentiu com a cabeça. A mulher era bonita, mas com uns traços um tanto severos. A sua *T-shirt* preta cavada não parecia ter o mínimo efeito

sobre ela, que, em vez disso, estava a olhar fixamente para o pano da louça que ele tinha na mão e parecia fazer um esforço para engolir em seco.

— Mina Dabiri, da Polícia — apresentou-se e estendeu-lhe a mão. — És o colega de trabalho da Tuva?

Porra, merda, foda-se. A Polícia. Isto não podia, de forma alguma, ser bom. Daniel largou o pano para lhe apertar a mão, mas ela recolheu-a num ápice, como se tivesse medo de que ele a fosse queimar. *Que gaja esquisita.* Lançou um olhar aos outros clientes e depois fez sinal à polícia giraça para que o acompanhasse até à outra ponta do balcão e baixou a voz. O homem acompanhou-os. *Bolas!*

— Ela está metida em sarilho? — perguntou da forma mais imparcial que conseguiu.

Agora o importante era não dizer nada de errado, cada palavra tinha de fazer sentido, ser precisa. O tom de voz também não podia sair-lhe mal.

A mulher trocou um olhar rápido com o homem. Eles sabiam de alguma coisa.

— Olá, já agora — disse e estendeu a mão para o homem. — Daniel.

— Vincent — respondeu o homem e deu-lhe um aperto de mão.

Havia algo de manhoso na forma como o fez, como se estivesse a refletir cuidadosamente em como se cumprimentavam. Daniel não tinha tempo para pensar naquilo, havia que descobrir o que eles sabiam. Caso contrário, não teria hipótese.

— A Tuva foi dada como desaparecida — disse a polícia giraça. — Estamos a falar com todos os que eram, são, próximos dela. Os avós maternos da Tuva disseram que ela trabalhava aqui e deram-nos o teu nome. Não posso adiantar mais. O que é que nos sabes dizer?

— Desaparecida — repetiu Daniel, resfolegando, desejando porém não o

ter feito. — A única coisa que sei é que o Gunnar e a Märta telefonaram para aqui há alguns dias. Querem café?

A polícia abanou a cabeça, mas o homem aceitou um expresso, agradecido.

— Conheces o Gunnar e a Märta? — perguntou a polícia e pareceu surpreendida.

— Sim, eles às vezes vêm cá lanchar com o Linus — explicou Daniel. — A Tuva não apareceu para ir buscar o Linus na creche e ninguém conseguia falar com ela. Por fim, a creche telefonou à Märta, a avó da Tuva, que o foi buscar. Aparentemente, a Tuva ia participar numa ação da Greenpeace, a Märta pensou que ela e o Gunnar é que se teriam enganado no dia e que era suposto serem eles a ir buscar o Linus. Ela não me falou sobre isso, mas não seria a primeira vez que acontecia. Seja como for, eles têm vindo aqui lanchar com o Linus todas as semanas desde essa altura. E eu tive de fazer os turnos no café sozinho. Estou exausto. E a minha namorada não anda lá muito contente, tenho trabalhado todas as noites desde que a Tuva deixou de vir. Íamos fazer uma viagem agora na Páscoa, eu e a Evelyn. Mas ela desapareceu, foi? Não parece nada coisa da Tuva.

Não apreciava a forma como o homem, Vincent, se mantinha em segundo plano e o observava sem dizer nada. Era como se tivesse um holofote apontado a si e, sob essa luz, não conseguisse esconder nada.

— E não fazes a mínima ideia do que lhe pode ter acontecido? — perguntou a polícia, ignorando ostensivamente o facto de ele ter perdido várias noites seguidas na companhia de Evelyn por ter sido obrigado a fazer os turnos de Tuva.

— Ela nunca iria desaparecer da vida do Linus voluntariamente — respondeu. — Já devem ter corrido os hospitais, presumo...

A polícia hesitou meio segundo, e ali estava a abertura de que precisava.

Daniel fez o seu sorriso mais encantador e inocente. Tinha de tê-la do seu lado, precisava de saber. Estivera muito perto de correr mal da última vez, no interrogatório anterior, não queria voltar a arranjar problemas. Porém, a abertura que vira fechou-se com a mesma rapidez.

— Até agora, não temos nenhuma informação — respondeu ela, e entregou-lhe um cartão de visita. — Se ouvires ou te lembrares de alguma coisa, liga-me a qualquer momento. E não precisas de telefonar para a central, isto é o meu número de telemóvel particular.

Número particular? Estaria a tentar engatá-lo? Daniel esboçou um sorriso insinuante para ver se era correspondido, mas ela limitou-se a olhá-lo fixamente.

— Mais uma coisa... Têm câmaras de vigilância aqui? Há alguma gravação do dia em que a Tuva desapareceu?

Daniel abanou a cabeça. Câmaras de vigilância? A sério... naquele sítio de merda? Por momentos, a agente da Polícia olhou para ele com ar desapontado. Depois despediram-se, o homem abriu-lhe a porta e saíram. Daniel observou-os através dos vidros sujos, esperou até que estivessem fora de vista. Depois arrancou o casaco do cabide e saiu a correr pela porta na direção oposta. O café era o menor dos seus problemas agora.

— Então? — perguntou Mina quando regressaram ao carro. Em vez de ligar o motor, virou-se para Vincent. — Eu vi que reparaste nalguma coisa. Podes partilhar, por favor?

Vincent não respondeu de imediato, mas começou à procura de alguma coisa na mala.

— Ele não estava a mentir — disse, por fim. — Mas isso não quer dizer que tenha contado tudo o que sabe. Reparaste que nunca usou a palavra «eu» todo o tempo que falou da Tuva? Só disse «eu» uma única vez e foi numa frase sobre andar a trabalhar muito. Retirar-se a si próprio da

conversa é uma técnica de distanciamento, acontece muito quando alguma coisa se torna demasiado emotiva ou quando se está a mentir.

Vincent retirou novamente as duas pastas de documentos.

— Então a pergunta a fazer é — continuou —, por que motivo seria uma conversa sobre a Tuva tão emocionalmente desconfortável para ele? Em que é que o Daniel tem medo de ser apanhado?

Estendeu-lhe as pastas.

— Lembras-te de que tanto a Tuva como a Agnes eram solteiras — prosseguiu Vincent. — Nenhuma tinha companheiro estável. A Tuva vivia sozinha com o filho Linus, ninguém põe a vista em cima do ex-namorado há três anos, e sabemos que os pais também vivem há muito tempo no estrangeiro. A Agnes dividia casa com um amigo, que foi interrogado há alguns meses.

Mina assentiu com a cabeça, tinha lido os papéis que Vincent lhe passava pelo menos cem vezes.

— Não disse nada lá dentro para o caso de estar errado — concluiu Vincent. — Mas não estava. Mina, podes descrever-me o amigo com quem a Agnes dividia casa?

Mina não precisou de pensar muito para se recordar da descrição que estava dentro da pasta.

— Moreno — começou. — Cabelo comprido e ondulado, pouco mais de vinte anos, magro mas corpo atlético, curiosamente um *homem* e não uma mulher, como supusemos de início, quando soubemos que ela dividia casa. Mas não tinham nenhuma ligação romântica, que nós saibamos. Foi ele que encontrou a Agnes. E chamava-se...

Mina arregalou os olhos quando a perceção a atingiu e Vincent assentiu com a cabeça em confirmação.

— O cabelo pode ser cortado e descolorado — comentou.

— O companheiro de casa da Agnes chamava-se Daniel Bargabriel —
concluiu Mina. — E acabámos de falar com ele.

Abriu a porta do carro e começou a correr de volta para o café.

Vincent bateu à porta do quarto do filho mais velho.

— Benjamin?

Não houve resposta. Benjamin estava provavelmente de auscultadores. Vincent abriu a porta sem autorização, consciente de que estava a invadir o espaço do filho. Benjamin encontrava-se de facto sentado ao computador com os auscultadores, vestido apenas com um roupão de banho. Quando viu o pai, retirou os auscultadores e parou o jogo. O logotipo do *Path of Exile* apareceu no monitor. Benjamin olhou para o pai com uma sobrancelha erguida; as palavras deviam ser evitadas tanto quanto possível.

— Oh, sinceramente — disse Vincent quando viu o roupão de banho.

O papel de pai tomou conta dele, apesar de Benjamin já ter dezanove anos e ser inteligente o suficiente para ter saltado um ano da escola primária. Tinha quase o direito de decidir sobre a sua vida... quase. Ainda havia algumas regras a cumprir enquanto morasse ali em casa.

— São quase seis da tarde! — continuou Vincent. — E tu ainda nem sequer te vestiste. A que horas é que te levantaste, já agora?

— Não sei — respondeu Benjamin. — Há duas horas, se calhar.

— Dormiste até às quatro da tarde?! Dá dezassete horas! Então e a escola?

Benjamin olhou para ele com o ar de um filho que considera que já superou o pai. Vincent nunca tivera oportunidade de usar aquele olhar,

nunca tivera um pai a sério, mas percebia perfeitamente o que o olhar queria dizer.

— Eu ando na *universidade*, pai. E seria um desperdício tanto de tempo como de dinheiro estar a fazer o caminho todo até Kista quando os professores publicam as apresentações na internet. Já assisti à aula de hoje há muito tempo. E memorizei-a.

Vincent queria perguntar ao filho quando tinha arejado o quarto pela última vez, já que o cheiro ali dentro fazia lembrar um antro de animais mortos. No entanto, precisava da ajuda de Benjamin, antes que fosse expulso.

Tinha de encontrar uma ligação entre as duas vítimas de homicídio. Um padrão que não estavam a ver. O que precisava da parte de Benjamin, que ele próprio não podia fornecer, era uma compreensão dos padrões de vida dos jovens. Era verdade que tanto Tuva como Agnes eram alguns anos mais velhas do que Benjamin, mas Vincent acreditava que o mundo delas era muito mais parecido com o de Benjamin do que com o seu.

A numeração dos corpos, assim como os relógios partidos, levava-o a acreditar que havia mais para descobrir, uma mensagem escondida nas circunstâncias à volta dos assassinatos. Vincent até era bom nessas coisas, mas Benjamin tornara-se um especialista — conseguia ler código binário sem esforço e seria capaz de escrever os programas de computador necessários para desvendar tudo. Já tinha dado ao filho as poucas informações que recebera de Mina e agora era esperar que funcionasse.

— Querias alguma coisa ou não? — perguntou Benjamin, indicando com um gesto da cabeça que o jogo estava em pausa.

Vincent fechou a porta atrás de si, o resto da família não precisava de ouvir a conversa.

— Queria saber como é que está a correr — disse Vincent, desviou um

livro grosso sobre Java e alguns livros de regras para o *Warhammer 40 000* de uma cadeira e sentou-se.

— Não tenho propriamente um manancial de informação a que recorrer — respondeu Benjamin, que percebeu de imediato do que o pai estava a falar. — Tens a certeza de que não há mais nada que me possas dizer?

— Infelizmente, não — disse Vincent e abanou a cabeça. — Sabemos os nomes delas, Tuva Lewin e Agnes Ceci. Conhecemos a sua aparência, o que faziam e onde moravam. Sabemos a hora a que morreram pelos relógios partidos e pressupomos que isso terá um significado importante. Mas é tudo.

Havia roupa espalhada pelo chão; não saberia dizer se estava limpa ou suja, e Vincent não teve alternativa a não ser pisá-la.

— Além de estarem marcadas em numeração romana, com o três e o quatro — acrescentou.

— Ou então são só marcas de cortes.

Benjamin pegou nos livros que Vincent mudara de lugar e colocou-os na estante. Obviamente, preocupava-se mais com estes do que com a roupa.

— Sim, claro — respondeu Vincent. — A equipa da Polícia não ficou convencida de que sejam números, mas vamos partir do princípio de que nada é uma coincidência.

Benjamin coçou a cabeça. Vincent ainda estava à espera do dia em que o veria passar um pente pelo cabelo.

— Seria bom saber se elas afinal conheciam o assassino — comentou Benjamin.

Vincent soltou uma gargalhada.

— Pois, realmente, isso resolveria muita coisa. Mas neste momento não fazemos ideia. Ou melhor, há um rapaz que conhecia as duas.

— Aí está.

— Foi o que eu pensei, mas fui conhecê-lo ao café onde ele trabalha e, embora tivesse gostado que ele transmitisse uma energia de psicopata, não fiquei com essa sensação. É um rapaz estranho, mas acho que é outra coisa que está por trás disso. Embora tudo seja realmente possível quando se sabe tão pouco. Ainda há demasiadas escolhas e suposições a serem feitas com base em muito poucas evidências.

— Pai, tu sabes o que diz o princípio da navalha de Ockham.

— Sim: quando há várias explicações possíveis para um fenómeno, devemos escolher a mais simples.

— Então... ?

— Ele não é a explicação mais simples. Só parece ser. Pode ser que seja parte da explicação, mas não é a explicação completa. Esquece o Ockham agora e finge que eu não disse nada sobre aquele rapaz.

— Está bem. Vamos olhar para as coisas de forma sistemática.

Benjamin abriu um programa que fazia lembrar o Excel, mas onde a meio apareciam as fotografias das duas mulheres assassinadas. Tuva e Agnes. Clicou-lhes nos rostos, que, ao serem ampliados, cobriram o monitor.

— Em termos da aparência física, são completamente diferentes — disse Benjamin. — Portanto, essa linha podemos largar já. Temos de encontrar outra coisa que as ligue uma à outra, além do fator incrivelmente evidente de terem um amigo masculino em comum, claro. Já verificaram os padrões de movimento delas nos meses anteriores aos homicídios?

— Estás a falar dos GPS nos telemóveis? Parto do princípio de que integra os procedimentos de rotina da Polícia. A Mina não precisará de mim para isso.

O filho lançou-lhe um olhar peculiar.

— Ainda bem, porque mesmo que não tenham estado nos mesmos sítios,

podem ter estado em lugares parecidos. O que, nesse caso, podia ser uma pista. Se não tiverem estado, façam uma referência cruzada com aquela aplicação de saúde que está sempre ativa hoje em dia. Talvez fizessem as duas exercício físico e, nesse caso, tinham um padrão de movimentos previsível.

— Aplicação de saúde? — repetiu Vincent, pensativo.

Não tinha pensado nisso, o que mostrava claramente a diferença entre gerações. As pessoas da idade de Benjamin pensam automaticamente na forma como os telemóveis registam tudo o que fazemos, mesmo quando estão no bolso. Talvez a Polícia também não tivesse pensado naquilo. Vincent enviou logo uma mensagem a Mina, e o dispositivo vibrou-lhe na mão ainda antes de o levar ao bolso.

— O que é que ela disse?

Vincent não dissera a Benjamin para quem estava a enviar a mensagem, mas também não estava sentado com os pés enterrados em roupa suja porque o filho era de compreensão lenta. Leu a mensagem e riu-se.

— Escreveu que é evidente que verificam essas coisas. «Nunca foi tão fácil fazer emboscadas a pessoas que fazem *jogging* como hoje em dia, estão sempre de auriculares a ouvir *podcasts*.» Depois escreveu que claro que teria sido mais fácil se tivessem encontrado o telemóvel da Tuva. Acho que aquele *emoji* com um sorriso amarelo é suposto ser sarcástico.

Benjamin olhou para ele com ar surpreendido.

— A Tuva não tinha o telemóvel com ela?

— Não. Foi encontrada só com a roupa interior.

O filho abanou a cabeça. Não era totalmente impossível que a ideia de ficar sem o telemóvel fosse pior do que ser encontrado em roupa interior e trespassado por espadas. De repente, a voz de Aston fez-se ouvir através da porta.

— Quero três colheres de chocolate em pó no leite! — gritava, furioso.
— E não duas!

Vincent sorriu. Pelo menos alguém na família conseguia aquilo que queria, esta tarde. Observou novamente os dois rostos que olhavam para ele a partir do ecrã de computador. Duas jovens mulheres que já não existiam. Que tinham sido submetidas a coisas terríveis. E ele a perguntar-se se teriam feito *jogging*. Era totalmente absurdo. Desviou o olhar para a estante com as peças de *Warhammer*, que Benjamin pintara minuciosamente uns anos antes. Não tinha energia para pensar na pergunta implícita refletida nos pares de olhos no monitor. A porta escancarou-se e Aston entrou a correr com um grande bigode de leite com chocolate.

— E vocês, o que é que estão a fazer? — perguntou em voz alta, alegre.
— A mãe e eu acabámos de lanchar e vocês não.

— Bate à porta!! — gritou Benjamin.

Aston virou a atenção para monitor, de onde Agnes e Tuva o olhavam com uma expressão de quem não sabia que estava morto.

— Quem são essas meninas? — perguntou Aston. — São tuas amigas, papá?

Maria apareceu à porta.

— Quais amigas do papá? — perguntou, e lançou um olhar para o ecrã do computador. — Por amor de Deus, Vincent, essas miúdas nem trinta anos têm!

— Maria! — gritou Benjamin, o rosto completamente vermelho, e apertou o roupão à volta do corpo com mais força. — Estamos a meio de uma coisa!

Vincent recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Hoje já não iriam chegar a lado nenhum.

— Enfim, o jantar está pronto — disse Maria, num tom amargo. —

Quando se tiverem fartado do vosso *site* de encontros...

— Com que então, a lanchar mesmo antes do jantar? — perguntou Vincent, e ergueu uma sobrancelha intencionalmente.

Maria olhou-o fixamente sem dizer nada. Sabiam ambos que Aston dominava a mãe, mas o mesmo acontecia com ele. E Vincent provavelmente nunca tivera uma relação tão próxima com Benjamin e Rebecka como a da mulher com Aston.

— Ela já era assim antes? — perguntou Benjamin quando Maria deixou o quarto. — Isto é, quando vocês se conheceram...

— Acho que ela não tem consciência — respondeu Vincent. — Provavelmente só quer ser carinhosa e tolerante. Tu vês como ela é carinhosa com o Aston, a maior parte das vezes, pelo menos. Mas é como se não tivesse forças para mais do que isso.

— Acho que ela passa demasiado tempo a lançar cartas de *tarot* com aquele pêndulo — bufou Benjamin. — A mãe só se ri quando lhe falo nisso.

— Podias ser um bocado mais simpático. Ela não faz por mal.

Benjamin assentiu com a cabeça e virou-se novamente para o computador com as mãos em cima do teclado. Vincent levantou-se para se ir embora.

— Só mais uma coisa, pai. As datas dos homicídios e as horas. Já experimentaste traduzi-las para outra coisa? Letras do alfabeto, por exemplo?

Vincent assentiu, já pensara nessa hipótese também. Acreditara estar a chegar a algum lado quando se apercebeu de que o primeiro homicídio, o de Agnes, ocorrera no dia treze de janeiro, às catorze horas. Poderia ser traduzido para a décima terceira, a primeira e a décima quarta letra do alfabeto, o que dava a palavra M-A-N. Era estranho, uma vez que Agnes

era uma mulher. Vincent ainda ponderara se o assassino, de certa forma, teria alguma coisa a dizer sobre identidade de género, mas era uma conclusão demasiado distorcida e que fora posta de parte pelo assassinato de Tuva, que datava de vinte de fevereiro, às quinze horas. Os números 20-2-15 tornavam-se T-B-O em letras. O máximo que conseguiu obter com isso foi *To Be Ordered. Turbo. To Be hOnest*. O que não queria dizer nada de significativo.

— Sim, mas não deu em nada — respondeu ao filho.

— OK, vou testar outras coisas então. Experimentarei traduzir para binário, a ver o que dá. Os números são palíndromos, mas em sistemas numéricos diferentes. Quem sabe, pode haver uma sequência de números em que 13-1-14-20-2-15 seja uma parte e que resulte em alguma coisa. Também podem ser coordenadas de um lugar, pontos num mapa.

— Sim, parece lógico — respondeu Vincent. Não tinha coragem de fazer esmorecer o entusiasmo ao filho dizendo-lhe que já tentara todas essas possibilidades. E cerca de mais um milhão de outras.

— Já agora, recebo alguma coisa por isto?

— Por falar em mapas, acho que tens de deixar de ficar acordado à noite a ver *A Lenda do Tesouro Perdido* — respondeu com um sorriso irónico e levantou-se. — Mas fica à vontade para testar mais coisas. Vamos só jantar primeiro, para não aborrecermos a Maria.

— Claro. Mas como te disse, a navalha de Ockham.

— Já vincaste o teu ponto de vista — disse Vincent. — Mas tu não viste o Daniel no café. Mal sabia limpar uma bancada. Não estou a dizer que ele não é um suspeito, neste momento parece estar metido nisto até ao pescoço, mas não nos vai dizer nada. E, nesse caso, há mais qualquer coisa por trás. É isso que temos de encontrar.

Quando Vincent saiu, Benjamin já voltara a colocar os auscultadores nos

ouvidos e preparava-se para retomar o jogo de *Path of Exile*. Vincent resistiu ao impulso de despentear o cabelo do filho. E sabia que não valia a pena lembrar-lhe que o jantar estava pronto.

Kvibille, 1982

Jane parou à porta da cozinha. O irmão mais novo estava sentado à mesa em pijama, a comer o iogurte do pequeno-almoço. Cheirava intensamente a morangos e a quantidade de geleia que acabara em cima da toalha de mesa cor de laranja era um indício bastante revelador de que ele tinha preparado o pequeno-almoço sozinho. Entre uma dentada e outra, entretinha-se a manusear um baralho de cartas gasto. Metade das cartas acabaram no chão e Jane não conseguiu deixar de sorrir. Provavelmente, um novo truque de magia que ainda não corria como ele queria.

A mãe encontrava-se sentada ao lado dele, ainda de roupão de banho e com a cabeça enterrada nos braços à sua frente, em cima da mesa. O sorriso de Jane desapareceu. Evidentemente, a mãe não estava nos seus melhores dias.

Sentiu um arrepio e estremeceu quando uma fresca brisa matinal lhe aflorou as pernas despidas. Puxou a bainha da *T-shirt* para baixo numa tentativa de cobrir as coxas. Provavelmente, a janela teria ficado aberta durante a noite, a questão era saber se a mãe dormira ali, à mesa da cozinha. Não seria a primeira vez.

— Anda — disse baixinho para o irmão e fez-lhe sinal com a mão.

A mãe continuava quieta, em silêncio, mas Jane sabia que era apenas uma questão de tempo até que voltassem as tretas do costume. O irmão não precisava de ouvir a mãe dizer que não queria continuar a viver, que não era

boa o suficiente para nada e que nem sequer conseguia manter uma relação ou arranjar um emprego merdoso. Essa parte do mundo adulto não era nada que ele precisasse de conhecer, para já; a mãe ainda era a sua melhor amiga. Por vezes, Jane até sentia ciúmes dele por isso, mas essa era a diferença entre ter quase dezasseis anos e ainda ser uma criança. Ela tinha uma responsabilidade, apesar de não ter pedido nada disso. Pelo menos, por mais uma semana.

— Tentei fazer as torradas triangulares da mamã, mas partiram-se — disse o irmãozinho, com ar infeliz.

— Não faz mal. Anda cá, a mãe precisa de descansar um bocado. Sabes que ela às vezes fica muito cansada.

— Não quis acordá-la — respondeu ele e rapou o iogurte que ficara no prato.

Depois colocou o prato na bancada da cozinha, entre a louça por lavar, e foi ter com Jane.

A mãe continuou sem se mexer.

— Estás a treinar um novo truque de cartas? — perguntou-lhe, enquanto o levava para fora da cozinha.

— Sim, mas ainda não está pronto — respondeu ele.

— Talvez possas telefonar ao Trio Feminino, perguntar-lhes se querem combinar alguma coisa?

O irmão suspirou.

— Elas têm nomes, chamam-se Mia, Sickan e Lotta — disse. — Isso que lhes chamas... parece que fazem parte de um grupo de detetives ridículo. E elas não estão em casa hoje.

— Eu também estou sozinha hoje — respondeu Jane. — Mas, claro, eu estou sempre sozinha. Tu pelo menos tens as tuas amigas. Eu sinto falta dos meus três «T» da cidade.

Jane bem tentou espicaçar a curiosidade do irmão, mas ele não mordeu o isco.

— Teatro, tardes no parque de diversões e trânsito — continuou. — Os meus três companheiros na cidade. Nada do que existe aqui.

— Oh, pá — resmungou o irmão mais novo. — Agora estás só a tentar parecer adulta. Tu só eras um bocado mais velha do que eu quando tu e a mãe vieram viver para aqui, a quantos teatros é que tiveste tempo de ir antes disso? E se tens saudades do trânsito, há muitos camiões a passar junto à vacaria. Três T... ah, isso deve ser uma coisa que leste num livro.

— Talvez — respondeu Jane. — Mas sinto falta na mesma.

Fez uma pausa e retirou um objeto achatado de plástico do bolso.

— E se só cá estamos tu e eu hoje, meu querido irmão, então tenho um desafio para ti.

Os olhos do irmão iluminaram-se; adorava os desafios dela.

Jane estendeu-lhe a pequena moldura quadrada de plástico. Dentro dela havia outros quinze quadrados de plástico, mais pequenos, numerados de 1 a 15. A casa onde o número 16 deveria estar encontrava-se vazia. Dessa forma, as outras peças podiam ser movidas à volta da moldura, para alterar a ordem dos números.

— Isso é canja! — disse o irmão, desiludido, quando viu o quebra-cabeças numérico. — Já consigo resolver essas coisas num instante.

— Mas ainda não te disse qual é o desafio — respondeu Jane. — Tens de pôr todos os números por ordem crescente, à exceção dos dois últimos, o catorze e o quinze. Esses têm de trocar de lugar um com o outro.

O irmão tirou-lhe o quebra-cabeças da mão e estudou-o.

— Fácil — disse, e correu escada acima em direção ao quarto.

Ao ver o irmão afastar-se, sentiu um certo peso na consciência. Tinha sido um bocado mazinha, mas precisava de falar com a mãe em paz. Iria

buscá-lo dali a uma hora. Os degraus de madeira da escada rangeram fortemente quando o irmão os subira a correr, mas já não tinha importância se a mãe acordava ou não; até era melhor.

Jane regressou à cozinha. A mãe estava agora sentada direita, mas continuava com o rosto escondido nas mãos. O cabelo estava despenteado e oleoso, e o roupão abrira-se no meio. Jane foi invadida por sentimentos de compaixão e desprezo em simultâneo. A mãe não tinha culpa que as emoções andassem num carrossel que nunca parava, não tinha mesmo. Jane sabia que aquilo a que chamavam «fatores de risco genético» não podia ser controlado, e a sua mãe, pelos vistos, não escapara ao legado genético.

Jane pedira um livro de psiquiatria emprestado a Barbro, a enfermeira da escola, sob o pretexto de que era para um trabalho de ciências. Nesse livro também falavam sobre tratamentos médicos, comprimidos de lítio, mas a mãe não tomava medicação, nem sequer sabia que estava doente. Isso fazia de Jane uma prisioneira, mesmo que não fosse de forma intencional, mas tinha de estar sempre preparada, fosse para proteger o irmão ou para cuidar da mãe. Como se não tivesse vida própria.

No entanto, planeava ter uma.

Jane sentou-se à mesa da cozinha com cuidado para evitar os pedaços de geleia.

— Queres que te prepare o pequeno-almoço, mãe?

Precisavam realmente de falar, mas Jane sabia que isso hoje não iria acontecer.

A receção da esquadra estava cheia de estudantes, pareciam ter idade para andar no liceu. Mina percebeu que era uma visita de estudo, trinta jovens de dezassete anos não entrariam ali só porque estava frio na rua. Em vez disso, o que costumavam fazer era juntar-se na loja de conveniência, a um quarteirão de distância, o que não a incomodava minimamente, embora com certeza não fosse especialmente agradável para o gerente da loja. Mas hoje estavam ali, precisamente quando ela menos o desejava. Um professor distribuía os cartões de visitantes pelos alunos e tentava desesperadamente fazer com que eles os prendessem ao peito.

— Apanhem-me lá, bófias, estou mesmo aqui! — gritou alguém que obviamente era o miúdo fixe da turma e que recebeu o riso dos amigos como recompensa.

Mina não sabia como Vincent iria reagir quando se visse forçado a atravessar a horda de hormonas adolescentes. Se o reconhecessem, não estava segura de que ele o apreciasse, mas também não podia propriamente levá-lo por uma porta lateral. Além disso, não havia a mínima possibilidade de o ajudar através do mar de gente, sentia-se impura só de olhar para os jovens. Talvez com luvas. E viseira. Mas, de preferência, nem assim.

Mina convenceu-se de que conseguia sentir o cheiro a suor adolescente até ali onde estava, a uma distância segura, do outro lado das barreiras, e que esse cheiro a envolvia por completo. Vincent teria de se desenvencilhar sozinho, a força policial provavelmente só teria a beneficiar de um pouco de

glamour de celebridades. Mesmo sob a forma de um leitor de pensamentos de quarenta e sete anos.

Vincent apareceu do outro lado do mar de estudantes e arregalou os olhos aos ver os adolescentes. Depois baixou a cabeça e abriu caminho por entre a multidão.

— Ei, Vincent! — chamou alguém.

Mina ficou impressionada; chegara a pensar que os adolescentes só reconheceriam alguém que fosse famoso no TikTok.

— Oh, Vincent, agora és polícia dos pensamentos? — gritou o Miúdo Fixe. — Assim não temos a mínima hipótese!

Vincent parou e procurou o olhar do Miúdo Fixe.

— Exatamente — disse em voz alta e com um sorriso condescendente. — E apanhei a tua mãe logo de manhã.

O Miúdo Fixe ficou estupefacto. Depois explodiu em gargalhadas e ofereceu a Vincent o punho cerrado em cumprimento. Mina sorriu para os seus botões, Vincent Walder como pessoa privada tinha claros desafios sociais, para não dizer deficiências. Mas, no papel de Mestre Mentalista, era evidente que não os tinha.

Por fim, lá conseguiu atravessar a horda e chegou às barreiras. Acenou a Mina, que lhe abriu a cancela.

O grupo da escola lá atrás parecia já ter-se esquecido dele. O professor levantou a voz e tentou chamar a atenção dos alunos, novamente em vão.

— Estou a ver que os novos polícias começam cada vez mais novos — comentou Vincent.

— Nem imaginas — respondeu Mina. — Aquele espertalhão com quem falaste de certeza que se vai candidatar à academia de Polícia assim que sair do liceu.

Vincent abanou a cabeça com um sorriso e dirigiram-se os dois para o

elevador.

— Porque é que quiseste que nos encontrássemos aqui, desta vez? — perguntou Vincent. — Pensei que a minha presença não fosse apreciada.

— Bem, posso encontrar-me com quem quiser na minha hora de almoço — disse Mina. — Além de que o resto do grupo não está cá, emitimos um mandado de captura para o Daniel Bargabriel depois da nossa visita ao Fab Fika. Desde o dia em que o encontrámos no café que não volta para casa, por isso o Ruben ficou de ir ao apartamento dele com um serralheiro. Claro que o Ruben insiste em chamar-lhe Gargamel, aquele vilão dos *Smurfs*.

Chegados ao elevador, havia três pessoas à espera, e Mina, sem se deter, dirigiu-se para as escadas. Nunca na vida lhe passaria pela cabeça enfiar-se naquela caixa de bactérias com tantas pessoas, havia limites.

— «Bargabriel» significa filho de Gabriel — explicou Vincent, que parara à frente do elevador, mas logo seguiu atrás dela. — «Ruben» significa basicamente «filho». Podes dizer-lhe isso. A propósito, para onde é que estamos a ir?

— Vou só buscar a minha carteira ao escritório, pensei que podíamos ir almoçar a seguir — respondeu Mina.

Subiu as escadas a passos rápidos enquanto falava.

— O Ruben está convencido de que o Daniel é o nosso suspeito, que está tudo relacionado, uma espécie de triângulo amoroso dramático. Ou, como ele tão elegantemente se exprimiu, «lá se vão as teorias sobre assassinos em série e relógios romanos e merdas, o Daniel simplesmente comeu-as às duas». Também salientou que, quando se tem tantos anos de experiência na profissão como ele, percebe-se que as soluções simples são sempre as corretas.

— E estamos a falar de quantos anos de experiência? — perguntou

Vincent, um pouco esbaforido; não era todos os dias que tinha de subir a escadaria da sede da Polícia.

— Graduou-se da academia um ano antes de mim.

Vincent riu-se tão alto que ecoou na escada.

— Então está redondamente enganado, era o que ele queria dizer. E os outros, o que dizem? Tens mesmo de subir dois degraus de cada vez?

— Desculpa. Precisas de uma bengala?

— Lembra-te de que é o meu cérebro que te impressiona — respondeu Vincent em jeito de provocação. — Não é o meu físico de elite. Quantos andares faltam?

— Dois. É melhor descansar, caro senhor.

Vincent parou e encostou-se à parede. Mina desceu alguns degraus e também se encostou à parede, ao lado dele.

— Os outros também não estão completamente convencidos — disse. — Nós vemos muitas coisas estranhas, que no final se revelam apenas isso, coisas estranhas. Não têm nenhum significado especial.

— Não concordo. Estou cada vez mais convencido de que se trata de uma contagem decrescente. O Daniel pode ser uma porta de entrada, mas não me pareceu um assassino. Isto está muito longe de terminar.

Vincent sentou-se num degrau. Mina sentou-se ao seu lado.

— Que pena não haver nenhuma câmara de videovigilância no café onde a Tuva foi vista pela última vez. Também não há testemunhas que a tenham visto noutro sítio. Gostaria de saber quem é que passou por ali no dia em que ela desapareceu. E alguns dias antes também. Grande merda...

— O café pode não ter uma câmaras, mas... — Vincent franziu as sobrancelhas, concentrado. — Lembras-te do que havia à volta do café? Houve alguma coisa que te tenha chamado a atenção?

O seu olhar focou-se em algo que não estava ali, os olhos moviam-se de

um lado para o outro, como se estivesse a perscrutar em volta, e continuou a falar.

— Uma loja de conveniência, a saída na esquina do edifício, como sempre. Banco de jardim redondo, à volta de uma árvore. Estacionamento de bicicletas completamente cheio. Dois restaurantes. Um deles cheio, o outro quase vazio. Uma *roulotte*, cinco pessoas na fila. E do outro lado da rua... exatamente, havia uma agência bancária em frente, do outro lado da rua. Tenho quase a certeza de que era do Nordea, e eles costumam ter sistemas de alta segurança. Com alguma sorte...

— És um génio — disse Mina com um sorriso aberto. — A Julia pode pedir ao Christer que arranje as filmagens das câmaras do Nordea, ele tem olho para essas coisas.

— O Christer? — perguntou Vincent, surpreendido.

Mina sorriu.

— É o que tenho tentado explicar. Percebo que o nosso grupo talvez não projete uma aura de força especial de elite — respondeu Mina. — Mas todos têm os seus pontos fortes. O do Christer é contar com uma estranha habilidade para detetar padrões onde mais ninguém os vê.

— Consigo identificar-me com isso — murmurou Vincent.

— Daí que a minha esperança é que o Christer consiga reparar se há alguma coisa que sobressaia — continuou Mina. — Alguém que ande por ali demasiadas vezes ou que costume aparecer com regularidade e, de repente, deixe de o fazer. Pronto, sei lá. Mas é precisamente nesse tipo de coisa que o Christer é bom. Quando alguma coisa parece uma simples mancha de tinta para a maior parte das pessoas, ele vê uma borboleta.

Vincent assentiu com a cabeça.

— Dois andares, foi o que disseste? — perguntou de repente, com um sorriso provocador. — Já te digo quem é o velhote.

Vincent levantou-se rapidamente e correu escada acima, desapareceu de vista quando contornou o patamar seguinte. Mina ouviu-o continuar a subir dois degraus de cada vez; realmente, não havia problema nenhum com a sua condição física. Fizera com que ela se sentasse de propósito. E ela caíra na armadilha.

— Vincent?

Não houve resposta. Vincent estava tão adiantado que já não a ouvia. Mina enfiou as mãos nos bolsos e sentiu um objeto quadrado. Era a carteira, esquecera-se completamente de que a guardara no bolso antes de descer. Olhou para o topo das escadas e sorriu para os seus botões, ficaria simplesmente à espera de que Vincent regressasse.

A pequena vivenda geminada em Upplands Väsby evocava a Christer a casa da mãe. Uma certa ordem, a organização, pequenos objetos decorativos por todo o lado, cortinados passados a ferro, superfícies imaculadas. O tiquetaque audível de um relógio na sala de estar. Duas poltronas afundadas e um sofá onde parecia não se ter sentado uma única pessoa. Um sofá elegante. Demasiado elegante para ser utilizado. O da sua mãe era verde com flores lilases. Em dias de sol, a mãe colocava-lhe um lençol por cima, de forma que o tecido não desbotasse.

— Quer café?

Märta, a avó materna da vítima, olhou para ele com um ar suplicante. Não estava com vontade nenhuma de beber café, a bebida deixava-o insuportavelmente alerta. E também não gostava da clareza de pensamento que lhe dava, era indescritivelmente mais confortável sentir-se envolto por uma névoa de cansaço. Apesar disso, sabia também que, por vezes, o trabalho exigia café. As pessoas mais próximas das vítimas encontravam uma certa sensação de segurança na familiaridade do gesto de servir café acabado de fazer nas suas chávenas do dia a dia. Tinham mais facilidade em falar assim. E Christer podia sempre limitar-se a bebericar. Com um pouco de sorte, talvez lhe servissem algo doce a acompanhar.

— Sim, aceito um café, obrigado — respondeu e olhou ao redor da cozinha.

Gunnar já estava sentado à mesa, o olhar fixo no tampo de madeira. Não

parecia realmente presente, algo que Christer já vira muitas vezes em familiares de vítimas. Aquela primeira fase, quando o que acontecera ainda não se cimentara verdadeiramente, quando ainda permanecia num terreno movediço entre o real e o irreal. Com o tempo, acabaria por cimentar-se.

A cozinha era aconchegante, eis a palavra que melhor a descrevia. Cortinas com desenhos de pequenas framboesas, uma toalha de linóleo a condizer. Begónias cor-de-rosa no parapeito da janela. Galhos de sabugueiro dentro de um jarro em cima da mesa. Um belo desenho de um pássaro a tinta emoldurado na parede. Um falcão, pensou Christer.

— Imponente.

Apontou para o desenho. O silêncio na cozinha já começava a provocar-lhe um certo mal-estar, mas não queria interrogá-los antes de Märta servir o café e se sentar.

— É um falcão-peregrino — disse Gunnar em voz baixa e levantou os olhos para o desenho. — É a ave emblemática da região de Halland. Das cervejarias Falcon... você sabe. É um dos animais mais rápidos do mundo, consegue atingir os trezentos e vinte quilómetros por hora em voo picado. Um caçador fantástico. É capaz de ver um pombo a uma distância de oito quilómetros.

— Já vi que sabe algumas coisas sobre aves — comentou Christer sem entusiasmo na voz.

Tinha dificuldades em nutrir qualquer interesse por aves. Na verdade, não gostava de animal nenhum; ou desapareciam, ou morriam e deixavam-nos. Quando era pequeno, o tio materno dera-lhe um gato bebé e Christer adorara aquele gatinho. Porém, um dia, ao chegar a casa, o animal tinha desaparecido. A mãe dissera-lhe que ele provavelmente deixara a porta aberta e que o gato fugira. Christer chorara durante semanas a fio. Alguns anos mais tarde, um dos namorados da mãe ofereceu-lhe um coelho e,

estranhamente, acontecera-lhe a mesma coisa. Desde então, Christer verificava sempre cuidadosamente se tinha fechado as portas atrás de si. E percebeu que não valia a pena apegar-se a nada, fossem animais ou pessoas.

— Sou um observador de pássaros semiprofissional nos meus tempos livres — disse Gunnar com um pouco mais de energia. — Há muitos anos. Já observei quatrocentas e trinta e duas espécies de aves suecas. Estou logo atrás do Bertil Svensson, da região de Skåne. Ele já avistou quatrocentas e cinquenta e nove espécies.

— Mas quantas é que existem? — perguntou Christer, espantado.

Não conseguia de forma alguma compreender o prazer de andar a vaguear por bosques e prados com binóculos ao pescoço, à procura de pássaros.

— Quinhentas e sete — respondeu Gunnar e calou-se.

Christer não sabia por quanto mais tempo conseguiria fazer conversa de circunstância sobre pássaros. Para seu alívio, Märta apareceu com o café. E uma travessa de bolachas de aveia. Sentou-se na cadeira ao lado do marido.

— Preciso de vos fazer algumas perguntas sobre a Tuva — disse Christer o mais suavemente que conseguia. — Sobre a vida dela. Mas primeiro gostava de saber por que motivo foram vocês que a deram como desaparecida, e não os pais.

Märta olhou para Gunnar com um ar atormentado.

— Os pais da Tuva, ou seja, o nosso filho Carl e a mulher dele, Marie, mudaram-se para uma pequena casa em França quando a Tuva tinha dezasseis, nos seus anos dourados, como eles disseram — bufou Märta. — Dois adolescentes, é o que eles são. E não voltaram desde então. O pai do Linus desapareceu quando o nosso bisneto nasceu. A Tuva não teve sorte nenhuma com a família, essa é que é a verdade. Mas teve o Linus, o nosso

maravilhoso Linus. E tinha-nos a nós. Ela e o Linus sempre nos tiveram a nós. Fazemos o melhor que podemos.

Märta mexeu nervosamente nos botões de salgueiro do arranjo de Páscoa enquanto Christer assentia com a cabeça e tomava notas no bloco, em silêncio.

— Agradecia que me contassem mais sobre o pai do Linus e também vou precisar dos contactos dos pais da Tuva. Mas primeiro preciso de saber porque demoraram tanto tempo a reportar o desaparecimento dela. Alguma coisa relacionada com uma viagem, não era?

Gunnar olhou para Märta com uma força renovada no olhar.

— A Tuva é ativista ambiental — disse ele.

— Então é daquelas que vai fazer manifestações sentadas em cruzamentos? — disse Christer sem conseguir esconder que não estava nada impressionado.

— Da Greenpeace — respondeu Märta com um tom ríspido.

— Uau, isso é *old school*. — As sobrancelhas de Christer ergueram-se em surpresa. — Pensei que já ninguém fazia essas coisas, impedir a caça a baleias e assim.

— Pois... A Tuva é muito ativa. Acho que apanhou o bichinho de nós. — Märta agarrou o braço de Gunnar. — Nós também fomos muito ativos no movimento, nos anos setenta. Mas entretanto tornámo-nos demasiado velhos.

Christer tentou imaginar o velho casal a ocupar uma plataforma petrolífera norueguesa em mares tempestuosos. Cinquenta anos antes de galhos de salgueiro e falcões-peregrinos terem conquistado os seus interesses. Para sua surpresa, não lhe foi difícil imaginar, Gunnar e Märta eram um casal de velhos, mas não havia dúvida de que ainda ardia uma chama dentro deles. Não que esse tipo de ativismo fizesse qualquer

diferença, obviamente, iam todos morrer de qualquer maneira, as calotas polares iam derreter, a camada de ozono teria cada vez mais buracos. Um vírus mortal iria espalhar-se a partir de um maldito mercado de animais vivos na China. A Terra ia sucumbir. Não havia forma de alterar isso.

— A Tuva ia partir numa ação — disse Gunnar. — Era costume ficar fora duas ou três semanas e nem sempre conseguíamos manter contacto nesses períodos, porque a ação podia ser secreta. Ou no meio do oceano. Por isso, não relacionámos logo a ausência dela a um desaparecimento.

— Mas então e o Linus? — perguntou Christer.

— O Linus está habituado, temos até um quarto para ele cá em casa. De resto, a Tuva esforçava-se por ser uma mãe, mas via o seu empenho nas questões ambientais como uma forma de ajudar o Linus a ter um futuro. Então quando nos ligaram da creche a dizer que a Tuva não o tinha ido buscar, pensámos que tínhamos sido nós a enganar-nos no dia, que ela já tinha partido e que tínhamos ficado de ir buscar o Linus. Então não demos pela falta dela até o barco da Greenpeace regressar e ficarmos a saber que ela nunca tinha estado a bordo.

Quando a voz de Märta falhou, ela agarrou a mão de Gunnar com força.

— Sabem de alguém que pudesse estar zangado com a Tuva? — perguntou Christer com toda a cautela. — Também preciso de saber se ela alguma vez vos falou de um tal Daniel Bargabriel?

Märta e Gunnar trocaram outro olhar e, de seguida, Gunnar endireitou-se na cadeira. O falcão-peregrino de Halland ficou diretamente por cima da sua cabeça, onde parecia que o enorme pássaro tinha pousado.

— A Tuva não tinha muita sorte com os homens — disse Gunnar com a voz trémula. — Nós sabemos quem é o Daniel, mas ela não queria falar sobre ele. Disse várias vezes que podia fazer-lhe mal.

Märta pegou na mão do marido.

— O que lhe terá feito de mal? — perguntou.

Christer deu uma dentada na bolacha de aveia para evitar responder.

Daniel ajustou a persiana descida. Abriu-a. Fechou-a novamente. Não conseguia decidir o que seria melhor: proteger-se dos olhares exteriores ou poder ver rapidamente se a Polícia aparecesse. Mas mais valia estar atento; por isso, deixou-a a meio e ficou a observar o estacionamento do lado de fora da janela. Na prática, o apartamento em Märsta era de Josef, que o cedera a Daniel pelo tempo que quisesse. Josef não lhe dava uso, e Daniel não tinha coragem de ir para a sua própria casa, não fosse a Polícia ter o apartamento perto de Hornstull sob vigilância. Já o estúdio de Josef, era impossível terem conhecimento dele.

O apartamento estava mobilado de forma espartana, não havia sequer uma cama, apenas um colchão diretamente no chão. Não que o conforto do sono fosse uma prioridade para ele agora, na verdade, Daniel tão depressa não se daria ao luxo de adormecer descansado.

Desde que deixara as três assoalhadas que partilhava com Agnes, andara a saltar de casa em casa de amigos. Ficara bastantes vezes em casa de Evelyn também. Porém, os responsáveis pela investigação do homicídio de Agnes nem sequer lhe pediram que os informasse do seu novo endereço; era evidente que andavam de olho nele, não podia assumir outra coisa. Por outro lado, já ouvira dizer que a Polícia na Suécia não agia da mesma forma que a Polícia a que ele estava acostumado, na Síria, mas estes polícias, estes polícias *suecos*, quase o haviam prendido por homicídio.

De início, não acreditaram na história de que ele não tinha nada que ver

com a morte de Agnes. Daniel tentara, à conta de algum charme, projetar o melhor que pôde a ideia de que estava inocente, mas eles não deixaram de estar convencidos de que ele estaria envolvido. Pelo menos um deles acreditara que fora Daniel quem disparara o tiro que matara Agnes. Por fim, lá tiveram de o libertar, uma vez que não tinham qualquer prova. Além de que Agnes, bem vistas as coisas, sofria de uma grave depressão.

Daniel prometera a si próprio evitar ao máximo, durante o resto da vida, a Polícia, independentemente de onde estivesse. Não eram de confiança. Mas, ainda assim, tinha sido descuidado, estupidamente descuidado.

Passara pouco mais de um mês entre Agnes ser encontrada morta e o desaparecimento de Tuva. Devia ter sido ele a alertar a Polícia para o desaparecimento de Tuva, não os avós. Nesse caso, as suspeitas talvez não tivessem recaído sobre ele, mas agora era demasiado tarde. E se aqueles dois polícias que o procuraram no café ainda não soubessem quem ele era, não iriam demorar muito tempo até encontrarem a ligação. A mulher-polícia boazona estava completamente a leste, mas o homem parecia ter-lhe tirado a pinta logo ali. O homem que ele já tinha visto antes, mas que não conseguia localizar.

A questão agora era se deveria telefonar a Evelyn ou não. Explicar-lhe o que acontecera. Ela devia estar a perguntar-se onde é que ele andaria, e Daniel sentia tanta falta dela que até lhe doía o estômago. Dava tudo para se poder sentar na cozinha dela a beber um copo de vinho, vê-la acender um cigarro e conversar sobre tudo e mais alguma coisa. Ou fazer algo mais divertido do que conversar. Visualizou-a à sua frente, evocou a maneira como ela costumava soprar-lhe o fumo provocadoramente para a boca quando o beijava.

Não obstante, não era nada boa ideia deixá-la envolver-se no assunto, tinha de se desenvencilhar sozinho. Por momentos, ponderara telefonar a

Samir. Samir tivera mais azar do que ele, tinha sido preso e lá ficara na choldra. Por algo que dizia que não tinha feito. Daniel não sabia o que era realmente verdade, mas Samir talvez o pudesse aconselhar, de alguma forma. Por outro lado, se a Polícia tivesse o seu telemóvel sob escuta, não convinha nada fazer essa chamada. Tinha de resolver a situação sozinho.

Daniel pegou no cartão de visita que tinha no bolso. Se a Polícia andava à sua procura, o que provavelmente era o caso, seria muito mau continuar a fugir. Até agora, poderia provavelmente explicar o seu desaparecimento dizendo que ficara com medo, mas uma pessoa inocente não demoraria muito tempo até entrar em contacto com a Polícia. Tuva era sua colega de trabalho, claro que os queria ajudar. A melhor maneira de evitar a prisão talvez fosse mesmo antecipar-se-lhes e dirigir-se voluntariamente a uma esquadra.

Na Síria, a única forma de evitar a Polícia era fugir a sete pés e rezar para que não estivessem de mota. Mas, na Suécia, talvez a melhor forma de evitar fosse procurá-la. Como uma pessoa inocente faria.

Abriu as persianas. Fechou-as. Pegou no cartão de visita novamente. Talvez fosse melhor.

Os alunos invadiram o pátio da escola. Mina sabia precisamente onde ficar para não ser vista. O estilo de vestuário era, na grande maioria, tão homogéneo como se houvesse obrigatoriedade de usar uniforme. Eram poucos os que se destacavam. Porém, os que o faziam estavam num patamar diferente. Era o primeiro dia de aulas após as férias da Páscoa, o que contribuía para que o nível de energia entre as crianças aos gritos e às gargalhadas fosse ainda maior do que o normal.

Ela misturava-se bem, mas Mina não tinha qualquer problema em encontrá-la no grupo de crianças. Se é que se podia chamar-lhes crianças naquela idade. Meio crianças, meio adultos. O cabelo escuro apanhado num rabo-de-cavalo. Calças de ganga. Um casaco verde leve, de estilo militar, e ténis brancos. Envergava uma mochila *Fjällräven Kånken* azul-escura. Era bonita, era tão bonita.

Mina sobressaltou-se quando a rapariga se virou. Sabia que estava meio escondida, ali, de pé, na plataforma da estação de metropolitano de Blåsuts, com vista para a entrada da escola secundária Drottning Blanka. No entanto, queria convencer-se de que estavam a olhar uma para a outra. Que se viam uma à outra. A rapariga parecia procurar alguma coisa, depois desviou novamente o olhar.

Mina só a observou por breves instantes antes de ela desaparecer pela porta, a caminho de uma sala de aulas algures no edifício. Aulas de sueco, espanhol, matemática, economia. Ou fosse lá o que fosse que ela estudava.

A composição aproximou-se por trás de Mina, que se virou precisamente quando aquela entrou na estação. As pessoas olhavam apáticas para o chão quando entravam, evitavam trocar olhares umas com as outras. Mina dirigiu-se para a saída da estação, deixara o carro estacionado a alguma distância, nunca lhe passaria sequer pela cabeça entrar numa carruagem. A nuvem de bactérias que flutuava à volta das pessoas apinhadas nas carruagens era tão compacta que Mina achava ser quase possível vê-las a olho nu.

O comboio deixou a estação e a ela ficou sozinha na plataforma. Teve de fazer um enorme esforço para evitar virar-se e olhar para o edifício da escola mais uma vez. Não precisava de ver a porta fechada para se lembrar da parede intransponível entre elas. A saudade assolava-a.

Ao sair, passou por um quiosque onde pontuavam os títulos dos jornais vespertinos. Continuavam a vender-se números avulso à conta da tragédia do desaparecimento de Robert. Novas descobertas, anunciavam as parangonas. Novo nível de cinismo, melhor dizendo. Mas Mina não ficou admirada. Nem conseguia encarar o olhar feliz e aberto do pequeno rapaz quando passou pelos expositores publicitários amarelos. O mundo conseguia ser um lugar verdadeiramente abominável.

Mina sentiu o telemóvel vibrar no bolso. Primeiro ponderou não atender, depois pegou nele após um último olhar na direção da escola. A chamada foi breve, mas recebeu uma informação bastante útil: o corpo de Agnes Ceci seria exumado no dia seguinte.

Vincent leu distraidamente o folheto com as instruções de segurança que havia no bolso do assento da frente do avião. Ia para Sundsvall a bordo de um *ATR 72-500*; este, de acordo com o folheto, tinha capacidade para setenta e dois passageiros. Vincent contara apenas trinta quando entrara; portanto, estatisticamente, a maioria dos passageiros poderia ter dois assentos só para si. Porém, claro que alguém já se sentara no lugar vago ao lado do seu. Além disso, esse alguém trazia auscultadores nos ouvidos com o som suficientemente alto para deixar escapar uma batida mecânica e repetitiva.

— *All that she wants* — cantou o homem ao lado, ao ritmo da música.

Vincent não gostava de aviões pequenos, considerava que era como viajar dentro de um caixão sobredimensionado. Começou a respirar de forma controlada, um dos truques para dominar a claustrofobia era dar uma tarefa à parte racional do cérebro. De preferência uma tarefa difícil. Dessa forma, o hipocampo, a parte que controlava as emoções, não tinha os recursos necessários para ser tomado pelo pânico. Olhou novamente para o folheto de segurança.

Setenta e dois lugares mais trinta passageiros dava cento e dois. O 1 correspondia à letra A, o 2 ao B, o 0 poderia ser um O; 102 tornava-se AOB. Ace of Base. Que, no ano de 1992, lançaram o êxito «All that She Wants». Vincent olhou pela janela, desiludido. Às vezes, era demasiado fácil. Mas a claustrofobia não o dominou.

Estava a caminho de Sundsvall para se encontrar com Sains Bergander, o principal criador de ilusões e adereços de magia da Suécia. Levava consigo as fotografias que Mina lhe arranjava; provavelmente não tinha tido permissão para lhas dar, uma vez que ele era considerado uma pessoa externa à investigação, mas se havia alguém que os poderia ajudar a compreender a caixa de espadas, essa pessoa era Sains. Vincent conhecia-o há mais de dez anos, aquilo que Sains não sabia sobre criação de ilusões nem valia a pena saber.

Uma hora mais tarde, entrou na zona de chegadas do aeroporto de Midlanda e olhou em redor. Havia quatro pessoas à espera de passageiros, uma delas era um homem de meia-idade, vestido com roupas modestas e discretas. Se alguém olhasse sequer duas vezes para ele, tomá-lo-ia por um funcionário público. Era precisamente o que Sains Bergander pretendia, e Vincent sabia-o. Avançou e estendeu-lhe a mão.

— Olá, caro amigo, que bom ver-te outra vez — disse-lhe.

Sains estendeu as duas mãos para apertar a de Vincent. O principal truque de magia do criador de ilusões era ter-se tornado invisível, poucas pessoas além da sua própria família sabiam que ele existia, e muito menos o que realmente fazia. Sundsvall era uma cidade pequena, e Sains Bergander estava mais do que satisfeito por passar totalmente despercebido.

Sentaram-se os dois no *Subaru Outback* de Sains e saíram do estacionamento.

— De que é que me querias falar? — perguntou ele. — Pareceste-me muito misterioso ao telefone.

— É que, na verdade, não tenho permissão para te mostrar aquilo que te vou mostrar — respondeu Vincent. — Nem te devia sequer falar deste assunto. Mas sei que não consegues resistir a um segredo. E, além disso, há demasiado tempo que não nos víamos!

— Pois é. Não há problema nenhum em receber visitas. Não é todos os dias que aparece alguém a bater-me à porta.

Sains virou e estacionou o carro em frente a uma casa que lhe servia de oficina.

— Bem-vindo ao covil da magia — disse ao preparar-se para abrir a porta.

Vincent entrou numa sala que parecia uma mistura entre oficina do Pai Natal e uma carpintaria. Diferentes máquinas, cuja finalidade Vincent só podia imaginar, amontoavam-se ao longo das paredes; apenas conseguiu identificar duas serras circulares e uma impressora 3D de tamanho industrial. Havia tubos grossos a sair das máquinas, provavelmente para aspirar poeiras e lascas de madeira, mas isso não impedia a sala de estar coberta de pedaços de madeira, dobradiças, manchas de tinta e montículos de ímanes finos por entre caixas acabadas e apoios cujo objetivo era pouco claro. Vincent parou em frente a uma tábua de madeira que estava presa a uma corda que vinha do teto. A tábua pendia na horizontal, à altura da sua cabeça, e tinha dois parafusos obscenamente grossos aparafusados em cada extremidade.

— O que é isto? — quis Vincent saber.

— Uma coisa que estou a fazer para mim — respondeu Sains com orgulho. — Não aceito encomendas, só para que saibas.

Sains colocou-se em frente à tábua e levantou as mãos ao lado da cabeça, ao alcance dos parafusos.

— É uma crucificação — explicou. — Os parafusos atravessam as mãos de um lado ao outro, é inacreditavelmente realista. Escorrem dois decilitros de sangue de cada ferida. Até costurei um manto de monge para a pessoa que desempenhar o papel de carrasco. Espetacular. Queres ver?

Vincent abanou a cabeça e perguntou-se o que Mina diria daquilo. Ilusão

ou não, já lhe chegava de sangue e mutilações. Em vez disso, pegou na bolsa de plástico onde tinha as fotografias impressas, desviou um punhado de cliques de metal de uma das bancadas e espalhou as imagens.

— O que tens a dizer sobre isto? — perguntou.

Sains inclinou-se sobre as fotografias.

— É um *sword casket* — disse. — Ou *sword box*, depende a quem perguntares. Mas não precisas de vir aqui para saberes isso.

Vincent abanou a cabeça.

— Já viste alguma como esta antes? — perguntou.

— Não, pelo menos igual a essa. Quem é que a construiu?

— Tinha esperança de que me pudesses elucidar. Alguém te encomendou peças para uma caixa, ou sabes se algum outro fabricante vendeu uma caixa destas recentemente? Nem que fosse só o desenho...

Sains bufou e apontou para as imagens.

— Achas que eu seria capaz de fazer um trabalho tão desleixado? Sinceramente, Vincent. Sabes que só faço o melhor. E nenhum dos outros construtores que conheço ia deixar passar uma coisa tão desajeitada.

— Então, achas que é uma construção completamente caseira?

— Bem, também não é assim tão simples. No que diz respeito a desenhos e esboços, não é tão fácil como se pode pensar.

— O que queres dizer com isso?

Sains foi até uma das estantes e pôs-se à procura. Ao fim de algum tempo, voltou com três livros com encadernação em espiral.

— Aqui tens, o título é *Illusion Systems*, de Paul Osborne, 1981 — disse Sains e colocou os exemplares à frente de Vincent. — Provavelmente, a principal fonte de desenhos modernos de ilusões. Dá uma vista de olhos. Achas que consegues construir isto?

Vincent abriu um dos livros e folheou as páginas com os desenhos.

— Podia tentar — respondeu.

— Mas não te saírias tão bem. As pessoas que compram os esboços são ilusionistas, mas para poder construí-los é melhor ser-se marceneiro. Precisavas de ter não só as máquinas, mas também de compreender os materiais; caso contrário, o objeto ficaria demasiado pesado. Ou punhas-te a aparafusar contraplacado... enfim, uma estupidez do género. Além disso, muitos dos desenhos clássicos têm erros deliberados.

Vincent ergueu as sobrancelhas.

— Por que razão havia alguém de vender desenhos incorretos? — perguntou.

— Porque assim podes publicar uma ilusão e reivindicar direitos de autor, ao mesmo tempo que garantes que mais ninguém consegue executá-la. Existem grandes conflitos entre ilusionistas que ficam com os louros pelas criações de outros, e a maneira tradicional de reclamar o domínio de uma criação é publicá-la. Mas, ao mesmo tempo, não queres que outros copiem a tua criação e comecem a fazer os truques que tu inventaste. Todos os ilusionistas querem ser únicos. Portanto, publicam as suas criações, mas com um ou outro pequeno erro.

— E o que é que achas que acontece se alguém tentar seguir os esboços com erros?

— Simplesmente, não vai funcionar. O alçapão não se abre, as paredes não ficam juntas, ou seja lá o que for. O que estou a dizer é que, se queres construir um objeto de ilusionismo, tens também de perceber que alterações são necessárias ao desenho para que realmente funcione. E isso também tem um efeito positivo, porque acabas por reivindicar a tua própria marca. E outra pessoa vai mudá-la de maneira diferente.

O alçapão não se abre. Uma memória começou a mover-se no fundo da

sua mente, mas Vincent afastou-a de imediato. Em vez disso, tamborilou em cima das imagens, mal contendo a frustração.

— Então, esta caixa não foi feita por um profissional, é isso? — resumiu.
— Podes dizer-me mais alguma coisa sobre ela? Olha outra vez, por favor.

Sains olhou mais de perto para as fotografias.

— Hum... É uma fotografia antiga? O modelo, pelo menos, é antigo. A construção foi bastante alterada. Esta faz lembrar as que se costumavam construir nos anos sessenta. Mas...

Sains pegou numa das fotografias e franziu a testa. Depois largou-a e tapou a boca com a mão.

— Vincent, quem é que construiu isto? — perguntou com a voz fraca por entre os dedos.

— É isso mesmo que te estou a perguntar!

— Não me digas que foi utilizada...

Sains encostou-se à bancada de trabalho; o rosto adquirira um tom ligeiramente esverdeado.

— O que foi? — perguntou Vincent, preocupado.

Sains pareceu acalmar-se um pouco e estendeu a mão para um dos livros.

— Nos casos precisos da *sword box* e do *sword casket*, há realmente desenhos corretos — disse, e virou as páginas até encontrar o que procurava. — Além de que até são fáceis de construir. Olha aqui.

Apontou para um desenho no livro.

— O assistente do mágico senta-se de uma forma muito precisa na caixa em relação aos buracos das espadas. Os buracos estão espalhados de modo a parecer que cobrem todo o exterior, mas, na verdade, a colocação das espadas faz com que deixem um espaço perfeito para a mulher dentro da caixa, desde que não se mexa. Há quem tenha levado isso a níveis extremos. Diz-se que um mágico na Alemanha partiu sete costelas e o

maxilar da assistente durante um espetáculo, há uns anos. É só procurar vídeos no YouTube. Contudo, há sempre espaço para a pessoa dentro da caixa. Mas Vincent...

Sains pegou numa das fotografias que Vincent levava consigo e mostrou-lhe o óbvio.

— Nesta caixa, esse espaço não existe. Se alguém estivesse dentro desta caixa, seria perfurado pelas espadas. Não há por onde fugir. E, ainda assim... ainda assim consigo ver que se basearam num desenho correto, mesmo sendo antigo. O que fizeram foi retirar... a própria ilusão.

Sains olhou fixamente para ele.

— Vincent, o que é isto?

— Isso, meu amigo, é precisamente o que me compete descobrir.

Olhar para as imagens de videovigilância era quase tão dolorosamente aborrecido como observar tinta a secar. Christer piscou os olhos algumas vezes, a noite já caíra lá fora e o escritório estava cada vez mais vazio. Nunca ficava completamente vazio, havia sempre alguém de serviço, mas a força de trabalho diminuía consideravelmente ao final do dia. As pessoas queriam voltar para as suas famílias. Christer não tinha esse tipo de motivação, mas também gostaria de ir andando para casa em breve. Estava habituado à solidão, aceitara-a.

Conseguira obter as imagens de videovigilância dos três dias que antecederam o desaparecimento de Tuva, no inverno anterior. O que era um pouco estranho, na verdade, uma vez que esse tipo de material só podia ser legalmente guardado durante vinte e quatro horas e, portanto, deveria ter sido apagado há muito tempo, o que o banco cuidadosamente salientara quando ele os contactara. Porém, quando Christer explicara o motivo pelo qual precisava de aceder às filmagens, descobriram, com espanto fingido, que algum técnico de informática aparentemente tinha sido descuidado e o material continuava disponível num dos servidores. Podiam dar a desculpa que bem entendessem, ninguém ficaria mais feliz do que ele pelo facto de as filmagens ainda existirem. Pelo menos, até se ver confrontado com aquela tarefa monótona.

A câmara estava obviamente apontada para a entrada do banco, mas Christer também conseguia ver o café do outro lado da rua. Infelizmente,

não se via a porta, uma vez que ficava de fora do ângulo da filmagem, mas conseguia ver-se o passeio, a estrada e até um pouco do interior do café através das grandes janelas. Na sua maioria, as pessoas que apareciam nas filmagens não estavam sozinhas. Havia casais risonhos, dois homens que pareciam estar a discutir sobre algo, um cão enorme com o dono, uma mulher mais velha e uma criança, provavelmente uma avó com um neto. Duas mulheres com um *chihuahua* cada uma. Christer nunca conseguira perceber a moda daqueles malditos cães de bolso. Ratos com trelas, era a sua opinião.

Piscou os olhos algumas vezes e bebeu um pouco de café. Fez uma careta; o café estava frio. Claro que estava frio. Era raríssimo a vida servir-lhe café quente.

Continuou a observar as filmagens. Um homem sozinho, que tinha visto através da janela estar a beber café, vinha a andar pelo passeio. Aparentemente, acabara de sair do estabelecimento. Christer inclinou-se para a frente; havia algo de familiar no homem. A imagem era demasiado granulada para conseguir ver os detalhes e era completamente impossível distinguir quaisquer características faciais. O homem coxeava ligeiramente, e isso desencadeou algo na mente de Christer, mas não conseguia nem por nada encontrar mais informação nos recantos do seu cérebro. Aquele andar era-lhe tão familiar, mas, quanto mais tentava aceder à informação, mais recôndita ela se tornava.

Por vezes, quando não conseguia lembrar-se imediatamente de uma coisa, ou quando tinha de se esforçar para encontrar uma palavra que sabia que devia ter na ponta da língua, ficava preocupado. A mãe morrera com demência e fora uma longa jornada, quase uma década, rumo à escuridão. Não era um destino que Christer quisesse encontrar, o seu maior medo na vida era que algum miúdo de vinte anos lhe trocasse fraldas e lhe limpasse

o rabo enquanto mastigava pastilha elástica. Por isso, como prevenção, tinha guardado um cartucho especial numa caixa que a mãe usara para guardar as suas joias mais valiosas. E lá estava agora, à espera do dia em que viesse a ser útil. Seria uma morte rápida. E com dignidade.

Christer recuou na filmagem e voltou a observar o homem que coxeava ligeiramente. Mas não, a sua memória não estava minimamente disponível para o ajudar. Christer suspirou, fechou o ficheiro, levantou-se e vestiu o casaco. Já chegava por aquela noite.

Mina tinha tempo de ir a uma reunião antes de voltar para o trabalho. Normalmente, chegava cedo ao escritório, mas nos dias após ter visto a menina não conseguia atirar-se de cabeça para a realidade que encarava no trabalho. Precisava de fazer escala primeiro. Uma escala suave. Ponderara telefonar a Vincent, mas a rapariga era mais um segredo que teria dificuldade em explicar, o melhor era mesmo abafar o sentimento de perda com a ajuda de outro segredo.

Já todos se tinham sentado quando Mina apareceu. Esgueirou-se para o interior da sala e sentou-se numa das cadeiras vagas. Havia sempre cadeiras a mais, nunca ninguém teria de sentir que não havia lugar, que não era bem-vindo. Muitos deles estavam ali porque não tinham tido direito a um lugar, porque não tinham sido bem-vindos. Mina acenou com a cabeça para o Homem do Sul e para a Mulher do Lenço Lilás.

A Rapariga Golfinho tinha a manga da camisola arregaçada e uma camada de película aderente enrolada à volta do braço. Por baixo, vislumbrava-se uma tatuagem com as palavras «*Living on the edge*» e a pele à volta estava bastante rosada. Mina não conseguiu evitar visualizar a quantidade de bactérias assassinas que agora semeavam destruição por baixo daquela pele, que devoravam a carne em direção ao osso, que destruíam toda a matéria viva. Esfregou as mãos às pernas das calças e beliscou discretamente a coxa com força para tirar da cabeça aqueles pensamentos. A Rapariga Golfinho levantou a mão para a cumprimentar e

sorriu para ela; Mina tentou retribuir o sorriso, mas sentiu-se rígida e artificial.

O Homem do Cão estava sentado à sua frente, na companhia de *Bosse*. Tecnicamente, devia deixar de chamar-lhe «Homem do Cão» e dizer «O Homem com o *Bosse*». Ao seu lado encontrava-se uma mulher numa cadeira de rodas e Mina presumiu que era a companheira que ele referira anteriormente. As orelhas de *Bosse* levantaram-se quando viu Mina e, antes de o dono ter tempo de agarrar a trela, o cão avançou a correr, saltou com as patas da frente para o seu colo e começou a lambe-lhe o rosto como um louco. Mina levantou-se em pânico e começou a limpar as calças freneticamente. Pelo menos, o cão não tinha as patas molhadas, mas aquelas calças iam diretas para o lixo. E agora também tinha sujidade nas mãos. O Homem do Cão correu para ela e puxou a trela.

— Desculpa, pensei que o tinha prendido às pernas da cadeira.

— Não precisas de pedir desculpa — disse Mina, rígida. — É só que eu... tenho medo de cães.

— Percebo isso perfeitamente, ele é um cão grande. Mas garanto que é muito meigo. E é evidente que se apaixonou por ti, se quisermos olhar para isto de forma positiva.

— Pois, vou tentar lembrar-me disso — respondeu Mina e forçou um pequeno sorriso. — Positiva.

Sentou-se novamente na cadeira enquanto *Bosse* foi levado para o seu lugar. Sentiu a pulsação começar a acalmar lentamente. Todos olhavam para ela, pelo que Mina pregou os olhos no chão. Preferia tornar-se invisível, não queria ser vista, não queria ocupar espaço. Não ali. Ali, queria escutar, observar, aprender. Até agora não partilhara a sua história uma única vez, apesar de ir ali há três anos.

A mulher na cadeira de rodas sorriu-lhe compassivamente, mas Mina

fingiu não ver. *Bosse* deitara-se debaixo da cadeira do dono, com a enorme cabeça apoiada nas patas e os olhos castanhos húmidos fixos em Mina. Tristes, rejeitados, desiludidos.

No intervalo, Mina manteve-se à parte do grupo. As outras pessoas estavam de pé ou sentadas em pequenos grupos, bebiam café, comiam um bolo, conversavam. Sentada a um canto, Mina pegou no telemóvel. Não tinha mensagens. Abriu o *Candy Crush*, nível vinte. Uma quantidade absurda de horas para conseguir alcançar aquele nível, mas era a distração perfeita, o seu cérebro relaxava quando Mina olhava fixamente para os pedaços coloridos de doces que se moviam, desapareciam, preenchiam. Havia um início, mas não um fim.

— Também quero pedir-lhe desculpa pelo *Bosse*.

Mina sobressaltou-se com a voz vinda subitamente da sua esquerda.

— Ele foi-nos entregue quando já era adulto, é um cão adotado, e infelizmente não conseguimos educá-lo tão bem quanto gostaríamos.

Mina olhou para a mulher na cadeira de rodas, que sorria para ela com ar apologetico. Mina suspirou disfarçadamente e guardou o telemóvel no bolso, parecia ser-lhe impossível escapar à conversa de circunstância, por mais que tentasse. As pessoas eram simplesmente incompetentes a ler sinais. Por vezes, sonhava com um mundo onde as pessoas tinham aprendido a lavar as mãos corretamente e usavam luvas de plástico e máscaras sobre a boca, e onde enormes placas a dizer Mantenha a Distância estivessem afixadas por todo o lado.

— Não há problema nenhum — respondeu Mina, dissuasivamente.

Só queria que a mulher pegasse na sua cadeira de rodas e rolasse dali para fora. Porém, a mulher permaneceu calmamente onde estava, a observá-la com um leve sorriso. O Homem do Cão aproximou-se delas com duas

chávenas de café nas mãos. Estendeu uma delas à mulher na cadeira de rodas e sorriu a Mina, desculpando-se.

— Desculpa, não trouxe uma chávena para ti, porque não costumamos beber...

— Não, não, tudo bem.

Bosse sentou-se aos pés do dono, mas estava com ar de quem queria saltar para cima de Mina e lambe-la a cara novamente a qualquer momento. Mina recuou, à cautela.

— Não te preocupes, estou a segurar na trela — disse o homem e sentou-se em frente a Mina.

Mina lutou contra o impulso de se levantar e sair dali. Não queria ficar a conhecer nada sobre eles. Não queria saber como se chamavam, não queria saber onde viviam, não queria saber onde trabalhavam ou em quê. Não. Queria. Saber. Estavam perigosamente perto de penetrar na sua esfera. Eram estranhos e Mina não queria conversar com estranhos. Só no contexto do trabalho. Porém, quando não estava a trabalhar, não via necessidade de falar com pessoas que não conhecia. Honestamente, também não via necessidade de falar com quem de facto conhecia. Uma lista que, aliás, era muito curta. E que se tornava cada vez mais curta à medida que as pessoas se cansavam de ela nunca as contactar.

— O Kenneth disse-nos que és polícia — comentou a mulher.

— Sim — respondeu Mina sucintamente.

Porra. Nomes. Desde as partilhas de histórias que sabia que ele se chamava assim, mas nomes eram demasiado pessoais, demasiado íntimos. Também não queria falar sobre trabalho com estranhos. O facto de Kenneth... que merda, agora estava a pensar nele pelo nome... O facto de Kenneth e os outros terem ouvido a sua conversa com Julia sobre a investigação fora um acidente. Não voltara a acontecer. E não voltaria a

acontecer. Espessas portas corta-fogo separavam as diferentes partes da sua vida, era a única forma que conhecia para lidar com aquilo. A única forma de *conseguir* lidar com aquilo.

Mina olhou ao redor da sala. Não tinham de recomeçar brevemente? Na prática, não era obrigada a ficar para a segunda parte da reunião, aquilo era voluntário, podia ir-se embora a qualquer momento. Mas o silêncio acabou por tornar-se demasiado intrusivo e, não sendo capaz de se conter, apontou para a cadeira de rodas.

— Porque é que estás numa cadeira de rodas? — perguntou.

— Escoliose — respondeu a mulher com toda a naturalidade.

— Sim, pois foi, ele... o Kenneth já tinha mencionado.

Fez-se novamente silêncio e Mina contorceu-se na cadeira. Pareceu-lhe que *Bosse* estava mais perto agora, era como se estivesse a tentar aproximar-se dela centímetro a centímetro. Mina empurrou a sua cadeira um pouco para trás, uma distância suficiente para que as impurezas do cão não a contaminassem. O silêncio pairava sobre eles como um cobertor molhado e Mina ponderou novamente ir-se embora. Ou, pelo menos, mudar de lugar. Talvez pudesse usar a desculpa de querer perguntar à Rapariga Golfinho alguma coisa sobre a tatuagem. No entanto, preferia nem ter de se aproximar daquele braço.

O telemóvel tocou e Mina retirou-o do bolso, agradecida. Leu a mensagem, refletiu, escreveu rapidamente uma resposta e enviou-a. Quando olhou para cima, viu que Kenneth e a mulher olhavam os dois para ela com uma expressão de curiosidade. Levantou-se e pegou no casaco que estava pendurado nas costas da cadeira.

— Desculpem, o trabalho chama. Prazer em conhecê-la.

Acenou com a cabeça para a mulher na cadeira de rodas. Desapontado, *Bosse* seguiu-a com o olhar quando Mina se apressou a sair. Passou pela

casa de banho a caminho da saída, mas absteve-se deliberadamente de entrar para lavar as mãos. Só acabaria por levar consigo mais bactérias do que aquelas com que entrara e tinha toalhetes desinfetantes no carro. Assim como álcool para as mãos. Teria de ser suficiente.

Christer suspirou. Mais umas quantas horas perdidas a olhar para as imagens de videovigilância do banco Nordea. Já tinha examinado praticamente todo o material que receberam, três dias completos que terminavam pouco depois do momento em que sabiam que Tuva saíra pela porta e desaparecera. Em direção ao que agora sabiam ser a sua morte. No entanto, no vídeo não aparecia uma carrinha preta que a pudesse ter raptado num estilo dramático, nenhum criminoso mascarado que, de repente, tivesse surgido a correr. Nenhum padrão, nada que se destacasse.

Christer não encontrara nada de valor. Algo o incomodava na imagem recorrente do homem a coxear, mas não havia muito que pudesse fazer em relação a isso. Se não lhe ocorria nada, não lhe ocorria nada, ponto final. Não podia fazer magia. Se era disso que precisavam, deviam ter contratado Vincent. Christer fechou o ficheiro de videovigilância e suspirou novamente.

A tarefa seguinte também não o atraía particularmente, para ser sincero. Quando Agnes fora encontrada morta, naquilo que parecera um suicídio, coubera-lhe telefonar a Jesper Ceci, o pai de Agnes. A sua mãe, Charlotte Ceci, morrera quando Agnes era pequena e Jesper mudara-se para Arvika, onde constituíra novamente família assim que Agnes se tornara grande o suficiente para se desembaraçar sozinha.

Christer era o membro do grupo que tinha mais experiência a falar com os familiares das vítimas e, por isso, era-lhe sempre atribuída essa tarefa. Os

colegas pareciam não perceber que era tão desagradável para ele como para qualquer um dos outros. Além de que, provavelmente, ele seria o que tinha menos jeito para isso. Conseguia tranquilizar uma pessoa quando era necessário, mas aquela parte do consolo não era propriamente a sua competência-chave.

Recordava-se perfeitamente da conversa que tivera com o pai de Agnes. Christer nem sempre fora investigador de homicídios; portanto, ao longo da carreira, fizera todo o tipo de chamadas telefônicas. Alguns familiares iam-se abaixo assim que se apresentava como polícia, mesmo que só estivesse a ligar sobre um gato desaparecido que fora encontrado morto. Nunca deixava de se surpreender que os donos de animais de estimação levassem aquilo tão a sério. Já deviam saber; se havia algo que tinha aprendido era que os animais desaparecem sempre. Outros reagiam com raiva aos telefonemas e acusavam-no de não saber fazer o seu trabalho, como aquela mulher de cinquenta anos, cuja mala da marca *Michael Kors* fora encontrada em perfeitas condições, mas de onde faltava um telemóvel. Até Christer finalmente se farta e lhe perguntar de que telemóvel ela estava então a ligar. Pessoas! Sinceramente, qual era o problema delas?

No caso de notícias graves, claro que seria de esperar que reagissem com choque. Era mais difícil, e havia situações em que precisavam da ajuda de alguém presente; Christer sentia-se impotente do outro lado da linha. Mas havia o problema de ser difícil de prever quando é que as pessoas se iam abaixo.

Jesper Ceci, porém, pertencia a outra categoria. Parecera quase... educado. Claro que também podia ser uma reação de choque, não era invulgar que familiares se distanciassem emocionalmente das situações como forma de lidar com a notícia de uma morte. Porém, no caso de Jesper, Christer não julgara tratar-se disso. Jesper tinha uma nova esposa e um filho

de cinco anos em Arvika, mantivera muito pouco contacto com a filha em Estocolmo, desde que se mudara de lá. Quando Christer lhe telefonara, Jesper falara sobre Agnes como se ela fosse um parente distante, alguém que ele conhecera num jantar há alguns anos. Christer ficara arrepiado.

E agora tinha de telefonar-lhe novamente. Recordar-lhe que ele tivera realmente uma filha, uma filha que, afinal, não morrera pelas próprias mãos. Christer teria de lhe fazer várias perguntas às quais sabia que Jesper não tinha qualquer interesse em responder. Que inferno! Mas mais valia fazê-lo já, para que o dia finalmente acabasse. Amanhã seria um novo dia. Como se as coisas fossem melhorar.

Levantou-se da secretária e abriu a porta para o corredor. Algumas pessoas queriam fechar-se quando precisavam de ter conversas difíceis, mas Christer preferia fazer o contrário. A visão do corredor e os sons do exterior do gabinete eram um elo de ligação ao resto da realidade muito necessário. Não que essa realidade fosse algo digno de registo, mas, ainda assim, era melhor do que o seu pequeno escritório. Maior, pelo menos.

Graças à nova legislação sobre proteção de dados, toda a informação sobre os familiares de Agnes fora apagada assim que a suspeita de crime fora arquivada. Hoje em dia, a Polícia só podia guardar dados pessoais em casos em que fosse uma medida de prevenção de criminalidade, e o suicídio de Agnes não se enquadrara nessa categoria. Até recentemente. Se alguém pedisse uma opinião a Christer, o que ninguém fazia, diria que o RGPD era uma grande merda, qual era o problema de guardar informações necessárias sobre as pessoas? Não compreendia por que motivo tudo devia ser tão secreto, de repente. Se alguém quisesse saber os últimos quatro dígitos do seu número de identificação, não teria qualquer problema em revelá-los. Felizmente, bastava-lhe fazer uma pesquisa rápida no Google para encontrar o número de telefone do trabalho de Jesper.

Fez uma busca e, além do número de telefone, encontrou um artigo recente na página do jornal *Arvika Nyheter*. Jesper tinha um papel ativo no partido político Futuro da Suécia, fortemente influenciado pelo Partido do Progresso norueguês, mas ainda mais à direita no espectro político. Ganhara bastante popularidade quando começaram a levantar questões, advogavam coisas do género: as pessoas que não tinham pagado impostos também não deviam ter direito a apoios sociais. Chamavam descaradamente a isso uma «questão de imigração».

Christer olhou para a fotografia de Jesper que acompanhava o artigo. O pai de Agnes sorria friamente a partir do monitor, com o cabelo ralo penteado para trás e envergando um *blazer* azul acentuado por um lenço vermelho à volta do pescoço. Tinha ar de quem estava prestes a entrar num veleiro. Jesper fazia parte do conselho municipal de Arvika e o artigo era sobre as mudanças a nível local que ele antecipava para o ano seguinte. Christer conseguia facilmente imaginar que Jesper ficaria bastante feliz se pudesse distribuir braçadeiras.

Não tinha paciência para continuar a ler; em vez disso, marcou o número geral da Câmara Municipal de Arvika. Ao fim de três tentativas, conseguiu que reencaminhassem a chamada corretamente. Jesper atendeu após o primeiro sinal.

— Pára com isso — disse ao ouvido de Christer. — Já te disse para não telefonares para aqui, não parece bem.

— Ah... Estou? Daqui fala Christer Bengtsson, da Polícia de Estocolmo.

— Oh, desculpe — disse Jesper com um tom de voz completamente diferente. — Peço imensa desculpa, pensei que fosse a minha mulher.

— Pois... O meu nome é Christer Bengtsson, como lhe disse. Já falámos uma vez, quando...

— Eu recordo-me — interrompeu Jesper. — Não é um telefonema que se

esqueça facilmente.

Christer ficou surpreendido ao notar que Jesper não tinha o sotaque da região de Värmland, apesar de já ter falado com ele e dever lembrar-se disso, e também porque acabara de ler no artigo que Jesper nascera em Halmstad. A memória às vezes era curta. A voz no seu ouvido tinha uma clara pronúncia de Halland. «Não é um telefonema que se esqueça», tal qual. Christer podia jurar que era precisamente a isso que um homem como Jesper se tinha dedicado desde então.

— Peço desculpa por estar a ligar-lhe outra vez — disse —, mas surgiram novas informações relacionadas com o suicídio da Agnes. A verdade é que já não temos a certeza de que tenha sido um suicídio. A investigação foi entretanto reaberta.

Agora foi a vez de Jesper ficar calado.

— O que é que está a tentar dizer? — acabou por perguntar, num tom de voz muito mais débil.

— Pensamos que a sua filha possa ter sido assassinada — clarificou Christer. — Tenho de lhe perguntar se sabe alguma coisa sobre os amigos da Agnes, sobre uma possível desavença com alguém, se tinha dívidas, se estava envolvida em atividades criminosas...

— Como é que se atreve a dizer que a minha filha era criminosa?! — gritou Jesper aos ouvidos de Christer. — Mais uma observação dessas e processo-o, não só a si como a toda a Polícia de Estocolmo, por difamação! Escandaloso! Sabe que ela foi encontrada num parque? À frente de um maldito teatro?! Como se fizesse parte de um espetáculo! Nunca acreditei que fosse suicídio!

Havia uma certa nota de falsidade na voz de Jesper. Frustrado, Christer bateu com o auscultador na testa. Tinha telefonado para o número do município; se alguém ouvisse a chamada, Jesper precisava de se

salvaguardar, daria uma péssima imagem se o político do Futuro da Suécia tivesse uma filha que não se enquadrasse nos parâmetros morais. Christer não acreditava nem por um segundo que Jesper se importasse tanto como queria fazer transparecer. Estava a gritar apenas para o caso de os colegas terem ouvido.

— Não foi minha intenção parecer insensível — assegurou Christer, pacientemente. — Compreendo que não estivesse a par da vida dela em Estocolmo, tendo em consideração a distância e o facto de não se verem há tanto tempo. Percebo que esteja muito ocupado com a sua carreira política em Arvika. E parabéns pela nova família, já agora. Apesar de tudo, a Agnes era uma mulher adulta, com uma vida própria.

— Cuidado com o que está a insinuar — respondeu Jesper com um tom glacial.

O dialeto suave da região de Halland contrastava fortemente com a frieza na sua voz. Algo se moveu no subconsciente de Christer. Algo que tentava chamar-lhe a atenção, um padrão que deveria identificar. Porém, desapareceu assim que tentou identificá-lo. Respondeu objetivamente a Jesper.

— Não estou a insinuar rigorosamente nada. O meu objetivo principal é informá-lo de que a investigação foi retomada.

Jesper ficou por momentos em silêncio, parecia estar em movimento, talvez a caminho de outra sala.

— Aquele... terrorista — disse Jesper de seguida, em voz baixa. — Se fosse a vocês, começava por ele.

De repente, todo o café que Christer bebera durante o dia foi despejado para a bexiga.

— De quem é que estamos a falar agora? — perguntou ansiosamente.

— Aquele com quem ela morava. Do Irão ou da Síria, ou lá o que era.

Daqueles que mal conseguem sobreviver, provavelmente nem teria casa própria se a Agnes não tivesse tido pena dele. E devia estar com muita vontade de ficar com o apartamento só para si.

— Mas o que é que o leva a pensar que é um terrorista?

Christer procurou freneticamente uma caneta para tomar notas.

— Talvez não ele pessoalmente, mas a laia dele. Fazem qualquer coisa para conseguir uma vantagem, malditos vendedores de tapetes. Matou a minha filha.

— Eu fiquei com a impressão de que eles eram bons amigos — disse Christer e parou de procurar a caneta, já não tinha a certeza se haveria alguma coisa naquela conversa que valesse a pena apontar.

— A Agnes amiga de um daqueles? Nem pensar! — disse Jesper. — É precisamente essa atitude ingénua que nos transformou no país que temos hoje, sem regras, sem controlos. Pensei que a Polícia ao menos compreendesse isso. Mas você nunca esteve na Suécia real, é o que ouço. Deviam ter vergonha. Contactem-me quando o apanharem.

Jesper desligou o telefone. Christer suspirou e olhou novamente para a fotografia dele no jornal. Em circunstâncias normais, não recomendaria a um pai que abandonasse a filha no dia do seu décimo oitavo aniversário, mas talvez tivesse sido o maior favor que Jesper fizera à filha. Dessa forma, pelo menos durante uns anos não teve de o ouvir todos os dias.

E depois morrerá.

Daniel Bargabriel já havia sido interrogado e fora libertado. Nada indicava que fosse o culpado, nessa altura, pelo menos. Porém, Mina dissera-lhes que ele fugira do café e agora estava desaparecido. Não dava uma boa impressão. Pelo contrário. E os avós de Tuva tinham dito que a neta achava que Daniel poderia fazer-lhe mal. Merda!

Recostou-se na cadeira e esfregou os olhos. Tinha sido um dia longo e

nada positivo. Não queria minimizar a coisa terrível que acontecera a Agnes e a Tuva, mas, ao mesmo tempo, iriam todos morrer, mais cedo ou mais tarde. Nunca se podia saber quem era a seguir ou quando aconteceria. Acontecia, simplesmente. Por vezes, Christer imaginava uma figura sombria com uma foice, que lhe apareceria à porta. Não que ele quisesse necessariamente morrer; aliás, não queria de todo morrer, mas seria divertido variar um pouco. A morte. A vida. Que horror.

Com um novo suspiro, voltou a passar as imagens de videovigilância no computador à sua frente. Não que estivesse a pensar rever tudo outra vez, mas pelo menos daria a ideia de que estava a trabalhar. Cruzou os braços sobre a barriga, recostado na cadeira, e fechou os olhos. Não queria nada que fosse Daniel; isso seria como despejar gasolina na fogueira do ódio de Jesper. No entanto, naquele momento, tudo apontava nessa direção. Suspirou. Infelizmente, até um racista podia ter razão, às vezes.

Em Srebrenica, tinha sido carpinteiro, criara com as próprias mãos. herdara a profissão do pai e do avô e era como se todo o conhecimento acumulado tivesse sido refinado nele próprio. Pelo menos, a avó sempre o dissera. Seria capaz de olhar para um pedaço de madeira e ver o que vivia no seu interior, o que ele procurava, aquilo em que deveria ser transformado. Tinha criado tantas coisas belas com as suas mãos. Nunca se separara de nada que não fosse exatamente aquilo que estava destinado a ser.

Agora já não criava. A guerra roubara-lhe todo o desejo de criar. A morte obscurecera-lhe o olhar para o que era belo. Onde antes a alegria habitava vivia agora apenas uma massa escura formada pelo peso conjunto da guerra. Todas as tristezas moravam dentro dele. Toda a dor se acumulava nas suas articulações, fazia com que as suas mãos nodosas se fechassem só de pensar em criar algo novo.

Porém, a guerra deixara-o com um novo talento. Escavar. Escavar para enterrar os mortos. Já perdera a conta a quantos tinha enterrado. Agora escavava espaço para caixões. Pessoas que eram enterradas uma a uma, após os ritos religiosos.

Naquela altura. Naquela altura, os corpos praticamente caíam em pilhas do céu. Principalmente homens. E rapazes. Covas profundas para onde se faziam rolar pessoas como carcaças de animais. O som de carne a aterrar sobre carne. Corpos pilhados dos objetos de valor, se tivessem alguns. A

maior parte não tinha nada que valesse a pena roubar. Eram pobres. Insignificantes.

Por vezes, perguntava-se se Ratko Mladic ouvia o baque pesado dos corpos, lá onde estava agora, sentado na sua cela. Provavelmente não. O som de oito mil bósnios muçulmanos a serem atirados para valas comuns deveria ecoar entre as paredes da cela, mas provavelmente estava sentado usufruindo de todo o conforto, com comida, aquecimento e televisão. Era preciso uma forma particular de monstro para assassinar oito mil pessoas.

— Olá, sou o Ove. Eu é que tenho a máquina. Têm de me dar instruções sobre como devo escavar.

Nico apertou a mão que lhe era estendida. O homem tinha cerca de cinquenta anos. Baixo, careca e com tatuagens a cobrir-lhe a cabeça. «Minicargas do Ove», eis o que dizia na pequena escavadora. Nico olhou para ele desconfiado. Na Sérvia, as tatuagens teriam significado que era um criminoso e que passara pelo menos dez anos na prisão. Não tinha a certeza do que significariam aqui, mas decidiu que não ficaria de costas para o homem em momento algum.

— Pode começar por escavar a camada superior — disse Nico. — Com cuidado. Depois eu e o Milan continuamos o trabalho quando estivermos a aproximar-nos do caixão. Costumam estar a dois ou três metros de profundidade, por isso não vá mais fundo do que um metro e meio, para jogar pelo seguro.

O homem com a cabeça tatuada assentiu e dirigiu-se para a escavadora. Nico seguiu-o com um olhar desconfiado. Um homem e uma mulher aproximaram-se e, imediatamente atrás deles, vinham outro homem e outra mulher. Os dois mais atrás estavam vestidos com macacões de proteção.

— Mina Dabiri, da Polícia — disse a primeira mulher e estendeu a mão.
— Este é o Vincent Walder.

— Fui eu que chamei o Ove — disse o homem ao lado da mulher-polícia.
— Consta que é bastante competente. É meu vizinho. Bem, vive perto de mim, pelo menos. Ele, por sua vez, ligou para vocês, correto?

— Esse homem é ser criminoso? — perguntou Nico.

Mais valia ir direto ao assunto, era preciso saber com quem se estava a lidar. O homem olhou fixamente para ele.

— Criminoso? Claro que não. Porque... a que propósito...?

Nico anuiu ao de leve com um gesto da cabeça.

— Ainda bem — respondeu. — Parece-me bom naquilo que faz.

— Também temos aqui os técnicos — continuou Mina e fez um gesto para o par atrás deles. — Irão responsabilizar-se pela operação e pelo caixão assim que estiver exposto.

Nico assentiu novamente. Não era pessoa de muitas conversas e só estava ali para fazer o seu trabalho. Os suecos eram demasiado faladores, às vezes. Parecia que não aguentavam o silêncio, que precisavam sempre de o preencher. Quanto a si, adorava o silêncio.

Nico e Milan recuaram alguns passos para não atrapalharem o trabalho da escavadora. Não precisavam de trocar uma palavra, eram irmãos. Não de sangue, mas, desde que tinham escavado sepulturas em Srebrenica, nunca mais se haviam separado. Ambos perderam tudo, as suas famílias jaziam algures em valas comuns. Nunca haviam sido encontradas, nunca foram identificadas.

Tinham emigrado juntos para a Suécia e dividiam um pequeno apartamento de duas assoalhadas no bairro de Rinkeby. Nico cozinhava, Milan lavava a louça. Existiam os dois; dizer que viviam seria um tanto exagerado.

O homem com a cabeça tatuada manobrava habilmente a escavadora e, com cuidado e precisão, as camadas superiores de terra foram retiradas.

Nico observou o homem que chegara com a mulher-polícia e que olhava atentamente para o processo que se desenrolava. De alguma forma, aquele homem lembrava-lhe o seu verdadeiro irmão. Sergei sempre fora o mais inteligente dos dois. Enquanto Nico criara com as mãos, Sergei criara com o cérebro.

Antes da guerra, o irmão fora professor de matemática na universidade. Era raro o dia em que Nico não sentisse a falta dele. Não compreendia a razão por que ele fora poupado enquanto Sergei, desde há décadas, era apenas esqueleto e ossos.

— O que é que disseste aos técnicos sobre mim? — perguntou o homem à mulher.

Falava como se Nico não estivesse presente.

— Nada — respondeu ela. — Provavelmente, não conhecem todos os membros do grupo da Julia. Portanto, para todos os efeitos, fazes parte da equipa. Só tens de te comportar com naturalidade.

Nico abanou a cabeça; todos tinham segredos, até ali. Ter demasiados segredos não era bom. Era precisamente quando as pessoas não confiavam umas nas outras que tudo podia desmoronar-se. A escavadora recuou e parou, e a porta da cabina abriu-se.

— É suficiente assim? Ou querem que escave mais um bocado?

Nico agarrou na pá e caminhou até à sepultura. Milan seguiu-o de perto. Olharam os dois para o interior; Nico avaliou a profundidade a que a terra havia sido escavada. Depois olhou para Milan, que assentiu com a cabeça.

— Nós fazemos o resto a partir daqui — disse.

Desceram para o buraco e começaram a cavar com as pás. No seu peito, Nico sentiu o ardor da memória de outra terra, de outra morte. Muito distante. Mas, em simultâneo, precisamente ali e agora. Sempre presente.

O telefone estava a tocar, mas só ouviu quando Maria lhe deu um pontapé no pé.

— Não vais atender? — perguntou ela.

Vincent estivera profundamente absorvido num livro sobre padrões de comportamento e crises da idade. O autor descrevia quais as opiniões, valores e ações que eram mais comuns ao longo das várias fases da vida. As pessoas não eram tão diferentes como pensavam. De início, comprara o livro para compreender a sua própria família, não queria cometer o erro de pensar que alguém com nove anos, com quinze, com dezanove e com quarenta pensariam da mesma forma. Porém, tinha começado a suspeitar de que os princípios em que o livro se baseara não incluíam a sua família.

Desta vez, estava a ler a obra para tentar compreender o assassino. Através das ações de que tinham conhecimento, poderia tentar inferir coisas como idade, sexo e origens. Sempre era alguma coisa. No entanto, não podia escapar ao facto de as ações do assassino serem contraditórias.

— Vincent! — disse Maria outra vez, com um tom de voz irritado. — O telemóvel está a tocar! Ou estás a fingir que não reparaste porque eu estou ao teu lado e posso ouvir a conversa?

Vincent fechou o livro e olhou para o telemóvel, mesmo em cima da mesa de centro. O nome de Mina brilhava. Vincent pegou no telemóvel para atender e Maria aumentou ostensivamente o volume da televisão.

— Diverte-te com a tua amante — disse. — Mas vê lá se não acordas o

Aston, ele teve um dia difícil na escola.

Vincent foi para o escritório, era isso ou ter de competir com o som do programa *Let's Dance*.

— Olá, Mina — disse e encostou a porta.

— O Christer falou com os avós da Tuva outra vez, acabei de ler o relatório.

— Ah, sim? E o carro, vai andando?

Foi uma sorte não ser uma videochamada. Ter-lhe-ia sido difícil esconder quão satisfeito estava consigo mesmo após aquele comentário.

— Muito engraçado. E uma pessoa aqui a esforçar-se para tentar comunicar ao teu nível...

— Eu controlo-me, prometo.

Sentou-se à secretária e girou lentamente na cadeira. Pareceu-lhe que Mina estava a falar através de auriculares. Obviamente. Obviamente que ela não ia pressionar contra a face um telefone que tivesse estado sobre uma mesa ou dentro de um bolso. Não sem o ter lavado minuciosamente antes. A questão era quanto tempo os auriculares duravam, pois evidentemente também os lavava. Se alguma vez lhe comprasse um presente de Natal, seria um par de *Airpods* extra.

— O Christer também falou com o pai da Agnes, o Jesper — continuou Mina. — Adivinha quem é que os três mencionaram.

— O Daniel Bargabriel.

Acertou, mas, também, era o seu único palpite.

— Muito bem, senhor mentalista! Na verdade, são apenas indícios circunstanciais. A Märta e o Gunnar disseram que a Tuva não se atrevia a falar dele com medo de que ele lhe fizesse mal, e o Jesper afirmou que o Daniel queria ficar com o apartamento da Agnes. É certo que o disse por motivos racistas, mas...

— Mas o Daniel fugiu do café por alguma razão — completou Vincent.

Mina ficou em silêncio, e Vincent ouviu algumas vozes ao fundo; tornaram-se mais fortes e depois afastaram-se novamente. Ela estava no trabalho, não havia dúvidas, e ninguém sabia que lhe estava a telefonar. Vincent esperou que Mina comesse a falar novamente. Gostava de a ouvir.

— Então e o teu perfil, o que é que adiantaste? — perguntou Mina quando as vozes ao fundo desapareceram. — O Ruben terá razão? Pode ser ele?

Vincent refletiu sobre o que vira quando observou Daniel, durante a curta visita ao café Fab Fika. Através da parede para a sala de estar, ouviu Tony Irving dizer algo sobre um *slowfox* perfeito. Maria devia ter aumentado ainda mais o volume da televisão por ele estar a demorar algum tempo a voltar. Quando regressasse à sala, seria provavelmente decapitado ou, pelo menos, teria perdido a audição. Mas isso ficaria para mais tarde.

— Quando nos encontrámos com o Daniel, ele mostrou sinais tanto de nervosismo como de que estava a esconder alguma coisa — acabou por dizer. — Mas nada mais do que isso. É possível que se possa tornar violento se for ainda mais pressionado, mas não vi sinais de raiva reprimida naquele momento. Nesse caso, teria alguma saída sarcástica ou cínica, a conversa teria sido marcada por suspiros, não teria ativado a *orbicularis oculi*...

— A *orbi* quê? — interrompeu Mina.

— Não teria sorrido com os olhos. E o *stress* a que nós o sujeitámos deveria ter causado algum tipo de tique nas mãos ou na cara. Nada disso aconteceu. Ao mesmo tempo, é perigoso generalizar a partir de um único encontro. Só porque o Daniel não se mostrou violento connosco não quer dizer que não o possa ser noutras situações. Mas também já disse que o assassino parece ter duas facetas, uma explosiva e violenta, sim, mas

também é capaz de planear serenamente. Resta saber se o Daniel tem essas duas facetas.

Mina praguejou.

— Parece-me que a nossa prioridade é encontrar o Daniel imediatamente — disse ela. — Ou é ele o culpado dos homicídios ou então é inocente e pode precisar de proteção contra os apoiantes do Futuro da Suécia. O pai da Agnes é um alto quadro do partido e está muito zangado. Além disso, é uma figura pública bastante conhecida, não ia fazer nada que pudesse ser usado contra ele, mas é muito fácil pedir a outra pessoa para publicar o nome e a fotografia do Daniel na página do partido no Facebook. Com uma chamada para «fazer o que é preciso». Já aconteceu.

Vincent soltou um gemido e deu mais uma volta na cadeira.

— O Futuro da Suécia, esses elfos? — disse. — Não me digas que agora também vamos ter de lidar com essa gente?

— Elfos? — perguntou Mina. — Os teus natais devem ter sido muito esquisitos. Mas obrigado, vemo-nos em breve.

E desligou.

Vincent permaneceu algum tempo sentado com o telemóvel na mão, enquanto reunia forças para voltar para junto de Maria. O *Let's Dance* parecia pelo menos estar a aproximar-se do final, conseguia ouvir os apresentadores fazerem um resumo da noite. Olhou para o ecrã do telemóvel, tentou forçá-lo a voltar a acender-se com o nome de Mina. Permaneceu preto. Vincent inspirou profundamente, abriu a porta e voltou para a sala de estar.

— Consigo ouvir tudo aqui sentada! — explodiu Maria. — E vocês estão a ter sexo pelo telefone no quarto ao lado. Que nojo! Não tens vergonha!

Vincent olhou para a mulher. Centenas de respostas amargas giraram-lhe na cabeça, cada uma melhor do que a outra. Cada uma pior para a relação

deles do que a outra. No final, não disse nada. Mas sentiu uma enorme tristeza ao pensar no ponto em que estava a sua relação.

Daniel esperara até à última para deixar o apartamento em Märsta; já não podia mais. Precisava de comprar comida, papel higiénico e, principalmente, sair de casa. Observou o seu reflexo no espelho da casa de banho; fora abençoado com uma barba pateticamente irregular, era por isso que tentava barbear-se todos os dias. Não lhe ficava bem uma barba de três dias ao estilo de Zac Efron a cobrir-lhe o rosto. E, neste momento, os pelos cresciam descontroladamente. O cabelo, que usava ao estilo desgrenhado, era, na verdade, um penteado cuidadosamente executado, e estava por lavar há mais de uma semana, colado à cabeça como um gorro. A parte descolorada já crescera alguns milímetros e as raízes castanhas revelavam-se. Estava com um aspeto terrível, portanto.

Era uma sorte Evelyn não estar ali; provavelmente dir-lhe-ia que ele parecia um sem-abrigo canceroso. Tinha uma capacidade de tocar nos pontos mais sensíveis das pessoas. Sentia a sua falta mais do que nunca; porém, sabia que ela provavelmente teria terminado tudo de imediato se o visse agora. Não o espantaria se também cheirasse mal.

A questão era se eles sabiam. Se a Polícia sabia onde ele se encontrava. Tinha sido muito descuidado e fora obrigado a mentir sobre Tuva. Talvez não tivesse mentido descaradamente, mas claro que não tinha contado tudo. E esse facto poderia acabar por ser usado contra si. Já escapara por um triz duas vezes, não podia dar-se ao luxo de cometer mais erros.

Daniel olhou-se novamente ao espelho. Para começar, tinha de vestir

alguma coisa, largar a *T-shirt* e a roupa interior com que andava há vários dias, e sair porta fora. Antes de a situação ficar totalmente fora do controlo. Porém, não conseguia livrar-se da convicção de que a Polícia se atiraria sobre ele assim que pusesse um pé fora do apartamento. E que iriam dar-lhe uma valente sova. Ou então alguém iria reconhecê-lo e telefonar para o número de informação da Polícia a dizer onde é que ele estava. O seu rosto estaria certamente exposto em cartazes a dizer Procurado, afixados em todos os postes de eletricidade desde o apartamento até ao supermercado. E por uma boa razão.

— Controla-te! — disse em voz alta para si próprio. — Têm mais pessoas com que se preocupar além de ti.

No entanto, a situação era o que era, independentemente de ter sido ele a causá-la ou não, e estava com medo de sair à rua. E ficaria com mais medo quanto mais tempo esperasse. Olhou para o espelho pela terceira vez. Passou a mão pela barba hirsuta, olhou para a *T-shirt* manchada. Poderia telefonar a Samir, de certeza que lhe traria roupa lavada e comida. Porém, atrás de Samir viria uma série de outros problemas, iria achar que era uma ótima ideia vender os seus pequenos sacos de produto a partir dali, e Josef, o dono do apartamento, não iria gostar nada da ideia. Não, Samir continuava a não ser uma opção. Daniel não falava com Evelyn desde que andava foragido, mas não a queria perder, nada valia a pena esse risco.

Evelyn tornou-se o fator decisivo.

Não podia continuar a ser o perseguido, precisava de ser aquele que atacava. A única maneira de se livrar do monstro era matá-lo. Para manter o controlo, teria de ser ele próprio a entrar em contacto com a Polícia, antes que o encontrassem. E teria de ser tão convincente que eles o esqueceriam durante muito tempo. «Para sempre» parecia-lhe um bom intervalo de

tempo. Pegou no cartão de visita que estava preso ao espelho, foi buscar o telemóvel e marcou o número.

Alguém do outro lado da linha atendeu, mas Daniel não conseguiu ouvir bem, o barulho do nervosismo estava demasiado alto na sua própria cabeça.

— Olá — conseguiu dizer. — Há uns dias foi ao meu trabalho para falar comigo. É sobre a Tuva. A Tuva Lewin.

Kvibille, 1982

Desdobrou o desenho no chão do celeiro que fora cuidadosamente varrido para que o papel não ficasse sujo. Levava vários dias a desenhar, medir, alterar e começar de novo, mas agora estava finalmente terminado. Deitou-se no chão ao lado do esboço e examinou minuciosamente todas as partes, uma a uma, para verificar que não tinha cometido nenhum erro. Há muito tempo que não havia ali animais, mas ainda conseguiu sentir o cheiro a vacas e a excrementos quando se deitou no chão de madeira. Jane achava o cheiro nojento e recusava-se a pôr um pé no celeiro, mas a ele transmitia-lhe segurança.

Era o seu espaço e de mais ninguém. Provavelmente, já passara mais tempo ali, com as suas construções, do que no interior da casa principal.

Alguém bateu à porta. Jane estava na soleira com a mão ainda na maçaneta.

— Posso entrar? — perguntou.

— Sim, mas não és tu que dizes que não gostas de estar aqui...? — replicou, sentando-se de seguida.

— Pois digo, mas já me apercebi de que são só moléculas de odor, estou a esforçar-me para pensar nisso de outra maneira. Li algures que é possível. E queria saber como é que correu com o quebra-cabeças dos números; já me tinha esquecido.

Ele retirou o quadrado de plástico do bolso de trás, levantou-se e foi ter

com a irmã. Passara vários dias a tentar resolver o desafio.

— Não percebo — disse, entregando-lhe o quebra-cabeças. — Parece que é... impossível?

— Bingo! — respondeu ela. — Não tem solução.

Ele franziu a testa. Como é que uma ordem de números podia ser possível e outra não? Não fazia sentido.

— Assim — disse Jane. — Todos os números deviam estar nos lugares certos, exceto o catorze e o quinze, que deviam trocar de lugar um com o outro. Se começarmos com um dos outros números, qual é a menor quantidade de movimentos possível que podes fazer para que acabem todos no mesmo lugar que começaram, se tiveres de fazer pelo menos um?

— Dois movimentos. Primeiro uma casa para o lado, seja qual for, e depois outra de volta.

— Muito bem. Um número par de movimentos, portanto. Isso quer dizer que não importa quantos movimentos faças, tens sempre de terminar com um número par para que uma peça volte ao mesmo lugar. Não olhes para mim assim, é lógica matemática. Mas quantos movimentos é que são precisos para que o catorze acabe no lugar do quinze?

— Um — respondeu ele. — Um número ímpar de movimentos.

— Já percebeste, e ainda és tão pequenino. Bom trabalho! Vai sempre ser preciso um número ímpar de movimentos para que o catorze e o quinze troquem de lugar. Mas é preciso um número par para manter as outras peças nos devidos lugares. E não se consegue fazer par e ímpar ao mesmo tempo. Portanto, é impossível de resolver.

Abanou a cabeça. Não percebeu tudo o que ela disse, mas, de alguma forma, parecia-lhe correto.

— Podes parar agora — disse-lhe. — Não há nenhuma associação para pessoas como tu?

— Para as superespertas, queres dizer?

— Não, para irmãs mais velhas irritantes — retrucou, em jeito de brincadeira. Depois acrescentou, num tom mais suave: — Olha, aquelas moléculas com que estás a treinar o teu nariz, sabes que são moléculas de cocó, não sabes?

O rosto de Jane ficou praticamente verde.

— Tu, pá! — gritou. — És mesmo nojento!

Jane saiu do celeiro a correr enquanto o irmão ficou a rir à gargalhada, agarrado à barriga. Riu-se ainda mais quando a viu assoar-se à manga da camisola, numa tentativa de expulsar o que quer que lhe pudesse ter entrado no nariz.

Depois voltou para junto do seu desenho e afastou alguns fios de palha que lhe tinham caído em cima. Não era o seu primeiro esboço; ao longo das paredes havia uma série de pequenas e grandes criações, e fora ele que as construía todas. Os seus truques de magia. Alguns funcionavam, outros não. Allan, o dono do depósito de madeiras, sabia do seu grande interesse e ficava impressionado com a sua evolução, aquilo que ele já era capaz de conceber e construir. Havia sempre um painel de contraplacado, algumas tábuas ou um pedaço de pano à mão quando ele precisava. E, quando não havia, usava pedaços de cartão de alguma embalagem antiga de cereais de pequeno-almoço.

No entanto, o último esboço era algo à parte. Fora ele que inventara os objetos de magia encostados à parede, depois de ver ilusionistas na televisão e tentar descobrir como eles faziam. Nunca sabia se tinha acertado ou não. Mas o desenho que estava agora no chão, esse, era *a sério*.

Com a ajuda da mãe, encomendara alguns livros sobre ilusões em palco na biblioteca de Kvibille, que tinham demorado mais de um mês a chegar. Os livros, ao fim e ao cabo, eram principalmente biografias, com

fotografias cintilantes de mágicos em diferentes espetáculos de Las Vegas. Tivera esperança de que incluíssem informação sobre como eles construíam as suas ilusões, mas, aparentemente, ninguém estava preparado para o revelar. Até que encontrou um livro com o título mais enfadonho de sempre, *Série de hobbies 12: constrói as tuas próprias ilusões!* Estivera quase para não o encomendar, e, afinal, grande parte do livro consistia precisamente em desenhos e instruções das mais famosas ilusões. Nem conseguira acreditar que um livro daqueles existia, um livro com todos os segredos.

Fora feito de forma descuidada, as instruções não tinham sido desenhadas especificamente para ser publicadas, consistiam antes em desenhos fotografados. Provavelmente, uma edição americana; o autor convertera as medidas, que estavam em polegadas, para centímetros na margem de cada fotografia, mas isso não era importante. O livro continha a explicação para o seu truque de ilusionismo favorito: o *Substitution Trunk*.

Na maior parte das outras ilusões que vira, o mágico enfiava a ajudante numa caixa e fazia algo com essa caixa, dividia-a ao meio, ou pegava-lhe fogo, trespassava-a com espadas. Depois, a ajudante saía lá de dentro com outra roupa. Sempre achara aquilo um pouco estranho, truques de magia que consistiam em fazer mal a alguém, enquanto a pessoa troca de roupa. Era provavelmente uma coisa de adultos.

O que distinguia o *Substitution Trunk* das outras ilusões era que o mágico e o ajudante tinham de passar pelo mesmo. Ambos eram ilusionistas, ambos eram ajudantes. O mágico *tornava-se* o ajudante.

Ele próprio poderia trocar de lugar com outra pessoa, *tornar-se* outra pessoa. Essa era uma narrativa muito melhor.

Olhou para as imagens do livro aberto, aberto no chão ao lado do seu desenho. Duas pessoas sorriam para os aplausos. Tinha de encontrar um

ajudante. Não podia contar com Jane, isso era para esquecer. No entanto, com as novas medidas que calculara no desenho, a mãe caberia perfeitamente na caixa. Iria ficar tão surpreendida, tão orgulhosa dele. E finalmente poderia ela também fazer magia. Confirmou as medidas mais uma vez, para jogar pelo seguro.

Seria o seu melhor truque de sempre.

— Então a festa dos setenta anos prolongou-se até tarde?

Vincent esforçou-se por manter um tom ligeiro, na esperança de que Maria deixasse aquilo passar. Não que houvesse grandes probabilidades de isso acontecer. Na verdade, se uma tal coisa acontecesse, bem podia ir a correr comprar uma raspadinha.

As probabilidades de ganhar um milhão de coroas suecas na raspadinha eram de um em duzentos e cinquenta mil, mas apenas de um em cinco para ganhar *alguma* coisa. Já na lotaria, a probabilidade de acertar em seis números e ganhar um milhão era só de um em 490 860. E de um em cinquenta para qualquer tipo de ganho. Teria de ser uma raspadinha, portanto. Por outro lado, com o *Bingolotto*, as probabilidades eram de um em cerca de 166 000 para participar na «Superchance» ou no «Quinteto de Cores», e para qualquer outro tipo de prémio, a probabilidade era de um em 7,7 cupões, por isso talvez...

— Vincent!! Nem sequer estás a ouvir o que estou a dizer! — gritou Maria com o rosto completamente vermelho de raiva.

Vincent contara com aquilo, Maria ficava sempre furiosa depois de conviver com a família, cheia do veneno amargo que os irmãos e os pais insistiam em despejar-lhe nos ouvidos. Ainda assim, sentiu o coração apertar-se-lhe no peito quando se apercebeu de que não haveria razão para ir a correr comprar uma raspadinha; pelo contrário, seria um dia de gestão de conflitos de proporções épicas.

Levantou-se, encheu a sua chávena com café e sentou-se em frente a Maria. O sol espalhava um brilho dourado sobre a mesa, como se estivesse a praticar para o verão.

— Todos acharam muito estranho tu não teres ido à festa — disse Maria. — Eu expliquei que tinhas um espetáculo agendado para o mesmo dia, mas tanto a minha mãe como o meu pai levaram a mal.

— Pois... De facto, é chato — respondeu Vincent, e percebeu no mesmo segundo pela expressão corporal de Maria que aquela era a resposta errada.

Vincent era capaz de ler uma plateia de oitocentas pessoas, os seus mais subtis humores e *nuances*, e usá-los a seu favor como se estivesse a tocar uma orquestra completa. Porém, por algum motivo, não conseguia comunicar com o campo minado que era a sua mulher. Principalmente quando as minas tinham sido armadas pelos seus pais. E por Ulrika.

— *Chato?!*

A voz de Maria subiu para falsete. Estava a beber da chávena com a inscrição Passarinha Cintilante e Vincent pensou mais uma vez em quão mal o epíteto se adequava a ela. Outros descreveriam muito melhor a esposa. A maior parte deles, na verdade.

— Claro que não quis dizer...

Vincent batia o pé ritmicamente por baixo da mesa, mas forçou-se a parar. Se parecesse nervoso, Maria só ficaria ainda mais irritada. Por vezes perguntava-se o que teria ela visto nele, o motivo pelo qual se apaixonara. Vincent não era nada o género dela. Ou talvez fosse mais correto virar a questão ao contrário e dizer que ela é que talvez não fosse nada o género dele. Como se olhava para o assunto dependia de quem escolhera quem e quem deles iniciara aquilo que ainda hoje era considerado uma traição à família de tal magnitude que as feridas nas relações continuavam por sarar.

Vincent alegava que fora Maria quem dera o primeiro passo. Maria

alegava que fora Vincent. Talvez a verdade estivesse algures no meio. Maria sempre fora competitiva em relação a Ulrika, o que se justificava porque esta tinha o hábito irritante de fazer tudo de forma perfeita. Maria era a irmã mais nova e despassarada. Ao mesmo tempo, talvez tenha sido precisamente a perfeição de Ulrika que o levara a sentir-se atraído por Maria; era esgotante levar a vida a tentar estar à altura das expectativas de Ulrika. E Maria não tinha muitas expectativas, pelo menos não da mesma forma. Estava presente, no agora, aberta, imediata. Ou assim pensara Vincent na altura. Claro que a imagem que Maria projetara de si estava muito longe da sua maneira de ser, mas, quando Vincent se apercebera disso, já era tarde demais. Nessa altura, todos haviam tomado conhecimento da traição deles e estavam os dois juntos no campo de batalha, rodeados pela devastação que eles próprios haviam causado. E, para falar a verdade, ele provavelmente também não tinha correspondido ao que ela esperara.

No entanto, fora Maria quem tomara a iniciativa de atravessar a fronteira proibida. Disso Vincent estava firmemente convencido. Mesmo que ela não concordasse. O ambiente de tensão entre os dois crescera e intensificara-se ao longo dos meses, olhares, movimentos, corpos que por acaso se tocavam de passagem. Estavam na casa de verão dos pais de Maria e Ulrika; os outros tinham ido nadar. Vincent ficara para trás com a desculpa de que precisava de trabalhar, não sabia que desculpa Maria tinha dado. Mas fora ali, na velha cozinha campestre, que tinham tido sexo pela primeira vez. Maria fora ter com ele, abraçara-o, beijara-o e, de seguida e sem hesitação, enfiara-lhe a mão nos calções e agarrara-lhe no sexo ereto. Vincent levantara-a e levara-a para o quarto de hóspedes, onde ele e Ulrika costumavam ficar quando estavam de visita. Depois, tinha entrado nela.

Ambos sabiam que, ali e agora, estavam a escolher um caminho em que apenas era possível seguir em frente. Uma decisão que também tinham

defendido firmemente, para horror do resto da família. Vincent pedira o divórcio a Ulrika logo na semana seguinte.

A vida sexual naquele primeiro ano fora insaciável, principalmente por iniciativa de Maria. Parecia que tinha uma necessidade de lhe conquistar o corpo, tomá-lo como a uma fortaleza onde a sua irmã anteriormente mandara. E Vincent não tivera nada contra isso, gostava de ir para a cama com Maria. Com Ulrika tratara-se principalmente de desempenhar uma função, mas com Maria parecera-lhe mais... genuíno.

Não obstante, o que quer que tivesse sido, rapidamente se esvaíra. Nos últimos anos, era raro acontecer sequer uma vez por mês. Agora mal se recordava da última vez que Maria o tocara e, quando lhe permitia que ele se aproximasse dela, era com aquela castidade recém-descoberta e a exigência das luzes apagadas. Hoje em dia, até lhe parecia uma fantasia distante pensar que, em tempos, ela quisera olhá-lo nos olhos quando ele a penetrava.

— Por amor de Deus, podias pelo menos fingir ter o mínimo interesse naquilo que eu estou a dizer! — bufou Maria.

Vincent não conseguia perceber por que razão tinha tanta dificuldade em concentrar-se no que Maria dizia. Talvez fosse porque, na maior parte das vezes, soubesse de antemão o que ela iria dizer, e às vezes até respondia em voz baixa para si mesmo ao mesmo tempo que ela as pronunciava em voz alta.

— Estava a dizer que tens de ligar aos meus pais a pedir desculpa — repetiu. — Fazer setenta anos não é uma ocasião qualquer. Quando é que vais começar a pôr a família em primeiro lugar? Eu percebo que seja espetacular ir e vir como te apetece, mas nós, os outros que vivemos aqui no mundo real, não temos propriamente esse luxo!

— Eu não vou e venho como me apetece — respondeu Vincent, cansado.

— Tenho um trabalho que me obriga a viajar muito à noite e aos fins de semana. Mas é um trabalho.

— Então e aquela coisa nova, de que fazes um segredo tão grande? Com a outra, a polícia? Isso também é suposto ser trabalho?

Vincent sabia que não importava o que dissesse, Maria não estava interessada num diálogo com ele, era como tantas vezes antes, um monólogo. Porém, estava cansado de ser apenas um espectador, limitado a emitir os sons apropriados para provar que estava a ouvir com atenção. Não desta vez.

— Mas o que é que tu pensas, realmente, Maria? — perguntou-lhe. — Achas que por ter um holofote apontado a mim quando estou a trabalhar estou rodeado de mulheres, drogas e é só festas todas as noites? Sabes uma coisa, tens razão, é exatamente essa a minha vida. Nem imaginas a quantidade de televisões que já atirei de janelas de hotéis enquanto snifava linhas de coca das barrigas de modelos nuas. Principalmente em sítios como Vara e Kalmar, estás a ver, nas cidades mais pequenas, é a verdadeira loucura! O Bingo Rimér até partilhou comigo a lista de contactos dele e mal tenho mãos a medir com todas as miúdas de vinte e dois anos que se atiram aos meus pés!

Maria olhou fixamente para ele.

— Agora estás a ser parvo — disse.

— Sabias perfeitamente o que o meu trabalho implicava quando me escolheste — continuou Vincent. — É cansativo, viajo muito e, sim, também fez de mim uma figura pública. Mas dizer que não ponho a minha família em primeiro lugar...! Quando não estou em digressão, passo mais tempo com a minha família do que a maior parte das pessoas. Qual de nós os dois é que vai tanto levar como buscar o Aston à escola quatro dias por semana? Quem é que levou a Rebecka e o Benjamin para casa da escola

todos os dias duas horas antes de todas as outras crianças? E eu estou aqui, Maria. Quando é que foi a última vez que brincaste com os carros telecomandados do Aston? Que pintaste com o Benjamin? Que tiveste uma conversa a sério com a Rebecka? Estar aí sentada com a tua chávena de chá a olhar para o Facebook não é estar com a família. Estar sob o mesmo teto não quer dizer que estejas presente. E, já agora, quem é que achas que paga as tuas chávenas de chá feitas à mão com dizeres «engraçados»?

Vincent inspirou profundamente. Não pensara ir tão longe, mas, de facto... tudo o que dissera era verdade.

Maria levantou-se da mesa com a chávena da Passarinha Cintilante na mão.

— Quero fazer terapia de casal — disse-lhe. — Além disso, não tens a mínima ideia do que eu faço ou deixo de fazer com o Aston. Porque é que achas que ele não quer fazer os trabalhos da escola contigo?

Pela primeira vez, Maria conseguiu surpreendê-lo.

— Terapia — disse Vincent, hesitante. — E qual seria a abordagem?

Tinha de ser muito prudente em relação a esse assunto, não conseguia pensar em nada mais inútil do que desperdiçar tempo e dinheiro a encontrar-se com alguém que provavelmente sabia muito menos do que ele sobre a psique humana. Era como se um neurocirurgião fosse ter com um ginecologista a pedir-lhe conselhos sobre a sua próxima cirurgia. Completamente absurdo. Por outro lado, também sabia que não era isso que devia transmitir a Maria naquele preciso instante.

— Escolhe tu — resmungou Maria e saiu para o corredor. — Estou atrasada para o ioga.

Vincent esperou até Maria sair. Depois pegou no telemóvel, que lhe vibrava no bolso há três minutos. Duas chamadas não atendidas de Mina. E uma mensagem escrita.

«Podes vir à esquadra o mais depressa possível? O Daniel está a caminho e quero que estejas presente no interrogatório.»

Levaram-no para uma pequena sala da sede da Polícia. Presumiu tratar-se de uma sala de interrogatórios; pelo menos as salas de interrogatórios eram assim em tantos filmes que tinha visto. Uma mesa com duas cadeiras, uma de cada lado. Algumas cadeiras ao longo da parede. E mais nada. A única diferença era que a mesa, de madeira clara, parecia saída de um catálogo de mobiliário de escritório dos anos noventa. Também não tinha argolas metálicas para prender algemas. Daniel nunca estivera numa sala de interrogatórios na Síria, mas desconfiava de que não teriam móveis do Ikea.

A porta abriu-se e a polícia giraça que o procurara no café entrou. Mina. Trazia consigo o mesmo homem da última vez.

— Desculpe tê-lo feito esperar — disse ela. — Não estávamos cá os dois quando chegou.

O homem cumprimentou-o com um gesto da cabeça e sentou-se numa das cadeiras ao longo da parede. Como é que se chamava, mesmo? Valentim ou qualquer coisa assim. Já da primeira vez, Daniel reconhecera-o, e agora a sensação era ainda mais forte. Mas não sabia dizer de onde.

— Provavelmente, já me viu na televisão — disse o homem em resposta à pergunta que Daniel apenas fizera na sua cabeça. — E o meu nome é Vincent.

Aparentemente, era possível lê-lo como a um livro aberto. Afinal, aquele interrogatório talvez não tivesse sido assim tão boa ideia.

— O Vincent Walder está a dar-nos apoio na investigação — disse Mina.

— Ele não é polícia, mas... tem outras qualidades.

Daniel perguntou-se se Mina saberia que sorria quando falava de Vincent.

— Hoje estará aqui apenas como observador — continuou. — Como se recordará, eu chamo-me Mina Dabiri.

Mina estendeu-lhe a mão, estava seca e áspera ao toque e cheirava ligeiramente a desinfetante.

— Sim, dizia no cartão de visita — respondeu Daniel.

— Então pretendia falar connosco... — Mina sentou-se diante dele e abriu um computador portátil. — Quer despir o casaco?

Daniel ensaiara o que iria dizer e, acima de tudo, como iria soar. Se parecesse demasiado bem preparado, daria a impressão de ser desonesto. Por outro lado, se parecesse demasiado nervoso, soaria culpado. O truque era encontrar um meio-termo. Fazer pausas suficientes, mas não demasiadas; de vez em quando, parar a meio de uma palavra, como se não soubesse bem o que dizer, mas sem parecer vacilante. Por isso é que tinha ensaiado o discurso minuciosamente. Porém, aquele Vincent parecia conseguir ver através dele, e Daniel já não se atreveu a proferir o seu discurso. Precisava de pensar noutra estratégia.

— Desculpem ter fugido do café — disse. — Mas entrei em pânico. E este casaco é fino, está calor lá fora, prefiro ficar com ele vestido.

— Porque é que entrou em pânico? — perguntou Mina. — Aconteceu alguma coisa de que nós precisemos de saber?

— Quem é que não entraria em pânico quando a Polícia nos vem bater à porta de repente? — respondeu Daniel e esboçou um sorriso, do qual se arrependeu de imediato depois de lançar um olhar a Vincent.

— A última vez que lidei com vocês, quiseram incriminar-me de

homicídio — continuou. — Vocês sabem que eu morava com a Agnes Ceci. Foi por isso que reagi... fortemente... quando apareceram.

— E agora? — perguntou Mina. — Do que é que queremos incriminá-lo?

Mina era esperta, estava a forçá-lo a ser ele a dirigir a conversa. Daniel encolheu os ombros e esperou que o gesto parecesse natural. Enfiou as mãos nos bolsos. O casaco era uma boa proteção, esperava que não fosse tão fácil ler-lhe a linguagem corporal com ele vestido. Teve a sensação de estar a observar-se a si próprio através dos olhos de Vincent. Tudo o que fazia poderia parecer suspeito. Assim como tudo o que não fazia. O nervosismo começou a apoderar-se dele e piscou rapidamente os olhos algumas vezes. Merda, merda, merda, piscar os olhos de certeza que não era bom sinal.

— Parto do princípio de que a Tuva continua desaparecida — disse. — De outro modo, não teriam nenhum interesse em falar comigo. Mas a verdade é que eu não sei de nada, mal a conhecia. A Agnes e a Tuva é que se conheciam.

Mina ficou rígida, e até Vincent, encostado à parede, esboçou uma reação.

— Elas *conheciam-se*? — repetiu Mina. — Isso é uma novidade para nós. Não ouvimos nada nesse sentido, nem quando falámos com as pessoas que conheciam a Agnes, nem com os avós da Tuva. Sabíamos que o Daniel era um elemento em comum entre as duas. Mas então havia uma ligação direta entre elas? É isso que está a dizer?

Daniel contorceu-se na cadeira. Pura e simplesmente, presumira que eles sabiam. Se ao menos o tal Vincent pudesse parar de olhar fixamente para ele.

— Conheciam-se, isto é... talvez não seja a palavra certa. Sabiam da existência uma da outra. A Agnes trabalhava no café antes de a Tuva ser

contratada, foi assim que eu consegui o trabalho, a Agnes deu-me o número da Tuva. Mas fiz o resto sozinho.

— E ambas o conheciam a si — disse Mina enquanto escrevia intensivamente no computador.

Depois levantou a cabeça, inclinou-se sobre a tampa do portátil e olhou-o nos olhos.

— Primeiro morre a pessoa que morava consigo — disse. — Com um tiro na cara. E pouco mais de um mês depois... desaparece... a sua colega de trabalho. Percebe o que isto significa para si? Se tem alguma coisa a dizer, diga agora. Para a situação não piorar.

Daniel ficou com a boca completamente seca. Agora é que era, se dissesse as próximas palavras da forma errada, era o fim, iriam comê-lo vivo.

— Eu percebo a imagem com que ficam — respondeu. — Percebo perfeitamente.

Fez questão de parecer preocupado, mas não nervoso.

— Mas o que querem que diga? — continuou. — Estocolmo não é assim tão grande. Como já expliquei, só comecei a trabalhar com a Tuva porque morava com a Agnes, foi o único motivo.

— E de que forma é que acha que isso invalida o seu envolvimento?

Mina não desviou os olhos dele por um segundo.

— Estão a olhar para isto da maneira errada! — afirmou Daniel, um tanto desconsolado. — Não sou eu o denominador comum entre a Agnes e a Tuva, a Agnes é que é o denominador comum. Se vivesse outra pessoa com a Agnes, também tinha sido outra pessoa a trabalhar com a Tuva! O facto de ser eu aqui sentado é apenas obra do acaso, não tenho nada a ver com o assunto. Têm de perceber isso!

— Então porque é que os avós da Tuva disseram que ela não queria falar

sobre o Daniel, que tinha medo de que você lhe fizesse mal? Porque é que o pai da Agnes o aponta como suspeito?

Daniel não estava à espera daquilo. Engoliu em seco. Esperara não ter de lhes contar, Evelyn ficaria louca quando descobrisse. No entanto, não havia escolha.

— O pai da Agnes é um racista, não sei se sabiam. Desconfia de toda a gente que não tenha origem nas profundezas das florestas suecas. No que diz respeito à Tuva... a Tuva não queria falar sobre mim porque nós tivemos... uma coisa.

— Uma coisa?

— Tivemos um caso — clarificou Daniel e contorceu-se na cadeira. — Durante algum tempo. Mas eu também estava com a Evelyn, na altura. E a Tuva sabia que eu não ia deixar a Evelyn por ela. Era isso que queria dizer com fazer-lhe mal, era emocionalmente, não fisicamente. Eu nunca seria capaz de...

— Daniel — interrompeu Vincent, que estivera calado até então. — Descreva-me um *Double Lift*.

— Um *double*... quê? Isso é algum... oh, não, não, não, eu nunca fiz uma cena a três com a Tuva e a Evelyn, isso nunca teria funcionado.

Vincent olhou para ele com uma expressão que Daniel não conseguiu interpretar. Daniel queria desesperadamente fazer alguma piada, mas percebeu que o melhor era ficar calado.

— Vamos jogar um pequeno jogo — disse Vincent. — Tente responder sem pensar. Qual é a primeira coisa que lhe vem à cabeça quando ouve a palavra... magia?

— Ah... Harry Potter?

— Padrão? — continuou Vincent, sem pausas.

— Camisa.

— Violência?

— Au.

— Ilusão?

Daniel corou e baixou os olhos.

— Evelyn — respondeu.

Depois, viu o olhar de surpresa de Vincent.

— Desculpe, não disse «ereção»?

Vincent tentou esconder um sorriso antes de fazer um sinal rápido com a cabeça para Mina. Fosse qual fosse o objetivo daquilo, aparentemente chegara ao fim. A expressão facial de Mina suavizou-se e ela recostou-se na cadeira.

— Então é apenas uma vítima das circunstâncias? — disse. — Muito bem, ficamos por aqui... por enquanto. Não seria inconcebível se tivesse estado no sítio errado à hora errada. Há alguma coisa que queira acrescentar às suas declarações anteriores sobre a Agnes? Alguma ideia sobre quem a pode ter matado?

— Matado? — perguntou Daniel, confuso.

— Assassinado — confirmou Mina.

Daniel abanou a cabeça.

— Nesse caso, tem ideia de alguém que pudesse querer fazer mal à Tuva? Alguém se comportou de forma violenta ou ameaçadora no café? Alguém que lá fosse regularmente e falasse com ela?

Daniel exalou e forçou-se a não inspirar demasiado depressa. Talvez acabasse tudo bem, mas a adrenalina ainda lhe corria pelo corpo.

— Acontece constantemente entrarem pessoas pedradas ou que são simplesmente estranhas — respondeu. — E claro que algumas delas também são clientes regulares. Mas a maior parte das pessoas que vem com regularidade usa o café como escritório pessoal ou sala de estar.

— O que é que quer dizer com isso? — perguntou Mina.

— As pessoas dos *media* vêm sempre com computadores portáteis e auriculares. Um cliente habitual estava sempre a ver esboços num *dossier*. Havia um grupo de miúdas mais novas que tricotavam camisolas. Ao fim do dia, apareciam os jogadores de tabuleiro. Mas não consigo lembrar-me de ninguém que se tenha comportado de forma estranha especificamente com a Tuva, nem entre os normais ou os... mais esquisitos.

— Pense melhor, por favor — pediu Mina e assentiu com a cabeça, pensativa. — Talvez lhe ocorra alguma coisa. Tente lembrar-se também se algum dos clientes mais... originais... deixou de ir ao café subitamente. E pense um pouco melhor também na Agnes.

Mina virou o computador portátil para ele.

— Vou pedir-lhe que preencha este formulário com os seus contactos — disse-lhe e apontou para a página aberta no monitor. — Para além do trabalho. Quero uma morada e um número de telefone. Para o caso de termos mais perguntas. E vamos confirmar a informação antes de o deixarmos ir embora.

Daniel demorou alguns segundos a compreender o significado daquilo.

— Então estamos terminados? — perguntou e preencheu rapidamente o formulário.

Sentiu-se de súbito muito mais leve, quase risonho. Não tinham nada que lhes permitisse mantê-lo ali. Mesmo que quisessem. Afinal, a Polícia sueca talvez até nem fosse assim tão má.

— Quase terminados — respondeu Mina e virou-se para Vincent novamente. — Vincent, o que dizes? Tens alguma coisa a acrescentar?

Vincent coçou o pescoço.

— Daniel, faça-me um favor — disse. — Descreva cinco coisas que tenha em casa, mas uma delas terá de ser inventada.

— O quê? — perguntou Daniel e apercebeu-se de que precisava urgentemente de ir à casa de banho. — Mas eu... Pronto, está bem. Tenho... ah... persianas, uma chaleira, um espelho na casa de banho, uma ventoinha de teto e uma secretária. Porquê?

— Só por curiosidade — respondeu Vincent.

Mina tossiu fortemente.

— OK, terminámos — disse e levantou-se. — Pode ir embora. Obrigada por ter vindo. Entro em contacto consigo se precisarmos de mais alguma coisa.

Apertaram novamente as mãos e Daniel acenou com a cabeça a Vincent.

— Se precisarem de mim, vou estar com a Evelyn, a minha namorada — disse. — Também aponte o número dela. Tenho explicações a dar-lhe.

— Isto foi interessante — disse Vincent.

Sentia-se surpreendentemente eufórico com a experiência de participar no interrogatório de Daniel. Não era assim tão diferente do que se passava em palco em contacto com os espectadores, o que já fizera milhares de vezes. Porém, a sensação de aquilo ser a sério era inebriante.

— Não podemos ir de elevador? Ainda são bastantes andares...

Apontou para as portas metálicas do elevador e sentiu a relutância de Mina atingi-lo distintamente e com força. Vincent também odiava estar fechado num elevador, era uma verdadeira sepultura em movimento, mas pelo menos tentava vencer a claustrofobia, para que o mundo não se tornasse todo demasiado estreito. Não tinha a certeza se Mina pensava assim. E se alguém merecia um mundo maior, era ela.

— Já agora, a que propósito é que me incluístes no interrogatório? — perguntou para mudar de assunto, antes que a ansiedade causada pela caixa de bactérias, como a ouvira referir-se ao elevador, se tornasse demasiado forte.

— contei à Julia o que tinhas dito sobre o Daniel ao telefone — respondeu Mina e virou-se para ele. — Ela primeiro ficou um bocado surpreendida por continuarmos em contacto, já que nunca mais teve notícias do perfil que te pediu para fazeres. Mas ficou interessada na tua análise e aprovou a tua presença quando lhe perguntei se não haveria inconveniente.

Os números no visor atrás de Mina indicavam que o elevador estava a

chegar ao andar deles. Era importante não a forçar, não pressionar demasiado. Apenas pequenos empurrões na direção certa, para que ela pudesse reconquistar o seu espaço pedaço a pedaço. Até agora estava a resultar. Pelo menos, não se havia precipitado para as escadas.

— Obrigado — disse Vincent quando a porta do elevador se abriu. — E hei de enviar o perfil, se ela ainda o quiser. Mas pensei que o tal Jan já vos tivesse dado tudo o que precisavam.

Vincent fez um gesto interrogativo com a cabeça em direção à porta aberta do elevador e Mina hesitou. Depois, encolheu os ombros, fingindo estar bastante à vontade.

— Pronto, está bem — disse. — Para não teres de correr à minha frente até ao andar errado outra vez. E o Jan de certeza que nos vai fornecer imenso material. O mais certo é atirar totalmente ao lado.

Vincent entrou primeiro e segurou a porta com o braço. Relutante e com passos pesados, Mina entrou. Olhou em volta com um ar de aversão e parou precisamente no meio do elevador para não tocar em nada.

— A propósito do interrogatório, para que eram aquelas perguntas de teste no final? — perguntou Mina.

— Para verificar se o comportamento dele se alterava quando mentia. Não há nenhuma ventoinha de teto no apartamento dele.

Vincent carregou no botão do rés do chão e a porta fechou-se. O elevador começou a descer e Vincent concentrou-se unicamente na conversa com Mina, para que a sensação de confinamento não tomasse conta de si.

— Mas não teria sido melhor fazer essas perguntas de início? — questionou Mina. — Para depois conseguires ver se ele mentia durante o resto da entrevista?

— Consigo tirar essas conclusões de qualquer maneira, em retrospectiva. Observei atentamente o comportamento dele o tempo todo. Se tivesse feito

as perguntas ao início, ele poderia ter suspeitado e estaria de sobreaviso, o que me teria dificultado a possibilidade de inferir os seus padrões de comportamento normais.

Mina parecia ter deixado de ouvir o que Vincent estava a dizer; tinha as mãos cerradas junto do tronco, e de tal forma que os nós dos dedos estavam completamente brancos. Olhava fixamente para uma mancha de gordura no espelho; alguém com demasiado gel devia ter encostado ali a cabeça.

— Eu... — recomeçou Vincent.

O elevador parou repentinamente com um solavanco, mas a porta não se abriu. Ficaram a meio de dois andares. Vincent experimentou carregar no botão para abrir a porta, mas nada aconteceu. Carregou outra vez, e outra, e outra. Nada.

— Deve ter ficado preso — disse Mina.

Vincent continuou a carregar freneticamente no botão. Talvez fosse apenas um mau contacto, era o mais certo. Tentou controlar a respiração, mas era difícil, a paragem súbita do elevador apanhara-o completamente de surpresa. Não podia começar a hiperventilar, tinha de controlar o fluxo de oxigénio para o cérebro. Olhou em volta na esperança de encontrar algo com que se distrair, mas não foi capaz, estava aprisionado.

— Vincent, acho que isso não vai ajudar — disse Mina.

Vincent ouviu uma voz, como que ao longe. A porta não se abria, estavam presos numa caixa metálica e não conseguiam sair. As paredes começaram a mover-se lentamente na direção deles, Vincent ficou com a garganta seca e o ar tornara-se demasiado pesado para respirar. Recuou até à porta e o seu campo de visão foi encolhendo cada vez mais, até que tudo à sua volta se transformou num túnel escuro e estreito. As paredes continuavam a aproximar-se, quase conseguia ver o oxigénio ser espremido do elevador. Ar. Faltava-lhe o ar.

Luzes a piscar e padrões indistintos dançavam-lhe à frente dos olhos, e Mina era apenas um pequeno ponto na outra extremidade do túnel. A sua voz parecia-lhe vir de muito longe, mas Vincent não conseguia concentrar-se nela, não quando as paredes estavam prestes a desabar sobre si. De repente, sentiu as mãos de alguém repousarem sobre os seus ombros.

— Vincent, escuta-me com atenção.

O toque estabilizou-o, obrigou-o a concentrar-se.

— Estás a ter um ataque de pânico.

As palavras começaram a penetrar o caos no seu cérebro muito lentamente.

— O que estás a sentir agora é terrível, mas não é real — continuou a voz. — São hormonas, adrenalina e cortisol que correm pelo teu corpo e te fazem sentir assim.

Vincent tentou respirar fundo, mas não conseguiu. Colocou as mãos sobre as que estavam pousadas nos seus ombros e inspirou novamente, e desta vez correu melhor.

— Não estás a morrer — disse Mina. — Não há perigo nenhum, são apenas reações químicas que estão a tomar conta do teu cérebro. Seja no que for que estás a pensar, não corresponde à realidade.

Vincent continuava sem conseguir responder, mas concentrou-se no toque das mãos dela sob as suas. Na sua pele quente. Compreendeu que Mina estava a fazer um esforço enorme para manter as mãos ali; não contara com que ele fosse tocá-la. Mas ela não retirou as mãos.

— Estamos quase a sair daqui, já carreguei no botão de emergência — disse ela. — Este elevador encrava de vez em quando, é uma das razões pelas quais prefiro ir de escadas. Mas as paragens também não costumam ser prolongadas. Por isso, respira comigo, respira calma mas profundamente. Vamos respirar juntos, Vincent... Respira.

Vincent inclinou-se para trás, para Mina, e fez o que ela disse. O calor do seu corpo espalhou-se por ele como uma onda tranquilizadora, as paredes continuavam ali e ainda estavam demasiado próximas, mas já não se moviam na sua direção. Mina fez com que elas parassem. Fez com que se sentisse seguro. Há muito tempo que ninguém o fazia sentir-se assim. Há muito, muito tempo.

De repente, o elevador estremeceu e a porta abriu-se. Vincent encheu os pulmões de ar, ar renovado, que era mais do que bem-vindo. Mina estava agora ao seu lado, e Vincent virou-se para ela.

— Desculpa. Que... vergonha.

Mina encolheu os ombros.

— Da próxima vez vamos de escadas, está bem? Podes praticar as tuas técnicas de terapia cognitivo-comportamental comigo noutro lugar que não na merda do elevador da sede da Polícia. Combinado?

Vincent inspirou profundamente outra vez. Depois esboçou um sorriso.

— Apanhado em flagrante... Sim, fica combinado.

Vincent olhou para a filha. Como sempre, não tinha tocado no pequeno-almoço. Não percebia como a filha conseguia sobreviver. Pela parte que lhe tocava, Vincent estava sempre faminto como um lobo de manhã, uma característica que tanto Benjamin como Aston tinham herdado. Era verdade que Ulrika, a mãe de Rebecka, era mais esquisita com a comida, e Vincent, de vez em quando, perguntava-se se isso poderia ser a causa dos distúrbios alimentares da filha. Porém, em defesa de Ulrika, ela também insistia na importância de comer, desde que não fosse qualquer coisa a qualquer momento. Manter a silhueta e estar em boa forma, eis o mantra de Ulrika. Um mantra que Rebecka provavelmente ouvira um sem-fim de vezes ao longo do seu crescimento.

O telemóvel de Rebecka estava pousado ao seu lado, constantemente a tinir com notificações do WhatsApp e do Snapchat. Aparentemente, os membros do grupo de amigos da filha precisavam de estar em permanente contacto uns com os outros, até enquanto tomavam o pequeno-almoço. Vincent suspirou, nunca seria capaz de compreender aquilo, escolherem deliberadamente não ter tempo de pensar por eles próprios ou desenvolver o espírito crítico. Só ter tempo para basear as opiniões em coisas que os outros já tinham expressado nos últimos dez segundos. Contudo, também tinha noção de que ele próprio certamente fora assim na idade da filha. Ou melhor, tinha a certeza absoluta de que realmente era igual. Outros tempos, porém. E outras circunstâncias.

— Aston, tens roupa lavada na casa de banho — anunciou Maria ao filho. — Chama-me se precisares de ajuda com as meias.

— Oh, mãe, eu já tenho oito anos — respondeu Aston e saiu da casa de banho. — Sei vestir-me sozinho.

Aston vestira umas calças de fato de treino cinzentas e a *T-shirt* com um gato a andar de mota. Fora Maria quem lhe comprara a *T-shirt*, que se transformara imediatamente na sua preferida.

— Mas ainda estás descalço — observou Maria.

Envergonhado, Aston deu-lhe as meias e esticou um dos pés para a mãe. Vincent não conseguia lembrar-se se Aston alguma vez lhe pedira ajuda para se vestir. Quando Maria terminou, deu a Aston duas fatias de pão e a manteiga para que ele pudesse barrá-las sozinho. Algumas semanas antes, tinham decidido, de comum acordo, deixar de parte a maçã cortada aos pedaços.

— A propósito de roupa, não estás demasiado quente com isto? — perguntou Maria e puxou a manga da camisola de Rebecka. — Estamos no final de abril e continuas de manga comprida.

Rebecka puxou a camisola.

— Deixa-me em paz! — bufou, levantando-se. — Visto o que eu quiser!

Pegou bruscamente no telemóvel de cima da mesa e dirigiu-se tempestuosamente para o seu quarto.

— Eu também estou de manga comprida — disse Benjamin, e levantou os olhos da tigela de iogurte. — Também não posso usar?

Maria corou e Vincent percebeu precisamente no que ela estava a pensar. Benjamin nunca tivera autoconfiança no plano social; o facto de querer esconder o corpo até quando as outras pessoas andavam de fato de banho não era nada de estranho. Ele era a personificação do cliché do adolescente pálido e sempre vestido de preto, sentado à sombra de uma árvore, ou, de

preferência, no seu quarto com as cortinas fechadas, a ler um livro, enquanto os outros jogavam vôlei de praia. Por outro lado, Rebecka era bastante desenvolvida no plano social, sendo por norma a pessoa que marcava o tom do seu grupo.

— Talvez haja uma razão para ela não querer mostrar os braços — murmurou Benjamin e levou a tigela para a máquina de lavar louça, entalando-a entre os copos de vinho do dia anterior. — Talvez lhe devessem perguntar, um dia destes.

Vincent voltou a encher a sua chávena de café e abeirou-se da porta fechada do quarto de Rebecka.

— Bem, não estava a dizer precisamente agora — observou Benjamin a caminho da casa de banho. — Que falta de subtileza.

Vincent bateu à porta e entrou. A filha estava sentada na cama, concentrada no telemóvel.

— Rebecka, queria perguntar-te se me podes ajudar com uma coisa — pediu Vincent.

— Não vou comer nada, se é nisso que estás a pensar — respondeu Rebecka rapidamente sem levantar os olhos do telemóvel.

Vincent suspirou e sentou-se na cama ao lado dela. Rebecka pousou imediatamente o telefone no colo, com o visor virado para baixo, e olhou para o pai com as sobrancelhas levantadas.

— Já sabes que estou a ajudar a Polícia numa investigação. Ontem interrogaram um suspeito e precisava da tua ajuda para interpretar a conversa.

— Eu? Mas tu é que és o homem do se-olharem-para-a-esquerda-é-porque-estão-a-mentir!

— Em primeiro lugar, isso é um mito! Não há nenhum movimento ocular

que automaticamente signifique que uma pessoa esteja a mentir. Mas, sim, eu estava lá a assistir, só que aquilo que quero que tu faças é *ouvir*.

Vincent pegou no telemóvel.

— Tu tens uma rede social muito maior do que eu — continuou e começou a procurar o ficheiro de áudio no aparelho. — E entraste numa idade em que estás extremamente sintonizada para descobrir pequenas variações na vossa comunicação. Uma vez que um passo social errado na vossa idade pode significar ser excluído durante o resto do ano.

Rebecka olhou fixamente para ele.

— Mas de que planeta é que tu vens, afinal?

Vincent olhou para a filha, sobre quem, em tempos, soubera tudo. Agora nem sequer sabia qual era o sabor de gelado preferido. Se é que ainda gostava de gelados, de todo. Porém, sabia aquilo que era visível no seu rosto preocupado.

— Sei que não é fácil, Rebecka — disse-lhe. — Se fores minimamente parecida comigo, andas a pisar ovos na escola, porque as reações das outras pessoas são imprevisíveis. Não precisas de me responder, sei que exteriormente és um génio social, mas lembro-me bem das dificuldades que eu tinha com os amigos. Só espero que os teus sejam um pouco melhores, mas não ficaria muito surpreendido se não fossem.

Rebecka ficou em silêncio durante bastante tempo. Na pior das hipóteses, Vincent acabara de ultrapassar os limites e estava a poucos segundos de ser expulso do quarto.

— Então esse interrogatório — disse Rebecka e fez um gesto com a cabeça para o telemóvel de Vincent —, é suposto eu poder ouvir isso?

Vincent interpretou as palavras da filha como se tivesse sido perdoado.

— Provavelmente, não. Na verdade, até fiquei surpreendido por ter

podido participar. Mas ouve isto, são só dez minutos. E depois diz-me o que achas.

Vincent carregou no *play* e deixou Rebecka ouvir todo o interrogatório. De seguida, parou a gravação e apagou o ficheiro do telemóvel.

— Até posso vir a ser processado por isto. Mas preciso de saber, o que é que achaste?

Rebecka estava a olhar para o chão e parecia concentrada.

— Pareceu-me assustado — disse. — Nervoso. Mas eu sei como pelo menos os meus amigos soam quando estão a mentir sobre alguma coisa que lhes poderia trazer problemas. E não ouvi isso na voz dele. Talvez esteja a esconder alguma coisa, mas aquilo que contou deve ser verdade.

— É precisamente o que eu acho — respondeu Vincent e assentiu com a cabeça. — Apesar de ele estar sempre a olhar para a esquerda — acrescentou e deu-lhe uma cotovelada brincalhona.

Ponderou colocar um braço à volta dos ombros da filha, mas conteve-se, nenhum dos dois se sentiria confortável com isso. Além de que havia outras maneiras de demonstrar amor pelos filhos. Não obstante, recebeu um sorriso em resposta como recompensa.

— Mas, pai — disse Rebecka —, aquela polícia que conduziu o interrogatório, é com ela que estás a trabalhar? Como é que ela é?

— A Mina?

— *Whatever...* Sabes que está interessada, não sabes? É que foi completamente óbvio. A voz mais melosa de sempre mal falava sobre ti.

Vincent sentiu ferverem-lhe as maçãs do rosto e percebeu que estava a corar como um rapazinho de escola.

— Não se passa nada entre nós — apressou-se a esclarecer.

— Isso sei eu. Tu não ias perceber se alguém estivesse a flirtar contigo

nem que escrevessem um cartaz enorme e o segurassem à tua frente. Apesar de ser tão óbvio, neste caso. Mas eu não vou dizer nada à tia Maria.

— Não há nada para dizer.

— Pois, exato. Tenho de ir para a escola agora.

Rebecka deixou-o sozinho no quarto. Vincent ficou sentado na cama à espera de que o rubor passasse.

Ainda estava luz lá fora. Era mais fácil ver através das janelas durante os meses de inverno, aí conseguia observar a cozinha e a sala de estar. Também era mais fácil para ela não ser vista quando as noites estavam escuras. Agora precisava de ser mais cuidadosa. Não que soubesse se seria sequer reconhecida, tinham passado tantos anos. Mina já não era a mesma pessoa. Tinha sido noutros tempos, noutra vida.

A rapariga de quem estava pacientemente à espera apareceu finalmente à janela. O cabelo escuro caiu-lhe sobre o rosto quando se inclinou sobre algo em cima da mesa da cozinha. Uma luz iluminava-a por trás e Mina viu-a nitidamente através da janela, apesar de ficar no quarto andar. A rapariga estava a usar a mesma camisola cinzenta com capuz com que Mina já a vira muitas vezes. Devia ser uma das peças de roupa favoritas. Mina viu-a mordiscar distraidamente um dos cordões do capuz, mas estava demasiado longe para que lhe conseguisse distinguir qualquer expressão facial.

Um cão ladrrou precisamente ao lado de Mina, que se sobressaltou. Era um pequeno *chihuahua* nervoso, levado pela trela por uma mulher de gabardina com aspeto caro e *mocassins* com o logotipo da *Gucci*.

— Está a bloquear o caminho — resmungou a mulher e abriu bruscamente passagem.

Mina absteve-se de responder; no bairro de Östermalm não seria de esperar outra coisa. O cão, fazendo render a repreensão da dona, ficou parado a latir e a rosar a Mina enquanto a mulher puxava a trela.

— Vamos embora, *Chloe*!

O cão lá a seguiu relutantemente, mas não sem antes lançar mais alguns olhares maldosos a Mina, que permaneceu onde estava, parada no passeio da Rua Linnégatan.

Levantou novamente o olhar para o apartamento. A rapariga entretanto desaparecera de vista, e Mina sentiu algo que, como sempre, lhe apertou o coração. Arrependimento. Culpa. Tristeza. Não sabia dizer ao certo. Provavelmente, uma mistura disso tudo e muito mais, seria difícil definir. E também não tinha qualquer intenção de o fazer. Não era suposto abrir uma caixa de Pandora.

Perguntou-se como seria o apartamento por dentro, como seria o quarto dela. Nunca lá tinha estado, obviamente, mas recordava-se de outro apartamento. De outro quarto. Muito mais pequeno, duas assoalhadas no bairro de Vasastan, no terceiro andar. No rés do chão havia um restaurante grego, o melhor da cidade. Mas Mina nunca conseguira convencer-se a lá voltar. As memórias podiam ser tão dolorosas. Fisicamente dolorosas.

A rapariga reapareceu subitamente, desta vez na janela da sala de estar. Estava a gesticular, a falar com alguém. Movia-se de um lado para o outro. Parecia tratar-se de uma discussão, mas era difícil determinar. Se Vincent estivesse ali, teria certamente interpretado aquela linguagem corporal com todo o pormenor. Mina deu por si em pontas dos pés, como se fizesse alguma diferença quando estava a tentar observar alguém à altura de um quarto andar. Ainda assim, esticou-se.

Ao fim de algum tempo, já não conseguia ver a camisola cinzenta com capuz à janela. Mina baixou vagarosamente os calcanhares até ao chão e voltou para o carro, abatida.

Apesar de ainda faltarem alguns dias para o final de abril, o clima parecia ter-se convencido de que estavam a meio do verão. Vincent não tinha nada contra o surpreendente calor estival, tendo em conta que o seu passeio poderia demorar um bocado. Refletira sobre o melhor sítio para fazer a chamada telefónica sem que as pessoas à volta ficassem demasiado curiosas. Claro que o melhor teria sido ligar de casa, mas não tinha paciência para se justificar perante Maria sempre que falava com Mina.

Primeiro, ponderara simplesmente sentar-se no carro, mas precisava de estar em movimento para conseguir pensar melhor. E queria receber estímulos, muitos estímulos. O seu cérebro precisava do máximo de sangue e serotonina que conseguisse obter. No final, decidiu-se por um passeio pelo bairro de Södermalm. Mesmo que as pessoas pudessem ouvir a sua conversa enquanto caminhava, ninguém seria capaz de captar mais do que fragmentos do que ele dissesse.

Colocou os auriculares nos ouvidos e ativou o cancelamento de ruído para eliminar o barulho do trânsito da Rua Götgatan, na zona de Skanstull. Depois telefonou para a central telefónica da sede da Polícia e pediu para falar com Mina, que atendeu ao fim de dois toques. Tal como Vincent adivinhara que ela faria. Ela era assim, escrupulosa.

— Tenho refletido muito sobre o perfil psicológico do assassino — disse Vincent. — Principalmente depois do interrogatório ao Daniel. Tens tempo?

Ao seu lado na passadeira estava um homem na casa dos sessenta anos,

com rabo-de-cavalo e uma barbicha. Quando viu Vincent, o homem arregalou por um instante os olhos, mas recompôs-se rapidamente. Vincent já vira aquela mesma reação centenas de vezes, alguém que o reconhecia da televisão ou de um espetáculo em palco, mas que fingia não o fazer.

— Sou toda tua — respondeu Mina.

Vincent sentiu-se corar.

— Espera, vou só ativar a gravação, se não te importares — acrescentou Mina e fez algo no computador. — Se te conheço bem, isto vai ser demasiada informação para conseguir ter tempo de ir tirando notas.

— Está bem, ouve com atenção — disse Vincent. — Como sabes, tenho andado confuso com a forma como o assassino consegue ser tão frio a planear e emocionalmente tão agressivo. Portanto, isso leva-me a pensar que vocês estão à procura de alguém com um transtorno de personalidade narcisista, alguém que se vê a si próprio como superior às outras pessoas, que não atribui qualquer valor aos outros e que os transforma em ferramentas que ele pode usar como quiser.

O semáforo da passadeira ficou verde. O homem do rabo-de-cavalo passou por Vincent e, aparentemente, decidiu ousar baixar a guarda, pois fez-lhe um gesto de aprovação com o polegar erguido. Vincent sorriu em agradecimento quando os seus olhares se cruzaram. Os elogios custavam tão pouco, bastava levantar um polegar e, ainda assim, as pessoas tinham tanta dificuldade em fazê-lo. Vincent recordou a si próprio que ele também precisava de melhorar.

— Esse tipo de distúrbio narcisista pode explicar o planeamento elaborado dos homicídios — continuou. — A construção dos objetos de magia, o sequestro das vítimas, o facto de numerar os corpos, a encenação dos relógios partidos e deixar as vítimas em lugares específicos. Um narcisista não teria nenhum problema com isso, uma vez que não está a

assassinar «pessoas de pleno direito»; no mundo do narcisista, como já disse, só existe uma pessoa assim, que é ele próprio.

Vincent colocou os óculos de sol quando foi apanhado pela claridade do outro lado da estrada e teve de se desviar de uma mulher de meia-idade em cima de uma trotineta elétrica. Pessoas. Diga-se o que se disser, mas tudo seria muito mais enfadonho sem elas. Vincent começou a caminhar ao longo da Rua Götgatan, em direção à Praça Medborgarplatsen.

— Poderá essa explicação realmente ser suficiente? — questionou Mina.

— Também podemos acrescentar um provável distúrbio empático — esclareceu Vincent. — Talvez criado por algum defeito fisiológico no cérebro, uma amígdala cerebelosa encolhida ou uma ligação danificada entre o córtex e o hipocampo, isso tornaria ainda mais fácil cometer atos de violência. Também pode ser um caso em que o assassino criou uma realidade própria à volta dos homicídios. O Shoko Asahara, aquele que libertou gás *sarin* no metropolitano de Tóquio e matou várias pessoas, dizia que, quando tirava a vida a outrem, lhe absorvia os pecados e o conduzia à iluminação. Então, de acordo com essa visão do mundo, não estava a cometer nenhum homicídio, estava a ajudar as pessoas, o que, claro, tornaria muito mais fácil o ato de matar.

Mina ficou em silêncio durante um longo momento.

— Isso já me parece demasiado radical — acabou por dizer.

Vincent chegou à estação de metropolitano da Praça Medborgarplatsen e ponderou se deveria virar para Danvikstull ou continuar em direção à zona de Slussen. Talvez pudesse fazer uma visita a uma das lojas de discos no bairro de Mosebacke. Maria iria suspirar profundamente se ele voltasse para casa com mais discos de vinil, mas Vincent precisava de um contrapeso aos canais de rádio comerciais que estavam sempre a debitar sons lá em casa. Além disso, também acabara de pagar por mais um canal de televisão que

parecia mostrar apenas o *Real Housewives of New Jersey* e outros programas parecidos. Porque Maria queria muito. Decidiu-se por Slussen.

— Tens toda a razão — disse a Mina. — Não é nada comum. Bem observado. Inteligente, como sempre.

Vincent estava a ser sincero, caso contrário, não o teria dito. E percebeu que o elogio teve o efeito pretendido, quase podia ouvir Mina sorrir do outro lado. Era tão simples. Não obstante, o homem com duas crianças de seis anos a reboque ao seu lado no passeio não estava a sorrir. Uma das crianças vinha com um ar muito preocupado e a outra estava a chorar. Vincent percebeu que estava há vários minutos a andar ao lado deles enquanto falava.

— Papá, não quero ir de metro para casa — protestou a criança que chorava. — Há lá gás *serafim*.

O homem parecia prestes a dar um estalo a Vincent, que estugou imediatamente o passo.

— Mas uma personalidade dessas continua a não explicar completamente a componente emocional que a mim me parece existir — continuou em voz baixa, olhando em redor para confirmar que não havia mais crianças por perto. — Se isto fosse um filme, o assassino teria dupla personalidade, o que é extremamente improvável de acontecer na realidade. Seja como for, é à volta destas coisas que eu ando neste momento.

— OK, isso é... bastante informação — disse Mina. — Mas queres dizer então que o Daniel encaixa neste perfil?

Vincent parou abruptamente no passeio e um casal a sair de uma livraria quase colidiu com ele. Vincent fez um gesto a pedir desculpa e uma expressão de embaraço, e o casal sorriu para ele.

— Não, não, nada disso, muito pelo contrário — reiterou. — Tu já o conheceste, o Daniel não mostrou qualquer sinal desse tipo, nem quando

nos encontrámos no café, nem na esquadra. Esse grau de narcisismo transpareceria rapidamente, por exemplo, na perspetiva que a pessoa usa ao falar, e o Daniel usou a palavra «nós» com muito mais frequência do que «eu». Claro que é um egocêntrico, mas, por favor, o miúdo tem o quê, vinte anos? Quem é que não é egocêntrico com essa idade?

Vincent estava quase a chegar à primeira loja de discos e uma parte do seu cérebro começou logo a tentar lembrar-se se faltava algo na sua coleção em casa. Chegou à conclusão de que, não faltando completar a coleção, poderia dedicar-se a uma compra por impulso. O que até era mais divertido.

— Mas mencionaste um transtorno empático — disse Mina. — Como no caso dos psicopatas. E esses não costumam conseguir fingir empatia?

— Sim, é possível simular compaixão quando sabemos que é preciso fazê-lo — respondeu Vincent, e assentiu com a cabeça, sem pensar que Mina não veria aquele gesto do outro lado da linha. — E o Daniel foi muito cuidadoso com o que dizia e como agia. Mas o aumento do tamanho da pupila que ocorreu quando falou sobre a namorada não pode ser controlado deliberadamente. Além disso, se nos basearmos no comportamento dele até agora, acho que não é alguém capaz de fazer planos com muito mais antecedência do que pensar no que vai comer ao jantar.

— Então não concordas com o Ruben. Não acreditas que o Daniel é o assassino?

— Já sabes que a minha especialidade não é traçar perfis criminais. E o grupo também sabe disso. Posso estar redondamente enganado, mas, na minha opinião, o Daniel é um assassino muito pouco provável. — Vincent colocou a mão na maçaneta da porta da loja e parou nas escadas. — Há qualquer coisa que pesa sobre ele. É extremamente controlado e não aprecia o contacto com a Polícia. E eu gostaria muito de saber porquê.

— Sabes uma coisa? Eu também. E obrigada pelo perfil, vou-me

certificar de que a Julia o recebe quanto antes.

Vincent olhou para os discos de vinil na montra da loja.

— Mina... de que tipo de música gostas? — perguntou.

— Ah... tipo de música? Porque é que perguntas?

— Por nada, estava só a pensar em voz alta. Depois falamos.

Vincent desligou e entrou na loja. Era uma sorte Rebecka não estar ali e ter ouvido a última parte. A filha teria rebolado a rir.

Estava a sonhar com um velho amigo. Acontecia-lhe, por vezes, sonhar com Lasse. Não sabia porquê, fora uma pessoa que entrara e saíra da sua vida há muito tempo. Outras também tinham entrado e saído da sua vida e ele não sonhava com elas. Nunca sonhara com a mãe, por exemplo. Mas isso talvez fosse porque ela ainda estava muito presente, os seus pertences continuavam espalhados pela casa. Os seus olhos observavam-no a partir das fotografias nas paredes. Não havia espaço para ela nos seus sonhos.

Lasse estava prestes a dizer-lhe algo no sonho quando outra voz o fez endireitar-se subitamente na cadeira e olhar em volta com os olhos arregalados.

— O quê?

Ruben estava de pé ao seu lado, de braços cruzados e um sorriso rasgado.

— Estavas a dormir uma sesta?

— Não, não, não... Estava só a... descansar um bocado os olhos. Começaram a arder-me de olhar horas a fio para as malditas imagens de videovigilância.

— Dorme à vontade, então. De qualquer maneira, o Peder também passa metade do tempo a dormir...

Ruben ergueu uma sobrancelha, mas depois ficou com um ar sério.

— Olha lá, informaste a Julia sobre quem é que visitou o café?

Ruben apontou para a imagem de videovigilância que estava a passar no computador e Christer olhou confuso do monitor para Ruben.

— O quê? Quem?

Ruben inclinou-se para a frente, pegou no rato e recuou o vídeo alguns segundos. Depois carregou novamente no *play* e apontou.

— Olha ali.

Ruben estava a indicar o homem que coxeava ligeiramente e Christer sentiu o coração apertar-se-lhe no peito. Sabia que havia algo com aquele homem que devia tê-lo feito reagir.

— Não precisas de te sentir mal — disse Ruben e colocou-lhe a mão sobre o ombro. — Eu é que nunca me esqueço de uma cara. Ele foi lá muitas vezes?

— Todos os dias. Algumas horas por dia.

Os pensamentos giravam-lhe no cérebro como um rato nervoso num labirinto; este corria de um lado para o outro, à procura das respostas que sabia estarem ali em qualquer lado. E, subitamente, o rato parou. O cérebro tinha finalmente encontrado o que procurava, sabia quem o homem era. Com o rosto pálido, virou-se para Ruben.

— Foda-se.

MAIO

Vedran esfrega as mãos uma na outra para combater o frio. As luvas ficaram no carro. *Que estúpido!* Já devia saber que as manhãs são sempre frias, mesmo em maio. Os primeiros raios de sol tinham acabado de encontrar o seu caminho sobre os telhados triangulares dos armazéns de flores em Årsta, nos arredores a sul de Estocolmo. O relógio digital no seu pulso mostra 04:45, a hora precisa a que o sol deveria nascer, de acordo com o Instituto de Meteorologia. Era um bom começo de dia.

O armazém de jardinagem só abre às cinco horas, mas a tia Jodranka ensinou-o desde criança sobre a importância de se chegar a horas. E, quando se trabalha com flores, como é o caso de Vedran, é absolutamente crucial. Vedran dá alguns saltos para manter o corpo quente, está uma manhã gelada, apesar de terem prometido o mesmo calor de verão dos últimos tempos para mais tarde. Ainda bem que vestiu meias grossas de lã. Na verdade, a sua loja de flores em Haninge não tem muita concorrência, mas ele faz de tudo para que os clientes fiquem satisfeitos. Mais do que satisfeitos, pois quer que regressem. E por isso está agora à porta do viveiro de plantas, que ainda nem abriu, para conseguir a melhor seleção.

Trabalha com flores há quase quarenta anos, antes de a maior parte dos funcionários do viveiro sequer ter nascido. Em Belgrado, até entregava flores ao Crvena Zvezda, a equipa de futebol, quando precisavam de arranjos para celebrar as vitórias. Antes dos tumultos no Estádio Maksimir,

claro. Uma história vergonhosa. No entanto, quando isso aconteceu, ele já não vivia lá, conhecera entretanto Monica e, como o amor não conhece fronteiras, era por demais evidente que iria viver com ela para a Suécia.

E ali está à porta do viveiro. Vedran abana a cabeça; ao longo dos seus quarenta anos de trabalho, nunca tirou uma única manhã para dormir. Os preguiçosos é que o fazem. Decide arriscar e andar um pouco ao longo dos armazéns, para manter o corpo em movimento. Quem como ele costuma chegar cedo já o conhece; todos sabem que é ele o primeiro da fila.

Ao abeirar-se do parque de estacionamento atrás do edifício, repara que não está completamente vazio, há um armário preto em pleno parque. Está ali há alguns dias, desde que o estacionamento foi fechado para realização de trabalhos, uma conduta que irá passar por ali. Vedran tem-se perguntado sobre aquele armário quando o vê todas as manhãs. Mas hoje o parque de estacionamento já não está bloqueado, os homens da construção já devem ter terminado.

Vedran atravessa o asfalto e dirige-se para o armário. Os raios de sol fazem a humidade cintilar nas laterais daquele objeto. Vedran franze a testa; como é possível que alguém tenha deixado aquilo ali. Provavelmente, um daqueles *millennials*, encarregado de o transportar, largou-o no primeiro sítio que lhe pareceu apropriado. Vedran nunca contrataria uma pessoa de menos de trinta anos para o ajudar, miúdos mimados e preguiçosos com os telemóveis constantemente colados à mão direita. Nunca conseguem flores boas.

Avança até ao armário, anda em volta; é quase tão alto quanto ele e mais ou menos da mesma largura. Como um pequeno roupeiro. A construção em contraplacado grosso e áspero é descuidada, assim como a pintura. As bordas estão fixadas por uma armação metálica. Vedran passa a mão pela madeira, com cuidado para não se picar nas farpas. É como se a pessoa que

construiu aquilo estivesse zangada, a madeira parece ter sido partida, em vez de serrada; há vários pregos à mostra, alguns deles tortos. Vergonhoso. Já não há quem se dê ao trabalho de fazer as coisas bem feitas. A Suécia é um bom país em muitos aspetos, mas é demasiado condescendente com o desleixo. Este armário nunca seria aprovado na Sérvia.

Quando chega à parte da frente, vê que a porta do armário está dividida em três partes. Em vez de um armário, como supusera, são, na realidade, três grandes caixas empilhadas umas sobre as outras numa estrutura metálica, cada uma com uma porta. A caixa do meio parece amovível e passível de ser projetada lateralmente através de calhas na moldura de metal. Vedran dá um empurrão na caixa, mas constata que está presa.

Talvez o armário não estivesse a caminho de lado nenhum, talvez estivesse ali abandonado. Algum idiota que simplesmente o descarregou ali, no parque de estacionamento. Provavelmente, alguém que se terá envergonhado de uma construção tão mal feita. Mas ali não pode ficar, vai estorvar a passagem. Vedran lança um olhar ao relógio de pulso, que marca 04:50, ainda tem tempo para arrastar o armário até à berma do parque de estacionamento. Um pouco de trabalho físico só lhe irá fazer bem.

No entanto, seria uma estupidez dar um jeito às costas. Se o armário estiver cheio de coisas, vai deixá-lo ali, há limites para a sua boa vontade. Vedran enfia as pontas dos dedos sob a borda da porta da caixa do meio e puxa. A porta faz um som pegajoso, mas não se move um milímetro, e Vedran sabe precisamente o que faz a madeira soar daquela forma, o cretino que pintou o armário deixou a tinta secar com as portas fechadas. *Millennials*, é o que é.

Junto à entrada do viveiro de plantas já começaram a aparecer pessoas, os armazéns estão prestes a abrir. Mas não vai deixar que uma porta o vença. Vedran puxa a madeira com mais força, até a tinta começar a ceder. Quando

a porta se abre de rompante, é atingido por um cheiro fedorento a ferro e putrefação. Vedran dá automaticamente um passo atrás, tapando o nariz com a mão.

O conteúdo da caixa não é imediatamente evidente. O animal foi cortado para caber na caixa, mas as partes estão atiradas ao calhas. O maior pedaço de carne parece ser talvez de um porco; de qualquer forma, é de um animal sem pelo. As duas partes mais pequenas podem ser partes das pernas do porco, mas é só um palpite, Vedran trabalha com flores, não faz a mínima ideia de como distinguir partes de animais. No entanto, uma coisa é clara. Não é tinta que estava a prender a porta, é sangue. Tanto os pedaços de carne como a parte interior da caixa estão cobertos de sangue. O líquido vermelho pegajoso está por todo o lado, quase como se alguém o tivesse pincelado. Quem é que faria uma coisa daquelas? Além de que nem sequer vendem carne naqueles armazéns, que ele saiba. Só peixe e legumes. E as suas flores.

Tem de voltar para a entrada, devem estar a abrir as portas a qualquer momento. Não sem antes dar um passo em direção ao armário, ainda com a mão a tapar o nariz. Ao lado do corpo do animal repousa um objeto coberto de sangue. Primeiro não o tinha visto, mas alguém, de forma totalmente incompreensível, deixou um relógio de pulso, partido, dentro da caixa. Vedran olha com mais atenção para o grande pedaço de carne, há algo que não está certo, os porcos não têm uma pele tão regular. Sente uma náusea subir-lhe pela garganta, mas precisa de ter a certeza. As luvas dariam muito jeito agora. Relutantemente, puxa a porta de cima até ela se abrir com o mesmo som pegajoso e tenebroso.

Precisa de saber.

A caixa de cima está igualmente cheia de sangue, talvez até mais, mas

Vedran mal repara, a única coisa que vê são os olhos virados fixamente para ele. Um par de olhos castanhos e bastante humanos.

— Jodranka, ajuda-me — sussurra e tropeça ao recuar.

As náuseas deixam-no incapaz de raciocinar. O cabelo do rapaz está emaranhado pelo sangue que também lhe cobre o rosto e a parte superior do corpo nu. O corpo foi trinchado à altura dos mamilos, de forma a caber à justa na caixa de cima. Vedran percebe que o que estava na caixa do meio era o resto do tronco e os braços. E ainda há outra caixa na parte de baixo.

O horror e o pânico dominam-no. Vedran recua cada vez mais depressa, incapaz de deixar de olhar para os olhos fixos e reprovadores. Os olhos que lhe perguntam porquê. Depois, o feitiço quebra-se e Vedran vira as costas e corre em direção aos armazéns e ao viveiro de plantas o mais depressa que alguma vez correu na vida. Pouco antes de lá chegar, começa a gritar.

A campainha da porta tocou com quatro sinais rápidos. Só uma pessoa tocava de forma tão agressiva. Vincent abriu e, efetivamente, era Ulrika do lado de fora. A sua ex-mulher, a irmã de Maria. Como se a vida não fosse já suficientemente complicada. Porém, precisavam de conversar.

— Entra — disse Vincent e fez um gesto com o braço.

— Querias falar sobre o quê, afinal? — perguntou Ulrika e retirou os óculos de sol.

Direta ao assunto, como de costume. Não havia tempo para formalidades. Com Ulrika, o resultado era o mais importante e, como se quisesse deixar esse ponto ainda mais claro, vinha vestida com a sua roupa de treino habitual. No escritório de advogados, usava sempre fatos caros de corte elegante. Mas agora trazia um *top* desportivo cor-de-rosa e calções, complementados por um cinto com pequenas garrafas de água. Vincent nem precisava de lhe olhar para os sapatos para saber que muito provavelmente seriam um par de *Philip Plein*. Tudo parecia novo e caro, Ulrika não mudara em nada.

— Queres café? — perguntou-lhe.

Ulrika soltou o elástico do cabelo descolorado e deixou-o cair sobre os ombros.

— Tu sabes que eu não bebo café.

— Era só para ver se alguma coisa tinha mudado — replicou Vincent.

Ulrika ignorou-o e foi para a cozinha. Vincent reparou que o cinto tinha

espaço para seis garrafas de água. Faltava uma e ficou convencido de que ela a tinha removido a pensar nele, um número ímpar, para o deixar agitado. Teria dificuldade em pensar noutra coisa para além do espaço onde a sexta garrafa deveria estar. Era um pensamento completamente paranoico, Vincent tinha consciência disso. Ao mesmo tempo, nunca conhecera ninguém que manipulasse as outras pessoas de forma tão descarada e que fosse tão boa a fazê-lo como Ulrika. Além de que ela conhecia todos os seus pontos sensíveis.

— Onde é que está a minha irmã? — perguntou Ulrika e encheu um copo com água da torneira.

Vincent seguiu-a e esperou até ela ter bebido a água.

— A Maria não está em casa. Achei que seria melhor falarmos os dois sozinhos — respondeu Vincent.

Ulrika colocou o copo no lava-louça e olhou para ele com ar dubitativo. Às vezes era fácil esquecer que, no passado, a sua relação se tornara tão tóxica. As coisas, com o tempo, perdiam importância, principalmente passada uma década daquilo que acontecera. Era fácil pensar que tinha sido culpa de Ulrika, com as suas exigências inalcançáveis, sobre tudo, desde o desempenho das crianças ao nível da economia familiar, o grau de limpeza impecável que tudo em casa tinha de ter para o caso de receberem visitas, a insistência em que nunca nada estava suficientemente bem feito. Porém, a verdade é que eles não tinham sido bons um para o outro. Vincent não era o homem de que ela precisava, e vice-versa.

Tudo chegara a um fim abrupto quando Vincent escolhera Maria. Com isso, tornara-se o vilão. Mas a verdade era que ele e Ulrika tinham vivido uma relação envenenada durante vários anos. E sabiam-no, ambos.

— É sobre a tua filha — respondeu Vincent. — A *nossa* filha. Acho que

ela pode estar a automutilar-se. Mas não quer falar comigo; por isso, gostaria de a levar a um psiquiatra juvenil.

Ulrika franziu a testa e olhou para ele com ar intrigado.

— Para ela poder falar com um profissional — clarificou Vincent.

— Completamente fora de questão — bufou Ulrika e cruzou os braços sobre o peito. — Queres marcar a nossa filha socialmente?

Vincent deveria ter adivinhado que Ulrika reagiria daquela forma. Tudo girava à volta do que os outros viam e pensavam, o que se passava no interior de uma pessoa nunca interessara à sua ex-mulher. A única coisa importante era o que se mostrava, e Ulrika era tão boa a mostrar-se. Há já muito tempo que Vincent se perguntava se ela não teria ligeiros traços psicopáticos, certamente algum tipo de distúrbio empático, pelo menos. Talvez até fosse uma boa característica a ter no seu trabalho no escritório de advocacia e certamente também a teria ajudado a progredir na carreira. Porém, era menos positivo no seu papel de mãe.

— Não se trata de marcar nada — respondeu Vincent. — Trata-se de a ajudar a sentir-se melhor. Eu e tu já não somos suficientes, há outras pessoas que são especializadas nestas coisas.

— Um psiquiatra — disse Ulrika, como se estivesse a apreciar a palavra. — Não percebes a imagem que isso ia dar? Para ela? Para *mim*? Toda a gente ia ficar a saber!

— Sim, era realmente horrível se se viesse a saber que a tua filha não era perfeita! — disse Vincent e encostou-se à mesa da cozinha. — Provavelmente até te iam pedir para deixar o país!

Algo na inquietação de Ulrika o impedia de relaxar e sentar-se. Ulrika fez um gesto depreciativo ao seu comentário com a mão. Unhas acabadas de arranjar, reparou Vincent. Manicure francesa. Nunca usava nada chocante, como vermelho. Ou preto, a cor do verniz preferido de Rebecka.

— Não quero falar mais sobre isso — disse Ulrika. — Não me digas que quiseste que eu viesse aqui só para falarmos sobre a Rebecka?

Ulrika esticou os braços e usou as duas mãos para voltar a prender o cabelo num rabo-de-cavalo.

— Vá lá — insistiu Ulrika, ao concluir que Vincent não percebera. — Eu podia ter vindo aqui em qualquer altura, mas tu quiseste que viesse precisamente agora, que os miúdos não estão em casa, que a Maria não está em casa. Já agora, ela ainda come *scones* com doce ao pequeno-almoço? Alternados com umas tostas com abacate para se poder convencer de que é muito saudável?

Ao levantar os braços, o *top* cor-de-rosa modelou-lhe claramente os seios. Vincent percebeu que fora um gesto propositado e irritou-se consigo próprio por ter olhado.

— A minha irmã — acrescentou quando se apercebeu da desorientação momentânea de Vincent. — A tua *mulher*.

O canto da boca de Ulrika levantou-se num sorriso microscópico, o que a fez parecer insuportavelmente satisfeita consigo própria.

— A Maria não é propriamente alguém que se preocupe com a aparência física — continuou Ulrika e deu um passo na direção de Vincent. — Nunca percebi onde é que tinhas a cabeça.

— Nós apaixonámo-nos — respondeu Vincent e tentou recuar. — E eu e tu já deixáramos de estar apaixonados há muito tempo.

— Talvez. Mas havia outras coisas bastante compensatórias, Vincent.

Ulrika estava demasiado próxima.

— Por amor de deus, Ulrika, já passaram dez anos. Temos de voltar sempre ao mesmo?

Ulrika ignorou a observação, que, de qualquer forma, era mais retórica do que outra coisa.

— Queres vir dar uma corrida? — perguntou ela. O seu hálito estava ligeiramente adocicado, como se tivesse tomado uma bebida energética. — Podemos terminar em minha casa. Se ainda tiveres forças, claro.

Vincent estava em pleno campo minado. Dissesse o que dissesse, seria a coisa errada. Então, ficou calado. Subitamente, Ulrika agarrou-lhe no sexo através das calças.

— Ou estás demasiado velho? — continuou. — Talvez seja mesmo melhor ficares aqui a comer pão com doce com a tua esposa.

Ulrika massajou-o e Vincent sentiu-se endurecer contra a mão dela sem ser capaz de o evitar. Deveria afastar-se. Agora. Mas os seus pés não se mexiam. Ulrika pegou na mão de Vincent e levou-a até ao interior da sua própria coxa, por baixo da bainha dos calções curtos. Quando os seus dedos tocaram na pele quente de Ulrika, foi como se Vincent tivesse subitamente sido atingido por um choque elétrico. Puxou a mão de volta e cambaleou um passo atrás, atingindo a mesa.

— Foi o que pensei — bufou Ulrika e apressou-se a sair da cozinha. — Velho.

Mina estava sentada na borda da cama. O lençol era novo, acabado de retirar da embalagem de plástico. Passara cinco minutos a esticá-lo adequadamente, para que não ficasse com rugas. Virou a pequena caixa que estava a segurar nas mãos, *Satisfyer Pro 2*, dizia na parte da frente. O texto era acompanhado pela imagem de uma mulher jovem e decidida, que agitava uma bandeira. *The Next Sexual Revolution*. Algo sobre «*air pulse technology*».

Uma vozinha dentro de si dizia-lhe que aquilo provava à saciedade o fracasso das suas habilidades sociais. Que não era saudável substituir um humano por um objeto alimentado a bateria. Outra voz dizia-lhe que esse tipo de pensamento era cheio de preconceitos, viviam-se tempos diferentes. A mulher tinha o poder sobre a sua sexualidade, Mina sabia disso e não havia que ter vergonha. Não precisava de homem nenhum. A jovem mulher na embalagem mostrava-o muito claramente. Revolucionário, de facto.

Mina rasgou o plástico da embalagem. O objeto dentro da caixa era dourado e parecia acima de tudo uma maçaneta ergonómica feita de borracha. Com carregamento USB. Não havia a mínima hipótese de deixar aquela borracha tocá-la sem a desinfetar primeiro. Esticou-se para o frasco de álcool-gel que tinha em cima da mesa de cabeceira, tentando ainda assim produzir o mínimo de rugas possível no lençol. Depois de esterilizar a parte macia do *Satisfyer Pro 2*, passou-lhe com o polegar por cima; talvez estivesse demasiado seca. Preparara-se previamente para isso e pegou no

óleo de massagem, que encomendara juntamente com o vibrador, lubrificando a borracha. Uma gota teria de ser suficiente; se ficasse peganhento, não seria capaz de continuar.

Não se tratava de não conseguir fazer com que um homem se interessasse por ela, tratava-se de não o querer em cima de si. Só de pensar em ter de lutar com um corpo masculino suado e malcheiroso, para não falar do órgão masculino propriamente... Mina estremeceu e expulsou a imagem da cabeça antes que se tornasse demasiado nítida.

Seria normal não o querer? Pelo menos não da forma como o fizera antes? Olhou novamente para a imagem da mulher na caixa e procurou algum tipo de resposta nos seus olhos. Porém, a jovem mulher estava plenamente ocupada a agitar a bandeira. E Mina percebeu que a mulher tinha razão. Uma maçaneta dourada estéril e bonita ganhava a competição sem sombra de dúvidas.

A única coisa de que sentia realmente falta era de olhar alguém nos olhos. As pessoas interpretavam-na mal, pensavam que ela não queria proximidade só porque não suportava que a tocassem com os seus viveiros de bactérias em forma de mãos. Mas o contacto visual era muito mais íntimo do que qualquer toque. A sua sorte era que conseguia ver os olhos de qualquer pessoa quando fechava os seus.

Tirou o som do telemóvel e pousou-o na mesa de cabeceira. Depois, despiu as calças e as cuecas, deitou-se na cama e procurou o botão para acionar a maçaneta dourada.

Air pulse technology, pois, pois. Dar-lhe-ia meia hora, não mais, para não sair atrasada para o trabalho. Afinal de contas, era o primeiro encontro.

— Não sabia se ainda estarias aqui.

— Posso continuar a trabalhar durante a investigação interna — respondeu Milda. — Felizmente. Já me sinto mal o suficiente por causa daquela falha, se ainda para mais fosse obrigada a ficar em casa a remoer...

Milda abanou a cabeça e Mina limitou-se a assentir. Não era responsabilidade sua nem julgar, nem libertar a médica-legista da culpa que ela sentia. Era para isso que a investigação interna servia. As pessoas cometiam erros, não eram perfeitas. Aliás, esse era um dos principais motivos pelos quais Mina preferia viver sozinha. Esse e o facto de a maior parte das pessoas parecer ter uma ideia totalmente inadequada do significado de higiene pessoal.

Mina reparara que Julia tentara contactá-la algumas vezes e ponderou se deveria ligar-lhe de imediato, mas decidiu falar com Milda primeiro. Guardou o telemóvel no bolso.

— Acompanhei as buscas com atenção — disse Milda e fechou os olhos abertos de Robert, antes de retirar as luvas cirúrgicas. Afastou-se da mesa de metal brilhante, onde as partes do corpo da vítima estavam dispostas.

— Tu e a Suécia em peso — disse Mina e aproximou-se. Era estranho ver o rosto do rapaz agora, ali, depois de o encontrar em capas de jornais durante mais de um mês. — Desaparecem milhares de pessoas todos os anos, na Suécia. O Robert foi um nessa estatística. Mas tinha qualquer coisa

que captou a atenção de toda a gente de uma forma especial. Para não falar da comunicação social.

— A desproteção — disse Mina e inclinou-se sobre o rosto de Robert.

Quando os olhos estavam fechados, parecia que o rapaz dormia pacificamente. Nada no seu rosto mostrava fosse o que fosse sobre a brutalidade a que o resto do corpo fora sujeito.

— Sensibiliza-nos sempre mais quando se trata de alguém indefeso — continuou Mina. — O Robert tinha vinte e dois anos, apesar de ter a mentalidade de uma criança.

— O desespero dos pais foi mesmo uma facada no coração — comentou Milda e arrumou os instrumentos que tinha utilizado.

A médica-legista calçara outro par de luvas descartáveis. Mina fez um gesto com a cabeça para a caixa, e Milda estendeu-lha. A sensação do plástico fino contra a pele provocou-lhe um arrepio de prazer. Se pudesse, usaria luvas constantemente, mas algo tão idiota como convenções sociais impedia-a de adquirir esse hábito. Se tivesse nascido no Japão, poderia andar despreocupadamente quer com máscaras, quer com luvas cirúrgicas, mas na Suécia isso era considerado estranho. Já ela própria considerava que era a única coisa que fazia sentido; porém, nunca seria aceite no seu local de trabalho. Até já conseguia ouvir os comentários de Ruben e Christer.

— Os pais já foram notificados? — perguntou Milda ao receber de volta a caixa das luvas, colocando-a no devido lugar, em cima da bancada.

Ali tudo estava ordenado e em linhas retas. Milda mantinha uma disciplina militar no seu reino de esterilidade.

— Sim.

A médica-legista não elaborou; aquela era a parte da sua profissão com que tinha mais dificuldades em lidar, o facto de cada vítima implicar pessoas enlutadas. E era responsabilidade deles entregar essas mensagens.

— Aquilo é...? — Mina apontou para um de dois objetos ao lado do corpo, em cima da marquesa.

— Sim. Estava no bolso de trás. A roupa foi encontrada na caixa de baixo.

O objeto para que Mina apontara era uma fisga. Era sólida, feita de madeira e com uma tira de borracha. O objeto fizera parte da descrição de Robert nos jornais, o facto de ele geralmente ser visto com uma fisga, que gostava muito de exhibir a estranhos, demonstrando como era bom a atirar com ela. Aparentemente, era capaz de acertar num postal a dez metros de distância.

Mina desviou os olhos do objeto; o aspeto pessoal entranhava-se sob a pele, e Mina não queria levar dali nada nem ninguém. Costumava ser eficiente a manter essa dimensão longe, as pessoas, os destinos, o aspeto pessoal. Porém, algo em relação a Robert Berger infiltrara-se-lhe na carapaça. Mesmo agora, com o corpo esquartejado, o seu rosto parecia pacífico, amigável. Até dava a sensação de estar a esboçar um sorriso. Não fossem os olhos arregalados e questionadores.

Em todas as fotografias nos jornais, Robert aparecera a rir abertamente; os seus olhos brilhavam de alegria e entusiasmo. De acordo com um artigo no *Aftonbladet*, os pais tratavam-no por Bobban; Mina odiava saber a alcunha do cadáver à sua frente. Era demasiado próximo. Forçou-se a concentrar-se no que Milda estava a dizer, no trabalho policial. Concentração constante no trabalho policial, nas rotinas, nas regras, nos processos, nos procedimentos. Limpo. Clínico.

— Como podes ver, foi cortado em três partes — explicou Milda. — Se excetuarmos os braços e as mãos, claro. As superfícies de corte estão limpas e direitas, a lâmina utilizada deveria estar extremamente afiada.

— Estava vivo quando o cortaram?

— Sim — respondeu Milda e apontou para as zonas onde o corpo fora dividido. — Sangrou bastante, o coração ainda estava a bater quando o cortaram. E depois temos isto aqui, claro. A razão pela qual te liguei.

Milda levantou o cabelo da testa de Robert, onde se podia ver claramente o número dois romano, gravado na pele lisa, que se empolara com as incisões profundas.

— O relógio numa das caixas, à parte — precisou Milda e apontou para o segundo objeto ao lado do corpo. — Como podes ver, está parado nas catorze horas. Apesar de a pilha ter sido removida, o visor foi partido.

Mina susteve a respiração. O relógio. O número dois na testa. Vincent estivera certo o tempo todo, era uma contagem decrescente. Ruben iria ter uma apoplexia.

— O que te parece, local de crime primário ou secundário? — perguntou.

— Isso os técnicos que examinaram o local é que poderão dizer melhor. Mas, se te contentares com um palpite, eu diria tratar-se de um local secundário, com base no que vi.

— Porquê? — quis Mina saber.

— Não me parece que a caixa tenha estado muito tempo pousada na quantidade de sangue que o Robert deve ter perdido. Está demasiado limpa na base. Por isso, deve ter sido transportado para o sítio onde foi encontrado.

Mina arriscou.

— Toxicologia? — perguntou, na esperança de que Milda não a odiasse por estar a confirmar.

— Vou pedir quando fizer a autópsia. Provavelmente, vou ter de usar bñlis, tendo em conta quão pouco sangue ainda resta no corpo. Mas acredita, esse erro não vai voltar a acontecer. E pedi ao laboratório para dar prioridade máxima às análises. Tanto às do Robert como às da Agnes.

— Pode-se fazer isso? — perguntou Mina, sem qualquer julgamento de valor no tom de voz.

— Não, mas tinha alguns favores por cobrar. E era o mínimo que podia fazer para compensar.

— Então de quanto tempo é que estamos a falar?

Mina não conseguia tirar os olhos do rosto pacífico de Robert.

— Uns dois dias, com alguma sorte. Mas não posso prometer nada. Também me falta fazer a autópsia do Robert, ele acabou de chegar. Queres ficar? Podes observar, se quiseres.

Milda calçou um novo par de luvas e começou a preparar os instrumentos que estavam arrumados em cima da mesa, ao lado do corpo. Havia também uma balança, e Mina sabia que seria utilizada para pesar os órgãos. Tudo, desde o coração ao cérebro e até o conteúdo do estômago, seria colocado na balança. Já tinha assistido a outras autópsias.

— Não, obrigada — respondeu. — Dispensarei esse prazer, por hoje. Por outro lado, gostava de poder dar uma vista de olhos à caixa.

— Claro que sim, está ali fora à espera de ser enviada para o laboratório forense.

Precisava de falar com Julia imediatamente. E com Vincent.

Milda assentiu com a cabeça sem olhar para ela e começou a escolher entre os instrumentos. Mina deixou-a entregue aos seus afazeres e dirigiu-se para a porta. Quando lá chegou e se virou para trás, viu Milda acariciar ao de leve o rosto de Robert. Foi um gesto de ternura, mas também cheio de tristeza.

Preferia trabalhar sozinha e sentiu-se aliviada quando Mina saiu. Como música de fundo, pôs uma banda alegre, a um volume razoável para não se sobrepor às suas anotações orais. Milda sabia que era um cliché da cultura popular, o médico-legista que ouvia um certo tipo de música durante as autópsias. Na maior parte das vezes, ópera. Mas todos os clichés surgiam de uma certa base real e ter música em pano de fundo transmitia-lhe paz e ajudava à concentração. Também lhe parecia, de alguma forma, mais digno para com as pessoas que tinha à sua frente, na mesa metálica, e preferia ouvir músicas alegres, êxitos do momento ou bandas de dança, para contrabalançar a presença pesada da morte. E aqueles que a seguir iam ouvir e documentar as suas notas de voz há muito que se tinham habituado às suas bandas sonoras.

Milda acompanhou em voz alta a canção «Eloise», do grupo Arvingarna. As músicas do festival da canção tinham um lugar especial no seu coração; não perdera um único festival desde que tinha idade suficiente para os ver na televisão.

«Organizo os meus pensamentos em solidão, antes de sair», cantou com sentimento e pressionou suavemente as bordas dos cortes na pele.

Limpos, direitos. Fora preciso uma ferramenta verdadeiramente afiada para alcançar aquilo, não se tratava de uma vulgar faca de cozinha. Ainda assim, poderiam revelar-lhe algo interessante. Retirou os pedaços de osso da incisão e levou-os para a bancada de aço inoxidável, onde os mergulhou

numa solução preparada de água, detergente da louça e *Alconox*. Se houvesse ADN para detetar, aquela solução era a melhor para não o danificar. O termómetro indicava que a água estava a uns perfeitos cinquenta e cinco graus. Precisava de remover os tecidos moles antes de avançar.

«Pensei que estava a ser esperto quando acabei contigo.»

Milda acercou-se novamente de Robert. Afastou os pensamentos ultimamente tão presentes na sua mente, virando toda a sua atenção para aquele jovem na mesa; poderia ser Conrad dali a alguns anos. Se nada mudasse. Se ela não conseguisse mudá-lo. Acariciou gentilmente o rosto de Robert. Tinha de se concentrar nele, era o seu dever, a sua obrigação.

«Sinto a tua falta e agora estou aqui à tua porta.»

Milda ainda se sentia envergonhada em relação ao seu erro com o exame toxicológico de Agnes. Não podia cometer erros, isso era uma traição não só aos familiares, mas sobretudo à vítima. Tinha uma obrigação, a obrigação de agir de forma perfeita, de não deixar escapar nada, de fazer todas as avaliações certas, executar todas as etapas corretas. Talvez não o pudesse fazer enquanto mãe, mas, no trabalho, não havia motivos para deixar escapar nada. Afastou a imagem insistente de Conrad deitado na marquesa e continuou.

«Quando tocar à campainha, será que vais abrir?»

A letra alegre da canção ecoava nas superfícies vazias. Milda não tinha grande voz, mas o seu público não se importava. A acústica também não era a pior e deu-lhe uma pequena ajuda.

«Então, vem ter comigo.»

Milda permitiu-se fazer uma pequena pausa. Havia rotinas a seguir, mas tornavam-se um pouco complicadas pelo facto de o corpo estar esquartejado. Na sua maioria, os cadáveres que recebia estavam em

condições relativamente decentes, os desmembramentos não eram muito comuns.

«Eloise! Somos mais do que simples amigos?»

Quando chegou ao refrão, cantou mais alto e foi buscar a tesoura de podar. Normalmente, havia um assistente com ela para a ajudar, mas preferira fazer esta sozinha. De qualquer forma, tudo estava a ser minuciosamente documentado por uma câmara de filmar, para além das suas gravações de voz, enquanto trabalhava no corpo.

«Então mostra-me o que sentes e depois deixamos as emoções decidirem.»

A sua voz desafinada misturou-se com a de Casper Janebrink e com os estalidos da tesoura de podar ao cortar a cartilagem macia à volta da caixa torácica de Robert. Levantou cuidadosamente os ossos do peito e expôs o interior do corpo. Tinha colegas que preferiam cortar uma parte das costelas, mas Milda não queria correr o risco de se cortar em pontas de ossos afiados, já havia pedaços suficientes de ossos cortados no corpo de Robert.

«Eloise!»

Não restava sangue quase nenhum no corpo, e o que restava tinha coagulado. A quantidade mínima de sangue indicava que a sua primeira impressão estava correta, Robert fora cortado em pedaços enquanto ainda vivia. O mundo estava obviamente cheio de monstros.

A falta de sangue conferira uma cor acinzentada ao corpo e fizera com que não houvesse manchas de hipóstase, o que dificultava a tarefa de determinar a hora da morte. Também não valia a pena colher uma amostra de fluido ocular, apesar de o teor de potássio aumentar durante algumas horas após a morte e isso poder ser um bom indicador; no caso de Robert, ele já estava morto há vários dias.

«Até os ventos podem mudar. Para mim, és a única.»

Inseriu as mãos no peito aberto de Robert. Fez uma observação sobre o estado geral dos seus intestinos e tirou algumas fotografias. Antes documentar a mais do que a menos. Tudo parecia normal, exceto o coração ligeiramente aumentado, que, infelizmente, era tão comum em pessoas com síndrome de Down.

«E o amor merece um preço mais alto, Eloise.»

Milda bateu ao de leve com o pé ao ritmo da canção. Curiosamente, o gesto ajudava-a a estabilizar os movimentos das mãos, agora que iria cautelosamente libertar todos os órgãos. Cada um deles seria removido, medido e pesado. Só quando a autópsia estivesse terminada é que os colocaria de volta, para depois o poder coser o melhor que conseguisse e deixá-lo pronto para ser entregue a uma agência funerária.

«Não é fácil quando não conseguimos perceber os nossos erros.»

Coração, rins, fígado, pulmões, tudo foi pesado. Tudo normal. Exceto o coração.

«Sou como uma bola num jogo de *pinball*.»

O estômago exigia um pouco mais de trabalho, mas, com um pouco de sorte, a última refeição de Robert poderia fornecer uma pista sobre o sítio onde passara as últimas horas de vida.

«Sinto a tua falta e agora estou aqui à tua porta.»

Por algum motivo, a canção estava a passar repetidamente, em vez de dar lugar à faixa seguinte, mas Milda nada fez, adorava a «Eloise». E estivera tão apaixonada por Casper Janebrink quando a música fora lançada, que ainda era capaz de sentir um certo calor na barriga sempre que via o cantor na televisão. Além de que o homem parecia não envelhecer; talvez tivesse um retrato de Dorian Gray na cave. Se ela soubesse onde arranjá-los, daria tudo para adquirir um. Talvez no Wish ou no eBay?

Despejou cuidadosamente o conteúdo do estômago para uma tigela metálica. O cheiro era forte, desagradável, mas há muito tempo que deixara de a incomodar. Milda também não pertencia ao grupo de médicos-legistas que utilizavam creme de mentol sob o nariz para lidar com os odores associados a um cadáver. O risco de deixar escapar alguma coisa era demasiado alto, o envenenamento por arsénico, por exemplo, podia ser detetado por um ligeiro odor a amêndoas quando se abria o estômago.

«Quando tocar à tua porta, vais abrir? Ou queres que me vá embora?»

Com cuidado, remexeu no conteúdo do estômago. Tudo seria enviado para análise para o laboratório de química forense, em Linköping. Sabia que os colegas não apreciavam muito receber conteúdo estomacal, mas não havia nada a fazer. No entanto, fazia sempre o seu próprio inventário primeiro, antes de o enviar aos técnicos forenses. Milda franziu a testa.

«Então peço-te, volta para mim.»

Sussurrou o verso enquanto retirava um pedaço de algo escuro do conteúdo do estômago de Robert.

«Somos mais do que simples amigos? Então mostra-me o que sentes...»

Depois calou-se. O estômago de Robert estava cheio de cabelos.

Detestava ter razão. Não queria ter razão. Se não tivesse tido razão, Robert ainda estaria vivo. Era quase como se, insistindo na contagem decrescente, ele tivesse incitado ao assassinato de Robert. O raciocínio estava errado, sabia disso perfeitamente, era apenas a face horrível do chamado efeito holofote. Vincent não era a causa das ações de pessoas desconhecidas, mas não conseguia evitar; se o cérebro queria pensar assim, então, nada a fazer. Tratava-se de uma programação milenar a que não podia resistir. Existia porque, às vezes, ajudava a pessoa a sobreviver. Mas hoje, Vincent sentia-se apenas envergonhado.

Subiu as escadas com Mina.

— Que caixa era desta vez? — perguntou quando ela parou no andar correto e abriu a porta.

— É melhor veres por ti próprio.

A notícia de que tinham encontrado o corpo de Robert Berger deixara-o extremamente abatido. Do ponto de vista profissional, sempre se sentira fascinado pela alteração cromossômica chamada Trissomia 21; bastava um cromossoma a mais para criar um tipo completamente diferente de personalidade. Não tinha uma experiência por aí além com pessoas com síndrome de Down, mas as que conhecera partilhavam alguns traços. Como a sua capacidade cognitiva era reduzida, a amígdala cerebelosa assumia o controlo do cérebro e tornava-as extremamente guiadas pelas emoções. Mas, com isso, também mais honestas do que muitas outras. Todas as

emoções eram empoladas, todas eram importantes. Havia algo de belo, algo de franco e sincero nisso. Sabia que estava a romantizar demasiado, mas, ainda assim.

Já a incapacidade de Vincent ia na direção oposta. Tinha dificuldade em expressar emoções no geral. No entanto, havia uma coisa de que não tinha dúvidas: alguém tão aberto e acolhedor como Robert era para ser cuidado, servir de inspiração. Não para ser destruído. Alguém capaz de fazer tal coisa estava perdido.

— Aqui — disse Mina e parou à frente de um armário tão alto como ela própria.

Vincent viu de imediato o que era.

— Oh, meu deus! — exclamou e virou a cara.

Felizmente, as portas das três caixas estavam fechadas, mas Vincent não teve qualquer dificuldade em visualizar o que estivera ali dentro. Três caixas, duas lâminas, um armário. Três, dois, um. O assassinato de Robert fora uma contagem decrescente por si só.

— As lâminas que encontrámos na caixa estão ali ao fundo — disse Mina.

— Dá-me uns segundos para me recompor — pediu Vincent. — De qualquer forma, trata-se de um *Zigzag Lady*, disso não há dúvidas. O truque de ilusionismo que pretende representar, quero dizer.

Vincent respirou profundamente e pegou no telemóvel.

— Tenho de mostrar isto ao Sains Bergander. Parto do princípio de que não posso tirar fotografias... Ou posso?

Mina encolheu os ombros.

— Tira as fotografias que quiseses. Fazes oficialmente parte da investigação. A Julia manda cumprimentos.

— Ah, sim? E o que disse o Ruben?

— Acho que nunca o vi tão contrariado na vida.

Vincent abriu a aplicação da câmara e começou a tirar fotografias. Era mais fácil olhar para aquela cena terrível através de um ecrã; assim, conseguia concentrar-se nos detalhes em vez de na totalidade, certificar-se de que incluía aquilo que pensava que Sains precisaria de ver. Só havia um problema. Também teria de tirar fotografias ao interior.

Apertou contra si a pasta de plástico cor-de-rosa e sentiu-se subitamente nervoso. Arrependeu-se de ter pegado numa das pastas cor-de-rosa de Benjamin, mas não tinha encontrado outra. Apesar de tudo, o conteúdo é que era importante.

Vincent abriu a pasta e espalhou o conteúdo em cima da secretária provavelmente pela décima vez. Passara a noite a pensar na melhor forma de convencer o grupo de polícias, e o que estava agora à sua frente representava a conclusão a que chegara.

Não tinha corrido muito bem da última vez. Embora nessa altura não tivesse percebido que precisava realmente de os convencer. Agora sabia que a capacidade de concentração nem sempre era a melhor no grupo; então, focara-se em imagens coloridas e claras, que também despertavam a curiosidade. Retoricamente, planeava usar o velho estratagema de Marco António e começar por concordar com a atitude deles em relação a si próprio, para depois a utilizar como alavanca para reverter essa opinião. Também precisava de se lembrar de que o ponto de partida era diferente, desta vez. Ele tivera de facto razão. E eles sabiam disso.

Voltou a guardar as imagens na pasta. Tivera de as complementar com algumas fotografias de família para obter um número par de imagens; teria de ter atenção para não agarrar nas imagens erradas. Poderia criar mau ambiente se mostrasse a fotografia das férias em Las Vegas, quando passara o tempo todo com problemas de estômago e Aston insistira em fotografá-lo.

Las Vegas, «L» era a décima segunda letra do alfabeto, «V» a vigésima segunda. 1222. A combinação 12:22 era chamada hora de espelho triplicada nas formas mais avançadas da numerologia cristã. O que lhe evocou foi que se esquecera de almoçar, uma hora antes. Olhou para o relógio, já não havia tempo para comer. Tinha de sair agora, se queria chegar a horas.

Dez imagens na pasta levava a 1+0, o que dava 1. Uma imagem. Uma imagem; a mais importante. Mas teria de a criar para eles nas suas mentes.

Julia estava à sua espera na receção da esquadra.

— Olá, Vincent — cumprimentou-o com um sorriso e abriu-lhe a cancela.

Vincent acompanhou-a até ao terceiro andar, até uma sala de reuniões idêntica àquela onde tinham estado da última vez. Se é que não era a mesma. Os outros já lá estavam, Peder, Christer, Ruben e Mina. Apercebeu-se de que todos o esperavam. Ruben não o olhou nos olhos.

— Desculpem o ligeiro atraso — disse Vincent. — Fiquei a preparar a minha apresentação até ao último minuto.

Julia sentou-se ao lado de um homem que Vincent nunca tinha visto antes. Óculos de aros de aço, cabelo ralo nas têmporas, colete de malha verde-musgo abotoado até ao último botão e um olhar sério. Se houvesse um protótipo para a aparência dos psicólogos, este homem preenchia todos os requisitos. Só podia ser o *profiler* que Mina mencionara, Jan.

— Vamos dividir isto em duas partes — disse Julia com uma expressão séria. — Terminamos com a apresentação do Vincent. Mas primeiro o Christer e o Jan. Acontece que temos um desenvolvimento no caso, não é assim, Christer?

Julia fez um gesto encorajador com a cabeça e Vincent viu que Christer engoliu em seco antes de responder.

— Pois, sim, já sabem que estive a rever as imagens de videovigilância. As do banco em frente ao café.

Christer hesitou e Julia voltou a assentir encorajadoramente com a cabeça. Christer soltou um dos seus característicos suspiros antes de continuar.

— Pronto, como estava a dizer, estive a ver as imagens de videovigilância. E aparecia lá um monte de gente. Homens, mulheres, rapazes, raparigas, velhos, jovens, cães, bebés, e até um tipo com um furão de estimação. Primeiro, não encontrei nada que saltasse à vista, e estive sempre a observar com cuidado e atenção, acordado e atento e...

— Vai direto ao assunto, Christer — pediu Julia, impaciente.

Christer suspirou profundamente outra vez e ficou com um ar atormentado.

— Pois, havia alguém que me pareceu familiar. Não dava bem para ver as caras das pessoas, mas esta coxeava e havia alguma coisa que... houve alguma coisa que reconheci.

— E depois apareci eu e descobri — disse Ruben, satisfeito, cruzando as mãos na nuca.

— Pronto, pronto, Ruben, eu sei, mas continua lá, Christer — disse Julia com um olhar irritado para Ruben.

— Então, eu não estava a conseguir identificar a pessoa em questão, mas, como o Ruben referiu corretamente, ele reconheceu-o.

Ruben inclinou-se para a frente na cadeira, ansioso. A sua paciência para Christer chegara aparentemente ao fim.

— Era o Jonas Rask.

— Que raios estás a dizer? O Jonas Rask? Mas ele já saiu?

Peder endireitou-se bruscamente na cadeira.

— Quem é o Jonas Rask? — perguntou Vincent e virou-se para Mina.

Foi Ruben quem respondeu.

— Um violador e assassino. Esteve na prisão de Skogome durante... bem, vinte anos, menos um mês. Foi libertado em setembro, no outono passado. Nessa altura, consideraram-no reabilitado.

Ruben fez com os dedos o gesto de aspas quando disse a última palavra. Vincent assentiu com a cabeça.

— Pois é, eles trabalham segundo o método REC em Skogome — disse, e Peder olhou para Vincent como se este estivesse a falar grego.

— O método REC? — insistiu Vincent e olhou para os outros à procura de apoio. — Alguém? Não? Quer dizer Relações e Coexistência, é um programa voluntário para homens condenados por crimes sexuais. O método envolve a participação quer em trabalhos de grupo quer em conversas individuais com um psicólogo. É aplicado em cinco prisões, uma delas é Skogome, e até já foi demonstrado que os que participaram no REC realmente têm um risco menor de reincidência. É verdade que a diferença até agora foi bastante pequena, oito por cento contra dez. Por outro lado, os dados também não são suficientemente abrangentes para considerá-los estatisticamente confiáveis...

O homem do colete de malha interrompeu-o:

— Olá. Desculpe... O meu nome é Jan Bergsvik — disse o homem e estendeu-lhe a mão. — Mas agora entrámos na minha área. Eu sou psicólogo e tenho uma vasta experiência em ajudar a Polícia nas investigações, normalmente com as descrições dos perpetradores. A direção pediu-me para vir aqui ajudar, aparentemente precisavam de um perfil. Ao que sei, a investigação esteve parada nessa área.

Vincent lançou um olhar a Mina e depois apertou a mão de Jan Bergsvik, que parecia um peixe morto. O aperto de mão clássico de quem se

considera superior, de quem nem se dá ao trabalho de cumprimentar adequadamente.

— Na verdade, trabalhei no caso Jonas Rask — continuou Jan. — Espanta-me que não tenha ouvido falar sobre ele, recebeu imensa atenção mediática nos anos noventa. O Jonas era motorista de pesados numa das maiores empresas de transporte. Conduzia por toda a Suécia e também pela Noruega.

Uma memória veio à tona da consciência de Vincent.

— Era aquele que raptava e violava raparigas novas que apanhava a pedir boleia? E até matou duas delas, não foi?

— A Tess Bergström e a Nina Richter — murmurou Christer.

— Violou-as, estrangulou-as e violou-as outra vez — disse Jan. — Todos os corpos foram atirados para a berma da estrada em sacos do lixo. Aos pedaços. Esquartejou-as dentro do camião, ninguém reparou no sangue. Convenientemente, conduzia camiões de matadouros.

— Isto é um *no brainer* — disse Ruben, entusiasmado. — O Jonas *fucking* Rask andou a frequentar o mesmo café em que a Tuva trabalhava. Então também pode ter encontrado lá a Agnes! É evidente que é ele!

— Vamos tentar não nos precipitar a tirar conclusões, por enquanto — pediu Julia em tom de aviso.

Vincent levantou cautelosamente um dedo.

— O *modus operandi* do Jonas Rask não me parece corresponder a... quero dizer, não corresponde *de todo* ao do nosso perpetrador.

Jan, aperaltado no seu colete de malha, soltou uma pequena gargalhada e abanou a cabeça, como se Vincent fosse uma criança que acabara de dizer uma gracinha.

— Desculpe, mas quem é você?

— O Vincent acabou de ser contratado como consultor — interveio Julia.

— À experiência.

Aparentemente, não queria entrar em conflito com Jan ao revelar mais detalhes sobre o que Vincent estava ali a fazer.

— Então, é melhor eu explicar desde o início como é que as pessoas funcionam, mais especificamente os criminosos — disse Jan e olhou para Vincent por cima dos óculos. — Todos os perpetradores têm abordagens que vão evoluindo ao longo do tempo, mas os seus impulsos básicos são sempre os mesmos. O Jonas Rask é um criminoso violento de primeira classe. Vocês têm três homicídios brutalmente atrozés em cima da mesa, de mulheres da mesma idade que o Rask atacou anteriormente, corpos severamente mutilados, tal como o Rask fez. Além disso, têm a presença física do próprio Jonas Rask. A probabilidade de ele não estar envolvido parece-me ínfima.

— Claro que você é que é o especialista — disse Vincent. — Eu só estou a pensar no facto de o Robert não ser mulher e de nenhuma das vítimas ter sido agredida sexualmente, o que me pareceu ser a assinatura do Rask. Além de que só o Robert foi desmembrado. Qual é a sua opinião sobre isso?

Jan ficou em silêncio durante alguns segundos. Passou inconscientemente a mão sobre os botões do colete, de baixo para cima, um gesto claro de procura de conforto. A pergunta de Vincent parecia ter libertado uma dose de cortisol, a hormona do *stress*, em Jan.

— É evidente que o Rask já não é guiado por um impulso sexual — disse, finalmente. — Sabe-se lá o que é que aqueles anos de prisão fizeram com ele. Mas a ausência da componente sexual também explica o motivo pelo qual agora mata jovens rapazes.

— Então diria que a anterior força motriz primária do Rask era sexual? — perguntou Vincent.

— Absolutamente — respondeu Jan, satisfeito. — Até a violência tinha

uma função sexualizada. Já o assassinato em si era secundário, mais como uma necessidade para não poderem acusá-lo, embora provavelmente também tenha retirado prazer dessa parte.

— E agora que o impulso sexual dele desapareceu, de acordo consigo, encontrou de repente um novo ímpeto de cometer apenas atos de violência altamente complicados? Estou muito curioso para ouvir a sua descrição do perfil psicológico de tal pessoa. Principalmente, quando disse de início que ele ainda é movido pelos mesmos impulsos do passado. Claro que esta não é a minha área, mas não estou mesmo a conseguir juntar as duas coisas.

Vincent cravou em Jan o olhar mais inocente que conseguiu. O psicólogo encarou os outros policiais. Mina escondeu-se atrás do caderno de notas.

— Estou a ver que as minhas competências especializadas não são valorizadas aqui — acabou Jan por dizer, cerrando os lábios. — Desejo-vos boa sorte com a investigação por conta própria. A direção vai ter de ouvir sobre isto.

Jan passou novamente a mão pelos botões do colete e levantou-se.

— E para a próxima vez deviam pensar em ensinar um pouco de boas maneiras aos vossos consultores — acrescentou, antes de desaparecer da sala.

Fez-se um silêncio total. Pelo canto do olho, Vincent viu que Mina se esforçava para não se rir.

— Então, Vincent?! — disse Mina quando o psicólogo já não podia ouvi-los. — Lembra-te de que ainda estás aqui por especial favor!

— Oh, eu concordo com o Vincent — disse Ruben e cruzou os braços.

Vincent olhou fixamente para ele. Desde quando é que Ruben estava do seu lado? Aquilo era uma novidade.

— O Vincent nunca disse que não foi o Rask — continuou Ruben. — Só

perguntou sobre como pensaria ele agora. E eu também gostava de saber. Será mais fácil apanhá-lo assim.

— Vocês têm razão numa coisa — disse Vincent. — Um simples cálculo de probabilidade diz-nos que o Rask pode perfeitamente estar envolvido. Pelo menos mais do que qualquer outra pessoa neste momento. Só não percebo porquê.

— Temos de localizar o Jonas Rask e interrogá-lo — disse Julia e assentiu com a cabeça. — As buscas já estão, de facto, em andamento. Portanto, vamos deixar o Jonas Rask de lado durante algum tempo e ouvir o que o Vincent tem para dizer.

Julia olhou com curiosidade para a pasta cor-de-rosa na mão dele. Vincent virou-se para Julia; o melhor era dirigir-se à pessoa cuja atitude sinalizava ao resto do grupo o que deviam pensar. Reparou que o olhar de Ruben seguiu o dele, mas depois, como num ato reflexo, continuou a descer até pousar no rabo de Julia. Já não seria de estranhar; Mina dissera-lhe há muito tempo que Ruben queria ir para a cama com toda a gente. Mesmo assim, havia um tempo e um lugar... pronto, o melhor era concentrar-se.

— Posso...? — perguntou, apontando para o quadro branco na parede.

— *It's all yours* — respondeu Julia e fez um gesto com o braço.

Vincent abriu a pasta de plástico, retirou algumas fotografias e afixou-as no quadro branco com ímanes. Não era por acaso que estava a fazer exatamente como vira Mina fazer: ao começar por afixar as fotografias, Mina criara na cabeça dos seus colegas uma associação entre aquela ação e o trabalho policial sério. Agindo Vincent da mesma forma, tinha a esperança de despertar uma associação inconsciente junto dos polícias e levá-los a sentir que aquilo era igualmente sério. Precisava de toda a credibilidade que conseguisse obter para os convencer daquilo que queria sugerir, para os levar a ver o quadro que iria pintar. Esta era a sua última

oportunidade. No entanto, o olhar sonolento de Peder continuava fixo na pasta cor-de-rosa.

— Parece algodão-doce — murmurou.

Peder lambeu o açúcar que tinha nos dedos de uma fatia de bolo e tentou alcançar uma segunda. Christer passou-lhe o prato.

— Acho que o teu cérebro entrou em colapso — disse Christer em voz baixa. — Deixa uma fatia para mim.

— É do meu filho — disse Vincent ao colocar os dedos sobre a pasta. — Não encontrei... Bem, adiante. — Aclarou a garganta e começou. — Tenho duas coisas para vos mostrar. Primeiro, estas fotografias. Conseguem ver o que representam?

Nas imagens viam-se homens sorridentes vestidos com fatos de lantejoulas brilhantes. Alguns estavam à frente de uma decoração luxuosa que representava um templo egípcio, ou outro lugar «exótico», enquanto outros se encontravam no meio de um espetáculo fumarento de luzes *laser*. Todos posavam ao lado de diferentes tipos de caixas de grandes dimensões e tinham pelo menos uma mulher em trajes menores ao seu lado.

— Os teus colegas feiticeiros — disse Ruben. — E então?

Ruben desviara finalmente os olhos do rabo de Julia.

— Correto. Mas observem melhor — pediu Vincent.

Ruben semicerrou os olhos quando fixou novamente as fotografias e Peder inclinou-se sobre a mesa.

— Mas que raio? — irrompeu Ruben ao fim de alguns segundos.

— Isso são... — comentou Peder.

— Exatamente — disse Vincent. — O que estão a ver aqui são diferentes representações do *Bullet Catch*, do *Sword Casket* e do *Zigzag Lady*. Três das ilusões de palco mais famosas da história. Mas também são...

— ... a forma como a Agnes, a Tuva e o Robert morreram — completou

Julia.

Julia aproximou-se das imagens e observou-as com curiosidade.

— A caixa de espadas da Tuva foi definitivamente uma imitação grotesca de um truque de magia — disse Vincent. — E vocês tiveram consciência disso desde o início. O assassinato da Agnes provavelmente também. Ou não. Mas depois do Robert já não restam dúvidas, o vosso suspeito é alguém que está muito familiarizado com magia clássica de palco, o suficiente até para construir as suas próprias ilusões. O que deve reduzir em noventa e nove vírgula nove por cento o número possível de suspeitos.

— Então, estamos à procura de um ilusionista assassino? — comentou Julia, abanando a cabeça. — Alguém sabe se o Daniel ou o Rask conhecem algum truque de cartas?

— Como disse, esta era uma das coisas que tenho para vos mostrar — continuou Vincent. — E acho que não foi surpresa nenhuma para ninguém. Mas a outra é isto.

Vincent pegou num marcador preto e escreveu os nomes de Agnes, de Tuva e de Robert no quadro branco. Por baixo de Agnes, escreveu o número 14, por baixo de Tuva o número 15 e por baixo de Robert novamente 14.

— As horas a que os relógios estavam partidos — disse Ruben. — Provavelmente, a hora a que os homicídios aconteceram. Que é a única coisa de que precisamos para apanhar o assassino. É o que tenho vindo a dizer.

— Ah, sim? — perguntou Peder. — Pensei que te tivesses saído com algo do género de o Daniel ter tido uma coisa a três com a Agnes e a Tuva.

Ruben fingiu não ouvir e continuou a olhar para as fotografias dos ilusionistas vestidos de lantejoulas.

— Têm cá um ar de paneleiros — comentou.

Peder e Christer ergueram as sobrancelhas em simultâneo, espantados. Julia soltou uma curta gargalhada.

— Por amor de deus, Ruben, quem é que ainda diz «paneleiro» hoje em dia? — inquiriu Julia. — Parece que tens cem anos. Além do mais, devias ter vergonha!

Vincent ficou irrequieto, deslocou o peso do corpo de uma perna para a outra. Estava prestes a perdê-los, precisamente quando o mais importante estava para vir. Eis a razão pela qual recusava sempre dar palestras a alunos do secundário e, ainda assim, a sua capacidade de concentração era um pouco melhor do que a destes polícias.

— Mas, Ruben, o que é que estavas a querer dizer? Em relação aos relógios, claro, não aos... às lantejoulas — perguntou Peder, reprimindo um bocejo com a mão.

— Eu acho-os giros — comentou Christer.

O último bolo desaparecera há bastante tempo, mas Peder humedeceu a ponta do dedo e começou a apanhar as migalhas da mesa. Parecia não dormir desde a última vez que Vincent o vira.

— Olhem para as horas — disse Ruben, satisfeito. — É quase sempre a mesma hora. Duas horas exatas podia ter sido uma coincidência, mas três já não. Ou o assassino tem uma rotina, em que faz a mesma coisa num determinado horário todos os dias, ou então são as vítimas que têm. Ou ainda, que é o mais provável, todos obedecem à mesma rotina. Agora que temos três horários, só precisamos de descobrir onde é que as nossas vítimas costumavam estar por volta das duas ou das três da tarde. E é aí que vamos encontrar o nosso assassino.

Ruben colocou triunfantemente os braços atrás da cabeça, como se tivesse acabado de resolver o caso sozinho.

— O que o Ruben está a dizer é, evidentemente, a conclusão mais óbvia.

Bom trabalho por teres chegado a ela tão rapidamente — começou Vincent por dizer, e Ruben espreguiçou-se com ar, se possível, ainda mais satisfeito. — E também está, quase de certeza, completamente errada.

O sorriso satisfeito de Ruben desapareceu instantaneamente. Talvez tenha sido mauzinho, mas Vincent não conseguira evitar; apesar de tudo, Ruben, em grande medida, fizera com que ele fosse posto fora da última vez. Limitara-se a entregar-lhe uma pá, mostrara-lhe onde ele podia escavar e, a seguir, ele não só escavara o seu próprio buraco como também saltara lá para dentro sozinho.

— Está bem, senhor mentalista sabichão — disse Ruben e olhou para ele com uma expressão de criança que acabara de descobrir que o Pai Natal não iria entregar-lhe presentes. — Então dê-me lá uma coisa melhor. Mas vai ter de ser mesmo muito melhor.

Vincent não respondeu; ao invés disso, pegou num marcador vermelho e escreveu duas datas sob os nomes de Agnes e de Tuva no quadro branco, «13 de janeiro» por baixo de Agnes e «20 de fevereiro» por baixo de Tuva. Por baixo do nome de Robert colocou dois pontos de interrogação, um para o dia e outro para o mês. Depois apagou os números a preto que representavam as horas e voltou a escrevê-los a vermelho.

— O assassino quer que nós saibamos as horas dos homicídios — disse. — Daí a presença dos relógios. Mas também quer que saibamos mais do que apenas a hora, quer que saibamos o dia em que aconteceram. Os corpos foram deixados em locais onde havia a garantia de que seriam encontrados imediatamente; o assassino assumiu um risco enorme ao transportá-los até lá, poderia facilmente ter sido descoberto. Por isso, deve ter sido importante para ele que fossem descobertos depressa, antes que comessem a deteriorar-se, para que vocês conseguissem determinar com exatidão o dia em que os homicídios ocorreram.

— Espera um momento — pediu Christer. — O assassino quer que nós saibamos precisamente quando ele ataca? Mas *porquê*? Quer ser apanhado?

— Essa é que é a questão — respondeu Vincent. — Não há nenhum padrão evidente que nos diga quando pensa atacar outra vez. Passaram diferentes números de semanas entre cada homicídio. E as horas, como podem ver, não são totalmente idênticas. Por isso, acredito que se trata de outra coisa.

— Estive a pesquisar se aconteceu alguma coisa nessas datas e horários específicos historicamente — disse Mina. — Mas não encontrei nada. Claro que pode ter acontecido alguma coisa na vida do próprio assassino nessas datas, alguma coisa que é importante apenas para ele. Mas então porquê fazer o esforço de nos dizer se, de qualquer forma, não vamos saber o que é?

— Concordo com a Mina — disse Vincent. — E é por isso que acredito que a solução está noutro lado.

Fez uma pausa para confirmar que tinha a atenção de toda a gente. Mina tivera razão da última vez, aquilo afinal era mesmo como uma palestra, e Vincent estava no seu elemento.

— Acho que as datas e as horas são partes de uma mensagem — acabou por dizer.

— Partes? Queres dizer que... temos de as juntar? — perguntou Peder lentamente. — Como peças de um *puzzle*?

Vincent assentiu com a cabeça.

— Mas uma mensagem para quem? — perguntou Julia.

— Para nós. Para vocês. Mas ainda não a conseguimos perceber, porque a mensagem não está completa. Os homicídios são uma contagem decrescente, não é? Os corpos estão gravados com numeração romana, o

homicídio quatro, três e dois já aconteceram. Vai haver pelo menos mais um antes de termos a mensagem completa.

— *Pelo menos* mais um? — perguntou Christer, horrorizado.

— O homicídio número um. Não sabemos o que acontece no zero. Mas...

Vincent fez mais uma pausa e olhou para todos à vez. Preparava-se para o remate.

— Não precisam de esperar até ao próximo homicídio — disse-lhes. — Na verdade, nem precisam de saber o que é que a mensagem quer dizer. Porque o assassino cometeu um erro.

Todos sustiveram a respiração; Vincent pôde senti-lo. Até Ruben estava concentrado. Peder parara com a mão a meio caminho da boca e há muito que se esquecera das migalhas que lhe caíam do dedo para a mesa.

— A última vítima, o Robert, foi deixada num local que esteve interditado durante vários dias. O corpo acabou por ficar ali demasiado tempo para que vocês pudessem determinar com precisão a data da morte. Na verdade, vocês nem sabem em que mês o homicídio aconteceu, ele foi encontrado no dia cinco de maio, por isso pode ter sido assassinado no dia quatro. Mas também pode perfeitamente ter morrido alguns dias antes, e aí teria acontecido em abril. Se o assassino quer dar-nos peças de um quebra-cabeças para montarmos, como o Peder disse, então, desta vez não conseguiu. Falta-nos a data. E tenho a impressão de que ele vai estar ansioso por corrigir essa falha, tendo em conta que se tem esforçado bastante.

Julia arregalou os olhos, como se compreendesse subitamente. Mulher inteligente, quase tão rápida como Mina.

— Vamos dar uma conferência de imprensa — disse Julia. — Para o atrair. Assim que falarmos com os pais. Temos de fazer alguma coisa

radical. Não tenho querido sobrecarregar-vos demasiado com política interna, mas posso dizer-vos que o nosso tempo está a esgotar-se. A paciência está nos limites e não pode manter-se assim por muito tempo. Se não chegarmos a alguma conclusão decisiva em breve, voltamos todos aos nossos postos iniciais e vamos ver este grupo dissolver-se num futuro muito próximo. Penso que uma conferência de imprensa pode ajudar-nos a abanar a árvore e ver se cai alguma coisa. Com a ajuda do grande público há sempre muitas oportunidades de surgirem novas informações, e é exatamente disso que precisamos.

— Também vai implicar imensa desinformação, isso já sabemos — murmurou Christer. — Vamos andar a chapinhar na merda.

— Usem os meios de comunicação — disse Vincent e assentiu com a cabeça sem dar atenção ao comentário de Christer.

Na prática, ele tinha razão, recorrer ao público era uma espada de dois gumes, mas, quando aquilo que tinham a que se agarrar naquele momento podia ser comparado a uma faca de cozinha embotada, a escolha era fácil.

— Digam que estão à procura de informação sobre quando é que uma caixa preta pode ter sido deixada junto aos armazéns de Årsta. Digam que não sabem, talvez até seja bom revelar que estão a tentar apanhar um assassino em série, como fazem na televisão. Se o meu perfil psicológico estiver correto, acho que isso vai ser um elogio para o assassino. Um narcisista quer sempre ouvir dizer que é o melhor, uma vez que isso corresponde à sua própria visão do mundo. Assim, aumentamos as probabilidades de ele entrar em contacto convosco para vos dar a terceira peça em falta do *puzzle*. Na verdade, acho mesmo que ele não vai conseguir resistir.

Peder pareceu não estar a acompanhar.

— Mas, mesmo assim, a mensagem não vai ficar completa, segundo o

que tu disseste — comentou, reprimindo outro bocejo com a mão. — O *puzzle* tem quatro peças, como é que o vamos apanhar antes de ele matar pela quarta vez?

— Temos de esperar que o assassino revele alguma coisa — disse Julia. — O Vincent pode ouvir a voz dele, ver se é possível pegar nalguma coisa por aí. Também podemos fazer verificações cruzadas com gravações do Rask para ver se é ele, assim como analisar os barulhos de fundo, ver se conseguimos ficar com uma ideia do sítio de onde está a ligar. Com um pouco de sorte até conseguiremos localizar a chamada. Se for feita por telemóvel, podemos recorrer ao GPS para o encontrar. Vamos começar a preparar-nos já.

Mina assentiu com a cabeça para Vincent e sorriu; saíra-se bem. Julia aproximou-se dele e agarrou-lhe a mão entre as suas.

— Isto foi inestimável — disse-lhe. — Na conferência de imprensa, prefiro manter as informações sobre o Jonas Rask confidenciais, por enquanto. E também quero manter a sua participação em segredo durante mais algum tempo. Se me perguntarem, só conheço o Vincent Walder da televisão, está bem?

Vincent assentiu com a cabeça em resposta. Aquilo era provavelmente o mais próximo de uma ovação de pé que este público lhe daria.

— Há mais uma coisa, antes que fiquem demasiado absorvidos por isto — acrescentou Julia, voltando-se novamente para o grupo.

Peder parou a meio caminho de se levantar da mesa, visivelmente indeciso sobre se havia de se sentar de novo ou levantar-se.

— Senta-te — disse Julia com um suspiro. — Pronto, se algum de vocês ainda não tiver lido a investigação sobre o desaparecimento do Robert, agradeço que o faça imediatamente. Vamos ter de voltar ao início nesse caso. Os pais do Robert e a equipa da residência assistida onde ele vivia

foram entrevistados várias vezes, mas nunca por nós. E não depois de ele ter sido... encontrado. Temos outras perguntas para lhes fazer agora. Eu e o Christer encarregamo-nos de nos encontrar com os pais já depois de amanhã e vamos à residência assistida assim que tivermos tempo a seguir à conferência de imprensa. Bom, mãos à obra, pessoal!

Christer assentiu com a cabeça, mas não disse nada. Os outros levantaram-se. Julia virou-se para Vincent outra vez e deu-lhe um pequeno cartão de plástico.

— Aqui tem o seu cartão de acesso. Agora é um de nós.

Julia inspirou profundamente antes de tocar à campainha. A escada do prédio era bonita, tetos altos, piso em xadrez preto e branco, detalhes em estuque. Sentiu a presença sombria de Christer atrás de si. Passara o caminho todo até ao edifício no bairro de Vasastan a questionar porque tinha de ser precisamente ele a acompanhá-la. Mais parecia uma criança. Julia tivera vontade de lhe responder simplesmente «porque sim», mas controlou-se. Ela era a chefe e, com isso, vinham determinadas obrigações. Olhou rapidamente para o telemóvel outra vez, antes de alguém lhes abrir a porta. O alerta para a detenção de Jonas Rask fora emitido, tinha agentes à procura dele nos seus endereços previamente conhecidos e, a qualquer momento, Julia esperava receber uma mensagem a informá-la de que o haviam localizado. Se encontrassem Rask rapidamente, talvez nem precisassem de fazer a conferência de imprensa.

Ouviram passos e, pouco depois, uma mulher elegante abriu a porta.

— Entrem — disse em voz baixa e deu um passo para o lado. Estivera à espera deles.

Entraram para o *hall* e Julia não conseguiu deixar de admirar o apartamento. Era precisamente numa casa assim que gostaria de morar, mas ela e Torkel chegaram a um acordo de que o melhor seria uma moradia geminada com jardim, tendo em conta que planeavam constituir família. Agora que estava ali, naquela entrada da viragem do século, perguntou-se se realmente teria sido a decisão acertada. Principalmente porque já viviam

na moradia dos arredores da cidade há quase cinco anos e ainda não se juntara a eles ninguém para brincar no jardim das traseiras.

— Posso oferecer-vos um café?

A voz da mãe de Robert era serena, não revelava nenhuma emoção, mas os olhos, raiados acusavam a sua tristeza. Na cozinha estava um homem de cabelo grisalho, vestido com calças de ganga e camisa branca, também ele elegante e alguns anos mais velho do que a mulher. Apesar das suas olheiras escuras, formavam um bonito casal.

— Eu aceito um café, obrigada — disse Julia, e Christer também acenou com a cabeça.

— Thomas.

O homem estendeu-lhes a mão direita e Julia e Christer apertaram-na à vez.

— Desculpem, não me apresentei. Chamo-me Jessica — disse a mulher, que começara a preparar o café como uma profissional numa grande máquina de *barista* que bufava e gemia. — Parece que nos esquecemos das coisas mais básicas, aquelas que em circunstâncias normais são óbvias, como as boas maneiras. As rotinas diárias. Trivialidades, que costumavam parecer-nos tão importantes...

Thomas sentou-se pesadamente a uma grande mesa de cozinha perto da janela e fez-lhes um gesto com a mão a convidá-los a sentarem-se. Estava com uma expressão ligeiramente confusa nos olhos, como se estivesse num sonho, inseguro sobre que direção tomar, para onde se virar. Julia reconheceu a expressão facial de muitos dos familiares com quem falara ao longo dos anos.

— Obrigado — disse Christer ao receber uma chávena de café das mãos de Jessica.

Esta desenhara uma folha de carvalho na espuma do leite e Christer

olhou para Julia com ar impressionado e confuso. Isto era algo diferente do café-de-saco-reaquecido-várias-vezes a que estavam acostumados durante visitas como aquela.

— Temos uma loja de produtos *gourmet* no rés do chão — disse Jessica enquanto preparava a chávena de café de Julia. — Devem tê-la visto quando entraram.

Julia assentiu com a cabeça. Na verdade, até se detivera a olhar para a montra, a comer com os olhos. Havia grandes presuntos pendurados à janela, *Pata Negra*, *prosciutto*, *bresaola*. Uma enorme roda de queijo parmesão reinava majestosamente, na companhia de todos os tipos de queijos de cabra, *brie* e queijo azul. Não conhecia os nomes nem de um décimo deles, mas ficara com água na boca só de olhar.

O café de Julia vinha com um coração desenhado na espuma.

— A família do Thomas está ligada aos queijos há três gerações — explicou Jessica e sentou-se à mesa com eles.

Nem Jessica nem Thomas estavam a beber café, e, a julgar pelas suas faces pálidas, Julia calculou que praticamente não comiam nem bebiam há vários dias.

— Até costumava brincar que em vez de um *chef* consegui um *chèvre* — acrescentou Jessica.

Ninguém sequer sorriu. A piada ficou a pairar no ar para depois se dissolver e desaparecer. Já não havia lugar a risos naquela casa.

— Sirvam-se. São *cantucci* — disse Thomas e empurrou uma tigela na direção deles.

Julia adorava os pequenos biscoitos italianos de amêndoa, mas era difícil ter uma conversa séria enquanto comiam bolos crocantes; por isso, absteve-se. Já Christer pegou em três de uma vez, satisfeito, e deu uma dentada

ruidosa. Julia lançou-lhe um olhar irritado, mas Christer nem estava para aí virado.

— É mesmo verdade? — perguntou Thomas com a voz trémula e os olhos virados para o tampo da mesa.

A mesa da cozinha era um testemunho de tempos mais felizes; viam-se anéis de copos de vinho marcados na madeira, manchas amarelas talvez de pratos indianos com açafrão ou caril. Jantares, família, amigos, gargalhadas.

— A que é que se está a referir? — perguntou Julia, apesar de saber o que Thomas queria perguntar, e preparou-se mentalmente, obrigou-se a pensar noutra coisa que não o rapaz com o sorriso aberto, que fora visto em cada montra, posto de gasolina ou quiosque de jornais, ao longo das últimas semanas.

— Que ele não estava... inteiro... quando o encontraram.

Julia tentou pensar nas flores prestes a desabrochar no jardim da sua casa. No berço de madeira que Torkel construía com as próprias mãos e que continuava por estrear. Na sensação das seringas a entrarem-lhe na parte mole da barriga. A depressão que se seguia, certinha como um relógio, quando o tratamento hormonal lhe reduzia os níveis de estrogénio.

Christer continuava a morder um biscoito e, do lado de fora da janela aberta, ouvia-se um corvo grasnar numa das grandes árvores do jardim interior. Julia forçou-se a responder à pergunta.

— Sim, é verdade — disse, e viu Jessica ficar ainda mais prostrada.

— E agora querem revelar isso a toda a gente.

— Se vocês nos autorizarem. Mas claro que respeitamos se decidirem...

— Façam o que for preciso para apanhar a pessoa doente que fez isto — disse Jessica com uma voz firme como pedra.

Julia sobressaltou-se com a mudança repentina e ficou novamente em silêncio.

— Falem-me do Robert — disse após um instante.

O rosto de Jessica iluminou-se; lançou um olhar breve para o marido. Trocaram um sorriso rápido, recordações felizes e alegres espelhadas nos olhares.

— Casámo-nos bastante novos, mas levou alguns anos até o Robert chegar. Eu tinha vinte e cinco anos. O nosso pequeno milagre.

Jessica estendeu a mão para o marido, que a agarrou. Julia reparou que Thomas a apertava com tanta força que devia estar a magoá-la. Lá fora, o corvo voltou a grasnar.

— O Bobban era a alma mais gentil, meiga e amorosa que o mundo alguma vez viu nascer. — A voz de Thomas tremeu, mas ele recompôs-se e continuou. — Aquele rapaz deu-nos tantas alegrias todos os dias. Mas... mas, como o avançar da idade, já não conseguíamos cuidar dele da mesma forma, não conseguíamos ficar de olho nele a todas as horas do dia, que era o que ele precisava. Saía sozinho de casa, às vezes a meio da noite... Pronto, vocês provavelmente sabem que houve outros alertas de desaparecimento do Bobban... do Robert, quero dizer. Foi por isso que de início não ficámos muito preocupados, não mais do que o habitual, pelo menos. Mas depois... os dias foram passando...

Christer estendeu novamente a mão para a tigela e pegou noutro punhado de biscoitos. Julia deu-lhe um pontapé discreto na canela por baixo da mesa. Os pais de Robert pareceram não reparar.

— E estavam satisfeitos com a residência onde ele vivia?

Foi Christer quem colocou a questão e Julia olhou para ele com ar surpreendido. Parecera-lhe que o colega estava mais concentrado no café e nos biscoitos do que no que estava a ser dito.

— Muito satisfeitos — respondeu Jessica. — Ele vive lá há cinco... não, esperem, sete anos. O tempo passa tão depressa! A equipa é maravilhosa,

nós vamos visitá-lo todos os dias e ele passa os fins de semana em casa. Está seguro lá, é acarinhado...

Jessica soltou, e Thomas apertou-lhe a mão com força novamente. A fina pulseira de prata que tinha no pulso chocalhava de cada vez que mexia a mão, e Julia viu que dela pendia uma pequena medalha com o nome «Robert» gravado. Jessica reparou para onde Julia estava a olhar e largou a mão do marido para levantar o braço.

— Foi o meu presente do Dia da Mãe deste ano. O Robert juntou dinheiro da semanada e pediu ao Thomas que fosse com ele comprá-la.

— É muito bonita — disse Julia.

Sobreveio-lhe um pensamento sem que Julia o conseguisse conter; perguntou-se se algum dia seria celebrada no Dia da Mãe. Descartou o pensamento tão depressa quanto surgira; as suas preocupações eram insignificantes em comparação com o drama da família à sua frente.

— Sabem se alguém tinha alguma coisa contra o Robert?

— Não, não, não, ninguém — respondeu Thomas, e abanou veementemente a cabeça.

— Toda a gente adorava o Bobban, e ele adorava toda a gente. Nunca conheci uma única pessoa que não se tivesse deixado encantar por ele.

— Lembras-te da senhora cuja janela ele partiu sem querer com a fisga? — perguntou Jessica ao marido e riu-se. — Sabes, aquela do outro lado do jardim? Decidiu convidá-lo para entrar e a oferecer-lhe um lanche.

— Sim, lembro-me.

Thomas sorriu e assentiu com a cabeça. Levantou os olhos para Julia.

— Há um sem-fim de histórias destas com o Robert. Ele era mesmo a nossa luz, a nossa alegria. Sim, é verdade que nasceu com uma deficiência, ou melhor, aquilo que o mundo insiste em ignorantemente chamar

deficiência. Mas, acreditem, o mundo seria um sítio muito melhor se todos fossem como o Robert, ele era perfeito.

Pelo canto do olho, Julia viu uma fotografia emoldurada do filho em cima do aparador na parede em frente. Era a mesma fotografia publicada nos jornais. Julia perguntou-se como ela própria reagiria se tivesse uma criança com síndrome de Down. Já tinha quarenta e dois anos, não seria improvável. E a probabilidade aumentava a cada ano que passava. Perguntou-se como Torkel reagiria...

— Também vamos falar com a equipa que trabalha na residência do Robert. Lembram-se de mais alguma coisa que achem que seria importante acrescentar? — perguntou Christer com um olhar admirado para ela quando Julia ficou subitamente em silêncio.

— Ele era muito ingénuo — disse Thomas. — Não hesitava em seguir quem quer que fosse para algum lado. — Thomas hesitou um pouco antes de continuar. — Têm algum suspeito?

Julia assentiu com a cabeça.

— Sim. Estamos à procura de um infrator reincidente.

— Vocês têm de... têm de nos prometer que o vão apanhar — disse Thomas em voz baixa. — Senão como é que... como é que vamos conseguir viver?

Julia levantou-se, ponderou o que haveria de responder. Já deveria saber, ouvira a mesma súplica tantas vezes, aquela prece por uma resolução. A punição que corrigiria tudo. Porém, sabia que não podia prometer nada que não pudesse cumprir. Quando colocou a chávena de café no lava-louça e abriu a boca para responder, Christer antecipou-se.

— Infelizmente, não podemos prometer isso — disse ele. — Mas podemos prometer que vamos fazer o nosso melhor. E percebemos que ele

era muito bom rapaz, procurem alegria nos momentos bons, nas vossas memórias felizes. Não deixem que elas vos sejam roubadas.

Julia olhou para ele com um ar surpreendido. Logo Christer, que costumava achar que a vida era uma luta e a morte uma libertação. Talvez fosse melhor tentar discretamente detetar-lhe álcool no hálito quando saíssem dali.

Quando se foram embora, Thomas e Jessica permaneceram sentados à mesa da cozinha. A última coisa que Julia viu antes da porta se fechar foi que continuavam de mãos dadas.

Kvibille, 1982

Jane encontrou a mãe na orla do relvado, precisamente onde este dava lugar à floresta. Estava sentada à sombra das árvores, a arrancar ervas daninhas. Jane gostaria de lhe perguntar qual era o objetivo de arrancar dentes-de-leão onde, de qualquer forma, crescia uma floresta, mas sabia que essa conversa não levaria a lado nenhum.

— Como é que está a correr? — perguntou em vez disso e agachou-se ao lado da mãe.

A mãe arrancara os dentes-de-leão numa linha reta precisa.

— Não posso exatamente dizer que faça qualquer diferença — respondeu a mãe e endireitou as costas, até as fazer estalar. — Au!... Mas é bom ter alguma coisa para fazer. Já agora, viste o teu irmão?

— Foi-se embora de bicicleta com aquelas três miúdas da escola — respondeu Jane e arrancou também ela algumas ervas. — Devem estar algures na marmelada.

— Jane! — exclamou a mãe num tom horrorizado. — Eles têm sete anos! Além de que «as três miúdas» chamam-se Mia, Sickan e Lotta. Devias estar contente por o teu irmão ter amigos.

— Surpreendida, acho que é a palavra certa.

Jane estudou uma folha de dente-de-leão e depois mordiscou-a.

— Sabes que são comestíveis, não sabes? — perguntou. — Os dentes-de-leão. Se não os quiseses deitar para o lixo, quero dizer.

— Porque é que havia de querer comer dentes-de-leão? — perguntou a mãe e limpou o suor da testa com as costas da mão, o que lhe espalhou uma mancha de terra sobre as sobrancelhas.

Jane encolheu os ombros.

— Porque têm imenso ferro, potássio e magnésio.

— E a que propósito é que tu sabes isso? Tu, que não fazes propriamente parte de nenhum clube de fãs da floresta?

— E porque é que tu *não* sabes isso? Sabes ao menos que os dentes-de-leão em francês se chamam «*piss-en-lits*», que quer dizer mijar-na-cama, uma vez que têm fortes propriedades diuréticas?

— Fortes propriedades diuréticas — imitou a mãe com um tom presunçoso. — Às vezes pergunto-me de quem tu serás filha. És demasiado esperta para este sítio.

Ali estava, a abertura por que tinha esperado. A mãe enfiou uma ferramenta metálica junto ao caule do dente-de-leão seguinte e começou a girá-la. Jane inspirou profundamente. Era agora, tinha de lhe dizer.

— A propósito de mim e deste sítio — começou. — Lembras-te de que eu me vou embora daqui a oito dias?

— Sim, eu sei. — A mãe arrancou o dente-de-leão com as raízes intactas. — Vais visitar a Ylva, em Dalarna. Já falámos sobre isso. A mãe da Ylva parece-me boa pessoa, não estou minimamente preocupada. Vais estar fora durante duas semanas.

— Não é só isso — disse Jane.

Diz agora, diz agora, diz agora.

— Quando voltar, vai ser para fazer as malas — continuou e susteve a respiração.

A mãe parou com a mão a meio de um movimento e levantou os olhos do relvado.

Jane tinha de acabar de falar, tinha de dizer tudo de uma vez enquanto ainda tinha coragem.

— Vou mudar-me daqui — disse. — Não consigo continuar a viver neste sítio, nesta quinta. Quero fazer coisas, viver numa cidade, conhecer novos amigos. Estudar. Eu... não aguento mais estar aqui. Estou a dar em doida.

A mãe olhou para ela sem dizer nada. Jane começou a piscar os olhos para impedir o choro, não ia chorar, *não ia*. Se chorasse, não seria capaz de partir. Se chorasse, a mãe ganhava. Olhou para o céu azul e piscou novamente os olhos. O céu estava tão vazio, nem uma nuvem, nenhum avião. Jane não precisava de vazio, precisava do seu contrário. E isso nunca conseguiria alcançar naquela quinta.

— Não te preocupes — conseguiu dizer. — Tenho quase dezasseis anos, consigo arranjar-me sozinha. Até já tenho sítio para viver.

— Não é contigo que fico preocupada — respondeu a mãe em voz baixa. — É comigo. Sempre foste a mais forte de nós, a mais esperta. Sabes coisas como isso dos dentes-de-leão, que dão vontade de fazer chichi, e sabes descobrir soluções e, e... eu mal consigo pôr comida na mesa. Sem ti aqui... o teu irmão tem a sua maneira especial de ser... eu... eu não vou conseguir.

A mãe olhou novamente para a relva.

— Se te fores embora, eu mato-me — acrescentou.

O ar desapareceu subitamente dos pulmões de Jane. Como se alguém lhe tivesse dado um soco no peito. Esperava que a mãe ficasse zangada, que tentasse proibi-la, que começasse a chorar, que tivesse um surto depressivo, fosse o que fosse, mas não aquilo. A raiva começou a ferver repentinamente dentro dela.

— Maldita sejas! — respondeu. — E dizes-te minha mãe? Isso é chantagem! Não posso ser eu a tratar da tua vida por ti. Tenho de viver a

minha. E não vais ficar sozinha coisa nenhuma, o meu irmão não é tão frágil como tu pensas. E se realmente não te desenrascas sozinha, então talvez seja altura de encontrares alguém que queira estar aqui contigo. Porque eu não quero!

Jane levantou-se e olhou para a mãe, que continuava com os olhos fixos na relva e na linha perfeita de ervas daninhas arrancadas. Pareceu-lhe tão pequenina. Tão fraca. Jane fizera bem em contar-lhe, precisava de sair dali, senão acabaria por sucumbir. Tal como a mãe.

Peder aguardou ansiosamente à porta da casa de banho, enquanto lá dentro parecia que a sua mulher estava a morrer.

— Amor, como é que estás? — perguntou com a orelha pressionada contra a madeira pintada de branco. Um murmúrio atormentado foi o que obteve em resposta. Ao fim de alguns minutos, Anette abriu a porta, o rosto completamente pálido.

— Recua — disse-lhe e agitou os braços para que Peder mantivesse distância. — Estou com uma intoxicação, ou uma gastroenterite, seja o que for, tu e as trigémeas não se podem aproximar de mim.

O cabelo comprido estava oleoso e o cheiro da casa de banho obrigou Peder a fechar rapidamente a porta atrás dela.

— Não há problema, querida — respondeu Peder. — Podemos embrulhar-te em película aderente, só lhes faz bem encontrarem alguma resistência quando precisarem de ser amamentadas.

Anette revirou os olhos e foi buscar um frasco de álcool para as mãos à casa de banho. Peder susteve a respiração. Desejava realmente que ela não tivesse aberto aquela porta outra vez. Anette borrifou e limpou a maçaneta da porta dos dois lados.

— É a sério — disse-lhe. — Esta casa de banho passa a ser *off-limits*, é só para mim. A não ser que estejas cheio de vontade de ficar com a sensação de que vais fazer cocó nas cuecas ou vomitar a qualquer momento.

Peder recuou com choque fingido no olhar.

— Fluidos corporais? Temos disso nesta família? E eu a pensar que as trigémeas não tinham nem um germe no corpo!

Peder puxou-a para si e acariciou-lhe o cabelo oleoso. Anette estava demasiado exausta para protestar.

— Sugiro que te barriques aqui dentro — disse-lhe e conduziu-a para o quarto. — Vou buscar o teu *iPad* e não sais daqui até estares boa, ou até teres visto tudo o que há para ver na Netflix, o que acontecer primeiro. Eu e as trigémeas ficamos na sala, podemos construir uma cabana. Se tiverem saudades da mãe, digo-lhes simplesmente que as deixaste.

Anette esboçou um breve sorriso.

— Podes pensar em sexo de gratidão depois — respondeu e olhou com desejo para a cama. — Daqui a um ano ou dois.

— Nesse caso, tenho de verificar no meu calendário se estou livre — retrucou Peder e foi buscar mais almofadas. — Vou só telefonar para a esquadra e avisar que vou faltar alguns dias para apoio à família.

Peder pegou no telemóvel enquanto Anette se sentou lentamente na borda da cama. Não parecia mesmo nada bem. Talvez devesse aproveitar para pedir alguns litros de desinfetante para as mãos a Mina, não queria de maneira nenhuma ficar no estado em que a mulher estava.

— Outra coisa — disse Anette. — Claro que vou tentar amamentá-los sempre que conseguir, mas como é que vais fazer com a comida?

Peder mordeu a língua, não devia mesmo fazer aquilo, Anette nunca o perdoaria, mas não resistia a dar a estocada final.

— Podemos comer hambúrgueres a escorrer gordura — disse Peder e enunciou lentamente cada palavra. — Daqueles que até brilham de banha derretida. Ou então sopa negra, estás a ver? Aquelas de sangue e salgadas, com pequenos coágulos a flutuar.

Anette olhou fixamente para ele. Depois correu para fora do quarto e

fechou-se novamente na casa de banho.

— Foi o Peder que ligou — disse Julia aos outros na sala de reuniões. — Não vai poder ajudar-nos a monitorizar os telefones. A Anette está doente e ele tem de ficar com os miúdos.

Ruben não ficou minimamente surpreendido, qualquer pessoa podia ter calculado que Peder não conseguiria aguentar muito mais tempo. *Sim, sim, a Anette está doente...* Era de certeza o próprio Peder quem precisava de uma pausa e que, naquele preciso momento, estava sentado nalgum restaurante do centro, a preparar-se para um almoço prolongado. Haveria muitas mulheres que, por uma razão ou outra, não precisariam de voltar para o escritório depois do almoço, optando, em vez disso, por beber taças de espumante a partir das duas da tarde. E mulheres dessas ficariam muito fascinadas com o facto de Peder ser polícia. Ruben tinha experiência pessoal disso, usar uniforme era o melhor, sem dúvida, embora não calhasse tão bem em restaurantes. Estar vestido à civil também funcionava perfeitamente, mas a cereja no topo do bolo era se um par de algemas fosse visível por baixo do *blazer*. Então, ficavam loucas, e um anel no dedo não seria minimamente relevante. Não invejava Peder por isso, pelo contrário. Anette não seria de todo uma fera na cama naquele momento. E provavelmente não voltaria a ser durante muito tempo.

— Ele vai tomar conta das trigémeas sozinho? — perguntou Christer, abanando a cabeça. — Pobre homem. Vai ser uma sombra do que era quando voltar. Bem, já é uma sombra. Uma sombra de uma sombra, então.

Recostou-se até a cadeira ranger e suspirou profundamente.

— Talvez alguém devesse ir lá ajudá-lo — murmurou.

Se Christer gostava assim tanto de crianças, então que fosse lá ele. Fraldas era a última coisa que Ruben pensava deixar entrar na sua vida.

— Seja como for, temos uma pessoa a menos — continuou Julia.

Hoje trazia vestido um *blazer* e uma espécie de calças de fato, de cano largo. Ruben assumiu que a faziam parecer mais chefe. Ele próprio preferia quando ela usava saia, ou calças de ganga justas. Mas não se podia ter tudo.

— Ruben, tu podes fazer o teu turno com o Vincent — disse Julia.

— Eu e o feiticeiro? — bufou Ruben. — *A match made in heaven*.

— Ele vai virar as costas imediatamente se lhe chamares isso — disse Mina. — Feiticeiro...

— A sério? — perguntou Ruben com um tom exageradamente esperançoso na voz. — Vou ter de me lembrar disso.

Mina nem sequer olhou para ele. Porra, gostava mesmo de se fazer difícil.

— Então, pronto — disse Julia e reuniu os papéis. — O Jonas Rask ainda não foi encontrado, por isso vou fazer a conferência de imprensa daqui a duas horas. Não mencionarei nem a participação do Vincent na investigação nem o facto de estarmos à procura do Jonas Rask. Afinal de contas, ainda não temos qualquer prova contra ele, só indícios. Agradecia que também não dissessem nada a ninguém, seja *on* ou *off the record*. A conferência vai ser transmitida em direto em todas as nossas redes sociais e através dos outros meios de comunicação social que conseguirem chegar a tempo. Depois disso, ficamos agarrados aos telefones o tempo que for necessário. O Ruben e o Vincent fazem o primeiro turno.

Ruben abriu a boca, mas Julia silenciou-o levantando um dedo.

— *A match made in heaven*, foste tu que o disseste — comentou Julia. —

Ou seja, por mim. Agora, o Vincent é um de nós.

Estavam junto ao muro de pedra, no cimo da colina da Rua Fjällgatan. Dali conseguiam ver a cidade velha, a zona de Skeppsholmen e partes da ilha de Djurgården. A vista era absolutamente fantástica. Quando se observava a cidade ao longe, era quase possível esquecer toda a sujidade, toda a poluição e as pessoas imundas. À distância, até brilhava. Também tinham uma visão desimpedida sobre o parque de diversões Gröna Lund, onde Tuva fora encontrada, mas Mina tentou pôr isso de lado e ver o parque apenas pelo que era.

Fora Vincent quem sugerira darem um passeio para conversarem sobre o caso, sem a presença do resto do grupo. Já estavam a andar há uma hora; tinham repassado tudo o que sabiam até ao momento, ou que pensavam saber.

— Tens planos para o verão? — perguntou Vincent subitamente, com os olhos virados para a vista.

— Planos? Sabes que estamos a meio de uma investigação, não sabes?

— Sim... Ocorreu-me apenas, estamos quase em junho e...

Vincent aclarou a garganta e calou-se, como se já não soubesse o que queria dizer.

— Vincent, isso foi uma tentativa de conversa de circunstância?

Mina conteve um sorriso.

— Talvez. Achei que podíamos fazer uma pausa na conversa sobre a investigação.

— Ainda bem que és apenas estagiário.

Virou as costas à paisagem e encostou-se ao muro de pedra, mas não sem antes colocar um saco de plástico do supermercado que trazia consigo entre as costas e o muro. O sol aquecia-lhe o rosto e os óculos de sol recém-comprados revelaram-se bastante úteis.

Às tantas, julgou ter reconhecido alguém, mas a pessoa virou-se quando Mina a avistou e caminhou na direção oposta. Provavelmente, não era ninguém.

— A propósito da investigação — disse a Vincent. — Não sei se é muito boa ideia ires à conferência de imprensa. Se algum jornalista te reconhecer e começar a fazer perguntas sobre a tua presença, isso pode desviar as atenções da mensagem que queremos transmitir.

— Só tenho curiosidade em ver como é uma conferência de imprensa destas — respondeu Vincent.

Mina fechou os olhos atrás dos óculos de sol.

— Vamos partilhar alguns detalhes e manter outros em segredo, aqueles que só o assassino pode conhecer. Dessa forma, conseguimos distinguir as confissões falsas de uma verdadeira. É mais comum do que se pensa as pessoas telefonarem a admitir todo o tipo de coisas que não fizeram. Mais de sessenta pessoas confessaram o assassinato do Olof Palme, por exemplo.

Mina tirou os óculos escuros e deixou o sol aquecer-lhe o corpo. Gostava do frio intenso, porque lhe parecia mais limpo, mas o calor era... era vivo. Desde que não a fizesse transpirar. Estava agora no ponto perfeito, com uma brisa fresca a soprar-lhe no rosto.

Começaram novamente a caminhar.

— Nesse caso — respondeu Vincent —, sugiro que finjam não saber nada no que diz respeito às «peças do *puzzle*», como o Peder disse. As datas

e as horas dos homicídios têm de ser um código, não o concebo de outra maneira, mas não precisam de revelar que já decifraram isso.

— Sim, é verdade.

Mina ficou em silêncio por um momento, depois olhou de lado para Vincent.

— E o Rask? O que achas?

— Não fui claro quanto a isso? — perguntou Vincent e chutou uma pequena pedra que ressaltou pelo caminho à frente deles. — Incomoda-me, há alguma coisa que simplesmente não bate certo. O Rask é um criminoso motivado pela sexualidade, não tenho a mínima sensação de haver qualquer motivo sexual subjacente às nossas vítimas de homicídio.

— Mas isso não quer dizer que não exista, o sexo não se trata apenas de atos sexuais explícitos. Muitos homens com quem me cruzei na profissão excitavam-se com a violência, o poder, a superioridade física, a dor, o terror, o medo.

— Somos uma espécie que devia ter vergonha do que faz ao mundo.

— As mulheres também podem causar muitos danos. Conheci uns quantos casos. Mas os homens geram violência a uma escala completamente diferente. O que pretendo frisar é que não podemos dizer com certeza que não há um elemento sexual na motivação destes homicídios.

Vincent assentiu com a cabeça.

— Tens toda a razão, não vou excluir hipótese nenhuma, não nos podemos dar a esse luxo. Mas o Jonas Rask também não me parece suficientemente... refinado, acho que é a palavra de que estou à procura. Por isso são vários os fatores que me fazem duvidar se é nele que devemos concentrar os nossos esforços.

Mina não respondeu, a conversa sobre sexo despertara nela pensamentos

que estava muito ocupada a reprimir. Sexo como demonstração de superioridade, de poder. Mina tinha uma experiência demasiado pessoal disso. Mas nunca mais, nunca, nunca mais. Em comparação, o seu *Satisfyer Pro 2* era o melhor namorado que alguma vez tivera.

Caminharam em silêncio durante algum tempo, um silêncio surpreendentemente confortável. Depois, Vincent levantou o braço e apontou, semicerrando os olhos para se proteger do sol.

— Estás a ver ali? Foi onde eu e a Maria nos casámos.

Mina virou-se e tentou perceber para onde Vincent estava a apontar.

— No parque de diversões?

— Não. Estás a ver a ilhota ao lado? É Kastellholmen. A família dela recusou-se a participar.

Vincent soltou uma gargalhada.

— Mas, se pensarmos na montanha-russa que este casamento tem sido, talvez o parque de diversões tivesse sido mais apropriado.

Mina viu um edifício vermelho alongado, numa pequena ilha abaixo deles. Devia ser aquela para onde ele estava a apontar. Parecia muito bonito, mas Vincent tinha razão, o parque de diversões teria sido mais divertido.

— Vincent, sabes aquilo de praticar a conversa de circunstância? — disse Mina e aproximou-se um pouco mais dele. — Também és bom para conversas normais.

— Só com algumas pessoas.

Mina sorriu e voltou a olhar para a cidade. Algures lá em baixo estava um assassino à espera da sua próxima oportunidade. Ela e Vincent não tinham escolha, precisavam de o encontrar antes disso.

Vincent encostou-se à parede e cruzou primeiro as pernas e depois os braços. Prometera a Mina que se manteria em segundo plano.

— Malditas hienas — disse Ruben, que estava ao seu lado, no fundo da sala.

— Estão a cumprir a sua função — respondeu Vincent, tentando ser parcial.

Ruben parecia tê-lo aceitado como parte da equipa, pelo menos por enquanto.

— Para ti é fácil dizer. No que nos diz respeito, são só uma circunstância agravante. E acho que aquela linha de denúncias que vamos ter de atender não vai dar em rigorosamente nada.

— Estou a perceber o que estás a dizer. No entanto, precisamos de um corpo de jornalistas, de um quarto poder, de um contrapeso ao governo e ao parlamento. Caso contrário, pode surgir uma autoridade policial demasiado dominante que põe...

— Sim, está bem, mas estamos a falar da Suécia, não de uma porra de república das bananas — respondeu Ruben irritado e olhou fixamente para Vincent.

— Pois, isso seria realmente estranho — respondeu Vincent com o olhar fixo no palco. — A expressão «república das bananas» referia-se originalmente às Honduras, que era completamente dependente das exportações de bananas, o que fez com que a empresa norte-americana

United Fruit Company conseguisse uma enorme influência política. Depois disso, o termo tornou-se sinónimo de países da América Latina que dependem economicamente de uns quantos produtos de exportação, que têm um governo corrupto ou uma junta militar governante e onde estados e empresas estrangeiras conseguem ter grande influência. Portanto...

Vincent virou-se para o lado, mas Ruben já não estava ali. Encolheu os ombros; havia pessoas que não estavam nada interessadas em cultura geral.

Subitamente, espalhou-se um murmúrio pela grande sala de reuniões da sede da Polícia. O relógio chegara à hora a que a conferência de imprensa estava marcada e a presença mediática era fortíssima. Vincent viu os logotipos dos dois grandes jornais vespertinos, dos outros pesos pesados da imprensa diária, da agência noticiosa nacional, de alguma imprensa local e de vários novos meios de comunicação social cujos nomes não reconheceu. Microfones, câmaras de filmar, gravadores, telemóveis e o fiel e confiável bloco de notas.

Julia entrou e subiu ao pódio. Atrás dela havia grandes cartazes com o emblema da Polícia. Estava vestida com o seu uniforme oficial, algo que Vincent ainda não a vira usar; ficava-lhe bem. Julia projetava uma presença calma, que combinava com o traje rígido da Polícia, e o seu cabelo ruivo fazia um contraste bonito com o azul do uniforme. Vincent detetava sempre uma certa tristeza na sua expressão corporal, como uma aura de melancolia à volta da sua pessoa.

Julia pigarreou e o burburinho na sala desapareceu. Vincent reparou subitamente em Mina, que estava ligeiramente escondida, encostada à parede do lado direito da sala. Ficou surpreendido por não ter dado com ela até então; costumava sempre vê-la antes de a todas as outras pessoas que estavam numa sala. Mas ela era boa a manter-se discreta.

— Quero dar-vos as boas-vindas à conferência de imprensa de hoje,

sobre os homicídios que agora acreditamos terem sido cometidos pelo mesmo perpetrador — começou Julia. — Peço-vos que respeitem as regras habituais, que não falem até vos ser dada a palavra e que me deixem concluir o que tenho para dizer.

Ninguém respondeu e, após um rápido olhar para a pilha de papéis que tinha à sua frente, Julia prosseguiu.

— Temos motivos para acreditar que estamos à procura da mesma pessoa nos casos de homicídio da Agnes Ceci, da Tuva Lewin e do Robert Berger.

Irrompeu uma nova onda de murmúrios pela sala e Julia franziu as sobrancelhas, irritada. Esperou que se fizesse novamente silêncio, antes de voltar a falar.

— Precisamos da ajuda do público para identificar quem este criminoso poderá ser. Atualmente, temos algumas pistas, que não posso aprofundar, mas o que queremos por agora é manter as linhas de comunicação abertas para todo o tipo de informação que alguém considere poder estar relacionada com estes homicídios, seja de que maneira for. Por exemplo, precisamos de ajuda para perceber se há alguma ligação entre as vítimas. Também temos boas razões para acreditar que o perpetrador vai atacar outra vez.

O murmúrio aumentou para uma cacofonia agitada. Os *flashes* das câmaras dispararam, os repórteres começaram a gritar as suas perguntas desordenadamente e a agitar os braços no ar. Pelo canto do olho, Vincent viu Mina olhar para eles com raiva. O ar decidido ficava-lhe bem.

— Silêncio! — rugiu Julia, e os jornalistas acalmaram-se relutantemente para a deixar continuar. — Aquilo que sabemos sobre os homicídios e que podemos revelar nesta fase é que foram todos encenados como truques de magia, que, deliberadamente, «correram mal». Também não parece que as vítimas tenham sido assassinadas nos locais onde foram encontradas, tendo

sido transportadas do local do crime original. Temos motivos para acreditar que foi necessário um veículo com maior espaço de carga do que um carro de passageiros comum, talvez algum tipo de carrinha, mas neste momento é apenas uma especulação. Também suspeitamos de que as vítimas foram sedadas no processo, dada a violência dos atos perpetrados. Precisamos de ajuda para determinar o momento do terceiro homicídio, o do Robert Berger. O Robert foi encontrado no dia cinco de maio, no parque de estacionamento dos armazéns de Årsta, nos arredores de Estocolmo, mas infelizmente não conseguimos determinar a hora da morte porque o corpo já estava no parque de estacionamento há alguns dias quando foi descoberto. Portanto, também estamos à procura de informação sobre isso. Se alguém viu alguma coisa... Estabelecemos uma linha telefónica dedicada a este caso. O número é o que está a passar nos ecrãs aqui à frente.

Julia suspirou profundamente e passou os olhos pelo mar de cadeiras cheias de repórteres e fotógrafos, antes de fazer um gesto para um homem de cerca de quarenta anos, que segurava um microfone com o logotipo do jornal *Expressen*.

— O que vos leva exatamente a acreditar que a pessoa está a planear mais homicídios? Estamos então a lidar com um assassino em série? É alguém já conhecido?

Julia não respondeu de imediato, demorou o seu tempo a refletir na resposta. À primeira vista, parecia perfeitamente calma, mas Vincent não teve dificuldades em detetar os pequenos sinais de *stress*. A forma como deslocara o peso do corpo sobre o pé direito, que estava virado para fora, como se estivesse prestes a sair dali. A forma como praticamente deixara de piscar os olhos e, em vez disso, se lhe notavam pequenas contrações no canto do olho. A forma como as mãos entrelaçadas pareciam descansar relaxadamente no pódio, mas, na verdade, esfregava as pontas dos

polegares discretamente uma na outra para travar o fluxo de cortisol no corpo.

— Essa é uma das coisas sobre as quais não posso elaborar — respondeu.

— Mas temos fortes motivos para acreditar que é esse o caso. É o máximo que posso dizer por agora.

Mais mãos no ar. Julia fez sinal ao repórter da agência noticiosa nacional, uma jovem mulher.

— Que truques de magia foram utilizados? No que diz respeito ao corpo encontrado no parque de diversões de Gröna Lund, falou-se de uma caixa?

— Também não posso revelar mais sobre isso.

A jornalista continuou a perguntar.

— Acham que se trata de alguém com uma ligação pessoal ao mundo do ilusionismo? Alguém com esse passado?

— Já se confirmou se o Joe Labero tem um álibi? — inquiriu alguém em voz alta, e conseguiu arrancar algumas gargalhadas dispersas.

— Ou a dupla Brynolf & Ljung? — acrescentou outro engraçadinho.

A ruga entre as sobrancelhas de Julia aprofundou-se e Mina estava com um ar furioso. Vincent sentiu-se novamente impressionado com a sua beleza; na verdade, tinha uma certa dificuldade em desviar os olhos dela.

— Neste momento, não podemos divulgar nada sobre eventuais suspeitos — respondeu Julia. — Mas estamos a traçar um perfil do criminoso. Acho é que não vai corresponder nem ao Joe Libero nem aos senhores Brynolf e Ljung — acrescentou.

O humor grosseiro dos jornalistas não pareceu atraí-la.

— Talvez estejamos à procura de algum tipo de Houdini sueco... o Houdini assassino! — gritou com entusiasmo um jovem jornalista que trabalhava para um jornal local e ouviram-se mais algumas gargalhadas abafadas. Não obstante, Vincent reparou que a maior parte dos outros

jornalistas tomava notas avidamente. Sem dúvida, o nome iria ganhar força, uma vez que o quarto poder parecia chegar sempre à conclusão de que um assassino em série precisava de um título apelativo.

Julia continuou a sorrir, cada vez mais rígida, e Vincent compreendeu. Era importante manter boas relações com os jornalistas; por mais inapropriada que considerasse a piada, Julia precisava de fazer com que gostassem dela, era a única forma de manter o controlo da narrativa. Caso contrário, poderiam escrever o que quer que fosse.

— Não vou responder a mais perguntas neste momento. Precisamos da ajuda do grande público, e, como disse, o número para onde podem ligar está visível nos monitores. Também vai estar disponível na página da Polícia, assim como nas nossas contas de Instagram e de Facebook.

Nova cacofonia, mãos levantadas freneticamente, perguntas gritadas para o ar. Porém, Julia já virara as costas aos jornalistas e estava a dirigir-se para Mina. Desapareceram as duas pelo lado direito da sala e Vincent esticou a cabeça para tentar ver ainda Mina. Quando a perdeu de vista, saiu discretamente; se não o fizesse, seria apenas uma questão de tempo até ser reconhecido. E Julia não precisava nada de responder a mais perguntas. Também tinha de se apressar a ir ter com Ruben à sala onde ficariam a atender telefonemas.

— Então, como é que isto funciona? — perguntou Vincent e tentou perceber o que estava a ver no monitor de computador à sua frente.

A sala onde ele e Ruben se encontravam estava cheia de aparelhos cuja função desconhecia por completo.

Os monitores à sua frente, por outro lado, mostravam algo muito menos avançado tecnologicamente, algo que mais lembrava um ficheiro de Microsoft Excel.

— Vamos rastrear as chamadas com este programa? — continuou Vincent e tentou esconder quão infantilmente excitado se estava a sentir com a situação.

Claro que teria sido melhor se uma das paredes estivesse coberta por monitores com números misteriosos e imagens de *drones* de vigilância, tal como aparecia nos filmes, mas não se podia ter tudo.

— Então, isto é uma central telefónica — respondeu Ruben. — Todas as chamadas para a linha de denúncias vão ser gravadas, mas nós os dois também as vamos ouvir em tempo real. Claro que não funciona se muitas pessoas ligarem ao mesmo tempo, mas não costuma haver uma grande afluência. Se ouvirmos alguma coisa que nos pareça minimamente suspeita, por exemplo, alguém que julguemos ser o Rask, assinalamos essa chamada. Assim... Por enquanto, não fazemos mais nada.

Ruben clicou numa das linhas do documento, que ficou vermelha. Uma

central telefónica não era bem algo saído da saga do Jason Bourne. Vincent foi incapaz de esconder a desilusão.

— Então e a localização das chamadas? — perguntou.

— Em relação a isso, estamos juridicamente enrabados — respondeu Ruben e foi até à máquina de café que estava em cima de uma mesa, junto à porta.

Ruben serviu-se de uma chávena, sem perguntar a Vincent se também queria. Pelo cheiro, até dispensava. Sem dúvida, aquele café não tivera uma infância feliz.

— A decisão de localizar é tomada por um tribunal — continuou Ruben enquanto limpava o café que tinha pingado em cima da mesa. — Mas, para conseguirmos uma autorização dessas, temos de declarar quem é a pessoa que queremos localizar. Ora, isso ainda não sabemos, uma vez que estamos aqui precisamente para o descobrir. Claro que, mal ouçamos uma chamada que nos pareça suspeita, podemos telefonar ao procurador e pedir uma decisão temporária, localizando a chamada imediatamente. Mas duvido muito de que tenhamos tempo de fazer isso antes de a chamada terminar. Nós *conseguimos* localizar, tecnicamente conseguimos obter essa informação no momento exato em que a chamada entra, mas não o podemos fazer.

— Então qual é o objetivo de estarmos aqui? — perguntou Vincent.

Ruben sentou-se na cadeira ao lado da de Vincent.

— Porra, que está quente — soltou Ruben e soprou para a chávena. — É que a seguir vamos pedir as listagens de comunicações móveis a todas as operadoras. Aliás, também para isso precisamos primeiro da aprovação de um tribunal. Demorará algumas semanas até recebermos as listas, mas vão-nos dar a informação sobre quem é que ligou para cá. Isso se as

conseguirmos obter antes de serem apagadas, o que acontece ao fim de dois meses. Já disse que estamos sempre a ser enrabados?

— Disseste que as listas eram das chamadas de telemóveis — confirmou Vincent. — Então, quando tiverem essa informação, podem ver em que locais é que os telefones se encontravam, verificando as antenas a que se ligaram, é isso?

— Chamamos-lhes estações-base. Mas é precisamente isso, leitor de pensamentos. Podemos chegar muito perto. Mas aquelas listas são um pesadelo, por isso o departamento de análise de dados é que as trabalha, e o Peder também recebe uma cópia.

Listas de tráfego. Se tivesse acesso a elas, poderia dá-las a Benjamin, o filho iria adorar. Porém, tinha a sensação de que o departamento de análise de dados seria ainda mais difícil de lisonjear do que Ruben. Mas provavelmente conseguiria persuadir Peder ou, em alternativa, copiá-las às escondidas durante uma das sextas dele. Fosse como fosse, as listas ficariam para mais tarde.

— Então estamos aqui para assinalar quais as chamadas que poderão valer a pena localizar — constatou. — Para depois, quando receberem as vossas listas.

— Bravo, aprendes rápido! Sim, vamos ouvir as chamadas. Mas claro que agora que estás aqui, talvez possas simplesmente ler os pensamentos das pessoas! Acho que é essa a esperança da Julia.

Ruben soltou uma gargalhada seca e Vincent percebeu que não devia responder, mas pensava fazê-lo de qualquer forma. Ruben tinha de compreender que estavam os dois do mesmo lado.

— Talvez não consiga ler pensamentos — disse Vincent —, mas é possível apanhar alguns indícios se escutar com atenção. Por exemplo, é mais fácil identificar um psicopata através das palavras, os psicopatas são

bons a fingir expressar emoções no rosto e com a linguagem corporal, mas falham no discurso, enfatizam palavras neutras da mesma forma que as emocionais. Também podem falar de acontecimentos menores, como o que comeram ao pequeno-almoço, na mesma frase em que revelam um crime grave. E raramente falam sobre alguém que não eles próprios e preferem usar tempos verbais passados para se distanciarem. Mas, além da psicopatia, também podemos detetar na voz alterações do...

Ruben deteve-o levantando a mão.

— Vai correr bem, de certeza — disse e olhou para o relógio. — A conferência de imprensa já deve ter sido publicada em todos os *sites* dos jornais. E uma versão mais curta e o número de telefone acabaram de sair nas redes sociais. Agora é só esperar.

— E quanto tempo esperamos?

— O tempo que for preciso.

As primeiras dez chamadas foram uma mistura de tentativas óbvias de chamar a atenção e de pessoas que realmente queriam ajudar, mas não tinham nada a acrescentar, pelo menos nada a que Vincent considerasse valer a pena fazer uma análise mais detalhada. Ao fim de um longo tempo a ouvir o que poderia chamar, principalmente, de divagações, Vincent cedeu e foi também buscar uma chávena de café.

Três chávenas mais tarde, podia chamar à escuta telefónica a coisa menos emocionante que alguma vez tinha feito na vida. Ruben não falara muito mais, tinham estado os dois quase sempre em silêncio, à espera das chamadas. Por fim, Ruben espreguiçou-se com um gemido frustrado.

— Acho que vou sair por um bocado — disse. — Isto não está a dar em nada.

— Sair? Para onde?

Ruben encolheu os ombros.

— Um jogo de padel, talvez. Normalmente, a esta hora estão lá mais miúdas de vinte e cinco anos, daquelas com calças de ioga justas, estás a ver. Seja o que for, vou é pôr-me a milhas daqui.

Levantou-se e pegou no casaco que tinha pendurado na cadeira.

— Tu desenrascas-te sozinho — disse para Vincent. — Volto daqui a uma hora ou assim. Telefona-me se surgir alguma coisa.

Vincent ficou tão espantado que nem conseguiu responder, nem quando Ruben o deixou sozinho na sala soube como reagir. Não havia a mínima hipótese de que fosse permitido deixá-lo ali sozinho com todo aquele equipamento sensível, teria de contactar Mina para que ela fosse ter com ele. Além de que ela também seria uma companhia muito melhor.

Pegou no telemóvel para lhe enviar uma mensagem quando o símbolo de chamada em curso mudou de cor de vermelho para verde no monitor do computador. A mensagem automática a anunciar que a pessoa tinha entrado em contacto com a linha de denúncias da Polícia chegou ao fim e a chamada foi transferida para o sistema de alta voz.

— Estou verdadeiramente desapontado com a vossa incompetência — ouviu-se uma voz masculina irritada. — Isto é puro desleixo.

Mais um lunático a protestar. Cerca de cinquenta por cento das chamadas eram para dizer que a Polícia não sabia fazer o seu trabalho. Vincent procurou o número de Mina no telemóvel.

— O Robert morreu no dia três de maio — disse a voz. — Isso é mais do que evidente para todos. Três de maio.

O polegar de Vincent pairou sobre o telemóvel. O que é que o homem acabara de dizer? Raramente as chamadas anteriores tinham incluído qualquer detalhe e ninguém falara sobre uma data específica. Vincent

inclinou-se sobre a mesa e aumentou o volume da coluna de som ao lado do monitor.

— Estou muito preocupado com a vossa incúria ao tratarem disto — continuou o homem, cada vez mais irritado.

Apesar de agitado, o homem pronunciava cada sílaba minuciosamente, como se fosse importante ser exato. A escolha de palavras também indicava que desprezava a pessoa com quem estava a falar, que se colocava num nível superior, um possível transtorno de personalidade narcisista. Havia quem tivesse ligado a fingir ser o perpetrador, mas Vincent desmascarara-os a todos facilmente. Desta vez, era diferente, o seu cérebro levantou todas as bandeiras vermelhas sem se preocupar em explicar quais os sinais que estava a captar. Não tinha dúvidas, a pessoa com quem estava a falar era o verdadeiro assassino, aquele que procuravam estava tão próximo que até o conseguia ouvir respirar. Porém, não fazia a mínima ideia se era Jonas Rask.

— O mongoloide talvez tenha demorado algum tempo — disse o homem, de repente com outro tom de voz. — Mas vocês *sabem* quando é que ele morreu. Ou não perceberam mesmo o que é que os relógios partidos querem dizer?

Vincent tinha mil perguntas para o homem ao telefone. O que é que a contagem decrescente queria dizer, a quem é que se dirigia, porquê especificamente truques de magia. Porém, não podia fazer mais nada senão escutar.

— Têm de fazer um trabalho melhor do que isto — disse o homem e desligou.

Vincent olhou fixamente para o monitor. Com muito cuidado, moveu o ponteiro do rato sobre a folha de Excel e marcou a última chamada a

vermelho. Depois apercebeu-se de que Ruben não deixara o seu número de telefone.

— Ou seja, a data é realmente tão importante como eu julgava — disse Vincent, pensativo.

Mina e Vincent estavam sentados na sala de reuniões, em frente ao quadro branco onde haviam reunido todos os dados da investigação.

— Pois é — respondeu Mina, esfregando as mãos com álcool-gel. — Alguém estava muito ansioso para que acertássemos em todas as datas e horas exatas.

As mãos produziam um som sussurrante ao esfregá-las, o álcool secava-as de tal maneira que tinha pequenas fissuras na pele. Porém, era um preço que era obrigada a pagar. Estendeu o frasco de álcool a Vincent, que primeiro pareceu prestes a recusar, mas que, de seguida, encolheu os ombros e abriu as mãos para que ela pudesse despejar-lhe um pouco do líquido nas palmas.

— Só não percebo como é que o Robert se encaixa — continuou Vincent enquanto esfregava as mãos uma na outra.

O cheiro pungente do álcool espalhou-se pela pequena sala de reuniões, era um odor adorável.

— Pois, eu também não. Há uma ligação natural entre a Tuva e a Agnes e entrevistámos a família do Robert exaustivamente, mas não encontramos nada, rigorosamente nada. A Julia esteve em contacto telefónico com a equipa da residência de apoio, mas isso também não resultou em nada. Ela e o Christer ainda lá vão para falar com eles pessoalmente, só para não ficar

nenhuma pedra por virar, mas tens razão, o Robert não se encaixa no padrão.

— Hum...

Vincent girou na cadeira de forma a ficar com o rosto diretamente virado para o quadro.

— É isso que não consigo compreender neste caso — continuou. — Há tantas coisas que se destacam, que se contrariam umas às outras. Até eu sei que um assassino em série escolhe sempre o mesmo tipo de vítimas, não é preciso ser polícia para saber isso, basta fazer uma pesquisa no Google. A Tuva e a Agnes pode-se dizer que têm muitas semelhanças, são duas raparigas jovens. Mas o Robert, o Robert não se encaixa. Como o jogo «Quem está a mais?», que faziam naquele programa para crianças, o «Cinco formigas são mais do que quatro elefantes», lembras-te? Seja como for, quem está a mais é definitivamente o Robert. Além disso, tinha uma rede de contactos extremamente limitada, nenhuma vida social que não a família e as pessoas da residência assistida. Movia-se em círculos muito apertados. Ao contrário da Tuva, por exemplo, que se cruzava com uma enorme quantidade de gente diferente todos os dias no trabalho.

— A propósito, recebemos informações sobre o possível paradeiro do Jonas Rask. Uma das ex-mulheres ouviu dizer que ele está a viver numa autocaravana, algures nas imediações de Estocolmo, mas ainda não o localizámos. Existem uns quantos aglomerados de pessoas a viver assim, mas também se pode ter isolado nalgum sítio. De qualquer forma, parece-me que nos estamos a aproximar, vamos apanhá-lo em breve e terás oportunidade de lhe perguntar diretamente.

— Como disse, a lei das probabilidades aponta para que ele provavelmente esteja envolvido — disse Vincent e virou o olhar do quadro para Mina. — Mas não sei, não consigo deixar de pensar que o vosso

psicólogo criminal, o Jan Bergsvik, está completamente enganado. Simplesmente não faz sentido.

Os intensos olhos azuis de Vincent pareciam atravessar-lhe a alma e Mina teve de desviar o olhar.

— As pessoas fazem coisas estranhas que não dão para compreender — respondeu. — Mas o trabalho policial é muitas vezes simples, a solução mais fácil é geralmente a correta. Será apenas uma coincidência que um homem que assassinou duas jovens raparigas, e que violou pelo menos outras tantas, tenha sido visto ao redor e no café onde a Tuva trabalhava?

— Mas nenhuma das vítimas deste caso foi violada — objetou Vincent.

— Pois... O Rask esteve preso durante vinte anos, se calhar já não tem nenhum impulso sexual. Mas o ato de matar e mutilar os corpos talvez funcione como um substituto psicológico.

Vincent olhou para ela, surpreendido.

— Eu também sei algumas coisas — comentou Mina, piscando-lhe o olho.

— OK — disse Vincent. Mina percebeu, no entanto, que ele não estava de acordo. — Pareces o Jan.

Mina deu-lhe um pontapé por baixo da mesa.

— Talvez tenha sido o Jonas Rask a telefonar para chamar a atenção para as datas — disse Mina, sentindo, porém, que a cada palavra se enterrava mais fundo no pântano das improbabilidades.

— Sim, claro, tudo é possível. O que vão fazer em relação a esse telefonema?

Uma mosca da fruta voava à volta da bandeja no centro da mesa e Mina teve de engolir as náuseas umas quantas vezes antes de conseguir responder a Vincent. Pegou novamente no frasco de álcool e despejou uma enorme quantidade na mão. Refletiu sobre se conseguiria atingir a mosca com o gel,

mas percebeu que as hipóteses eram muito reduzidas. Vincent lançou-lhe um olhar rápido antes de se levantar, pegar na travessa com a fruta e sair da sala. Regressou de mãos vazias e sentou-se novamente como se nada tivesse acontecido. Mina sentiu os olhos arderem com as lágrimas, engoliu em seco e aclarou a garganta.

— Quando é que tens de te ir embora?

Vincent olhou para o relógio.

— O voo para Malmö é daqui a duas horas. Não tarda, vou-me embora.

Mina não queria que ele se fosse embora já. Desde antes da conferência de imprensa que não tinham tido tempo para simplesmente conversar. Mas como haveria de o dar a entender? O que quer que dissesse, acabaria por revelar mais do que desejava. Manteve o rosto neutro.

— Então é melhor continuarmos a trabalhar.

Kvibille, 1982

— Já posso entrar? — perguntou a mãe a rir. — Estou a morrer de curiosidade.

A voz ouvia-se nitidamente dentro do celeiro, apesar de estar do outro lado da porta.

— Espera só um bocadinho. Falta pouco.

Ajeitou a camisa e franziu a testa. Esperava que corresse bem, como havia planeado. A mãe andava tão triste desde que Jane se fora embora, quase não tinha falado com ele desde esse dia, a não ser quando cortava as torradas em triângulos ao pequeno-almoço e explicava quão importante era fazer da mesma maneira todas as vezes. De resto, andava como que absorvida pela invasão de ervas daninhas. Até havia um plano para elas, afixado na porta do frigorífico. Na verdade, era um esboço desenhado à mão com um marcador, numa página arrancada de uma agenda. Ainda assim, era um esquema.

Mia, Sickan e Lotta tinham visto o desenho e acharam-no a coisa mais estranha de sempre; aparentemente, os pais delas não faziam aquilo. Mas ele percebia como era importante ser minucioso e esperava realmente que também o tivesse sido. Se havia alguma coisa de que a mãe precisava, era de se sentir feliz outra vez. Se o que planeara não ajudasse nesse intento, não sabia o que mais fazer.

Aclarou a garganta e abriu a porta cerimoniosamente. A expectativa

brilhava nos olhos da mãe quando transpôs a soleira da porta e entrou na sua oficina mágica. Deu alguns passos e deteve-se subitamente quando viu o que ele tinha construído.

— Mas... como... é realmente... Ooooooh!

Era a maior caixa que ele tinha construído até agora, chegava quase à cintura da mãe. E tinha rodas, para poder girá-la e ser vista de todos os lados.

Soltou o travão de uma das rodas e girou a caixa num gesto dramático. A cor azul profunda ainda estava húmida contra os seus dedos. A mãe tapou a boca com as mãos, num gesto de admiração, e ele soltou um suspiro, não precisara de se preocupar. Além de que ainda tinha outra surpresa: quando o último lado da caixa ficou visível, mostrou-se que não estava pintado. Em vez de tinta, tinha usado fita-cola para afixar um papel com o texto: Reservado para Les Vargas.

— Devo ter sido santa numa vida passada — disse a mãe e enxugou as lágrimas com as costas das mãos. — É que não sei o que fiz para te merecer.

— Então, como é que isto funciona? — perguntou-lhe quando acabou de pintar. — Vais contar-me, ou não?

Desta vez também havia estrelas.

— Vai ter de ser, se quiseres ser minha ajudante — respondeu ele e abriu a caixa. — Ou já estás arrependida?

— Não, não, claro que quero! Quem diria que vou entrar num truque de magia?!

Os vapores da tinta estavam a deixá-lo tonto, talvez não devessem ter fechado a porta. Mas isto era o segredo deles, mais ninguém poderia ver. Não que costumassem receber visitas, mas ainda assim...

— Primeiro metes-te na caixa — disse à mãe. — Na verdade, também devias estar presa com algemas e dentro de um saco, mas não tenho sacos. E também não tenho algemas.

— Graças a deus! — comentou a mãe a rir.

— Depois eu tranco a caixa com um cadeado por fora e ponho-me em cima da tampa. Enquanto isso, tu foges pela porta secreta na parte de trás da caixa e escondes-te.

— Mas não vi nenhuma porta secreta?

A mãe pareceu subitamente ansiosa.

— O truque é mesmo esse — respondeu ele e sorriu. — Está escondida pelo padrão.

Mostrou-lhe a porta invisível na parte de trás da caixa, escondida pelos quadrados que tinha pintado. Era fácil abri-la pelo lado de dentro.

— Amarrei uma peça de tecido à volta desta argola — continuou a explicar. — Eu vou para cima da caixa, levanto a argola comigo no meio dela e assim o tecido tapa-me por todos os lados. Tu entras por uma abertura atrás de mim no tecido, pões-te ao meu lado e agarras a argola. Eu saio pela mesma abertura por onde tu entraste e enfio-me na caixa pela porta secreta. Depois tu largas a argola e és tu que estás em cima da caixa, e eu estou lá dentro. Vai parecer que mudámos de lugar por magia. Ou que nos transformámos um no outro, eu sou a mãe e tu voltaste a ter sete anos.

A mãe experimentou novamente a porta secreta.

— Está mesmo muito bem construída — comentou.

— Consegui encontrar instruções a sério. Mas temos de treinar muitas vezes, o truque está em fazer tudo muito rápido. A Jane não vai perceber nada.

Uma sombra escura passou pelos olhos da mãe e fê-lo morder o lábio, não devia ter mencionado Jane. Estúpido, estúpido irmão mais novo. A mãe

ainda estava triste por a irmã ter ido passar férias a casa da amiga, em Dalarna, mesmo tendo passado dois dias desde que ela se fora embora. Dois dias era uma eternidade. Só queria que a mãe começasse a demonstrar interesse por outra coisa, como praticar truques de magia com ele.

— A caixa não é lá muito espaçosa — disse a mãe, como se tivesse lido os pensamentos dele. — Tens a certeza de que caibo lá dentro?

— Isso também faz parte da ilusão, é maior do que parece.

Mostrou-lhe o plano de construção ao mesmo tempo que soletrava em voz baixa para si próprio. J-a-n-e tinha quatro letras e ela ia estar fora catorze dias. Quatro mais catorze dava dezoito. Tinham de praticar o truque dezoito vezes, depois Jane voltava para casa e a mãe ficava feliz outra vez.

— Vais estar dentro da caixa no máximo meio minuto — disse-lhe. — Depois sais às escondidas e trocamos de lugar.

— Meio minuto, dizes tu?

— No máximo.

Vincent está sentado no sofá do camarim, a voz do telefonema a ecoar-lhe na mente em *repeat*, desde que atendeu a chamada.

O espetáculo daquela noite aconteceu na sala de concertos Malmö Live. É sempre complicado fazer o evento em salas de concertos, muitas vezes é necessário bloquear os lugares das últimas filas, uma vez que dali as pessoas ficam demasiado longe do palco. Vincent quer que todas as pessoas no público o consigam ver sem problemas — e que ele também as consiga ver a elas. Ainda assim, mesmo com lugares bloqueados, tinham estado presentes seiscentas pessoas. O que é muito bom, tendo em conta que estão no final de maio e que as esplanadas são o seu maior concorrente, quando os meses de verão se aproximam.

Não eram seiscentas, corrige-se a si próprio, eram quinhentas e oitenta e seis. Vincent sente o cérebro querer começar a correr imediatamente atrás desse pensamento e deixa que aconteça, enquanto ajusta as garrafas de água fechadas em cima da mesa de centro. Todos os rótulos para o mesmo lado. Sente-se tentado a enviar uma fotografia das garrafas a Umberto, com o texto «#aguadatorneira», mas abstém-se.

Quinhentos e oitenta e seis.

5 + 8 + 6 igual a 19, 1 + 9 igual a 10, 1 + 0 igual a 1.

5 8 6 também é o título de uma música do segundo álbum dos New Order, aquela música estranha onde enfiaram partes de «Blue Monday», a

única música suportável que os New Order fizeram. E *monday* é segunda-feira, o primeiro dia da semana. O número 1 outra vez.

De acordo com a numerologia, o número 1 corresponde a criatividade e criação. Se Vincent quisesse lisonjear-se, descreveria bastante bem o seu espetáculo. O número 1 também é considerado um número masculino, provavelmente por causa da sua forma de falo ereto, uma prova de que a numerologia provavelmente foi criada por homens. Um número masculino mais realista teria de ser o muito mais pendurado número 9. Que, juntamente com 1, ficava 19, a soma de 5+8+6.

Quinhentos e oitenta e seis.

Mas o 1 também representa a solidão, o indivíduo singular. Que, naquele momento, está sentado sozinho num sofá preto gasto, em Malmö. Sente falta de Mina.

Mina? Não deveria dizer Maria?

Claro que também sente falta dos filhos. Da sua família. Mas, sim, sente falta daquela polícia estranha. Imensa falta. Nem sequer lhe perguntou se ela já resolveu o cubo de Rubik. Ele próprio está a lutar com o quebra-cabeças que o assassino apresentou ao telefone.

Vocês sabem quando é que ele morreu. Ou não perceberam mesmo o que é que os relógios partidos querem dizer?

Claro que os relógios indicam o momento das mortes, mas Vincent não consegue deixar de pensar que o assassino quer dizer algo mais. Três relógios. Três vítimas. Duas mulheres. Um homem. 3321. Vincent ri-se. Se bem se lembra, 3321 é o *clearing number* de um dos bancos escandinavos. Provavelmente não é isso que o assassino tem em mente. Não obstante, conseguiu fazer uma análise da pessoa que telefonou, com base no tom de voz e na escolha de palavras, e prometeu a Julia apresentar essa análise a toda a equipa assim que regressar a Estocolmo. Vincent sabe que só lá está

por mero favor, mas tem esperança de que lhe deem ouvidos pelo menos mais uma vez.

Levanta-se, vai até ao lavatório e deixa a água correr até sair gelada. Depois salpica a cara. Já chega de divagar por hoje. Na verdade, até tivera dificuldades em manter-se concentrado durante a atuação. Uma mulher da plateia chamara-lhe, do nada, Dumbledore, o que provocara muitas gargalhadas, mas levava Vincent a pensar no interrogatório de Daniel, cuja associação espontânea à palavra «magia» tinha sido Harry Potter.

Daniel é um assassino improvável comparado com Rask, mas dissera algo durante o interrogatório, algo de que Vincent não se apercebera na altura mas que ficara alojado no fundo da sua mente desde então.

Enxuga o rosto com uma toalha e olha para o seu reflexo no espelho, tenta ver para lá dos seus olhos e entrar na sua própria cabeça. Está algures lá dentro, algo importante. Tem de descobrir de que se trata. E provavelmente precisam de se encontrar com Daniel Bargabriel outra vez.

Daniel está à porta do prédio de Evelyn, a olhar para a fachada. É tarde e a rua está às escuras, mas há luz na janela da cozinha dela, no segundo andar. Ocorre-lhe que parece uma imagem de postal, a fachada amarela do início do século passado e a janela luminosa solitária. Fez asneira e sabe disso, mas não é assim tão estranho que tenha querido manter-se longe da Polícia. Sabe como as coisas funcionam: quando não se é tão branco como eles, o risco de se ser detido é muito maior. Bastava perguntar a Samir. E não interessa se uma pessoa fez alguma coisa ou não.

O ângulo a partir da porta do prédio é demasiado estreito para que consiga ver através da janela, mas Gabriel sabe que ela está sentada lá em cima, do outro lado do vidro, à espera dele. Manteve-se afastado demasiado tempo, pensou que poderia fazer com que a Polícia deixasse de se interessar

por ele. Mas aquele Vincent, um homem que repara em tudo, atento ao mais ínfimo pormenor. Daniel terá passado a ser mais suspeito do que nunca, só porque não queria arranjar sarilhos. Precisa da ajuda de Evelyn antes que a situação descambe por completo, não é culpado de nada para além de estar aterrorizado. E ninguém o pode culpar por isso. Mais uma vez, basta perguntar a Samir.

Mas não é só a ajuda de Evelyn que Daniel quer, quere-a *a ela*. Sente falta dela. Costumam começar os serões na cozinha, onde conversam sobre tudo e mais alguma coisa, geralmente com um copo de vinho ou uma cerveja a acompanhar. Evelyn costuma fumar um cigarro à janela. Quase nunca fuma, mas, ao fim de dois copos de vinho, gosta de se pendurar à janela da cozinha com um cigarro. Com a camisola às riscas que tem o decote suficientemente largo para que deslize sobre um ombro nu.

Costuma dizer que a faz sentir como se estivesse em Paris ou em Roma, em vez da enfadonha e desnecessariamente correta Estocolmo. Principalmente na primavera, quando gostaria de estar em qualquer lado exceto nesta cidade. Daniel nunca compreendeu muito bem; pela parte que lhe toca, acha Estocolmo linda na primavera. Por outro lado, também nunca esteve em Paris, em Roma.

Depois de trocarem dois dedos de conversa, Evelyn costuma ficar com um olhar sentimental e guia-o até ao quarto. Há vezes em que desatam aos beijos logo na cozinha. Ela sabe a fumo e vinho tinto e primavera e desejo. É uma rotina previsível, mas ele adora. Parece-lhe certa, romântica.

A noite que já cheira a verão está quente. Na verdade, podiam perfeitamente estar em Paris. Porque não? De qualquer forma, já tinha fechado todas as portas no café ao desaparecer sem dizer nada; por isso, podiam facilmente partir. Se esvaziar as suas contas bancárias, o dinheiro

deve chegar para pelo menos passarem os dois um fim de semana fora. Já devia ter feito isso há muito tempo, Evelyn teria ficado tão feliz.

Mas havia coisas que tinha de lhe explicar primeiro. O motivo pelo qual desaparecera. A razão por que não respondera às suas mensagens. Dizer-lhe que Tuva desapareceu. Tem a esperança de que ela o consiga perdoar por não a ter contactado, espera que compreenda que ele entrou em pânico quando a Polícia apareceu. Espera que ela não tenha deixado de o amar.

São muitas as coisas em que tem de ter esperança.

Evelyn vai ficar com aquela ruga de preocupação na testa. Talvez até aperte os lábios com força. Mas Daniel vai beijá-la no canto da boca. Oh, como sente falta de segurar o rosto dela entre as mãos. Inspira fundo, avança e começa a inserir o código de segurança da porta quando ouve uma voz atrás de si.

— Daniel?

Atrás dele está um homem desconhecido com cerca de trinta anos. Cabelo escuro, fato azul.

— Daniel, és tu, certo? — pergunta o homem. — Vivias com a Agnes, não era?

Daniel não responde. Agnes é a última pessoa de quem se quer recordar neste momento.

— Sebastian — anuncia-se o homem com um sorriso e estende-lhe a mão. — Sou amigo da Agnes. Quer dizer, era. Antes... pronto, tu percebes. Acho que tu e eu nos conhecemos numa festa qualquer.

— Talvez — responde Gabriel, hesitante.

Está convencido de que nunca se viram antes.

— Vives aqui agora? — pergunta o homem, e aponta para o prédio.

— Não, a minha namorada é que vive aqui.

Sebastian, como aparentemente se chama, solta uma gargalhada. Uma

sonora gargalhada.

— Isso é que foi trabalhar depressa! A Agnes está morta há quê... quatro, cinco meses? Então e em que andar é que ela mora, a tua nova namorada?

— Não é nova. E eu e a Agnes não estávamos juntos, eu só lhe alugava o quarto.

— *Yeah, right* — diz Sebastian, piscando o olho.

Daniel franze o sobrolho, a situação não lhe agrada. Não precisa de se defender perante este homem, mas está farto de ser acusado de tanta coisa. Porque é que este tipo não pode seguir caminho? Evelyn está lá em cima na cozinha, de certeza que já lhe serviu um copo de vinho, acendeu um cigarro, começou a pensar em Paris. Talvez tenha vestido a camisola às riscas que lhe fica tão bem. A pensar nele. E ele continua ali, na rua.

— Desculpa, mas estou atrasado — diz e começa a digitar o código de acesso ao prédio novamente.

Sebastian põe-lhe um braço à volta dos ombros e puxa-o para longe da fechadura eletrónica.

— Provavelmente, até foi pelo melhor, aquilo que aconteceu com a Agnes — diz Sebastian calmamente.

O corpo de Daniel fica tenso.

Vincent reclina-se no sofá do camarim e fecha os olhos. Volta a refletir sobre o interrogatório e o que Daniel disse. De qualquer maneira, não sabia nada sobre ilusionismo, isso era seguro. Pensava que um *double lift*, uma técnica em que se levantam duas cartas de um baralho de uma forma que parece que só se levantou uma, era algum nome para sexo em grupo. Vincent esforçou-se para não soltar uma gargalhada.

Daniel também se mostrara claramente nervoso por não acreditarem nele

quando lhes contou sobre a sua relação com Agnes e Tuva. E claro, o facto de Daniel as conhecer às duas por um mero acaso era, bem vistas as coisas, tão improvável que se tornava fácil acreditar que havia algo mais por trás disso. Porém, do ponto de vista puramente estatístico, era improvável que em qualquer investigação, em qualquer momento, isso *não* acontecesse. Todas as variáveis possíveis vão, em algum momento, acabar por se verificar. É isso que as pessoas não compreendem quando afirmam que «isto tem de querer dizer alguma coisa» porque encontraram um velho conhecido na rua quando acabaram de pensar nessa pessoa pela primeira vez em anos.

Vincent suspira. Se se fizer uma correlação de quantas pessoas alguém conhece durante a vida com a quantidade de pensamentos que essa pessoa tem por dia, é praticamente impossível que essas duas variáveis *não* se cruzem alguma vez. Não para todas as pessoas, mas para as suficientes. Não é nada «inacreditável»; pelo contrário, é muito provável.

Também não tinha visto sinais não-verbais na linguagem corporal de Daniel, ou na sua musculatura facial, que indicassem que não estava a dizer a verdade sobre Tuva e Agnes.

Vincent volta a abrir os olhos. Não é assim que se irá recordar daquilo de que precisa, é necessário vasculhar entre as memórias que o seu cérebro não registou conscientemente, memórias que não sabe que tem. E só há uma maneira de as alcançar, precisa de se hipnotizar a si próprio.

Levanta-se do sofá e tranca a porta do camarim para não assustar o pessoal da limpeza, caso o encontrem, isto para não agravar Umberto. Depois, deita-se no chão e olha fixamente para o teto. Costuma recorrer à auto-hipnose para adormecer quando Maria está deitada na cama a ler, com a sua luz de leitura desnecessariamente forte, mas desta vez não pode deixar-se dormir. Interessa-lhe como que saltar de um trampolim para

dentro do seu subconsciente. Vincent olha em volta e absorve as impressões que o camarim lhe dá.

— Cadeira, vermelho, perna metálica — sussurra. — Cortinado, floreado, feio. Banco, azul, MDF. O ventilador zumbe, ouço carros lá fora, o motor do frigorífico vibra. O tapete por baixo de mim é macio, o chão é duro, a temperatura está quente.

De seguida, fecha os olhos.

O homem que se chama Sebastian ri-se novamente. O riso é amigável, mas o braço à volta dos ombros de Daniel diz outra coisa.

— A Agnes não era propriamente uma defensora da família nuclear branca — diz Sebastian. — Por isso, de certa forma, até nos fizeste um favor. Mais vale livrarmo-nos do tipo de lixo que ela representa. O que achas que foi? Terá sido a tua grande picha síria que a encantou?

Sebastian toca-o provocadoramente entre as pernas, por cima das calças. Daniel tenta soltar-se do braço à volta dos seus ombros, mas Sebastian segura-o com força. Tem a garganta seca como um deserto, não conseguiria responder mesmo que quisesse.

Isto não está a acontecer. Não pode acontecer.

— O mesmo caralho com que agora voltas a sujar uma mulher sueca? — continua Sebastian. — Acho que não vai dar, Daniel. Ou seja lá como é que se pronuncia na merda da tua língua.

Sebastian afasta-o com um empurrão da porta do prédio, de Evelyn. Da segurança, da luz. Daniel quase perde o equilíbrio, mas endireita-se rapidamente. Se for ao chão, é o fim. A janela da cozinha de Evelyn brilha convidativamente alguns metros acima dele. Tenta obrigá-la a abri-la com a força do pensamento. *Olha cá para fora. Vê-me.*

Quatro homens com casacos de cabedal saem repentinamente da

escuridão do outro lado da rua. As letras FS brilham-lhes como relâmpagos brancos nos braços direitos. Não tem nada a ver com a produtora^[1], o FS que estes homens ostentam quer dizer «Futuro da Suécia».

Agora é que Daniel está transido de medo. Conhece-os, o «Futuro da Suécia» finge ser um partido político, mas, na verdade, são apenas rufias com uma insígnia. Josef contou-lhe o que lhe fizeram ao primo, uma pancada na nuca foi o suficiente para ter de usar uma bolsa de ostomia para o resto da vida. Tinha quinze anos. E para tanto bastara apenas um racista; agora eram cinco.

À exceção daqueles homens, a rua está deserta. Mas, ainda assim, podia gritar por ajuda. Evelyn talvez o conseguisse ouvir através da janela fechada.

— Evelyn! — grita Daniel. — Chama a Polícia!

As palavras são cortadas quando Sebastian lhe dá uma cabeçada no nariz. Daniel solta um guincho quando o rosto se transforma em pura dor. À frente dos seus olhos marejados de lágrimas produzem-se padrões de cores confusas. Não vê nada, não ouve nada. Apenas um zumbido agudo nos ouvidos. E a dor. Como se alguém lhe tivesse batido com um martelo. Não consegue respirar, o sangue do nariz partido enche-lhe a boca e escorre para a garganta. Desequilibra-se, leve como uma pena. *Não caias, por nada deste mundo.*

Daniel pisca os olhos para afastar as lágrimas e vê que os homens estão já a um passo dele. Dois deles empunham tubos de ferro.

— Ouvimos dizer que a Polícia te libertou — diz Sebastian e limpa com um lenço o sangue de Daniel que espirrou para a sua cara. — Mas não há problema, nós já estamos habituados a limpar a merda que eles deixam.

Vincent nada de um lado para o outro nas profundezas das suas

memórias. Está de volta à sala de interrogatórios, com a diferença de que agora, em vez de o seu cérebro classificar e priorizar entre as diferentes impressões, tudo o que acontece tem o mesmo grau de importância. É inundado por cores, palavras e movimentos. É um *tsunami* de impressões que ameaça afogá-lo, tem de conseguir ordená-las, encontrar as que se destacam.

As palavras de Daniel. Tem de se concentrar nas palavras de Daniel. Principalmente naquilo a que não atribuiu importância antes.

— *A Agnes e a Tuva que já se conheciam.*

Não, essas não.

— *O pai da Agnes é um racista.*

Não, isso também faz parte daquilo de que já se lembra. Tem de encontrar as falhas, os espaços vazios na sua memória.

— *Acontece constantemente entrarem pessoas que são simplesmente estranhas... claro que algumas delas também são clientes regulares.*

Algures ali, foi nesse momento que Daniel disse algo importante.

— *... a maior parte usa o café como escritório pessoal... As pessoas dos media trazem os computadores portáteis...*

Está muito perto agora.

— *Um cliente habitual estava sempre a olhar para esboços num dossier.*

Era isso. Esboços não costumam estar dentro de *dossiers*, são demasiado grandes para isso. Mas Vincent viu esboços dentro de um *dossier* recentemente, em casa de Sains Bergander.

Vincent abre os olhos; não se dá ao trabalho de sair suavemente do estado de hipnose, e o seu cérebro tem de carburar até à velocidade a que agora lhe exige que ele trabalhe.

Daniel viu um cliente regular a estudar esboços.

Vincent até podia apostar que eram esboços de truques de ilusionismo. É

por demais evidente, agora que pensa nisso. E Ruben numa coisa tinha razão: o assassino frequentava o café com regularidade para observar Tuva e aprender as suas rotinas, antes de atacar.

Daniel conhece a aparência do assassínio, talvez até lhe saiba o nome. Vincent pega bruscamente no casaco onde tem o telemóvel, atrapalha-se alguns segundos com ele antes de encontrar o atalho para os favoritos, e carrega no número de Mina. Irrita-se com o facto de o seu trabalho habitual o ter obrigado a afastar-se tanto do centro dos acontecimentos.

Têm de conseguir falar com Daniel o mais depressa possível.

Um dos homens arremessa o tubo de ferro contra Daniel, que levanta os braços automaticamente para proteger a cabeça. Um erro. A pancada atinge-lhe os antebraços levantados e esmaga-lhe os ossos. Daniel solta um grito e dobra-se para a frente.

Evelyn. Já deverá ter chamado a Polícia. Conseguirá ela ver o que está a acontecer? Estará à janela a olhar, demasiado assustada para a abrir?

— Chega — geme Daniel. — Chega. Já percebi.

A pancada seguinte acerta-lhe de lado e parte-lhe pelo menos uma costela. O mais certo é ter partido umas quantas. Já não consegue gritar e torna-se doloroso respirar. Os ossos partidos devem ter-lhe perfurado o pulmão.

Tenta recuar para se afastar dos homens, mas não está em condições de correr para lado nenhum. Dir-se-ia que se divertem a vê-lo. Depois os golpes são infligidos mais depressa, mas é como se as suas terminações nervosas estivessem sobrecarregadas com sinais de dor. O cérebro já não consegue recebê-los e organizá-los a todos. A única coisa que resta é a sensação de que está a arder.

Tem de acabar em breve. Ele e Evelyn hão de ir a Paris.

Uma pausa nas pancadas. Talvez já estejam satisfeitos, já transmitiram a sua mensagem.

— Um, dois, três!

Dois dos homens contam e, de seguida, atingem-lhe as rótulas com os tubos ao mesmo tempo. Daniel cai para a frente; tenta soltar um berro, mas o único som que consegue produzir é um farfalho. Cai sobre os braços partidos e bate com a testa no asfalto. Uma descarga de alta voltagem atinge-lhe o cérebro e à frente dos seus olhos produzem-se clarões brancos.

Evelyn põe-lhe a mão à volta da nuca, a mão que segura o cigarro, e beija-o, soprando-lhe o fumo para a boca.

Daniel está em chamas. Os homens continuam a golpeá-lo sem dizerem uma palavra. Ouve os baques surdos quando as botas lhe atingem o corpo. É demasiado, a dor acumula-se, aguarda a sua vez.

A janela iluminada de Evelyn por cima dele. Tão próxima. Daniel tenta chamá-la, mas a única coisa que sai da sua boca é de novo um som sibilante. Se ela pudesse apenas olhar lá para fora. Fumar o tal cigarro. Mas Daniel sabe que ela está à espera dele para isso.

A camisola que desliza sobre um ombro nu, um ombro que é uma promessa do que virá.

Estou aqui, olha para mim. Chama a Polícia.

Paris, Evelyn. Paris.

Uma bota particularmente dura contra a barriga faz Daniel encolher-se instintivamente em posição fetal. O pontapé força as costelas partidas ainda mais para dentro dos pulmões. Os ácidos do estômago projetam-se pela garganta e saem pelo canto da boca.

— Estás a vomitar para cima do meu sapato, seu nojento? — diz o dono da bota e dá-lhe outro pontapé no joelho.

Os fragmentos de osso no joelho partido movem-se com o embate, e

Daniel está perto de perder a consciência. Uma escuridão dançante toma-lhe conta da visão. *Falta de oxigénio*, pensa desapeadamente.

Porque é que a Polícia não vem?

De repente, os golpes cessam. Uma alteração no ar. Daniel sabe o que isso significa, o que está para vir. Aquilo que não pode acontecer.

— É tua vez, Sebastian — diz um dos homens. — Vamos lá acabar com isto.

Daniel fecha os olhos. Foca-se em Evelyn.

Tem uma garrafa de cerveja descontraidamente pendurada entre dois dedos.

Através da dor, Daniel concentra-se na forma como ela inclina a cabeça quando sorri para ele. O aspeto que ela tem quando acordam juntos, nus. O cheiro dela quando o beija. A fumo e a vinho. Como Paris.

Os porcos racistas nunca poderão tirar-lhe Evelyn.

Daniel agarra-se à imagem de Evelyn enquanto Sebastian salta no ar e lhe aterra com os pés juntos na cabeça.

JUNHO

— Bem-vindos!

Um homem à volta dos trinta anos e com uma clara energia *hipster* abriu-lhes a porta de vidro. Christer olhou em volta; até lhe parecia agradável. Luminoso, limpo, aconchegante. Nada como as urgências psiquiátricas que costumava visitar a intervalos regulares em trabalho. Essas tinham muitas vezes um ar despido, gasto, repleto de ansiedade e gritos distantes a ecoar entre as paredes. Porém, e como Julia prontamente lhe explicara no carro, isto era uma residência assistida, não um sítio para doentes psiquiátricos. E ele tinha perfeita consciência disso, mas, às vezes, achava divertido provocá-la e vê-la enrugar o narizinho sardento.

Julia era uma boa chefe. Mesmo que ela provavelmente pensasse que não, Christer gostava dela, mas escondia-o bem. Só precisava de tirar aquela vassoura do rabo de vez em quando.

O *hipster* conduziu-os até um pequeno escritório. A secretária estava limpa e arrumada e a estante na parede cheia de livros em linha reta. Livros técnicos. No parapeito da janela atrás da secretária via-se uma bandeira do orgulho *gay* e uma fotografia do *hipster* com os braços à volta de outro *hipster*, ao lado de um vaso com uma planta vistosa. Obviamente. O radar *gay* de Christer estava muito apurado e ele percebera assim que vira Hampus Norlén abrir a porta.

Christer não conseguia compreender o conceito de haver dois pénis no

leito conjugal, isso desafiava todas as formas de lógica biológica. Seria mais razoável dois parafusos ou um parafuso e uma porca? Nem era preciso responder. Mas cada um com a sua mania, assumia Christer. Desde que não se pusessem a abanar vibradores na cara das famílias com crianças que assistiam à Parada do Orgulho e se mantivessem discretos. Como Lasse fizera.

Lasse. Meu deus, há quanto tempo? Quase quarenta anos, talvez. Lasse fora o seu melhor amigo durante a adolescência. Quando tinham cerca de vinte anos, até chegaram a viver juntos. Tinham partilhado tudo ao longo de alguns anos; portanto, ninguém ficara mais surpreendido do que ele quando se descobriu que Lasse pegava de empurrão. Christer recordava-se de se abraçarem os dois com regularidade. Cultivaram esse tipo de relação, Lasse era um rapaz carinhoso, mas não tinha significado nada. E depois tudo se tornara mais difícil, quando soube. Por fim, perderam completamente o contacto.

— Os nossos pêsames pela vossa perda — disse Julia e sentou-se numa das duas cadeiras que Hampus colocou à frente da secretária.

Christer sentou-se na outra. Hampus fez um gesto de agradecimento com a cabeça e sentou-se por sua vez.

— Mantivemos a esperança até ao último minuto — disse num fio de voz. — A esperança é realmente a última a morrer, apesar de temermos o pior. Mas, se o que ouvi dizer for verdade, então, o pior que podíamos imaginar não estava nem perto de...

A voz de Hampus falhou e ele virou-se rapidamente para o lado para enxugar os olhos.

— Infelizmente, não podemos adiantar nada sobre a investigação — disse Julia suavemente.

Fez-se silêncio. Uma grande mosca zumbia a um canto e tentava

desesperadamente sair através do vidro, sem compreender por que motivo se interpunha algo entre ela e a sua liberdade.

— Quanto tempo é que o Robert viveu aqui?

Christer quebrou o silêncio e inclinou-se para a frente. A cadeira era terrivelmente desconfortável e já lhe doíam as costas e o rabo.

— Ele usufruiu dos nossos serviços de apoio desde que tinha quinze anos.

— Já falámos com os pais dele — disse Julia. — Só tinham coisas positivas a dizer sobre vocês.

Hampus assentiu com a cabeça.

— Sim, sempre tivemos uma cooperação muito boa com eles. E o Bobban é um rapaz muito querido. Era... Calmo, nunca violento. Temos outros residentes com grandes problemas de agressividade e que por isso não podem viver em casa. Esse não era o caso do Bobban, mas muitas vezes fugia e também não podia ficar sozinho sem vigilância constante. Então, a longo prazo, tornou-se impossível para a família combinar o trabalho com uma supervisão permanente. Foi aí que nós entrámos. Víamos a situação como uma partilha da responsabilidade parental do Bobban, guarda conjunta, se assim se pode dizer.

Hampus sorriu por trás da barba, e Christer coçou o queixo. Mantinha-se sempre bem barbeado, sempre o fizera. Fora uma coisa que a mãe lhe ensinara desde cedo, que ninguém confiava num homem de barba. Além do mais, faria muito calor no verão, para não falar de uma comichão danada. E toda a comida que provavelmente ficava agarrada a um arbusto denso como aquele...

Irritado, Christer desviou o olhar da barba de Hampus para a mosca no canto da janela. Maldita coisa barulhenta.

— Pode falar-nos um pouco mais sobre o Robert... o Bobban? — pediu

Julia, e pareceu completamente indiferente ao zumbido da mosca.

— Claro. O Bobban... que personagem. — O rosto de Hampus iluminou-se e os seus olhos ficaram brilhantes. — O mais divertido de todos! Costumávamos ver episódios antigos do *Jackass* juntos, ele achava aquilo muito engraçado. E adorava comida, tínhamos de estar sempre em cima dele, porque às tantas pesaria duzentos quilos. Nunca vi ninguém sentir tanto prazer em levar comida à boca.

— A propósito — disse Christer —, os pais mencionaram algo sobre ele ter tendência de pôr outras coisas na boca.

O seu olhar desviou-se involuntariamente para a fotografia de Hampus com o namorado. Só esperava que não interpretasse mal o que ele queria dizer sobre colocar coisas na boca... não queria parecer preconceituoso.

— Sim, era uma coisa muito estranha. Nós estávamos sempre um pouco preocupados com a possibilidade de o Bobban se engasgar com algum objeto. Levava realmente tudo à boca. Plantas, terra, bolas de argila dos vasos, gravilha, *you name it*.

A conversa sobre o que se podia levar à boca não ajudou Christer minimamente. Uma imagem apareceu-lhe na cabeça sem que conseguisse detê-la, de Hampus com o pénis do outro homem na boca. Abanou discretamente a cabeça para se livrar daqueles pensamentos.

— E as fugas? — perguntou Julia.

Julia parecia serena e relaxada apesar de a sala estar quente e abafada. Christer sentia o suor escorrer-lhe pelas costas e a camisa colar-se-lhe à pele. A mosca aumentou ainda mais o nível de ruído nas suas tentativas de fuga através do vidro.

— Sim, esse era o grande problema que tínhamos com o Bobban — respondeu Hampus. — Ele adorava sair daqui sozinho. Tínhamos um sistema em que um de nós se responsabilizava por ficar sempre de olho

nele, mas o Bobban era um espertalhão; de alguma forma, conseguia sempre esquivar-se. E a fiska andava sempre com ele, onde quer que o Bobban estivesse, a fiska também lá estava. Não têm noção de quão habilidoso ele se tornou com aquela coisa, até costumava entreter os outros residentes com exhibições. Conseguia disparar e tirar a tampa de uma garrafa de vidro sem sequer derrubar a garrafa. Era uma coisa impressionante.

Hampus abanou a cabeça, depois virou-se e, num movimento rápido e decidido, lançou o braço contra o vidro, esmagando a mosca com a mão.

— Desculpem, já não aguentava mais — disse.

Christer assentiu com a cabeça em agradecimento.

— Como é que ele fugiu da última vez? — perguntou. — E quanto tempo demoraram a perceber que ele tinha desaparecido?

— Descobrimos imediatamente. Foi da parte da manhã, por volta das dez, e era eu que devia estar de olho nele, mas um dos outros residentes escorregou nas escadas e eu fui lá a correr para ver como é que estava. Correu tudo bem e voltei ao fim de cinco minutos, mas já o Bobban tinha fugido. De início, não fiquei preocupado. Como disse, ele desaparecia com regularidade, mas encontrávamo-lo sempre. Só que... desta vez não. Quando começou a escurecer e ainda não o tínhamos encontrado, telefonei aos pais dele. E decidimos em conjunto que o melhor era telefonar imediatamente à Polícia. Graças a deus, vocês levaram logo o assunto a sério.

— Houve alguma coisa nessa manhã que lhe chamou a atenção? Alguém que tenha visto rondar e que não pertencia aqui? Seja o que for que o possa ter feito hesitar?

Hampus ponderou cuidadosamente a questão. Depois abanou lentamente a cabeça e abriu os braços.

— Não... não, estava tudo normal, não houve nada que me parecesse

estranho. Claro que passaram algumas pessoas e carros por aqui, mas isso acontece todos os dias. Não houve nada nem ninguém que me tivesse feito olhar duas vezes.

— Acha que o Bobban seria capaz de seguir um estranho? — perguntou Julia, que, finalmente, ostentava uma fina linha de suor sobre o lábio superior.

Christer sentiu-se satisfeito com aquele sinal de que ela, apesar de tudo, também era humana, e não um robô com um sistema de ar condicionado incorporado.

— Sim, sem problema nenhum. O Bobban adorava toda a gente, nunca pensava que alguém pudesse fazer-lhe mal. E nunca conheci ninguém que não adorasse o Bobban, era impossível não o adorar.

A voz enrouqueceu novamente. Hampus baixou a cabeça e pousou as mãos juntas em cima da secretária. Julia levantou-se.

— Acho que não precisamos de perguntar mais nada, por enquanto. Mas agradecemos a vossa disponibilidade para o caso de surgirem outras questões.

— Claro, só têm de nos contactar — respondeu Hampus e levantou-se para lhes dar um aperto de mão.

Christer hesitou, viu à sua frente o que as mãos de Hampus costumavam agarrar. Por trás de portas fechadas. Mas depois lá o cumprimentou, afinal não era nada de contagioso. O aperto de mão de Hampus era surpreendentemente forte, apesar de a sua mão ser macia e fácil de segurar. Christer segurou-a mais alguns segundos para mostrar que aquilo não o incomodava nada.

A sala estava apenas meio cheia. O tempo pusera-se demasiado bonito para alguém querer fechar-se a meio do dia e confessar os seus pecados. Ou os seus fardos, fosse lá como se escolhesse chamá-los. Ela própria estivera quase a desistir, mas, muitas vezes, era precisamente nessas alturas, quando começava a sentir que não precisava de ir, que estava a melhorar, que sabia que mais precisava de o fazer. Por essa razão, fora lá de qualquer maneira.

Mina olhou em volta. A Rapariga Golfinho sentara-se no lugar habitual. Já não tinha o plástico à volta da tatuagem e agora via-se claramente o contorno de um lobo no seu braço, com o texto «*Living on the edge*» por cima. Também a expressão *carpe diem* foi considerada significativa o suficiente para cobrir todo o antebraço. Deveras original... Mina talvez devesse passar a pensar nela como Rapariga Golfinho e Lobo. Ou Rapariga Banalidades.

Kenneth e a esposa na cadeira de rodas também lá estavam. Obviamente. Assim como o cão, *Basse? Bosse?* Era isso, *Bosse*. O animal observava o dono com interesse, deitado ao lado da cadeira de rodas, mas sentou-se com muito entusiasmo quando o olhar de Mina tombou sobre ele. Mina desviou rapidamente os olhos, não queria a atenção do cão de forma alguma e esperava que desta vez a trela estivesse presa algures do outro lado da sala, para que não pudesse chegar perto dela. Não queria sequer imaginar as coisas que pululavam por baixo daquele pelo.

Apesar de ainda ser o início de junho, a temperatura estava

opressivamente quente. O calor precoce parecera ter chegado para ficar e Mina sentiu gotas de suor escorrerem até à cintura das calças. Resistiu ao impulso de se levantar, sair, conduzir rapidamente até casa e ir direta para o duche. A transpiração era uma das coisas que lhe provocam um mal-estar arrepiante, pensava no suor como a sujidade interior que forçava o seu caminho através da pele. Durante o verão, tomava o dobro dos banhos. Seria capaz de tomar banho de hora em hora quando estava calor, mas dificilmente faria outra coisa.

Kenneth acenou-lhe com ar distraído e a sua esposa cumprimentou-a com um gesto da cabeça. Mina apercebeu-se de que não fazia a mínima ideia do nome da mulher de Kenneth, talvez devesse ter perguntado, ser educada. Mas queria realmente evitar conhecer demasiadas pessoas que se encontravam ali; o cão *Bosse*, aliás, já era um conhecido a mais.

A mulher na cadeira de rodas parecia cansada, pálida. E encalorada; o suor escorria-lhe abundantemente da testa para os olhos, fazendo-a piscá-los e levantar regularmente a mão para limpar as gotas salgadas.

As poucas vozes que se ouviam eram soporíferas; umas a seguir às outras, partilhavam as suas histórias, viravam-se do avesso, sucessos, derrotas, tragédias, triunfos. Alguns estavam no início da caminhada, outros já percorriam o caminho há muito tempo. Uns tinham o olhar iluminado de quem havia sido salvo recentemente, ainda não se tinham deparado com o primeiro obstáculo, ainda não sabiam que o trilho em frente não era tão a direito como parecia a princípio.

Mina tinha inveja deles, ela própria identificava-se mais com a determinação cansada dos veteranos, era mais realista, baseava-se na experiência daqueles que já tinham falhado, mas que voltaram a erguer-se. E que falharam novamente. E que se levantaram outra vez. Era o olhar de

alguém que via um caminho difícil e sinuoso à sua frente, mas que encontrara aceitação no facto de ser essa a estrada que ia tomar.

A sua cabeça caiu involuntariamente para a frente e Mina abriu os olhos que não sabia estarem fechados. Sem se aperceber, o calor fizera-a adormecer. Olhou em redor para verificar se alguém reparara que estivera a dormir e sobressaltou-se, algo estava errado com a mulher de Kenneth, tinha a pele ainda mais pálida e respirava aos soluços fortes. Kenneth também reparara que algo não estava bem e falava suavemente com ela, mas a esposa só abanava decididamente a cabeça.

Mina ainda hesitou, mas acabou por dar os poucos passos até ao lugar deles e agachou-se à frente da mulher. *Bosse* levantou-se, feliz, e começou a puxar a trela para chegar a Mina, que recuou instintivamente.

— Sente-se bem? — perguntou-lhe e lançou um olhar rápido a Kenneth.

— Ela não quer que eu chame uma ambulância — disse Kenneth, tomado pelo pânico.

A mulher estava com dificuldades em inspirar, parecia não conseguir responder por si. No entanto, voltou a abanar a cabeça. Mina pegou no telemóvel.

— Não interessa, ela tem de ir para o hospital. Imediatamente. Vou chamar uma ambulância.

Kenneth pareceu aliviado, mas a esposa sacudiu violentamente a cabeça. Mina ignorou-a. *Bosse* ofegava com a língua de fora devido ao calor e evidentemente não percebia que algo se estava a passar com a dona, pelo que toda a sua energia ansiosa era direccionada para Mina.

Mina fez uma chamada rápida, identificou-se como agente da Polícia, indicou a morada do local e descreveu brevemente a situação. Também referiu que a pessoa que precisava de auxílio estava numa cadeira de rodas.

Os outros membros do grupo aperceberam-se entretanto da situação. A

Rapariga Golfinho contorceu as mãos ansiosamente e olhou para Mina com ar preocupado.

— Estão a caminho — disse depois de terminar a chamada.

— Obrigado — disse Kenneth. — Bem, isto não costuma acontecer-lhe. Tem sempre...

A sua voz tornou-se pouco audível e Kenneth continuou a murmurar como que para si próprio. Provavelmente, encontrava-se em estado de choque. Mina estava prestes a colocar-lhe uma mão consoladora sobre o ombro, mas absteve-se. Kenneth parecia estar tão transpirado como ela se sentia.

A mulher de Kenneth mostrava agora um ar de pânico e a sua respiração tornava-se cada vez mais difícil. Até *Bosse* pareceu finalmente compreender que algo se passava e pousou a cabeça no colo da dona ganindo. Ela fez-lhe uma festa debilmente na cabeça; esforçava-se por respirar.

Mina falou com ela calmamente, esperando ouvir em breve o som das sirenes. Não demorou muitos minutos até as ouvir aproximarem-se e saiu para ir receber a equipa de paramédicos. Aconteceu tudo muito depressa. A equipa médica entrou a correr com macas e equipamentos e todos na sala se levantaram das cadeiras. Ficaram imóveis, perplexos, a observar o que acontecia.

A equipa da ambulância colocou a mulher de Kenneth na maca e Kenneth continuou sempre a segurar-lhe a mão. Mina acompanhou-os até ao exterior e viu-os levantarem a maca com rapidez e eficiência para a ambulância. Kenneth também saltou para o interior, sem nunca largar a mão da mulher. Precisamente antes de as portas se fecharem, gritou a Mina:

— O *Bosse*! Por favor, toma conta do *Bosse* por nós!

Mina olhou fixamente para a ambulância, que se afastava a grande

velocidade e com as sirenes ligadas. Atrás dela, dentro do local, ouviu *Bosse* ladrar alegremente.

Um rugido gutural e primitivo, vindo do interior do escritório, sobressaltou Rebecka de tal maneira, que ela deixou cair o copo de água no chão. Vincent tentou apanhá-lo ainda no ar, mas o copo estilhaçou-se contra o pavimento cerâmico. A água formou uma enorme poça, misturada com os cacos de vidro. Vincent tinha acabado de voltar para casa de Malmö, e nada mudara, aparentemente.

— Vincent!! — gritou Maria e saiu como uma flecha do escritório, o rosto vermelho como um tomate. — Disseste que ias deitar aquela maldita coisa para o lixo!

Aston estava sentado no chão da sala a brincar com Legos e começou a chorar quando ouviu a voz zangada da mãe.

— A mamã não está zangada — disse Maria e tentou acalmar-se. — Pelo menos, não contigo, meu amor. Vou só estrangular o teu pai, que quer que a tua mãe tenha um ataque cardíaco, a julgar que está a ser atacada.

Vincent estivera prestes a sair, convocara o grupo para uma reunião pela primeira vez e não queria chegar atrasado por ficar preso no trânsito. Tinha esperança de que já tivessem encontrado Daniel. O telemóvel de Mina estivera desligado a noite toda, provavelmente deitara-se cedo, mas Vincent enviara-lhe uma mensagem a dizer que era muito importante falarem com Daniel outra vez e que ele próprio gostaria de participar nessa conversa já hoje. Ou assim que conseguissem localizá-lo. Também enviara uma mensagem a Sains Bergander a pedir-lhe que tirasse fotografias a alguns

esboços de truques de ilusionismo e lhos enviasse para que pudesse mostrá-los a Daniel. Precisavam de descobrir que tipo de desenhos o cliente do café costumava ficar a estudar e Daniel poderia dizer-lhes se reconhecia aqueles. Também lhes poderia confirmar se esse cliente era ou não Jonas Rask se arranjassem uma fotografia dele. Aquela ideia era emocionante, como se ele se tivesse tornado «Vincent Walder, detetive privado».

Porém, sabia perfeitamente o que acontecera a Maria no escritório. A produtora mandara imprimir uma figura de cartão em tamanho real como publicidade para a sua mais recente série de televisão. Uma figura de cartão que o representava a ele. Maria batizara-a imediatamente de «maldita coisa» quando Vincent chegara a casa com ela. Pela parte que lhe tocava, Vincent achava-a bastante bonita. Prometera a Maria que iria deitá-la para o lixo, mas não tivera coragem de o fazer. Quantas pessoas poderiam gabar-se de ter uma cópia de si próprias em tamanho real? Para ser sincero, achava aquilo fantástico. Além disso, sentia-se incapaz de o destruir. Afinal de contas, era ele próprio. A nível psicológico, havia algo de profundamente perturbador na ideia de se deitar para o lixo. Na verdade, não fora há muito tempo que lera uma publicação deveras interessante sobre psicoterapia lacaniana. Um fio condutor da dissertação era a história de Ovídio sobre Narciso, o amor-próprio e o fascínio pelo ego são conceitos profundamente enraizados na psicologia humana. Até Freud, obviamente, tinha um termo para o fascínio desse autorreconhecimento, o *verliebtheit*.

— Cuidado, vais pisar o vidro — alertou ele Maria quando ela se aproximou a uma velocidade alarmante.

— A sério, qual é o tamanho do teu ego? — perguntou ela. — É preciso teres uma cópia de ti próprio no escritório? O que é que fazes com aquela porcaria, masturbam-se os dois juntos quando não está mais ninguém em casa?!

— Maria! — exclamou Rebecka, horrorizada. — Anda, Aston, vamos levar os Legos para o teu quarto.

— Fico com medo quando a mãe está zangada — disse Aston, infeliz.

Maria ficou com uma expressão atormentada no rosto e Vincent percebeu que a culpa de Aston estar assustado haveria de lhe ser assacada. Rebecka passou cuidadosamente pelos cacos de vidro e pela poça de água e foi até à sala. Lá, pegou enfaticamente na mão do irmão mais novo, apanhou o máximo de peças de Lego que conseguiu e fechou a porta atrás de si, sem sequer olhar para o pai ou para a madrastra-tia materna.

— Desculpa — disse Vincent. — Mas também não consigo perceber que ainda te assustes tanto sempre que lá vais. Já sabes que aquilo está ali.

Maria contraiu os lábios.

— E eu não consigo perceber o teu fascínio com aquela coisa.

— *Verliebtheit* — respondeu Vincent.

Maria olhou para ele.

— Lixo! — ordenou, fixando-o com o olhar.

— Prometo — disse ele e foi buscar um pano e uma vassoura.

Obviamente, iria chegar alguns minutos atrasado.

Mina observou o cão com um olhar tenso. *Bosse* parecia não tomar banho há muito tempo e, por certo, o seu pelo nunca conhecera um produto antibacteriano. No entanto, parecia feliz. Muito feliz. O abanar da cauda produzia um som rítmico contra o passeio, o que também fez com que muitas partículas de sujidade se levantassem do chão e lhe ficassem presas no pelo.

Vincent convocara todo o grupo para uma reunião a seguir ao almoço, queria falar sobre Daniel outra vez, pois, aparentemente, o jovem poderia ter informações importantes. De manhã, Mina dera conta de uma chamada não atendida e de uma mensagem escrita de Vincent no telemóvel, mas não tivera tempo de o contactar, por isso precisava de voltar para o trabalho rapidamente.

Olhou de novo para o cão. Simplesmente não era possível. Tinha de resolver a questão de outra forma. Mas como? Já tinha pedido, implorado, até mesmo ameaçado, numa tentativa de fazer com que algum dos outros na sala de encontros ficasse com ele. Porém, ninguém parecera interessado em fazer a boa ação do dia e Mina não podia simplesmente abandoná-lo. Por mais sujo e contaminado com bactérias que *Bosse* estivesse, era um ser vivo. Pelo menos, tinha a sorte de se encontrar a uma curta distância da sede da Polícia. Horrorizada, imaginou o que teria acontecido se tivesse tido de trazer o carro. Teria certamente de o plastificar. Ou amarrar o cão ao

tejadilho. Ou plastificar o cão. Se ele tivesse entrado no carro, o interior ficaria contaminado para sempre.

Iria ter de telefonar a Vincent a avisar que chegaria um pouco atrasada. Pegou no telemóvel para o fazer, mas entretanto apareceu uma mensagem no ecrã. Era de Milda, a médica-legista. Curiosa, Mina abriu a mensagem enquanto *Bosse* continuava o seu solo de percussão com a cauda. O resultado dos exames toxicológicos tinha chegado. Era um recorde, mas presumiu que Milda recorrera a todos os seus contactos pessoais no Centro Forense Nacional para compensar o erro na autópsia de Agnes. Leu a mensagem e guardou o telemóvel no bolso. Tinha *mesmo* de se ir embora.

Fixou os olhos em *Bosse*. Tinha uma garrafa de álcool-gel por abrir no bolso. Se ele não se portasse bem, teria de lhe dar um banho com ele.

Vincent estava prestes a entrar pela porta principal da sede da Polícia, quando viu um grande *golden retriever* correr na sua direção a toda a velocidade. O que o fez parar repentinamente foi o que viu a seguir: Mina a ser arrastada pela trela.

— Faz alguma coisa! — gritou-lhe Mina.

Vincent agachou-se e esperou pelo cão. Quando *Bosse* chegou ao pé dele, estendeu a mão para que o animal pudesse cheirá-la; se o deixasse lambe-lhe o rosto, tinha a certeza de que Mina insistiria em usar uma proteção de acrílico entre eles no futuro. O cão latiu de felicidade quando finalmente o conseguiu farejar. Depois de um exame cuidadoso à sua mão, lambeu-lhe os dedos um a um e pareceu contentar-se com isso.

— Também falas com cães? — perguntou Mina, ofegante depois da corrida rápida.

Vincent levantou-se e aceitou o álcool-gel que ela já tinha retirado do bolso e lhe estendia.

— Claro, só que tenho um sotaque terrível. Mas parece que ele me percebeu perfeitamente.

Vincent esfregou as mãos com toda a minúcia, mais por Mina do que por si próprio. O cão olhou para ele com ar feliz.

— Quem diria, um cão?! Há alguma coisa que me queiras contar?

— Chama-se *Bosse*. Estou a tomar conta dele. E assunto encerrado. Que história é essa do Daniel?

Mina lançou-lhe um olhar que ilustrava claramente que pensava matá-lo se Vincent sequer insinuasse que o cão ao lado deles existia. Vincent retirou-lhe a trela da mão sem olhar para *Bosse*, que soltou outro latido de satisfação. Mina começou a respirar muito mais descontraidamente.

— O Daniel disse uma coisa durante o interrogatório — começou Vincent a explicar. — Sobre um cliente do café onde eles trabalhavam, que costumava ficar a estudar desenhos. Não me apercebi na altura, mas penso que ele poderá ter visto o assassino. E talvez não apenas uma vez, mas várias. O próximo homicídio pode acontecer amanhã, ou a meio do verão, ou no outono. Ou daqui a um quarto de hora. Não sei dizer, uma vez que ainda não consegui decifrar o código. Se houver outro homicídio, a culpa vai ser minha e não sei se consigo viver com isso. Mas, se encontrarmos o Daniel, com um pouco de sorte, também encontramos o assassino. Antes de ele ter tempo de atacar outra vez.

Bosse ladrou, como se quisesse expressar a sua aprovação.

— *Bosse*, não! Deixa o caixote do lixo! Não, *Bosse*, não podes comer restos de bolo. Larga isso! Senta! Quero dizer, anda! Aqui! O raio do cão! Aqui, já!

Mina tentava levar *Bosse* até à sala de reuniões, mas estava difícil. Vincent desistira e devolvera-lhe a trela, assim que entraram no edifício, e Mina suspeitava de que ele simplesmente achava mais divertido assistir.

A porta da sala de reuniões abriu-se e Christer colocou a cabeça do lado de fora com uma expressão confusa. Quando viu *Bosse*, os olhos arregalaram-se-lhe. O cão avistou o polícia ao mesmo tempo e começou a abanar a cauda freneticamente. Christer agachou-se à frente do animal, tal como Vincent fizera. Pela parte que lhe tocava, preferia gatos. Não que qualquer animal alguma vez fosse passar a soleira da porta da sua casa, mas sendo forçada a escolher... Ao menos, os gatos tinham alguma integridade, ao contrário dos cães. Como ilustração desse facto, aquela tempestade dourada atacou Christer como se tivesse acabado de encontrar o seu melhor amigo de sempre.

— Olá, rapaz, olá! — mimou Christer. — Que bonito que tu és! Sim, que bom que é ser coçado atrás das orelhas, não é? Sim, eu sei, eu sei...

O cão lambeu avidamente o rosto de Christer, que pareceu não ter o mínimo problema com isso. Mina assistia horrorizada, enquanto Vincent exibia um grande sorriso nos lábios. Por fim, Christer levantou-se com alguma dificuldade, os joelhos a estalar ruidosamente.

— Tu não odeias animais? — perguntou Mina, totalmente confusa.

— O quê? Não, quem é que disse isso? — perguntou Christer a sorrir. — É um colega novo, ou quê? O novo Vincent? Pelo menos, têm a mesma cor de cabelo!

Mina lançou-lhe um olhar furioso e procurou em redor com a trela na mão. Havia uma mesa no corredor, talvez fosse suficientemente pesada para manter *Bosse* no lugar. Levantou uma das pernas da mesa e enfiou a pega da trela por baixo, para que o cão não conseguisse sair dali.

— Nem perguntes — disse. — Tenho de tomar conta dele durante algum tempo.

Vincent segurou a porta da sala de reuniões e Mina entrou.

— Christer! Não vens? — chamou para o corredor.

— Sim, sim, sim, já vou. Que chatos! — disse Christer, que já voltara atrás para dar festas ao cão.

Afagou o pelo dourado uma última vez, antes de seguir os colegas.

— Como é que podem dizer que não gosto de cães? — murmurou. — Basta olhar para ele e ver como é fofinho!

Quando Mina fechou a porta de vidro e deixou *Bosse* do lado de fora, o cão ficou com uma expressão ao mesmo tempo de perplexidade e tristeza. Inclinou a cabeça de um lado para o outro, sem compreender; as suas lamúrias infelizes ouviam-se através da porta. Mina ignorou-o. Peder e Ruben já estavam na sala de reuniões, à espera deles, mas Julia ainda não chegara. Não havia dúvida de que Peder e Ruben tinham ouvido o barulho e a confusão no corredor e Mina olhou para eles com ar irritado, principalmente para Peder, que agora tinha um sorriso enorme estampado no rosto e acenava para o cão.

— É um cão — disse Mina com um suspiro. — Chama-se *Bosse* e espero ver-me livre dele daqui a pouco tempo. Pronto. Vamos começar?

— Estamos à espera da Julia — disse Ruben.

Mina sentou-se ostensivamente de costas viradas para *Bosse*, pegou num pacote de toalhas antissépticas e limpou meticulosamente as mãos. Arrepiou-se quando pensou que *Bosse*, muito provavelmente, estaria a pressionar o focinho contra a porta atrás dela, deixando manchas húmidas no vidro. Esperaram alguns minutos em silêncio, enquanto Christer e Peder continuavam a acenar para *Bosse* através da parede de vidro.

— A propósito, a Anette já está melhor, tendo em conta que voltaste ao trabalho? — perguntou Ruben e piscou o olho a Peder.

— Uh... sim — respondeu Peder, lançando um olhar confuso a Ruben.

— Acho que o Ruben estava desconfiado de que tu, na verdade, tivesses tido uma aventura com um rabo de saia e que a Anette era só uma desculpa — explicou Christer.

— Eu não disse nada disso! — protestou Ruben.

— Pois não, mas nós bem sabemos o que te vai na cabeça — suspirou Christer.

Peder enfiou a mão na mala que estava ao lado da sua cadeira e retirou uma bebida energética, que produziu um animado som sibilante quando Peder a abriu.

— Isto é a maior aventura a que me posso dar ao luxo neste momento — disse e levantou a lata para Ruben num brinde.

Julia entrou.

— Está um cão aqui fora — começou por dizer, mas calou-se quando viu o olhar de Mina. — Muito bem... Vamos começar? Eu e o Christer fomos à residência do Robert esta manhã, mas não deu em nada, e, uma vez que foi o Vincent que convocou esta reunião, passo-lhe a palavra.

Vincent aclarou a garganta.

— Como vocês sabem, a seguir à conferência de imprensa recebemos

uma chamada durante a qual a data do homicídio do Robert foi indicada como tendo sido a três de maio. Penso que a chamada foi genuína. Já mencionei anteriormente que me parece estarmos a lidar com alguém cuja personalidade tem duas facetas, uma espécie de Doutor Jekyll e Mister Hyde, se quisermos exagerar. Nesse caso, foi o Hyde quem telefonou. Estava verdadeira e pessoalmente indignado, um timbre tão oscilante na voz é muito difícil de fingir, a não ser que se tenha treino em *method acting*. Além disso, a arrogância que aquele telefonema implicou está em plena conformidade com a audácia que o perpetrador demonstrou antes. Por isso, estou completamente convencido de que foi mesmo o assassino que nos ligou.

Bosse começou a bater com a cabeça contra o vidro e a ganhar alto. Mina ignorou-o e fez sinal com a cabeça para que Vincent continuasse.

— Foi o Rask? — perguntou Peder.

— As gravações que temos do Jonas Rask são demasiado antigas para podermos ter a certeza — respondeu Julia. — As vozes alteram-se com o tempo.

— Mas a escolha de palavras não aponta para isso — disse Vincent. — Estive a ouvir entrevistas antigas com o Rask e ele não fala daquela maneira. No entanto, a escolha de palavras na conversa foi cuidadosamente pensada, podia estar a seguir um guião. E isso qualquer pessoa pode ler, até o Rask. Mas a entoação e a ênfase não me pareceram certas.

Bosse deu uma cabeçada tão forte no vidro que a porta estremeceu e os gemidos transformaram-se num som que mais parecia um lobo a uivar à lua cheia.

— O raio do animal! — gritou Mina, irritada, e virou-se para a porta de vidro.

— Por amor de deus, ele só quer entrar e estar aqui connosco — disse

Christer calmamente e levantou-se.

— Não o deixes entrar!

Christer fingiu que não tinha ouvido e abriu a porta de vidro. *Bosse* arrancou a trela da perna da mesa e entrou na sala à velocidade de uma bala de canhão. Correu de imediato à volta da mesa e cumprimentou-os a todos, farejou-os e lambeu-lhes os dedos. Por fim, sentou-se entre Peder e Christer. Mina limpou as mãos freneticamente com mais uma toalhita antisséptica. Fora a única que não tocara no cão.

— Parece um maldito circo — murmurou.

— O telefonema, então — continuou Julia. — A pessoa que ligou deu alguma pista?

Vincent refletiu alguns segundos.

— Não — respondeu. — Bem, sim, uma. Ficou claro que quer pelo menos ser compreendido, se não pretender inclusive ser capturado. Vocês sabem que eu sempre olhei para as datas como parte de uma mensagem. Agora, já não tenho qualquer dúvida sobre isso. É muito importante para ele que tenhamos todas as peças, que percebamos a mensagem. Por outro lado, não faço a mínima ideia do motivo pelo qual isso é tão importante.

Mina tentou assimilar o que Vincent acabara de lhes contar. Já conhecia a maior parte daquela informação, mas era diferente ouvi-la resumida e em conjunto com o resto do grupo. Quando ela e Vincent conversaram sozinhos, pensou naquilo como uma possível teoria, mas, na sala de reuniões, tornou-se uma realidade. E viu nos rostos dos outros que já não duvidavam minimamente de Vincent Walder.

— Parece-me que podemos encerrar a linha telefónica — disse Julia. — Já temos o que era preciso. As outras chamadas que recebemos tinham qualquer interesse? Ruben?... Peder?... Alguma coisa a acrescentar? Já foi

possível localizar a chamada? Analisá-la? As listas resultaram nalguma coisa? Os técnicos conseguiram identificar ruído de fundo?

— Estamos a trabalhar intensamente nisso, mas ainda não recebi nada de mais concreto. Aguardamos informações das operadoras móveis, assim como uma análise técnica de voz para a comparar com a do Rask. E a análise dos ruídos de fundo também está a ser feita.

Como sempre, Ruben respondeu como se a pergunta que lhe fizeram fosse uma acusação.

— Então, é a minha vez — disse Mina e fez um gesto com a cabeça para Ruben. — A Milda telefonou-me quando eu estava a caminho daqui, já recebeu os relatórios toxicológicos. Não só o da Agnes, mas também o da Tuva e do Robert.

Mina fez uma pausa dramática, queria prolongar o momento, gostava do efeito que as suas palavras criavam.

— Cetamina — disse Mina.

— Cetamina? — repetiu Ruben com as sobrancelhas erguidas.

— Ou ketamina, é um anestésico usado em cirurgias — explicou Mina. — Está disponível em pó, comprimidos e ampolas. Portanto, é de fácil administração, mesmo em pessoas relutantes.

Christer coçou distraidamente a barriga de *Bosse*. O cão estava deitado de costas com as patas no ar, as orelhas abertas como leques ao lado da cabeça e um sorriso parvo.

— A cetamina também é conhecida como uma droga dissociativa, tal como o gás hilariante ou o PCP — acrescentou Vincent. — Na rua, é muitas vezes conhecida por *Ket*, *KitKat* ou *Special-K*, como os cereais de pequeno-almoço. Mas, tal como a Mina disse, é um anestésico, apesar de ser tão forte que pode causar alucinações, delírios, aumento da frequência cardíaca

e visão dupla. Na verdade, a cetamina é usada clinicamente tanto em humanos como em animais.

Vincent calou-se e todos olharam fixamente para ele.

— Preciso de me preocupar com o facto de estares tão dentro do assunto?

— sussurrou-lhe Mina.

— Em resumo, foi usada para anestesiar as vítimas — disse Ruben.

— Os toxicodependentes chamam-lhe cair no efeito *K-hole* — acrescentou Vincent.

— Pronto, sabemos que temos três vítimas com cetamina no sangue — concluiu Mina e aclarou a garganta. — Provavelmente usada como forma de as deixar mais dóceis. Ou então para reforçar a sensação de pesadelo em que se encontravam. Talvez uma mistura das duas coisas.

— Quão comum é esta droga? — perguntou Julia.

— Telefonei a um colega dos narcóticos durante... o passeio do... no caminho para cá — acabou por dizer Mina e ignorou a expressão divertida de Vincent.

Não fora bem um passeio. Bosse arrastara-a pela trela, enquanto Mina gastava as solas dos sapatos a tentar abrandar o avanço do cão. Até podia ter usado um trenó. Vincent estava provavelmente a tentar visualizar aquele telefonema e a quantidade de palavrões dirigidos ao cão que o colega do departamento de narcóticos fora obrigado a ouvir.

— É comum encontrá-la na rua — confirmou Mina. — A cetamina, quero dizer. Não é propriamente a droga mais comum de todas, mesmo nos serviços de saúde só é prescrita por alguns médicos como antidepressivo, mas não frequentemente. É ainda usada por veterinários em procedimentos cirúrgicos em diferentes animais. Cães, gatos, cavalos, roedores, macacos, doninhas, aves de rapina e papagaios.

— Os tipos dos narcóticos sabiam isso tudo? Sobre os animais? —

perguntou Ruben. — Vê-se mesmo que têm pouco que fazer.

Mina suspirou.

— Não, eu é que pesquisei no Google.

— Durante o passeio até aqui? — perguntou Vincent com um olhar inocente.

— Sim, no passeio. Meu deus, isto é como dar uma aula a um grupo da escola primária.

— As miúdas, eu fico com as miúdas, é a minha vez! — gritou Peder e despertou bruscamente do sono.

Bateu com um braço na lata meio cheia da bebida energética e fê-la cair. Formou-se diante de si uma poça na mesa.

— Acho que o Peder produz cetamina naturalmente — disse Ruben. — Quem é que consegue adormecer enquanto bebe bebidas energéticas?

— Bem, desisto — disse Mina e, com um suspiro, sentou-se à cabeceira da mesa.

Bosse levantou-se e fez uma tentativa de se aproximar dela, mas Christer agarrou na trela e impediu-o. Sorte a dele; encontravam-se no terceiro andar e Mina seria bem capaz de dar àquele cão a sua primeira e derradeira lição de voo.

— Uma última coisa — disse Vincent. — O Daniel fez um comentário durante o interrogatório sobre um cliente do café onde eles trabalhavam, alguém que costuma estar lá sentado a estudar esboços. Na altura, não dei muita importância, mas acho que o Daniel pode ter-se referido ao assassino. E talvez o tenha visto não apenas uma vez, mas várias. O Daniel pode ser a nossa chave para identificarmos o assassino. Se tiver sido o Rask quem ele viu no café, facilmente o irá reconhecer. Foi por isso que sugeri à Julia que o trouxessem cá outra vez, imediatamente. E ficamos mais próximos de resolver o caso.

— Emitimos esta manhã uma ordem para o localizarmos — disse Julia.
— Mas vou ver que mais é possível fazer.

Ouviram alguém bater à porta antes de um homem espreitar para dentro da sala. Mina não se lembrava do nome dele, só sabia que estava ligado aos serviços de socorro e emergência.

— Desculpem, mas foram vocês que... Oh, que cão tão bonito!

— Precisa de alguma coisa? — perguntou Mina friamente.

— Ah, sim, pois... Foram vocês que lançaram o alerta para um Daniel Bargabriel?

— Sim, estávamos precisamente a falar sobre ele — comentou Julia, surpreendida. — Precisamos de o trazer cá com urgência para o interrogarmos.

— Isso vai ser difícil — respondeu o homem. — Ou melhor, ele já cá está... mas no «frigorífico».

— No frigorífico? — repetiu Vincent, sem compreender.

— Está morto — disse Mina em voz baixa e olhou para o chão.

Até Bosse percebeu que algo não estava bem e ganiu.

— Era só para vos informar — disse o homem e voltou a fechar a porta.

Vincent encarregara-se de ir comprar café a sério, em vez daquilo a que Ruben chamava «café de polícias» e que havia na sala de reuniões. A verdade, porém, é que precisava de uma desculpa para sair do edifício. Saiu pela receção, dobrou a esquina e inclinou-se contra a parede. Respirou fundo algumas vezes. Não era possível que Daniel estivesse morto, se ainda pouco tempo antes acabara de o ver, de falar com ele, de o interrogar.

A percepção de que aquilo era real atingiu-o com a força máxima. O que acontecera a Tuva e a Agnes era absolutamente terrível, mas não passavam de nomes num papel, fotografias num computador. Quanto a Robert, lera sobre ele nos jornais. Nenhum dos três existira enquanto pessoa de carne e osso próxima dele, fora capaz de se relacionar com os seus casos de forma bastante racional e objetiva. Distanciada. Mas agora era diferente, agora tratava-se de alguém que lhe servira café. Grande merda! Continuou a controlar a respiração até sentir que a adrenalina e o cortisol lhe desapareciam lentamente da corrente sanguínea. Depois caminhou com passos pesados em direção ao café que Julia lhe recomendara. Faziam um desconto ao pessoal da Polícia.

Comprou café para todos e os bolos que ainda havia disponíveis, a pensar em Peder. Quando regressou, o ambiente na sala de reuniões continuava tão pesado como quando ele saíra. *Bosse* estava deitado no chão, quieto, com o focinho entre as patas dianteiras. O cão olhou para Vincent com um ar

infeliz, sem levantar a cabeça. Os cães podiam comer bolos? Christer talvez soubesse.

— O que é que perdi? — perguntou, pousando os sacos de papel em cima da mesa e retirando o que continham.

Todos ficaram gratos pelo café. Quando o aroma adocicado dos bolos se espalhou pelo ar, ouviu-se um latido ansioso vindo do chão.

— Podes comer um bocadinho — disse Christer e estendeu um pedaço de pão de leite a *Bosse*, continuando a dirigir-se ao cão como se este fosse um bebé. — Mas massa de pão não te faz bem; por isso, só podes comer um bocadinho muito pequenino. Senão ficas com dores de barriga. Percebes, pequenino?

— Suspeitam de alguma ligação entre a morte do Daniel e os outros homicídios? — perguntou Vincent.

— Temos o relato de uma testemunha — disse Julia e abanou a cabeça. — Acabámos de receber uma cópia. Pessoas com a insígnia do Futuro da Suécia na roupa foram vistas a fugir do local.

— Estes ataques arbitrários acontecem com mais frequência do que se pensa — disse Ruben. — O mundo é um lugar injusto. Ou são os racistas que andam por aí, ou são as mulheres...

— Claro que este caso tem de ser investigado a fundo — continuou Julia num tom ríspido, fazendo cara feia a Ruben. — Mas acho que não vale a pena termos grandes esperanças. Nunca saberemos quem ou aquilo que o Daniel viu no café. Resta-nos esperar que encontrem o Rask, tentar encontrar a próxima arma do crime, ou seja, o próximo truque de ilusionismo. Não que isso nos ajude a impedir seja o que for, na situação atual, mas pode ser bom saber o que temos pela frente se não resolvermos isto.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Peder e engoliu o resto da

bebida energética que não se entornara da lata. Já tinha bebido o café que Vincent trouxera; depois de pousar o copo de papel vazio em cima da mesa, retirou outra lata de dentro da mala.

— Vais mesmo beber café e dois... — começou Mina a perguntar-lhe, mas calou-se quando Peder virou os olhos cansados para ela.

— Quero dizer, que outras caixas usam os ilusionistas para lá enfiar pessoas e parecer que as matam? Há mais para além das que já vimos?

Todos os olhares se viraram para Vincent, que passou a mão pelo queixo enquanto refletia. Ficou surpreendido ao sentir a barba picar-lhe os dedos. Há quanto tempo não se barbeava? Não era nada dele. Um sinal de *stress*. Tinha de se lembrar de fazer a barba quando chegasse a casa. Ou não. Se fizesse a barba à noite, não teria de a fazer na manhã seguinte, que era a altura em que costumava barbear-se. Então, quando é que voltaria a barbear-se? Toda a rotina seria afetada.

Daniel estava morto.

Sentiu um aperto na barriga só de pensar nisso. Teria de se lembrar de fazer a barba na manhã seguinte, simplesmente.

Mas Julia colocara uma boa questão, e estavam à espera da sua resposta. Até Bosse olhava para ele com algo que se assemelhava a expectativa no olhar. Ou então tinha apenas esperança de que lhe dessem mais comida. Vincent não sabia interpretar tão bem os cães, as pessoas eram muito mais fáceis.

— Receio que haja outras — acabou por dizer. — Ilusões em que as pessoas morrem ou são mutiladas não são invulgares, antes pelo contrário. Neste momento, até me parece que são quase todas assim. O grande clássico é, claro, o «*Sawing a lady in half*», a senhora serrada ao meio. Horace Goldin e P. T. Selbit entraram numa disputa, no início dos anos vinte, para decidir qual deles foi o primeiro a encená-lo, mas o truque é

provavelmente do início do século dezanove. Começou por uma assistente a ser dividida em duas partes dentro de uma caixa. O Goldin depois retirou a caixa e usou uma grande serra circular, litros e litros de sangue falso. Uma coisa de bastante mau gosto, na verdade. Também há versões em que duas assistentes são divididas e depois trocam a parte inferior do corpo entre si, ou a «*Janet box*», em que não ficam duas partes mas nove, que depois são separadas. Como aquele corpo de cavalo seccionado, do Damien Hirst, não sei se conhecem. Mas, pronto, acho que podemos esperar ver alguma variante da «Senhora Serrada».

— E mais? — perguntou Julia, que empalideceu ligeiramente ao pensar no cavalo cortado às fatias.

— Ah... a «caixa *origami*», talvez. A assistente entra numa caixa, que é rapidamente dobrada, até se tornar demasiado pequena para que uma pessoa caiba lá.

— Mas nesse não parece necessariamente que alguém vai morrer — comentou Christer e coçou as orelhas de *Bosse*.

O cão começara a lamber a bebida energética entornada sobre a mesa.

— A caixa acaba por ficar tão pequena como a tua cabeça — explicou Vincent. — E depois, claro, é trespassada por espadas.

— Os truques de ilusionismo de palco parecem ser quase sempre sobre um homem a espetar uma mulher — disse Julia. — Terão todos os mágicos pilas realmente assim tão pequenas?

Peder engasgou-se com a bebida energética e Ruben ficou vermelho como um tomate. Abriu a boca e pareceu que se preparava para defender a espécie masculina, mas fechou-a novamente após um olhar de Julia.

— Ou então trata-se de uma exibição de poder sobre a vida e a morte — respondeu Vincent. — Mas isso talvez seja a mesma coisa. E já me estava a

esquecer do «*Crusher*», a caixa com uma assistente lá dentro e que é espremida num torno até ficar praticamente plana.

— Que agradável — comentou Christer. — Acho que ficámos com uma imagem bastante vívida. Já são muitas caixas.

— Bem, não é assim tão simples — contrapôs Vincent. — Nem todas as ilusões utilizam caixas. Por exemplo, no «*Impaler*», a assistente equilibra-se na horizontal sobre a ponta de uma espada. Parece que fica a pairar sobre a lâmina, até cair sobre ela e a espada lhe penetrar o corpo.

— Não posso! — exclamou Julia. — Eu estava a gozar há bocado, mas uma simbologia mais fálica do que isso é impossível de encontrar!

— Então, talvez vás gostar de saber que esse truque em concreto costuma ser feito pelo próprio ilusionista — respondeu Vincent com um sorriso irónico. — Não sei que conclusões simbólicas queres retirar daí.

A bebida energética pareceu surtir efeito, pois *Bosse* sacudiu repentinamente o corpo e depois deu alegremente duas voltas a correr ao redor da mesa para horror evidente de Mina e deleite de Peder. Quando ia a passar pela terceira vez por Christer, este agarrou-lhe o pelo.

— Sentado, *Bosse* — ordenou Christer com firmeza.

O cão obedeceu imediatamente, sentou-se ao lado de Christer e olhou para o polícia com ar feliz.

Vincent não conseguiu deixar de se perguntar se algum deles ouvira uma palavra do que dissera até então. Pela parte que lhe tocava, Vincent ainda estava a digerir a notícia sobre Daniel, mas assumiu que se ficava calejado quando se trabalhava como polícia.

— *Impaler* — disse Peder. — *Crusher. Zigzag lady. Origami box. Sword box*. Realmente, os nomes dos truques de magia parecem muito mais imponentes em inglês. «Caixa de espadas» não tem, de todo, o mesmo impacto.

— Tinhas mais alguma coisa a acrescentar sobre as ilusões, Vincent? — perguntou Julia.

— Sim, umas coisas — respondeu e aclarou a garganta. — Claro que também existem truques em que a morte só é uma ameaça se o ilusionista falhar. Como é o caso do «*Table of Death*».

Vincent lançou um olhar rápido a Peder, que parecia quase infantilmente divertido com o nome do truque de magia.

— O mágico está amarrado a uma mesa e tem de conseguir soltar-se antes que uma placa enorme cheia de espadas ou picos lhe caia em cima e o perfure. Ou então tem de conseguir libertar-se de uma camisa de forças, pendurado de cabeça para baixo sobre algo perigoso, de preferência preso por uma corda em chamas. E depois, claro, o truque preferido do Houdini, o «*The Water Torture Cell*», onde o mestre do escapismo, algemado e pendurado de cabeça para baixo, tem de sair de um tanque cheio de água, que também está trancado com um cadeado do lado de fora, antes de se afogar.

— Disso já gosto mais — disse Peder e empilhou cuidadosamente a segunda lata vazia sobre a primeira. — O homem que supera as probabilidades impossíveis.

Peder falava consideravelmente mais depressa agora, a dose tripla de cafeína estava a começar a fazer efeito.

— É precisamente isso — confirmou Vincent. — Uma das razões pelas quais Houdini se tornou tão conhecido foi porque trabalhou numa altura em que a economia estava difícil e a maioria das pessoas andava preocupada sobre como iria sobreviver. Então, surge um homenzinho judeu, que não só desafia literalmente aprisionado um ambiente claustrofóbico, mas que o supera todas as vezes. Acho que as mensagens positivas que os truques de

Houdini transmitiam podem ter salvado a saúde mental de umas quantas pessoas durante a Grande Depressão dos anos vinte.

— Vincent, isso foi mais informação do que estava à espera — disse Julia. — Ou que alguma vez precisasse. Ou que tivesse tempo de ouvir. Mas obrigada. Podes, por favor, compilar tudo num *e-mail*, de preferência resumido? E confirma junto dos teus contactos se há alguma coisa necessária para construir a maioria das ilusões, um certo material, dobradiças especiais, sei lá. Tenta encontrar um denominador comum para o maior número possível delas e depois passa a informação ao Peder, que pode telefonar a serralheiros, aderecistas ou o que for, para ver se alguém comprou coisas que possam indicar que estavam a construir um truque de magia. Mina, tu podes investigar o Futuro da Suécia, ver se alguém assume a responsabilidade pelo Daniel ou se vão sacudir a culpa do capote. Depois, também espero sinceramente que a imprensa deixe de usar o apodo ridículo de «Assassino Houdini» para nomear o perpetrador, mas provavelmente já é pedir demais, acho eu, um pouco de bom senso por parte da comunicação social em vez de andarem desenfreadamente à caça de audiências.

Fez-se novamente silêncio na sala e Vincent supôs que estivessem todos a pensar o mesmo, que o plano de Julia parecia impossível. Um pensamento começou a querer brincar às escondidas na sua mente, mas, assim que julgava revelá-lo, ele escondia-se novamente. Era sobre algo que Julia dissera, algo sobre construir...

— Eu sei o que vocês estão a pensar — disse Julia. — É um tiro na mais profunda escuridão. E provavelmente não vai dar em nada. Mas, sem o Daniel e enquanto esperamos pelo Jonas Rask, sinceramente não sei que mais podemos fazer. E, Peder, tu és excelente a encontrar agulhas em palheiros.

Construir.

Sains Bergander também dissera algo sobre construir, sobre ter de se redesenhar as construções. De repente, Vincent apercebeu-se do que isso implicava. Quisera combinar uma segunda vez com Sains, desde que fotografara a caixa em que tinham encontrado Robert, mas Sains não respondera. Além de que também já lhe tinha dito uma vez que não sabia quem tinha construído a caixa de espadas de Tuva. Mas Vincent fizera-lhe as perguntas erradas. Sains sabia mais. Vincent pegou no telemóvel e ligou-lhe de imediato, mas foi dar à caixa de correio de voz, o telemóvel estava desligado. Que merda! Tinha de conseguir entrar em contacto com ele o mais depressa possível.

O pânico ia aumentando à medida que se aproximavam do apartamento. Só o facto de estar dentro de um táxi, ainda para mais na companhia de um cão, provocava a Mina uma tal ansiedade que se ouvia a sua respiração rápida e superficial. Vincent ia sentado ao lado e ajudava-a a controlar a respiração. *Bosse* viajava na bagageira do táxi, uma carrinha familiar.

— Inspira e conta até quatro — disse Vincent e inspirou com ela. — Sustém a respiração durante quatro segundos. E expira aos quatro... Sustém.

Repetiram o exercício umas quantas vezes. Ao fim de algum tempo, Mina sentiu o sangue voltar a encher-se de oxigénio e tornou-se-lhe mais fácil pensar, quando a adrenalina já não lhe corria desenfreadamente pelo cérebro.

Passaram pela rotunda da Praça Gullmarsplan e Mina quase conseguia sentir quão próximo estava o oásis do seu apartamento limpo e livre de bactérias. O seu porto seguro, o lugar onde podia sentir-se limpa, pelo menos por curtos períodos. Mas isso iria acabar, o seu lar iria ser irremediavelmente invadido por todas as partículas, bacilos, micro-organismos e todo o tipo de porcarias que *Bosse* transportava no seu corpo coberto de pelos.

— Mas de quem é o cão, afinal? — perguntou Vincent. — Presumo que não seja teu...

Mina abanou fortemente a cabeça.

— Um... amigo... que foi para o hospital. Tive de ficar a tomar conta dele. Foi tudo demasiado depressa.

Mina fez uma pausa. Custava-lhe pedir ajuda, era um sinal de fraqueza não ser capaz de se desenvencilhar sozinha, não ser um forte impenetrável de autoconfiança e autossuficiência a todos os níveis da vida. Pedir ajuda significava deixar alguém entrar, por isso é que não a pedira a nenhum dos colegas. Pedir-lhes ajuda supunha que havia entre eles uma relação de amizade, e isso era coisa que não existia. Mina não ia jantar a casa deles, não lhes perguntava sobre as suas vidas privadas. Às vezes contavam-lhe coisas, como se nem reparassem que ela nunca respondia, nunca comentava e, acima de tudo, nunca dava nada em troca sobre si própria. Mina sabia o que podia acontecer se se abrisse. Mas agora não tinha escolha.

— Podias... ficar com o *Bosse*? — perguntou. — Até faço um bolo para os teus filhos como agradecimento. Quer dizer, fazer um bolo talvez não... mas compro na pastelaria...

Foi a vez de Vincent abanar a cabeça.

— Teria muito gosto — disse. — E o *Bosse* ia de certeza adorar a floresta à volta da minha casa. Mas a Maria é alérgica aos pelos. Não ia correr muito bem, tendo em conta a quantidade de pelo que este cão larga.

Aquela era a última coisa que Mina queria ouvir, não precisava de se virar para trás para ver a nuvem de pelos soltos que esvoaçavam à volta do cão. E de certeza que havia muitas outras coisas a viver naquele pelo. Mina fechou os olhos com força e estremeceu.

— Não há mais ninguém a quem possas pedir?

Mina virou a cabeça.

— Não é que eu tenha planeado que fosse assim — respondeu em voz baixa. — Não decidi de um dia para o outro que ia ficar sozinha. O trabalho... o trabalho é a minha família.

Mina calou-se. Não percebia como Vincent conseguia sempre fazê-la dizer um pouco mais do que era sua intenção, dizer mais do que de costume.

Em tempos, tivera amigos, e até uma família. Porém, as circunstâncias da vida alinharam-se como um colar de pérolas que, tal como o caminho dourado de Dorothy para Oz, a conduziram inexoravelmente na única direção possível. Repelira-os uns atrás dos outros. Consciente ou inconscientemente, não sabia dizer. Mas o trabalho era suficiente, não precisava de mais nada.

Encolheu os ombros e baixou os olhos.

— Parece que a vida simplesmente aconteceu. Acho que nunca tive a sensação de que podia ser eu a controlar aquilo que acontece comigo...

Vincent ficou em silêncio ao seu lado e Mina sentiu-se agradecida por ele não dizer nada.

O táxi aproximava-se de sua casa e a sua pulsação estava cada vez mais acelerada. *Bosse* ladrou na bagageira e o condutor lançou-lhe um olhar irritado pelo espelho retrovisor. Mina agarrou-se ao peito, sentia-se presa, encurralada. Nem sequer tinha um apelido, quanto mais o número de telefone dos donos de *Bosse*. Nas reuniões de AA só utilizavam o nome próprio, e por vezes nem isso. Kenneth. E a mulher. Eis tudo o que Mina tinha a que se agarrar. No seu íntimo, esperara que eles já a tivessem procurado para o ir buscar, que a mulher de Kenneth tivesse recuperado rapidamente e que agora estivessem a caminho de casa e quisessem ter o seu cão de volta quanto antes. Mas nem um sinal de vida. E, apesar de tudo, seria mais fácil serem eles a encontrá-la, pensou Mina. Sabiam que ela era polícia e que o seu primeiro nome era Mina, um nome invulgar, e não havia outra mulher chamada Mina na Polícia de Estocolmo. Talvez estivessem à

porta de sua casa, à espera dela? Mas não. Quando o táxi dobrou a esquina e parou, não havia ninguém à porta do prédio.

Talvez a Rapariga Golfinho soubesse como entrar em contacto com eles, mas como iria encontrá-la a ela? A única coisa que sabia era o seu primeiro nome: Anna.

A sensação de pânico aumentou. *Bosse* ladrou e remexeu-se de um lado para o outro no porta-bagagem. Mina saiu do carro o mais depressa que conseguiu.

— Eu continuo de táxi até casa — disse Vincent.

— Quanto é que fico a dever-te? — perguntou Mina, enquanto inspirava o mais profundamente possível o ar morno mas limpo do exterior.

— Isto vai para a conta da ShowLife Productions. Não que o Umberto precise de saber...

O motorista do táxi abriu o porta-bagagem e deixou *Bosse* sair. O cão saltou descontroladamente em roda de Mina, que tentou em desespero desviar-se para que ele não lhe tocasse. A trela andava às bolandas à volta do cão. O motorista agarrou nela com um movimento ostensivo e estendeu-a a Mina. Ao fim de alguns segundos de hesitação, Mina agarrou-a.

Tão estúpido. Tão inacreditavelmente estúpido. Mas agora não havia nada a fazer a não ser aceitar. Inseriu o código de acesso, abriu a porta do prédio, avançou para as escadas e subiu até ao seu apartamento enquanto o táxi desaparecia com Vincent. Retirou as chaves do bolso lentamente e atrapalhou-se com elas na fechadura antes de ouvir o clique que indicava que a porta já podia ser aberta. Ainda ia a tempo de mudar de ideias, de manter a sua bolha intacta. Porém, colocara o orgulho acima da santidade da sua casa e agora não havia volta a dar. Mina pressionou a maçaneta. *Bosse* aproximou-se rapidamente, encostou o focinho contra a pequena

fresta e, antes que ela tivesse tempo de perceber o que estava a acontecer, o cão conseguiu enfiar-se pela abertura.

Foi como uma explosão no meio da claridade, da contenção. Em apenas alguns segundos, *Bosse* já tinha entrado na sala, no quarto, na cozinha, na casa de banho, farejara tudo, esfregara-se nas superfícies, deixara pelos atrás de si, que rodopiavam no ar para, muito devagar, aterrarem no chão. Mina olhou fixamente para um tufo de pelos que já se agarrara ao braço do sofá. O sofá por onde Mina, apenas dois dias antes, andara com fita adesiva enrolada nas mãos, para poder remover o máximo possível de partículas de pó. Agora, as partículas de pó eram a menor das suas preocupações.

Fechou a porta atrás de si. Sentiu as lágrimas brotarem-lhe nos olhos e o pânico, que lhe fazia o peito subir e descer violentamente. *Bosse* pareceu sentir que algo não estava bem e voltou para junto dela a correr, sentou-se à sua frente no tapete do *hall* de entrada com as orelhas levantadas. Mina não conseguia suportar a ideia da quantidade de coisas que emanavam dele, que rastejavam nele, que agora lhe rastejavam pelo sofá, pelo chão, pela colcha da cama, pelo tapete da sala, pela mesa da cozinha, pelo chão da casa de banho, pelo chuveiro, pelo frigorífico, pela máquina de café, pela roupa, pela...

Abriu a porta com um estrondo e saiu apressadamente do apartamento. *Bosse* seguiu-a através da porta aberta. Mina fechou-a rapidamente atrás dele, sentou-se com as costas apoiadas na porta e agarrou firmemente a trela. De seguida, com as mãos a tremer, pegou no telemóvel. O orgulho teria de ser completamente sacrificado, desta vez.

Vincent ficou parado no meio da cozinha, com o telemóvel na mão. A conversa que acabara de ter fora totalmente inesperada. Dirigiu-se para a sala de estar, tentando organizar os pensamentos.

— Que cara é essa? — perguntou Maria, do sofá. — A Mina já não quer continuar a ter sexo telefónico contigo?

Maria estava a comer um pacote de gomas. Segundo ela, não havia problema nenhum em comer doces, desde que fossem veganos. Não que ela fosse vegana, mas, aparentemente, eram mais saudáveis. Vincent não tivera coragem de lhe dizer que o açúcar, qualquer que fosse a sua fórmula, vinha de plantas.

— Não, acabei de falar com a Ulrika — respondeu Vincent. — A tua irmã.

— Eu sei quem é a Ulrika.

Maria colocou uma goma verde e outra vermelha na boca. Dizia que sabiam sempre melhor quando se misturavam as cores.

— Ela quer encontrar-se comigo — disse Vincent. — Para conversarmos sobre a Rebecka. Acho que... pareceu-me que desta vez me deu mesmo ouvidos. Sobre procurar apoio psicológico para a Rebecka, quero dizer.

Maria amassou o pacote de plástico com um farfalhar agressivo, mas nada disse.

— E não parecia tão irritada e decidida como é seu costume —

continuou. — Pelo contrário, acho que realmente pensou melhor sobre o assunto.

— Não gosto que te encontres com a minha irmã — disse Maria. — Tu sabes que ela não te esqueceu. Nem deixou de usar o teu apelido.

Vincent abriu os braços em frustração, devia ter percebido que aquilo já seria de esperar.

— O nome é por causa da Rebecka e do Benjamin — disse-lhe. — Tu sabes disso. E claro que tenho de me encontrar com ela de vez em quando; apesar de tudo, é mãe de dois dos meus três filhos. Temos de estar de acordo sobre algumas coisas. E não quero que a Rebecka e o Benjamin sejam tratados de forma diferente pelos pais. Esta situação em particular requer um consentimento por escrito dela e meu.

Maria abriu novamente o pacote e enfiou três gomas na boca de uma vez. Vincent não conseguiu ver de que cores eram.

— Seja como for, não gosto — insistiu Maria. — Na condição de mãe de um dos teus três filhos. Então e quando é que se vão encontrar?

— Daqui a um mês. Advogada muito ocupada, já sabes como é. E vamos encontrar-nos na cidade, em território neutro. Ela vai jantar com um grupo de amigos; combinámos um pouco antes para podermos conversar.

— Então, divirtam-se. Já estarei a dormir quando chegares a casa.

— Combinámos encontrar-nos às sete, por isso...

Maria encolheu os ombros e começou a procurar o comando da televisão, que tinha desaparecido por entre as almofadas do sofá. Aparentemente, a conversa tinha terminado.

Vincent suspirou. Mais uma vez, no final de uma conversa com a mulher acabara a sentir que fizera algo errado, mas sem saber realmente o quê.

— És feliz, Maria? — perguntou Vincent, subitamente. Não fora

planeado, não soubera que as palavras lhe iriam sair da boca até as ter ouvido. E aí já era demasiado tarde para as retirar.

— O que é que disseste? — perguntou Maria, meio distraída.

Virou ligeiramente a cabeça na direção de Vincent, mas sem tirar os olhos da televisão, onde passava o genérico do programa «Casados à Primeira Vista». Vincent sabia que era gravado e poderia pôr na pausa a qualquer momento se realmente quisesse falar com ele. Mas Maria escolheu não o fazer.

— Nada, deixa — respondeu Vincent.

A verdade é que também não sabia como continuar.

Peder estava a caminho de casa quando Mina lhe telefonara, mas voltara atrás de imediato. O facto de Mina pedir ajuda não era nada vulgar, e fazê-lo a propósito de uma situação do foro privado, isso então nunca acontecera, pelo menos que conseguisse lembrar-se. Era como se o cometa Halley regressasse ao fim de trinta e cinco anos. Mas Peder gostava de Mina e fora sensível ao desespero na sua voz. Então, por mais pressa que tivesse realmente em chegar a casa, acabara por dar meia-volta. Nunca tinha estado em casa de Mina, mas não seria difícil encontrar a morada com o GPS.

— Olá.

Sem um pinga de energia, Mina ergueu a mão num leve aceno quando Peder saiu do carro. Levantou-se do passeio, pegou no saco de plástico em que estivera sentada e caminhou a passos determinados em direção a ele, apertando firmemente a trela de *Bosse*. O cão começou a saltar alegremente de um lado para o outro, com a língua pendurada, quando viu Peder, em cujo rosto se abriu um grande sorriso. Havia alguma coisa nos *golden retriever* que lhe provocava um formigueiro de felicidade na barriga. Eram tão flagrantemente positivos em relação a tudo na vida. Se pudesse renascer como um animal e escolher qual seria, não teria a mínima dúvida de que regressaria à terra como um *golden retriever*.

— Obrigada — disse Mina e estendeu-lhe a trela.

Peder limitou-se a acenar com a cabeça. Sabia que era melhor não fazer

um grande alarido da situação.

— Telefona-me se os donos derem notícias — disse-lhe e abriu uma das portas traseiras para que *Bosse* pudesse saltar para dentro do carro.

Peder viu que os olhos de Mina estavam colados ao cão no banco de trás e que as mãos lhe tremiam ligeiramente. Quase conseguia ouvir o que Mina estava a pensar, mas os pelos do cão não o incomodavam minimamente, há muito tempo que não considerava o *Volvo* da família um carro particularmente seguro do ponto de vista higiénico. Nem ele nem Anette eram especialmente arrumados e, desde o nascimento das trigémeas, tinham desistido por completo. Pelo canto do olho, viu que *Bosse* estava a lamber o assento no sítio exato onde Molly vomitara dois dias antes. No entanto, percebeu que o mais sensato era não passar essa informação a Mina.

— Ligo-te assim que souber alguma coisa — respondeu Mina.

— Já agora — disse Peder e parou já meio dentro do carro. — Estava quase a esquecer-me, passei pelo café Fab Fika, em Hornstull. Pensei que, se o Daniel tinha visto alguém suspeito, talvez algum dos outros empregados também tivesse visto alguma coisa, mas ninguém viu nenhum cliente com esboços.

— Claro.

— E percebo porquê, os empregados também não me viram durante os primeiros cinco minutos em que lá estive, estavam demasiado ocupados à conversa uns com os outros. Os clientes, pelos vistos, não são a sua prioridade. A juventude de hoje e tal — disse Peder a abanar a cabeça.

— Obviamente, as tuas três filhas nunca serão assim — respondeu Mina com um sorriso.

— Claro que não. Assim que chegar a casa, é hora da lição de etiqueta e boas maneiras. Se não aprenderem a servir um *cappuccino* ao pai em três

minutos, atíço-lhes o cão. E tem de ser com um retrato do pai desenhado na espuma!

Peder sentou-se finalmente ao volante e Mina acenou-lhe com a mão.

Enquanto se afastava, viu-a caminhar de volta em direção à porta do prédio com uma postura muito mais direita do que quando ele chegara.

Uma hora e meia mais tarde, estava em casa. Como tinha voltado para trás quando Mina lhe ligara, acabara por ficar preso na hora de ponta e levava o dobro do tempo a chegar a casa. *Bosse* dormira como uma pedra no banco traseiro, mas, assim que Peder se aproximou da garagem e parou o carro, sentou-se e olhou em volta com curiosidade.

Voou para fora do carro mal a porta se abriu e foi por um segundo que Peder conseguiu agarrar a trela, antes de ele se pôr na alheta. E foi algures por ali, parado à entrada da garagem, que Peder começou a aperceber-se de que aquilo talvez não pertencesse à categoria das suas melhores ideias. A sensação foi reforçada quando abriu a porta de casa e foi recebido pela voz de Anette, que jorrava como uma torrente vinda da casa de banho.

— A sério, não aguento mais isto, demito-me, elas não dormiram nem um minuto o dia todo, não, esquece, dormiram um minuto, mas não dormiram esse minuto ao mesmo tempo, e eu também não dormi esta noite, sei que devia ter-te acordado, mas tu estavas completamente ferrado com ar de quem podia continuar a dormir mesmo que houvesse uma guerra mundial e eu de qualquer maneira já estava acordada e não conseguia voltar a adormecer, por isso agora estou na minha vigésima hora consecutiva acordada e a Molly acabou de bolsar para cima da Meja, e assim que acabei de lhes mudar a roupa às duas a Majken borrou-se toda e escorreu pela fralda, por isso agora tenho de a mudar a ela outra vez, e porra que não foi para isto que eu me candidatei, era suposto ter um bebé, *um* maldito bebé nos braços, e parecer uma daquelas famosas nas capas das revistas a ser

simplesmente fabulosa e maternal enquanto bebia um *cappuccino* e comia um maldito bolo de sementes de chia, ninguém me disse nada sobre este inferno de merda e bolsado, se mais alguma coisa correr mal hoje juro que vou saltar da Ponte Västerbron, estás a ouvir Peder, *uma única coisa* que corra mal e eu atiro-me da ponte!

Bosse soltou um latido e puxou a trela, mas Peder conseguiu levá-lo rapidamente pela porta de casa outra vez e fechou-a com cuidado. Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem a Anette a dizer que recebera um alerta e tinha de sair num instante outra vez. Depois, procurou um endereço. Por momentos, ponderou telefonar-lhe, mas depois guardou o telefone novamente no bolso. O melhor era aparecer sem avisar.

Ouvia-se uma música baixa mas peculiar através da porta do quarto de Benjamin. Vincent estava com a mão levantada para bater, mas deteve-se; tentava perceber que som era aquele, procurava referências musicais que pudesse usar na conversa com o filho para reforçar a relação com pontos em comum. Não tinha nenhuma ambição de ser um daqueles «pais fixes», essa era uma categoria de pessoas que Vincent sentia dificuldade em compreender, principalmente aquelas que precisavam de salientar quão «porreiras» ou «relaxadas» eram. Sobretudo em relação aos filhos. Porém, era sempre mais fácil conversar sobre coisas sérias quando tinham um denominador comum que pudessem discutir primeiro.

Além do mais, os interesses e gostos musicais dos filhos eram um verdadeiro desafio. Provavelmente, eles nem pensavam nisso, mas, graças aos filhos, Vincent tinha experiências que, de outra forma, nunca teria tido. E a melhor maneira de manter o cérebro em forma era, de longe, proporcionar-lhe impressões inesperadas com regularidade. Incompreensível que nem todos percebessem isso, a maior parte das pessoas parecia fazer a mesma coisa da mesma maneira a vida toda e ficar satisfeita com isso. Era algo que Vincent nunca iria compreender.

Encostou o ouvido à porta e não teve a certeza do que pensar sobre a escolha musical de Benjamin para aquele dia. Não é que soasse mal, mas faltava-lhe um contexto. O mais próximo que conseguiu chegar foi que parecia música de circo, se um grupo circense fosse composto por

assassinos empunhando machados. Um circo assassino. Quando deu por isso, a mente encheu-se-lhe de imagens de como um circo desses poderia parecer, o cheiro da arena, o que estaria escrito nos cartazes. A parte do som já estava tratada.

Bateu à porta seis vezes, três vezes duas batidas, e a sensação da madeira contra os dedos trouxe-o de volta à realidade. Vincent não obteve resposta, então, abriu a porta e lançou uma olhadela ao computador de Benjamin, onde o Spotify selecionara uma banda chamada The Tiger Lillies. Três homens pálidos maquilhados como demónios e chapéus de coco na cabeça faziam caretas estranhas. Não falhara por muito.

Benjamin estava deitado na cama, com um computador portátil em cima da barriga. Com os auscultadores postos, parecia imerso num vídeo de uma palestra no YouTube. Provavelmente, nem estava a ouvir a música. Só quando Vincent se sentou na beira da cama é que Benjamin reagiu, pôs o vídeo em pausa e olhou para cima, mas manteve os auscultadores nas orelhas.

— O que é que estás a ver? — perguntou Vincent.

— Uma coisa superinteressante. Imagina que fazes parte de um grupo de soldados derrotados pelo inimigo e, em vez de se deixarem capturar, planeiam cometer suicídio coletivo. Mas, por motivos religiosos, não podem matar-se a si próprios.

— Benjamin... há alguma coisa com que me preocupar? — Vincent franziu as sobrancelhas. — Parece ser coisa de fanáticos.

— Não pretendo tornar-me terrorista — suspirou Benjamin. — Isto é um problema de matemática. E parece que aconteceu na realidade, com soldados judeus capturados pelos romanos. Imagina que és um dos soldados e estão todos sentados num círculo. Tu vais matar a pessoa sentada do teu lado esquerdo. O próximo mata a pessoa à esquerda dele. E assim por

diante. Ao fim de algumas voltas, todos estarão mortos, exceto um, claro, que é obrigado a sobreviver. Mas imagina que tu queres ser aquele que sobrevive. Se souberes quem vai ser o primeiro a matar e o número de lugares, em que lugar a partir do que começa é que te deves sentar para ser o que sobrevive?

— Não tens nada mais difícil do que isso? — perguntou Vincent. — Mas a matemática por trás é interessante. Assim que o número total de pessoas no círculo for uma potência de dois, é sempre a pessoa que começa, ou seja a que está sentada no lugar número um, que vai sobreviver. Então, a única coisa que se tem de fazer para sobreviver, independentemente de quantas pessoas estão no círculo, é primeiro contar o número de pessoas e subtrair a potência de dois. Por exemplo, digamos que tens dezanove pessoas, aí tens de retirar dezasseis. Depois pegas nas que sobram, três, neste caso, e duplicas, uma vez que as mortes são alternadas, saltam a pessoa que morre. E depois adicionas isso à posição inicial, o um. Portanto, um mais três mais três. Fica sete. Ou seja, em dezanove pessoas, a que está no lugar número sete é a que vai sobreviver.

Benjamin encolheu os ombros. Vincent esperara um pouco mais de entusiasmo pela sua resposta elegante, mas, como Benjamin era um adolescente, teria de considerar um elogio o facto de o filho ter ouvido até ao fim sem dormir.

— A propósito de pessoas que se matam umas às outras — disse Benjamin —, como é que está a correr com o Houdini Assassino? Já chegaram a algum lado?

— Não lhe chames isso, por favor — pediu Vincent, pousando as pernas em cima da cama e encostando-se à parede. — Não há mesmo nada de mágico nestes homicídios. E a investigação é ainda menos mágica. Agora

que eu finalmente tinha uma coisa concreta a acrescentar, chegámos a um beco sem saída.

— O que é que aconteceu?

— Ele morreu.

Vincent viu que Benjamin ficou pálido como um cadáver. Depois fechou a tampa do computador portátil e sentou-se ao lado de Vincent.

— Tentei voltar a falar com o Sains sobre as caixas — continuou Vincent. — Mas ele não me atende nem responde aos *e-mails*. Sei que tem tendência para entrar numa bolha quando está embrenhado num grande projeto; por isso, não há nada que possa fazer a não ser esperar que ele me contacte. Se o chatear muito, corro o risco de ele não me ajudar de todo. E as caixas são a única coisa a que me posso agarrar agora. Apesar de continuar a acreditar que há uma mensagem por trás das datas e das horas dos homicídios. Se não fossem importantes, por que motivo é que iria deixar os relógios partidos? Porquê telefonar e arriscar ser localizado, só para ter a certeza de que tínhamos a data certa da morte do Robert? Não, há aqui qualquer coisa que nos está a escapar.

Benjamin foi até ao computador de secretária e colocou o Spotify em pausa.

— Quando é que vai ser o próximo assassinato, já agora? Quanto tempo é que ainda têm para resolver isto?

— Não sei mais do que aquilo que tu sabes, e não gosto nada de te ver tão entusiasmado. Se o assassino conseguir atacar novamente porque eu fui demasiado lento, isso não é nada agradável.

Benjamin abriu o documento em que tinham começado a trabalhar alguns meses antes. Estava frustrantemente vazio, à exceção dos poucos dados essenciais que tinham compilado. Benjamin pôs-se a pensar em voz alta.

— Primeiro que tudo, não sabemos quantos dígitos estão incluídos em

cada parte da informação do código. Quero dizer, temos as datas e os relógios, mas também temos os cadáveres numerados. Esse número faz parte do código? O assassinato da Agnes aconteceu no dia treze de janeiro, às catorze horas. Então temos 13-1-14. Ou talvez 14-13-1. Mas a Agnes também estava marcada com o número quatro. Isso deve ser incluído? Será o código 4-14-13-1? Ou o quatro deve vir no final? Estás a perceber como é confuso?

Vincent apontou para o monitor na secretária de Benjamin. Sentou-se em cima de algo duro e afastou o edredão para o remover. A ideia de que o filho podia ter escondido deliberadamente alguma coisa debaixo do edredão ainda lhe surgiu na mente, mas o movimento da mão já estava a acontecer e não o conseguiu parar. Por baixo do edredão, encontrava-se um livro intitulado *Applied Cryptography* e Vincent não conseguiu esconder um sorriso. Era claramente pornografia, ainda que de um tipo um tanto peculiar.

— O assassino quer que resolvamos isto — disse ele. — Acho que não ia tornar as coisas demasiado complicadas. Datas e horas pertencem à mesma categoria de informações, são dados de calendário. Mas a numeração já não. Ainda estou convencido de que é uma contagem decrescente, só isso. Quanto à ordem, se tivesses de especificar uma hora e uma certa data, como é que dirias? Diz-me quando é que nasceste.

— Nasci no dia onze de novembro, às onze e três da noite... Ah, estou a perceber.

— Exatamente, dizes o dia, o mês e depois a hora. Aí tens a tua ordem.

— Estou a ver aonde queres chegar, Mestre Mentalista.

Benjamin levantou e baixou uma sobrancelha exageradamente quando proferiu a última parte.

— Não sei, não — disse Vincent. — Começo a desconfiar de que os meus filhos são precisamente tão inteligentes como eu.

— Mais inteligentes — replicou Benjamin, tossicando a fingir.

Benjamin fechou o documento e o monitor ficou subitamente preto. Depois, imagens de Agnes, Tuva e de Robert começaram a aparecer ao som da música da *Guerra das Estrelas*, o tema de Darth Vader. Benjamin girou na cadeira com uma expressão insuportavelmente satisfeita. Vincent não sabia se havia de elogiar o filho pela apresentação em PowerPoint ou ficar preocupado. Por baixo das fotografias apareceram depois as datas dos homicídios sob uma chuva de *confetti*, juntamente com o título: «A caça ao assassino Houdini».

— Achaste mesmo que era apropriado usar *confetti*? — perguntou Vincent.

— O que foi, são *confetti* coloridos! Mas agora cala-te, pai, e tenta acompanhar-me. O que temos é o homicídio da Agnes, 13-1-14. O da Tuva, 20-2-15. E o do Robert, 3-5-14. Tentei tratar as datas e as horas matematicamente, somá-las, procurar sequências de números, e coisas assim. Não deu em nada. A primeira coisa que tu e eu fizemos foi tentar identificar uma mensagem cifrada, por isso também podemos excluir essa opção. Por fim, tentei traduzir os números para outros formatos, como frequências de luz, radiação e rádio, medidas de comprimento, coordenadas, mas não produziu nenhum resultado. E presumo que é porque a mensagem não está completa, ainda vos falta a quarta peça do *puzzle*, que é precisamente o homicídio que estão a tentar evitar.

— Hum... — murmurou Vincent, pensativo. Depois apontou para o computador. — Insere lá as sequências de números com as datas e as horas no Google.

Benjamin fez o que ele lhe pediu.

— Que estranho, todas as sequências correspondem a códigos postais. De cidades estrangeiras.

Vincent inclinou-se ansiosamente para a frente.

— Códigos postais? De que cidades?

— Blainville, Washington e uma cidade chamada México no estado de Nova Iorque. Deve ser coincidência.

— Escreve os três nomes das localidades no Google como uma pesquisa completa — pediu Vincent.

Algo se moveu no seu estômago, podia chamar-se instinto ou intuição, mas, fosse o que fosse, dizia-lhe que estavam no caminho certo. Benjamin escreveu «Mexico Blainville Washington» na barra de pesquisa e clicou em procurar.

— Então vamos lá ver — comentou. — Primeiro temos alguns planeadores de viagens a sugerir as melhores rotas entre as diferentes cidades, mas estas coisas são geradas automaticamente, por isso podemos excluí-las. Depois, aparecem três livros, *Gulf of Mexico Origin*, um *Mollusca*-não sei quê, e um chamado *Mammals of Mexico*. Estranho, o último livro até tem a indicação de uma página específica logo nos resultados da pesquisa.

— Esse! — disse Vincent e apontou para o último. — Esse salta à vista, é demasiado específico. Pesquisa esse.

Havia algo de familiar naquele livro, demasiado familiar. Benjamin clicou nos *links* dos três livros e comparou-os.

— Tens razão — disse ao fim de alguns segundos. — Olha aqui. Os outros livros parecem ter as palavras-chave espalhadas um pouco por todo o texto, mas o último só as tem num único sítio, na página 873.

Benjamin clicou na ligação para o *Mammals of Mexico* e o Google mostrou um PDF da página do livro em causa, com as três palavras-chave realçadas a amarelo. Porém, Vincent não se importou com elas, ainda estava

a pensar nos mamíferos do México. Tão incrivelmente familiar. Depois, o olhar fixou-se-lhe no número da página.

— Página oitocentos e setenta e três — comentou Vincent e apontou para o número. — É uma data. Dia oito do sete. Oito de julho. E uma vez que os outros homicídios ocorreram às catorze e às quinze horas, é razoável acreditar que o último três significa três da tarde. Quinze horas. Não pode ser uma coincidência. Concordo contigo, o assassino quer facilitar-nos a vida, o nosso erro foi termos complicado demasiado as coisas. Uma simples pesquisa no Google foi tudo de que precisámos para encontrar a última data.

— Bem, através de códigos postais nos Estados Unidos — comentou Benjamin. — Pronto, facilitar talvez não seja a palavra certa.

Vincent voltou a recostar-se à parede, satisfeito. Devia telefonar a Mina imediatamente, mas algo o atormentava. Havia mais qualquer coisa.

O dia oito de julho.

Não, era outra coisa.

Costumava ter facilidade em pesquisar no seu arquivo de memórias e encontrar aquilo de que precisava. Mas isso exigia que tivesse memorizado a recordação desde o início. O dia oito de julho era uma memória demasiado longínqua, de há demasiado tempo, de quando era pequeno. Animais do México...

Um leopardo mostrou os dentes a Vincent no monitor do computador. Já tinha visto o livro antes.

No inverno anterior.

No escritório de Umberto.

Porque...

Porque alguém lho enviara.

Saiu a correr do quarto do filho e apressou-se para o escritório.

— E quando é que me vais pagar por isto? — gritou Benjamin atrás dele.
— Fui eu que te ajudei a encontrar a solução!

Vincent tinha um armário onde guardava os livros que lhe ofereciam e que, apesar de nunca pretender ler, não conseguia deitar para o lixo. Os livros não podiam ser atirados para o lixo, era assim que as coisas eram. Não demorou muito tempo a encontrar o que procurava. Um calhamaço com uma fotografia de um leopardo na capa. *Mammals of Mexico*, de Gerardo Ceballos. O mesmo livro que acabara de ver no monitor do computador de Benjamin.

Tinha as mãos tão transpiradas que quase deixou o livro pesado escorregar para o chão, mas conseguiu segurá-lo e folheou-o febrilmente até à página 873. Chegou a ela e ficou sem ar; estava coberta de linhas desenhadas com caneta vermelha, parecia que alguém tinha tentado fazer o livro sangrar. Folheou-o para trás e para a frente, mas não havia mais nenhuma página pintada. Entre as diferentes linhas surgiam rabiscos vermelhos mais grossos pintados, mas não foi isso que o fez sustar a respiração. Foram as letras ao lado. As letras vermelhas. Desenhadas com uma caligrafia decidida. Vincent leu a mensagem várias vezes.

Olá, Vincent.

Será realmente uma grande desilusão se pensaste que o dia oito de julho era a data de um novo homicídio. Não te recordas mesmo? Tens de observar com mais atenção se quiseres encontrar-me.

Ainda não conseguia fazer com que o ar alcançasse os pulmões. Era tudo demasiado grande para que os pensamentos conseguissem racionalizar a situação. Precisava de dividir tudo em pequenas partes que pudesse gerir para não enlouquecer. Alguém lhe enviara um livro com uma mensagem.

Um mês antes de o primeiro homicídio acontecer. Dois meses antes de ter conhecido Mina no teatro de Gävle. Muito antes de ter sido envolvido na investigação.

De alguma forma, tudo girava à sua volta.

Tudo girara desde o início à sua volta.

Sem que percebesse como.

E isso deixava-o aterrorizado.

Christer observou a sua estante de livros, pensativo. Refletiu sobre por qual dos livros da «estante nova» deveria começar. O mais recente de Anders de la Motte? Ou o último de Leif G. W. Persson? A funcionária da livraria também o convencera a levar o policial de estreia do ator Alexander Karim, mas, depois de lhe ter passado os olhos, hesitou. Viagens no tempo e tretas dessas. Nada disso, Christer gostava era de policiais que se mantinham fiéis à tradição, como Peter Robinson, esse sabia bem o que fazia. E Håkan Nesser. Há algum tempo que não saía nenhum novo livro do detetive Van Veeteren, mas os anteriores eram tão bons que podiam facilmente ser lidos repetidas vezes, o que Christer fazia a intervalos regulares.

Os seus preferidos eram os policiais com heróis masculinos. Mulheres em histórias de detetives era algo que considerava irritante. Bem, também achava que mulheres autoras de policiais eram terrivelmente irritantes como pessoas. Um monte de opiniões para aqui e para ali sobre coisas que não compreendiam. Bem, verdade seja dita, G. W. Persson também tinha opiniões sobre tudo e mais alguma coisa. Mas que porra, como Leif não havia ninguém. Além de que também fazia bons vinhos.

No entanto, a maior parte dos protagonistas masculinos de séries policiais não bebia vinho, bebia *whisky*. Christer tentara aprender a beber *whisky* precisamente por causa disso e, durante alguns meses, torturara-se todas as noites com um copo daquele álcool forte, aumentando-lhe a dose de gelo

para conseguir engoli-lo. A última tentativa resultara num copo cheio de pedras de gelo e alguns pingos de *whisky* em cima. Acabara por desistir.

Porém, não era realmente o consumo de *whisky* e o provável alcoolismo que o atraíam para os detetives criminais na infinidade de livros policiais que lia constantemente nos tempos livres. Era a melancolia. A solidão. Os problemas em conseguir estabelecer relações significativas. Christer sentia-se como um deles, como se pudesse estar ali entre as páginas dos livros, como um protagonista de séries policiais. Constantemente a matutar, constantemente a esquadrinhar, constantemente contra a corrente. Bem, para ser sincero, talvez os tipos dos livros trabalhassem um pouco mais do que ele se sentia inclinado a fazer. À exceção de Evert Bäckström, mas Kurt Wallander, Van Veeteren, Martin Beck, Alan Banks e Mikael Blomqvist, porra, esses trabalhavam como escravos. Isso e o *whisky* eram duas coisas que Christer sentia que talvez não se aplicassem precisamente a ele.

O seu maior ídolo, no entanto, era Harry Bosch. Tinham muito em comum; fora capaz de o constatar ao longo de todos os anos que passara a ler sobre o herói de Michael Connely. Logo no primeiro livro sobre Bosch, sentira que ali, precisamente ali, encontrara o seu irmão gémeo no mundo dos detetives, o seu *alter ego* na literatura policial. Quase ficara com lágrimas nos olhos, tinha sido como encontrar um irmão há muito perdido. Claro que também havia muitas diferenças, a mãe de Harry Bosch era prostituta e a de Christer, uma solteirona púdica apenas com alguns, poucos, relacionamentos platónicos. A mãe de Harry fora brutalmente assassinada, a de Christer morrera durante o sono com um derrame. Harry Bosch fora soldado na Guerra do Vietname, Christer fizera a tropa como recruta no K3 em Arboga.

Mesmo assim, havia parecenças suficientes para Christer se sentir confortável com a comparação. A sua casa. A casa da sua infância, que

herdara da mãe. Localizada numa encosta íngreme com vista para o estreito de Skurusundet. E Harry, na verdade, chamava-se Hieronymus, em homenagem a um pintor holandês. O segundo nome de Christer era Engelbert, em homenagem ao grande ídolo da sua mãe, o cantor Engelbert Humperdinck. Harry Bosch era canhoto, tal como Christer, e até eram da mesma altura. E tal como Harry Bosch, Christer adorava *jazz*. Na verdade, começara a ouvir e aprendera a gostar de *jazz* precisamente por causa da inclinação de Bosch por esse género musical. Tinha sido muito mais fácil do que o *whisky*. Pusera o tema «Time After Time» de Chet Baker a tocar suavemente como música de fundo. Christer e Harry. Tão parecidos. Tão inacreditavelmente parecidos, constatou Christer satisfeito e apreciou a vista.

Alguém tocou à campainha. Quem poderia ser? Christer levantou-se da poltrona alta.

Lá fora estava Peder, com *Bosse* na trela.

— És tu? — perguntou Christer, surpreendido. — Pensei que fosse a Mina que viesse trazer o cão.

— Porque é que pensaste que a Mina vinha trazer o cão? — comentou Peder, espantado. — Como é que sabias...?

Christer não respondeu. Nem percebia como é que Peder podia estar a fazer uma pergunta tão estúpida. Alguém teria seriamente acreditado que Mina conseguiria ficar com o cão em casa? Por amor de deus, o último idiota ainda estava obviamente por nascer. Christer deu um passo para o lado e fez sinal para que o colega entrasse com o cão. Já tinha um enorme saco de ração encostado à parede.

— Comprei ração da melhor, duas tigelas e uma almofada para ele se deitar.

Christer inclinou-se para a frente e soltou a trela de *Bosse* da coleira. O

cão correu de imediato para a sala de estar e deu início à sua investigação.

— Mas como é que sabias...? — disse Peder estupefacto e ficou de boca aberta.

Christer encolheu os ombros.

— Eu era a única escolha lógica. Mas, como sempre, ninguém pensa em mim como primeira hipótese.

Atrás dele, o gira-discos mudou de faixa para «Who Can I Turn to», de George Cables.

Kvibille, 1982

Olhou para as três amigas, enquanto elas pedalavam à sua frente. O caminho de gravilha iria levá-los ao pequeno lago onde costumavam nadar. Quando chegassem, Mia, Sickan e Lotta iriam atirar-se para a água aos gritos e passariam o tempo a meter-se com ele por não querer tomar banho. Mas não fazia mal, sabia que elas estavam a brincar quando gozavam com ele e lhe atiravam água, ali onde costumava ficar sentado junto à orla da floresta. A escuridão do lago, isso era um assunto muito mais sério. Nas suas profundezas podia haver de tudo e, não sendo possível ver o que lá andava, como é que se poderia saber quando estava prestes a puxar alguém para o fundo?

A gravilha chocalhava contra as rodas da bicicleta. Era um pouco como ele próprio se sentia ultimamente, como se algo nas profundezas da escuridão ameaçasse puxá-lo para baixo, algo dentro da sua cabeça. Precisava de Mia, Lotta e Sickan, as suas amigas que faziam coisas normais e comuns, que o tratavam como alguém normal.

— Ó pequeno Yoda! — chamou Lotta atrás dele. — Vê lá se dás ao pedal!

Tinha vestido uma *T-shirt* velha de Jane, enfeitada com uma figura verde que parecia ter séculos de existência. Nunca tinha visto a *Guerra das Estrelas*, de que todos na turma falavam, mas conhecia as personagens e sabia que Luke Skywalker ou Chewbacca teriam sido infinitamente mais

fixes de usar na roupa. Até o vilão, o Darth Vader, teria sido melhor. Mas Jane dissera que Yoda era o mais fixe porque era o mais esperto deles todos.

— Pelo menos, sou mais alto do que tu! — gritou em resposta, mas as raparigas já tinham desaparecido na curva.

Pedalou com mais energia para tentar alcançá-las. O manto que tinha acabado de buscar quando as raparigas apareceram estava enfiado no cesto, todo amachucado. Ser o Yoda era para totós; hoje ele era o Chewbacca.

Depois de terem tomado banho, deitaram-se cada um na sua toalha a secar. Despira-se até ficar só de calções, como se fosse tomar banho, mas arrependera-se no último minuto, como todos sabiam que iria acontecer. O sol estava quente e começou a sentir fome; quem lhe dera ter trazido as sandes da mãe.

— Achas que a tua mãe deu conta de que saíste? — perguntou Lotta. — Nós tentámos não fazer barulho, mas ela se calhar reparou na mesma.

Oh, não! Sentiu o corpo gelar, não devia ter pensado nas sandes. Se não o tivesse feito, Lotta de certeza não teria perguntado.

— Mas ela estava em casa? — perguntou Mia. — Nem a vi.

— Está a descansar — respondeu ele. — Já sabem como é. Por isso, foi bom não termos feito barulho.

Era pelo menos quase verdade e as amigas assentiram com a cabeça. Sabiam que a mãe dele tinha dias assim, dias em que precisava de descansar, dias em que era melhor não estar com eles. Dias em que era ela a escuridão no lago.

— Queres jantar em nossa casa hoje? — perguntou Sickan. — A minha mãe faz sempre comida a mais.

Viu a luz do Sol brilhar nas gotas de água na barriga dela. Aliviado, percebeu que as gotas eram demasiadas para que as pudesse contar.

— Acho que não...

— A tua mãe nem vai reparar que não estás em casa — disse Mia. — Tu bem sabes. Acho que devíamos comer todos em casa da Sickan!

Lotta soltou um guincho de felicidade e Sickan desatou a rir às gargalhadas.

— A minha mãe vai ter um ataque! — Riu-se. — Vamos para minha casa assim que secarmos.

Ele sabia que a sua ausência não passaria impune, haveria consequências. A mãe estava à espera dele, que dissera que ia só buscar uma coisa. Mas ali e agora, sob os raios de sol junto ao pequeno lago, não se importou muito com isso, pela primeira vez na vida. Por um curto momento, a escuridão do lago não pareceu assim tão escura.

Serviu-se de mais dois dedos de *Balvenie Portwood*, o terceiro copo seguido. Aquele *whisky* de vinte e um anos, que era o seu favorito há bastante tempo, podia ser considerado um desperdício naquele contexto; poderia perfeitamente estar a beber álcool etílico, nessa noite. Ou fosse o que fosse que lhe acalmasse os nervos. Uma vozinha dentro si salientou que o efeito calmante do álcool era bastante insignificante em relação à paranoia que também podia despertar, mas não tinha energia suficiente para ser razoável. E já não tinha propriamente idade para fumar erva.

O *Mammals of Mexico* estava à sua frente, na secretária do escritório. Vincent fechara o livro, não tinha vontade de ver a mensagem novamente. Quando Maria fora deitar-se, Vincent dissera que precisava de trabalhar mais um pouco. Rebecka e Benjamin ainda não tinham chegado a casa, os seus filhos mais velhos achavam-se na total liberdade de gerir os seus horários. Vincent apagara a luz do teto e mantivera acesa apenas a fraca luz do candeeiro de secretária.

Balançou a cadeira de escritório para a frente e para trás, de um lado para o outro. A verdade é que não sabia do que é que precisava. Devia contactar Mina, provavelmente. Telefonar à Polícia. Mas o que haveria de dizer? Que recebera uma mensagem do assassino que só era possível encontrar se se tivesse um cérebro tão esquisito como o seu? Girou o copo de *whisky* e observou o líquido âmbar mover-se lentamente. Ao contrário do *Lagavulin*,

bebia sempre o *Balvenie* sem gelo, mas o gesto de girar o copo para ouvir o tilintar das pedras de gelo já era automático.

Como reagiria Ruben se Vincent lhes contasse que aquela mensagem implicava que o assassino, ou alguém que pelo menos conhecia as datas dos homicídios antes de terem acontecido, sabia que Vincent acabaria envolvido na investigação antes mesmo de ele próprio fazer a menor ideia disso? Ruben, pois. Ali estava um homem que tinha os seus demónios. Vincent perguntou-se quão consciente do seu próprio comportamento estaria o Casanova da sede da Polícia, a sua experiência com machos alfa daquele calibre dizia-lhe que o que se escondia sob a superfície era muito frágil. Não que o papel de Vincent fosse chamar a atenção para isso; provavelmente, se tentasse fazê-lo, acabaria por ficar com um olho negro. Mas talvez estivesse na hora de alguém não só conversar com Ruben, mas também o escutar.

Bebeu um pouco do *whisky* e sentiu o líquido acariciar-lhe e queimar-lhe a garganta em igual medida. Fechou os olhos, tentou concentrar-se apenas nas sensações do paladar e do olfato durante alguns segundos. Mas era impossível, só conseguia visualizar o texto vermelho naquele maldito livro sobre o leopardo. Abriu novamente os olhos.

Claro que a mensagem levantava uma questão interessante, nomeadamente quem era a pessoa que poderia ter sabido, ou pelo menos presumido, que ele iria cooperar com a Polícia ainda antes de ele próprio o saber. Só conseguia pensar em duas pessoas. A primeira era Julia, que dera o aval para que Mina entrasse em contacto com ele.

E depois a própria Mina.

Mina soubera. Mina fora a pessoa que se certificara de que ele ficava suficientemente curioso para aceitar a proposta. Se tivesse sido qualquer outra pessoa que não ela a contactá-lo naquela noite em Gävle, o assunto

provavelmente não teria passado de um encontro educado e de um definitivo «não». Mas Mina não desistira.

Vincent bebeu o *whisky* de um trago e serviu-se de outro copo.

Era impossível ser Mina.

Não podia ser Mina.

A ideia era completamente absurda, Vincent conhecia-a. Bem... na verdade, não a conhecia realmente, mas estava convencido de que sabia como ela funcionava. Por amor de deus, conseguia sentir a presença dela mesmo quando ela não estava presente. Mina mudara-se para dentro dele.

Não fora ela quem enviara o livro. Mas, e se fosse? E se Mina *tivesse* enviado o livro?

Vincent ficou gelado e afastou aquele pensamento indesejado. De momento, era demasiado desconfortável para se demorar nele por muito tempo. Porque, se fosse verdade, tudo se desmoronaria.

Teria de se ocupar dessa linha de pensamento mais tarde. Se assumisse que não era Mina, quem poderia então ser? Tinha muita dificuldade em acreditar que viesse da parte de Julia. Então, só restava... ninguém. Vincent levantou-se e começou a andar de um lado para o outro no pequeno escritório. Precisava de aumentar a circulação de sangue no cérebro para conseguir pensar melhor, mas estava demasiado inquieto para se deitar no chão.

Regressou, nas suas memórias, ao primeiro encontro.

A noite em Gävle.

Mina sentada à sua frente.

A conferência de Helsingborg junto ao bar.

A palhinha dela.

O hambúrguer dele.

A minha chefe autorizou a participação de um consultor externo.

Recomendaram-me que falasse consigo.

Recomendaram. Mas não necessariamente Julia. E se não tinha sido Julia, então quem? Isso era algo que tinha realmente de perguntar a Mina. No preciso segundo em que lhe contasse sobre a mensagem no livro, ver-se-ia pessoalmente envolvido na investigação de uma forma pela qual não ansiava minimamente. Preferia esperar o máximo de tempo possível até lá. Por outro lado, também não queria atrapalhar a investigação, antes pelo contrário. Tinha um assassinato para travar.

Colocou a tampa na garrafa e levou-a para o armário da cozinha. O primeiro passo era descobrir quem era a pessoa com quem Mina falara, encontrar quem lhe sugerira o seu envolvimento.

Depois, poderia contar-lhe sobre o livro. O livro que não podia ter sido enviado por Mina.

JULHO

Milda sabia por experiência própria que era melhor reservar bastante tempo para uma visita ao avô materno. O avô Mykolas e a mãe de Milda eram gregos, ao passo que o seu pai vinha da Lituânia. Milda era o nome de uma deusa lituana do amor, dos tempos pagãos. Por outras palavras, Milda era um verdadeiro encontro de culturas, lituana-grega, criada na Suécia. Uma combinação invulgar difícil de bater.

Além disso, achava a origem do nome um pouco irónica, amor não era algo que tivesse tido em abundância ao longo da vida, pelo menos no que dizia respeito aos homens. O seu casamento tinha sido mais do estilo prático e casual e, depois da separação, os encontros amorosos tornaram-se inexistentes. É verdade que criara um perfil no Tinder há mais de um ano, numa noite em que bebera um pouco de vinho, sozinha em casa, no sofá. Mas nem sequer abrira a aplicação para ver como funcionava. O que ouvira dizer sobre o Tinder não era propriamente animador. Além de que havia o risco de lá encontrar o pai dos seus filhos.

— Avô? — chamou Milda para dentro de casa, mas não obteve resposta.

Como de costume, a porta estava destrancada, mas Milda sabia, de experiência própria, que era inútil repreendê-lo por isso. A sua confiança na bondade inerente da espécie humana era comovente. Embora potencialmente muito perigosa. Ainda na semana anterior, recebera um homem idoso na sua mesa de autópsias, morto durante um assalto à sua

casa. Dois jovens rapazes torturaram e mataram o homem pela impressionante quantia de quinhentas e setenta coroas.

Milda passou pela cozinha e pela sala de estar, alcançando a porta das traseiras que dava para o jardim. Já sabia onde ele, muito provavelmente, estaria. Na sua amada estufa.

Não o chamou quando entrou no pequeno terraço de madeira e, em vez disso, ficou alguns minutos a observá-lo, antes de ele a avistar. Tantas horas que passara ali em criança, no jardim da pequena casa vermelha em Enskede, junto à floresta de Enskedeskogen. A estufa fora um presente dela pelo seu sexagésimo aniversário e, desde então, era o pequeno paraíso do avô.

Milda viu-o andar de um lado para o outro, através das paredes de vidro da estufa. Regava umas plantas aqui e ali, sentia a terra com os seus dedos experientes, arrancava cuidadosamente as folhas mortas, conversava com as plantas, que prosperavam sob os seus cuidados. Milda sabia o que havia ali: tomates, pimentos, malaguetas e curgetes. Até melancias ele conseguia fazer crescer. Nada era impossível para o avô Mykolas.

Por fim, este deu pela neta. O seu rosto abriu-se num sorriso e ele fez-lhe sinal com a mão para que se aproximasse. Milda também sentiu um sorriso espalhar-se-lhe pelo rosto e apressou-se a subir o pequeno declive até à estufa.

— Olá, avô!

Abraçou-o e inalou o aroma a tomates amadurecidos ao sol, a terra e amor. Sabia que o amor não tinha odor, mas, se tivesse, cheiraria ao avô Mykolas.

— Olha aqui! — disse ele com a voz cheia de orgulho. — Olha que lindas que estão as flores de curgete! Vou apanhar algumas para rechear e

fritar, sei que as adoras, e o resto fica aqui até se transformar nesses maravilhosos legumes!

Abarcou com o braço o seu pequeno reino e Milda escutou-o enquanto ele lhe falava sobre cada planta e em que estágio do processo de crescimento se encontrava. Adorava aqueles momentos. Sabia que o irmão mais velho contava os dias até que o avô Mykolas já não estivesse entre eles para poderem herdar a casa de Enskede. E a vender num ápice. Quanto a Milda, ficava com um nó na garganta só de pensar no dia em que o avô já não andasse por ali, a cuidar da sua preciosa estufa. Eram pessoas muito diferentes, ela e o irmão.

— Como é que está o Adi? — perguntou o avô como se lhe tivesse lido os pensamentos.

Adi queria dizer «lobo» em lituano. Um nome bastante apropriado para o irmão.

— Está tudo bem, sim — mentiu Milda.

Nunca nada estava realmente «bem» no que dizia respeito a Adi. Andava sempre à procura de um negócio que o tornasse rico. Era raro serem negócios completamente legais e poder-se-ia pensar que um ano de prisão por fraude com seguros deveria ter-lhe ensinado alguma coisa, mas não. Adi não tinha emenda. E como filho mais velho e menino perfeito do papá e da mamã, também vivia plenamente convencido da sua própria excelência.

— E com a Vera e o Conrad?

Milda viu pelo olhar do avô que não valia a pena mentir sobre os filhos, pelo que nem respondeu.

— Já sabes que o Conrad pode vir para aqui sempre que for preciso — disse o avô com ar sério. — Pode ser bom para ele mudar de ambiente, principalmente agora durante as férias de verão. Além de que não há uma

única pinga de álcool nesta casa. Ele pode ficar o tempo que quiser, também vou precisar de ajuda com o cultivo quando a época arrancar.

— Obrigada, mas ele agora está num centro de reabilitação e tem de lá ficar o verão todo. Depois, talvez.

A expressão magoada no olhar do avô fê-la morder o lábio, tinha escolhido um centro de reabilitação anónimo para o filho em vez de recorrer à ajuda da família. Não era assim que as coisas se faziam no mundo do avô Mykolas.

— Acho que ele ia gostar de estar aqui — acrescentou Milda e deu a mão ao avô. — Só precisa de ganhar força.

O avô exibiu outra vez um enorme sorriso.

— Sim. Vamos, vou preparar café — disse-lhe.

Saiu à sua frente da estufa e, não sem algum esforço, desceu as pequenas escadas de madeira da encosta em direção à casa. Custava-lhe vê-lo mover-se de forma um pouco instável, o avô fora sempre um homem forte, ativo, constantemente em movimento. Mas de cabeça não tinha problema nenhum, o seu cérebro continuava aguçado e depois de uma longa vida como professor de biologia era precisamente com ele que precisava de falar.

— Então... Já sabes que adoro quando apareces cá, e não precisas de vir por nenhum motivo em particular, mas cheira-me que se passa alguma coisa. O que é que te vai na alma, minha pequenina?

Sentindo-se culpada, Milda aceitou a chávena de café acabado de fazer, antes de pegar num saco que trouxera consigo. Devia ir visitar o avô mais vezes, pensava nisso sempre que lá ia, mas a vida intrometia-se inevitavelmente.

— Recebi um rapaz na minha mesa há algum tempo — começou a explicar. — Assassinado brutalmente. E encontrei isto dentro do estômago dele.

Estendeu o saco de plástico com fecho a Mykolas, que, com um olhar sério, pegou nele. Sentou-se à frente de Milda na pequena mesa da cozinha junto à janela que dava para a entrada e examinou o conteúdo minuciosamente.

— Posso?

Milda assentiu com a cabeça.

Mykolas abriu o saco, cheirou-o primeiro e depois retirou o conteúdo. Um tufo de pelos. Era apenas uma parte dos pelos que encontrara no estômago de Robert, já tinha enviado o restante para análise no laboratório forense nacional, tudo devidamente etiquetado e de acordo com os protocolos. Porém, sabia que a lista de processos em atraso era longa e dolorosamente lenta, provavelmente demoraria mais de um mês até obter resposta. Embora fosse raro sentir necessidade de apressar processos, havia algo quer em relação àquele caso quer em relação ao rapaz que a fazia querer obter respostas mais rapidamente do que a administração forense sueca era capaz de dar. O grande interesse do avô hoje em dia talvez fosse a sua estufa, mas Milda nunca conhecera um biólogo mais perspicaz do que ele durante toda a sua carreira. Nem um zoólogo, aliás.

— Acho que já sei o que isto é, mas preciso de os observar ao microscópio para ter a certeza. Espera aqui e vai bebendo o teu café, que eu já volto.

O avô Mykolas levantou-se e Milda reparou no esgar de dor que ele fez. Foi bebendo o café enquanto olhava pela janela. Adorava Enskede. Crescera no bairro de Bagarmossen e não houvera nenhum problema com isso, mas Enskede tinha um charme clássico e uma graça antiquada que a faziam sentir-se sempre em casa, bem-vinda. Ou então não tinha realmente nada a ver com a zona em si, mas sim com o facto de ser ali que o avô vivia. Além disso, havia as velhas roseiras, os lilases que espalhavam o seu

perfume por todo o quarteirão no início dos verões, as crianças a brincar na rua, como antigamente.

Um homem baixo passou e Milda pensou reconhecê-lo, talvez alguém com quem brincara em criança, mas não tinha a certeza. Quando finalmente levantou a mão num aceno, o homem já tinha passado.

— O que foi que eu disse?

O avô regressou com um sorriso satisfeito e sentou-se à frente dela, esboçando de novo um esgar de dor. Mina fez uma nota mental para não se esquecer de obrigar o velho teimoso a ir fazer exames médicos.

— Era precisamente o que eu pensava! Os pelos pertencem a um animal da família *Neovison*. E «*vison*» vem da palavra francesa para o animal.

Fez uma pausa dramática e Milda sabia que não valia a pena apressá-lo, este era o momento de o avô brilhar e sabia que ele apreciava cada segundo, não tencionava privá-lo desse prazer de forma alguma. Bebeu um pouco mais de café e observou-o num silêncio expectante.

— Este animal é originário da América do Norte, pertence ao filo dos cordados e ao subfilo dos vertebrados. Da classe dos mamíferos, claro. Os adultos medem entre trinta e quarenta e cinco centímetros de comprimento, excluindo a cauda, que pode ter entre treze e vinte e três centímetros. Os machos pesam entre um quilo e um quilo e meio, enquanto as fêmeas só pesam cerca de setecentos e cinquenta gramas. Já as variedades criadas em cativeiro podem pesar mais do que as selvagens.

Milda assentiu com a cabeça, já começava a perceber de que animal se tratava, mas deixou o avô continuar. Estava no seu elemento e os olhos brilhavam-lhe alegremente.

— Antigamente, estes animais eram classificados no mesmo grupo dos furões, da família dos mustelídeos, mas estudos genéticos mostraram

diferenças tão significativas que agora normalmente são classificados com uma designação própria. Isto, minha querida Milda, é pelo de marta!

O avô levantou o tufo de pelos com ar triunfante e Milda assentiu com a cabeça. Já tinha adivinhado que animal era há algum tempo.

— E é possível delimitar de alguma forma a origem destes pelos em concreto? Alguma espécie em particular que seja nativa de uma zona específica da Suécia?

— Infelizmente, não. Existem duas espécies diferentes de que se fala por norma, as martas selvagens e as de criação, mantidas naqueles viveiros industriais. Bem, provavelmente conheces todas as controvérsias à volta das condições nos viveiros de martas. Mas não há qualquer diferença entre a pele dos animais selvagens e a dos de criação.

— Para ser sincera, pensava que já nem havia viveiros destes animais.

Milda levantou-se, foi buscar a cafeteira e serviu mais café aos dois.

— Há, sim, ainda existem vários. Não sei dizer quantos ao certo ou onde se encontram, mas isso de certeza que consegues descobrir lá pelas *internetes*.

Milda tentou esconder um sorriso. O avô Mykolas não era grande fã das tecnologias modernas e insistia em não dizer as palavras corretamente.

— E onde é que se encontram as que vivem na natureza? Em que tipo de ambientes? — perguntou, sentando-se de novo.

Do lado de fora da janela, algumas crianças tinham começado um jogo de hóquei e os seus gritos alegres ouviam-se claramente através da vidraça da cozinha, que estava entreaberta.

— As martas preferem viver perto da água. Lagos, riachos, zonas pantanosas. Alimentam-se de peixes, lagostins, sapos e outros pequenos animais.

Milda assentiu com a cabeça enquanto refletia intensamente. Pelo de

marta. No estômago de Robert. O que poderia isso significar? Teria sequer algum significado? Bom, também não lhe cabia a ela descobrir isso. A única coisa que podia fazer era reportar o que encontrara e deixar os outros fazerem o seu trabalho. Sorriu ao avô.

— Obrigada, foi uma grande ajuda. Agora diz-me lá, que experiências estranhas é que andas a fazer na estufa este ano?

O rosto do avô Mykolas iluminou-se. Voltou a colocar cuidadosamente o tufo de pelos dentro do saco, fechou-o, apoiou os cotovelos na borda da mesa e juntou as mãos, as pontas dos dedos a tamborilar umas nas outras.

— Sim!... Este ano, estava a pensar fazer algumas brincadeiras com híbridas e ver se é possível combinar duas variedades de cenouras, acho que as *London Square* com as *Early Nantes* vão dar um bom resultado. Também estava a pensar cruzar duas das minhas variedades de rosas, acho que pode acontecer alguma coisa muito bonita com a junção das *Rugelda* com as *Dream Sequence*, sabes, aquelas que também são conhecidas como *Astrid Lindgren*. Como deves saber, a *Rugelda* é uma híbrida rugosa e a *Dream Sequence* é uma *floribunda*. Por isso, acho que...

Milda observou o avô enquanto ele falava alegremente das suas plantas híbridas. De novo, disse para si própria que tinha de o visitar mais vezes. E também que tinha de arrastá-lo até ao centro de saúde, nem que fosse à força.

Vincent levou os dois pratos com as fatias de bolo até à mesa onde Sains Bergander o esperava. Uma das fatias altas de bolo virou-se quando pousou o prato, e Vincent ponderou endireitá-la, mas conteve-se. Em vez disso, foi até à cafeteira que estava em cima de uma mesa no meio da sala.

— Como é que preferes o café? — perguntou por cima do ombro.

— Negro como a alma — respondeu Sains.

— Sim, pois, quando se tem como *hobby* construir crucificações, compreendo que sintas isso — disse Vincent e voltou para a mesa com duas chávenas cheias. — Obrigado por te teres dado ao trabalho de vir ter comigo. E peço desculpa por te incomodar.

Ainda não tinha telefonado a Mina, não encontrara coragem; por isso, quando Sains lhe dissera que estava na cidade, vira-o como a oportunidade perfeita para se encontrar com ele novamente e concentrar-se em algo que não o livro. Além de que precisava realmente de consultar o amigo.

— Não é incómodo absolutamente nenhum — respondeu Sains. — Desculpa ter sido tão difícil apanhar-me, mas tinha uma encomenda enorme para terminar. Mas pelo menos não tiveste de ir outra vez até Sundsvall. Estou em Estocolmo para ajudar o meu irmão com um truque que ele vai fazer para a televisão, não estamos a conseguir acertar no tamanho das chamadas.

Vincent abanou a cabeça. Ilusionistas.

Estava com Sains na Vetekatten, a grande confeitaria no centro de

Estocolmo. Como de costume, o local encontrava-se apinhado de turistas, o que tornava mais fácil conversar sem serem incomodados. Todos os ilusionistas sabiam que o melhor sítio para guardar um segredo era à vista de todos.

Olhou fixamente para as diferentes camadas da fatia de bolo caída no prato. Base de pão de ló. Creme de baunilha. Geleia de framboesa. Natas. Maçapão. Cinco camadas, merda. Mas também tinha açúcar em pó por cima.

Vincent expirou lentamente, com o açúcar no topo podia considerar-se seis camadas.

Acabara de assistir a uma palestra com a matemática Eugenia Cheng, na qual ela recorria a receitas de bolos para explicar a teoria das categorias. Tinha a certeza de que ela conseguiria transformar o pedaço de bolo num teorema matemático. Em situações normais, aquilo tê-lo-ia divertido, mas em vez disso começou a imaginar Robert cortado transversalmente, quando fora dividido em três partes na caixa *Zigzag Lady*. Camadas de tecido adiposo e sangue. Ter-se-ia assemelhado à fatia de bolo? Com a pele a parecer o maçapão? Afastou o prato com o bolo para o meio da mesa.

— Mas eu podia perfeitamente ter ido ter contigo à tua casa — disse Sains. — Embora isto aqui também seja agradável.

— Não, não é de todo um assunto para discutir em casa — respondeu Vincent. — É melhor estarmos aqui. E sei que estás com pressa; por isso, vou direto ao assunto. Lembras-te do truque que te mostrei da outra vez, a caixa de espadas?

— Aquela que tinha sido construída de uma maneira muito estranha, sim — respondeu Sains e assentiu com a cabeça.

Sains pegou num garfo, espetou-o na sua fatia de bolo e levou um pedaço bastante grande à boca. Camadas de gordura e sangue. Vincent cerrou os

olhos. Aparentemente, Sains não assistira à conferência de imprensa, apesar de ter sido sobre a sua área profissional. O preço de ser um inventor genial era que a ligação de Sains ao mundo nem sempre se revelava a mais forte.

— Exato, mas o que não sabes — continuou Vincent — é que a caixa foi usada num homicídio. E, pior ainda, encontraram mais duas vítimas, cujos assassinios se basearam também em números de magia.

Sains engasgou-se com o pedaço de bolo e começou a tossir violentamente. Vincent apressou-se a ir buscar-lhe um copo de água, que Sains bebeu agradecido, pousando o copo vazio e limpando de seguida cuidadosamente a boca com um guardanapo, como se estivesse a tentar ganhar tempo para refletir.

— O que estás tu para aí a dizer? — perguntou de seguida. — Homicídio?! De verdade? E quem é que «encontrou» as vítimas?

Vincent olhou em redor para confirmar que ninguém estava a observá-los depois do ataque de tosse de Sains. A seguir, retirou as fotografias da pasta.

— Estou a ajudar a Polícia na investigação — respondeu. — Os detalhes são confidenciais, obviamente, embora tenhamos divulgado o caso à comunicação social. Parece que estamos a lidar com um maníaco. Olha bem para estas fotografias.

Afastou as chávenas de café e o copo para ter espaço para espalhar as fotografias em cima da mesa. Não devia tê-las ampliado para formato A4, os outros clientes eram capazes de as ver. Mas precisava que os detalhes fossem claros. Sains transferiu os pratos com as fatias de bolo para a mesa vazia ao lado, também ele parecia ter perdido o apetite.

— Aqui está a caixa com as espadas — disse Vincent e apontou para uma das imagens. — Isto é a espada em si, não sei se já te tinha mostrado... E aqui, quatro fotografias que mostram as lâminas e uma caixa para o...

— Para o *Zigzag Lady* — interrompeu Sains. — Pois, não é difícil

deduzir o que aconteceu aí. Repugnante.

— Fico claustrofóbico só de olhar para as pessoas a enfiarem-se dentro dessas caixas em situações normais — disse Vincent. — Nem consigo imaginar como é que o rapaz que encontraram nesta aqui se deve ter sentido.

Sains olhou para ele com um ar estranho.

— Acho que a falta de espaço foi a última coisa em que ele pensou quando foi trancado nessa caixa. Mas disseste que havia três truques de magia, qual foi a terceiro?

— O *Bullet Catch*.

— Oh, meu deus. Obrigado por não teres trazido uma fotografia disso.

Sains olhou para as imagens, virou-as de um lado para o outro. Poderiam ter representado adereços de palco inocentes, não fosse o facto de as caixas e as espadas irradiarem maldade só por estarem ali. Nenhuma pessoa mentalmente sã construiria uma coisa daquelas.

— O que queres que te diga? — comentou Sains. — Não há mais nada que possa acrescentar àquilo que te disse da última vez.

— Talvez não, mas dessa vez eu estava mais focado em saber se alguém tinha feito uma encomenda destas caixas ou dos esboços, a ti ou a outra pessoa. Não me apercebi de que a solução pode estar na própria criação das ilusões. Na altura, só tínhamos uma caixa para analisar, a única coisa que conseguiste dizer foi que a construção parecia desajeitada. Mas agora temos duas. E explicaste-me que, uma vez que é preciso uma grande destreza manual e conhecimentos sólidos de ilusionismo, são poucas as pessoas realmente capazes de construir estes objetos de magia.

— Sim, não são assim tantos os que dominam ambas as áreas — respondeu Sains e assentiu com a cabeça, pensativo.

— Posso estar errado — continuou Vincent. — Mas imagino que todos

aqueles que criam alguma coisa têm o seu estilo pessoal, colocam a sua marca naquilo que fazem. Ou, neste caso, naquilo que constroem. Mesmo que estejam a seguir as instruções de um desenho, vão querer fazer «à sua maneira». É verdade?

— Uma assinatura — assentiu Sains. — Dizemos que quem constrói deixa a sua assinatura.

— Pronto. Já chegámos à conclusão de que estas caixas não foram construídas por um profissional; portanto, podem não ter uma assinatura nesse sentido, como um logotipo. Mas poderá haver outra coisa parecida. Os dois objetos de magia nestas fotografias foram construídos pela mesma pessoa. Consegues ver alguma coisa que tenham em comum? Talvez algum detalhe que só tu consegues ver, mas que possa dar-nos uma pista sobre quem procuramos. Como disseste, não são muitos os especialistas na matéria. De quem é a assinatura nestas caixas?

Um grupo de cinco pessoas passou pela mesa deles. Turistas holandeses, a julgar pela língua que falavam. Todos vestidos com *T-shirts* iguais, com um estampado provavelmente feito em casa, um *slogan* que anunciava que estavam a viajar por toda a Europa. Vincent colocou rapidamente a mão sobre as fotografias, mas não depressa o suficiente. Uma jovem mulher vira-as e parou.

— *Oh, my god!* — exclamou num inglês perfeito. — *Are you guys building magic tricks? That's awesome!*

— *Thank you* — respondeu Sains com um sorriso. — *Not many would have recognized it.*

Mas o que é que ele estava a fazer? Vincent só queria que a mulher se fosse embora, não que ficasse ali à conversa. Não ficaria surpreendido se Sains também lhe oferecesse um pouco de bolo. Dali a nada teriam o resto dos holandeses à volta da mesa, com as suas camisolas iguais.

— *Well, magic is for nerds* — comentou a mulher. — *Got to go!*

Depois correu atrás do grupo enquanto gritava por cima do ombro:

— *Us nerds need to stick together!*

Vincent cruzou os braços e esperou que os holandeses desaparecessem.

— Terminaste? — perguntou ironicamente a Sains.

— Peço desculpa, mas é raro receber elogios de alguém com menos de cinquenta e cinco anos. A propósito, vais comer o teu bolo?

Vincent abanou a cabeça, pelo que Sains pegou novamente nos dois pratos e comeu os restos das duas fatias.

— Seja como for — disse entre dentadas —, tens razão: se estas duas caixas tivessem sido construídas por alguém que eu conheço, ter-me-ia apercebido. Mas não vejo nada de familiar.

Sains continuou a mastigar enquanto refletia.

— Mas, Vincent, estás a esquecer-te de uma coisa — continuou e engoliu. — Mesmo que seja invulgar *uma* pessoa ser habilidosa quer em ilusões quer no trabalho manual, invulgar o suficiente para nos conhecermos todos uns aos outros...

Vincent percebeu aonde Sains queria chegar e teve vontade de levar as mãos à cabeça. Como é que podia ter sido tão estúpido?

— ... já não é tão invulgar duas pessoas serem boas cada qual na sua especialidade — disse Vincent e completou o raciocínio de Sains. — Um ilusionista concebe truques de magia. Um construtor sabe construir.

Vincent tapou o rosto com as mãos, queria isolar-se do mundo por alguns momentos.

— São duas pessoas — disse por entre as palmas das mãos. — Tenho andado a pensar dentro de uma caixa demasiado pequena. Não se trata de um assassino solitário, são duas pessoas a trabalhar em conjunto. O que também explica o facto de eu ter a sensação de estar a ver duas

personalidades diferentes a expressarem-se nos homicídios, uma racionalmente planeadora e outra emocionalmente violenta. Tenho feito um esforço enorme para tentar juntar as duas facetas numa imagem coerente do assassino, mas nunca consegui. E não é de estranhar, nunca se tratou de uma só pessoa.

Vincent deixou as mãos caírem nos joelhos e olhou para Sains, que continuava de olhos postos nas fotografias.

— Vincent — disse Sains lentamente, — uma pessoa sozinha pode agir loucamente, cometer atos irracionais incompreensíveis para todas as outras, mas que, num cérebro doente, parecem perfeitamente razoáveis. Mas duas pessoas? Duas pessoas precisam de se coordenar, de dividir tarefas entre si...

Sains juntou as fotografias com as pontas dos dedos, como se elas o pudessem infetar se lhes tocassem demasiado, e voltou a colocá-las cuidadosamente na pasta.

— Vocês não estão a perseguir um maníaco solitário — continuou. — Estão a perseguir dois monstros.

— *Folie à deux* — comentou Vincent, devagar. — Uma psicose, uma loucura compartilhada por duas pessoas. E eu não consigo encontrá-las.

Olhou pela janela, para o mundo normal onde as pessoas comiam gelados ao sol de verão e não precisavam de pensar em assassinatos brutais e códigos incompreensíveis.

— Porque não fui suficientemente inteligente. A próxima vida que extinguirem vai ser por minha culpa. A estupidez de uma pessoa e a loucura de duas. *Folie à trois*.

Inalou o *spray* nasal o mais profundamente que conseguiu. Depois, preparou-se mentalmente para o passo seguinte. Ficava apavorada de cada vez que, apelando à sua força de vontade, tinha de espetar a agulha na pele. Julia fora aconselhada a visualizar o objetivo final e tentava fazê-lo todas as vezes. Fechou os olhos, viu um bebé de carne e osso à sua frente, era indiferente que fosse menino ou menina, o cabelo macio de bebé, as pernas gordas, uma gargalhada gorgolejante que começava no fundo da garganta. Agarrou-se ao seu desejo o máximo que conseguiu.

No entanto, não serviu de nada. Continuava igualmente aterrorizada com as injeções. Quando estava em casa, Torkel podia ajudá-la, mas dificilmente poderia deixar o emprego a meio do dia para ir dar-lhe as injeções. As injeções *deles*, como a enfermeira dizia sempre tão jovialmente. Julia perguntava-se como raio podiam ser deles quando era na sua pele que a agulha tinha de penetrar. Fosse como fosse, essa era apenas uma das mil coisas absurdas que faziam parte do processo em que se encontravam há já uns anos.

Preparou-se mais uma vez. Beliscou a pele da cintura com força, procurou um bom sítio e tentou manter a agulha o mais estável possível, apesar de a mão, como se tivesse vida própria, não parar de tremer incontrolavelmente.

O som de alguém a bater à porta fê-la sobressaltar-se e quase se picou acidentalmente. Voltou a guardar a seringa com as hormonas e o *spray* nasal

cuidadosamente atrás de uma moldura com uma fotografia do casamento dela e Torkel que tinha em cima da secretária, puxou a camisa para baixo, enfiou-a dentro das calças e foi abrir a porta.

— Olá, venho em má altura?

Milda Hjort estava do lado de fora e Julia considerou as suas opções. Precisava de tomar a injeção o mais depressa possível, mas Milda nunca se demorava. E, além de não ter nenhuma boa razão para a mandar embora, também podia tratar-se de alguma coisa importante.

— Não, de todo — respondeu Julia e deu um passo para o lado.

Lançou um olhar rápido à secretária impecavelmente arrumada e, para seu alívio, confirmou que a seringa não estava à vista.

— Senta-te.

Julia fez sinal com a mão para a única cadeira de visitas, como se houvesse alternativa.

Reparou no timbre da sua voz: soava profissional, objetiva, sem um traço do desejo maternal, dos sonhos despedaçados e das memórias de fetos mortos que, com um som repugnante, lhe saíam do ventre diretamente para dentro de uma tigela metálica. Inviável, fora a palavra usada.

Julia apercebeu-se de que Milda estava a olhar para ela com uma certa perplexidade e compreendeu que, por um breve momento, perdera o controlo da sua expressão facial. Quando se sentou na cadeira de escritório, o momento passara e o seu olhar estava novamente atento, a expressão concentrada.

— O que é que tens para nós? — perguntou, apoiando o rosto nas mãos cruzadas e olhando para Milda com curiosidade.

O papel e a tarefa de Milda eram fascinantes. Para Julia, o objetivo primário sempre fora garantir que alguém sobrevivia. Mesmo em casos de homicídio, via isso como a sua principal tarefa, o objetivo de encontrar o

perpetrador era garantir que mais ninguém seria vítima do mesmo criminoso. Milda, por outro lado, entrava em cena numa fase em que a pessoa falecida era a principal tarefa. Passava mais tempo com os mortos do que com os vivos. Julia duvidava de que ela própria alguma vez fosse capaz de trabalhar naquilo que Milda fizera o seu objetivo de vida. Não obstante, tinha um imenso respeito pelo trabalho dela, era uma tarefa verdadeiramente necessária, dava voz aos mortos. E isso era algo que Julia vira vezes sem conta nos casos com os quais trabalhara ao longo dos anos, os médicos-legistas eram uma peça importantíssima do *puzzle* em todas as investigações.

— É sobre o homicídio do Robert Berger. Bem, e por extensão sobre os homicídios da Tuva Lewin e da Agnes Ceci. Mas o Robert é a chave de uma peça importante do *puzzle*. Acho eu. Espero que sim.

Milda contorceu-se na cadeira, incomodada.

— Tens toda a minha atenção — disse Julia, interessada, e inclinou-se para a frente na secretária.

Sem querer, derrubou a moldura com a fotografia do casamento, mas conseguiu rapidamente posicioná-la outra vez.

Milda aclarou a garganta.

— Como sabes, o Robert tinha uma tendência para pôr coisas na boca — começou por dizer. — Estava constantemente a comer coisas que não são para comer, mas isso não é tão invulgar como se possa pensar. Quando o abri, vi que tinha uma grande quantidade de pelos no estômago.

— Que horror! — disse Julia com um esgar.

Imaginou o sabor de pelos na boca e sentiu um aperto no estômago.

— Sim, mas talvez tenha sido uma sorte para nós. Não me compete a mim tirar conclusões, eu só relato o que encontro. Mas pode ser que o assassino tenha algum tipo de ligação a uma... a uma produção de martas.

Julia olhou para ela fixamente.

— Produção de martas? Isso ainda existe?

— Pois, eu também pensei que não. Mas sim, na verdade ainda existem umas quantas quintas de criação de martas na Suécia, apesar de as organizações de direitos dos animais lutarem por fechá-las.

Julia ficou em silêncio.

— Duas coisas — disse Milda e endireitou-se na cadeira, antes de continuar ansiosamente. — Em primeiro lugar, como sabes, encontrámos vestígios de cetamina em todas as vítimas. Em segundo, os pelos que o Robert tinha no estômago eram de marta. Claro que podiam ser de animais selvagens, mas não me parece, porque a cetamina é usada, entre outras coisas, para anestesiá-las precisamente. Quase me atrevo a apostar que o Robert foi assassinado numa quinta de criação de martas. E, nesse caso, os outros provavelmente também.

Julia recostou-se na cadeira para digerir o que Milda acabara de dizer. As diferentes partes giravam-lhe na cabeça, procurava por ligações, caminhos, verdades. Porém, naquele momento, ainda era tudo uma confusão demasiado grande e incoerente. A ideia de uma quinta de criação de martas ainda não assumira a sua posição no *puzzle*.

— Vou relatar isso ao grupo — disse e levantou-se.

O assunto não podia esperar. Milda também se levantou, mas pareceu hesitar.

— Consegues lidar com as injeções sozinha? — perguntou com gentileza.

— Desculpa? — disse Julia e parou a meio de um movimento.

— Ouvi dizer que vocês estão a meio de um... processo. Consegues dar as injeções a ti própria ou queres ajuda? Posso dar-tas sem problema.

Julia ficou com um nó na garganta. Detestava saber que as pessoas

tinham conhecimento e que falavam. Porém, na sede da Polícia não havia segredos, já devia saber isso. Estendeu lentamente o braço para a seringa escondida atrás da moldura. Entregou-a a Milda e puxou a camisa para cima. Sentiu-se invadida por uma sensação de alívio e nem sequer sentiu dor quando Milda lhe deu a injeção.

Vincent estava sentado em frente à televisão, com o comando na mão. Aos quarenta e sete anos, sentia-se como um animal extinto; ninguém assistia já em direto aos programas de televisão. Mas apreciava o facto de estes só serem exibidos num determinado horário; se não os visse quando passavam, perdia-os.

Claro que a maior parte das coisas estava disponível nas páginas dos canais, e isso tornava praticamente impossível perder fosse o que fosse. Mas era aí que residia o problema, Vincent tinha plena consciência de que era apenas uma vítima do princípio psicológico da acessibilidade, aquilo que é inacessível torna-se, por isso mesmo, mais emocionante e mais atrativo. Porém, o mundo moderno mostrara-lhe claramente que esse princípio também funcionava no sentido oposto, quando tudo estava constantemente disponível, nada era interessante. E Vincent não tinha tempo para coisas que não eram interessantes.

Reparou que a casa estava invulgarmente silenciosa. Ouvia-se vagamente a voz de Benjamin através da porta, o que queria dizer que o filho mais velho estava *online*. O facto de Benjamin ter amigos, embora invisíveis, era ainda assim surpreendente. Aston estava a dormir satisfeito, por uma vez na vida, Rebecka saíra e Maria... Na verdade, não sabia o que Maria andava a fazer, provavelmente estava deitada na cama a ler um livro pleno de ensinamentos sobre como viver uma vida com significado. Maria adorava esse tipo de livros, devorava-os de uma assentada. Algumas pessoas liam

livros de cozinha sem preparar uma única receita, outras mergulhavam em manuais sobre exercício físico sem nunca se mexerem. Maria fazia a mesma coisa, mas com livros de autoajuda. Em vez de realmente aplicar os conselhos que lia, era mais fácil abrir um novo livro. E depois atribuir-lhe as culpas quando a vida continuava na mesma.

Pronto, talvez estivesse a ser um pouco mauzinho, mas tinha dificuldade em lidar com a biblioteca em cima da mesa de cabeceira da mulher, na qual cada título prometia revelar *O segredo de* ou *O código para* alguma coisa. Vincent bufou, as pessoas que escreviam aqueles livros não sabiam rigorosamente nada sobre códigos, muito menos sobre a vida real.

Um som vindo da rua perturbou-lhe os pensamentos. Levantou a cabeça e ainda teve tempo de ver uma silhueta do lado de fora da janela antes de ela desaparecer. Ou seria outra coisa? Estava um fim de dia claro, mas a floresta em redor da casa escurecia o relvado do outro lado do vidro. O sistema de iluminação a painéis solares que instalara ao longo do trilho de gravilha que chegava até à porta da frente não era suficiente para iluminar a parte dianteira do terreno na totalidade. Vincent desligou a televisão, foi até à janela e espreitou para o exterior.

Nada.

Um dos arbustos no limite do relvado moveu-se, como se algo ou alguém tivesse passado por ele ao dirigir-se para o interior da floresta. Provavelmente um veado. Quando se mudaram para o campo, Vincent aprendera rapidamente que a natureza tinha pouco medo dos humanos e perguntou-se quanto tempo teria ele estado ali, a observá-lo através da janela. O veado provavelmente perguntara-se o que estava Vincent ali a fazer, no meio da sua floresta.

Vincent reparou que havia duas manchas de gordura ao nível dos seus olhos no vidro e tentou limpá-las com a manga da camisa. As manchas

estavam do lado de fora. Tinham a forma de duas meias luas. Posicionou as mãos em forma de binóculos e encostou-as às manchas; encaixaram-se perfeitamente nas impressões, como se estivesse a olhar lá para fora através delas. Ou para dentro, apercebeu-se. Alguém estivera a fazer o mesmo gesto do lado de fora, a observá-lo através da janela. E não era definitivamente um veado.

Bateram à porta e Vincent quase gritou, sobressaltado com o barulho alto e repentino. Outra batida. Vincent avançou para a porta e abriu-a cuidadosamente, na expectativa do que estaria do outro lado.

Era Mina.

— Ah, olá — disse Vincent sem conseguir esconder o espanto na voz. — És tu que andas a espiar-me?

— A espiar-te? — perguntou Mina. — Não, só não quis tocar à campainha para o caso de o Aston estar a dormir.

— Não, não é isso, estava alguém aqui...

Vincent começou a apontar para a floresta, mas parou quando viu a expressão facial de Mina.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou-lhe então.

Saiu para o alpendre e encostou a porta atrás de si.

— Não, estava só a pensar... — disse Mina, mas deixou a voz esmorecer, como se não estivesse completamente convencida do que dizer a seguir. — Pensei só que podíamos fazer alguma coisa juntos.

Vincent ficou sem palavras. Olhou para a mulher à sua frente. Mina podia ser peculiar, mas, pelo menos, não tentava representar um papel, como a maior parte das pessoas, era ela mesma. Ora, Vincent apreciava isso. Compreendia que Mina apelara a uma grande dose de coragem para se dirigir até casa dele, arriscar ouvir um «não», principalmente tendo em conta o que lhe contara no táxi. Como é que poderia alguma vez acreditar

que ela, sendo quem era e lutando com o que lutava, podia ter-lhe enviado o livro? Teve vontade de bater em si próprio por ter sido tão insensível. Um som fê-lo lançar um olhar rápido através da abertura da porta atrás de si; se Maria visse Mina ali, seria o pandemónio.

— Pensei em vir cumprimentar a tua família — continuou Mina. — Agora que trabalhamos tanto tempo juntos.

— Não é uma boa ideia — respondeu Vincent. — Hoje não.

Mina recuou um passo, afastou-se dele. Já não conseguia ver o rosto dela claramente, mas os seus ombros descaídos diziam-lhe tudo o que precisava de saber; magoara-a a sério, pois acabara por lhe dar a nega que ela tanto receara.

— Quero dizer, é uma boa ideia fazermos qualquer coisa os dois — apressou-se a dizer-lhe. — Uma ótima ideia, até. O que quis dizer foi em relação à minha família. A Maria não está nos seus dias e, por norma, é uma pessoa muito ciumenta. Se te visse assim, ainda por cima num dia não ...

— O que é que queres dizer com «assim»? — perguntou Mina. — Há algum problema comigo?

Vincent observou Mina novamente com atenção. Não, não havia mesmo problema nenhum com ela. O cabelo preto no seu rabo-de-cavalo impecável, juntamente com a camisola branca de gola alta, acentuava-lhe quer as feições quer a personalidade. A soma era maior do que as partes de uma forma que o deixava sem fôlego. Esperava que não estivesse a ser demasiado óbvio e fez de tudo para não lhe olhar para a boca vermelha quando ela falava. Além disso, estava obviamente a precisar mais de companhia do que se apercebera, tendo em conta que há poucos minutos tivera alucinações com alguém a espiá-lo. Claro que tinha sido um veado.

— Estás a dizer que a Maria tem alguma razão para ter ciúmes? — perguntou Mina.

Surgiu-lhe um movimento no canto da boca, talvez o esboço de um sorriso, mas Vincent não tinha a certeza. Também podia ter sido uma sombra.

— Ciúmes por causa de ti? — perguntou e apercebeu-se de que estava a corar. — Quero dizer, ela...

— Claro que não são por causa de mim — interrompeu Mina. — Nunca se passou nada entre nós. Estava a perguntar se ela tem motivos para ter ciúmes em geral. Costumas andar metido com outras mulheres?

E ali estava ela, a Mina que despertara a sua curiosidade logo naquela primeira noite, em Gävle. A pessoa honesta de uma forma quase desajeitada, sem o sentido de diplomacia interpessoal que a sociedade em geral esperava das pessoas, mas que podia ser totalmente esgotante. Principalmente para aqueles que, como ele próprio, também não tinham sido abençoados com essa espécie de elixir social. Mina fazia com que ele, talvez pela primeira vez, se sentisse ele próprio. Sem ter de representar nenhum papel porque outros esperavam isso dele. Olhou-lhe para as mãos, não pareciam secas, provavelmente tinha usado algum creme. Vincent sentiu um ligeiro aroma a baunilha chegar-lhe ao nariz.

— Não, não ando metido com outras mulheres — respondeu. — Bem, uma vez tive um caso enquanto era casado. Mas foi com ela, com a Maria. E depois divorciei-me e casei-me com ela.

Mina assentiu lentamente com a cabeça, como se compreendesse.

— Vamos embora — disse Vincent e fechou a porta atrás de si. — A Maria é provavelmente a melhor mãe do mundo, devias vê-la com o Aston, mas a comunicação em geral nesta casa costuma ser... mais desafiante. Vou mandar-lhe uma mensagem a dizer que me convocaste. O que até é meio verdade.

— Mas tens de prometer que não vamos falar de trabalho, não consigo

pensar em mais nada há vários meses — disse Mina e deu-lhe o braço. — As pessoas normais estão todas de férias. Bem podíamos fazer também uma pausa.

O braço de Mina ficou rígido e a posição tornou-se bastante desconfortável. Era claramente um gesto muito invulgar nela, mas Vincent apreciou o esforço.

— Combinado! Vamos ficar pelas conversas superficiais e inocentes sobre os meus supostos casos extraconjugais e a minha esposa ciumenta.

Percorreram o caminho de gravilha que atravessava o pequeno relvado em frente à casa e saíram para a estrada que serpenteava pela zona. Estava uma noite agradável e o calor de verão permanecia no ar.

Vincent parou junto às caixas do correio. Algo estava em falta. Por ocasião de um dos seus espetáculos, Umberto mandara imprimir pequenas placas metálicas autoadesivas com o texto Proibida a Leitura de Mentes, como campanha publicitária. Vincent colara uma delas na caixa de correio quando se mudara para ali, mas a placa desaparecera. Provavelmente estava caída algures nas ervas, tinha dificuldade em acreditar que alguém a roubara, não devia haver mais ninguém além dele que ainda lhe achasse piada. Mas a caixa de correio ficava mais aborrecida sem ela.

— Isto aqui em Tyresö é mesmo muito calmo — comentou Mina. — É quase como chegar ao campo. Até tive de usar o GPS para não me perder. Parece que a civilização ficou cinco quilómetros atrás.

Vincent riu-se.

— Não há que contornar a questão, isto é mesmo o campo! Mas sinto-me bem aqui. Sinto-nos bem, quero dizer. Quando ando em digressão, estou sempre rodeado de pessoas; por isso, é muito bom poder voltar para aqui, a uma distância de duzentos metros até ao vizinho mais próximo. O Aston também tem muita natureza para explorar e o autocarro para a escola dos

miúdos passa já ali à frente. Mas e tu, como te sentes no teu apartamento em Årsta?

Vincent apercebeu-se de quão pouco sabia sobre Mina, apesar de trabalharem juntos há já cinco meses. E quanto realmente queria saber. O que lhe ocorrera mesmo ainda há pouco sobre o princípio psicológico da acessibilidade? «Aquilo que é inacessível torna-se, por isso mesmo, mais excitante e atrativo.» *Pára com isso.* Vincent não era motivado por esses princípios. Claro que Mina era uma pessoa constantemente fascinante e também muito atraente, e sentia-se feliz por ela ter entrado na sua vida. Não obstante, tinham uma relação de trabalho adulta e profissional. Que talvez estivesse a caminho de se transformar também numa relação de amizade. E era mais do que suficiente.

Claro que Maria ficaria com ciúmes, de qualquer maneira, isso era completamente inevitável. Por outro lado, também ficava com ciúmes quando Vincent falava com Liv, que trabalhava na caixa do supermercado onde faziam as compras. Liv, que tinha cinquenta e cinco anos e era casada com Corinne, que trabalhava nos lacticínios. Mas não fazia diferença. Desejava que Maria conseguisse melhorar a sua autoestima, que pelo menos um daqueles livros conseguisse ajudá-la. Já que estava na cara que ele próprio falhara miseravelmente nesse aspeto.

— Acho que até me sinto bem — respondeu Mina, e Vincent demorou alguns segundos a recordar-se do que lhe perguntara.

— Na verdade, tenho uma pergunta sobre trabalho — disse, hesitante. — Mas prometo que é a única. Lembras-te de quando nos conhecemos, em Gävle. Nesse dia, disseste que alguém te tinha aconselhado que falasses comigo. Quem foi?

Mina parou a meio de um passo e virou-se para ele.

— Porque é que perguntas?

— Prometo explicar-te o motivo da pergunta. Mas é importante que me respondas primeiro.

Mina continuou a olhar para ele durante algum tempo, parecia estar a ponderar o que havia de responder.

— Eu... acompanhei uma pessoa a uma reunião dos alcoólicos anónimos — acabou por responder. — Como apoio.

Vincent ergueu as sobrancelhas. Aquilo não era nada do que esperara, mas toda a informação que pudesse obter era importante. Assentiu com a cabeça.

— Conhecia-a lá. Chama-se Anna, foi ela que me recomendou que falasse contigo. A única coisa que sei sobre ela, além de que te conhece, é que tem uma tatuagem de um golfinho na coxa. E de um lobo no braço. Se quiseses falar com ela, podes fazer-lhe uma espera tipo *stalker* à porta do lugar onde costumam encontrar-se, em Kungsholmen. Posso dar-te a morada.

Mina manteve o contacto visual por mais alguns segundos, como se estivesse à espera do que ele iria dizer.

— Anna — repetiu Vincent com um sorriso. — Golfinho. Kungsholmen. Obrigado. E acabaram-se os assuntos de trabalho, palavra de honra.

Mina levantou um dedo no ar, enfiou a outra mão no bolso e retirou o telemóvel. Vincent nem o ouvira vibrar.

— É a Julia — disse e mostrou-lhe o ecrã. — Mais vale atender. Parece que, afinal, o trabalho nos persegue. Olá, Julia!

Mina ficou calada a escutar com atenção.

— Quintas de criação de martas, a sério? — disse, ao fim de algum tempo. — Está bem, obrigada pela informação.

Desligou a chamada e voltou a guardar o telemóvel no bolso, mas

Vincent conseguiu ver que retirou o modo de vibração e colocou-o no silêncio.

— Não seria melhor metermos mãos ao trabalho? — perguntou depois de Mina desligar. — A chamada pareceu-me importante.

Mina abanou a cabeça.

— Estou tão frustrada e preocupada como tu sobre quando será o próximo homicídio — respondeu. — Mas não vamos apanhar o assassino hoje. Parece que a Milda, a médica-legista, encontrou uma ligação entre os homicídios e quintas de criação de martas. E também vi o teu *e-mail* no caminho para cá, sobre provavelmente tratar-se de duas pessoas a colaborar nos assassínios, e não apenas uma.

— Sim, mas isso não altera significativamente o perfil psicológico — comentou Vincent. — Antes pelo contrário, tornou-se mais compreensível. Mas, tratando-se de duas pessoas, quer dizer que têm uma capacidade assustadoramente bem desenvolvida de planejar racionalmente atos de agressão durante longos períodos de tempo. Talvez mesmo muito longos.

Mina assentiu com a cabeça.

— Mas isso não nos deixa mais perto de os encontrar — disse. — Pelo menos não esta noite.

Vincent anuiu e viu Mina olhar para o relógio de pulso. Apreciava o facto de ela ter um relógio de pulso, hoje em dia tornara-se demasiado comum pegar simplesmente no telemóvel para ver as horas. Por um lado, um relógio de pulso era mais elegante e, por outro, tinha dificuldade em lidar com a falta de autocontrolo que as pessoas demonstravam quando ficavam automaticamente agarradas às redes sociais sempre que precisavam de ver as horas.

— É demasiado tarde para mandar alguém ir inspecionar quintas de criação de martas — continuou Mina. — De qualquer maneira, não estaria

ninguém presente. Fazemos isso amanhã de manhã. O Ruben que vá. Quanto a nós, pensemos noutras coisas, por uma vez!

— A Julia já foi para a cama com o Ruben, não foi? — perguntou Vincent.

— Ninguém sabe, por isso bico calado — respondeu Mina. — Isto é, à exceção do pessoal lá da sede que participou no cruzeiro de Natal, claro. Mas isso já foi há... sei lá, cinco anos. Ou até mais. Porque é que perguntas?

— O Ruben deixa-me curioso. Aquela fachada de ser uma dádiva de deus para as mulheres ainda maior do que o Brad Pitt. Há qualquer coisa lá por trás.

Mina ergueu uma sobrancelha.

— Não me meto nisso — respondeu. — Aonde é que vamos?

— Não sei, mas está-se tão bem aqui fora — disse Vincent e desviou-se de uma poça de água. — O que é que tinhas em mente?

— Também não sei, não planeei nada. Nem sabia se querias fazer alguma coisa. Mas de preferência alguma coisa fora da floresta, por mim já está vista.

Vincent desconfiou que Mina estava a fazer o seu melhor para não fantasiar sobre todos os pequenos insetos que podiam andar por entre as árvores e as folhas. Provavelmente, era melhor não dizer nada sobre o enorme formigueiro por que tinham acabado de passar.

— Bem, se não vamos mesmo trabalhar, então talvez... pudéssemos ir ao cinema! — disse Vincent e verbalizou a primeira coisa que lhe veio à mente.

Mina riu-se e olhou para ele com um sorriso irónico. Não havia dúvidas de que era um sorriso, desta vez.

— Ao cinema? Como se faz num... encontro?

Vincent voltou a corar. Merda, não tinha chegado até ali.

— Tens razão, claro que não, desculpa. Então, o que é que gostas de fazer?

— Gosto de treinar — respondeu Mina. — E jogar bilhar. Sou muito boa a jogar bilhar. Mas não me importo nada de ir ao cinema contigo, já há muito tempo que não vejo um filme.

Mina deu-lhe uma cotovelada carinhosa de lado.

— Se a Maria vai ficar horrorizada de qualquer maneira, mais vale dar-lhe uma razão.

Foram no carro de Mina até ao cinema num centro comercial de Estocolmo. Vincent não falou muito na viagem, era difícil conversar quando estava sentado ao lado dela sem lhe conseguir ver a expressão facial. O resultado foi uma viagem em silêncio. Quando pagou o estacionamento na aplicação do telemóvel, forçou-se a não ajustar a hora para que ficasse um número par em vez de ímpar. Não queria fazer nada que parecesse demasiado estranho.

Compraram bilhetes para um filme de que nenhum dos dois ouvira falar e dirigiam-se para o átrio do cinema. Atrás das caixas de pagamento, havia armários de vidro cheios de pipocas em grandes embalagens de cartão. Vincent encaminhou-se para a prateleira mais próxima, mas deteve-se. Deveria comprar bebidas e alguma coisa para comer? Ou não? Se o fizesse, passaria a ser um encontro? Não tinha a certeza das regras.

Virou-se para trás para perguntar a Mina e descobriu que ela já não estava perto dele. Ficara alguns metros para trás, como se estivesse paralisada e colada ao chão, o olhar fixo nas embalagens de pipocas. O rosto completamente pálido. Depois os olhos desviaram-se para o lado, para as máquinas automáticas de refrigerantes e as palhinhas num monte

desorganizado. As suas pupilas dilatadas e os maxilares cerrados revelavam o pânico crescente dentro dela.

Vincent sentiu-se um perfeito idiota.

Qualquer um dos empregados, para não falar da quantidade incalculável de clientes, podia ter tocado nas pipocas dentro dos pacotes sem tampa. Centenas de pessoas com as mãos por lavar tinham esgravatado por entre aquelas palhinhas. Para não falar de todas as pessoas que já se tinham sentado nas cadeiras onde eles iriam sentar-se, ou do refrigerante entornado que corria o risco de lhe ficar colado às solas dos sapatos dentro da sala de cinema. Como é que podia ter pensado que Mina ia gostar daquilo?

— Mina — disse Vincent e tocou-lhe cuidadosamente no cotovelo. — Vamos embora daqui.

Mina reagiu com um tremor ao toque dele, mas continuou a olhar fixamente para as pipocas.

— Mas já pagámos os bilhetes — respondeu e começou a esfregar as mãos uma na outra, como se estivesse a lavá-las. Já estavam secas e gretadas novamente. — Já pagámos, por isso não podemos ir embora.

— Claro que podemos. Pagámos precisamente para fazermos o que quisermos. Só porque nos servimos de comida não somos obrigados a comê-la. Temos sempre uma escolha. Todos os pais estão errados nesse aspeto.

Com um aperto suave no cotovelo de Mina, conduziu-a para fora do cinema. Mina começou a respirar com mais facilidade assim que viraram as costas ao balcão com os doces. Saíram para o espaço do centro comercial e os seus labirintos de restaurantes junto ao cinema.

— Senta-te aqui — disse Vincent e apontou para o restaurante mais próximo. — Pede alguma coisa para beber, estás a precisar. Eu já venho.

Sem esperar pela resposta, saiu a correr do centro comercial e entrou no

supermercado que ficava precisamente ao lado, amaldiçoando-se pela sua falta de consideração.

Três minutos mais tarde, estava de volta. Mina encontrava-se sentada a uma mesa no fundo da sala, com uma cerveja no lugar oposto e uma *Coca-Cola Zero* no lugar dela. Não tocara ainda no refrigerante.

— Toma — disse Vincent e estendeu-lhe um pacote selado com palhinhas que acabara de comprar. — Parto do princípio de que não trouxeste as tuas hoje.

Mina pareceu prestes a chorar.

— Desculpa — começou por dizer. — Não quero que penses que sou maluquinha. Eu esforço-me, mas é tudo tão...

Se Mina comesse a chorar, Vincent não saberia o que fazer. Havia cinco palhinhas no pacote. E havia sete pacotes no suporte no supermercado. Trinta e cinco palhinhas no total. Mina não devia ter mais de trinta e três anos. Era uma diferença de dois, entre trinta e cinco e trinta e três. Uma palhinha para cada um deles era igual a dois. Não queria mesmo que ela comesse a chorar.

— Eu vejo as coisas assim — disse Vincent. — Tu vais ser a última pessoa do mundo a apanhar uma gripe. E isso não pode ser mau.

Mina sorriu, agradecida, abriu o pacote de palhinhas e colocou uma no refrigerante. Depois olhou para ele e também lhe colocou uma na cerveja.

Vincent não chegou demasiado tarde a casa, mas a família já estava toda a dormir. Aston costumava apagar de cansaço por volta das oito da noite, Maria gostava de ir para a cama no máximo às nove e meia, e os adolescentes cerca de uma hora mais tarde. Ele próprio costumava ter o seu período mais criativo entre as dez da noite e as duas da manhã, então chegar

a casa à meia-noite, como agora, era o ideal. Ainda tinha mais duas horas para se sentir focado e eficiente.

Mas não esta noite. Tinha a mente repleta de pensamentos sobre Mina e tudo o que tinham conversado. Foi escovar os dentes e esgueirou-se para o quarto, com cuidado para não acordar Maria. Se ela acordasse, iria perguntar-lhe no tom acusatório que lhe era característico porque estava a chegar a casa a meio da noite, e Vincent não se sentia com energia para se defender.

Despiu-se no escuro. Meias e cuecas para o chão, era roupa suja. O resto da roupa que ainda estava limpa em cima da cómoda. Quando os seus olhos começaram a habituar-se à escuridão, viu uma sombra na mesa de cabeceira de Maria. Era a sua pilha de livros. Tal como a mulher, Vincent talvez não soubesse assim tanto sobre como a vida funcionava. E, tal como a mulher, nunca iria encontrar a resposta num livro. A única diferença é que ele sabia disso.

Mas estava a começar a aprender. Mina começava a ensinar-lhe.

Mora, 1982

Jane estava sentada numa cadeira, no *hall* de entrada da casa de Ylva. Na cómoda ao seu lado repousava o telefone da família. Agarrou o auscultador cinzento, mas não chegou a levantá-lo do descanso. Telefonar ou não telefonar para casa, eis a questão. Receara que a mãe fosse ligar-lhe todos os dias que estivesse de visita à amiga, ou até mesmo várias vezes por dia, para perguntar como ela estava e quando voltaria para casa. Tinha dito aos pais de Ylva que a mãe às vezes podia dar em maníaca e desculpara-se antecipadamente pelo que pensara que iria acontecer.

No entanto, a mãe comportara-se surpreendentemente bem. Só telefonara no primeiro dia e apenas para saber se Jane chegara e se tudo tinha corrido bem. Depois disso, não tivera mais notícias dela, apesar de saber que devia ser extremamente difícil para a mãe não o fazer. Mas era bom sinal, podia ser que a mãe tivesse descoberto que se desenvencilhava perfeitamente sem ela. Assim como Jane tinha feito uma revisão mental do fim para o princípio do truque de ilusionismo do irmão, talvez a mãe tivesse compreendido que, afinal, não fora Jane quem a mantivera à tona, que ela própria conseguia fazê-lo sozinha. Afinal, não seria um bicho de sete cabeças deixar Kvibille.

Ainda assim, continuava sentada a segurar o telefone, com a mão cada vez mais suada contra o plástico cinzento. Porque sentia que algo estava errado. Profundamente errado. Não conseguia explicar o que era, não se

tratava de um sentimento racional. Provavelmente, estava só a ser parva. Provavelmente, era a sua consciência que a assombrava. Devia era estar feliz, em vez de preocupada, que a mãe não estivesse a seguir o seu padrão de comportamento habitual.

No entanto, não conseguia deixar de sentir que algo não estava bem. Algo lá em casa. Enrolou no dedo o fio que ligava o auscultador ao telefone. Se telefonasse e lhe ouvisse na voz um tom de preocupação, a mãe pedir-lhe-ia que voltasse para casa imediatamente. Se não telefonasse, teria de continuar com aquele nó irracional no estômago.

Passou o auscultador para a outra mão, limpou o suor às calças e marcou o número de casa. Ouviu por alguns segundos uma série de estalidos e cliques, até que a chamada foi estabelecida. Quando finalmente os sons de chamada começaram a soar, eram tão ténues e fracos como se estivesse a telefonar para o outro lado do mundo. Cinco toques depois, alguém atendeu.

— Estou? Ligou para a família Boman.

— Olá, maninho! É a Jane!

Silêncio. Jane sabia que o irmão mais novo não gostava de falar ao telefone, teria de ser ela a dirigir a conversa.

— Como é que vocês estão? — perguntou-lhe.

— Bem, a tomar o pequeno-almoço.

Jane sorriu. Estava tudo bem, o nó no estômago teria de ir para a cadeira do castigo.

— Deixa-me adivinhar — disse. — As torradas da mãe em triângulos?

— Sim, sem os cantos. Com ovo cozido às fatias. Tu sabes que...

— As rotinas são importantes — completou Jane.

— ... as rotinas são importantes.

Riram-se ao mesmo tempo.

— Posso falar com a mãe? — perguntou-lhe. — Isto é, se já acabou de fazer as tuas torradas.

— Não, ela não pode falar agora.

— É um... desses... dias? — perguntou Jane e baixou a voz. — Desenrascas-te sozinho?

— Não, não é isso, é só que ela não está cá dentro. Eu estou bem.

Pelo menos, a mãe estava saudável o suficiente para preparar o pequeno-almoço. Então, pronto, a ansiedade não tinha razão de ser. Tudo não passara de um peso na sua consciência. E desde que falasse apenas com o irmão, a mãe não poderia pedir-lhe que voltasse para casa.

— Já agora, não estavas a construir um truque de magia secreto antes de eu me ir embora? A mãe disse que talvez até participasse nisso. Mostras-me quando eu chegar a casa?

Fez-se silêncio do outro lado da linha. Jane pressionou o auscultador do telefone contra a orelha para tentar perceber se o irmão ainda lá estava. Ouviu uma respiração fraca, ele não gostava de falar sobre os seus segredos. De outro modo, lá se ia a magia, eis o que costumava dizer. Mas também não precisava de ser demasiado sensível.

— Não te preocupes, a mãe não me revelou segredo nenhum — assegurou-lhe.

— Não quero falar mais agora. Quero ir comer. As torradas vão ficar frias.

— Está bem, mano. Vemo-nos daqui a uma semana. Diz à mãe que eu liguei.

Ele desligou antes de ela ter tido tempo de acabar a frase. Jane desenrolou o fio do telefone dos dedos e pousou o auscultador de volta no descanso. Quando estava a falar com o irmão, sentira que estava tudo bem. Mas a ansiedade voltara. Bem vistas as coisas, o irmão parecera-lhe

estranho no final da conversa. Devia voltar para casa, só que estava tudo bem.

— Pára com isso, Jane — disse em voz alta para si própria e abanou a cabeça.

A mãe era a pessoa mais manipuladora que conhecera. Era perita em cravar as garras nas pessoas, até elas não aguentarem mais. E, aparentemente, essas garras estavam cravadas mais profundamente em Jane do que ela se apercebera. Sem ter de fazer rigorosamente nada, a mãe quase a fizera voltar para casa. Mas desta vez não. Desta vez, Jane iria vencer.

Pegou no seu saco com as artigos de banho do dia anterior e foi até às traseiras da casa. Ylva estava deitada em cima de uma manta na relva a ler um livro.

— Ylva! — chamou. — O que dizes de irmos ao banho?

— Estás tããão atrasada — respondeu Ylva e levantou-se do cobertor. Já tinha o biquíni vestido.

— A última a lá chegar tem de saltar lá de cima! — gritou Jane e correu em direção às bicicletas.

Só voltaria para casa quando lhe apetecesse.

Pela centésima vez, Ruben esticou a mão para o manípulo das mudanças do carro, mas não havia manípulo nenhum. E pela centésima vez, arrependeu-se de não ter levado o seu *Chevrolet Camaro*. Mudanças automáticas, que parvoíce era essa? Como se fosse algum deficiente. No entanto, quintas de criação de martas lembravam-lhe sítios com lama, sujidade industrial e bolas de pelos de animais por todo o lado. E não pretendia que *Ellinor*, como chamava ao carro, se sujeitasse a isso. Quando alguém lhe perguntava sobre o nome, mencionava sempre um filme de ação antigo com Nicolas Cage. O verdadeiro motivo só a ele dizia respeito.

Ellinor acabara de vir da oficina. Estava num brinco, recém-polida, por baixo de uma lona na garagem. Os vizinhos com quem ele dividia esse espaço costumavam gozá-lo por causa da lona, claro, mas eles que falassem. Deviam era preocupar-se com os seus carros todos cagados. Não tinha intenções de deixar que as partículas de gordura que povoavam garagem lhe conspurcassem a pintura branca do carro.

E por esse motivo ia agora ao volante de um carro de serviço. O facto de ter a palavra Polícia escrita por todo o lado também era uma ajuda quando aparecia em sítios sem ter sido chamado. E Ruben era rápido a tirar partido do nervosismo que o carro despertava. Apesar disso, o dia tinha sido um verdadeiro desperdício de tempo, tal como ele suspeitara. Visitara três quintas de criação de martas até então e planeava ir a apenas mais uma, antes de pôr um fim àquilo.

Por enquanto, o objetivo era dar uma vista de olhos, tentar ficar com uma ideia se as quintas de martas eram realmente um lugar onde seria possível manter pessoas reféns, talvez até matá-las, sem se ser descoberto. Mas os lugares que Ruben já visitara não tinham um centímetro quadrado de espaço livre, era só martas por todo o lado. Milhares delas, espremidas em sistemas automatizados que permitiam que uma só pessoa tratasse de mil martas. Mal havia espaço para animais, quanto mais para uma oficina discreta, mas assassina, de carpintaria.

A última quinta a visitar ficava na ilha de Lidön, no arquipélago de Norrtälje, o que exigia apanhar um *ferry*. Assim que entrou a bordo do barco, desligou o motor e saiu do carro. O vento abriu-lhe o casaco e despenteou-lhe o cabelo, mas Ruben não se sentiu incomodado, o ar fresco era mais do que bem-vindo após ter estado sujeito ao cheiro francamente nojento das criações. Sabia que havia muitas pessoas indignadas com a forma como os animais eram tratados, a indústria de criação de martas não era um setor económico apreciado entre aqueles que consideravam ter consciência social. E Ruben alinhava pelo mesmo diapasão, de certa forma; o que vira durante o dia não o enchia propriamente de alegria.

Ao mesmo tempo, se queriam reclamar sobre condições miseráveis, muitas pessoas precisavam de ajuda primeiro, antes de começarem a preocupar-se com os animais. Se uma pessoa queria ajudar, era preciso escolher como o fazer, podia tornar-se polícia e ser útil, por exemplo. Ou então filiar-se num partido de esquerda e ir a manifestações.

Ao fim de quinze minutos, o *ferry* chegou ao seu destino e Ruben sentou-se novamente ao volante do carro no preciso momento em que o telemóvel tocou.

— Ruben Höök — atendeu através do sistema de alta voz do carro.

— Olá, Ruben. É o Vincent. Como é que está a correr? Ouvi dizer que

estás no terreno a investigar uma pista, em busca de uma ligação a quintas de criação de martas...

Vincent? Não era de todo a primeira pessoa que esperava que lhe ligasse. Mina ter-lhe-ia contado, certamente. Pelos vistos, achava que aquele feiticeiro fazia um trabalho melhor do que a Polícia. Provavelmente, queria era ir para a cama com ele. Embrulhada em película aderente. Ruben riu-se sozinho da imagem que lhe surgiu na cabeça.

— Para ser sincero, acho isto uma perda de tempo — respondeu, ligando o motor do carro. — Estou a caminho da última quinta. Espero que não tenhamos de ir a mais nenhum sítio com base naquilo que foi encontrado no estômago do Robert. O mais certo seria termos de investigar uns quantos McDonald's.

O carro estremeceu quando o *ferry* atracou.

— Mas porque é que me estás a ligar? — perguntou enquanto as cancelas eram levantadas para que saísse.

— Queria falar contigo sobre uma coisa, sem envolver o grupo.

Só estavam mais dois carros no barco. Ruben passou por eles e olhou para o mapa na aplicação do telemóvel. A quinta de criação de martas não ficava longe do terminal dos *ferrys*. Estava realmente desejoso de que este dia chegasse ao fim.

— Nós não nos conhecemos — continuou Vincent. — Mas observei-te, escutei com atenção a tua maneira de falar, a tua atitude em relação às mulheres. Há quanto tempo é que ela te deixou?

Ruben deixou escapar um assobio e preparou-se para encostar na berma da estrada. Os dois carros que vinham atrás passaram por ele buzinando furiosamente. Quando estava quase parado, pôs-se a procurar os auriculares nos bolsos; isto era demasiado pessoal para alguém ouvir sem querer. Era verdade que estava sozinho no carro, mas ainda assim.

— Mas que raio de pergunta é essa? — disse quando conseguiu colocar os auriculares sem fios nos ouvidos. — Em primeiro lugar, não faço a mínima ideia do que é que estás a falar e, segundo, é um assunto privado. Quem é que pensas que és?

— Não queria intrometer-me — respondeu Vincent. — Mas percebo quando uma pessoa tem o coração partido. E digo-o de forma completamente objetiva.

Ruben ficou sem saber o que dizer. Não queria admitir aquilo, nem para si próprio ou para qualquer outra pessoa. Mas o maldito mentalista tinha razão, apesar da sua total falta de subtilidade social. No entanto, Ruben não queria sequer pensar nisso, nem agora nem mais tarde. Não se podia confiar em mulheres e ponto final.

— Peço desculpa se fui demasiado direto — continuou Vincent num tom que, felizmente, não estava carregado de uma simpatia melosa. — Mas acho que não queres que se fale contigo de outra maneira. E prefiro estar errado e ser considerado um idiota insensível a saber que te sentes tão em baixo. Presumindo que tenho razão, quero dizer, que te sentes em baixo.

— Até parece que te queres casar comigo — retorquiu Ruben e ligou novamente o motor do carro. — Porque é que estás interessado em saber como é que eu me sinto? O que é que tens que ver com isso?

Já avistara a criação de martas a alguma distância, provavelmente havia um desvio da estrada onde se encontrava agora que o levaria até um parque de estacionamento à frente do edifício principal. Chegaria dentro de dois minutos.

— Não tenho. Ou melhor, eu...

— Então agora queres ser o meu terapeuta? — interrompeu Ruben.

— Nada disso — respondeu Vincent. — Nem sequer quero saber se tenho razão ou não. Sei que, quando te empenhas, és bom naquilo que

fazes. Já consegui perceber isso pelos teus colegas. Mas essa tua outra faceta, parece-me que te perturba. E as tuas capacidades ficam prejudicadas.

Ruben estacionou o carro-patrolha e saiu. Nas outras quintas ouvira logo no estacionamento os sons inconfundíveis de uma exploração em pleno funcionamento. Os animais precisavam de alimentação, ar condicionado, tapetes rolantes para transporte. Para não falar dos animais em si. Tudo isso produzia barulho. Ali reinava um silêncio completo e Ruben partiu do princípio de que a quinta estava abandonada. Acontecia a cada vez mais negócios daqueles, pelo que tinha percebido. O palpite também batia certo com o aspeto abandonado do edifício. Conseguiu vislumbrar o mar aberto a cerca de uma dezena de metros atrás da quinta, era um lugar que poderia descrever quase como pacífico, não fosse pelo cheiro. Até era pior ali do que nos outros locais que visitara. Se já não houvesse animais agora, teria havido até muito recentemente. Dos locais que visitara, este era o primeiro que, pelo menos teoricamente, poderia corresponder aos requisitos de um local de homicídio isolado.

— Mas, acima de tudo, o teu comportamento também perturba as habilidades dos teus colegas — continuou Vincent e interrompeu os seus pensamentos. — E o que vou dizer a seguir, digo sem qualquer tipo de julgamento de valor. Mas os teus comentários e os teus olhares... os outros reagem a isso. Tu se calhar achas que é só um palavreado engraçado, talvez até seja. Mas apercebi-me de que isso desequilibra os outros, que os leva a cometer erros. Não faço nenhum julgamento de valor, é só uma observação objetiva.

«Uma observação objetiva»? Quem com menos de cem anos é que falava daquela maneira?

— Referes-te à Mina? — perguntou Ruben.

Um velhote barbudo saiu do que parecia ser uma habitação ao lado do

edifício da exploração de animais. Meu deus, viveria o velho realmente ali? Praticamente dentro da própria criação? Só podia torcer por que o homem tivesse perdido o olfato há muito tempo.

— Como te disse, não é da minha conta, de facto — disse Vincent. — Mas acho que é uma pena que vocês, enquanto grupo, não funcionem no máximo das vossas capacidades, principalmente tendo em conta o ponto em que se encontram na investigação.

Pelo menos, não se incluíra a si próprio dizendo «o ponto em que *nos encontramos* na investigação». Sempre era alguma coisa. No relvado ao lado da casa havia um conjunto de móveis de jardim em madeira branca, para os quais o homem estava a dirigir-se. Até à distância a que se encontrava, Ruben conseguia ver que a tinta dos móveis estava a descascar. Uma mulher encontrava-se sentada numa das cadeiras. O homem avistou Ruben, deu meia-volta e dirigiu-se a ele.

— Posso ajudá-lo? — perguntou quando alcançou o carro da Polícia.

Ruben apontou para os auriculares nos ouvidos, indicando ao homem que estava numa chamada telefónica.

— Além disso, Ruben, eu pessoalmente preferia que te sentisses bem — concluiu Vincent.

— Vincent, espera um segundo — disse Ruben e virou-se para o homem. — Esta quinta é sua?

— Minha e da minha mulher.

O homem apontou na direção da mulher sentada na cadeira.

— Ou melhor, era. Agora já não resta grande coisa, infelizmente. Uns ativistas invadiram isto e «libertaram» as martas. Nunca mais conseguimos apanhá-las. Tivemos de despedir o Göran e o Martin, os nossos empregados, e fechámos o negócio. As florestas aqui à volta continuam a ter uma população invulgar de martas, quer nesta ilha quer nas ilhas mais

próximas. As martas são ótimas nadadoras, sabia? — disse o homem e riu-se. — Denunciámos o caso à Polícia, mas não aconteceu nada. Foi por causa disso que veio aqui? Já estava na altura de a Polícia tomar conta do assunto, gostava de ver aqueles ativistas pagarem pelo que fizeram.

Ruben assentiu com a cabeça.

— Sabe se andaram por aqui outros convidados indesejados? — perguntou ao homem. — Além dos ativistas, isto é.

— Aqui?! — O homem soltou uma gargalhada e arregalou os olhos. — Isto é um ilhota, o *ferry* que você apanhou é a única maneira de cá chegar, a não ser que se possua um barco, claro. Se tivesse vindo aqui alguém, nós tínhamos ouvido. Por isso, não, ninguém andou para aqui na ramboia, ou fosse lá o que fosse que estivesse a pensar.

Riu-se novamente e continuou.

— Não havendo martas, já nem os ativistas se interessam por nós. Aqui não vem ninguém sem uma razão concreta. Estamos a pensar em vender e mudar-nos para Herrljunga. A família, sabe como é.

Ruben murmurou qualquer coisa em resposta e tomou notas. Mais um beco sem saída. Não acontecia naquela ilha nada de mais emocionante do que a tinta a soltar-se lentamente da fachada da casa. Mas deviam realmente fazer alguma coisa em relação ao cheiro.

— Se achar que andou aqui alguém, telefone-me — disse e estendeu um cartão de visita ao homem.

O indivíduo fez um gesto com a cabeça e guardou o cartão. Depois virou-se e começou a andar em direção à mulher, que acenou a Ruben.

O polícia sentou-se de novo ao volante e reativou os auriculares. Acenou ao casal idoso e saiu do pequeno estacionamento, de volta ao caminho principal.

— Aqui estou, Vincent — disse para os auriculares. — O que pretendes,

no fim de contas?

Surpreendeu-se a si próprio por não ouvir nem sequer um ligeiro tom de irritação na sua voz. Normalmente, os disparates sobre sentimentos, e pessoas que tentavam esgravatar no seu íntimo, era a pior coisa que lhe podia acontecer, mas este mentalista era realmente habilidoso, tinha de o reconhecer. Algo dentro de Ruben impelia-o a continuar a falar com ele.

— Cheguei a pensar que tinhas desligado — disse Vincent. — Mas vou fazer o seguinte, vou enviar-te uma mensagem com um número de telefone, é de uma pessoa com quem é bom falar sobre estas coisas, uma das melhores, na verdade. Contacta-a. Ou não. Não ficarei a saber o que escolheste fazer, e também não quero saber. Mas tens de perceber que os teus colegas gostam de ti e te valorizam. Preocupam-se contigo. Quando não te comportas como um idiota, claro.

Ruben ficou em silêncio enquanto conduzia até ao *ferry*. A voz suave de Vincent continuava a levitar dentro dele. Ruben queria contar. Queria. Realmente. Contar.

— Foi há doze anos — disse depois. — Chamava-se Ellinor. Foi a última vez que confiei em alguém. Não que tu tenhas alguma coisa a ver com isso.

Não quis verdadeiramente dizer aquela última frase, mas o Ruben do costume esperneava em protesto contra a conversa que se desenrolava, e que ia contra todo o seu ser. Porém, também não conseguiu dizer mais do que aquilo, algo poderia estilhaçar-se. Algo que passara os últimos dez anos a proteger.

Desligou a chamada e entrou de carro no *ferry*. Tinha a cabeça cheia de pensamentos sobre o que Vincent despertara, o que em tempos vivera. Pensamentos que raramente, nunca, ousara evocar, mas que agora o inundavam de uma forma que não era possível travar. Ellinor. Ell-i-nor. Que tinha sido a sua âncora, o seu rochedo e a sua segurança. Que era perfeita.

Mas Ruben era jovem e não compreendera. Portanto, deitara a perder o que de mais belo tinha na vida. Ali estava ela, a verdade que andava há dez anos a tentar reprimir com sexo causal. Porque depois de Ellinor tinha sido uma fileira de Isabellas e Janines e Melissas. Depois de uma Sandra, o desprezo pelas mulheres tornara-se total. E com razão. Se a sua experiência lhe tinha ensinado alguma coisa, era que as mulheres só queriam uma coisa, nomeadamente aquilo que a sua conta bancária tinha para oferecer. O que, no caso delas, era uma ambição embaraçosamente baixa, considerando o que ele ganhava enquanto polícia. Mas, se era isso que elas queriam, então também não tinham nada que reclamar quando ele as descartava. E aprendera, aos poucos e poucos, que as mulheres gostavam do novo, grosseiro, Ruben. Excitavam-se com isso. Ninguém lhe perguntava por que motivo era como era. Desde que fosse divertido, atrevido, pagasse a conta e as fodesse melhor do que os maridos. Nenhuma quisera saber o que, na verdade, estava por trás disso. Ellinor. Até Vincent Walder aparecer. Esse cabrão.

Ruben ajustou o espelho retrovisor e olhou para o seu reflexo durante um segundo. Para seu espanto, apercebeu-se de que estava a sorrir. O esboço de um sorriso, mas um sorriso ainda assim. Um alívio estranho. O telemóvel deu sinal e Ruben percebeu o que era. Decidiu esperar um pouco antes de apagar a mensagem de Vincent.

Mina descalçou as luvas brancas de algodão, atirou-as para o cesto do lixo e retirou um par limpo da caixa de cartão. Tinha estado o dia inteiro no local de trabalho sentada ao computador sem trocar de luvas, nem ousava pensar no foco de bactérias que agora aterrava no cesto, que não despejava desde que tomara café, às dez da manhã. Melhor seria pegar-lhe fogo, e visualizou as chamas esterilizarem tudo o que estava lá dentro. Mas, se o fizesse, iria certamente acionar o alarme de incêndio. Calçou as luvas novas e apoiou a cabeça nas mãos, antes de se aperceber de que o contacto direto com a sua testa acabava de tornar as luvas inutilizáveis. Atirou-as para cima das anteriores e calçou um novo par.

Depois levantou-se e foi buscar o *spray* de limpeza. Passara uma semana desde a última vez que lavara as paredes do gabinete, já estava mais do que na altura de o voltar a fazer. Além de que esta tarefa a ajudava a concentrar-se. Porém, o cheiro do produto de limpeza fê-la pensar subitamente na avó materna, Ellen. A sua segurança, o seu porto seguro. O pequeno apartamento de duas assoalhadas em Mariatorget estava sempre como se tivesse sido limpo instantes antes e o cheiro a sabão de óleo de pinho misturava-se com o aroma de pão de ló acabado de sair do forno. Todos os dias depois da escola, Mina ia para lá em vez de ir para a vivenda vazia. Fora ali, entregue aos cuidados da avó, que crescera. Por vezes, pensava que fora depois de a avó Ellen morrer repentinamente com um AVC, quando Mina tinha quinze anos, que começara a sua queda gradual para a

solidão. Nunca se sentira realmente ligada a mais nenhuma pessoa desde então. Nem sequer ao homem com quem vivera. Pelo menos, até recentemente. Depois de conhecer Vincent. Olhou para o *spray* que tinha na mão, suspirou e guardou-o novamente na gaveta.

Do lado de fora da janela, o verão estava no pino e o sol batia diretamente no vidro, o que tornava o gabinete quase insuportavelmente quente. Mas Mina recusava-se a abrir a janela, sabia que o ar traria consigo não apenas alguma frescura, mas também pólen, fumo de escape, partículas de asfalto, fumo de cigarro e toda a sujidade que se formava nas ruas. Se pudesse escolher, usaria um fato completo de proteção contra materiais perigosos, mas provavelmente não seria muito apreciado pelos colegas. A transpiração não constituiria um problema, a roupa podia ser lavada, cuecas e meias podiam ir para o lixo.

Não tinha chegado a lado nenhum. Três vítimas, três pessoas mortas pelo mesmo indivíduo. Não acreditava que tivessem sido escolhidas ao acaso, eram todas demasiado diferentes. Tinha de haver um denominador comum. Porém, depois de Robert morrer, não acontecera mais nada. Nenhum homicídio novo, nenhuma confissão, nada. Não era possível que terminasse assim, Mina sabia que não. A contagem decrescente não estava completa.

Girou na cadeira para ficar de frente para a parede onde afixara as fotografias de Agnes, Tuva e Robert, assim como das armas dos crimes. Os truques de magia. As caixas. Também afixara retrato-robô de Daniel e um recorte de jornal sobre Jesper, o pai de Agnes, que negava ter conhecimento do assassinato de Daniel. Tinham detido dois homens altamente suspeitos do crime, identificados por testemunhas no local. Conhecidos da Polícia por outros casos, não fora necessário grande esforço policial para encontrar os culpados. Os detidos insistiam que tinham agido por sua iniciativa, Mina nunca saberia a verdade sobre um possível envolvimento de Jesper Ceci.

No entanto, parecia-lhe muito pouco provável que os membros do Futuro da Suécia tivessem alguma coisa que ver com os restantes homicídios. Era verdade que Tuva era judia e que Robert tinha uma deficiência mental, não havia lugar para nenhum dos dois no mundo que o Futuro da Suécia queria construir. Mas custava-lhe acreditar que um partido político com ambições de entrar no parlamento organizasse homicídios sistemáticos. Daniel fora provavelmente vítima de indivíduos racistas e cheios de testosterona, que agiram por impulso. Não havia ciência nenhuma.

Graças aos avós de Tuva, afixara na mesma parede uma fotografia do ex-namorado de Tuva em Londres. Ainda não o tinham contactado. Nesse ponto, Mina concordava com Julia: era pouco provável que desse em alguma coisa. A verdade estava mais próxima deles do que Londres.

Vincent dissera que o assassino provavelmente visitara o café em Hornstull várias vezes, que Daniel vira lá alguém. O que queria dizer que o assassino escolhia as suas vítimas cuidadosamente. Não eram raptadas aleatoriamente na rua, como Jonas Rask fizera em tempos. Rask, que continuava à solta sem que o conseguissem encontrar.

Mina levantou-se, foi até à parede e estudou os rostos de cada um, como se conseguisse forçá-los a dar-lhe respostas. Por que motivo tinham sido eles especificamente os escolhidos? O que os unia?

Regressou ao computador e cortou cuidadosamente um buraco no algodão do dedo indicador direito, para poder utilizar o *touchpad* do portátil. Era uma cedência, um sacrifício que tinha de fazer para poder trabalhar. Eram uma constante aqueles compromissos, aquelas exceções, aquelas rachas na sua armadura por onde todo o tipo de porcaria podia entrar.

Mina inspirou profundamente e tocou no *touchpad* com a ponta do dedo exposta. Depois procurou as informações disponíveis sobre Agnes, Tuva e

Robert no registo de dados pessoais e também imprimiu os relatórios das entrevistas que tinham feito aos familiares. Tinha de recomeçar, rever tudo. Em algum lugar, havia uma ligação, era apenas uma questão de a encontrar. E tinham pressa, o assassino não ainda não terminara.

Vincent sabia de alguma coisa. Perguntara-lhe sobre a Rapariga Golfinho e parecera-lhe que era algo importante. Mina não gostava de não saber, mas tinha de confiar que ele lhe contaria assim que pudesse. A qualquer momento, uma nova pessoa inocente poderia ser fechada num dos dispositivos terríveis que Vincent enumerara. Mina tinha de se antecipar.

Vincent caminhou pela ponte pedonal até ao restaurante A Gôndola. O local estava praticamente cheio quando entrou, uma mistura de turistas e locais a gozar as férias, aglomerados à volta das mesas, apesar de ainda só serem sete e meia. Não viu Ulrika em lado nenhum.

— Boa noite. Tem reserva? — perguntou um empregado que o vira entrar.

— Não. Não vou ficar muito tempo, sento-me no bar.

Com um pouco de sorte, a conversa com Ulrika ficaria rapidamente despachada. Iria focar-se apenas nas necessidades de Rebecka, ignorar as provocações sobre o seu casamento com a irmã de Ulrika. Dissera a Maria que um restaurante era um local neutro para ele e Ulrika se encontrarem e, apesar de isso ser verdade, também era verdade que Ulrika não iria tentar nada num local público. Vincent não queria que se repetisse o que acontecera da última vez.

Sentou-se no bar e pediu um café. Na realidade, o seu estômago precisava de algo mais substancial, estava esfomeado, não tivera tempo de comer nada desde o pequeno-almoço. Não obstante, não tinha intenções de ficar ali mais tempo do que o necessário; assim que a conversa com Ulrika terminasse, comeria um *kebab* ao virar da esquina.

Tinha bebido meia chávena de café quando alguém lhe colocou um copo de vinho tinto à frente. Ao seu lado surgiu Ulrika com um copo igualmente cheio de vinho. Vincent ergueu uma sobrancelha inquisitiva.

— Estás a precisar — comentou Ulrika.

— Ah, sim? O assunto é assim tão sério? — perguntou Vincent e girou o copo até o vinho atingir a borda. — Quando é que as tuas amigas chegam?

Observou o vinho que girava cada vez mais devagar e escorria de volta para o centro do copo, como gotas de chuva numa janela.

— Temos uma hora até elas aparecerem — respondeu Ulrika e sentou-se ao lado dele, acenando com a cabeça para o copo. — Estás a tentar determinar o teor alcoólico ou quê?

Vincent suspirou. Uma hora, sessenta minutos, três mil e seiscentos segundos. O que queria dizer que o *kebab* ainda iria demorar um pouco. Bebeu um grande trago de vinho.

— A ideia de que é possível avaliar o teor de álcool a olho nu é um mito — respondeu. — O álcool evapora-se mais depressa do que a água, o que significa que a tensão superficial aumenta e forma gotas no interior do vidro. É isso que se pode ver, um fenómeno químico. Mas não nos diz necessariamente alguma coisa sobre a qualidade do vinho ou o sabor. É só bonito de ver.

Três mil quinhentos e dez segundos.

— Não sabia que te tinhas tornado especialista em vinhos — comentou Ulrika secamente.

— Não, não sei nada sobre vinhos. Mas sei como é que os líquidos funcionam. Bem... preferia já não estar aqui quando as tuas amigas chegarem; por isso, vamos diretos ao assunto.

— Não temos pressa — respondeu ela suavemente. — Como é que estão as coisas em casa? Como são realmente a Rebecka e o Benjamin quando estão contigo?

Aquilo era a última coisa que Vincent esperava, Ulrika nunca queria falar sobre os filhos, provavelmente o facto de ser mãe de dois adolescentes não

se encaixava no seu estilo de vida centrado na carreira. Acima de tudo, nunca falava sobre os filhos quando estavam com ele, a não ser que tivesse alguma queixa para fazer. Ser obrigada a partilhar os filhos com a própria irmã era uma ferida que talvez nunca fosse cicatrizar.

Vincent olhou para ela, tentou perceber qual era o seu objetivo, o que estaria realmente por trás da pergunta. Mas a cabeça inclinada para o lado e o olhar expectante não revelavam quaisquer planos obscuros. Daquilo que Vincent conseguia avaliar, Ulrika estava apenas curiosa, longe de ser a Ulrika agressiva com quem falara antes do verão. Permitiu-se relaxar um pouco, talvez conseguissem ter uma conversa civilizada, afinal.

— Bem, para começar, chamam constantemente «tia» à tua irmã — disse Vincent.

Ulrika erguera o copo de vinho para o beber e a gargalhada que soltou quase fez com que o líquido transbordasse. Foi um riso cru, cheio de satisfação maliciosa, mas a sua voz rouca, ainda assim, fazia-a parecer interessante. Isso era tão irritante em Ulrika. Ali estava uma pessoa que tinha tudo, a aparência, o dinheiro, a motivação. Um instinto competitivo inacreditável. Até quando se ria se destacava. Vincent só não tinha a certeza de que Ulrika tivesse verdadeiramente sentimentos.

— Desculpa — disse ela —, mas é o que ela é. Tia deles, quero dizer.

Ao longo dos anos, Vincent fora-se convencendo de que a sua ex-mulher sofria de um distúrbio empático. De início, pensara que ela era apenas uma pessoa fria, desinteressada dos outros. Mas depois apercebera-se de que era mais profundo do que isso, Ulrika era mentalmente incapaz de se colocar na posição ou entender a vida emocional dos outros. Por outro lado, era exímia a fingir. Sabia precisamente o que dizer para as pessoas ficarem do seu lado quando precisava. Era provavelmente por isso que se tornara uma advogada brilhante.

— Parece-me que mesmo assim ela prefere que a tratem por Maria — respondeu. — De resto, o Benjamin não sai do quarto mais ou menos há duas semanas e começo a suspeitar de que já há duendes a construir ninhos nas pilhas de roupa suja espalhadas pelo chão do quarto. A Rebecka tem imensos amigos e diz que está tudo espetacular, mas tenho a certeza de que se sente pessimamente. Continua a não querer mostrar os antebraços...

— Talvez ache que está um bocado inchada, não será só isso?

Vincent calou-se. Ali estava a razão pela qual se tornara impossível continuar a viver com Ulrika. Uma coisa era ela ter expectativas irracionais, doências até, em relação a si própria, mas era uma mulher adulta, Vincent não tinha nada que ver com isso. Porém, tornara-se um problema quando exigia que todos à sua volta fossem avaliados segundo os mesmos critérios. E quando finalmente começara a fazer as mesmas exigências aos filhos, explicando-lhes quanto dinheiro deveriam ganhar ou qual a aparência que deviam ter para ser aceites, fora a gota de água. Nesse momento começaram as discussões a sério, constantes.

— Se a Rebecka tem complexos com o corpo, são provocados por ti — disse Vincent bruscamente. — Mas é um bocado mais grave do que isso. Não tive oportunidade de te dizer da última vez, mas acho que a nossa filha anda a cortar os braços. Com uma lâmina. Ou uma faca. Até sangrar. Percebes?

Vincent bebeu o vinho de um trago. Ulrika já não se ria e também acabou o vinho que tinha no copo. Depois, acenou ao empregado do bar e pediu dois gins tónicos fortes. Aparentemente, levava a sério a informação sobre Rebecka. À sua maneira.

— Seja como for, em minha casa não se corta — disse de seguida. — Isso deve ser alguma coisa que vocês despertam nela. Quando está comigo, vejo-a quase sempre bem-disposta.

— Meu deus, Ulrika — disse Vincent e olhou fixamente para a ex-mulher. — É possível que estejas assim tão desligada da realidade? O que sabes realmente sobre a tua filha? Quando é que foi a última vez que tiveste uma conversa a sério com a Rebecka?

— O quê? Nós falamos imenso! — protestou Ulrika e bebericou o gin tónico, que entretanto fora depositado no balcão do bar.

Irritado, Vincent mexeu com a palhinha no seu copo. Se a conversa continuasse naqueles termos, ficaria agradecido pelo álcool.

— Então diz-me lá como é que se chama a melhor amiga dela — pediu. — E por favor não digas que és tu. Não há nada pior do que mães que querem ser as *BFF* das filhas adolescentes.

— Hum... É a... Emma, não é?

Vincent girou o banco alto de forma a ficar de frente para Ulrika.

— Ela não tem melhor amiga — disse com ar sério. — Tem imensos conhecidos, mas nenhum amigo de verdade. Aquele sorriso que tu lhe vês nos lábios, não é genuíno, nunca lhe chega aos olhos. Como é possível não te aperceberes disso? Ou será que não queres ver porque não se encaixa na tua imagem de ti própria como uma mãe bem-sucedida, em boa forma física e com filhos perfeitos?

O copo estava quase vazio, a raiva fizera com que tivesse bebido demasiado depressa. Tinha de ter cuidado, não podia esquecer-se de que não comera nada.

— Mas que raio, Vincent — rosnou Ulrika de volta. — Já chega! Mas obrigadinha por achares que sou bem-sucedida e que estou em forma.

Vincent suspirou. Como sempre, Ulrika conseguira virar a discussão de pernas para o ar.

— Não me digas que agora a culpa de não te aperceberes do que se está a passar é minha — ripostou ele. — Se calhar a situação da Rebecka até é por

minha causa, já que estamos a ir por esse caminho. Às vezes, pergunto-me se realmente existes.

— Não — respondeu Ulrika, girando a palhinha no copo vazio de forma que os cubos de gelo tilintassem. — Sou um produto das tuas fantasias. Na verdade, estás aqui sentado a beber e a falar sozinho, as pessoas da mesa atrás até já começaram a questionar-se.

Ulrika apontou para o seu copo e para o de Vincent depois de chamar a atenção do *barman*, que começou imediatamente a preparar duas novas bebidas.

— Bem, têm alguns frutos secos ou outra coisa que eu possa comer? — perguntou Vincent.

O empregado do bar assentiu com a cabeça, desapareceu por um minuto e depois regressou com um prato de amêndoas torradas, que colocou no balcão à frente dele. Não servia de refeição, mas teria de se contentar com aquilo, por enquanto. Colocou uma mão-cheia de amêndoas na boca e o ardor do álcool no estômago aligeirou-se um pouco.

O telemóvel de Ulrika apitou.

— Elas estão atrasadas — disse depois de ler a mensagem. — Podes fazer-me companhia durante mais algum tempo.

Vincent olhou para o relógio. Só lhe tinham faltado oitocentos e quarenta segundos.

— Encara isto como uma noite sem crianças na companhia de adultos — acrescentou Ulrika. — Não acredito que sejam muito frequentes na tua vida. Tréguas?

Vincent assentiu com a cabeça. Ulrika tinha razão, mais valia aproveitar. No entanto, perguntou-se se alguma vez fariam seriamente sobre Rebecka.

O bar foi ficando cada vez mais cheio com o decorrer da noite, até ficar

lotado. Ulrika continuava a pedir bebidas, Vincent fora gradualmente empurrado para mais perto dela e estavam agora sentados com os ombros a tocarem-se. Já nem sequer conseguia ver o rosto de Ulrika enquanto falavam; se virasse a cabeça, ficaria com a cara apenas a uns centímetros do rosto da ex-mulher. Excessivamente próximo. A sua bolha privada exigia pelo menos meio metro de distância das outras pessoas, mas isso pura e simplesmente não era possível naquele bar apertado. Já ia no terceiro prato de amêndoas torradas; colocou mais algumas na boca.

— Vincent, Vincent, Vincent... — disse Ulrika, pronunciando atabalhoadamente a primeira sílaba do seu nome.

Ulrika sorriu quando o *barman* lhe colocou um copo de espumante à frente e um *whisky* diante de Vincent. Já tinham passado do gim tónico há muito tempo.

— O que é que aconteceu contigo? — continuou e pressionou o ombro contra o dele.

— O que é que aconteceu comigo? — repetiu Vincent e suspirou. — Não sei, Ulrika. O que é que aconteceu contigo? Estás aí sentada como uma boneca perfeita e não queres ver ninguém além de ti própria. Sempre foste assim?

— Achas que sou perfeita?

Vincent olhou para o lado e pareceu-lhe ver um sorriso de satisfação no rosto de Ulrika. Mas era difícil discernir com clareza quando estavam tão próximos um do outro. Além disso, a visão parecia-lhe estar afetada pela mesma razão que a fala dela se tornara entaramelada.

— Pára com isso — respondeu. — É evidente que és bonita, de um ponto de vista puramente objetivo, quero dizer. Sabes perfeitamente bem. O problema não é esse. É que...

Ulrika virou-se para ele, ficou perto o suficiente para que a sua respiração

lhe aquecesse a orelha.

— Estás com vontade de me beijar, não estás? — perguntou.

— Mas que merda! — exclamou Vincent e abriu os braços num gesto resignado, pelo menos o melhor que conseguiu na multidão que o apertava. — É precisamente disto que estou a falar, tu és impossível!

Vincent engoliu o que restava do *whisky* e colocou o copo vazio ao lado do dela. Não fazia ideia quando é que o espumante dela acabara, estava convencido de que tinham acabado de receber as bebidas. Aparentemente, não era esse o caso. E ele que pretendia tomar todas as cautelas... não estava a correr muito bem.

— Quando é que foi a última vez que tu e a Maria foderam? — perguntou Ulrika, ainda virada para o ouvido dele. — Há quantos meses foi?

Vincent sabia que não devia morder o isco, era a porta de entrada para Ulrika começar a falar sobre como a vida sexual deles tinha sido muito melhor. Como se quecas regulares de uma hora significassem que não tinham problemas nenhuns durante o resto do dia.

— E tu, como é que te tens safado? — rebateu, em vez disso. — Ouvi dizer que não tens ninguém novo. Preferes os engates em bares, é isso?

— E de quem é a culpa? — disse Ulrika e bebeu metade de um novo copo que Vincent nem vira ser servido.

Não havia resposta racional para aquilo. Em vez disso, olhou fixamente em frente, através das paredes de vidro do restaurante. Devido à sua posição elevada, o restaurante A Gôndola tinha uma vista magnífica sobre a cidade. Vincent adorava observar Estocolmo à noite, principalmente no interior de um avião. Quando voltava para casa de algum espetáculo, costumava tentar descobrir que bairros estavam a sobrevoar, estudando a configuração dos pontinhos de luz lá muito em baixo.

Pela posição em que estava sentado no restaurante, sabia que devia estar a olhar para as ilhas de Skeppsholmen e Djurgården, mas o seu cérebro recusava-se a montar o *puzzle* de pontos de luz. As luzes noturnas da cidade dançavam-lhe diante dos olhos. Estava demasiado alcoolizado. Olhou para o copo vazio. Não o tinham acabado de servir? Nesse caso, outra pessoa havia esvaziado o copo por ele, não tinha qualquer memória de o ter bebido. O problema é que as luzes dançantes à sua frente afirmavam outra coisa. Devia mesmo ter comido mais qualquer coisa além do pequeno-almoço.

— Então, o que fazemos agora? — perguntou, ainda com o olhar fixo na noite de verão.

Teve de fazer um esforço para formar as palavras corretamente, mas, ainda assim, não saíram bem como ele queria.

— Queres dizer em relação à Rebecka? — perguntou Ulrika. — Ou em relação a nós?

Era evidente que se referira a Rebecka. Mas já nada era evidente. Vincent não tinha coragem de responder, já não era possível saber o que sairia se abrisse a boca.

— Vincent, és mesmo patético — disse Ulrika. — Não estás a pensar que eu ainda te quero, pois não?

— Digo o mesmo — respondeu Vincent e levantou o copo vazio num brinde. — Preciso de ir à casa de banho.

Levantou-se e sentiu o mundo girar. Merda! Estava completamente bêbedo. Azar, também não adiantava arrepender-se agora. De qualquer forma, iria certamente arrepender-se amanhã. O foco imediato tinha de estar em chegar à casa de banho sem fazer uma figura demasiado ridícula. Com alguma sorte, ninguém o reconheceria e, de seguida, despedir-se-ia de Ulrika e apanharia um táxi para casa. A conversa sobre Rebecka teria de

continuar noutro dia e precisava realmente de pôr comida no estômago antes que tudo se descontrolasse.

Cambaleou para dentro da casa de banho, parou diante de um lavatório e abriu a torneira no máximo. Quando a água ficou suficientemente fria, salpicou a cara. Não ajudou minimamente. O único resultado foi ficar com a camisa molhada. Alguém entrou atrás dele, alguém que também não conseguia andar direito.

— Seu cabrão — ouviu Ulrika dizer.

Antes que Vincent tivesse tempo de reagir, Ulrika agarrou-lhe o colarinho, puxou-o para trás contra a porta da casa de banho e colou-se a ele. Beijou-o com força, e Vincent retribuiu. As suas línguas encontraram-se e beijaram-se como dois predadores famintos. Vincent agarrou-lhe o cabelo com as duas mãos e puxou-lhe a cabeça para trás, para longe dele. Ulrika gemeu suavemente quando ele esboçou o gesto.

— Maldita seja — disse Vincent.

Depois abriu a porta do cubículo da casa de banho, cambaleou para trás até estarem lá dentro e Ulrika trancou a porta atrás deles. Depois desabotoou-lhe as calças enquanto ele se atrapalhava com os botões da sua blusa, até ela lhe afastar as mãos bruscamente.

— Senta-te — ordenou-lhe, e Vincent sentou-se pesadamente em cima da tampa da sanita, com as calças e os *boxers* puxados até aos joelhos.

Ulrika levantou a saia até à cintura, desviou as cuecas para o lado e sentou-se rapidamente em cima dele. Vincent ficou surpreendido com o facto de estar tão duro quando deslizou para dentro dela. Depois agarrou-lhe as ancas, para a segurar, mas também para que ela não pudesse aproximar-se mais. Ulrika montou-o com a fúria de quem se sentia desiludido e zangado há tanto tempo que não conhecia outra coisa. Não havia qualquer réstia de amor quando se pressionava contra ele, apenas

raiva. Vincent não sabia se era com ele ou com outra pessoa que ela estava tão zangada, mas também não queria saber. Não olhou para cima, não queria ver o rosto dela, viu-lhe apenas as coxas e como ele próprio a penetrava. Estavam em vias de destruir tudo o que tinham tido em conjunto, tudo o que fora bom, tornavam-no imperdoável e irremediavelmente destruído, e ambos sabiam disso.

De repente, Ulrika deixou de se mexer. Tossiu fortemente uma vez e saiu de cima dele.

Não olhou para ele, e Vincent não olhou para ela.

Ulrika endireitou as cuecas, baixou a saia e abotoou a blusa enquanto Vincent olhava para baixo, para o seu sexo meio ereto. Ouviu-a sair da casa de banho e fechar a porta.

Vincent permaneceu sentado, com as calças à volta dos tornozelos.

Mas que merda.

Merda, merda, merda.

Estava prestes a ir para a cama quando o telemóvel tocou. Estava de pé na casa de banho, acabara de pôr no lixo as cuecas de algodão que utilizara durante o dia e vestira um novo par. Só lhe apetecia enfiar-se o mais rapidamente possível nos lençóis acabados de lavar. Se demorasse muito tempo, as novas cuecas ficariam impuras antes de ter tido tempo de se ir deitar e teria de as mudar outra vez.

Primeiro, ponderou não atender; na verdade, já passava das onze da noite. Porém, o telemóvel continuou a tocar. Mina foi até ao quarto, onde tinha o telemóvel a carregar, e olhou para o ecrã. Era Vincent quem ligava; não era costume telefonar-lhe tão tarde. Devia ter acontecido alguma coisa.

Mina colocou os auriculares nos ouvidos e atendeu.

— Olá, Vincent. Está tudo bem?

— Sim, Mina, olá — respondeu Vincent muito acelerado e quase aos gritos.

A fala estava ligeiramente arrastada. Mina percebeu imediatamente que ele se encontrava alcoolizado.

O som do trânsito misturou-se com as palavras. Vincent estava algures na rua, parecia que ia a andar junto a uma estrada.

— Desculpa, não queria acorda-te — continuou. — Só que não sabia a quem mais ligar.

As palavras eram pouco audíveis, como se tivesse a boca cheia de algodão. Mina notou que ele precisava de fazer um esforço para pronunciar

as consoantes. Era evidente que estava perdido de bêbedo. Só esperava que ele não andasse demasiado perto dos carros que se ouviam ao fundo.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou-lhe com a testa franzida de preocupação.

Aquilo não parecia nada dele. Vincent era sempre tão controlado.

— Digamos que sim — respondeu. — Fiz uma coisa tão estúpida, tão, tão estúpida.

Vincent fez uma longa pausa.

Mina apertou o roupão à volta da cintura e sentou-se na beira da cama enquanto esperava que ele voltasse a falar. O som do trânsito ao fundo diminuiu ligeiramente. Vincent provavelmente encontrara um sítio melhor para falar.

— Fui infiel à Maria — disse depois. — Com a irmã dela, a minha ex-mulher.

— Com a tua ex-mulher?! — exclamou Mina.

De repente, ficou sem saber se queria participar naquela conversa. Era demasiado íntima. Demasiado confusa. Ela e Vincent tinham uma relação profissional, mantinham uma distância razoável. Mina gostava dele, até o deixara entrar mais no seu mundo do que qualquer outra pessoa em muito tempo, mas isso era suficiente. Ele estava agora a apresentá-la a uma parte da sua vida que ela não pedira para conhecer. Além disso, parecia ter uma vida privada muito confusa. Mas, ao mesmo tempo... ele telefonara-lhe especificamente a ela, porque confiava nela. Podia ter ligado a outra pessoa, a qualquer outra pessoa, na verdade. Mas não o fizera. De todas as pessoas no mundo, escolhera confiar nela. Isso tinha de valer alguma coisa. Mina teve um debate mental intenso consigo própria. Tentou convencer-se de que aquela era uma boa conversa, uma conversa entre amigos. Porém, algures

dentro de si, sabia a verdade. Que eram os ciúmes que lhe estavam a deixar o estômago a arder.

— Vincent! — disse num tom brusco. — Estás a dizer que foste para a cama com a tua ex-mulher?

Tentou que a voz parecesse controlada, mas sentiu que estava a apertar o telemóvel com toda a força.

— Não sei se se pode dizer que fizemos sexo — respondeu Vincent. — A sensação foi mais de que estávamos numa luta. Foi só... raiva. Tão, tão estúpido. Não sei o que hei de fazer.

Vincent fungou as últimas palavras através do barulho do trânsito e pareceu-lhe que ele estava a chorar.

— A Maria sabe?

— Não, claro que não. Se soubesse, eu já estaria morto. Não tenho coragem de ir para casa. Estraguei tudo.

Mina olhou para as mãos ressequidas e pensou nas escolhas que ela própria tinha feito. Escolhas que a levaram a perder os amigos. A família. As escolhas que a faziam estar sozinha em reuniões dos Alcoólicos Anónimos todas as semanas, sem ninguém a quem fazer confidências. E tinha receio do que Vincent poderia ter estragado. Mais do que talvez a família.

— O que é que sentes pela tua ex-mulher? — perguntou-lhe.

Objetiva. Fria. O suor brotou-lhe das palmas das mãos.

— O que é que sinto? — repetiu Vincent e pareceu ligeiramente mais sóbrio. — Durante um tempo pensei que a odiava. Mas, na verdade, acho que é só... nada. Cinzas. E julgo que o sentimento é recíproco. Tu sabes, as coisas ficaram confusas. Muito confusas. Durante muito, muito tempo. Bem, acho que ainda estão confusas, na verdade. Mas não era suposto eu apaixonar-me pela irmã mais nova dela, isso... simplesmente aconteceu... e

a Ulrika e eu, as coisas já não estavam bem, já mal falávamos um com o outro; por isso, nem sequer sei porque é que ela se importou, na verdade. Mas, pronto, claro, foi muito mau ter sido com a irmã dela que eu...

A voz arrastada de Vincent desvaneceu-se para, de seguida, voltar com toda a força.

— Demorou dez anos, mas ela lá conseguiu a sua vingança, isso conseguiu. Merda para isto... Não sabia que era possível odiar tanto.

Mina deitou-se na cama e fechou os olhos, os lençóis engomados restolharam sob o roupão. E, algures dentro de si, também compreendeu. As suas próprias escolhas também não tinham sido conscientes, tinham simplesmente acontecido. Pelo menos, era o que ela dizia a si própria. Então quem era ela para o julgar? Quem era ela para estar ali deitada com o estômago a arder por causa de uma coisa a que ela renunciara? Não havia sequer uma promessa de que pudesse existir alguma coisa entre eles, não havia nada. Só que havia. Mina aclarou a garganta. Fechou os olhos com força.

— Vai para casa, Vincent. Tu e a tua ex-mulher são duas pessoas adultas. Fizeram uma coisa estúpida. Mas todos fazemos isso de vez em quando. Até os adultos. Ninguém é perfeito. O importante agora é que tu sabes que foi errado e que não vai acontecer outra vez. Não tens de contar nada. Deixa estar.

Se havia alguma coisa que tinha aprendido com os Alcoólicos Anónimos, era que a vida consistia em dar alguns passos em frente para depois tropeçar para trás. Quem acreditasse noutra coisa ficava apenas dececionado. Eram todos humanos, o que implicava não ser perfeito. Mina vira concretizar-se esse mantra mais vezes do que desejava.

— Estou tão envergonhado — disse Vincent em voz baixa. — Não quero que me desprezes. Eu não sou assim. Eu... eu gosto tanto de ti, Mina.

Mina abriu os olhos novamente, escutou os barulhos da cidade através do telemóvel. Estava ali no quentinho, na sua cama macia. Ele estava lá fora, algures no escuro. Mas respiravam juntos. Nenhum deles disse nada durante vários segundos.

— Obrigado, Mina — disse Vincent, interrompendo o silêncio. — Desculpa outra vez por ter ligado.

E desligou. Mina permaneceu deitada, de olhos fechados e com o telemóvel na mão. O ardor no estômago desapareceu. Mas, de repente, a solidão tornou-se quase ensurdecadora. Virou-se para o lado e ficou deitada em posição fetal.

Vincent estava à porta do edifício em Kungsholmen. Esperara dois dias depois do encontro no restaurante Gôndola antes de se atrever a ir lá, para ter a certeza de que já não cheirava a álcool. Sentia-se como se tivesse marinado o corpo em etanol. Não porque isso o tivesse lavado por dentro, antes pelo contrário. Cabia-lhe a ele carregar e lidar com a vergonha pelo que acontecera no Gôndola, não podia furtar-se à responsabilidade. Mas tudo tinha o seu tempo e o seu lugar, e naquele preciso momento devia concentrar-se no motivo pelo qual estava ali.

O prédio era igual a todos os outros edifícios daquela zona da cidade. Nada além de uma pequena placa ao lado da campainha revelava que os Alcoólicos Anónimos ocupavam um espaço no primeiro andar. Claro que um grande letreiro em néon também não seria apropriado para aquele contexto. A questão era saber o que fazer agora. Deveria ficar ali à porta do prédio com a esperança de avistar a tal Anna com as tatuagens de animais? Ou deveria entrar? Mas seria sequer bem-vindo se não tivesse realmente um problema de adição? Podia sempre inventar um, obviamente, mas não lhe parecia correto.

Enquanto ponderava no que fazer, o seu cérebro brincava com as letras da pequena placa. Ao fim de alguns segundos de processamento, Alcoólicos Anónimos transformou-se em Aiatolas Moicanos[2]. Sentiu-se bastante satisfeito consigo próprio. Porém, isso não o ajudava a encontrar Anna. Não tinha outra escolha senão entrar.

No corredor à porta da sala havia uma mesa com uma cafeteira. Através da porta aberta, Vincent viu que o interior era precisamente como tinha imaginado, uma sala bastante grande com várias cadeiras dispostas em círculo. Ainda bem que alguns clichés se provavam verdadeiros. As cadeiras estavam desocupadas. Vincent olhou para o relógio: ainda faltavam dez minutos. Uma mulher com cerca de cinquenta anos entrou na sala por uma porta lateral. Avistou Vincent e fez-lhe sinal para que entrasse.

— Ainda não estamos bem na hora de começar — disse a mulher. — Mas sirva-se de café e venha sentar-se. É a primeira vez?

Vincent estava prestes a dizer que não era um deles, mas deteve-se quando se apercebeu de que pareceria muito mal. Em vez disso, serviu-se de café e entrou.

— Lena — disse a mulher e apertou-lhe a mão. — Não sei se conhece o nosso funcionamento, mas não precisa de partilhar nada que não queira. Nem sequer o seu nome. Claro que há o risco de mais alguém além de mim o reconhecer da televisão, mas se está aqui também tem coisas mais importantes em que pensar.

— Pois, está bem, obrigado — foi a única coisa que Vincent conseguiu responder.

Sentou-se numa das cadeiras de plástico enquanto procurava a coisa acertada para dizer, mas não lhe ocorreu nada. Ao mesmo tempo, talvez também não fosse o plano mais absurdo do mundo assistir a uma sessão. Assim poderia observar os outros participantes calmamente, poderia ser proveitoso saber como aquela Anna funcionava.

O local começou a encher-se de pessoas, que se foram sentando em círculo, mas Vincent não viu nenhuma jovem mulher com uma tatuagem de um golfinho na coxa. E ainda não tinha aparecido quando a sessão começou.

Escutou os participantes partilharem episódios de esperanças perdidas e recuperadas, falarem sobre coragem e força, mas também sobre decepção consigo mesmos. E de Anna nem sinal.

— Vamos interromper durante alguns minutos — disse Lena ao fim de algum tempo. — Há café e bolos na mesa, já sabem.

Vincent levantou-se e saiu para o *hall*. Só esperava que nenhuma das pessoas que pudessem reconhecê-lo trabalhasse para um dos jornais vespertinos. No entanto, Lena também tivera razão quando dissera que o facto de estar ali significava que tinha coisas mais importantes em que pensar. Mesmo que tenha interpretado mal o motivo da visita de Vincent.

— Um pouco de café?

Um homem de barba bloqueou-lhe o caminho e gesticulou na direção da mesa.

— Não, obrigado, estou de saída — respondeu Vincent com um sorriso.

— Escolha sábia. Não o ir-se embora, mas em relação ao café. Eu trago sempre o meu de casa. Chamo-me Kenneth — disse o homem e estendeu-lhe a mão.

— Um velho hábito, isto — acrescentou em tom de desculpa. — Não precisa de dizer o seu nome se não quiser. Presumo que é a primeira sessão, certo? Acho que também me fui embora ao intervalo da minha primeira vez. Torna-se facilmente demasiado.

Vincent apertou a mão de Kenneth, mas não se apresentou.

— Estou à procura de uma pessoa — disse-lhe. — Uma rapariga com uma tatuagem de um golfinho.

— Deve estar a falar da Anna — respondeu o homem e riu-se. — Acho que aquele golfinho ganhou a companhia de um pequeno jardim zoológico nos últimos tempos.

Kenneth foi buscar um saco de plástico ao cabide e retirou de lá uma

garrafa térmica.

— Ela nem sempre aparece — disse. — Vocês são amigos?

— Não, não. Pode dizer-se que ela me arranhou um trabalho. Indiretamente. Só queria agradecer-lhe.

Uma senhora mais velha com um xaile lilás juntou-se à mesa do café. Moveu-se pela sala com elegância, como se estivesse a atravessar um salão de baile, e não um espaço para encontros de grupos.

— Olga — disse Kenneth à senhora —, sabe quando é que a Anna costuma vir?

— *Da*. Quintas-feiras — respondeu Olga com um sotaque russo.

Vincent não acreditou que a pronúncia fosse genuína.

Kenneth assentiu com a cabeça.

— Quinta. Experimente vir outra vez — disse a Vincent. — Tem a certeza de que não quer café?

Vincent sorriu o mais educadamente que conseguiu. Dali não levaria nada.

— Fica para a próxima — respondeu.

Afinal, teria de acabar por pedir ajuda a Mina de qualquer forma. Devia ter-lhe contado tudo de imediato.

Sara Temeric massajou as têmporas com as pontas dos dedos. Trabalhava na Polícia há quase dez anos, primeiro no Departamento Nacional de Investigação Criminal e depois no DNO, o Departamento Nacional de Operações. No DNO, participara em investigações ao financiamento do terrorismo e também fizera parte do grupo responsável pela Força de Intervenção a nível nacional. Eram tarefas de muita responsabilidade para alguém que acabara de fazer trinta anos, mas sempre fora boa no seu trabalho. Tão boa, na verdade, que há quatro anos fora promovida a uma nova posição dentro do DNO, com um novo título e uma colocação temporária em Nova Iorque. Iria ser consultora perita em atividades, fosse lá isso o que fosse.

Sara não hesitara um segundo e mudara-se para os Estados Unidos da América. E claro que conhecera um homem lá. Ela e Michael tinham agora dois filhos, Leah e Zachary, o amor das suas vidas. Porém, ela impusera que as crianças crescessem na Suécia, e não nos Estados Unidos, e Michael não tivera nada contra esse plano. Acordaram que passariam alguns anos nos Estados Unidos enquanto os filhos fossem pequenos, para que Michael tivesse a oportunidade de se estabelecer como criador de jogos, e depois a família mudar-se-ia para a Suécia. Agora, Sara estava de volta a Estocolmo a fazer aquilo a que se poderia chamar reconhecimento do terreno e, ao mesmo tempo que se familiarizava com o novo trabalho, iria procurar casa para a família e um escritório para Michael.

Sara adorava o seu trabalho e considerava a procura de uma casa profundamente gratificante, apreciando também o facto de estar de volta à Suécia. Porém, sentia muita falta da família e só desejava que o dia em que se juntassem a ela chegasse depressa.

Desde que regressara ao país a meio do verão que a sua função era principalmente dar apoio aos analistas operacionais. Na verdade, essas tarefas estavam abaixo do seu nível salarial, mas considerava positivo participar nas atividades práticas enquanto esperava que os detalhes sobre a sua posição permanente ficassem esclarecidos.

Infelizmente, isso também significava que estava na triste situação de ter de fornecer análises de vigilância a Ruben Höök. Só se cruzara com ele uma vez antes de se mudar para os Estados Unidos, mas uma vez fora o suficiente. Ruben lançara-lhe um olhar rápido e dissera algo do tipo «*Heist* ficaria melhor». Só mais tarde Sara descobriu que *Heist* era uma marca de roupa interior feminina para mulheres que precisavam de modular ou levantar partes do corpo.

Sempre se orgulhara das suas formas femininas, mas, depois do breve encontro com Ruben, sentira-se exposta e com excesso de peso durante o resto do dia. O seu namorado da altura tivera de passar uma noite inteira a assegurá-la de que a achava linda e que aquele Ruben era um cretino que provavelmente se excitava com raparigas anoréticas em idade escolar.

Alguns espinhos eram difíceis de extrair, e Ruben Höök, com apenas três palavras, fizera-a sentir-se gorda e feia. Sara nunca o perdoara por isso. E agora era obrigada a encontrar-se com ele novamente. Mas, desta vez, pelo menos, tinha feito uma pesquisa no Google e encontrara a marca de roupa interior masculina *Addicted*, que produzia cuecas de homem com enchimento extra tanto na parte da frente como na zona das nádegas. «Para reforçar a tua masculinidade», prometia a publicidade. Se Ruben sequer

abrisse a boca de uma forma que ela não apreciasse, iria fazer um pedido de cinco pacotes de *Addicted* em nome dele.

Quando chegou à sala de reuniões, Sara constatou, para seu grande alívio, que Julia também convocara o resto da equipa para ouvir a apresentação. Gostava muito de Julia. Era perspicaz e inteligente; evidentemente o trabalho na Polícia não lhe fora atribuído graças ao pai, mas sim por ser tão boa quanto ele. E mantinha Ruben na linha. Sara cumprimentou os membros da equipa um por um. Quando apertou a mão de Ruben, desviou o olhar no último segundo para Peder, que estava precisamente atrás de daquele. Era uma jogada de poder baixa, não estabelecer contacto visual com a pessoa que se estava a cumprimentar e, em vez disso, olhar para outra, mas era bem feito. Provavelmente nem se recordava de que já se tinham conhecido.

Sara ligou o seu computador portátil ao monitor da sala de reuniões e iniciou a apresentação de *slides*. Uma grelha de números e colunas foi projetada no monitor.

— Chamo-me Sara, para aqueles que não me conhecem — disse. — Estive a ajudar a equipa de análise com o rastreamento da vossa chamada telefónica. As listas de tráfego das operadoras móveis são uma verdadeira selva, mas, felizmente, temos um machete bastante afiado.

Com alguns cliques do rato, Sara seleccionou um quadrado entre aquele volume de dados.

— Esta é a chamada que vocês receberam.

— Que eu recebi — disse Ruben.

— Ah, foi? — perguntou Mina. — Pelo que sei, nem sequer estavas na sala quando a chamada entrou. *Badminton*? Ou era outra coisa?

— Não debes dar ouvidos a tudo o que dizem — respondeu Ruben e cerrou os maxilares. — E era padel.

— A propósito, já têm resultados do conteúdo? — perguntou Sara, virando-se para Julia. — Tinham pedido uma análise aos ruídos próximos e de fundo, não foi?

— Sim, mas não conseguimos ouvir nada que fosse de interesse para a investigação. A acústica de fundo apontava para que a pessoa que ligou provavelmente estivesse num espaço de tamanho médio e pouco mobilado. Algum ruído ligeiro de trânsito, o que indicava, portanto, uma área urbana. Mas nada de ruídos de fundo invulgares. Também recebemos uma análise psicológica de um consultor externo, que concluiu que a pessoa que telefonou era realmente o assassino — explicou Julia.

— Um dos *assassinos* — disse Ruben, com uma ênfase exagerada e revirando os olhos.

— Exatamente. Estamos a trabalhar segundo a premissa de que podemos estar a lidar com duas pessoas. E que uma delas pode perfeitamente ser o Jonas Rask — acrescentou Julia.

— Não sei se isto vos ajuda — disse Sara e abriu um mapa no monitor —, mas o telemóvel de onde a chamada foi feita estava ligado a uma estação de base aqui na cidade. À de Kungsholmen, para ser mais precisa. É pena que a análise de som não tenha dado mais resultados sobre o tipo de local.

— Presumo que já tenhas tentado saber quem é o proprietário do número de telemóvel — comentou Mina.

Peder sorveu ruidosamente o café de uma caneca com os dizeres Melhor Pai do Mundo, mas onde a palavra Melhor fora riscada e substituída por O Mais Sonolento. Parecia que tinha sido ele próprio a fazê-lo com um marcador. Ou a mulher. Sara já ouvira boatos sobre as trigêmeas.

— Infelizmente, era um cartão pré-pago — disse e voltou-se novamente para as colunas de números. — Mas já seria de esperar. Enquanto o

telemóvel estiver ligado, podemos seguir os padrões de movimento, detetando a que antenas é que se liga. Isso permitiu-nos verificar onde esteve nos últimos dois meses, mas infelizmente as operadoras não guardam informações mais para trás no tempo. Só que este telemóvel não esteve em mais lado nenhum, nem antes nem depois da chamada que receberam.

— Um *burner*? — perguntou Julia, que estava a tirar notas à mão enquanto Sara falava, apesar de ser fornecido sempre um resumo via *e-mail* a seguir às reuniões de trabalho. Partiu do princípio de que era uma forma que Julia tinha para refletir.

— Provavelmente — respondeu Sara e assentiu com a cabeça. — A pessoa que ligou comprou um telemóvel barato e um cartão pré-pago para poder telefonar para a linha de informações sem ficar com um histórico rastreável.

— Parto do princípio de que foi preciso pedir autorização para isto? — perguntou Mina, apontando para os números.

— Sim, conseguimos um MSCB — confirmou Sara. — Monitorização secreta de comunicações eletrónicas. É um procedimento bastante complicado, na verdade, o procurador tem sempre de pedir autorização ao tribunal. Mesmo assim, foi rápido, provavelmente porque tomaram em consideração as circunstâncias específicas do caso.

— E essa monitorização pode continuar ativa? Para poderes detetar se o número de telemóvel volta a surgir, isto é — perguntou Mina. — Mas não em listas com dois meses de atraso, estou a dizer em tempo real. Nunca se sabe.

— Vou falar com o procurador. Acho que não deve haver problema, dada a natureza especial deste caso. Mas talvez seja melhor presumir que o telemóvel provavelmente acabou todo partido num caixote do lixo algures na cidade.

Sara fechou a sua apresentação e preparou-se para sair. No entanto, iria guardar o suspiro de alívio para quando já não estivesse na mesma sala que Ruben.

— Então, pronto — disse Ruben, num tom desinteressado, no mesmo segundo em que Sara pensara nele. — Por outras palavras, o pequeno *PowerPoint* aqui da Sara não acrescentou nada de novo. Podemos estar a lidar quer com alguém que vive ou trabalha na zona de Kungsholmen quer com alguém que passou aqui por acaso e que, na verdade, vive na Noruega.

— Vocês têm noção de que nós também estamos em Kungsholmen neste preciso momento, não têm? — comentou Christer, quase cheio de entusiasmo. — Pode ser um colega aqui da sede. Isso seria terrível.

Mina entrou naquele local deveras familiar. Começava a ficar cansada daquilo. Eram sempre as mesmas pessoas, a contar as mesmas histórias de dependência e vício, sentadas nas mesmas cadeiras de plástico no mesmo círculo, a beber o mesmo café deslavado da garrafa térmica e a comer as mesmas bolachas desenxabidas.

Hoje eram bolachas com recheio de framboesa, reparou Mina quando espreitou para a lata em cima da mesa. Era uma melhoria, pelo menos. Talvez algum dos alcoólicos tivesse trazido bolachas caseiras. Mina olhou com aversão para as migalhas espalhadas pela toalha branca de papel. As sete pessoas que chegaram antes dela provavelmente tinham tocado nas bolachas todas antes de se decidirem por uma. Mina não comeria as que restavam nem que fosse possível desinfetá-las com lixívia.

Havia várias caras novas naquele dia. A Rapariga Golfinho, Anna, por quem Vincent perguntara, não estava lá. Kenneth entrou na sala e cumprimentou-a com um gesto da cabeça. Mina sabia que estava na hora da conversa fiada obrigatória e já se preparara mentalmente.

— Como está a tua mulher? — perguntou-lhe. De seguida, apontou para a garrafa térmica. — Queres café?

— Obrigado por perguntares. Está a melhorar. E quanto ao café, não quero, obrigado — respondeu Kenneth com ar divertido. — Estás mesmo faladora hoje.

Mina encolheu os ombros em resposta.

— Mas, olha, já que estamos a falar dela — continuou Kenneth e pegou na garrafa térmica que trazia consigo —, vai continuar hospitalizada durante algumas semanas e eu não tenho forças para tratar de tudo sozinho em casa. Sei que é pedir muito, tendo em conta que já estás a tomar conta do *Bosse* já lá vai um mês, mas achas que podes ficar com ele o resto do verão? Eu pago-te.

Mina deteve-se a meio de um movimento e olhou fixamente para ele. Kenneth contemplava-a com ar suplicante, não muito diferente da expressão de que *Bosse* costumava fazer.

Mina sentiu um nó na garganta. Kenneth não sabia que *Bosse* estava com Christer, que lhe podia oferecer uma estada melhor do que Mina alguma vez na vida lhe poderia proporcionar. E aquele era definitivamente o momento errado para lhe contar. Como é que se dizia sequer uma coisa dessas? «Olá, emprestei o teu cão a outra pessoa»?

— Oh, dá-me um minuto, o telemóvel do trabalho está a tocar — disse Mina e apressou-se a sair dali com um sorriso na cara como quem pede desculpa.

— A sério, eu pago-te — ouviu Kenneth repetir lá atrás.

Mina correu para a casa de banho e trancou a porta. Depois, telefonou a Christer, que atendeu ao fim de três toques.

— Olá, Mina. Tudo bem? Esqueceste-te de alguma coisa no gabinete? Acabei de passar por lá. Estávamos a caminho da copa, mas posso voltar se precisares de...

— Não é nada disso — interrompeu Mina. — É sobre o *Bosse*.

— Ele está aqui ao meu lado — respondeu Christer alegremente. — É por isso que estamos a ir para a copa. Já agora, acho que está a dizer-te olá. Mas, Mina, porque é que estás a sussurrar?

Mina apercebeu-se de que estava não só a sussurrar, mas também

agachada ao lado da sanita. Levantou-se rapidamente e continuou a falar num tom um pouco mais alto, mas ainda baixo o suficiente para ninguém ouvir através da porta o que ela estava a dizer.

— Não sei como hei de dizer isto — começou. — Acabei de falar com o dono do *Bosse*...

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

— Oh... — disse Christer de seguida, claramente abatido. — Ele quer que eu o devolva, não é? E nós que hoje íamos passear ao centro para procurar umas escovas de qualidade para o pelo dele. Talvez também uma daquelas fitas de seda.

Mina fechou os olhos. *Bosse* era um *golden retriever* grande e brincalhão, com os olhos sempre arregalados e a língua pendurada. A última coisa que associaria àquele cão eram escovas de cabelo e fitas de seda. Mas também não estava em posição de explicar isso a Christer; se ele estava convencido de que *Bosse* era um caniche de exposição, isso era problema dele. Desde que estivesse feliz, dado o que Mina tinha para dizer a seguir.

— Parece-me ótimo — disse-lhe. — Porque é precisamente o contrário do que estás a pensar. O dono perguntou-me se posso ficar com ele o resto do verão. Tu de certeza que já tens planos, mas se calhar podemos dividir...

— Espetacular! — exclamou Christer sem a deixar terminar a frase.

Era o mais próximo de um grito de felicidade que Mina alguma vez ouvira do colega normalmente tão lacónico.

— O *Bosse* e eu vamos ter o melhor verão de sempre! — acrescentou. — Manda-lhe cumprimentos meus e um grande obrigado!

Quando Mina saiu da casa de banho, Kenneth continuava ao lado da mesa do café e olhava para ela com a mesma expressão divertida de antes.

— Atendes sempre chamadas de trabalho na casa de banho? —

perguntou-lhe.

— Era confidencial — respondeu Mina e tentou esboçar um sorriso descontraído. O que saiu foi um sorriso forçado. — Mas, sim, posso ficar com ele. Com o *Bosse*, quero dizer. Depois diz-me quando o queres de volta; sabes que me encontrarás aqui. Ofereces-me um pouco de café a sério?

Kenneth agradeceu-lhe uma e outra vez enquanto servia alegremente o café da sua própria garrafa térmica numa chávena. Mina aceitou-o apesar de já saber que não ia tocar nele, mas o gesto é que era importante, uma maneira de se relacionar de forma positiva com Kenneth. E, acima de tudo, de desviar o assunto de *Bosse*.

Foi para a sala de reuniões com a chávena na mão e sentou-se numa das cadeiras que lhe permitia ficar de frente para a porta. Talvez estivesse na hora de mudar as coisas; se estava realmente tão farta de cumprir sempre a mesma rotina de cada vez que ali ia, podia perfeitamente ser ela a fazer com que fosse diferente.

Enquanto refletia, quase bebeu um pouco do café que tinha na chávena, mas apercebeu-se do que estava a fazer no último segundo. Pousou rapidamente a chávena no chão por baixo da cadeira, esperando que Kenneth não reparasse. Já tinha tido uma conversa amigável como aquecimento, hoje talvez fosse a sua vez de partilhar.

Quando todos se sentaram, Mina já se tinha decidido. Fez um gesto com a cabeça em sinal de que queria ser ela a começar. Todos a olharam, tensos, expectantes. Mina já estava arrependida, mas agora era demasiado tarde para mudar de ideias. Esse comboio já deixara a estação e seguia a todo o vapor.

Levantou-se da cadeira a aclarou a garganta.

Depois sentou-se novamente.

Os restantes passageiros do comboio tinham puxado o travão de emergência. Não iria conseguir.

Kenneth olhava para ela intensamente.

Mina virou a cara. A vergonha era só dela. De mais ninguém.

O grande jardim de Tantolunden, na ilha de Södermalm, estava cheio de mantas de piquenique, grupos de jovens a jogar vôlei e famílias com crianças a aproveitar o sol de verão. Cheirava a cachorros-quentes e hambúrgueres das barraquinhas de comida ao longo do passeio marítimo e Vincent conseguia distinguir pelo menos cinco estilos de música diferentes, vindos de diferentes lugares do parque. Adorava aquilo, era no meio das multidões que se sentia melhor, quando, na verdade, deveriam drená-lo de energia. Porém, quando se encontrava no meio da multidão, podia sentir que pertencia. Que era um deles, um especialista em piqueniques que enchera um cesto com morangos e champanhe ou bolachas ou sumos ou cerveja ou fosse lá o que fosse que as pessoas levavam para piqueniques. Na verdade, não sabia.

— Isto realmente é um ambiente de trabalho muito melhor do que estar fechado na sede da Polícia — disse Mina ao seu lado.

Atravessaram o parque de Tantolunden até à água. Vincent sugerira que fossem dar um passeio ao longo da praia de Hornstull, em direção a Skanstull. Sempre achara que a água era um elemento belo e estimulante para a criatividade, e em Estocolmo era o que não faltava.

Também lhe dava outra coisa em que se concentrar além de Mina, que naquele dia vestira um par de calças claras e uma blusa azul. Vincent estava a ter dificuldades em desviar o olhar do seu pescoço. Apesar do conjunto de verão, Mina conseguia manter o mesmo aspeto controlado de sempre. A

blusa parecia nova em folha e feita à medida e as calças de linho não tinham um único vinco. A roupa podia ser casual, mas não havia nada de simples em Mina. E era assim que devia ser.

— Também consigo pensar melhor quando estou em movimento — disse Vincent. — Liberta endorfinas e aumenta ligeiramente a frequência cardíaca, o que fornece mais recursos ao cérebro. Ao apreciar uma vista bonita, aumentam também os níveis de serotonina e dopamina, que são lubrificantes perfeitos para as sinapses entre as células cerebrais. Mais pensamentos por segundo significam mais oportunidades de resolução de problemas por segundo.

Viraram para o paredão. Uns poucos barcos a motor passeavam calmamente ao longo do canal e os raios de sol refletiam-se nos seus cascos.

— Obrigada — disse Mina. — Acho eu. Mas isso pareceu um pouco antiquado, Vincent.

— O quê?

Obviamente, tinha perdido alguma coisa. Mina teria dito algo a que ele não prestara atenção. Refletiu sobre o que acabara de dizer, mas não se apercebeu de nada que pudesse ser «antiquado» sobre células cerebrais ou serotonina. Talvez Mina não tivesse ouvido bem o que ele dissera.

— Referires-te a mim como uma «vista bonita» — explicou Mina. — O que tem o caro senhor, já com quarenta e sete anos, a dizer sobre a objetificação?

Vincent sentiu o rosto afogueado e uma vontade imensa e repentina de verter as águas.

— Não, não foi isso que... — gaguejou. — Quero dizer, era da água aqui ao nosso lado que eu estava a falar... tu não és...

Vincent só lhe apetecia desaparecer num buraco no chão. Que situação

insuportavelmente embaraçosa. Claro que nunca se expressaria...

— Vincent! — exclamou Mina bruscamente.

Vincent piscou os olhos.

— Estava a brincar, Vincent.

Vincent não conseguiu reprimir uma curta gargalhada. Talvez demasiado alta. Mas que refletia bem quão aliviado se sentia.

Continuaram a andar pelo passeio marítimo e desviaram-se o melhor que podiam das bicicletas que passavam a alta velocidade.

— Nunca te chamaria «uma vista» — esclareceu. — Tu és mais um troféu.

— Olha lá! — reclamou Mina e deu-lhe um encontrão no braço. — Meu Deus, como é que conseguiste constituir família?

— Não foi fácil. Mas pode-se alugar uma.

— A propósito de família, como é que estão as coisas com a Maria e... a Ulrika?

Não era propriamente um assunto sobre o qual Vincent quisesse falar, mas, tendo em conta que telefonara a Mina a meio da noite, devia-lhe uma resposta.

— Para a Ulrika acho que foi como se nunca tivesse acontecido — respondeu. — E a Maria não sabe de nada. Ela fica ciumenta até quando eu saio de casa para ir buscar o correio. Nunca iria compreender. E desculpa mais uma vez por te ter ligado àquela hora.

Mina limitou-se a assentir com a cabeça. Vincent observou-lhe o rosto; pareceu-lhe um pouco tenso, mas, pela primeira vez, não conseguiu realmente interpretar a sua expressão facial.

— Como é que estás a lidar com isto, já agora? — perguntou-lhe ao fim de algum tempo e mudou de assunto. — Estar perto da natureza?

— Estás a ver-me a tocar em alguma coisa? — respondeu Mina e abanou

os dedos. — Estou a vários metros das árvores e já sabes que ando sempre com luvas descartáveis no bolso, para o caso de haver uma emergência.

Passaram por uma caravana pintada com cores alegres e transformada em café com esplanada e tiveram de se desviar das muitas espreguiçadeiras espalhadas pelo passeio. Palmeiras de plástico e candeeiros coloridos decoravam aquele espaço, um altifalante estridente tocava ritmos caribenhos e, por momentos, parecia que já não estavam na Suécia, mas de férias no estrangeiro. Ele e Mina.

— Então, sobre o que é que o grande mentalista queria falar desta vez?
— perguntou Mina.

Vincent ficou em silêncio durante alguns segundos, de repente sem saber por onde começar.

— Sabes quando te perguntei quem é que te tinha falado sobre mim? Houve uma razão para isso. Na verdade, até tentei entrar em contacto com a tal Anna, mas não consegui. Preferia falar com ela pessoalmente, sozinho, mas o importante é conseguirmos encontrá-la. Acontece que alguém me enviou uma mensagem. Uma mensagem que só era possível encontrar se se soubesse as datas dos homicídios. E se se tiver um cérebro tão transtornado como o meu.

— Pois, consigo imaginar que tenhas uns quantos... admiradores... estranhos — respondeu Mina. — E aquelas datas não devem ser assim tão difíceis de encontrar na *net*, principalmente depois da conferência de imprensa. Os pormenores devem estar todos disponíveis em fóruns.

— Fui pouco claro. A mensagem foi enviada ainda antes de eu começar a ajudar-vos com a investigação.

Mina olhou fixamente para ele.

— Não estou a perceber. O que é que... queres dizer com isso?

— Precisamente o que ouviste. Logo antes do Natal, pouco mais de um

mês antes de a Agnes ser encontrada no banco de jardim, alguém enviou uma mensagem em código para o meu agente, com uma instrução de que devia ser-me entregue. Como presente de Natal. Mas ele esqueceu-se daquilo e só mo entregou bastante tempo mais tarde. Só muito recentemente descobri a mensagem.

— Meu deus! — exclamou Mina, chocada, e tapou a boca com a mão.

Seguiram o passeio marítimo até saírem para um pontão na água. Vincent viu que Mina estava a pensar intensamente.

— Então... a pessoa que te enviou a mensagem adivinhou que tu ias trabalhar connosco ainda antes de eu te perguntar? Agora percebo que queiras falar com a Anna. Vincent, temos de contar isto ao resto do grupo.

Vincent estava prestes a pousar a mão no braço nu de Mina, mas deteve-se no último momento; não precisava agora que ela sentisse necessidade de se lavar. Parou junto ao corrimão do pontão e observou as ondas cintilantes.

— Não sei — disse. — Tenho medo de que eles queiram excluir-me da equipa outra vez se se provar que estou de alguma forma envolvido.

— Vai correr bem, vais ver — respondeu Mina. — Eles gostam de ti.

Porém, não pareceu completamente convincente.

— Gostava muito de continuar com vocês. Sabes, aquela sede da Polícia, em Kungsholmen, tem... tem uma vista de que eu gosto muito.

— Foleiro, Vincent.

Mina estava de costas voltadas para a sala de reuniões, quando Vincent explicou ao resto do grupo como as datas dos homicídios o tinham levado à mensagem no livro. Do ponto de vista prático, isso prendia-se apenas com o facto de estar a anotar os dados no grande quadro branco enquanto ele os ia apresentando, mas, do ponto de vista emocional, era porque precisava de um pouco de tempo extra para se acalmar. A mão tremia-lhe ligeiramente contra o quadro e Mina forçou-se a respirar fundo algumas vezes, antes de se virar. O livro estava no meio da mesa, aberto na página com as linhas vermelhas e a mensagem.

— O Vincent e eu concordamos que a pessoa que me recomendou que eu o contactasse possa ser também a que lhe enviou o livro.

Mina sentou-se à mesa, mas evitou olhar os colegas nos olhos. Notou que a mão ainda lhe tremia.

— Isto está a parecer-me completamente doentio — disse Ruben secamente e abanou a cabeça, incrédulo. — Cada vez nos afastamos mais do Jonas Rask. Desculpem, mas todos concordam que vivemos no mundo real, certo? Não estamos na merda de um filme de quinta categoria ou de um livro de bolso gasto sobre detetives. No mundo real, as coisas não são tão complicadas. As pessoas matam-se em impulsos do momento, não fazem planos complexos com códigos e merdas assim, que depois escondem em livros enigmáticos sobre leopardos. Sou só eu que acho isto ou vocês juntaram-se todos à mesma seita?

Frustrado, Ruben atirou a caneta para cima da mesa, inclinou-se para trás e cruzou os braços à frente do peito.

— Obrigada pelo contributo produtivo e sensato, Ruben — disse Julia, sem dar grande importância, e virou-se depois para Mina. — Mas afinal quem é que te recomendou que contactasses o Vincent?

Mina olhou para a sua mão sobre a mesa e rezou para que os outros não conseguissem ver como estava a tremer. Ao levantar a cabeça, reparou que Vincent lhe olhava fixamente para a mão, claro. Mina ignorou-o e respondeu à pergunta de Julia esforçando-se por parecer calma.

— Acompanhei uma pessoa amiga, como apoio moral, a uma... uma reunião dos Alcoólicos Anónimos, em Kungsholmen. E foi lá que conheci a pessoa que me falou do Vincent. Chama-se Anna.

— Porra, tu tens amigos? — comentou Ruben e riu-se grosseiramente.

Peder lançou-lhe um olhar zangado, e Mina reparou, para sua alegria, que os olhos de Vincent também se tornaram sombrios. Até Christer lançou um olhar de soslaio a Ruben.

— Continua, Mina — disse Julia.

Ruben bufou.

— A Anna estava lá e... bem, veio ter comigo.

— Só assim, do nada? Como é que ela sabia quem tu eras? — perguntou Peder, inclinando-se para a frente, curioso.

Mina sentiu o suor brotar das palmas das mãos. Não tinha coragem para olhar para Vincent, mas sentiu claramente o olhar dele. Depois, abriu os braços e encolheu os ombros.

— Ela ouviu-me falar ao telefone sobre o caso. Às vezes, é difícil encontrar um sítio recatado para atender as chamadas de trabalho e ela está lá muitas vezes.

— Ótimo — disse Julia. — Então vamos ter uma conversa com ela.

Descobrir o que sabe.

Mina sentiu o suor acumular-se também ao longo das costas. Não podia acompanhar um dos colegas; se fizesse isso, o seu castelo de cartas desmoronar-se-ia. Ou se certificava de que ficava ela responsável pela tarefa, e mais ninguém, ou então...

— Peder — continuou Julia e virou-se para o colega. — Podes ir lá tu? Pede uma descrição física à Mina, o nome já sabemos. E descobre o máximo que conseguires, o que a levou a recomendar o Vincent à Mina, se sabe de mais alguma coisa. Não seria apropriado a Mina ir lá em serviço, uma vez que esteve como pessoa de apoio. Não queremos tornar a situação desconfortável para quem que ela foi apoiar.

— Obrigada — disse Mina com sinceridade, mas por razões completamente diferentes das que Julia estaria a pensar. — Obrigada.

As mãos deixaram finalmente de tremer e Mina inclinou-se para trás na cadeira, de forma que a blusa pudesse absorver as gotas de suor que se tinham acumulado no fundo das costas. Olhou para Vincent, que lhe sorriu.

— Vincent, agradeço que entregues o livro aos técnicos para eles o poderem analisar — pediu Julia.

— Claro que sim — respondeu Vincent e fez um gesto com a cabeça para o livro. — Ia sugerir precisamente isso. No entanto, gostaria que mo devolvessem o mais rapidamente possível, não vou conseguir decifrar o significado da mensagem se não tiver o livro. Porque ainda não descobri isso.

— Bem, isso não é o procedimento normal, tendo em conta que o livro pode vir a servir de prova — respondeu Julia e depois suspirou. — Mas também nada neste caso é normal. E nem quero pensar na quantidade de violações do protocolo que já cometemos. Mas, adiante, vou falar com o CFN para que to devolvam o mais depressa possível. Christer, calça umas

luvas e entrega o livro aos técnicos com o maior cuidado possível, está bem?

— Ia agora mesmo fazer uma pausa, não pode ser o...

Christer travou-se e pôs-se a resmungar baixinho, mas Julia cortou cerce.

— Tem de ser entregue imediatamente. Por ti. Não acredito que cinco minutos da tua hora de almoço façam assim tanto mal. Além disso, costumavas esticar-te pelo menos dez minutos todos os dias; portanto, a minha estimativa é que deves aos contribuintes mais ou menos... — Julia olhou para o relógio para o efeito dramático. — ... um ano, quatro meses, uma semana e três dias do teu tempo.

Peder sufocou uma gargalhada. Christer bufou e levantou-se.

— Não há razão para ser desagradável. Eu faço isso. Olha, já estou a caminho...

Estendeu a mão para o livro, mas retirou-a mal ouviu Julia:

— As luvas, Christer!

— Sim, pronto, está bem.

Virou-se novamente e foi buscar um par.

— Não percebo — disse Vincent.

— O que foi agora? — resmungou Ruben. — Mais adivinhas?

— Não, mas se o Christer estende a hora de almoço em dez minutos todos os dias e por causa disso acumulou uma dívida de tempo que corresponde a pouco mais de um ano e quatro meses, então, isso implica... ligeiramente arredondado... setenta mil almoços. Um ano tem cerca de duzentos e cinquenta dias de trabalho, pelo que o Christer teria de ter esticado a hora de almoço durante duzentos e oitenta anos para chegar a esse valor.

Vincent olhou para Ruben com ar inocente. Mina mordeu o lábio para

não se rir às gargalhadas. Não tinha a certeza absoluta de que Vincent estivesse a gozar, mas desconfiava que sim.

— Acho isso perfeitamente razoável, tendo em conta que é do Christer que estamos a falar — disse Peder.

Mas Ruben levantou-se com o mesmo ar irritado de Christer.

— Estão todos a passar-se da marmita — disse-lhes. — Continuo a achar que isto parece uma cena tirada da merda do *Código Da Vinci*. A solução mais simples é sempre a correta, não é isso que se costuma dizer?

— A navalha de Ockham — replicou Vincent.

Ruben olhou fixamente para ele.

— De quem? — perguntou Peder a meio de um bocejo. — Quem é que usou uma navalha para o quê?

— Um autêntico manicómio ...

Ruben saiu da sala de reuniões a abanar a cabeça. Mina nem tinha energia para ficar irritada, ainda estava a suspirar de alívio por o seu segredo continuar seguro por mais algum tempo.

Era uma noite de verão clara e quente, não soprava nem uma brisa, era como estar enrolado num cobertor. O céu sobre Estocolmo luzia em mil tonalidades de cor-de-rosa. Mina ouvira dizer que ganhava um tom rosa devido às emissões de fumos de escape, mas, independentemente da razão, era um espetáculo a que valia a pena assistir.

A rapariga estava sentada a alguma distância, com as pernas penduradas do molhe de madeira. Tão próxima, mas, ainda assim, tão distante. Sozinha. Como tantas vezes. Uma imponente família de cisnes deslizou lentamente pela água e os pais grasnaram alto quando um caiaque se aproximou demasiado. O palácio real erguia-se diante deles, o edifício que mais parecia uma prisão na zona histórica da cidade e que deixava sempre os turistas americanos desapontados pela falta de pináculos e torres.

Os pescadores, posicionando-se numa corrente lado a lado, puxavam os peixes capturados da água e depositavam-nos em baldes de plástico gastos. Mina aproximou-se discretamente. Tinha seguido a rapariga desde a porta do prédio dela, a uma distância adequada. Porém, agora sentia-se tentada a aproximar-se um pouco mais.

O seu cabelo escuro estava mais curto do que da última vez que Mina a vira. Parecia-lhe que o cortara pelo menos dez centímetros e dava-lhe agora precisamente pelos ombros. Grosso, brilhante, liso. A franja caía-lhe sobre o rosto. Como se a rapariga a tivesse ouvido, levantou a mão e ajeitou a franja atrás da orelha. Um pescador puxou uma grande perca da água e

guardou-a no balde, depois prendeu imediatamente um novo isco e lançou-o à água. A família de cisnes passou outra vez e grasnou ao pescador.

Mina aproximou-se mais alguns passos. Franziu a testa, parou. Dois rapazes adolescentes aproximaram-se e sentaram-se um de cada lado da rapariga. Estavam demasiado longe para Mina conseguir ouvir o que diziam; claro que podiam ser amigos com quem ela combinara encontrar-se, mas algo na linguagem corporal deles fazia-a pensar que não era esse o caso. Hesitou, deu mais uns passos, precisava de chegar perto o suficiente para ouvir o que diziam.

Nunca tinha estado assim tão perto dela.

Mesmo por trás, Mina conseguiu ver claramente os ombros da rapariga erguerem-se, ficarem tensos. Uma reação defensiva típica. Um dos rapazes esticou a mão para a mochila; Mina fez uma análise rápida da situação e foi ter com eles.

— Então, o que é que se passa aqui? — perguntou num tom autoritário e mostrou-lhes a sua identificação da Polícia.

Os rapazes olharam para cima, primeiro para o distintivo de Mina, depois para ela, e levantaram-se rapidamente. Fugiram a correr em direção ao parque de Kungsträdgården. A rapariga sorriu a Mina com ar agradecido, agarrou na mochila e apertou-a com força no colo.

— Queriam ficar-me com a mochila — disse.

— Foi o que eu desconfiei — respondeu Mina e sentiu todo o corpo reagir, ficando primeiro frio e depois quente.

— Obrigada.

A rapariga virou o rosto para ela e fixou o olhar em Mina.

— É o meu trabalho — disse Mina rapidamente e preparou-se para se ir embora. Porém, sem conseguir conter-se, ouviu-se a si própria perguntar:

— Posso oferecer-te um refrigerante?

Viu a hesitação da rapariga e acrescentou:

— Temos um programa especial na Polícia, em que somos incentivados a estabelecer contacto com jovens. Como forma de criar boas relações desde cedo. Evitar sermos chamados bófias porcos e coisas assim pela vossa geração... O que dizes? É o Estado que oferece.

— Eu não bebo refrigerantes — respondeu a rapariga e levantou-se. — Mas aceito um *cappuccino*.

Mina sentiu o coração disparar com o nervosismo e mil outras coisas que não conseguiu identificar. Não devia ter feito aquilo. Não devia ter perguntado. Mas o que estava feito, feito estava.

— Na esplanada ali ao fundo servem um bom café — disse a rapariga e apontou para o jardim de Kungsträdgården.

A mesma direção por que os rapazes tinham fugido. Mina assentiu com a cabeça, os rapazes provavelmente já estavam longe.

Caminharam as duas para a esplanada cheia de gente, mas tiveram sorte, uma pequena mesa para duas pessoas ficou livre no preciso momento em que lá chegaram. Por uma vez na vida, Mina não se importou que a mesa estivesse mal limpa ou que as cadeiras parecessem não ser lavadas há anos. Nada disso importava agora. Entrou para ir pedir os dois *cappuccinos*, enquanto a rapariga se sentou. Por força do hábito, pediu os cafés em copos de *take away*, embora os fossem beber ali.

— Obrigada — disse a rapariga e sorriu abertamente quando Mina chegou com as bebidas.

Pegou num dos copos de papel e fechou os olhos ao beber o primeiro trago.

— Não és demasiado nova para gostar de café? — perguntou Mina.

— Vivemos em Itália quando eu era pequena. Lá, as crianças aprendem a beber café muito cedo. Adoro *cappuccino*, mas detesto aquele café nojento

de cafeteira, que fica a ser aquecido durante horas. É precisamente desse que os polícias bebem o dia todo, não é?

A rapariga riu-se, mas sem maldade.

— Sou obrigada a confirmar esse preconceito — respondeu Mina.

Uma empregada de mesa, que parecia cansada e farta de estar ali, levantou apaticamente a loiça suja que fora deixada na mesa delas.

— Também estou a pensar ser polícia — disse a rapariga alegremente, e Mina engasgou-se com um grande trago de café quente.

Olhou fixamente para a rapariga.

— Porquê?

A rapariga hesitou.

— Porque... bem, a minha mãe foi morta por um condutor em fuga quando eu era pequena. Provavelmente, a pessoa ia bêbeda, diz o meu pai. E nunca apanharam o responsável. Não está certo. Quero trabalhar com esse tipo de coisas.

— Sinto muito — replicou Mina.

— Também não preciso de decidir já o que quero ser — continuou a rapariga. — Mas é uma das profissões na minha lista. Ou então torno-me simplesmente uma *influencer*, posso passar horas a tentar conseguir a fotografia perfeita quando as cerejeiras estiverem a florescer aqui no jardim de Kungsträdgården.

A rapariga apontou para as árvores que há muito tinham perdido a sua cor rosa intensa, sendo agora árvores verdes perfeitamente comuns e sem nada de particularmente fotogénico. Retirou o telemóvel de dentro da mochila, olhou para ele rapidamente, soltou um suspiro profundo e voltou a guardá-lo.

— Alguém está preocupado contigo? — perguntou Mina.

— Oh, é só o meu pai. Ele é, bem, é um bocado... superprotetor. Precisa

de se acalmar.

— Quando se tem o meu emprego é fácil perceber porque é que os pais são superprotetores.

— Pois, acredito que devem ver coisas horríveis — disse a rapariga em tom de constatação fria e bebeu um pouco mais de café.

Ficou com um pouco de espuma no lábio superior e Mina teve de lutar contra o impulso de estender a mão para a limpar.

Não lhe perguntou como chamava. Já sabia o nome. Não obstante, para não correr o risco de se descair, chamava-lhe sempre apenas «a rapariga» na sua cabeça.

— Preferia ser um daqueles polícias de investigação, não dos que andam de carro pela cidade atrás de drogados. Mas ouvi dizer que é preciso passar alguns anos na rua primeiro. É verdade? Sinceramente, não sei se teria coragem.

— Sim, é verdade, pelo menos agora é assim — confirmou Mina e assentiu com a cabeça. — Mas estão a pensar mudar as regras. Precisamente por causa disso, porque a Polícia como instituição se arrisca a perder pessoas que podem ser boas em investigação, mas que não estão interessadas ou que não são feitas para lidar com a vida nas ruas como agente.

— Tu conseguiste? — perguntou a rapariga e olhou para ela com curiosidade.

Mina ponderou como deveria responder. Pensou se deveria contar-lhe honestamente quão difícil tinha sido, não por causa dos rufias ou dos horários ou por ter medo, tudo com que os outros recém-formados se debatiam, mas em consequência dos seus próprios demónios. A sujidade, os ambientes que não podia controlar, a pressão de esconder as suas peculiaridades dos colegas, para não passar a ser vista como estranha. Era

importante pertencer, o grupo, os colegas, era o que poderia significar a diferença entre a vida e a morte quando as decisões tinham de ser tomadas numa fração de segundo.

— Eu consegui — limitou-se a responder.

Eram demasiadas as coisas que teria de explicar, era mais fácil não explicar nada.

— Quero dar-te uma coisa — disse a rapariga de repente e retirou um dos muitos colares que tinha ao pescoço. — Como agradecimento.

— Não é preciso, só estava a fazer o meu trabalho — protestou Mina.

A rapariga estendeu-lhe um fio com um pendente preto.

— Mas és simpática — disse a rapariga. — Nem toda a gente o é. Este ornamento é magnético.

— Magnético?

— Supostamente, faz bem ao corpo. Qualquer coisa que ver com os glóbulos vermelhos. Olha, não sei. Mas gostava que ficasses com ele.

Mina só queria aceitá-lo, mas, se ainda não tivesse quebrado todas as regras, quebrá-las-ia seguramente nesse momento. Ao mesmo tempo, não podia dizer que não. E o colar também não parecia ter custado muito.

— Magnético, dizes tu? — perguntou ao pegar nele. — Obrigada. Significa mais para mim do que possas pensar.

Tentou não mostrar quão perto estava das lágrimas quando pendurou o fio à volta do pescoço. Provavelmente estava apenas a imaginar coisas, mas conseguiu sentir o pendente aquecer-lhe o peito como um pequeno sol. Fechou a mão à volta dele.

— Então e a academia de Polícia? — perguntou-lhe.

— Tenho de ver — respondeu a rapariga e bebeu o que restava do *cappuccino*. — Ainda tenho tempo, como disse.

Mina viu um movimento pelo canto do olho. Um homem aproximara-se

da mesa delas e estava agora a segurar firmemente o braço da rapariga. Ela não protestou e limitou-se a levantar. Porém, o olhar que lançou a Mina era de resignação.

— Então, adeus, foi bom conhecer-te — disse a rapariga, virou costas juntamente com o homem e partiu.

Mina também fez menção de se levantar, mas uma mão firme no ombro obrigou-a a sentar-se novamente. Tinha surgido outro homem atrás dela, que contornou a mesa e se sentou no lugar onde a rapariga ainda agora estivera sentada. Tinha uma aparência banal, calções e *T-shirt*, ténis de uma marca conhecida, um relógio da marca *Daniel Wellington*. Porém, Mina sabia que não devia deixar-se enganar pela sua aparência.

O homem não disse nada, pegou num telemóvel e estendeu-lho. Mina sabia quem estaria do outro lado, de quem era a voz que iria ouvir pela primeira vez em muitos anos. Soubera quais seriam as consequências de estabelecer contacto. Era proibido. Mas o que haveria então de ter feito? Ela era, apesar de tudo, polícia.

Ouviu a voz em silêncio.

Não disse nada, não respondeu a nada.

Quando devolveu o telemóvel ao homem, a mão tremia-lhe violentamente. O homem pegou no telemóvel, ainda sem dizer uma palavra, e foi-se embora. Mina permaneceu sentada. Estava a tremer tanto que receou cair se tentasse levantar-se.

Kvibille, 1982

Acabara de descer do primeiro andar e estava a caminho da cozinha quando alguém bateu à porta. Duas batidas. Parou a meio de um passo e ficou à escuta. Primeiro perguntou-se se teria ouvido bem, quase nunca acontecia alguém bater-lhes à porta. Porém, conseguia ver a sombra de uma pessoa através do vidro fosco ao lado da porta.

Não era a mãe, isso ele sabia. E Jane só voltaria para casa dali a algum tempo. Franziu a testa, queria pedir que se fossem embora, não precisava de ninguém. Se se deixasse ficar imóvel, talvez quem-quer-que-fosse desistisse e se fosse embora.

Bateram outra vez. Três batidas desta volta. E depois uma voz masculina.

— Está alguém?

Claro que o homem tinha ouvido o rangido nas escadas quando ele desceu. Não havia nada a fazer. Teve o cuidado de só abrir uma nesga da porta, o suficiente para a tapar com o corpo.

— Então, olá! — disse Allan, que estava nos degraus do alpendre. — Não sabia se me tinhas ouvido.

Allan, o dono da serração. O amigo da mãe. A quem ele tinha ligado uma hora antes e se esquecera completamente. Bem podia ter sido há duas semanas, o tempo não passava como de costume.

Allan tirou um boné verde e amarelo com o logotipo da BP e limpou a

testa transpirada. Na escada ao seu lado repousavam dois sacos de supermercado cheios de comida.

— Acho que consegui trazer tudo o que pediste — disse Allan. — Mesmo tendo sido muita coisa. Então, a tua mãe está assim tão doente?

— Sim, mal consegue falar. Por isso é que fui eu a ligar-te. Toma, pode ficar assim.

Estendeu duas notas de cem coroas a Allan, que as guardou no bolso das calças.

— E quem é que cuida de ti? — perguntou Allan de seguida, com uma expressão preocupada. — Já telefonaram ao médico para ele passar cá? Talvez seja melhor eu ir ver como é que ela está, se é preciso ir buscar alguma coisa à farmácia em Halmstad, ou assim.

Quando Allan pousou a mão na maçaneta da porta, o rapaz travou-a com o pé.

— Ela está a dormir agora — disse, tossicando. — E... imagina que é contagioso? Se calhar nem devias estar tão perto de mim.

Allan assentiu com a cabeça e desviou a mão. Limpou novamente a testa.

— Tens toda a razão — respondeu. — Estou sozinho na serração esta semana e tenho muito que fazer. Não posso dar-me ao luxo de ficar doente. Mas posso pelo menos levar os sacos para dentro? Não te vou deixar fazer isso sozinho.

— Obrigado — respondeu e afastou-se da porta para deixar Allan passar. — Podes deixá-los ali.

Apontou para a cozinha e Allan levantou os sacos pesados com um gemido. Uma maçã verde caiu de um deles e rebolou pelo corredor. Ele olhou fixamente para a maçã e apertou a barriga com as mãos para não se ouvir o barulho que o estômago estava a fazer. Já não comia há muito tempo. Allan apanhou a maçã do chão e parou junto à escada.

— Tens a certeza de que ela ainda está a dormir lá em cima?

Ele assentiu ainda com as mãos na barriga.

— Está bem — disse Allan e estendeu-lhe a maçã. — Diz-lhe que desejo as melhoras. E telefona-me se precisarem de mais alguma coisa.

Ficou parado à porta a ver Allan ir-se embora, até ter a certeza de que ele já não voltaria atrás. Só então deu uma dentada na maçã. Depois voltou para dentro e trancou a porta cuidadosamente atrás de si.

Duas das coisas que pedira a Allan para comprar fora pasta dos dentes e fio dental. Abriu as embalagens e colocou os artigos em cima da mesa. A mãe insistia sempre que se devia escovar os dentes durante dois minutos; por isso, tinha no pulso o relógio que recebera no Natal para poder contar os segundos.

Dois minutos. Não sabia o que aconteceria se escovasse durante mais tempo, e também não queria saber. O fio dental era mais difícil, não se lembrava se era suposto usá-lo antes ou depois de escovar os dentes. O que é que a mãe tinha dito? Antes parecia fazer mais sentido. Ou seria depois?

Oh, não, tinha baralhado tudo. Apesar de ter sido tão cuidadoso. Mas dois minutos eram cento e vinte segundos; 12 mais 0 era igual a 12. Iria utilizar doze centímetros de fio dental quando se fosse deitar. Assim ficaria tudo bem outra vez.

As rotinas da mãe eram importantes.

Somos o que costumamos fazer, dissera ela.

Tinha de se lembrar do que ela costumava fazer.

AGOSTO

Aston apareceu a correr com o telemóvel em riste.

— Papá, eu despisto-me na corrida quando alguém liga! — gritou.

Vincent largou a colher de pau no esparguete a ferver e soltou o telemóvel das garras do filho, antes que Aston tivesse tempo de o arremessar pelo ar.

— Desliga! — continuou Aston a gritar. — Estou a jogar ao *Asphalt 9*.

— Agora já não estás — disse Vincent e fez um sinal com a mão para que o filho fosse antes soltar a sua raiva na mãe.

A chamada era de Mina. Finalmente. Não tinha conseguido contactá-la durante todo o fim de semana, e ela não lhe respondera às mensagens. Teve de voltar a recordar-se de que o efeito psicológico conhecido como *spotlight*, que fazia com que as pessoas pensassem, erroneamente, que elas próprias eram a causa de uma catadupa de acontecimentos, também se aplicava a ele. Mas, ainda assim, não conseguia libertar-se da sensação de que Mina o evitara deliberadamente.

— Olá, Mina! — cumprimentou no momento em que Aston se atirava para cima de Maria com um guincho.

O filho e a mulher envolveram-se imediatamente numa competição de cócegas no chão. Aston parecia levar a melhor.

Vincent virou-se para o fogão e começou a mexer a massa outra vez, ao

mesmo tempo que virava as salsichas na frigideira; estavam quase a ficar coladas. Do outro lado da linha, o silêncio era total.

— Mina, estás aí?

Ouviu-a respirar, mas de maneira entrecortada. Parecia que estava... a chorar. Seria? Vincent falou tão baixinho que o som do exaustor quase se sobrepôs à sua voz.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou à cautela.

Era evidente que Mina estava mesmo a chorar, mas os soluços revelavam que tentava recuperar o controlo da voz. Vincent esperou, deixou-a acalmar-se. A água da massa ao lume transbordou da panela sem que ele reagisse.

— Estou aqui — disse-lhe. — Não tenhas pressa.

Era extremamente desconfortável ouvir Mina chorar. Vincent sempre tivera dificuldade em lidar com manifestações emocionais fortes, nunca sabia como se comportar. Mas isto era pior do que de costume, Mina mostrava-se sempre tão controlada, tão precisa, focada. Ouvi-la perder o controlo era como espiar algo demasiado privado, algo que não era suposto ver. Mas o facto de ela lhe ter ligado provavelmente indicaria que se tratava de um assunto muito sério.

A água do esparguete estava agora a escorrer pela placa de indução. O sistema de segurança foi automaticamente acionado e as placas molhadas desligaram-se. O que era uma sorte, visto que as salsichas na frigideira já começavam a cheirar a queimado.

— Não me estou a sentir muito bem — acabou Mina por dizer; as palavras saíam-lhe aos soluços. — Não consegui comer nem dormir o fim de semana todo.

— Estás a dizer isso literalmente ou é uma figura de retórica?

— Literalmente. Estou acordada há setenta e duas horas. Ou mais. Estou tão triste. Já não sei o que fazer.

A água correu da placa para o chão e chegou-lhe aos pés. Só quando sentiu que os dedos estavam a queimar é que Vincent se apercebeu de que transformara o jantar numa pequena catástrofe. Nem tinha coragem de olhar para as salsichas, mas isso era a coisa menos importante naquele momento.

— Vou já para aí — disse-lhe. — Estás em casa? Consigo pôr-me aí em quinze minutos. Não faças nada até eu chegar, fica sentada onde estás e não te mexas.

Vincent não explicou porquê, não lhe disse que estava apavorado de pensar no que ela poderia fazer antes de ele ter tempo de lá chegar.

— Está bem — respondeu Mina num fio de voz.

Nem tivera força para argumentar, mas conseguira pelo menos dar-lhe o código de acesso ao prédio.

Vincent olhou para o chão molhado; devia realmente tratar daquilo, mas teria de ficar para mais tarde.

Rebecka espreitou do quarto.

— Pai, que raio é que estás a fazer?! — reclamou. — Tresanda a queimado até dentro do meu quarto!

— Rebecka, ainda bem que estás aí — disse Vincent e limpou rapidamente o fogão com um pano de cozinha. — Vem aqui acabar de tratar do jantar, tenho de ir fazer uma coisa urgente.

— Mas... eu... o quê? Nããão!

Rebecka levantou os braços num gesto de resignação e acabou por ir ter com o pai.

— Vou comprar *pizzas* — disse depois de olhar para a catástrofe em cima do fogão. — Envia-me o dinheiro. Estás a ver que o chão está molhado, não estás?

Vincent pegou no telemóvel e transferiu dinheiro para Rebecka. Depois foi buscar o seu computador portátil.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Maria e levantou-se do chão, com Aston pendurado nas pernas. — Quem é que estava a ligar?

Vincent hesitou. Inspirou profundamente, aquilo não ia correr bem.

— Era a Mina. Aconteceu uma coisa, tenho de ir lá dar-lhe apoio.

Abriu o Google e fez uma pesquisa rápida.

— Só podes estar a brincar. Estás a gozar comigo? — perguntou Maria com uma voz estridente. — Dar apoio? Ela não tem mais ninguém a quem ligar? Caramba, é domingo à noite, Vincent!

Vincent concentrou-se no computador. Maria não tinha ouvido a voz de Mina. De outro modo...

— Foi a mim que ela ligou — respondeu. — Portanto, a responsabilidade é minha.

Vincent olhou para a mulher, que cruzou os braços ostensivamente.

— Maria, fiquei verdadeiramente assustado — justificou-se. — Devias tê-la ouvido.

— Ai é, então porque é que não te pões a caminho? Se tens de ser tu o cavaleiro andante que a vai salvar no seu cavalo branco...

— Branco? O *Toyota* é vermelho...

— A sério, às vezes... — murmurou Maria a abanar a cabeça.

— Isto não tem nada que ver com cavalheirismo — disse Vincent. — Uma pessoa do meu círculo próximo está numa situação potencialmente perigosa, quer do ponto de vista físico quer psíquico. Eu pareço ser o único que sabe disso e, portanto, sou o único que a pode ajudar. Racionalmente, tem de ser. Só preciso de confirmar uma coisa para não cometer nenhum erro. — Vincent virou o portátil para que Maria pudesse ver.

Abrira uma página da Wikipédia intitulada «Como confortar um amigo».

— Estás a gozar? — perguntou Maria com ar de nojo. — Mas tu és completamente autista? Precisas de pesquisar no Google para saber como

deves confortar alguém? Essas coisas sabem-se simplesmente! Dizes: «Estou aqui se precisares de alguma coisa.» Isso é o mais importante. Não és mesmo capaz de empatia genuína?

Maria estava a interpretá-lo mal, como sempre. Vincent não fizera a pesquisa *online* para saber como fingir preocupação, mas precisamente *por causa* da sua preocupação. Não estava minimamente convencido de que as coisas que «simplesmente se sabem» fossem sempre corretas. Havia tantas parvoíces dessas, toda a gente «sabe» que as crianças não devem tomar banho a seguir às refeições, porque podem ficar com dores de barriga. O que é uma mentira completa, inventada por pais demasiado cheios do jantar, que querem relaxar durante uma hora. E toda a gente «sabe» que a comida perde valor nutritivo quando é aquecida no micro-ondas. Outro completo absurdo. Claro que ele próprio não era imune a esse tipo de ideias delirantes. Mina era demasiado importante para se atrever a correr riscos, mas como poderia explicar isso a Maria?

— Eu não estou habituado a consolar pessoas adultas — disse-lhe. — E não quero piorar ainda mais a situação. Por isso, queria confirmar se há erros que convém evitar. Como este, por exemplo.

Vincent leu em voz alta:

— «Um erro comum é a frase: «Estou aqui para ti, diz-me se precisares de alguma coisa.» O problema dessa afirmação é que é demasiado geral, a pessoa que se está a confortar torna-se subitamente responsável por saber como é que a outra a deveria ajudar. Em vez disso, o melhor é ser o mais específico possível, explicar a forma concreta como se pode ajudar e sugerir, por exemplo, ajuda a limpar a casa, cozinhar, ou passar a noite.»

— Passar a noite — repetiu Maria com um esgar de insatisfação. — Só faltava essa também.

Vincent suspirou profundamente. Como de costume, interpretara mal a

questão.

— Sabes uma coisa? — disse Maria com amargura. — Não te preocupes em voltar para casa depois.

Vincent franziu a testa. Maria não queria que ele ficasse lá a dormir, mas também não podia voltar para casa. Meu deus, como é que alguma vez iria compreender a lógica das mulheres?

A porta do apartamento de Mina estava destrancada. O tapete do lado de dentro tinha o tamanho exato para se conseguir descalçar os sapatos sem se ter de pisar o chão, pelo menos para alguém relativamente ágil e com bom equilíbrio. Pelo sim, pelo não, Vincent descalçou-se do lado de fora e pousou os sapatos cuidadosamente em cima do tapete. Não se preocupou em chamá-la, dirigiu-se simplesmente para o interior do apartamento.

Mina estava sentada no sofá da sala, com o telemóvel ainda na mão. A avaliar pela sua aparência, provavelmente dissera a verdade sobre não ter dormido nem comido. Estava pálida como um cadáver, exceto à volta dos olhos, onde, em vez disso, tinha dois anéis negros. A sua postura corporal fazia lembrar um balão esvaziado, a pouca energia que lhe restava parecia estar a ser usada para chorar até o corpo estremecer.

Vincent colocou o saco de papel com as coisas que comprara de caminho em cima da mesa de centro. Depois foi até à cozinha e procurou um copo. Quando regressou à sala, retirou um pacote de sumo do saco e serviu-o. Presumiu que Mina não precisava de palhinhas para os seus próprios copos.

— Sumo, iogurte e sandes — disse ao retirar o restante conteúdo do saco.
— Uma sandes de gente fina e tudo. Com abacate.

Caíram algumas migalhas em cima da mesa, mas ele achou que Mina não se ia importar, de momento. Ela limitou-se a abanar a cabeça.

— Eu sei — disse Vincent. — Não consegues comer. Também não te vou pedir que o faças. Mas, quando sentires que consegues, tens as coisas aqui.

Neste momento, só quero que bebas alguma coisa. Mas também não precisas de ter pressa.

Vincent pousou o copo o mais perto possível dela e depois afastou-se, para frisar quão pouca importância a comida tinha para ele. Tinha esperança de que ela não lhe ouvisse na voz quão urgente ele realmente achava que era; Mina parecia prestes a colapsar a qualquer momento.

Em vez disso, sentou-se no sofá ao seu lado e, depois de alguns segundos de hesitação, colocou o braço à volta dos ombros dela. Mina não protestou e aninhou-se no seu peito. Apesar de a sua camisa ainda cheirar a salsichas queimadas e a massa demasiado cozida.

Mina chorou em silêncio enquanto Vincent lhe acariciava a cabeça. Uma das sugestões ilustradas no artigo «Como confortar um amigo» mostrara-lhe exatamente como o deveria fazer, mas sentiu que provavelmente também o teria descoberto sozinho. Sentia-se bem, era um gesto que lhe surgira com naturalidade.

Enquanto esperava que o pior passasse, aproveitou para estudar a casa de Mina. Imaginara que seria tudo branco. Móveis brancos, paredes brancas, quadros brancos, para que a sujidade não pudesse esconder-se em lado nenhum. Em vez disso, as paredes do apartamento de Mina eram cinzento-claras e os seus móveis eram de madeira também clara, pelo menos na sala e na cozinha, os espaços que Vincent conseguia ver. A elegância e o bom gosto surpreenderam-no. Claro que o estilo minimalista também fazia com que não parecesse estranho que tudo estivesse simetricamente colocado no seu lugar e que todas as superfícies se encontrassem imaculadas. Se não conhecesse Mina, teria pensado que entrara no cenário de um programa sobre decoração de interiores, em vez de num espaço de vida cuidadosamente esterilizado. Também não havia nenhum sinal de qualquer tipo de interação com outras pessoas, que Vincent conseguisse ver. Nenhum

fotografia de familiares nem de amigos, nenhum calendário na parede com um dia marcado para um jantar ou um café com alguém.

Ao fim de alguns minutos, a respiração de Mina acalmou-se ligeiramente. Vincent aproveitou para pegar no copo, estendendo-lhe. Mina agarrou-o com as duas mãos e bebeu alguns tragos. Depois fez uma pausa, parecia estar a ponderar se devia devolvê-lo, mas não o fez e bebeu o resto. Vincent suspirou; pelo menos, tinha ingerido algumas gotas de vitaminas e açúcar. Esperava que isso fosse suficiente para que também o apetite começasse a voltar lentamente.

— Posso fazer uma pergunta? — questionou Vincent.

— Se tiver mesmo de ser — respondeu Mina, baixinho.

— Não tem de ser. Vou ficar aqui enquanto achar que precisas de mim. Vou dar-te oportunidade de comer e dormir. Mas só quando quiseres. E não temos de falar.

A última frase, Vincent não a lera em nenhum lado, foi ele próprio que se lembrou. Aparentemente, acertara, porque Mina assentiu com cabeça, em silêncio. Encostou-se-lhe novamente ao peito, as lágrimas ainda a escorrer, mas não tão abruptamente como antes.

— O que é que a Maria disse quando vieste para aqui, já agora? — perguntou-lhe. — Ficou com ciúmes?

— As galinhas têm asas? Acima de tudo, ela acha que eu não bato bem da cabeça e que devia procurar aconselhamento médico.

Mina riu-se.

— Acho que estamos de acordo sobre essa última parte, então — comentou. — Sabes que cheiras a salsichas?

Foi a vez de Vincent soltar uma gargalhada. Depois ficaram os dois em silêncio. Mina estava claramente exausta, seria bom se conseguisse adormecer. Harmonizou a sua respiração com a dela, até estarem a inspirar

e a expirar ao mesmo ritmo, sincronizados um com o outro. Mina relaxou ainda mais o corpo. Vincent continuou com o exercício de respiração durante algum tempo, permitiu-se desfrutar da sensação puramente física de estar em sincronia com alguém. Não era frequente sentir-se assim, e também já não acontecia há muito tempo. De seguida, diminuiu o ritmo da sua própria respiração e confirmou que Mina fazia inconscientemente o mesmo. Continuou a respirar lentamente com ela, desacelerou o ritmo ainda mais, mas em pequenos passos, para que o corpo dela tivesse tempo de se ajustar. Ao fim de cinco minutos de respiração lenta, Mina dormia profundamente.

Vincent respirou fundo. Nunca se atrevera a consolar nem Maria, nem Ulrika, tinha a certeza de que elas se teriam rido na sua cara se ele o tentasse fazer. Porém, com Mina correra bem, muito bem, até. Fora uma sensação quase de naturalidade.

Deitou-a cuidadosamente no sofá, sem saber bem qual deveria ser o próximo passo. Olhou em redor, uma casa revelava sempre alguns detalhes sobre a pessoa que lá vivia, mesmo que hoje em dia isso fosse mais difícil, uma vez que as coleções de livros e discos das pessoas já quase não eram visíveis. Ir verificar o que alguém tinha guardado no Spotify ou no Storytell não era bem a mesma coisa. Por outro lado, Vincent tinha aprendido que a informação mais interessante se encontrava nas coisas onde as pessoas não pensavam que deixavam pistas. Um *post-it* a lembrar de uma consulta, frases formadas por letras magnéticas na porta do frigorífico, objetos esquecidos na prateleira de baixo da mesa de centro.

A sala de estar e a cozinha de Mina, porém, não tinham nenhum desses vestígios. Os quadros nas paredes também não revelavam nada; do que Vincent podia ver, eram todos comprados no Ikea. Não tinha intenções de entrar no quarto dela, principalmente enquanto ela estivesse a dormir, seria

uma intrusão demasiado grande e inaceitável na sua privacidade. Em cima da mesa da sala repousava um cubo mágico. Provavelmente, o mesmo que vira no bolso de Mina, na primeira vez que se encontraram.

Vincent pegou no cubo e segurou-o pelos cantos de baixo entre o polegar e o indicador, de forma a poder girar as filas com o dedo indicador e o anelar. As filas moveram-se quase sem resistência. A suposição anterior de Vincent estivera correta, era mesmo um *speedcube*, que se podia manusear com uma só mão. Surpreendeu-o que Mina o deixasse ficar por resolver. Ele próprio era da velha escola, começava sempre pela cruz. Sabia que havia formas mais rápidas de o terminar, mas era a que lhe ficara gravada na memória muscular. Virou o cubo distraidamente com uma só mão enquanto continuava a olhar para as coisas de Mina.

Em cima da secretária estavam também alguns documentos que Vincent reconheceu, todos relacionados com a investigação. Uma pequena fotografia emoldurada, no canto da mesa, captou-lhe a atenção. Na moldura encontrava-se também pendurado um colar, Vincent reconheceu o pendente como um daqueles adornos magnéticos. Era de surpreender, Mina não lhe parecia o tipo de pessoa que se deixasse enganar por charlatanices *new age*. Mas, pronto, Vincent não tinha nada que ver com o assunto.

Mina moveu-se ansiosamente no sofá. Murmurou qualquer coisa, mas Vincent não conseguiu ouvir o que ela estava a dizer. A fotografia na moldura era um retrato de uma jovem rapariga. Media apenas cerca de dez centímetros de altura e pareceu-lhe daquelas fotografias tiradas na escola, que os pais pagavam por uma folha A4 cheias de cópias, na esperança de que os avós, tios e o resto da família ficassem igualmente contentes por receber um retrato das crianças por mais um ano consecutivo. Uma alegria que Vincent suspeitava ser muito mal calculada por esses pais.

— Dormir — murmurou Mina.

Desta vez, ouviu-a claramente.

— Sim, é isso mesmo — respondeu Vincent suavemente. — Precisas de dormir.

— Dorme, meu amor. Eu estou aqui — repetiu Mina, com a testa franzida. — Não me estás a ver?

«Meu amor»? Vincent sentiu-se corar. Não se conheciam assim tão bem. Mina continuava a dormir, mas parecia agitada. Vincent olhou novamente para a rapariga na fotografia antes de virar cuidadosamente a moldura. «Nathalie 10 anos», escrevera alguém no verso. Vincent corou ainda mais, Mina não estava a falar com ele no sono quando dissera «meu amor». Voltou a pousar a moldura, certificou-se de que ficava na mesma posição que anteriormente e ajustou o colar. Encontrou uma caneta e virou a primeira folha de papel do relatório sobre Agnes.

«Não te vou perguntar nada. Mas, quando te sentires preparada para falar, eu estou aqui para ouvir», escreveu na parte de trás da folha.

Só então reparou que tinha resolvido o cubo mágico de Mina, que continuava a segurar na mão. Fizera-o sem pensar nisso.

«P.S.: Desculpa pelo cubo», acrescentou à mensagem e pousou-a, assim como ao cubo, ao lado da sandes que ficara em cima da mesa de centro.

Numa das pontas do sofá havia um cobertor impecavelmente dobrado. Vincent desdobrou o cobertor macio e colocou-o sobre Mina. Depois, pegou nos sapatos e saiu cuidadosamente do apartamento com eles na mão.

Vincent não conseguia dormir. O exercício de auto-hipnose a que costumava recorrer não funcionou. Nunca lhe acontecera antes. Os pensamentos ainda estavam num caos e a mais recente carta apanhara-o completamente desprevenido. Estava habituado a receber cartas de fãs e correio eletrónico de pessoas que queriam ajuda, ora para resolver problemas da vida, ora para se saírem bem numa entrevista de emprego. E não voltara a pensar nas cartas com ameaças que recebera na primavera. Porém, a tal pessoa voltara a escrever-lhe.

Vincent sentou-se na cama e acendeu a lanterna do telemóvel. Seria simplesmente estúpido da sua parte perturbar Maria. Desdobrou a carta pela quinta vez.

«Vamos ser tu e eu», dizia. «Mas percebo que não o possas dizer à tua mulher. Eu trato disso.»

Era como se um cubo de gelo invisível lhe escorresse pelas costas de cada vez que lia aquilo. A hora tardia também não o ajudava a pensar racionalmente, precisava de recuperar o controlo do centro emocional do cérebro, que, aparentemente, saíra dos eixos. A melhor forma de o conseguir fazer era ativar o pensamento racional e, dessa forma, mover recursos do hipocampo emocional para os lobos frontais. Se cortasse o combustível que alimentava a ansiedade, ela seria forçada a abrandar. A maneira mais fácil consistia em resolver um problema abstrato ou ler um livro complicado. Porém, todos os seus livros estavam no escritório, no

andar de baixo, e não se sentia com forças para lá ir. Apesar de tudo, era de madrugada.

Vincent olhou para a figura sombria ao seu lado, do outro lado da cama. A sua mulher tinha a capacidade de ir apertando o edredão à volta do corpo enquanto dormia e estava agora enrolada como uma salsicha em couve lombarda. Maria tinha vários livros no quarto, Vincent sabia disso. Era verdade que também se tratava de livros com arco-íris nas capas, mas talvez lhe fizesse bem, por uma vez que fosse, não ser tão preconceituoso. Quando era pequeno, também ele desejara que a magia existisse, até fizera o seu melhor para encontrá-la. E agora até era de noite, a altura do dia em que as regras do jogo não eram bem as de sempre. Se alguma vez conseguisse encontrar algo de interessante nos livros de Maria, seria agora.

Contornou a cama e acendeu o pequeno candeeiro em cima da mesa de cabeceira de Maria, uma esfera luminosa que representava a Lua. Pois claro. A mulher murmurou e virou-se na direção oposta à da luz.

Tal como esperara, havia quatro livros sobre a mesa. Podia dizer muito sobre Maria, mas que levava o autoaperfeiçoamento a sério, levava. Pelo menos teoricamente. O primeiro livro da pilha chamava-se *Grit: O Poder da Paixão e da Perseverança*. Esse não iria ajudá-lo, na verdade, Vincent também já o lera e a autora, Angela Duckworth, era uma mulher muito perspicaz e com os pés assentes na terra. O que Vincent precisava era de algo mais delirante, ideias com que se pudesse debater.

O livro seguinte intitulava-se *Como Amar Todos Incondicionalmente — A Magia da Vida*. A imagem na capa era um rebento verde a nascer de um sol, tendo o próprio rebento a forma de um coração com outro sol no meio. O nome do autor não aparecia indicado, apenas uma referência a uma página da internet. Agora, sim, já estava mais perto do que precisava, mas talvez conseguisse encontrar algo melhor.

O terceiro livro tinha o título *Aprenda a Amar o Que já Tem* e o último chamava-se *Ele É Um Idiota mas É o Seu Idiota*. Vincent deixou-se ficar com os três últimos livros nas mãos.

Aprenda a amar.

Ele é um idiota.

Amar todos incondicionalmente.

Quando se apercebeu do que estava a ver, foi subitamente invadido por uma mistura de angústia e mal-estar físico. Sempre pensara que o consumo intensivo de livros de Maria tinha que ver com uma necessidade de «se conhecer a si própria» ou de «encontrar o seu verdadeiro eu» ou alguma outra coisa igualmente etérea. Já gozara com isso mais vezes do que queria pensar.

Porém, parecia não ser nada disso o que se passava. Os livros de Maria eram uma tentativa de o compreender *a ele*. Uma tentativa de encontrar o seu espaço numa família em que duas crianças não eram suas. Vincent percebera tudo mal e a mulher tinha razão, ele era um idiota. Um maldito idiota. Maria tinha um marido que era de outro planeta e realmente não sabia se merecia mesmo ser amado.

— Vincent — sussurrou Maria, meio a dormir. — O que é que estás a fazer?

Vincent colocou cuidadosamente os livros de volta na mesa de cabeceira. Depois limpou os olhos com a mão e esperou que ela não reparasse nas lágrimas. Maria levantou a cabeça na cama e semicerrou os olhos na direção dele.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou-lhe.

Vincent apagou o candeeiro em forma de lua para que Maria não tivesse de ver quão envergonhado ele estava.

— Lembras-te de quando nos apaixonámos? — perguntou-lhe com a voz

tremida.

— Hum... o quê?

— Eu disse-te que não era fácil viver comigo. Só que não tinha mesmo ideia de quão difícil era, de quão duro poderia ser para ti.

— É, sem dúvida, uma experiência que me põe à prova — respondeu Maria com um bocejo. — Principalmente, a meio da noite. Porque é que não te deitas?

— Mas achas que vale a pena?

Maria abriu completamente os olhos.

— Viver contigo, queres dizer?

Vincent assentiu com a cabeça, em silêncio e sem ter a certeza se Maria o conseguia ver na escuridão.

— Acho que depende de ti — disse Maria. — Queres que valha a pena?

Vincent assentiu outra vez, mais para si próprio.

— Desculpa — disse. — Fui um idiota.

— Isso sei eu — respondeu ela com um sorriso. — E às vezes apetece-me sufocar-te com folhas de chá. Mas és o meu idiota. Anda lá deitar-te. Fazemos conchinha e ficas tu de costas, se quiseses.

— Mas tu não sabes o que eu...

— Aquilo que sei é que são duas e meia da manhã — disse Maria ao olhar para o relógio digital por baixo do candeeiro em forma de lua. — E se não queres que eu te deixe, então, volta para a cama. O despertador vai tocar daqui a quatro horas.

Maria voltou a deitar-se, virou-se e ajeitou-se durante algum tempo, até encontrar a posição mais confortável para dormir. Ao fim de uns minutos, a sua respiração tornou-se mais pesada e lenta.

Vincent ficou onde estava, a observar a mulher na cama, a mãe do seu filho mais novo. Apercebeu-se de que desistira não só da relação deles, mas

que também tinha feito tudo para a destruir. Maria, porém, nunca desistira, esforçara-se muito mais do que ele alguma vez tinha feito. Decidiu que iria mudar isso a partir daquele momento, não porque acreditasse que ele próprio o merecia de alguma forma, mas, se ainda restasse um pequeno fragmento do seu casamento que pudesse ser salvo, iria fazê-lo. Se Maria o permitisse.

Um leve bater sobressaltou Mina. Não reparara que alguém tinha entrado no gabinete até Julia bater discretamente na esquina da sua secretária.

— Chamei por ti várias vezes, mas não reagiste. Devias estar mesmo muito longe daqui — disse Julia. — Sabes se o Peder conseguiu encontrar a tal Anna?

Mina deu meia-volta na cadeira de escritório. Tinha uma cadeira inteiramente feita de aço e crómio, sem qualquer almofada forrada a tecido que as outras cadeiras tinham. Os tecidos eram focos inacreditáveis de bactérias, principalmente o tecido em que se pousava o rabo durante a maior parte do dia. O aço podia facilmente ser limpo com um pano. Ou lavado com líquido desinfetante, caso fosse necessário.

— Não a encontrou, mas conseguiu arranjar uma morada — respondeu Mina e levantou-se.

Peder precisara novamente de ficar em casa a cuidar das trigémeas, mas enviara-lhe uma curta mensagem escrita com a informação que conseguira obter, antes de se retirar para o seu mundo de bebés a bolsar.

— Estava mesmo agora a pensar dizer ao Vincent para ir lá comigo. Acho que ele merece vir.

Algo lhe dizia que precisava de ir com ele, mesmo correndo o risco de o seu segredo ser revelado. Surpreendeu-a estar tão à vontade com a hipótese de ele talvez ficar a saber.

— Será realmente boa ideia ires com o Vincent? — perguntou Julia. —

Ele agora está envolvido nisto pessoalmente, por causa do livro. Não será melhor ires com o Christer?

Mina abanou veementemente a cabeça.

— Não, quero levar o Vincent. Acho que é o mínimo que podemos fazer. Na verdade, foi graças a ele que chegámos tão longe.

Julia sorriu, divertida.

— Claro que sim, mas os teus colegas também fizeram uma parte do trabalho. Não te esqueças disso, antes que fiques demasiado deslumbrada.

— Deslumbrada...

Mina bufou; para sua grande irritação, sentiu que estava a corar.

— Só acho que seria mais apropriado ter o Vincent presente por causa das competências dele, não tem nada que ver com...

— Está bem, está bem. Não precisas de insistir, leva lá o Vincent.

Julia sorriu de forma provocadora quando virou costas para se ir embora. Uma parte de Mina queria chamá-la de volta e continuar a explicar-se, mas sabia que só iria cavar um buraco mais fundo. Em vez disso, foi buscar as suas toalhas antissépticas e limpou cuidadosamente a parte da mesa onde Julia tinha batido com os nós dos dedos.

— Então o Peder nunca chegou a encontrar-se com ela? — perguntou Vincent, curioso, enquanto Mina estacionava o carro. — Porque é que ela não estava na reunião dos AA?

— O Peder disse que ninguém sabia, ela simplesmente não tinha aparecido.

— Mas eles não revelam as moradas das pessoas, pois não? Não é precisamente nisso que se baseia todo o conceito dos Alcoólicos Anónimos? No anonimato?

Mina assentiu com a cabeça, puxou o travão de mão e desligou o motor do carro.

— O grupo nunca revela dados pessoais, mas um dos participantes sabe onde ela mora. Parece que são praticamente vizinhos e às vezes até vão juntos para casa.

Saíram os dois do carro e olharam em volta. Estava um dia cinzento e a chuva pairava no ar. O GPS levava-os para uma zona monótona, com enormes prédios de apartamentos todos iguais. Betão e aço numa combinação sem graça, que em tempos cumprira o seu propósito de responder rapidamente às necessidades de habitação numa Estocolmo que crescia a um ritmo nunca antes visto.

— Qual é o andar? — perguntou Vincent e semicerrou os olhos na direção da fachada do enorme prédio.

— Terceiro — respondeu Mina e tocou na campainha que ostentava o

nome de Anna.

Ao fim de alguns toques, a porta lá se abriu e puderam entrar. Mina franziu o nariz, um odor desagradável impregnava as escadas, uma mistura de urina velha e algo intenso que supôs ser de algum material insalubre utilizado na construção do edifício.

— Já sei, já sei, não vamos de elevador — disse Vincent e foi à frente dela para as escadas.

As paredes estavam pintadas com uma cor verde-clara meio sinistra, descascada em vários sítios. Mina já perdera a conta à quantidade de prédios que visitara em serviço exatamente com o mesmo tipo de cor. E exatamente com o mesmo cheiro.

— É aqui — disse Vincent quando chegaram ao terceiro andar; apontou para uma placa pintada com flores e com o nome de Anna numa das portas.

Também havia um tapete à entrada com os dizeres: *The queen of fucking everything*.

— Então, pronto, vamos lá — disse Mina com um gesto da cabeça.

Deixou Vincent tocar à campainha, era menos uma superfície infestada de bactérias com que se preocupar. Ainda assim, doía-lhe a barriga. Vincent iria provavelmente descobrir o seu segredo muito em breve. Mas não tinha outro remédio.

A porta abriu-se e a Rapariga Golfinho estava do outro lado, olhando fixamente para eles. Durante alguns segundos, a sua expressão facial permaneceu neutra, mas, de seguida, foi como se todo um mundo de emoções lhe passasse pelo rosto, acabando por culminar num guincho tão alto, que quase fez Mina dar um salto para trás.

— VINCENT!!

Anna atirou-se ao pescoço de Vincent, que cambaleou e quase perdeu o equilíbrio. Mina deu por si a olhar para os dois boquiaberta, incapaz de

reagir. Vincent estava paralisado, com Anna aos gritos enrolada ao seu pescoço. Mina não percebeu nada, sabia obviamente que Anna conhecia Vincent, aliás, era essa a razão pela qual estavam os dois ali, mas jamais imaginara aquela reação, e era evidente que Vincent também não. Parecia completamente às aranhas, como se estivesse à procura de algo na sua memória.

— Ah... olá... — disse Vincent, atrapalhado, e tentou soltar-se de uma Anna relutante em largá-lo.

— Podemos entrar? — perguntou Mina. — Precisamos de falar contigo sobre uma coisa.

Reparou que tinha usado um tom muito duro, mas ainda estava a tentar recompor-se do ataque de abraços de Anna a Vincent. Era um comportamento muitíssimo estranho, no mínimo.

— Claro, claro, entra! Desculpa, oh, o meu ar e esta desordem. Se soubesse que era hoje que vinhas, Vincent, tinha-me arranjado e arrumado a casa!

Anna tagarelava nervosamente, enquanto recuava pelo corredor para os deixar entrar. Vincent continuava com ar pensativo e, durante alguns segundos, pareceu hesitar se devia entrar, mas acabou por segui-la.

— Estava agora a fritar a carne picada para dar ao Ingo, por isso desculpa, tenho só de ir ver se não está a queimar, ele não gosta quando está queimada, só quer mesmo um pouco salteada, bem, na verdade prefere-a crua, mas aí não se sabe o que é que se pode apanhar, então prefiro fritá-la um bocado para ele...

Anna parou subitamente de falar e olhou para Mina, como se só agora tivesse registado que Vincent não estava sozinho.

— Chamas-te Mina, não é? — perguntou Anna. — Costumamos encontrar-nos nos...

— Em Kungsholmen — interrompeu Mina e fixou os olhos na Rapariga Golfinho. — Já fui lá algumas vezes como pessoa de apoioio.

Aparentemente, Anna percebeu a mensagem, ou então não conseguia pensar em mais nada que não em Vincent, pois limitou-se a assentir rapidamente com a cabeça e desapareceu para o interior do apartamento. Mina seguiu Vincent pelo corredor, insegura sobre o que os esperaria.

O *hall* de entrada estava limpo e arrumado, ao contrário do que Anna sugerira, embora excessivamente carregado de objetos decorativos. Havia tapeçarias com palavras sábias bordadas, quadros com citações, uma placa de esmalte com o texto *Carpe Diem* e outra com *The Queen Of Fucking Everything* também ali, espelhos, flores artificiais e uma infinidade de enfeites. Um bordado em ponto-cruz fazia saber que Um pau grande é um pequeno consolo em casa pobre. Anna continuava a tagarelar do interior da cozinha, e Vincent e Mina dirigiram-se os dois lentamente até lá.

— Vou só dar a comida ao Ingo, depois preparo-vos um café, e acho que também tenho alguns bolinhos. A sério, não estou a acreditar que finalmente vieste, Vincent, espera só até eu telefonar à Lindsay a contar-lhe, ela tem emanado taaanta energia negativa, a dizer que isto nunca ia acontecer, que eu estava só a imaginar coisas e que não devia ter escrito aquelas cartas tão parvas, que era tudo coisa da minha cabeça! Ah!... Já ouviste coisa mais estúpida, Vincent, principalmente agora que, pronto, que estás realmente aqui?

Com um sorriso resplandecente, Anna foi até ao fogão, onde uma frigideira fumegava. Só nesse momento Mina reparou que estava um gato grande e de pelo comprido pacientemente à espera ao lado do fogão. Mina começou imediatamente a sentir comichão nos olhos e ficou com dificuldade em respirar só de olhar para o animal, embora não fosse minimamente alérgica, mas pelos de gato era a última coisa que queria levar

consigo para casa. O bicho lançou um olhar a Mina, depois a Vincent, mas ignorou-os logo de seguida, uma vez que o conteúdo da frigideira era aparentemente muito mais interessante.

— Anda cá, bebé, a tua comida está pronta, a mamã vai ajudar-te, vai ser tão bom, tão bom, tão bom, não é, bebé?

Anna balbuciou ao gato ao mesmo tempo que pegou numa colher e retirou a frigideira de cima do fogão e a colocou em cima de uma base na mesa. Sentou-se numa das cadeiras e o gato virou-se para ela com a cauda a varrer ansiosamente o chão gasto da cozinha. Mina não ousou olhar para Vincent para ver se ele tinha a mesma expressão facial chocada que presumiu que ela própria teria. A Rapariga Golfinho estava sentada a dar a comida à boca do gato com uma colher. Mina nunca vira nada assim. Encontrava-se com Anna todas as quintas-feiras nas reuniões dos Alcoólicos Anónimos; de vez em quando, embora contrariada, trocava algumas palavras com ela, escutara os seus testemunhos. Sempre tivera a impressão de que Anna era relativamente normal, talvez um pouco excêntrica. Mas isto...

Mina não conseguiu evitar abanar a cabeça e olhou em volta, em busca de um lugar para se sentar. Aquilo provavelmente ainda iria demorar um bom bocado. Aliviada, constatou que o apartamento parecia muito limpo e arrumado, sentia-se capaz de se sentar numa das cadeiras da cozinha. Claro que teria preferido pegar nas toalhas desinfetantes e limpar a cadeira e a mesa antes, mas já tinha aprendido a controlar os seus impulsos quando estava em serviço.

Vincent sentou-se na cadeira ao lado da dela e Mina teve finalmente coragem de olhar para ele. Com uma expressão fascinada, Vincent observava o gato a ser alimentado à colher e parecia refletir intensamente

sobre algo. Virou-se depois para Mina e trocaram um olhar, antes de ela lhe fazer um gesto com a cabeça para que começasse.

— Anna — disse Vincent —, gostaríamos de esclarecer contigo uma coisa. Falaste com a Mina sobre mim, lembras-te disso?

— Claro que sim. Mas, por amor de deus, Vincent, eu falo sobre ti a toda a gente! Tu sabes disso!

— Sei? — Vincent aclarou a garganta antes de continuar. — Mas porquê nessa altura? E porquê com a Mina? O que te levou a sugerir-lhe que ela falasse comigo?

Anna continuou a colocar colheradas de carne picada na boca do gato enquanto falava.

— Foi uma reação lógica. Várias pessoas do grupo ouviram-na falar ao telemóvel, não apenas eu, e então percebi que ela precisava de ajuda. E claro que a primeira pessoa em quem pensei foste tu!

A Rapariga Golfinho falava sobre Mina como se ela não estivesse ali. Aparentemente, a presença de Vincent era tão maravilhosa que não conseguia prestar atenção a mais ninguém. Os olhos brilhavam-lhe quando olhava para Vincent, embora de uma forma que não parecia totalmente saudável. Anna rapou o resto da carne picada da frigideira.

— E porque é que foi evidente para ti sugerir a ajuda do Vincent? — perguntou Mina; Anna esboçou um sorriso enorme.

— Eu estou sempre a pensar no Vincent.

Confusa, Mina olhou para o mentalista. Aquela conversa parecia-lhe estranhíssima, passava-se ali qualquer coisa que ela não conseguia compreender. Porém, se quisesse olhar para o lado positivo, Anna não parecia nada interessada em falar sobre como é que ela e Mina se conheciam.

— Anda, tenho de te mostrar uma coisa, Vincent!

Anna levantou-se com um saltinho e pousou a frigideira com a colher no fogão. Dirigiu-se rapidamente para uma porta fechada do outro lado do corredor e fez sinal a Vincent para que a acompanhasse. Quer Vincent quer Mina se levantaram e seguiram-na cautelosamente.

— Vê só! Não é bonito?!

Anna escancarou a porta e fez um movimento amplo com o braço, abarcando o quarto todo, enquanto dava pequenos saltos de entusiasmo. Curiosa, Mina avançou, e Vincent seguiu imediatamente atrás. Depois, ficou paralisada. Aquele espaço estava repleto de fotografias de Vincent. Mas ele não aparecia sozinho nas imagens, estava sempre com Anna. Algumas das fotografias eram *selfies* tiradas em sessões de autógrafos ou apresentações, com Anna a sorrir alegremente em primeiro plano e Vincent ao fundo. Outras pareciam ser colagens feitas por ela, nas quais Anna, aparentemente, recortara e colara fotografias de si própria a imagens de Vincent. Muitas delas estavam decoradas com recortes de títulos de jornais. «O amor dos famosos floresce», «O casamento do verão», e corações desenhados à mão. Cada centímetro das paredes estava coberto por fotografias.

Mina sentiu um arrepio na espinha ao olhar em volta. Até àquele momento, Anna parecera-lhe uma rapariga divertida, ainda que um pouco tontinha. Mas aquilo que estava a ver nas paredes era de loucos. Era o tipo de coisa que requeria medicação psiquiátrica.

Na outra ponta do quarto havia uma pequena mesa com uma fotografia emoldurada de Vincent no seu mais recente espetáculo. À frente da moldura repousava uma pequena placa metálica com o texto «Proibida a Leitura de Mentes». Um dos cantos da placa estava amolgado, como se esta tivesse sido arrancada de algum sítio.

Era um altar.

Mina olhou para Vincent, que estava de queixo caído, a boca aberta.

— És tu — disse ele, lentamente. — És tu que tens andado a subir ao palco depois dos meus espetáculos...

— Claro que sou eu, tonto! Mas já sabias disso!

Anna riu-se, encantada, e puxou Vincent para dentro do quarto. Ele tentou resistir, mas Anna segurava-o firmemente pelo braço.

— Parece que não era a brincar quando disseste que estás sempre a pensar no Vincent — comentou Mina diplomaticamente.

Vincent. Olhasse para onde olhasse, era só imagens atrás de imagens de Vincent.

— Anna, preciso de saber uma coisa — disse o mentalista. — Enviaste-me algum livro? Com um leopardo na capa? Ou alguém te pediu para o fazeres?

Foi a vez de Anna ficar às aranhas. A sua expressão intrigada não era fingida, até Mina conseguia ver isso.

— Um livro? — perguntou Anna. — Com um leopardo? Não. É verdade que eu adoro gatos, mas só te enviei as cartas, e recebeste-as, não foi?

— Sim, obrigado, cartas onde me ameaças, a mim e à minha família.

Ameaças? Não era certamente o que Mina acabara de imaginar. Estava realmente na hora de terminar a visita.

Anna não sabia nada sobre livro nenhum, isso era mais do que evidente. Porém, Vincent ficara muito pálido, Mina tinha de o tirar dali. E, de preferência, antes que aquele gato se lembrasse de que queria companhia. *Bosse* preencheria a sua quota de contacto com animais domésticos para os próximos tempos.

— Isto foi um erro — disse Vincent a Mina.

— Foi um prazer visitar-te, Anna — disse Mina em tom amável, mas

firme. — Se o Vincent não tiver mais nada para te perguntar, vamos embora agora.

Anna olhou para ela com ar horrorizado. Depois virou-se para Vincent.

— O quê?! Não vais ficar? Agora que estás finalmente aqui, que finalmente vieste! Porque leste as minhas cartas, vais ficar aqui agora, comigo! E não com ela!

Anna apontou para Mina.

— Pronto, sei que a tua casa em Tyresö é linda — continuou Anna. — Mas eu e tu não precisamos daquela casa enorme vazia.

— Como é que sabes onde é que eu... — começou Vincent. Depois arregalou os olhos. — Aquela placa... é a placa da minha caixa de correio, não é?

Anna ficou subitamente em silêncio, a mexer na placa metálica. Depois assentiu com a cabeça.

— Gosto de ir olhar para ti. Da última vez, quando ela apareceu — disse Anna com um olhar na direção de Mina —, tive de me esconder. Mas eu bem sei, agora estão sempre juntos.

— Vincent? — disse Mina e sentiu novamente os arrepios na espinha. — Do que é que ela está a falar?

Vincent não respondeu. Em vez disso, examinou as fotografias nas paredes. Observou com especial atenção todas as *selfies* com eles os dois, todas as vezes em que Anna estivera perto dele sem que ele a tivesse visto. Todas as ocasiões em que Anna podia ter cometido uma loucura.

Mina também observou as fotografias e o seu olhar fixou-se numa em particular, na qual Anna estava deitada de barriga para baixo numa maca, em tronco nu. Alguém lhe estava a fazer algo nas costas. Oh, não, a fotografia estava desfocada, mas Mina conhecia a Rapariga Golfinho demasiado bem para não saber o que aquilo queria dizer.

Anna apercebeu-se de que Mina observava aquela fotografia, deu meia-volta com um guincho de felicidade e levantou a camisola para que eles lhe pudessem ver as costas. Na base, tinha tatuado um enorme coração cor-de-rosa, que servia de moldura para um retrato dela... ao lado de Vincent. Pareciam muito felizes juntos, os dois.

— Finalmente, chegou o nosso momento, Vincent! — chilreou Anna.

Mina olhou fixamente para a tatuagem. Vincent recuou lentamente, para longe das costas nuas. Quando chegou à porta, virou-se e saiu a correr do apartamento, escadas abaixo.

A floresta não era propriamente o que ele esperara. Nunca tinha sequer estado numa, então como é que poderia saber de antemão que era um sítio húmido, bem, molhado, até. Não era possível simplesmente deitar-se ali e ter sexo.

— É melhor andarmos mais um bocado — disse e virou-se para ela.

Um ramo de uma árvore acertou-lhe no rosto, e ele agarrou-se à bochecha.

Ela olhou-o com ar entediado e assentiu com a cabeça, contrariada.

— Está bem, mas muito mais também não, tenho uns *Reebok* novos e não me apetece estragá-los.

Ela apontou para o solo, que estava enlameado e pegajoso. Claramente, não era o sítio ideal para sapatos brancos novos.

— Eu paguei — recordou-lhe ele, na esperança de que isso fosse um motivo suficiente.

Não estava nada interessado nos ténis dela, só queria penetrá-la, acabar com o assunto. Olhou em volta, tinha de encontrar um sítio seco, depressa, antes que ela se arrependesse. Os amigos estavam à espera dele com as motas, junto ao quiosque de Tallkrogen. Não podia voltar para junto deles sem o ter feito, simplesmente não dava. Era o único do grupo ainda virgem, um facto muitas vezes mencionado e que fazia dele alvo de gozo.

— Ali ao fundo parece haver uma clareira, deve estar um pouco mais seco — disse, apontando, e começou a andar para lá.

Embora reticente, ela seguiu-o com um suspiro audível e ostensivo.

— Só para esclarecer, tu pagaste por um missionário normal e ponto final, nenhum extra, nada de broches e coisas assim. Só para que fique claro.

O seu tom de voz era neutro, como se estivesse a falar do tempo.

Perguntou-se com quantos é que ela já teria ido. A ideia enojou-o e excitou-o em igual medida, numa combinação estranha.

A ereção estava a incomodá-lo dentro das calças de ganga e teve de a reajustar rapidamente uns milímetros, para conseguir andar melhor.

Ela estremeceu enquanto avançava atrás dele, vacilante, e puxou o casaco de ganga com mais força à volta do corpo.

Encontrara-a na internet. Os amigos tinham-no ajudado a escolher, quando passaram uma tarde inteira em casa de Adde, à procura de alguém com quem ele pudesse fazer sexo. Não podia ser demasiado caro. Só tinha quinhentas coroas, o dinheiro que a avó lhe dera como prenda de Natal. E Lizette pedia-lhe precisamente o suficiente para uma queca normal. Bem, na verdade, o preço no *site* era mil coroas, mas Mehmet, que tinha jeito para negociar, conseguira baixar o valor para quinhentos.

— Ali, olha! Uma autocaravana! — exclamou ele, num tom de alívio, que lhe saíra em falsete, e apontou para uma viatura degradada, estacionada a alguma distância na clareira.

As árvores tornaram-se mais esparsas à medida que se aproximavam da clareira, e o solo estava cada vez mais seco, tal como ele esperara.

A sua ereção começara a tornar-se dolorosa e a respiração estava mais superficial e acelerada. Perguntou-se como seria a sensação. Apesar de ter visto milhares de filmes pornográficos e saber em detalhe o que acontecia e como as pessoas soavam, ainda não fazia a mínima ideia de qual era a sensação de o fazer. Mas, em breve, muito em breve, iria descobrir.

— Sim, mas imagina que vive ali alguém — disse ela e praguejou ao tropeçar numa raiz de árvore.

— Parece-me que não há ninguém por perto. Vamos espreitar — respondeu ele e cruzou os dedos com tanta força que ficaram brancos.

Faltava tão pouco para poder foder.

Quando chegaram à autocaravana, o odor no ar despertou-lhe a atenção. Havia um cheiro estranho, provavelmente bolor ou algum cano de esgoto roto. Mas agora não queria saber disso para nada, a sua ereção estava dura como uma pedra dentro das calças e não lhe interessava se cheirava mal. Dali a poucos segundos iria estar em cima dela.

Abriu a porta e entrou. No segundo seguinte, saiu a correr e vomitou. Viu pelo canto do olho Lizette fugir a correr pela floresta, ao mesmo tempo que gritava algo sobre a Polícia. Os seus *Reebok* novos brilhavam nas sombras por entre as árvores. Merda. Mais uma vez, iria ficar sem foder.

— Que nojo!

Christer cuspiu para o chão e recebeu um olhar severo de um dos técnicos forenses no local. Depois ergueu as mãos em gesto de desculpa.

— Pronto, não se pode dizer que está com um aspeto muito fresco... — comentou Ruben, sombrio.

— Pois não, tenho dificuldade em acreditar que o senhor Rask tenha andado de um lado para o outro a matar gente nos últimos meses. Fosse o Robert ou outra pessoa — respondeu Christer e tentou controlar as náuseas.

A porta da autocaravana estava aberta e o cheiro a carne humana em decomposição impregnava o ar na pequena clareira.

— Não é de estranhar que não o conseguíssemos encontrar — disse Ruben, abanando a cabeça. — Mas... — Uma centelha de esperança iluminou-lhe o olhar. — Mas ele pode ter sido morto pelo outro assassino!

— Não és tu que insistes nas soluções simples?

Christer recuou alguns passos para não atrapalhar os técnicos, cobertos pelos fatos de proteção de corpo inteiro, e enfiou o pé numa poça lamacenta. Observou tristemente os sapatos, tinham sido um presente da mãe e assentavam-lhe bem, já estavam na segunda década de uso sem parecerem demasiado gastos. A mãe comprava sempre alta qualidade, que durava muito tempo. Porém, aquela maldita floresta estava a caminho de se tornar o canto do cisne dos sapatos.

— Vamos lá ver do que é que ele morreu — disse Ruben, ainda

esperançoso.

Uma das técnicas forenses, uma jovem bela de cabelos azuis vivos, deteve-se.

— Não podemos dizer com certeza antes de a Milda o autopsiar — disse-lhes. — Mas parece-me decididamente que o Jonas Rask morreu com uma *overdose*, em algum momento do inverno passado.

— Por outras palavras, decididamente antes de pelo menos o Robert ser assassinado — murmurou Ruben. Depois aclarou a garganta. — Que grau de certeza tem acerca da causa da morte?

— Ainda tem a seringa pendurada no braço — respondeu a rapariga dos cabelos azuis.

— Deve ter apanhado esse hábito quando esteve dentro — disse Christer.

Ainda estava a lamentar-se pelo estado dos sapatos e agora a água também começava a infiltrar-se até às meias. Aquilo era o mais próximo que estivera nos últimos tempos da vida ao ar livre e já não tinha qualquer vontade de repetir a experiência.

— Diga-me quem é que não apanha esses hábitos quando vai dentro. Principalmente estando lá vinte anos — disse Ruben e estremeceu.

Na verdade, estava um dia quente, mas a humidade e a penumbra da floresta faziam a temperatura descer. Já a autocaravana tinha passado todo o verão sob um sol escaldante, o que certamente dera um contributo importante para o cenário que os esperara no interior.

O cadáver foi retirado da autocaravana dentro de um saco preto com fecho de correr. Com o movimento, algum líquido escapou pelas costuras e o fedor atingiu-os com toda a força. Christer tapou o nariz, mas, ainda assim, teve de fazer um esforço para não vomitar. Para sua satisfação, viu que o rosto de Ruben também assumira um tom entre o esverdeado e o pálido. Tinha sido impossível levar o carro da morgue para o interior da

floresta, pelo que o saco com o corpo teve de ser transportado à mão, em cima de uma maca. Milda tinha uma tarefa muito pouco agradável pela frente. E os técnicos também iriam ter um enorme trabalho com a autocaravana.

— Então, é isto — comentou Ruben e começou a caminhar a passos largos em direção ao trilho onde tinham deixado o carro da Polícia.

Bosse esperava-os dentro do carro, com um vidro aberto o suficiente e uma grande tigela de água no chão. Pelo menos ele ficaria contente quando os visse regressar. Christer suspirou, contrariado com o estado da situação. Sapatos estragados, meias molhadas — e mais uma pista que terminava num beco sem saída.

Meu deus, como odiava as férias. Havia poucas palavras que detestasse tanto e tão poucas práticas forçadas que desprezasse com a mesma intensidade que as malditas férias.

— Vocês têm de ter algum tempo livre, como o resto do mundo — dissera a administração. — É agosto, descansem. Há outros investigadores que podem aguentar os cavalos uma semana ou duas.

Não era assim que Mina via as coisas. Havia um motivo para o grupo deles ter sido criado, não era para que pudessem tirar férias. Estava fortemente desconfiada de que aquela preocupação com o tempo livre por parte da administração mais não era do que um primeiro passo para desmontar gradualmente o grupo e depois acabar com ele definitivamente. Porém, não era algo que fosse deixar acontecer.

Apesar de todo o esforço e empenho, nem sequer tinham conseguido localizar Jonas Rask, o que não deveria ter sido difícil. Alguém saído da prisão ao fim de tantos anos costuma ser fácil de localizar. Esconder-se da Polícia requer recursos e habilidade, e o facto de as pessoas serem animais de hábitos joga sempre a favor dos investigadores. Porém, nenhum dos lugares que Rask frequentara com regularidade fornecera resultados e também não tinham sido capazes de localizar a sua autocaravana. Fora preciso um miúdo de quinze anos sexualmente excitado para o fazer.

Uma catástrofe, por outras palavras.

Precisava de ser melhor do que aquilo, precisava de algo concreto. Mina

deu um passo atrás e observou a sua criação. A única coisa positiva em terem-na obrigado a tirar férias era que agora tinha tempo para rever tranquilamente tudo o que estava relacionado com o caso, sem que os colegas lhe desviassem a atenção. Embora fosse uma pena não poder estar com Vincent. Nas últimas duas semanas dera uma série consecutiva de espetáculos, a maior parte deles fora da Suécia. Desde que se tinham visto em casa da Rapariga Golfinho, Anna, Vincent mal punha os pés no país. E talvez até fosse melhor assim, em parte porque tinha dificuldade em acreditar que Anna o fosse seguir para o estrangeiro, já que a maior parte do seu dinheiro parecia ser gasto em novas tatuagens, mas também porque Mina não sabia se estava preparada para conversar com ele sobre o que acontecera quando Vincent tinha ido a sua casa. Em breve, talvez, mas ainda não.

Uma das paredes da sala estava coberta com papéis e fotografias, afixados com pioneses. Mina também tomara a liberdade de escrever e desenhar diretamente na parede com marcadores. Bastaria aplicar por cima uma demão de tinta, mais tarde. Embora tivesse ouvido dizer que eram precisas três para tapar riscos de marcadores. Em qualquer caso, costumava pintar o apartamento a cada outono com uma nova cor cinzento-clara, uma vez que ao fim de um ano a tinta antiga começava a adquirir um tom um pouco mais escuro, um testemunho demasiado intrusivo de toda a sujidade que se agarrava às paredes, por mais que ela as esfregasse.

Não se importava que fosse a única a ver que as paredes escureciam. Talvez nem mesmo ela o visse, em abono da verdade, mas sabia que assim era. Além disso, considerava o ato de pintar terapêutico. Porque claro que era ela própria quem pintava as suas paredes anualmente, nunca lhe passaria pela cabeça deixar entrar um homem das obras com roupa de trabalho suja em casa.

Tuva. Agnes. Robert.

Olhavam os três para o vazio na sua sala. As fotografias eram as mesmas que tinham na esquadra, Mina limitara-se a retirar tudo o que lá havia, fizera cópias e colocara tudo de volta. Desde então, acrescentara mais peças ao *puzzle* em sua casa, mais notas, mais fotografias, desenhara linhas, pintara círculos e marcara coisas que considerava particularmente importantes.

A um dos cantos, tinha feito uma lista das coisas que poderiam ser ligações, prováveis ou improváveis, entre as vítimas. Era uma infinidade de palavras e contextos misturados, escritos diretamente na parede: dentista, escola, supermercado, relações familiares. E mais uma dúzia de outras palavras. Se as pessoas soubessem quão fácil era descobrir e cartografar-lhes os hábitos e padrões de comportamento. Facebook. Instagram. Em certos casos, alguns palpites e suposições juntamente com umas chamadas telefônicas para as confirmar. Se conseguisse encontrar o denominador comum, começaria a aproximar-se da verdade, estava absolutamente convencida disso.

No entanto, até agora, nada funcionara. Aparentemente, não havia qualquer tipo de ligação entre as três vítimas de homicídio. Zero.

Frustrada, Mina deu um esticão ao rabo-de-cavalo. Arrependeu-se de imediato e pegou no álcool para as mãos. Borrifou uma grande quantidade do líquido e esfregou as mãos com força. Depois, recuou um passo e observou toda a colagem na parede. Desviou o olhar para a direita, onde estava a coluna de Vincent. Evidentemente, também tinha reunido toda a informação que encontrara sobre ele, sobretudo tendo em conta que o seu envolvimento no caso era agora pessoal. Mas, já em março, Mina escolhera confiar no discernimento e nas opiniões do mentalista numa investigação de homicídio sensível, sem saber muito mais sobre ele do que aquilo que

estava escrito na Wikipédia. Fora um pouco irresponsável talvez, sentia agora, em retrospectiva, embora fosse uma sorte que assim o tivesse feito. As lacunas no conhecimento sobre Vincent Walder haviam sido preenchidas durante as últimas semanas. Ainda não tinha muita informação sobre ele em comparação com os outros afixados na parede, mas ele também não era nem vítima de homicídio nem suspeito.

Por enquanto.

Mina olhou para o retrato de Vincent, uma imagem publicitária de algum dos seus espetáculos. Conhecia-o há menos de seis meses, mas tinha a sensação de que o conhecia há muito mais tempo do que isso. Era muito raro sentir uma ligação daquelas com outra pessoa, não acontecia desde...

Afastou aqueles pensamentos rapidamente e forçou o cérebro a concentrar-se em Vincent. O seu retrato olhava diretamente para ela. Por vezes, ficava com a sensação de que os olhos dele a seguiam pela sala.

Investigara Vincent segundo os mesmos critérios que os restantes, guiando-se meticulosamente pela lista de palavras que escrevera na parede, com o mesmo cuidado que usara com os outros três. O que fizera com que também ficasse a saber bastante mais coisas sobre ele. A que dentista ia, onde é que fazia compras de mercearia, onde crescera. Até conseguira encontrar uma fotografia da turma de Vincent na escola primária, graças a uma de muitas empresas especializadas em digitalizar e vender fotografias antigas de escola na internet. A fotografia repousava em cima da sua secretária. Vincent fora uma criança incrivelmente amorosa, com um espaço entre os dentes da frente visível à conta do enorme sorriso que fazia para a câmara fotográfica.

Mina sempre odiara as sessões fotográficas na escola. E odiara os seus colegas de turma. Todos menos uma, a sua melhor amiga Pia. Por isso,

durante os anos do secundário, que tinham sido os piores, riscara as caras de todos os colegas nas fotografias. Assim como os nomes.

Todos os nomes surgiam numerados por baixo da imagem, de acordo com a fila em que os alunos apareciam. E havia sempre alguém cujo nome aparecia como ausente. Mina e Vincent vinham de partes completamente diferentes da Suécia e tinham mais de dez anos de diferença de idades, mas, ainda assim, as suas fotografias de turma eram tão semelhantes. Por um momento, perguntou-se o que seria feito de Pia. A relação de amizade das duas mantivera-se durante muito tempo, até à idade adulta. Porém, Pia não conseguira compreender as escolhas que Mina fizera e isso levava a que os seus caminhos divergissem. E Mina não fizera novos amigos desde então. Os amigos intrometiam-se, queriam demasiado, perguntavam demasiado, exigiam que uma pessoa se preocupasse, mostrasse interesse. Mina não tinha forças para dedicar energia a outra pessoa, pelo menos até ter conhecido Vincent. E a questão agora era se realmente o queria ter na sua vida. Consequira criar uma existência que funcionava, onde mantinha os fragmentos da sua vida mais ou menos unidos e no devido lugar. Vincent perturbava esses fragmentos, imiscuía-se; tinha um cubo mágico resolvido em cima da mesa para o provar.

Mina suspirou, virou as costas e estava prestes a sair da sala para ir buscar café quando o telemóvel tocou. Viu no ecrã que era Christer.

— Olá, olá! Eu e o *Bosse* queríamos só saber como é que estão a correr... as férias — disse o colega e enfatizou a última palavra com uma certa irritação. — O *Bosse* está um bocado em baixo hoje, por isso vamos ficar por casa.

Aparentemente, Christer também não se sentia completamente satisfeito com os tempos livres forçados. Mina ainda não se acostumara minimamente ao novo Christer, alegre e falador. Que, ainda para mais, adorava animais.

Mina conhecia Christer desde que fora trabalhar para a sede da Polícia e nunca o vira sorrir sequer para um peixe de aquário.

— Fazes tudo com esse cão, agora? — perguntou-lhe.

— O Ruben fez o mesmo comentário, mas fiquem a saber que o *Bosse* não se sente bem quando não tem companhia, ele precisa da segurança e da estabilidade da minha presença. Mas isso deve ser difícil de compreender para alguém que nunca precisou de tratar de nada mais avançado do que uma trepadeira.

— O quê?

— O Ruben, quero dizer — precisou Christer rapidamente. — A trepadeira. Não eras tu.

Mina olhou para a parede com todas as fotografias e anotações. As suas férias. Deveria mentir a Christer e dizer-lhe que estava numa quinta de vinhos na Toscana, ou numa semana de compras em Nova Iorque, ou numa praia em Las Palmas?

— Quando digo férias, estou a referir-me à investigação, obviamente — continuou Christer.

Mina sentiu-se como uma criança apanhada a roubar doces.

— Sou assim tão transparente? — perguntou.

— Só para quem olhar bem. E eu também não ando propriamente a passear de veleiro pelo arquipélago.

— Para ser sincera, não cheguei a lado nenhum — suspirou Mina. — Até já comecei a investigar os pais das vítimas, mas também não encontrei nada de interessante. Vivem em sítios diferentes, têm diferentes profissões, não existe qualquer grau de parentesco. Passei tudo a pente fino, desde as coisas óbvias aos detalhes mais insignificantes, mas não encontro rigorosamente nada que os pudesse ligar. Para dizer a verdade, neste momento, a minha única esperança é que o assassino tenha simplesmente desistido.

Mina sentou-se em cima da secretária e teve de desviar a fotografia de escola de Vincent para não a amachucar.

— Então e a ligação à região de Halland, também não deu em nada? — perguntou Christer, ouvindo-se *Bosse* a ladrar ao fundo. — Desculpa, tenho só de lhe ir dar comida.

O barulho da ração seca a cair numa taça metálica obrigou Mina a afastar o telemóvel do ouvido. De seguida, ainda escutou a mastigação fervorosa de um *golden retriever* feliz. *Bosse* era um cão exageradamente alegre em situações corriqueiras, Mina nem queria pensar como ficaria quando lhe davam comida.

— Que ligação à região de Halland? — perguntou, quando os barulhos de *Bosse* se acalmaram.

— Bem, «ligação» talvez seja uma palavra um pouco exagerada para o que é, mas tens de concordar que é uma coincidência curiosa.

— Não faço mesmo a mínima ideia do que estás a falar.

O suspiro de Christer ouviu-se claramente através do telefone.

— Oh, meu deus. Bem, eu também demorei algum tempo a fazer a ligação, mas depois... Estava convencido de que tinha dito alguma coisa sobre isso, mas pode ser que...

— Christer! — interrompeu Mina, impaciente. — Desembucha! Do que é que estás a falar?

— Pronto, então é assim: o pai da Agnes é de Halland, isso percebe-se logo pelo sotaque dele — começou Christer a explicar. — E os pais do Robert mencionaram que o pai vinha da área da indústria dos queijos, e então pensa-se imediatamente no queijo de Kvibille. E em relação à Tuva... o avô faz observação de pássaros e tinha um grande *poster* na parede da cozinha com o pássaro oficial da região de Halland. Sim, é um falcão-peregrino. Mas isto está tudo escrito nos meus relatórios. E, como disse,

peço desculpa por não ter dito nada, mas pensei que a ligação era tão evidente que ninguém deixaria de a ver.

Mina conseguiu visualizar o ar de satisfação de Christer. Era uma pena ter de o obrigar a descer do pedestal.

— O avô da Tuva tinha algum *poster* de outros pássaros?

— Talvez, sim — respondeu Christer com uma certa relutância.

— E quantas outras localidades na Suécia são conhecidas pela produção de queijo? Kvibille está longe de ser a única.

— Pronto, está bem, não batas mais no ceguinho. A ligação talvez não seja completamente evidente, mas é uma sensação. Acho que o elemento em comum entre eles é Halland. Não sei se tem algum significado, mas é o que penso. Bem, agora tenho de desligar, o Bosse quer ir ver televisão.

Mina nem ia perguntar-lhe como é que Christer sabia isso, ou o que é que um cão poderia ver na televisão. O «SOS Animal»? «BBC Vida Selvagem» talvez? Ou então aquele filme com Richard Gere, *Hachiko*? Tinha muita dificuldade em imaginar Christer no lugar de Richard Gere.

Estava a fazer o quê ao certo quando Christer telefonou? Ah, exatamente, o café. Saltou de cima da secretária, pousou o telemóvel desligado e dirigiu-se para a cozinha. A meio de um passo, deteve-se subitamente e virou-se para trás. Olhou fixamente para a colagem, para as novas fotografias que prendera à parede, aquelas que mais ninguém vira. Levantou a fotografia que tinha em cima da secretária. Observou a lista de nomes por baixo da fotografia de turma. Virou-a. Leu.

Sentia-se capaz de beijar Christer, estivera certo em relação a Halland. Porém, cometera o erro masculino clássico de apenas se focar nos homens. A solução era obviamente algo completamente diferente.

Mina sabia qual era a ligação.

Finalmente, sabia qual era a ligação.

O tapete do *hall* de entrada da casa de Mina não fora substituído por um maior desde a última vez que Vincent ali estivera. Já descalçara um sapato e estava agora a equilibrar-se sobre uma perna enquanto tentava descalçar o outro; não se atrevia a ser o primeiro a deixar uma pegada no chão de ladrilhos. Desequilíbrio-se e teve de encostar a mão à porta para se apoiar.

Mina olhou para a mão dele, mas desviou rapidamente o olhar quando se apercebeu de que Vincent tinha reparado. Ele sabia que ela já estaria a fantasiar sobre as manchas de gordura que as pontas dos seus dedos tinham deixado na porta e que provavelmente estava a pensar quanto tempo seria capaz de se controlar antes de ir buscar o álcool. Para se antecipar a ela, retirou um pacote de toalhitas desinfetantes do bolso e limpou a porta. Depois, olhou para a embalagem e fingiu ficar preocupado.

— Espera lá! — disse. — Estas toalhitas já foram *usadas*. Usei-as para limpar o corrimão da carruagem do metro.

A expressão facial de Mina alterou-se para terror puro numa fração de segundo.

— Ah, ah — acabou por dizer e bateu-lhe no ombro com força suficiente para ele perceber que não tinha achado graça nenhuma à piada. — Então, bem-vindo de volta à Suécia. Já agora, recuperaste do encontro imediato com a Anna, a tua *stalker*? Não te vi tentar hipnotizá-la para esquecer que tu existes ou uma coisa desse género. Será que serviu para alimentar um bocadinho o ego, afinal?

Vincent olhou fixamente para Mina. Era evidente que achava aquela história muito mais divertida do que ele. Fizera os possíveis para tentar esquecer a tatuagem do coração, mas ela continuava a aparecer-lhe na mente sem pedir licença.

Vincent esfregou o rosto e seguiu Mina até à sala de estar. O apartamento estava impecavelmente limpo e arrumado, como da última vez que lá estivera. A única coisa que perturbava a ordem era o caos na parede da sala. Aquilo era uma novidade. Havia alguns quadros no chão. Vincent presumiu que tivessem sido desalojados para dar espaço àquilo que agora cobria toda a parede. Pareciam-lhe ser todos os documentos e fotografias a que Mina tivera acesso na investigação, embora só agora visse algumas coisas. Tudo estava plastificado.

— Isto já aconteceu — disse Vincent. — *Stalkers*, quero dizer. Mas nunca a um ponto tão extremo. Normalmente, são donas de casa aborrecidas ou jovens rapazes numa crise de identidade que, por algum motivo, acreditam que comigo resolveriam todos os seus problemas.

— Saíste-me cá um Don Juan...

— De maneira nenhuma. Se não me tivessem encontrado a mim, teriam projetado essas fantasias e sentimentos noutra pessoa, ou noutra coisa. Mas a Anna é um bocado diferente; ao contrário da maioria, não se contenta com uma fantasia, torna-se ameaçadora quando a sua fantasia não se transforma em realidade. A única coisa que parece ajudar é distanciar-me o mais possível dela. Com a ajuda da Polícia, se for caso disso.

— Estás a pedir-me que te proteja? — perguntou Mina com um sorriso.

— Já o fazes.

— O Ruben ia adorar ouvir a história sobre a Anna — comentou Mina, rindo-se.

— Eu sei. Portanto, o melhor é isto ficar entre nós, não achas?

Vincent olhou para a parede novamente. Tinha visto algo semelhante nas séries de detetives, mas nunca compreendera bem para que serviam; supunha que era porque resultavam bem nas filmagens. No entanto, quando olhou para a parede de Mina, compreendeu subitamente. Era uma forma inversa de fazer um mapa mental, em vez de partir de uma ideia central e criar as ramificações, Mina partira das ramificações para procurar a origem comum de todas elas. E no centro do seu mapa mental havia uma fotografia. Vincent aproximou-se e apontou para a imagem.

— Isto é...?

— A razão para te ter telefonado — respondeu Mina.

A sua voz não estava completamente firme, como se temesse a reação dele. Vincent não precisou de olhar duas vezes para a imagem para saber o que era, já vira aquela fotografia bastantes vezes. Embora tivesse passado muito tempo desde a última vez, tanto, tanto tempo. Estendeu o braço para retirar a fotografia plastificada da parede, mas deteve-se quando ouviu Mina sustar a respiração. Vincent já devia saber. Na secretária atrás deles havia uma caixa de luvas descartáveis. Vincent retirou um par, calçou-as e esticou a mão novamente para a fotografia. Nenhuma reação desta vez.

Era um retrato de turma. Virou-o.

«Escola de Kvibille, sala 1B», dizia no verso. Virou-a outra vez para ver a imagem. As roupas indicavam que fora tirada no início dos anos 1980.

— Tu és este na fila de trás, não és? — perguntou Mina, apontando para um rapaz sorridente, com um espaço entre os dentes da frente, meio escondido atrás de uma professora corpulenta.

Vincent assentiu com a cabeça e engoliu em seco. Fora a única sessão fotográfica da escola de Kvibille em que tivera oportunidade de estar presente, antes da mudança de local e de escola. Porém, não conseguia ver nenhuma semelhança entre o rapaz na fotografia e o homem em que se

tornara. Como é que ele podia ter sido aquela criança? E seria bom ou mau que não se reconhecesse a si próprio? Será que não *queria* reconhecer-se a si próprio?

— Não sabia que o teu apelido era Boman — disse Mina, e Vincent leu a lista de nomes por baixo da imagem.

Vincent Adrian Boman.

Boman. Ali estava um nome que não ouvia há muito, muito tempo.

— Walder é o apelido da minha família de acolhimento — respondeu e assentiu com a cabeça para si próprio. — Adotei o nome deles. Chamava-me Boman antes disso. Mas como é que encontraste esta fotografia antiga da minha escola?

— Com um pouco de trabalho policial clássico. A família Walder foi fácil de encontrar no registo civil, havia umas poucas, mas só uma delas acolheu um rapaz órfão chamado Vincent. Nos documentos dos serviços sociais mencionava-se que o apelido original da criança era Boman e que vivias em Kvibille. O resto foi fácil. Mas não é esse o motivo por que te quis mostrar a fotografia.

Mina apontou para uma das suas colegas de turma.

— Esta rapariga chama-se Jessica Widergård, é a mãe do Robert. Continua igualzinha, reconhecia-a logo das reportagens nas notícias sobre o Bobban.

Vincent ficou pálido. Olhou para a fotografia durante muito tempo, antes de apontar para mais duas raparigas sentadas ao lado de Jessica.

— Elas eram três. A Jessica, a Maria e a Charlotte. Chamávamos-lhes Sickan, Mia e Lotta.

— Eram amigas? — perguntou Mina e arregalou os olhos.

— Sim, e muito. Estavam sempre juntas, era como se fossem irmãs. Mas porque perguntas?

— Porque a Maria Bengtsson e a Charlotte Hamberg são as mães da Agnes e da Tuva.

O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor.

— Conhecia-las bem? — acabou Mina por perguntar.

— A Sickan, a Mia e a Lotta? — repetiu Vincent, num tom indiferente.

— Claro que sim. Fartámo-nos de brincar os quatro no verão a seguir a essa fotografia ter sido tirada. Antes de eu mudar de escola.

As memórias que reprimira durante a maior parte da vida regressaram repentinamente com a força de um comboio. A sua oficina de magia no celeiro. A caixa que construía, pintada com estrelas.

Iam fazer uma surpresa a Jane.

A mãe estava tão contente nesse dia.

Sete crianças por fila na fotografia de turma, alinhadas em três filas. Sete mais três igual a dez. A fotografia fora tirada na primavera de 1982. Um mais nove igual a dez. Oito mais dois também era igual a dez. Dez mais dez mais dez. Os três lados de um triângulo equilátero. Como as torradas cortadas em triângulos da sua mãe. Era importante que fossem exatas. Por mais que tentasse escapar, os pensamentos levavam-no sempre de volta à mãe.

Trinta segundos, no máximo.

Tinham andado de bicicleta e tomaram banho no lago.

— Não percebo, os nomes delas deviam ter-me dito logo qualquer coisa se aparecessem em algum relatório, mas não os vi em lado nenhum, que me lembre. Não percebo...

— Porque não fizeram parte da investigação. A Charlotte morreu pouco tempo depois de ter a Agnes. A Maria é a mãe da Tuva, mas mudou-se para França com o marido quando a Tuva fez dezasseis anos. Nunca mais voltou à Suécia. Sobre a Jessica, a mãe do Bobban, leste nas atas das entrevistas,

mas não é estranho não teres feito a associação, ela já não se chama Widergård, porque, tal como as outras, mudou de apelido quando se casou. Como tu, aliás. Mudar de nome, quero dizer.

Vincent olhou fixamente para a fotografia. As suas antigas amigas. O verão em que nadaram no lago. Elas, claro, ele não. Ele ficara sentado numa rocha, a olhar para a água. E sentiu a escuridão do lago crescer desde aquele verão até estar suficientemente grande para alcançar o tempo presente e o devorar.

— Seja como for — continuou Mina —, esta fotografia de escola prova que as mães das vítimas se conheciam. E agora estás a dizer-me que, além disso, também te conheciam a ti. Que brincavam juntos. Não pode ser uma coincidência.

Mina agachou-se à frente de Vincent e, surpreendentemente, pousou as mãos nas dele. A sua expressão era de absoluta seriedade.

— Qual é o teu envolvimento nisto, Vincent?

— Eu?! Mas, quer dizer... Tenho de estar envolvido? Há certamente outras pessoas que também as conheciam. Dá-me dez minutos e vou provar-te que a Maria, a Jessica e a Charlotte compravam doces na mesma loja. Ou que andaram as três com o mesmo rapaz na adolescência. Ou que trabalharam no mesmo sítio em adultas. Vais interrogar toda a gente que se possa ter cruzado com as três?

Mina retirou as mãos, retraindo-se com aquela reação defensiva. Não fora intenção de Vincent magoá-la, mas Mina apanhara-o completamente desprevenido, por causa daquilo que tinha dito. E do que não tinha dito. Ainda.

— Desculpa — disse-lhe e estendeu-lhe a mão.

Ela não a aceitou.

— Tens razão — reconheceu Vincent. — É muito improvável que isto

seja uma coincidência, tendo em consideração que eu estou a ajudar-vos na investigação. Nenhum dos outros potenciais conhecidos em comum tomou essa iniciativa. Só não quero que penses que eu, de alguma forma, tenho alguma coisa que ver com isto, que eu sei qualquer coisa que não te contei. Especialmente no que diz respeito à mensagem no livro. Sinceramente, não percebo o significado de tudo isto.

Vincent apontou para a fotografia da turma.

— A não ser que... Achas que posso ser eu a quarta vítima? Ou melhor, o meu filho Benjamin? Que vão encontrá-lo espremido dentro de uma caixa de origami, com o número um gravado na testa?

Vincent estava entorpecido, sentia-se a observar-se a si próprio do exterior, como se fosse tudo um filme. Mas Mina abanou a cabeça.

— Acho que o teu papel nisto é completamente diferente — respondeu, levantando-se.

Foi buscar uma folha plastificada à secretária e deu-lha. Era uma impressão de um artigo publicado numa edição antiga do jornal *Hallandsposten*.

O artigo ocupava duas páginas do jornal, com direito a uma manchete sensacionalista que terminava com vários pontos de exclamação. Porém, a maior parte do espaço dedicado à notícia era ocupado por uma fotografia que Vincent só tinha visto uma vez, antes de os pais adotivos atirarem o jornal para o lixo. Ainda assim, nunca a esqueceria. A fotografia mostrava um rapazito, de pé no pátio de uma quinta. Não era possível reconhecer a quinta, o local, mas Vincent sabia. Um jornal mais sério ou mais importante teria provavelmente escolhido uma fotografia diferente para acompanhar o artigo. Ou nenhuma. Mas o chefe de redação do *Hallandsposten* não tinha pruridos em publicar imagens de crianças. Os anos oitenta eram outros tempos.

Atrás do rapaz, a fita policial às riscas demarcava uma área interdita. E, por trás da fita, em frente ao celeiro, via-se uma caixa de madeira pintada com estrelas.

O rapaz olhava diretamente para a lente da câmara fotográfica e o seu olhar continha toda a tristeza e dor do mundo. Vincent reconheceu o olhar sem qualquer problema, ainda era o mesmo que via todas as manhãs no espelho da casa de banho.

— Os teus colegas sabem? — murmurou.

— Não, pelo menos por ora — respondeu Mina e, ao fim de um longo silêncio, acrescentou: — Porque é que não disseste nada? Maldito sejas, Vincent.

Mina inclinou a cabeça para trás e piscou os olhos, mas Vincent ouvira-lhe o choro na voz.

— O que devo pensar agora, Vincent? Eu confiei em ti.

— Eu era uma criança, Mina.

As lágrimas escorriam-lhe livremente pelo rosto, e Mina limpou-se com a manga da camisola.

— Tenho por regra nunca confiar em ninguém — disse-lhe. — Mas abri uma exceção por ti. E fiz com que o resto da equipa também confiasse em ti. Maldito sejas por provares que afinal eu tinha razão. Percebes que vais ser o nosso principal suspeito assim que eu contar aos outros?

Vincent olhou para o chão.

— E do que é que tu suspeitas? — perguntou. — Achas que fui eu que os matei?

Mina fungou e recompôs-se. Lançou a Vincent um olhar estritamente profissional.

— É uma boa pergunta — respondeu sem emoção. — Foste?

A noite de verão estava mais escura do que o normal. As nuvens, que não existiam quando fora a casa de Mina, cobriam agora o céu. Dava a sensação de que começaria a chover a qualquer momento. Vincent estava com dificuldade em concentrar-se no caminho para casa. Felizmente, não havia muitos carros na estrada. Sorte a deles, tendo em conta a forma como conduzia.

Ao mesmo tempo, não queria chegar a casa demasiado depressa. Uma vez lá, não iria ter o espaço mental de que precisava para processar tudo o que Mina lhe dissera. Maria já o avisara, por mensagem escrita, que Aston queria construir uma «nave espacial Lego gigantescas» e que ela lhe cedia essa honra calorosamente. Ou, como escrevera, «deixo isso para vocês, rapazes». Maria costumava dizer que era importante para ela estarem em pé de igualdade, mas, aparentemente, isso não se aplicava a construir Legos com o filho. Não que Vincent se incomodasse, ela é que ficava a perder.

Desta vez, porém, implicava que teria de fazer um desvio no caminho para casa, para poder limpar a mente primeiro. Talvez passasse pelo parque de estacionamento onde o corpo de Robert fora encontrado, no intuito de assim estimular uma corrente de pensamentos. Por outro lado, talvez não fosse boa ideia visitar um local de crime, agora que estava prestes a tornar-se suspeito dos homicídios. Mina provavelmente já telefonara a Julia a contar-lhe tudo. Perguntou-se quem enviariam para o deter, nesse caso.

Christer? Não, Christer não. Ruben. Claro que enviariam Ruben. Uma chuva miudinha começou a cair sobre o capô e Vincent ligou os limpa-para-brisas.

A informação de Mina era uma caixa que precisava de ser desempacotada na ordem correta. Tinha de começar pelo início. As colegas de escola. Maria, Jessica e Charlotte. Ou Mia, Sickan e Lotta. As suas amigas em miúdo. Que depois se tornaram mães de Tuva, Robert e Agnes. Mas isso não queria necessariamente dizer que ele próprio estava no centro de tudo. Ou queria?

A chuva intensificou-se e Vincent aumentou a velocidade dos limpa-para-brisas. O barulho no tejadilho do carro produziu um efeito levemente hipnótico, os seus pensamentos quiseram voar para longe e Vincent teve de se esforçar para os alinhar numa ordem lógica.

Qual seria o significado das descobertas de Mina se *não* estivessem relacionadas diretamente com ele? Andaria alguém a matar os filhos de todos os seus antigos colegas de turma? E, se sim, porquê precisamente os filhos deles, e não os da turma ao lado?

Não, a ameaça não pairava sobre os filhos de todos os antigos alunos, a contagem decrescente deixava isso bem claro. Só haveria quatro homicídios. E algo especial aconteceria quando a contagem decrescente chegasse ao zero, estava completamente convencido disso. Algo que ligaria Maria, Jessica e Charlotte. Teriam tido um inimigo em comum? Mas, mais uma vez, se tivessem tido um inimigo em comum, deveriam ter sido elas próprias a ser mortas, não os seus filhos, que nem sequer se conheciam.

E quem era a quarta pessoa, o homicídio número um, se não fosse ele? Porque, apesar de ter recebido do assassino aquele livro com uma mensagem dirigida a si, Vincent ainda não estava preparado para aceitar que era ele o denominador comum. Era verdade que os quatro tinham

formado um grupo bastante unido durante um curto período de tempo. Um verão. Mas, quando Vincent se mudara de lá, as raparigas teriam certamente encontrado alguém para ocupar o seu lugar. A quarta pessoa *podia* ser ele, mas não era seguro. Podia ser outro amigo. Afinal de contas, as raparigas tinham passado muito tempo sem ele; só conviveram mais tempo durante um verão. Não tinham sido assim tão importantes. Não fazia sentido.

Além do mais, ninguém atualmente conhecia o seu passado. Depois daquele artigo no jornal, a sua família de acolhimento fizera de tudo para enterrar o sucedido. E tinham-no conseguido, Vincent estava sinceramente surpreendido com o facto de Mina ter conseguido encontrar o seu eu passado. Naquela época, Vincent Walder não existira. Em Kvibille, fora apenas Vincent Boman.

Boman.

Bo-man.

Espera

espera

espera.

Meteu prego a fundo e entrou numa rotunda a alta velocidade. Alguém buzinou furiosamente. Nesse preciso momento, o céu abriu-se e a chuva começou a cair torrencialmente. Mas isso não tinha importância. Nada era importante, a não ser as datas. Já sabia o que significavam. Tinha de confirmar com Benjamin, mas estava seguro de ter decifrado o código. Viu os números pairarem no ar à sua frente, a forma como dançavam alguns centímetros acima do capô do carro e brilhavam à chuva enquanto se transformavam em letras. E aquilo que revelavam encheu-o de horror.

Mina estava sentada no chão frio, a olhar fixamente para a parede da sala. A fotografia de Vincent olhava de volta para ela. Mina afixara o artigo de jornal por cima do retrato de turma, no centro da teia de aranha que ela própria tecera. Pegara no cubo mágico que Vincent resolvera e passava-o de uma mão para a outra. Sentia-se tentada a girá-lo, mas não se atreveu. Não tinha a certeza se conseguiria resolvê-lo novamente, como se fosse desencadear uma reação em cadeia imparável por meio de um simples movimento rotativo e cada tentativa subsequente de recompor o estado original fosse apenas criar cada vez mais desordem. Tal como na sua vida.

Um Vincent Boman de sete anos olhava para ela a partir da parede, com olhos desolados.

Tinha confiado nele. Meu deus, ele tinha estado presente enquanto ela *dormia*.

O cubo saltava de uma mão para a outra a uma velocidade cada vez maior.

Permitira-lhe conhecer uma parte do seu mundo mais íntimo. E durante todo esse tempo, Vincent mentira-lhe.

O cubo desenhava um arco no ar antes de regressar à outra mão.

Se ao menos ele lhe tivesse dito algo sobre aquilo. Sobre o que acontecera à mãe. Alegava que tinha reprimido essas memórias, que não se lembrava de nada. E Mina queria acreditar nele. Mas não sabia se alguma vez seria capaz de voltar a fazê-lo.

Porque é que não se tinha simplesmente contentado com estar sozinha? Nada disto teria acontecido.

Olhou para o cubo. Depois atirou-o com toda a força contra a parede. O cubo atingiu o jovem Vincent no meio da testa e partiu-se em vários pedaços. Mina apertou os braços à volta dos joelhos e começou a balançar-se para a frente e para trás, ali sentada no chão, enquanto chorava em silêncio.

Vincent irrompeu pelo quarto de Benjamin sem bater à porta. O filho estava deitado na cama, como de costume, com os auriculares postos e o computador em cima do peito. Sobressaltou-se quando Vincent lhe invadiu o quarto.

— O que é que estás a fazer?! — reclamou Benjamin e fechou a tampa do computador. — E cuidado com os meus livros no chão, estás a empapar tudo!

Benjamin tinha razão, a água escorria-lhe da roupa para o chão. Não se preocupara em despir o casaco ou descalçar os sapatos, correria diretamente para o quarto do filho. Porém, ficara encharcado no curto trajeto entre a garagem e a porta da entrada e só naquele momento reparara que a água também lhe pingava da ponta do nariz. Estendeu a mão para uma toalha atirada sobre a cadeira da secretária, mas Benjamin deteve-o.

— Essa não vais mesmo querer usar.

Vincent recolheu imediatamente a mão, nem queria saber.

— Os homicídios — disse e despiu o casaco. — Mostra-me as datas.

— Lá vamos nós outra vez — suspirou Benjamin e levantou-se lentamente da cama para ir para o computador da secretária. — Mas sabes que as aulas recomeçaram esta semana, não sabes? E tenho bastantes coisas em que me concentrar.

— Preciso de ter todas as datas à minha frente — disse Vincent, sem prestar atenção ao comentário do filho.

— Mas importas-te de te secar, pelo menos? — retorquiu Benjamin, irritado, e desviou algumas figuras de *Warhammer* pintadas à mão para uma distância segura. — Estás a molhar tudo!

Vincent foi rapidamente buscar uma toalha à casa de banho, enquanto Benjamin abria o documento de Excel.

— Lembras-te da primeira coisa que tentámos fazer para decifrar o código? — perguntou Vincent quando regressou.

— Estás a falar de quando convertemos as datas em letras? Em que o 1 era A, o 2 era B, e assim sucessivamente? Sim, um dos códigos mais simples que existem. Mas não chegámos a lado nenhum com isso.

— Vamos tentar outra vez — disse Vincent e secou o cabelo com a toalha. — Por ordem numérica.

— OK, se é isso que te vai fazer relaxar, está bem. Mas não percebo porquê.

Benjamin abriu o documento com as fotografias de Agnes, Tuva e Robert, onde também apareciam as datas e os horários dos respetivos homicídios.

— O primeiro assassinato, o suposto suicídio da Agnes, aconteceu a treze de janeiro, às catorze horas — disse Benjamin. — 13-1-14, o que corresponde a M-A-N.

Foi alterando os números por baixo da fotografia enquanto falava.

— A Tuva foi assassinada na caixa de espadas no dia vinte de fevereiro, às quinze horas. 20-2-15. Fica T-B-O. E o Robert, segundo a chamada telefónica anónima, foi esquartejado no dia três de maio, também às catorze horas. O que nos dá 3-5-14, que se traduz por C-E-N.

Benjamin alterou os últimos números e afastou a cadeira da secretária para que Vincent pudesse ver melhor.

— M-A-N-T-B-O-C-E-N. Continua a não querer dizer nada, como já

sabíamos.

— Não quer dizer nada porque isso é a ordem em que os homicídios aconteceram — respondeu Vincent e colocou-se em cima da toalha numa tentativa de minimizar a poça de água no chão. — A ordem cronológica. Mas a ordem *numérica* é ao contrário. A Agnes tinha o número quatro gravado na pele, a Tuva tinha um três e o Robert um dois. Coloca lá os grupos de letras por ordem numérica, em vez disso. Ou seja, dois-três-quatro, Robert-Tuva-Agnes.

Benjamin mudou Robert e Agnes de lugar no monitor e olhou para a nova combinação de letras.

— C-E-N-T-B-O-M-A-N. Continuo a não perceber nada — comentou, franzindo a testa. — Ainda é uma coisa sem sentido nenhum.

— Longe disso — respondeu Vincent. — Isto indica-nos quando é que o próximo homicídio, o homicídio número um, vai acontecer. E vai ser no dia vinte e dois de setembro, às catorze horas. Daqui a um mês.

Benjamin olhou para o pai com ar estupefacto.

— Como é que chegaste a essa conclusão?

— Porque o dia vinte e dois de setembro às catorze horas é a mesma coisa que 22-9-14. O que corresponde às letras V-I-N. E o homicídio número um tem de ser colocado em primeiro lugar, antes dos outros três. Ainda não chegaste lá?

Frustrado, Vincent inclinou-se por cima de Benjamin para o teclado e escreveu as letras V-I-N atrás das outras. As teclas ficaram molhadas, mas não havia nada a fazer.

— Um, dois, três e quatro. Quatro homicídios — disse, com as letras V-I-N-C-E-N-T-B-O-M-A-N a iluminá-los a partir do monitor do computador. — Vincent Boman é o meu nome de nascimento. Os homicídios foram uma mensagem para mim desde o início.

Malditos condutores de fim de semana que não conseguiam aprender a manter-se na via da direita. Ruben teve de reduzir para segunda. E nem sequer era domingo, era quinta-feira! Que raio estavam a fazer no trânsito? Voltou a pôr a terceira e perguntou-se se conseguiria chegar à quarta se acelerasse um pouco, mas as coisas não estavam com bom ar mais à frente. Um *Toyota Auris* branco acabara de mudar para a fila do meio, precisamente à sua frente.

— Pronto, *Ellinor* — disse ao carro. — Tens de te acalmar um pouco.

Ruben acreditava mesmo que o motor rosnara de frustração. Ao contrário da verdadeira *Ellinor*, o carro nunca o desiludiria, nunca lhe diria um dia que estava farto dele. Passou as pontas dos dedos por cima do painel de instrumentos e reparou que estava com pó. Devia fazer-lhe uma limpeza.

Depois, mudou de ideias, o que devia era estar numa autoestrada alemã sem limite de velocidade, isso é que era. Mas, em vez disso, ia a caminho da sede da Polícia. A investigação dos homicídios estava parada há demasiado tempo, todas as pistas tinham acabado em becos sem saída. E agora, aparentemente, outros investigadores haviam pegado no pouco que eles tinham descoberto. Ruben nem sabia se o tal grupo especial continuava sequer a existir formalmente. Por esta altura, os colegas estariam provavelmente a rir-se da sua incompetência. Era simplesmente vergonhoso que, num futuro próximo, o seu nome ficasse para sempre associado a uma série de homicídios largamente mediatizados, mas por resolver. Apesar

disso, a gota de água fora aquele feiticeiro panasca, Vincent Walder, convocar de novo uma reunião do grupo. Vincent era um civil. E uma grande fraude. Não tinha direito nenhum de convocar as forças policiais daquela maneira. A meio das férias, ainda por cima!

Agitado, Ruben pousou a mão no envelope castanho que tinha no assento ao seu lado, para se certificar de que ainda ali estava. Recebera-o pelo correio, sem remetente. O conteúdo fizera-o engasgar-se primeiro, depois começar a rir, para finalmente ficar furioso. Quem quer que lhe tivesse enviado aquilo, era evidente que sabia do envolvimento de Vincent na investigação.

O que estava dentro do envelope mostrava uma imagem completamente diferente do mentalista. Ruben sabia agora que Vincent os enganara a todos, mas, aparentemente, o leitor de mentes não se ficava por aí, também queria esfregar a mentira nas caras deles. Era esse o motivo para ter convocado a reunião, Ruben não tinha dúvidas disso. Maldito Vincent Walder. E Ruben, que até começara a achar que ele era porreiro, acreditara que Vincent o queria ajudar. Nunca o perdoaria.

Voltou a dar umas palmadinhas no envelope ao seu lado.

— Vincent Walder, *you are going down* — disse com amargura e pisou o acelerador com força.

O *Toyota* que seguia à frente teria simplesmente de se desviar.

Ruben foi o primeiro a chegar à sala de reuniões. Escolheu uma cadeira em frente ao quadro branco, onde suspeitava que Vincent faria a sua apresentação. Ruben não tencionava largá-lo de vista um segundo.

Peder entrou pouco depois, ostentando o que só podia ser descrito como uma frondosa barba. Era evidente que não tinha nem olhado para uma lâmina de barbear desde o início das férias. Surpreendentemente, também parecia não só bronzeado, como desperto. A estupefação de Ruben deve ter sido por demais evidente, pois Peder piscou-lhe o olho.

— Estamos na casa dos meus pais há duas semanas — explicou e sorriu alegremente. — Por isso, a vida agora corre-nos às mil maravilhas. É um milagre o que dois sexagenários em forma podem fazer pela saúde mental de alguém. Pelo menos, pela minha e a da Anette. Mas acho que só daqui a uns bons anos voltaremos a ser bem-vindos, o meu pai parecia um bocado abatido da última vez que trocou as fraldas. Quanto a mim, até tive oportunidade de ler um livro. Ou quase, comecei pelo menos a pensar no livro que gostaria de ler.

Peder sentou-se com um suspiro de prazer ao lado de Ruben, ao mesmo tempo que Christer e Mina entravam. Estavam a meio de uma conversa. Mina tinha os olhos vermelhos, como se tivesse estado a chorar. Ou então começara a usar aquele álcool-gel desidratante para desinfetar o rosto também, não o surpreenderia nada.

— Garanto-te — dizia Christer. — Não há problema nenhum. Já te tinha

dito que fico com o *Bosse* com muito prazer. Até lhe comprei uma trela mais bonita, com umas pedras. Claro que não são diamantes verdadeiros, mas brilham de uma maneira muito bonita quando estamos a passear.

— Depois disto, fico a dever-te um ano de salário — disse Mina com um suspiro e sentou-se ao lado de Peder.

Christer riu-se e sentou-se do outro lado de Ruben.

— Bonito colar, Mina — disse Peder subitamente. — Acho que já vi isso num anúncio de televisão. Não é um daqueles pendentos magnéticos?

— Estás mesmo observador, tu — comentou Christer e riu-se novamente. — Tens conseguido dormir?

— Sim, é incrível o que umas horas de coma total podem fazer pela concentração.

— Foi um presente — respondeu Mina sucintamente.

Ruben percebeu que, por algum motivo, era um assunto de que Mina não queria falar, mas Peder estava tão feliz com a sua recém-descoberta acuidade mental que não captou os sinais.

— Pensei que o Vincent viria contigo — disse Ruben para mudar de assunto, antes que Peder lhe fizesse mais perguntas sobre o colar.

— Porquê? — contrapôs Mina, de volta ao seu registo conciso. — Até parece que vivemos juntos.

— Pois... mas às vezes parece.

Mina franziu a testa e olhou fixamente para ele. Tornou-se evidente que Vincent já não estava no pedestal de anteriormente. Sempre era alguma coisa. Estava prestes a dizer algumas palavras bem escolhidas sobre aquele maldito mentalista quando Julia e Vincent entraram.

— Excelente, já estamos todos aqui — constatou Julia. — Então podemos começar de imediato.

Julia usava um vestido de verão que terminava logo acima dos joelhos.

Talvez não fosse a roupa mais apropriada para quem liderava uma investigação policial, mas também ela fora forçada a tirar férias. E Ruben, certamente, não iria emboçar qualquer protesto. Conseguia facilmente visualizar o resto daquelas pernas tonificadas, até ao rabo. Sabia precisamente que aspeto tinha tudo ali debaixo. E não é que parecia estar a usar fio dental hoje? Só aquilo teria sido suficiente para uma fantasia muito agradável durante o resto da reunião, mas Vincent estragou tudo. Ali estava ele, a fingir sentir-se nervoso. O sacana hipócrita. Mas Ruben não tinha pressa, planeava esperar pela oportunidade certa. A conversa anterior entre eles fora seguramente apenas uma armadilha, uma forma de tentar infiltrar-se e descobrir tudo o que a Polícia sabia, na verdade.

— Não devíamos chamar todos os que estão a tratar da investigação por agora? — perguntou. — Porque oficialmente ainda não voltámos das «férias», ou já?

— Tenho uma coisa para vos contar primeiro — respondeu Vincent e contorceu-se, inquieto. — E quanto menos pessoas souberem, melhor.

— Isto tem alguma coisa que ver com aquela rapariga dos Alcoólicos Anónimos? — quis Ruben saber.

— Isso não deu em nada — respondeu Julia. — Era só uma admiradora do Vincent. Não sabia nada sobre o livro.

— Meu deus!

— Não há uma forma agradável de explicar isto — começou Vincent e aclarou a garganta. — Sempre estive convencido de que havia um código ou uma mensagem escondida na informação relativa aos homicídios. Agora já o encontrámos e esteve à frente dos nossos olhos o tempo todo.

Vincent escreveu «Agnes-Tuva-Robert» no quadro branco.

— Esta é a ordem em que os homicídios ocorreram — disse, apontando

para os nomes. — Mas se, em vez disto, levarmos em conta os números gravados nos corpos, a ordem fica assim.

Apagou os nomes e escreveu «Robert-Tuva-Agnes». Depois acrescentou um ponto de interrogação antes de «Robert».

— O ponto de interrogação simboliza o assassinato número um. O último da contagem decrescente. Se traduzirmos os dias, os meses e as horas dos três assassinatos que temos em mãos por letras, sendo que um corresponde ao A, dois ao B, e assim por diante, ficamos com isto.

Vincent fez um risco por baixo dos nomes e escreveu «CEN-TBO-MAN» numa nova linha.

— Esta corrente de letras dá-nos duas informações importantes — continuou. — Por um lado, revela-nos a data do próximo homicídio, o que é bom. No entanto, se for verdade, também me implica pessoalmente de uma forma que infelizmente não consigo explicar.

Vincent aclarou de novo a garganta, visivelmente incomodado. Era um bom ator, isso Ruben tinha de reconhecer. Decidiu deixá-lo continuar com o seu pequeno espetáculo durante algum tempo.

— Mais uma coisa — disse Vincent. — Eu antes chamava-me Boman.

Escreveu «VIN-» por baixo do número um, antes das restantes letras no quadro.

VIN-CEN-TBO-MAN. Ruben riu-se baixinho. Tinha de admitir que estava impressionado. Não pensara que Vincent ousasse ir realmente tão longe. Era preciso ter testículos de aço para aquilo. Ou sofrer de delírios megalómanos. Ruben sabia qual das opções era a correta.

— Mas diz aí «Vincent Boman»! — exclamou Christer, exaltado, um segundo depois de toda a sala se ter apercebido da mesma coisa. — Que raio?!

— Se não estiver enganado — continuou Vincent, sem prestar atenção a

Christer —, o último homicídio vai acontecer no dia vinte e dois de setembro, às catorze horas. Uma vez que 22-9-14 corresponde às letras V-I-N.

— O aniversário da Anette! — exclamou Peder, com ar de quem acabara de acordar. Aparentemente, o estado de alerta que duas semanas de descanso lhe proporcionaram tinha chegado ao fim. Os outros olharam fixamente para ele.

— Sim, quero dizer, o dia vinte e dois de setembro. A minha mulher faz anos nesse dia — explicou Peder, corando.

— E eu que tenho uma consulta médica importante nesse dia — comentou Julia ironicamente.

— Mas não estou a perceber — continuou Peder. — A que propósito é que o assassino remete para o teu nome?

— Ruben, parece-me que estamos oficialmente de volta ao serviço — anunciou Julia. — E mais do que isso. Vou informar a direção.

— O nome não é a única ligação ao Vincent — disse Mina com um tom forçadamente neutro. — As mães das vítimas são antigas companheiras de escola do Vincent. Brincavam juntos.

Ruben sorriu ao ver Vincent ficar com o rosto completamente vermelho. Provavelmente, queria enfiar-se num buraco e desaparecer. Aquela revelação não fazia parte do seu plano, por melhor ator que Vincent fosse. Era simplesmente demasiado comprometedor. Amigas de escola, meu deus! Bom trabalho, Mina! Vincent estava na merda, e Ruben ainda nem precisara de abrir a boca.

— Acreditem em mim! — disse Vincent sem olhar nenhum deles nos olhos. — Não faço a mínima ideia do que isto quer dizer. De alguma forma, os homicídios estão relacionados comigo, o livro foi apenas o início. Tenho tentado perceber quem é que poderá querer prejudicar-me desta maneira,

mas não me ocorre ninguém. Pode haver, no máximo, um ou outro colega que me inveja, mas não tenho *inimigos*. Isso é coisa de livros ou dos filmes. Não acontece na realidade.

— Parece que alguém anda a querer tramar-te sem razão — disse Ruben, fazendo beicinho. — Coitadinho do Vincent.

Depois retirou o envelope da mala e colocou-o em cima da mesa.

— Mas eu tenho outra explicação — prosseguiu. — Nomeadamente, que foi o próprio Vincent a cometer os homicídios. E tem um ego tão grande que escondeu o nome nas datas dos assassinatos, como num jogo. Contudo, apercebendo-se de que não encontrávamos a mensagem, ficou irrequieto por não sermos tão espertos como ele e viu-se obrigado a revelar-nos o código.

— Ruben!! — exclamou Christer, olhando-o com uma expressão horrorizada. — O que é que estás para aí a dizer?!

— Também estive a ler umas coisas sobre ilusionismo — continuou Ruben. — E o que aprendi foi que o melhor truque de magia é esconder uma coisa onde todos a possam ver. Vincent, fala-lhes do Al Koran e do seu anel.

Ruben viu pela expressão de Vincent que este sabia do que ele estava a falar. Tinha-o na palma da mão.

— O Al Koran era um mágico famoso — começou Vincent lentamente. — Conhecido por um truque em que ligava alianças de casamento emprestadas pelo público umas às outras. No entanto, um dos anéis era o dele e, segundo a lenda, iniciava o truque a mostrar um anel falso com uma abertura secreta, dizendo às pessoas que era assim que o truque costumava funcionar, mas que ele nunca faria batota. Mas era exatamente esse o método que usava, no fim de contas. E ninguém conseguia perceber como é que aquilo acontecia, apesar de, ou talvez precisamente porque ele revelava

o método de antemão. Não estou é a perceber o que é que isso tem que ver com a investigação.

— Percebes, sim! — disse Ruben e virou-se para os colegas. — Acho que o Vincent acabou de dar uma de Al Koran connosco. Explicou-nos como é que o truque funciona e acredita que nós, exatamente por isso, não vamos pensar que foi ele que o fez. Apesar de todas as provas indicarem o contrário.

— Ruben, estás a fazer acusações muito graves — disse Julia. — De que provas é que estás a falar? Espero mesmo que tenhas mais alguma coisa além de um truque de anéis.

— Mas vocês têm memória de peixe?

Levantou a voz, frustrado, e apontou um dedo a Vincent e outro para as letras no quadro branco.

— O grande Vincent adora utilizar o seu próprio nome quando manipula as pessoas! «Um artista assina sempre as suas obras», não vos faz lembrar nada? O homem que escreveu «VINCENT WALDER» cem vezes sem se lembrar disso a seguir, só para afagar o ego do Vincent?

Vincent estava pálido como um cadáver.

— Essa experiência tinha que ver com uma tentativa de explicar o fanatismo... — começou a dizer num fio de voz, mas acabou por se calar quando viu como os outros olhavam para ele.

Ruben adorou aquilo. E ainda não tinha terminado. Guardara o melhor para o final.

Abriu o envelope e colocou o conteúdo no meio da mesa, para que todos pudessem ver.

— Recebi isto pelo correio — explicou. — De uma pessoa anónima, que, pelos vistos, não quer que a Polícia caia na armadilha do Vincent. Antes que comecem a questionar, sim, já confirmei e, sim, o artigo é verdadeiro.

«Magia Acaba em Tragédia!», anunciava a manchete do velho artigo do *Hallandsposten*. Christer, Peder e Julia inclinaram-se para a frente, curiosos. Mina lançou um olhar rápido a Vincent, mas Ruben, ainda assim, reparou. Obviamente, o artigo não era uma novidade para ela. Mina era realmente boa.

Ruben leu em voz alta a introdução do artigo: «Numa quinta nos arredores de Kvibille, uma brincadeira de ilusionismo acabou por se transformar numa realidade fatal.»

Depois fixou o olhar em Vincent.

— Não é assim tão estranho que o Vincent saiba tanto sobre como é que se matam pessoas com truques de ilusionismo. O nosso caro Vincent *Boman* tem a experiência de uma vida toda a matar pessoas dentro de caixas.

Kvibille, 1982

Tinha ido à cozinha mais cedo do que o costume. Era difícil preparar o pequeno-almoço da mãe e demorava mais tempo quando era ele a fazê-lo. Sabia que tinha de ser muito preciso. Ritual, como a mãe lhe chamara. Colocou duas fatias de pão na torradeira, confirmou que o regulador da temperatura estava na posição 3,5 e aguardou. Do lado de fora da janela, o sol brilhava, mas já nascia doze minutos mais tarde do que umas semanas antes. As férias de verão estavam quase a acabar e hoje era o dia em que Jane voltaria para casa. Hoje, *tudo* tinha de ser exato.

Quando o pão saltou na torradeira, levantou-o cuidadosamente com um garfo para não se queimar. Depois, com mil cuidados, cortou um dos cantos das torradas, pressionando suavemente com a faca, tal como a mãe lhe tinha mostrado. Depois o outro canto. Quando cortou o terceiro, a torrada rachou. Deteve-se com a faca no ar, a fatia partira-se de um lado ao outro, não podia ser. Atirou o pão para o caixote do lixo e recomeçou. Duas fatias de pão na torradeira, o regulador posicionado em 3,5. Depois de pensar melhor, diminuiu para o 3. A torradeira já estava aquecida, não queria queimar as novas fatias.

Foram precisas três tentativas até conseguir dividir uma torrada em triângulos perfeitos. Finalmente. Primeira etapa concluída. Deitou uma das quatro metades que tinha à sua frente para o lixo.

Três torradas.

Três lados de um triângulo.

O terceiro canto que rachou.

Três mais três mais três era igual a nove.

Mas três vezes três vezes três era igual a vinte e sete. E dois mais sete também era nove.

Por mais contas que fizesse, nove era sempre o mesmo que um triângulo.

Pousou a cabeça nas mãos e apertou as têmporas com os dedos. Nove mais a sua própria idade dava dezasseis, o que era a idade de Jane. Portanto, a diferença entre ele e Jane era nove, um triângulo. Ele, Jane, a mãe. Era o triângulo deles.

Um triângulo que se partira no terceiro canto.

Pára. Pára. Pára.

Compreendeu por que motivo os rituais da mãe eram tão importantes. Enquanto se fizesse tudo exatamente da mesma maneira, os pensamentos não se descontrolavam. Além disso, também se tinha esquecido de uma coisa. O quê...?

O café. Esquecera-se de preparar o café da mãe. Encheu a cafeteira com água e colocou-a no fogão, perguntando-se o que teria acontecido primeiro à mãe: os rituais ou os pensamentos que esses rituais deveriam controlar. Ou talvez fossem a mesma coisa?

Quando Jane chegou à quinta ao final desse dia, era bastante mais tarde do que o que tinha previsto. Mas também não era como se alguém tivesse feito um grande esforço para ajudá-la, o que dizia alguma coisa sobre quanto a mãe realmente se importava com outra pessoa além de si própria. A mãe ameaçara-a a torto e a direito antes de ela partir, depois disso, nem se dera ao trabalho de a contactar.

Jane subiu os degraus para o alpendre e rodou a maçaneta da porta.

Estava trancada. Desde quando é que trancavam a porta de casa? Tocou à campainha, irritada. Que mais podia acontecer? Se ninguém estivesse, ficaria furiosa. Nesse caso, mais valia pôr-se a andar dali na mesma noite. A porta destrancou-se por dentro e o irmão abriu, de pijama.

— Porque é que não atendem o telefone? — perguntou Jane e deixou cair a mochila no chão do *hall* de entrada.

— O telefone? — perguntou o irmão com as sobrancelhas erguidas.

Jane agarrou-se à base das costas e arqueou-as; tinha feito a última parte do percurso a pé e estava exausta. Quando arrumara a mochila, não planeara ter de carregá-la tanto tempo.

— Sim, telefonei da estação antes de entrar no comboio — respondeu. — Voltei a telefonar quando cheguei a Halmstad, e ainda outra vez da estação de autocarros de Kvibille. Pensei que pudessem querer ir buscar-me, uma pequena ajuda com a bagagem tinha sido mesmo muito apreciada.

O irmão desviou brevemente os olhos na direção da cozinha e Jane seguiu-lhe o olhar. O auscultador do telefone estava fora do descanso, pousado em cima da bancada.

— Mas que raio?!

— Devo ter-me esquecido de voltar a pô-lo no sítio — respondeu o irmão, hesitante.

— Por amor de deus! Estou a ver que aqui está tudo como de costume.

Jane abanou a cabeça e entrou na cozinha.

— Mas agora estou em casa — disse. — Mesmo que só por uns dias. Presumo que a mãe já te contou?

Jane abriu o frigorífico e começou a retirar tudo o que lá encontrou; o pai de Ylva preparara-lhe duas sandes para ela levar no comboio, mas fora a única coisa que comera. O dia todo.

— Contou o quê?

Jane suspirou e apontou para uma das cadeiras à volta da mesa. O irmão sentou-se e ela escolheu a cadeira ao lado. Colocou o que tinha encontrado no frigorífico em cima da mesa e pegou-lhe na mão. Estava fria e um pouco húmida.

— Vou sair de casa — disse Jane. — Acabarei o liceu em Mora. Não é propriamente Estocolmo, como eu na verdade queria, mas pelo menos não é... isto. Lembras-te dos meus três T?

— Teatro, tardes no parque de diversões e trânsito — respondeu o irmão com ar confuso.

— Mora tem pelo menos dois desses três — explicou Jane. — E quem não é de Mora pode ficar alojado nas instalações da escola. O pai da Ylva ajudou-me a tratar de tudo. A mãe só precisa de assinar um papel a autorizar que eu lá viva.

Os olhos do irmão encheram-se de lágrimas. Maldita mãe que a forçava a fazer aquilo. Nutrira realmente a esperança de que a mãe tivesse coragem suficiente para lhe contar antes de Jane voltar. O irmão não era bom a lidar com mudanças, precisava de ser preparado com muita antecedência.

— Daqui a quantos anos é que te vais embora? — sussurrou ele.

— Não são anos, é agora. Só vou estar em casa quatro dias. Depois tenho de me ir embora outra vez.

— Mas, Jane, não dá!

O irmão atirou-se ao pescoço dela.

— Um triângulo não pode ter só um lado — disse, chorando contra o seu rosto. — Senão fica só um traço. E assim vai cair. Eu não quero cair, Jane. Por favor, por favor, não me deixes cair.

Jane afastou-o firmemente e olhou-o nos olhos.

— Do que é que estás a falar?

— Do triângulo — soluçou o irmão. — Tu, eu, a mãe. Não posso ficar só

eu. Tu és mais velha, tu sabes como é que as coisas se fazem, mas eu... eu... eu prometo seguir os rituais ao pormenor. Ao pormenor! Tenho andado a treinar tanto. Por favor, não vás.

O aperto que sentira no estômago quando telefonara para casa há quase duas semanas voltou. Ficara preocupada por alguma coisa não estar a correr bem, mas depois convencera-se de que não seria nada. Porém, havia alguma coisa que *não* estava bem. Mais do que isso, acontecera uma coisa terrivelmente má. O irmão estava a assustá-la.

— Onde é que está a mãe? — perguntou-lhe e soltou-se dele suavemente. Ele apontou para a bancada da cozinha, sem olhar para ela. A bancada estava cheia de triângulos de pão cuidadosamente cortados. Centenas. Perfeitamente torrados.

— Aquilo são as torradas da mãe — disse Jane. — Onde é que ela está?

Começava a ficar assustada de verdade. O aperto no estômago transformava-se num buraco negro.

— Na bancada — respondeu ele. — Não te lembras? «Somos aquilo que costumamos fazer», como ela dizia sempre. E já as fiz tantas vezes. E sempre da maneira *correta*. Por isso, ela está ali.

Jane ficou com a sensação de que tinha a nuca cheia de insetos a rastejar. Levantou-se da cadeira rapidamente e afastou-se do irmão, que continuava a olhar para o chão.

— Mãe?! — chamou para o corredor, sem obter resposta.

Correu em pânico escada acima e abriu as portas de todas as divisões. A mãe não estava em lado nenhum. Jane correu novamente para o andar de baixo e em direção à porta. O irmão continuava sentado na cozinha, a chorar. Jane devia parar, abraçá-lo, dizer que iria ficar tudo bem, mas não havia tempo. E não estava tudo bem.

Precisava de saber o que se passava.

Lá fora ia anoitecendo. Só tinham iluminação elétrica no alpendre e à porta do celeiro. As estrelas que haviam começado a aparecer combatiam um pouco da escuridão, o suficiente para que Jane pudesse ver o grande relvado num jogo de sombras. Mas parecia-lhe vazio, a mãe não estava ali.

Para lá do relvado, começava a floresta, mas não conseguiria procurar ninguém naquela escuridão compacta, teria de esperar que a luz voltasse.

— Mãããee!

Chamou novamente. Claro que a mãe podia estar em casa de Allan, gostava bastante de lá ir. Talvez se tivesse esquecido de que era hoje que a filha voltava para casa. Mas então porque não tinha o irmão explicado isso? E a que propósito teriam o telefone fora do descanso?

O que é que andavam a fazer?

Na pior das hipóteses, a mãe teria sofrido um ataque de pânico e estava deitada algures na escuridão, sem conseguir sair de lá. Talvez precisasse de ajuda. Era compreensível que o irmão estivesse com medo, se fosse verdade que a mãe tivesse tido um ataque de pânico. Claro que estava em estado de choque, isso explicava o seu comportamento. Apesar de tudo, ainda era pequeno.

Jane correu em direção ao celeiro. Deteve-se sob o candeeiro que iluminava a entrada e inspirou profundamente. Cheirava a qualquer coisa. Um cheiro adocicado e... nauseante. No verão anterior, o irmão tinha levado o lanche para dentro do celeiro e deixara para trás algumas sobras, que ficaram a cozer lentamente no calor do verão. Até encontrarem os restos da merenda, o fedor tornara-se insuportável. Esse cheiro era parecido com o que estava a sentir agora, embora este fosse ainda pior. Muito pior.

Jane abriu a porta do celeiro e tapou imediatamente o nariz e a boca. O fedor até lhe deixou os olhos rasos de lágrimas. Cheirava a urina e suor e putrefação e a morte. A luz da lâmpada da entrada só era suficiente para

iluminar uma pequena parte do interior. O resto do espaço permanecia escondido na escuridão.

Jane piscou os olhos para afastar as lágrimas e apercebeu-se de que a escuridão se movia.

E que fazia ruído.

O que de início pensara serem sombras, eram na verdade moscas concentradas num imenso enxame. Milhares e milhares de varejeiras verdes e gordas, que zumbiam excitadas, voando e rastejando umas por cima das outras. O enxame era maior do que ela. Sentiu os ácidos do estômago encher-lhe a boca, tinha de sair dali antes de vomitar. Saiu a correr pela porta do celeiro, ao mesmo tempo que uma parte da nuvem de moscas se levantou o suficiente para que pudesse ver o contorno do objeto sobre o qual elas se aglomeravam.

Era uma caixa de madeira.

Uma caixa de madeira azul com um grande cadeado e estrelas pintadas.

O granizo caía com força contra o toldo sobre a sua cabeça. Tinha sugerido que se encontrassem no TAK, o restaurante ao ar livre no terraço dos armazéns Gallerian. Havia algo de especial em estar assim tão alto, o ar parecia-lhe mais fácil de respirar. Como se a sujidade permanecesse lá em baixo.

Porém, mal tinham tido tempo de receber os *noodles* japoneses servidos numa caixa de cartão, quando o granizo começou a cair. Apressaram-se a procurar refúgio sob a lona que cobria a zona de cozinha e de bar do restaurante, juntamente com os outros clientes. As bolas de gelo branco caíam com a fúria de quem tivera de esperar demasiado tempo. Mina estremeceu e olhou para os braços despidos, arrepiados com o frio. Quase desejou que Vincent lhe oferecesse o seu casaco, mas sabia que ele não o faria, principalmente por causa da tensão entre eles. Mina não tomara propriamente o seu partido durante a reunião na sede da Polícia, ficara demasiado chocada com as revelações.

— Vincent, preciso de saber — disse-lhe.

Vincent deixou de olhar para o granizo com ar fascinado e virou-se para ela.

— Só te vou perguntar isto uma vez — continuou Mina. — Mas tens de ser sincero comigo. Estás de alguma forma envolvido nisto tudo? Não precisas de me dizer de que maneira, só... estás ou não?

Mina viu quanto as suas palavras o magoaram. A postura normalmente

tão direita ficou prostrada e o brilho nos seus olhos desapareceu. Não obstante, precisava de saber. De uma vez por todas. Vincent desviou novamente o olhar do dela e ficou em silêncio durante um longo momento. Depois, avançou um passo, em direção ao granizo que caía. Afastando-se dela.

— Se estivesse, achas que teria concordado em tornar-me parte ativa da investigação no inverno passado? — perguntou. — Ou achas que teria antes corrido na direção contrária o mais depressa possível, quando nos conhecemos naquela noite em Gävle? É evidente que não tenho nada que ver com isto.

O granizo prendeu-se-lhe no cabelo louro e nos ombros, onde começou a derreter e a escorrer-lhe pelas costas.

— Desculpa — disse Mina. — Tinha mesmo de perguntar.

Vincent virou-se para ela e olhou-a nos olhos.

— Tinhas mesmo? — perguntou-lhe. — Tinhas realmente de perguntar? Pensei que nos conhecíamos bem. Pensei que eu e tu... que eu e tu...

Mina assentiu com a cabeça para que Vincent continuasse, mas o mentalista ficou em silêncio. Então, Mina avançou também ela para o granizo e parou ao lado dele. Um pouco de água congelada nunca tinha matado ninguém. Ficaram juntos a observar os telhados molhados da cidade. Sem se aperceber do que estava a fazer até ser tarde demais, deu-lhe a mão. Merda! Fora sem querer. Susteve a respiração, à espera da reação dele. Vincent não se retraiu. Pelo contrário, apertou a mão dela com mais força.

— Estamos ligados — disse Mina, terminando a frase dele.

Vincent assentiu com a cabeça, sem dizer nada.

Depois sobressaltou-se, com os olhos semicerrados para o granizo.

— Porra! Por um segundo, pareceu-me ter visto a Anna ali ao fundo.

Mina olhou na mesma direção, mas era difícil ver claramente os outros clientes através do granizo.

— Não era ela — acrescentou Vincent a abanar a cabeça. — Agora também estou a alucinar com as minhas *stalkers*. Que maravilha!

O granizo cessou com a mesma brusquidão com que havia começado. Os clientes do restaurante foram lentamente deixando a proteção do toldo e Mina e Vincent largaram a mão um do outro.

— E agora? — perguntou Mina a olhar para a caixa de cartão encharcada com os *noodles* que tinha na mão. — Ainda queres correr na direção contrária?

Vincent encontrou um cesto de lixo onde podiam atirar o que, até há uns minutos, tinha sido o almoço de ambos. Depois retirou um frasco de álcool-gel do bolso e estendeu-o a Mina. O olhar continuava a refletir a dor por Mina duvidar dele.

— Eu corro na direção que tu me pedires — respondeu-lhe. — Pensei que sabias disso.

— De acordo com a teoria do Vincent, temos uma data provável para o próximo assassinato. E como os outros assassinatos ocorreram em Estocolmo, também temos motivos para supor que vai acontecer aqui.

Ruben olhou para Julia com ar cético quando ela acabou de falar.

— O Vincent, pois... — comentou Ruben. — Quantas vezes vou ter de dizer que o devíamos deter? Trancá-lo numa cela como provável suspeito, só faltam algumas semanas até ao dia vinte e dois. Ele pode ter cúmplices que não conhecemos, já lhe perguntaram alguma coisa sobre isso? Perguntaram-lhe se conhecia o Jonas Rask? Continuamos sem saber nada, isto é como procurar uma agulha num palheiro. E a única pessoa que pode saber alguma coisa, vocês não querem interrogar. Sou só eu que estou a ver o que está a acontecer aqui? De quantas mais provas é que precisam?

Mina olhou para o colega com ar zangado. Os seus próprios sentimentos de desesperança perante a situação não melhoravam com a atitude de Ruben.

Sentia-se assoberbada. Algures pelas ruas da cidade andava uma pessoa ocupada com o seu dia a dia, com os amigos e as tarefas, convencida de que a vida se estenderia num futuro infinito e felizmente ignorante do facto de que tudo isso iria acabar numa questão de semanas se eles não o conseguissem evitar. E o pior era que Ruben podia ter razão.

Mas Mina conhecia Vincent. Ele era brilhante, sim, mas também demorava dez minutos a apertar os atacadores dos sapatos para que

ficassem precisamente como ele queria. E também lhe dera a sua palavra de que era inocente.

Pelo menos Vincent compreendera a gravidade das suspeitas que agora recaíam sobre si. Cancelara todos os seus compromissos até ao final do mês e prometera não deixar a cidade. Mas já não fazia parte da investigação.

Julia prosseguiu, calmamente. Essa era uma das coisas que Mina apreciava na sua chefe, era uma pessoa que se mantinha calma em todas as circunstâncias. Até quando Ruben se comportava como um imbecil.

— Falei diretamente com o chefe da Polícia e prometeram-me recursos extraordinários para o dia vinte e dois de setembro — disse Julia. — Não sabemos o local, nisso têm razão, mas até agora as vítimas foram encontradas em locais específicos de Estocolmo. E foram lugares públicos e muito conhecidos, não bicos escolhidos aleatoriamente.

Peder levantou a mão e Julia assentiu com a cabeça.

— Também foram todos sítios diferentes — disse Peder. — Por isso talvez possamos arriscar e eliminar os locais que já foram usados? Quero dizer, não vamos dedicar recursos a vigiar o parque de Gröna Lund, ou o jardim do Teatro Chinês ou os armazéns de flores de Årsta.

— Bem pensado, acho que tens razão. Claro que é um risco, podemos estar enganados, mas acho que é um risco que vale a pena correr. Não vamos vigiar esses locais. Mas então que outros sítios podem ser considerados atrações específicas de Estocolmo? Sítios conhecidos?

Julia levantou a caneta para começar a anotar as sugestões no quadro branco.

— A torre Kaknäs, o cogumelo da praça Stureplan, o parque de Humlegården... — disse Mina.

Julia escreveu tudo com uma caligrafia difícil de perceber.

— A praça Sergels Torg, o palácio real — enumerou Ruben sem

entusiasmo.

— O parque Junibacken, o Djurgården, o museu Vasa — propôs Peter enquanto Julia continuava a apontar.

— Hornstull — acrescentou Peder, e Ruben bufou.

— Hornstull?! No bairro de Södermalm?

Ruben pronunciou «Södermalm» como se fosse uma palavra feia.

— Horns... tull — articulou Julia enquanto escrevia a sugestão no quadro.

— O quê, queres excluir toda a ilha de Södermalm? — perguntou Peder.

— Sim, quem raio é que quer saber de Södermalm? E Hornstull para quê? Não há lá nada!

— Meninos, ordem na sala! — disse Julia num tom severo.

Mina revirou os olhos. Ruben era realmente um snobe insuportável. O que não deixava de ser altamente irónico, considerando que Mina sabia que ele nascera e crescera numa vilória rural nos arredores de Estocolmo, e não no seletto bairro de Vasastan, como ele próprio afirmava.

— O teatro Dramaten — disse Christer e assentiu com a cabeça para si próprio. — O teatro parece-me um lugar perfeito. Se eu fosse o assassino, não hesitava em deixar um corpo na escadaria do Dramaten. O efeito seria impressionante.

— Mas agora não sabemos se é nos efeitos que o assassino está interessado ou se há algum tipo de ligação pessoal a esses lugares.

— Ou se os lugares também fazem parte de algum tipo de código — acrescentou Mina.

Ruben suspirou audivelmente.

— Por favor, já chega — protestou. — O Vincent mostrou-nos uma mensagem oculta... que ele próprio lá escondeu. Mas nem tudo são cifras ou código Morse ou mensagens misteriosas. Agora só temos de fazer um

pouco de trabalho policial honesto e rigoroso, sem um monte de abracadabras a complicar as coisas.

— Teatro Dramaten — acrescentou Julia ao quadro e recuou um passo.

— Mas não podemos esquecer-nos de uma coisa — disse Mina. — Os locais onde encontrámos as vítimas foram locais de crime secundários. Os assassinatos ocorreram noutra sítio. Concordo que a vigilância vai aumentar as hipóteses de encontrarmos os assassinos, mas só depois de a morte ter acontecido. Ainda temos um homicídio para evitar.

— E vamos fazê-lo com todos os meios que temos ao nosso alcance — disse Julia. — Mas isto é pelo menos um começo. Agora vou sentar-me a fazer o planeamento, a distribuição de recursos e essas coisas. Se se lembrarem de outros sítios onde fosse bom termos agentes, apontem-nos aqui na lista do quadro. Também vou pedir à Sara Temeric do grupo analítico para fazer uma monitorização mais ativa da rede móvel a partir de agora. Claro que também vamos ter uma presença policial regular reforçada na cidade e todas as ideias sobre como podemos agir antes do dia de a lista se tornar relevante são bem-vindas.

— Uma agulha num palheiro, como disse — resmungou Ruben. — Uma agulha chamada Vincent Walder.

Julia virou-se e olhou para ele com ar irritado.

— A tua atitude não nos ajuda minimamente! Então que outras sugestões tens, além da brilhante ideia de prender o Vincent? Esquecer simplesmente tudo o resto? Ficar sentado a olhar para o céu, à espera de que o telefone toque? Seria assim que lidarias com isto?

— Podíamos entrevistar os antigos professores e colegas de escola — murmurou Ruben. — E aquela Jessica, a mãe do Robert, era uma das amigas dele. Porque é que não falamos com ela outra vez?

— Porque o Vincent não é um suspeito provável! — gritou Julia. — Não

há nada de concreto que o vincule aos homicídios. O que é que não estás a perceber?

Ruben ficou com o rosto corado e desviou o olhar de Julia.

Mina tinha pena de não ter ali um pacote de pipocas; ver Ruben levar uma descasca era um dos seus passatempos preferidos.

— Talvez o melhor fosse atribuir ao Ruben a responsabilidade da vigilância de Södermalm? — sugeriu Christer, e Peder teve de sufocar uma gargalhada.

— Que engraçadinhos — murmurou Ruben.

Deixou a sala quando os outros ainda se levantavam. Mina ficou para trás algum tempo, a observar o quadro branco com a lista que apenas iria aumentar. Ruben tinha razão numa coisa, era como tentar encontrar uma agulha num palheiro.

SETEMBRO

Pela primeira vez em muito tempo, não se encontrava ninguém da família em casa. Aston estava na escola; por uma vez que fosse, Benjamin assistia a uma palestra no *campus* da universidade; Rebecka saíra com uma amiga e Maria fora a uma aula de ioga. Tanto melhor, assim não precisavam de ver o carro da Polícia estacionado do outro lado da rua, com vista sobre a casa deles e a entrada da garagem. Vincent não era suspeito, pelo menos não oficialmente, mas, perante a insistência de Ruben, concordara em deixar-se ser vigiado de qualquer forma. Uma vez que este era o dia em que ele alegara que o homicídio seguinte aconteceria, o dia vinte e dois de setembro. Pelo menos, poderia provar a sua inocência, quando chegasse ao fim do dia e realmente viesse a revelar-se que não tinha assassinado ninguém, provavelmente para grande desilusão de Ruben.

Ruben poderia ter utilizado um carro descaracterizado, Vincent presumiu que fosse esse o costume numa missão de vigilância. Mas não, queria que fosse tudo muito visível. Até lhe parecia que o carro branco da Polícia, com as suas letras e símbolos amarelos e azuis, estava acabado de lavar. Ruben devia ter ficado tão desiludido quando se apercebeu de que não havia vizinhos. Vincent acenou-lhe através da janela da cozinha e, quando Ruben virou a cara, mostrou-lhe o dedo do meio.

Como todos tinham saído, tinha a casa inteira só para si. Podia ir ver pornografia para o computador de Benjamin, acabar de construir os

modelos de Lego de Aston, fazer bolachas para Rebecka ou dançar todo nu na sala de estar sem que ninguém tivesse nada a dizer sobre o assunto. Bem, claro que não podia. Pelo menos, a última ideia, dançar todo nu era uma coisa mais ao estilo de Maria. Não que o fizesse na realidade, claro, mas de certeza que desejaria um dia poder fazê-lo.

Foi buscar o álbum *Telekon*, de Gary Numan, e colocou-o no leitor de vinis que tinham na sala de estar. Da primeira vez que, ainda criança, ouvira música que não era especialmente concebida para crianças, tinha sido precisamente canções de Gary Numan, Kim Wilde e outros artistas da cena *new wave* britânica. Uma novidade que passava por essa altura nas estações de rádio suecas. Quando ouviu a canção «I Die: You Die», aos cinco anos, tivera pesadelos a noite toda. Eram sons que não vinham de nenhum instrumento que ele conhecesse, tons e harmonias que eram tudo menos seguros e tranquilos. A princípio, isso assustara-o. Depois, fascinara-o. A sua convicção preconcebida do que era a música, baseada na longa experiência de vida de uma criança de cinco anos, mostrara-se completamente errada. E se lhe tinha acontecido isso com a música, com quantas outras coisas poderia ter acontecido? O mundo era totalmente diferente do que ele pensara, tudo era possível. E não havia nenhuma rede de proteção.

Continuava a entrar no mesmo estado mental sempre que ouvia aquela música. E, naquele momento, era precisamente disso que estava a precisar. Precisava de ser criativo, de pensar fora da caixa, porque, embora fosse desiludir Ruben ao não cometer um homicídio neste dia, *alguém* o iria fazer. Alguém não, *alguéns*, corrigiu-se. Não acreditava nem por um segundo que Rask tivesse sido um dos assassinos.

Aumentou o volume e foi para o escritório. Mesmo com toda a casa à disposição, o escritório permanecia o seu lugar favorito. Não teria ali

nenhuma surpresa, sabia precisamente onde tudo se encontrava e para que servia. Acima de tudo, o espaço era seu. Ninguém ficaria irritado por os livros nas estantes estarem organizados por cores, em vez de por ordem alfabética. Ou por numa das prateleiras haver um retrato pintado dele vestido de *zombie*, um presente de um famoso cartoonista que também era um admirador seu, no meio dos prémios mais prestigiosos que tinha recebido.

Vincent deitou-se no grosso tapete verde do chão, para pensar melhor, enquanto, na sala de estar, Gary Numan cantava que pretendia «avisar-te quando te visse cair». Vincent já tentara rever todas as peças para descobrir onde ele próprio se encaixava no *puzzle*, mas, por mais que se esforçasse, não chegava a lado nenhum. A sua mente estava numa confusão completa e já não conseguia controlar os pensamentos. O cérebro rodopiava-lhe tão violentamente que pensou que iria perder o equilíbrio, apesar de já estar deitado. Esticou os braços numa tentativa de reduzir a sensação de vertigem e acariciou os fios do tapete sob as mãos, concentrando-se na respiração. As tonturas diminuíram lentamente. Todas as peças do *puzzle* estavam identificadas. Mas ele continuava sem perceber nada.

Fora pura sorte que os colegas de Ruben não tivessem ficado tão convencidos da culpa de Vincent quanto ele. Não que Vincent criticasse Ruben, ele próprio teria provavelmente pensado da mesma forma. Mas aquilo só lhe comprara algum tempo, mais cedo ou mais tarde, o seu envolvimento acabaria por chegar ao conhecimento da comunicação social. E, nessa altura, Mina e os outros já não poderiam protegê-lo, mesmo sendo ele inocente.

Concentrou-se na suave luz amarela do candeeiro de teto, diretamente por cima dele. Reduzira-a para o mínimo antes de se deitar no chão; agora parecia um globo amarelo-dourado a pairar-lhe sobre a cabeça.

A comunicação social iria comê-lo vivo. O assassino Houdini, o mentalista Vincent Walder. No final, seria considerado culpado, culpado de três homicídios. Ou quatro, antes de o dia terminar. Não teriam outra escolha, era apenas uma questão de tempo. E provavelmente também não lhe restava muito tempo a ele. Então o que lhe restava, na verdade?

Começou do início pela milésima vez, para ver se talvez tivesse deixado escapar alguma coisa.

Vincent fechou os olhos e retirou três gavetas da rede de pensamentos. Em cada gaveta havia várias camadas de raciocínios, possíveis conclusões e eventuais padrões. Mas, por enquanto, contentou-se em olhar para as classificações de cada uma delas.

Gaveta número um: *As mães das vítimas, as suas amigas de infância.* Então, os assassinos sabiam onde ele crescera e com quem brincara.

Gaveta número dois: *As vítimas morreram em objetos de ilusionismo mal construídos, como a sua própria mãe.* Portanto, os assassinos sabiam da tragédia que sucedera com a sua mãe.

Gaveta número três: *As datas e as horas dos homicídios correspondem ao seu nome de infância.* A mesma conclusão que na gaveta número um.

Vincent abriu os olhos e fixou-os no globo dourado. Tudo apontava para a sua infância.

Era fácil chegar à conclusão de que os assassinos tinham de o conhecer pessoalmente, que talvez até tivessem crescido com ele. Porém, essa também era uma armadilha psicológica, era tão fácil acreditar que tudo partia da própria pessoa, acreditar que a própria pessoa era a origem de tudo o que acontecia. Toda a gente pensa assim em alguma medida, é impossível escapar a essa linha, uma vez que todos somos o centro do nosso próprio universo. Não obstante, isso não era necessariamente verdade.

Vincent sabia que toda a informação sobre a sua infância podia ser

encontrada na internet. Nem sequer era assim tão difícil de a encontrar, bastava saber como e onde procurar. Os assassinos não precisavam de ter uma ligação pessoal a ele, apenas um simples computador com ligação à internet.

Porém, se os assassinos não o conhecessem, então também não conseguia determinar nenhum motivo. A que propósito é que um estranho faria tudo aquilo? Para o lisonjear? Para o desafiar? Talvez o seu ego fosse grande, mas não grande o suficiente para acreditar seriamente numa explicação desse tipo. A loucura dos admiradores fanáticos não costumava ir além das delirantes fantasias de Anna. Claro, Moriarty tinha criado misteriosos assassinatos apenas para ver se Sherlock Holmes os conseguiria resolver, mas isso era em livros de ficção. Havia muito pouco romanticismo misterioso no que acontecera com Agnes, Tuva e Robert.

O globo dourado zumbiu e aumentou repentinamente a intensidade da luz. Pelos vistos, o regulador precisava de ser substituído. Vincent sentou-se no tapete com as pernas esticadas para a frente. Mudou de faixa e brincou com a ideia de que os assassinos realmente o conheciam. Não que houvesse alguém dos seus conhecimentos capaz de cometer tais atos, mas, ainda assim. Se houvesse. De uma forma um pouco macabra, Gary Numan parecia concordar a partir da sala de estar, onde insistia no refrão de «*I Die: You Die*».

Então e se conhecesse mesmo os assassinos? Continuava sem encontrar um motivo. E o quarto homicídio iria acontecer naquele mesmo dia.

Uma quarta gaveta de pensamento apareceu-lhe de súbito na mente. Não se recordava de a ter criado, mas ali estava ela, claramente enfileirada ao lado das outras três. Vincent fechou os olhos e espreitou para dentro da nova gaveta. Estava vazia. O seu subconsciente tentava obviamente dizer-

lhe alguma coisa. Quatro gavetas, quatro peças do *puzzle* com informações, uma das quais estava vazia.

Pois claro! E então compreendeu. O *puzzle* não estava completo, apesar de tudo. Havia informações importantes que ele deixara escapar. Uma quarta peça do *puzzle* que iria revelar tudo. O disco de vinil chegou ao fim na sala de estar, Vincent conseguiu ouvir a agulha raspar na borda da etiqueta, mas deixou-a continuar.

A quarta e última peça do *puzzle* não era o último homicídio, como tinham pensado. Vincent sabia precisamente o que era.

E estava ali em sua casa.

Mina acabara de vestir roupa lavada e de voltar a colocar o colar de Nathalie ao pescoço, quando alguém tocou à campainha. Sobressaltou-se; não era costume ouvi-la tocar, nunca ninguém a visitava. Ainda assim... Poderia ser Vincent? Teriam talvez entrado numa fase da sua relação em que ele sentia que podia simplesmente aparecer sem avisar? Não. Principalmente naquele dia, com Ruben a reboque. Não podia ser Vincent; havia de ser um vendedor. Algum miúdo a oferecer meias desportivas ou tulipas, para pagar uma viagem de finalistas do liceu.

Ou testemunhas de Jeová. Talvez dois jovens bem penteados, vestidos com camisas brancas e gravatas escuras, e a luz de Deus a brilhar-lhes nos olhares vazios. Como pequenos e macabros autómatos, após uma lavagem cerebral.

Mina abriu a porta. Do lado de fora estava Kenneth.

— Olá! — cumprimentou Mina, surpreendida. — Estás aqui?

— Olá, olá! Sim, pensei vir buscar o *Bosse*. Peço desculpa que a situação se tenha prolongado por tanto tempo. Felizmente, consegui encontrar a tua morada no Eniro^[3].

A sensação de alívio misturou-se com um sentimento de culpa. Alívio por finalmente estar em contacto com o dono de *Bosse*, mas culpa porque Kenneth continuava a acreditar que era com Mina que o cão estava a viver.

— Começava a pensar que tinhas passado à clandestinidade — disse Mina como forma de ganhar tempo. — Acho que não te vejo nas reuniões desde o início do verão.

— Talvez porque temos ido em dias diferentes — respondeu Kenneth. — Correu tudo bem com o *Bosse*?

Kenneth olhou para ela com ar ansioso e tentou encontrar o cão algures. Mina sentiu que o rosto se lhe transformava num nó de tensão quando respondeu.

— Tudo bem... quero dizer, o *Bosse* está bem. Só que não está é aqui...

— Então onde é que está?

Kenneth arvorou uma expressão confusa e Mina encolheu os ombros como quem pede desculpa.

— Não consegui mesmo ajustar o meu horário às necessidades dele. Eu queria, muito, mas não foi de todo possível, infelizmente. Tenho um colega fantástico que se ofereceu para me ajudar, por isso o *Bosse* está na casa do Christer.

— OK, do Christer — repetiu Kenneth, ainda com ar confuso.

— Como é que está a tua mulher? — apressou-se Mina a perguntar.

— Obrigado por perguntares. Pois, foi realmente assustador a princípio e pensámos que era grave, mas depois acabou por ser um derrame ligeiro e, como a estabilizaram muito rapidamente, pôde voltar para casa e passou o verão a descansar e a recuperar. Agora já se sente bem o suficiente para termos o *Bosse* connosco outra vez.

— Que bom saber isso — respondeu Mina, com sinceridade.

O amor que existia entre Kenneth e a mulher emocionara-a, e Mina perguntara-se muitas vezes ao longo dos últimos meses como estariam eles.

— Então e onde é que posso encontrar o... Christer? — perguntou Kenneth com uma sobrancelha erguida.

Mina pegou no telemóvel e começou a pesquisar nos contactos.

— Ele mora perto do estreito de Skurusundet. Se fores pela estrada de Värmdövägen, vais ver o estreito uns dez quilómetros mais à frente, viras à direita depois da rotunda, continuas uns quinhentos metros e é uma casa de madeira castanha do lado direito, parece uma cabana de floresta.

Mina sabia aquilo porque, num ataque de má consciência, fora recentemente até casa de Christer com um enorme saco de ração e deixara-o à porta.

— Toma, fica com o número dele, assim podes ligar-lhe a pedir a morada e...

— Bem, muita informação para memorizar. Será que podias vir comigo para me indicar o caminho?

A voz de Kenneth tinha um tom suplicante e os olhos estavam tão arregalados como os de *Bosse*. Mina olhou de soslaio para a rua, através da janela. Estava uma carrinha à porta do prédio, parecia já ter alguns anos e Mina nem queria pensar no estado de higiene do seu interior.

— Agradecia-te mesmo muito. Nós deixámos o *Bosse* contigo e tu disseste que podias cuidar dele...

Mina contorceu-se de ansiedade. Era o pior dia para tratar daquele assunto, mas Christer poderia levá-la para a sede da Polícia a seguir. Kenneth pressionara o ponto exato da sua má consciência e Mina não via forma de escapar ao pedido, por mais que todo o seu corpo e alma protestassem contra a ideia de entrar naquela carrinha suja. Foi buscar o casaco de ganga.

— Está bem, vou contigo para te indicar o caminho.

Trancou a porta, passou à frente de Kenneth, desceu as escadas, saiu do prédio e dirigiu-se a passos rápidos para a carrinha antes que tivesse tempo de se arrepender. Kenneth apressou-se atrás dela e contornou o veículo até ao lado do condutor. Mina abriu a porta do lado do passageiro e inspirou profundamente. O interior estava como receara. Inspirou de novo e entrou.

Vincent levantou-se do tapete e foi buscar o livro. O grande tomo que alguém enviara ao cuidado de Umberto, para os escritórios da ShowLife Productions, antes do Natal, para que o entregassem a Vincent. O livro com o leopardo na capa. Os técnicos forenses tinham-no devolvido ao fim de uma semana. Provavelmente, preferiam ter ficado com ele mais tempo, mas Vincent não acreditava que a solução fosse encontrada por testes químicos às páginas. Provavelmente, não iriam encontrar mais nada além das impressões digitais dele e de Umberto. Se houvesse uma solução, estaria na mensagem em si.

Não tinha dúvidas de que vinha dos assassinos, mas da última vez não lhe prestara muita atenção, porque não a conseguia encaixar nas outras peças do *puzzle*. Interpretara tudo aquilo como uma tentativa de distração por parte dos homicidas. Talvez não a tivesse observado devidamente. Abriu a página 873, aquela a que Benjamin chegara. Ainda não conseguia perceber o significado do dia oito de julho às três da tarde, se é que tinha algum. Tal como antes, parecia-lhe uma data vagamente familiar, mas de uma forma tão longínqua que podia perfeitamente estar a imaginar. Por vezes, não existiam padrões nenhuns, mesmo que uma pessoa estivesse convencida de que os via.

A mensagem escrita na página continuava tão críptica como da última vez.

Olá, Vincent.

Será realmente uma grande decepção se pensaste que o dia oito de julho era a data de um novo homicídio. Não te recordas mesmo? Tens de olhar melhor, se quiseres encontrar-me.

«Olhar melhor». Que forma estranha de se expressar. Porque não «esforçar-te mais» ou «procurar melhor»? Vincent ignorou o texto e, em vez disso, estudou o resto da página, com os traços agressivos e os borrões vermelhos. Na verdade, estes eram afinal um pouco mais estruturados do que simples borrões, apercebeu-se então. Tinham bordas claras, mas as formas eram estranhas. Lentamente, o remoinho na sua mente começou a tomar uma forma mais definida. Uma recordação de verão em que não pensava há muitos anos. Que fora escurecida e empurrada para longe pelo que acontecera mais tarde, nesse mesmo verão. Uma memória de uma manta em cima de um relvado.

O aniversário da mãe.

Quando ele ainda se chamava Vincent Boman.

O vestido favorito da mãe.

Um postal de aniversário.

Vincent olhou novamente para as linhas na página. Algumas não eram contínuas, estavam tracejadas. Mas não era possível... não podia ser. Simplesmente não *podia*. Com as mãos trémulas, arrancou a página do livro com cuidado para não a rasgar, o que quase aconteceu por estar a tremer violentamente.

Tem de ser dobrado como um avião de papel.

Não queria ver a forma que o remoinho estava a tomar na sua mente; abanou a cabeça para o afastar, mas já não tinha por onde fugir. Precisava de saber.

O vestido preferido da mãe tinha um padrão de leopardo.

Um leopardo na capa do livro.

Ele tinha um baralho de cartas na mão.

Dobrou as linhas tracejadas para dentro, as contínuas para fora e, a cada dobra, os borrões vermelhos começaram a unir-se.

«Lembrem-se deste dia, às três da tarde do dia oito de julho, vai ser um dia que vão contar aos vossos netos.»

Era o que ele tinha dito. As três da tarde do dia oito de julho. 873. O aniversário da mãe. Não festejava esse dia há quase quarenta anos.

Quando acabou de dobrar a página, olhou fixamente para o resultado. As letras grossas e vermelhas como sangue repetidas três vezes.

T T T.

Vincent soltou um grito e amarrotou violentamente a folha de papel. Depois pegou no livro e atirou-o para a estante com tanta força que os prémios caíram ao chão com um estrondo. O retrato de *zombie* também caiu e o vidro da moldura partiu-se. T T T. Ouvira aquelas letras repetidas demasiadas vezes durante a infância para não saber o que significavam. Teatro; Tardes no parque de diversões; Trânsito.

O que correspondia aos locais onde Agnes, Tuva e Robert tinham sido encontrados. Agnes no jardim Berzelii em frente ao Teatro Chinês. Tuva à porta do parque de diversões Gröna Lund. Robert num enorme estacionamento.

Jane.

O assassino era a sua irmã mais velha. Aquilo era completamente descabido, mas, ao mesmo tempo, a única explicação. Tinha de entrar em contacto com Mina. Rapidamente.

— Desculpa, eu... Devia ter-vos avisado antes... O *Bosse*...

Mina estava com dificuldade em encontrar as palavras certas. Pedir desculpa era uma das suas maiores fraquezas e algo que evitava fazer tanto quanto possível. Por isso, as formulações habituais pareciam-lhe estranhas e desajeitadas. Não obstante, Kenneth veio em seu auxílio.

— Não tenhas problemas — disse-lhe. — O mais importante é que o tenham tratado bem.

— Obrigada — respondeu Mina, mas a resposta pareceu-lhe mais seca do que pretendia.

Para suavizar, iniciou outra das coisas que geralmente também evitava ao máximo: conversa de circunstância. Havia poucas coisas que detestava tanto como ter de conversar sem objetivo. Porém, naquele momento, ainda tinha algum tipo de propósito. A sujidade na carrinha estava a invadi-la, em sentido figurado, claro, mas ainda assim... Sentia-se como se partículas invisíveis se movessem sobre a sua pele, e preencher o silêncio talvez pudesse, pelo menos, desviar-lhe alguma atenção do pânico crescente que, aos poucos, começava a dominá-la.

— Como é que vocês se conheceram, tu e a... tua mulher? Desculpa, apercebi-me agora de que não sei o nome dela.

— Jane. Chama-se Jane.

— Jane. Que nome bonito. Então, como é que tu e a Jane se conheceram?

Mina reparou que a sua tentativa de fazer conversa de circunstância

parecia forçada e artificial. A maior parte das pessoas dominava aquela arte, e Mina acreditava que também tinha a mesma capacidade. A diferença é que nunca tivera vontade de praticar.

— Conhecemo-nos no fundo.

— No fundo?

Mina olhou para ele. Não era a resposta que esperava, o que fez com que o seu interesse aumentasse de imediato. Kenneth manteve os olhos fixos na estrada enquanto explicava.

— Encontrei-a na rua, espancada quase até à morte. Tinha... problemas. A vida dela não tinha sido fácil. E a minha também não. Eu também tinha vários problemas. Mas foi como quando menos com menos dá mais. Aconteceu alguma coisa quando a vi ali deitada, um maxilar deslocado e um olho tão inchado que nem se via. Tinha três costelas e uma perna partida. Múltiplas fraturas no braço direito, também. E tinham-lhe dado um pontapé tão forte nas costas que ficou com a coluna vertebral lesionada.

Mina assentiu com a cabeça.

— Então, não é escoliose — disse, e Kenneth abanou a cabeça. — Vamos virar ali à frente — acrescentou, ligando o pisca direito.

— As pessoas normalmente não querem ouvir a verdade — explicou. — Por isso, mentimos, é mais fácil assim.

— Percebo o que queres dizer — comentou Mina a olhar pela janela.

Ela fazia a mesma coisa, mentia. A todos. Sempre fora mais fácil assim.

— Chamei uma ambulância, acompanhei-a até ao hospital. E desde então nunca mais nos separámos.

— E começaram a ir às reuniões dos Alcoólicos Anónimos. Isso tem-vos ajudado? Com os vossos... problemas?

— Sim, de facto, ajuda-nos bastante. Tanto as reuniões como aquilo que nós próprios fazemos. Às vezes, é preciso ser proativo, não podemos ficar

simplesmente à espera de que aconteça alguma coisa, que as coisas mudem. Às vezes, é preciso tratar dos assuntos com as próprias mãos.

— Percebo o que estás a dizer — replicou Mina, e era realmente verdade.

— Vocês são daqui, de Estocolmo?

— Sim. E não.

Kenneth não elaborou, e Mina não perguntou mais nada.

— Quanto tempo é que ainda te resta? — perguntou, em vez disso.

Kenneth nem pestanejou. Mina arrependeu-se da pergunta assim que a fez, mas era como se lhe faltasse aquele filtro que as outras pessoas tinham, entre o cérebro e a boca. Também era uma das razões pelas quais evitava conversar, normalmente terminava com as outras pessoas a levarem-na a mal.

— Como é que soubeste? — perguntou Kenneth, ainda com o olhar fixo na estrada à sua frente.

— Não sabia até tu teres confirmado agora. Mas foi um palpite informado, estás com os olhos amarelados e um tom amarelo na pele também. Precisamente como o meu avô, que morreu com um cancro do fígado. E há um frasco vazio de *Nexavar* aqui no chão, era o que o meu avô tomava.

Mina tocou cuidadosamente com a ponta do pé no frasco de comprimidos vazio.

— Alguns meses, com sorte — confirmou Kenneth. — Tenho demasiadas metástases. Já nem sequer tomo o *Nexavar*.

— Sinto muito — disse Mina.

Ficaram os dois em silêncio durante algum tempo.

— Tenho de fazer tudo pela Jane — explicou Kenneth, depois de uns minutos. — É a única coisa que lhe posso dar. A única coisa que posso fazer é dar-lhe tudo o que ela precisa.

— Que bonito — replicou Mina, que se contorceu, incomodada com a conversa que se tornara demasiado pessoal e íntima.

Apoiou a mão no assento e sentiu algo pegajoso, era o invólucro de um rebuçado. Enojada, tentou livrar-se dele, mas estava colado aos dedos e Mina sentiu uma onda de náusea a crescer. Finalmente, conseguiu descolá-lo e levantou os olhos.

— Devias ter virado ali — disse e apontou para a saída que acabavam de deixar para trás.

Porém, em vez de reduzir a velocidade, Kenneth acelerou.

— Perdemos a saída, era ali — insistiu Mina e encarou-o com as sobrancelhas franzidas.

Kenneth não respondeu, limitou-se a pisar ainda mais no acelerador, até o velocímetro atingir os cento e cinquenta quilómetros por hora.

— O que é que estás a fazer? — gritou Mina a olhar para ele.

Por fim, Kenneth virou lentamente a cabeça para ela e respondeu com toda a calma.

— Vais comigo para casa.

Depois voltou a fixar a estrada. Mina ficou paralisada durante alguns segundos, depois retirou o telemóvel do bolso. Antes de poder reagir, Kenneth arrancou-lho da mão e atirou-o pela abertura da janela. E foi nesse preciso momento que Mina compreendeu que tinha cometido um erro.

Um grande erro.

Kvibille, 1982

O irmão estava sentado no sofá da sala de estar, agarrado às pernas dobradas, a chorar. As lágrimas tinham-lhe deixado manchas húmidas na camisola e no assento do sofá, por baixo das pernas. Jane mal ouvia o que ele estava a dizer.

— Ela entrou para a caixa — soluçou ele. — Eu tranquei o cadeado. Depois ia só buscar a minha capa de mago, aquela que tu me fizeste. Fui a correr até casa, depois fiquei com fome, comi três sandes com uma fatia de queijo e meia fatia de fiambre cada uma. E bebi...

— O que comeste e bebeste não é importante!! — gritou Jane, sem conseguir controlar-se.

— É importante, sim! — gritou ele de volta. — O rádio da cozinha estava ligado. Estava a dar um programa sobre *bipol... bipolaridade...* como a mãe costuma ficar, às vezes. Então, pus-me a ouvir. Depois, apareceu a Mia, a Sickan e a Lotta. E traziam um cesto de piquenique. Fomos de bicicleta até ao lago e tomámos banho durante algum tempo. Depois jantámos em casa da Sickan.

Jane sentiu vontade de vomitar outra vez. Aquela maldita capa. Se não lha tivesse dado, ele não teria saído do celeiro. E nada daquilo teria acontecido. Era tudo culpa dela. Mas não. Esse tipo de raciocínio era característico da antiga Jane. Desta vez, não. Nunca mais.

— E as tuas amigas não perguntaram onde é que estava a tua mãe?

— Sim, perguntaram por ela e eu lembrei-me de que ela estava no celeiro, mas elas disseram que devíamos fugir sem ela nos ver, como se fosse uma partida.

Como se fosse uma partida. Jane estava capaz de matar aquelas raparigas.

— Quando é que te apercebeste de que tinhas deixado a mãe dentro da caixa? — perguntou, esforçando-se para manter a calma.

Sentou-se ao lado do irmão no sofá e ele apoiou a testa nos joelhos.

— À noite — respondeu ele em voz baixa. — Quando me ia deitar.

— À noite?! E como é que pudeste esquecer-te de uma coisa dessas? Logo *tu*!

— Eu não me esqueci! Estava escuro lá fora e tive medo.

De repente, o irmão olhou para ela com uma expressão de desafio.

— Além disso, ela podia ter saído da caixa sozinha, sem ajuda! Havia uma... Na verdade, não posso dizer, um ilusionista nunca revela os seus segredos, mas...

— Ou me dizes, ou levas uma lambada, ouviste?!

— Havia uma abertura secreta. O truque baseava-se nela sair discretamente pela parte de trás. E eu pensei que era isso que ela tinha feito, que tinha saído da caixa, uma vez que eu não voltava e que podia ter ido para casa de um amigo ou assim. Ou que estava a arrancar dentes de leão. Não sei...

Jane engoliu em seco. Ele só tinha sete anos e também não era como as outras crianças de sete anos, não podia esquecer-se disso. Mas, mesmo assim, tudo tinha um limite.

— Mas porque é que não foste simplesmente lá ver — perguntou-lhe —, quando percebeste que ela não tinha voltado para casa?

— Tive medo. Ela podia estar zangada. Ou com dores por ter esperado na

caixa durante muito tempo. Não queria que ela ralhasse comigo. Mas, Jane, não percebo, porque é que ela ficou lá dentro?

— Porque a merda da tua porta secreta não funcionou!

O irmão sobressaltou-se. Depois franziu a testa.

— Não funcionou? — repetiu. — Acho que não fiz mal as contas... Mas então porque é que não bateu e fez barulho?

Ele era tão estúpido, às vezes. Era um milagre não ter ficado preso pela capa de mago à porta do celeiro e acabado estrangulado.

— Como é que sabes que ela não fez barulho? — perguntou-lhe. — Foste-te embora! E depois nem sequer voltaste lá! Passaste praticamente duas semanas a evitar o celeiro porque não querias que a mãe te ralhasse. O que é que estavas a *pensar*?! Ela se calhar passou horas a dar pancadas na caixa! Ou dias!

Uma pequena parte dela não estava completamente satisfeita, talvez nem tudo fosse tão simples como estava a querer fazer parecer. Seria realmente verdade que a culpa era toda do irmão mais novo? Uma imagem da mãe na relva continuava perfeitamente nítida na sua memória e ouviu as palavras tão claramente como se tivessem sido proferidas apenas uns segundos antes.

Se te fores embora, eu mato-me.

Mas ninguém se mataria à fome, para não falar em deixar-se *cozer* lentamente, fechada dentro de uma caixa de madeira à temperatura de uma sauna. Não. Pelo menos, ninguém o planearia conscientemente. Tinha para si que a mãe não sabotara a porta secreta de propósito. Mas quando se apercebeu de que estava presa, teria uma parte dela desistido? Teria uma voz na sua cabeça dito que era melhor assim? Que eles ficariam melhor sem ela, e então tinha apenas... ficado à espera da morte?

Jane abanou a cabeça tão violentamente que lhe doeu. A ideia era completamente desumana, não era possível fazer isso. Ninguém seria capaz.

Ou seria? Não podia ser. *Não podia ser*. Olhou para o rapaz sentado ao seu lado no sofá e decidiu-se. Isto era tudo culpa dele, única e exclusivamente dele. Do seu perturbado irmão mais novo que nem sequer tinha voltado lá para ver da mãe. Se ele não tivesse sido tão estúpido, tudo teria sido diferente. Nada podia mudar esse facto.

Tocaram à porta.

— Quem será? — perguntou o irmão, entre soluços.

Jane virou os olhos para o teto e piscou-os para afastar as lágrimas. O irmão arruinara-lhe a vida. Já não iria para o liceu em Mora, isso era certinho. Não podendo contar com o pai ou a mãe, iria acabar em famílias de acolhimento e já sabia como é que isso iria correr. Se havia algo que os anos em Kvibille lhe tinham ensinado, era que ela não funcionava da mesma forma que as outras pessoas. Os professores reviravam os olhos quando terminava as tarefas demasiado depressa ou quando fazia perguntas que eles não compreendiam. Nenhum dos rapazes da turma se interessava por ela, aparentemente ninguém queria namorar com alguém capaz de pensar em várias coisas ao mesmo tempo. Até as raparigas da turma ficavam caladas quando ela chegava, como se não soubessem em que língua lhe falar. Não tinha culpa de que fossem todos tão incrivelmente estúpidos.

Porém, em Mora tudo teria sido diferente. Lá havia outros como ela. Espertos como ela. Fora Ylva que lhe contara. Lá, Jane teria sido normal. Não teria de se conter, pelo contrário, teria florescido. Teria tido uma nova vida.

Levantou-se e foi abrir a porta à Polícia. Ligara-lhes uma hora antes. A sua nova vida terminara antes mesmo de ter começado. Sentiu que odiava profundamente o irmão. Odiava-o com todo o seu ser. A ele e às suas malditas amigas.

Kenneth conduziu a carrinha por um caminho de gravilha, até chegar a um grande edifício cinzento. Mina reconheceu a estrutura das fotografias que vira quando tinham investigado a pista da cetamina. E era mesmo uma quinta de criação de martas. Kenneth desligou o motor e virou-se para ela.

Sem dizer água-vai, deu-lhe uma forte chapada na cara. Tática de terror, um método eficaz de tornar a vítima mais complacente e fácil de gerir, uma vez que esta não consegue prever quando acontecerá novamente. Mina sabia tudo aquilo, mas saber não queria dizer que a tática não funcionasse. Ficou chocada com o facto de um homem da idade de Kenneth ter tanta força. O cortisol e a adrenalina explodiram-lhe por todo o corpo e fizeram-na sentir-se completamente aterrorizada.

— Esperas aí — disse Kenneth, abrindo a porta do seu lado e saindo da carrinha.

Mina lutou contra a adrenalina e o medo que a impediam de pensar com clareza. Tinha de confiar no seu instinto, que todos os anos de treino policial a teriam programado com reflexos que garantiriam que iria sobreviver.

Kenneth contornou a parte da frente da carrinha para ir abrir a porta do lado dela. Quando estava precisamente à frente do veículo, Mina ponderou atirar-se pela porta do condutor, mas Kenneth provavelmente teria tempo de voltar para trás antes de ela conseguir fugir. Em vez disso, retirou rapidamente o cinto de segurança e encolheu as pernas. Quando Kenneth

pousou a mão no manípulo, Mina deu um pontapé na porta com os dois pés, com toda a força que conseguiu reunir. A porta abriu-se violentamente e atingiu a cabeça e o tronco de Kenneth, que soltou um grito, caindo pesadamente para trás e aterrando sobre o solo de gravilha. Mina esperava que lhe tivesse doído bastante.

Precipitou-se para fora da carrinha e passou por cima de Kenneth, ainda combalido no chão. O cheiro que lhe atingiu as narinas era de uma intensidade avassaladora. Mina esperara sentir o odor de animais, mas aquilo... era algo mais. Algo doentio. Tapou a boca com a mão.

Pareceu-lhe que a única forma de sair dali seria pelo caminho por onde tinham vindo. Começou a correr nessa direção, mas só avançou alguns passos antes de um estrondo imenso ecoar entre as árvores. Virou-se rapidamente. À frente do edifício cinzento estava Jane sentada na sua cadeira de rodas. Apontava uma pistola a Mina, que se amaldiçoou por ser tão lenta de raciocínio. Como era possível não se ter lembrado de que Jane estaria ali?

— Não faças nenhuma estupidez — disse Mina e levantou lentamente os braços.

A destreza com que Jane segurava a arma revelava que não era a primeira vez que a utilizava. Podia estar velha e locomover-se numa cadeira de rodas, mas a sua pontaria era perfeita.

— Digo-te o mesmo — respondeu Jane, séria. — Já viste do que eu sou capaz com uma destas.

— A Agnes?

Jane assentiu com a cabeça, satisfeita.

— Boa capacidade de dedução, detetive. Em cheio na boca. Devias ter visto o ar de espanto dela.

Mina precisava de desarmá-la quanto antes, a todo o custo. Jane era

obviamente uma atiradora experiente, mas uma coisa era atirar sobre um alvo imóvel e outra muito diferente era disparar sobre um alvo em movimento. Principalmente um alvo que avançava na sua direção. A única escolha de Mina era correr rapidamente para Jane aos ziguezagues e esperar que ela não a conseguisse acompanhar. Não tinha vontade nenhuma de levar um tiro no braço, mas estava disposta a aguentar se isso lhe permitisse retirar a pistola a Jane.

Baixou lentamente os braços, mantendo o contacto visual com Jane. Não podia revelar nenhuma tensão muscular nas pernas ou na barriga, nenhuma mudança no centro de gravidade, nada que revelasse que se preparava para desatar a correr. Quando começasse a correr, tudo aconteceria num ápice.

Um forte golpe nas costas atirou-a de repente para a frente. A gravilha arranhou-lhe os joelhos quando caiu, antes de aterrar com o rosto nas pequenas pedras. Os pulmões esvaziaram-se de ar, mas, quando tentou inspirar, só produziu um farfalhar. Ouviu passos e viu aparecer um par de sapatos à frente dos seus olhos. Não conseguiu inclinar a cabeça para cima para ver a quem pertenciam, estava demasiado ocupada a tentar encher os pulmões de ar. Não que precisasse de ver, sabia perfeitamente quem era. Tão estúpida.

— Acho que esta é um bocado mais vivaça do que os outros — disse Kenneth acima dela, rindo-se.

À quinta vez consecutiva que lhe telefonou, ouviu precisamente a mesma mensagem que das outras quatro vezes. Uma voz amigável que explicava que não era possível contactar o número marcado. O telemóvel de Mina estava desligado.

Na verdade, Mina era uma pessoa muito reservada, mas, que Vincent soubesse, apenas desligava o telefone quando ia àquelas reuniões que pensava que ninguém sabia que frequentava. E mesmo então, esquecia-se muitas vezes de o fazer. De resto, estava sempre contactável, leal ao seu trabalho de uma forma quase antiquada. Claro que podia estar numa daquelas reuniões, daí ter desligado o telemóvel. Mas hoje isso não iria acontecer. Não no dia que iria terminar com um assassinato horrendo se não conseguissem evitá-lo a tempo.

E, mesmo assim, não atendia.

Vincent não tinha nenhuma explicação racional para o sentimento catastrófico que se apoderou dele e, por isso mesmo, deveria ser capaz de ignorá-lo. Não obstante, nas circunstâncias em que se encontrava, a angústia sobrepunha-se aos impulsos racionais.

Tinha de entrar em contacto com alguém do grupo. O problema é que, além de Mina, só tinha os números de Ruben e de Julia. Ruben estava sentado no carro a apenas alguns metros de distância, mas Vincent sabia que ele nunca acreditaria nele, ia simplesmente presumir que estaria a tentar enganá-lo para conseguir sair de casa.

Decidiu telefonar a Julia, mas, mais uma vez, foi parar a um atendedor de chamadas. Desligou antes de a gravação acabar. Voltou a olhar para o carro de Ruben através da janela. Se acontecesse alguma coisa a Mina, jamais se perdoaria. Nem sequer aceitaria que ela tivesse uma simples dor de cabeça, se ele o pudesse evitar. Pura e simplesmente, tinha de conseguir convencer Ruben, não havia outra hipótese.

Antes de ter tempo de abrir a porta de casa, o telemóvel tocou-lhe na mão. Era de um número que não reconhecia e, estranhamente, solicitava uma videochamada. A única pessoa que conhecia que se divertia com videochamadas era Aston, mas o filho não tinha telemóvel. Depois de hesitar um pouco, acabou por atender.

— Estou?

A imagem que apareceu no ecrã cortou-lhe a respiração. Era Mina, estava sentada numa cadeira de rodas, com as mãos amarradas aos apoios de braços. O cabelo sempre tão minuciosamente apanhado pendia-lhe agora em madeixas sobre o rosto sujo. Usava o colar que Vincent tinha visto em cima da sua secretária e a camisola de gola alta branca estava negra. Uma das mangas tinha um rasgão comprido. Mina lutara com alguém. De forma violenta, pareceu-lhe. E perdera.

Um homem mais velho estava de pé ao seu lado e, assim que Mina se apercebeu de que a chamada estava a decorrer, começou a falar muito rapidamente.

— Vincent, não sei onde é que estou, mas há um fedor no ar, como se...

Foi interrompida por uma chapada violenta desferida pelo homem. Vincent apercebeu-se de que já o vira. Conhecera-o na reunião dos Alcoólicos Anónimos, era Kenneth.

— Sabes que é muito estúpido bater num polícia, não sabes?! — gritou

Mina e puxou as cordas que lhe prendiam os braços. — Vais apodrecer na prisão o resto da vida!

Kenneth riu-se entre dentes, antes de puxar uma corda que estava à volta do tronco de Mina e presa à cadeira de rodas. Mina susteve a respiração quando a corda apertou, como se a tensão estivesse a provocar-lhe muita dor, e ficou imóvel. A pessoa que segurava o telemóvel mudou para a câmara frontal e Vincent passou a olhar diretamente para os olhos de uma mulher velha. Tinha um ar doente e o rosto parecia ter encolhido, ter ficado mais pequeno do que antes. Tinha a pele endurecida e gretada, como se tivesse vivido exposta ao sol a maior parte da vida. Uma vida que não parecia ter sido particularmente fácil.

Depois viu-lhe a expressão no olhar. Era tão intensa como sempre fora. Vincent arregalou os olhos quando percebeu quem era a pessoa para quem estava a olhar. Como é que a irmã ficara com um aspeto tão velho?

— Olá, maninho — disse ela. — Como é que tens andado?

— O que é que fizeste à Mina?! — gritou Vincent.

— Chiu, comporta-te — bufou Jane. — Um «olá» teria sido agradável. Mas não pareces surpreendido por me ver, presumo que acabaste finalmente por resolver o quebra-cabeças no livro. Admite que apreciaste esse pormenor!

A irmã riu-se, satisfeita.

— A propósito, ouvimos dizer nos Alcoólicos Anónimos que andaste a assediar a tua admiradora Anna — continuou Jane. — Isso não foi bonito, Vincent. Ela que passava a vida a falar sobre «o maravilhoso Vincent Walder». Nunca vi pessoa mais fácil de enganar. O Kenneth só precisou de insinuar que alguém talvez tivesse de dar uma ajuda à Mina, e ela fez o resto do trabalho por nós e soprou-lhe o teu nome. Nós que tínhamos um

plano todo elaborado para te envolver na investigação. Quase que perdeu toda a graça quando se tornou tão fácil.

— Solta a Mina — ordenou Vincent com os maxilares cerrados.

O rosto da irmã continuava a cobrir todo o ecrã. Vincent precisava de ver Mina novamente, de ver que ela estava bem.

— Eu compreendo, Vincent — disse Jane. — Queres começar de imediato. Por mim, tudo bem. Temos tempo para a conversa fiada mais tarde. Mas primeiro vamos às regras do jogo. Concordas?

— Do que é que estás a falar? O que é que quer...

— Não interrompas quando os adultos estão a falar! — sibilou Jane. — És sempre a mesma coisa, sempre a querer estar no centro de tudo. Eu sei que deves querer perguntar montes de coisas à Mina, onde é que ela está, como é que se sente, o costume. Mas garanto-te uma coisa, Vincent, faz-lhe mais uma pergunta e ela morre imediatamente. E Mina, o mesmo se aplica a ti: diz mais uma coisa que seja e isto acaba ainda antes de ter começado.

Vincent ficou em silêncio, pareceu-lhe que Jane não estava a exagerar. O que teria acontecido à irmã? Ela que era tão inteligente. Agora estava psicótica. Louca. Vincent tinha dificuldade em compreender que a mulher que agora falava ao telemóvel era a rapariga que ele, em tempos, divertira com truques de cartas numa manta de piquenique.

Jane voltou a mudar a câmara do telemóvel para que Vincent pudesse ver como o homem apertava os maxilares de Mina com força. Mina atirou a cabeça para a frente e para trás, numa tentativa de se libertar das mãos dele, mas em vão. O homem espremeu-lhe as bochechas.

— Estamos entendidos? — perguntou Jane.

O homem moveu a mão para cima e para baixo para que Mina assentisse sem dizer nada. Porém, não era possível negar o pânico no seu olhar. Ao mesmo tempo, era um sinal de que não tinha desistido.

— Está tudo bem, Mina — disse Vincent, com a esperança de lhe transmitir outra mensagem. *Estou a ver-te, estou a ver que estás com dores, mas eles não sabem o que nós os dois temos, como estamos ligados.* — Vamos fazer o que eles dizem.

Os olhos de Mina trespassaram os dele.

Vamos conseguir sair disto. Confio em ti. Em nós.

— Ora bolas, onde estão as minhas boas maneiras — disse Jane. — E eu a acusar-te de seres mal-educado... Acho que já conheces o Kenneth, o meu marido e companheiro.

O homem que continuava a agarrar o rosto de Mina fez uma vénia e um sorriso para a câmara. Jane recuou e o campo da imagem ampliou-se. Vincent pôde ver que Mina estava sentada atrás de uma espécie de mesa de carpintaria. Em cima dela havia uma espada, Vincent reconheceu o modelo de imediato, era uma *Condor Grosse Messer*. A mesma espada que trespassara Tuva. O punho estava provido de um grampo que, por sua vez, se encontrava preso a um martelo perfurador. Aquilo explicava as marcas que Vincent vira nas espadas quando visitara a morgue. O martelo perfurador era praticamente igual aos martelos pneumáticos usados para partir o asfalto nas estradas, mas mais pequeno. Que horror! Tinham-no utilizado para conseguirem atravessar o corpo de Tuva de um lado ao outro com as espadas. Vincent não conseguia nem imaginar as dores lancinantes que a rapariga terá sofrido.

Porém, não foi a espada nem o martelo que mais captaram a sua atenção. Foram os cinco sacos de papel, numerados e virados ao contrário, dispostos à frente de Mina. Suficientemente grandes para tapar um prego de vinte centímetros virado para cima. O sangue de Vincent gelou-lhe nas veias.

— Não sou totalmente insensível, Vincent — disse a irmã. — Eu sei quão importante a Mina é para ti. Oh, não fiques com esse ar tão

surpreendido, a Anna contou-nos a quantidade de vezes que já vos viu juntos pela cidade. Parece que andaram a namoriscar por todo o lado. Foi no parque Rålambshovsparken, na avenida Fjällgatan, naquele restaurante do terraço das galerias. Até na casa dela. Por isso, não tentes fingir indiferença. Até me arriscaria a dizer que ninguém é mais importante para ti do que ela, neste momento. E sabes uma coisa? Vais ter a oportunidade de a salvar!

Kenneth soltou uma gargalhada seca.

— Ou de a matar — comentou com um sorriso frio.

— Não é engraçado que seja sempre a assistente a acabar em apuros? — comentou Jane e inclinou-se para a lente da câmara, para poder olhar Vincent nos olhos. — É sempre à ajudante simpática e prestável que cabe a tarefa de ficar presa em espaços apertados e ser torturada. Mas tu sabes tudo sobre isso, irmãozinho. Já agora, sabes como é que nós conhecemos a Mina? Sabes do seu pequeno... problema?

Jane fixou o olhar em Mina, que não o devolveu.

— Ela é uma cobarde. Sabes disso? Sabes quão cobarde a tua Mina é?

A pergunta era retórica e Jane não esperou por uma resposta.

— Ficava ali sentada — continuou. — Reunião atrás de reunião, semana após semana. Ouviu todos os outros desabafar, ouviu todos os outros partilharem, ficou a saber das suas dores, das suas lutas, das suas histórias. Mas e ela? Ela nunca partilhou rigorosamente nada. Portanto, é agora. Agora terás a tua oportunidade, Mina. O que é que tens para dizer? O que é que tens para partilhar? Este é o teu público, talvez a tua última oportunidade. Aproveita-a!

Mina não teve qualquer reação.

— Vou retirar um dos sacos, um dos que não têm o prego por baixo, se não partilhares.

A voz de Jane estava calma, completamente desprovida de emoções. A mão de Kenneth moveu-se em direção à mesa com os sacos de papel.

— Mina. Faz o que eles dizem — pediu Vincent, esforçando-se por parecer calmo.

Cinco sacos significava que havia um risco de vinte por cento de acertar no prego, fosse qual fosse o saco que escolhesse. Se retirassem um dos sacos, esse risco aumentava para vinte e cinco por cento. Precisava de ter as melhores probabilidades do seu lado.

Mina levantou a cabeça devagar. Olhou Vincent nos olhos e inspirou profundamente. Se estivesse preocupada com a reação dele, poderia pôr de parte o nervosismo e a ansiedade, ele já sabia o que ela ia dizer.

— Eu... o meu nome é Mina... E eu... sou viciada em comprimidos.

— Ora vejam só, não foi assim tão difícil, pois não?

Jane sorriu. Um sorriso surpreendentemente caloroso a aberto.

— Que te pareceu, Vincent? Não percebo porque havia de ser tão difícil, até parece que é alguma coisa de especial. Já viste? Não é melhor do que nós, qualquer um de nós. Não achas, Vincent? Não passa de uma viciada de merda... Fica lá sentada de nariz empinado...

— Já sei disso — disse Vincent e interrompeu a irmã.

A satisfação maliciosa de Jane foi substituída por uma expressão azeda, e Mina olhou para ele com ar surpreendido. Jane parecia estar prestes a dizer algo mais, mas Vincent estava noutra. Olhava fixamente para os sacos de papel e sentiu o suor brotar por todo o seu corpo. Olhou para Mina. Olhou para Jane. Os pensamentos ricocheteavam contra o interior do seu crânio, libertaram-se e fugiram aos gritos. Ele e Jane e Mina eram três lados de um triângulo, um triângulo perfeito onde o pão não podia partir-se ou a mãe iria atirá-lo para o lixo, mas também eram cinco sacos, três mais cinco eram oito, e isso não dava nada.

Pára.

... mas oito mais Kenneth (e porque é que o marido da irmã se chamava Kenneth, isso não era nome) davam nove, e nove centímetros eram 3,5 polegadas

Pára, pára

... e 3,5 era a posição da torradeira se não estivesse já aquecida para que o triângulo ficasse perfeitamente estaladiço, mas os cantos estavam sempre a partir-se, tal como ele e-e-e-

PÁRA!

— Eu tinha sete anos, Jane — disse Vincent. — Foi um acidente.

O olhar da irmã tornou-se sombrio.

— Achas que isto tudo é por causa da mãe? — bufou ela. — Continuas o mesmo egoísta infantil de sempre, manino. Chega de conversa, está na hora!

Jane desapareceu da imagem, e Vincent passou a ver novamente Mina e os sacos de papel.

— Só estão a piorar a vossa situação — disse Mina e voltou a puxar as cordas.

Como da última vez, simplesmente ignoraram-na. Kenneth agarrou-lhe novamente na cabeça, pela nuca desta vez.

— Já conheces as regras, maninho — disse Jane. — Afinal de contas, é o teu truque preferido. Escolhe um número.

Vincent engoliu em seco, concentrou-se na respiração até sentir que os pensamentos estavam sob o seu controlo outra vez. Tinha de fazer o que Jane lhe dizia, não podia dar-se ao luxo de se distrair. Não duvidava por um segundo de que matariam Mina no momento exato em que ele não seguisse as instruções. Mas, ao mesmo tempo, como é que poderia escolher?

— Como é que sei que não puseste pregos por baixo de todos os sacos?

— perguntou.

— Escolhe um número. Agora! — disse Jane num tom ameaçador. — Ou escolho eu.

Vincent tentou concentrar-se. Cinco sacos. Cinco posições. Quando se pedia a alguém que escolhesse entre cinco objetos alinhados, o mais comum era as pessoas escolherem o que estava na posição quatro, sendo a posição dois a segunda mais escolhida. As teorias psicológicas para explicar esse comportamento divergiam na sua análise, mas todas concordavam que era verdade. Se Jane não conhecesse o fenómeno e tivesse posicionado o prego sem grande reflexão, então a probabilidade de estar na posição quatro ou dois era grande.

Porém, se *conhecesse* o fenómeno, teria colocado o prego em qualquer uma das outras três posições, para assim aumentar a probabilidade de Vincent escolher realmente o saco com o prego, uma vez que sabia que o irmão evitaria a quarta e a segunda posições.

A não ser que tivesse contado com a possibilidade de Vincent identificar a rasteira e perceber que o prego não estaria nem na quarta, nem na segunda posição. Nesse caso, tê-lo-ia colocado precisamente numa dessas duas de propósito, e estaria a contar com que ele escolhesse uma delas, na convicção de que o prego estaria num dos outros três sacos.

Presumindo que não havia mais do que um prego, claro.

Grande merda!

Vincent não via a irmã desde que era pequeno. Mas Jane sempre fora inteligente, a mais inteligente de todos. Por outro lado, nunca o vira a ele como particularmente esperto. Era por isso que ficava admirada quando, em crianças, ele conseguia enganá-la com um truque de magia. Embora a seguir alegasse sempre que o tinha percebido. Nunca acreditou que ele

alguma vez fosse capaz de a superar e provavelmente continuava a pensar o mesmo.

— Escolho o saco número dois — disse Vincent e susteve a respiração.

— A culpa do que acontecer agora é única e exclusivamente tua — disse Jane. — Quero que saibas disso.

Kenneth empurrou violentamente a cabeça de Mina para baixo, sobre o saco número dois, que ficou espalmado por baixo dela quando a testa bateu na mesa.

— AU!! — gritou Mina.

Kenneth voltou a levantar-lhe a cabeça, puxando-a pelo cabelo. Tinha uma marca arroxeadada na testa. Mas sem prego. Vincent respirou.

— Sorte de principiante — disse a irmã mais velha. — Escolhe outro.

Vincent arriscou fazer uma pergunta.

— Mina, estás bem?

Mina abanou a cabeça, as lágrimas precipitavam-se-lhe pelas faces. Já não tinha qualquer expressão no rosto.

— Sabes onde é que está o prego? — perguntou Vincent.

Mina abanou novamente a cabeça. A resistência que lhe vira nos olhos estava prestes a apagar-se.

— Estou a avisar-te, Vincent — disse Jane. — Não lhe faças perguntas se não queres que o Kenneth passe a utilizar a espada. Escolhe. Agora.

— Está bem, está bem, espera, escolho o... saco número um — disse Vincent.

Não fazia a mais pequena ideia, já não tinha forma de saber agora. Exceto que a estatística ainda estava do seu lado. Havendo quatro sacos disponíveis, tinha setenta e cinco por cento de probabilidades de escolher um dos sacos vazios. Por outro lado, era uma probabilidade de vinte e cinco por cento de ser o fim de Mina.

Mina soltou um grito imenso quando a sua cabeça voltou a bater violentamente na bancada. O som da testa a bater na madeira ecoou no telemóvel. Kenneth puxou-a de imediato para a mesma posição. Todo o corpo de Mina tremia de espasmos. Chorava descontroladamente e já não procurava o olhar de Vincent. A marca na testa estava quase negra, mas evitara o prego.

— Não estás a divertir-te, Vincent? — perguntou Jane com uma gargalhada. — Agora é que começa a ficar emocionante! Só faltam três, o público sustém a respiração! Escolhe!

— Pára com isto — disse Vincent, em voz baixa. — Já chega, ela vai ficar com um traumatismo craniano. Eu faço o que tu quiseres, mas, por favor, pára. Não aguento mais.

Vincent piscou os olhos e sentiu as lágrimas escorrerem-lhe pelo rosto.

— Escolhe! — gritou a irmã.

— Não! — gritou Vincent de volta.

— Tu é que sabes.

Jane fez sinal a Kenneth, que, sem aviso prévio, bateu com a cabeça de Mina contra a mesa, sobre o saco número cinco. Mina só teve tempo de soltar um gemido e, de novo, a cabeça foi puxada de volta para a posição inicial. Desta vez, a testa deixou uma mancha de sangue na madeira e Mina parecia estar à beira de perder a consciência. Já não chorava e tinha os ombros caídos. Olhava em frente, mas os olhos pareciam não ver nada. Não havia nada no seu olhar que permitisse determinar se ainda estava presente ou se fugira para algum lugar onde Vincent não a podia acompanhar. O ferimento na testa estava a sangrar, o sangue escorria-lhe até aos lindos olhos escuros. Mas continuava a ser apenas uma ferida, não tinha nenhum prego enfiado na cabeça.

Vincent olhou fixamente para os dois sacos que restavam. O número três

e o quatro. Cinquenta por cento de probabilidade. Mina estava tão morta como viva, naquele momento.

O gato de Schrödinger, pensou Vincent sem conseguir evitá-lo. A sua existência era indeterminada. Até ele fazer uma escolha e a condenar a um de dois resultados possíveis. Ele, Vincent. E não podia ter esse poder, não podia ter a vida dela nas mãos, era demasiado.

Vincent olhou para Mina, observou a mulher-polícia que agora conhecia melhor do que ninguém, melhor do que se conhecia a si próprio. O seu cabelo escuro, as feições bonitas e o nariz estreito. Os lábios carnudos e as mãos gretadas e amarradas. Mina continuava a olhar para o vazio, inexpressiva, mas os seus olhos eram os mais inteligentes que Vincent alguma vez vira na vida.

Mina, que pusera uma palhinha na cerveja.

Mina, que lhe agarrara na mão.

Mina, que chorara contra o seu ombro.

Mina, que confiara nele.

E agora Vincent ia desiludi-la.

Precisava dela para conseguir manter-se ligado à realidade. À verdadeira realidade. Desde que Mina entrara na sua vida tudo se alterara, mais do que ela sabia, mais do que ele alguma vez conseguiria explicar. Sem ela, Vincent... Nem conseguia concluir o pensamento.

Dois sacos. Uma escolha.

Mina iria viver.

Mina iria morrer.

Era evidente que não conseguia, precisava de uma forma de saber, de alguma forma de perceber onde o prego estava.

— E agora, senhoras e senhores, o grande rufar dos tambores! —

anunciou Jane com dramatismo. — O grande mentalista vai fazer a sua derradeira escolha dentro de cinco segundos.

Mina piscou os olhos, parecia estar a regressar à realidade. Olhou para os sacos à sua frente e abanou a cabeça quando compreendeu a situação. O seu olhar encontrou o de Vincent, que provavelmente parecia tão aterrorizado como ela.

— Não — murmurou Mina, uma e outra vez. — Não, não, não.

Vincent pensou mais intensamente do que nunca. *O grande mentalista*, dissera Jane. Mas um mentalista também era um ilusionista, e um ilusionista tinha sempre mais truques na manga do que o público sabia. Fios invisíveis. Elementos duplicados. Espelhos. E... Sim! *SIM!*

Vincent teve de morder a língua para não revelar o seu entusiasmo. Talvez pudesse funcionar. E era o seu único recurso.

— Ela pode aproximar-se um pouco mais dos sacos? — perguntou, no tom mais neutro possível.

— Oh, o drama aumenta. Sim, porque não? — riu-se Jane. — Vamos poder ver-lhe a massa encefálica em primeiro plano.

— Vincent — disse Mina, confusa. — Porque é que eu havia de querer...?

Depois ficou em silêncio.

Estamos nisto juntos. Temos de confiar um no outro. Vamos conseguir.

— Inclina-te um pouco para a frente, para o saco número três.

Mina fez o que ele pediu.

— Ótimo. Agora inclina-te para o saco número quatro.

Mina inclinou-se novamente. *Ali!* Vincent esforçou-se para não deixar nenhuma microexpressão transparecer no seu rosto. A posição de Mina fez com que ela própria não tivesse visto o que acontecera. Jane e Kenneth também pareciam não ter reparado em nada, mas Vincent vira claramente

que o pendente magnético no colar se movera uns milímetros quando ela se aproximara do saco número quatro.

Como se tivesse reagido a algo metálico.

Como, por exemplo, um prego com vinte centímetros de comprimento.

— Três!! — gritou Vincent. — Escolho o saco número três!

— Lembra-te de que foste tu que escolheste, maninho — disse a irmã. — Adeus, Mina.

Mina inspirou profundamente e cerrou os olhos com força. Tentou resistir com tudo o que tinha, mas Kenneth era mais forte. Empurrou-lhe a cabeça para a frente, até a testa estar a tocar no topo do saco número três. Depois, continuou a empurrá-la para baixo, lenta mas decididamente. O saco de papel foi sendo amarrotado pelo peso da cabeça de Mina a ser pressionada contra a bancada de madeira. De repente, Kenneth apoiou-lhe as duas mãos na parte de trás da cabeça, como se precisasse de toda a sua força para fazer a ponta de um prego atravessar o osso frontal do crânio de Mina. Um som gorgolejante acompanhou a saliva a escorrer por entre os lábios de Mina. Quando Kenneth finalmente a soltou, Mina permaneceu na mesma posição, com a testa contra a madeira. A cabeça parecia colada à bancada e Mina estava completamente imóvel.

Demasiado imóvel.

Sara correu pelo corredor da sede da Polícia. Finalmente, acontecia alguma coisa. Michael e as crianças tinham voltado de Nova Iorque no início de agosto, haviam tirado três semanas de férias juntos e fizeram uma viagem de carro pela Suécia. Depois começara a escola dos filhos. Sara pensara que se habituariam todos rapidamente à vida em Estocolmo, mas enganara-se.

Desceu de dois em dois os degraus da grande escadaria até ao jardim interior, atravessou-o e continuou a correr. Não queria desperdiçar tempo a telefonar a Julia, isto era demasiado importante para não tratar pessoalmente.

A Estocolmo para a qual regressara parecia-lhe demasiado parada, comparada com o ritmo de Nova Iorque. Os filhos continuavam a sentir falta dos amigos americanos e Michael falava sobre querer mudar-se para a Califórnia, uma vez que a empresa de jogos para a qual trabalhava estava lá sediada. Essa ideia começava a parecer-lhe melhor de dia para dia, mas queria terminar pelo menos esta última missão, antes de deixar o seu cargo na Polícia.

Como não confiava na rapidez do elevador, subiu a correr os três lanços de escadas até ao andar onde Julia tinha o gabinete.

Esperara pacientemente para descobrir o que o seu novo cargo na sede implicaria, mas parecia que ainda ninguém sabia ao certo. Quando Julia lhe pedira apoio com aquele caso antes do verão, aceitara de imediato,

agradecida. Era pelo menos algo com que se ocupar entretanto. Por essa mesma razão, voltara a dizer que sim quando Julia renovou o pedido. Desta vez, o trabalho tinha sido mais intenso, passara a última semana a monitorizar as comunicações das redes móveis em tempo real. Era evidente que passavam demasiadas informações pela rede para que ela as pudesse classificar de forma minimamente significativa, mas tinha acesso a *software* inteligente que fazia esse trabalho por ela, que sabia o tipo de informação que ela queria vigiar. Não que Sara tivesse pensado que iria dar resultado; pela sua experiência, os telemóveis só eram utilizados uma única vez naqueles contextos, depois eram descartados, precisamente para não poderem ser rastreados. E era muito raro enganar-se no seu trabalho, era demasiado minuciosa e cuidadosa para isso. Porém, desta vez, estivera realmente enganada. E foi a melhor coisa que poderia ter acontecido.

Ao fim de meses de silêncio, o assassino acabara de utilizar o seu telemóvel.

Vincent olhou fixamente para a figura inerte de Mina. Não conseguia ver bem, a mão tremia-lhe demasiado. Tivera esperança de que o pendente magnético de Mina reagisse ao prego. E fora o que acontecera. Talvez. O movimento tinha sido tão discreto que podia facilmente ter sido Mina a mexer-se impercetivelmente e fazê-lo balançar. O prego talvez nem fosse magnético. A maior parte dos pregos não era.

Mas o que mais poderia ter feito? Era uma hipótese em duas, podia perfeitamente ter escolhido ao calhas e acertar. Em vez de errar. Era terrivelmente injusto, tinha realmente tentado.

A cabeça de Mina destacou-se da madeira clara da mesa de carpintaria. Destacou-se da *madeira clara*, porque... Porque não havia sangue. Não havia sangue nenhum! O coração de Vincent começou a bater descontroladamente.

Mina levantou lentamente a cabeça, mas o seu olhar não procurou o dele através da câmara.

Tinham vencido. Porém, a sensação não era de vitória, longe disso.

— Olha, olha! — disse Jane com uma gargalhada. — Não é costume teu, maninho, salvar as tuas assistentes.

— És doente da cabeça, Jane — respondeu Vincent. — Repugnante. Não havia prego nenhum, pois não?

Kenneth levantou o último saco de papel. O saco número quatro. Aquele que era o mais comum as pessoas escolherem. O prego erguia-se de uma

placa de madeira, com a ponta afiada de tal forma que até brilhava. Quando Mina viu o prego, vomitou para cima da bancada.

Jane afastou a câmara do telemóvel da bancada e de Mina, de forma que Vincent pudesse ver o resto da oficina. No meio havia uma espécie aquário gigante, virado de lado.

— Tínhamos guardado este para ti — continuou Jane. — Para hoje. Sinceramente, não acreditei que ela fosse sobreviver. Agora vamos ter de a pôr a ela ali dentro.

— Espera, eu fiz o que tu pediste! — gritou Vincent. — Solta-a, Jane!

— Claro que sim. Desde que venhas tu tomar o lugar dela. Vou enviar-te uma mensagem com uma morada. Normalmente, leva-se uma hora e quarenta minutos a chegar aqui, partindo do princípio de que consegues apanhar o *ferry* a tempo. Vamos pôr a tua amiga no tanque agora, daqui a noventa e cinco minutos começamos a enchê-lo de água. Demora cinco minutos a ficar completamente cheio, aconselho-te a não perder o *ferry*.

Kenneth começou a empurrar a cadeira de rodas onde Mina estava sentada na direção do tanque de água. Mina agitou-se e puxou as cordas para tentar soltar-se, mas sem sucesso.

— E mais uma coisa, Vincent — acrescentou a irmã a olhar diretamente para ele. — Se suspeitarmos sequer de que vem alguém no teu lugar, ou que não vens sozinho, dou-lhe um tiro na cara.

Vincent gritou o nome de Mina o mais alto que conseguiu, mas Jane já tinha desligado a chamada. Olhou através da janela da cozinha e viu que Ruben continuava no carro estacionado, do outro lado do relvado. O automóvel de Vincent estava parado em frente à garagem, mas não conseguiria lá chegar sem que Ruben o visse. Como poderia resolver aquele problema? Ruben não podia perceber que Vincent saíra de casa; se a Polícia o seguisse, tudo acabaria em catástrofe. Só queria poder desaparecer numa

nuvem de fumo, mas esse número de magia era mais uma especialidade de Tom Presto. Se fosse uma pessoa habilidosa, poderia talvez montar uma figura de si próprio com um chapéu e um casaco, para colocar atrás das cortinas. Riu-se da ideia com uma certa amargura; provavelmente, era um truque que só resultava em programas de televisão.

Mas uma cópia de si próprio... Isso, na verdade, era algo que já tinha!

Foi a correr para o escritório. A figura de cartão que era uma fotografia dele em tamanho natural não foi difícil de encontrar, estava encostada à parede, atrás de algumas caixas. O cartão encontrava-se um pouco amachucado, depois de a equipa de filmagens o ter levado a uma ronda de bares quando o próprio Vincent não pudera comparecer. Mas, ainda assim, era consideravelmente mais realista do que um chapéu e um casaco, a figura era realmente ele. *Verliebtheit*, como explicara a Maria. Pelo menos, até Ruben perceber que não se mexia.

Precisava de reforçar a ilusão. Lançou um olhar rápido ao relógio, tinham passado dois minutos desde que Jane desligara a chamada telefónica. Precisava de estar sentado no carro no máximo dali a três minutos.

Levou mais meio minuto a vestir a roupa que a sua versão em cartão ostentava, depois correu para fora de casa, atravessou o relvado e dirigiu-se para o carro de Ruben, que abriu a janela do carro-patrolha quando o avistou.

— Olá, Ruben — disse Vincent, e levantou o dedo indicador no ar, a uma altura suficiente para que Ruben fosse obrigado a olhar para cima, seguindo automaticamente o movimento do dedo.

Vincent tivera esperança de que Ruben fosse o tipo de pessoa que seguia inconscientemente instruções sem hesitar, e parecia ser esse o caso. Os olhos de Ruben estavam fixos no dedo.

— Agora vais fazer o seguinte — disse Vincent e baixou rapidamente o

dedo, ao mesmo tempo que pronunciou a palavra «fazer» num tom mais grave.

O olhar de Ruben seguiu o movimento descendente do dedo, até os seus olhos se fecharem automaticamente. Vincent colocou rapidamente a mão na nuca de Ruben, para lhe manter a cabeça ligeiramente inclinada para a frente. Ruben nunca o perdoaria por aquilo.

— Relaxa e respira fundo — continuou Vincent. — A cada inspiração vais sentir-te mais e mais relaxado. Cada vez mais fundo.

Esperou alguns segundos, até ouvir que a respiração de Ruben se tornara pesada e adquirira um ritmo constante.

— Daqui a uns segundos vais ver-me na janela da cozinha — prosseguiu. — E nessa altura iremos jogar ao jogo do sério. Percebes?

— Sim. O jogo do sério — murmurou Ruben, com um tom tipicamente monocórdico de alguém em estado de hipnose ligeira.

— Vamos ficar completamente quietos e a olhar seriamente um para o outro — disse Vincent. — Quem se mexer primeiro, perde. Nunca viste ninguém que conseguisse ficar tão quieto como eu. Mas quanto mais quieto eu fico, mais tu te sentes determinado a ganhar-me. Percebes?

— Tu estás quieto — murmurou Ruben. — Mas eu vou ganhar.

Vincent tirou a mão e inclinou para cima a cabeça de Ruben, que continuava com os olhos fechados. Vincent podia estalar os dedos sobressaltando-o e fazendo-o abri-los, mas nunca apreciara muito aquilo de estalar os dedos, era tão... pouco sofisticado.

— Ruben, olha para mim — disse, em vez disso, num tom imperativo.

Ruben piscou os olhos para ele, com ar confuso.

— Ótimo, então estamos de acordo — disse Vincent. — Obrigado pela conversa, vou pensar no que disseste. Vou ficar por casa.

Era importante continuar a falar sem interrupções depois de plantar uma

sugestão na mente de alguém, para que o cérebro da pessoa não começasse a tentar compreender o que acabara de acontecer.

— Hum, pois — disse Ruben e tentou recompor-se. — Vou manter-te debaixo de olho, Vincent. Não te ponhas com ideias.

Vincent voltou para casa meio a correr e olhou novamente para o relógio, todo o processo levava um minuto e meio. Ainda lhe restava um minuto. Uma vez lá dentro, agachou-se por baixo da janela da cozinha e posicionou a figura de cartão no sítio certo, virada para o carro-patrulha, e viu Ruben sentar-se um pouco mais direito.

Esgueirou-se pela porta das traseiras, enquanto enviava uma mensagem a Benjamin a dizer-lhe para à tarde ir buscar o irmão mais novo à escola.

Vincent contornou a casa e dirigiu-se para o seu carro, que estava estacionado em frente à garagem, entre ele e Ruben. Agachou-se escondido atrás do carro, para o caso de Ruben olhar naquela direção. Tinha esperança de que ele se mantivesse concentrado na janela da cozinha durante um bom bocado, mas todo o cuidado era pouco.

Destrancou a porta, abriu o lado do passageiro e arrastou-se para o lugar do condutor. Depois, recuou silenciosamente até à estrada, a poucos metros do carro-patrulha. A gravilha estalou sob os pneus, mas Ruben não pareceu reagir. Vincent não queria arriscar passar à frente do carro-patrulha e atravessar o campo de visão de Ruben, era melhor ir para o outro lado.

Quando dobrou uma curva e teve a certeza de que Ruben já não o conseguiria ver, meteu prego a fundo. Teria de pesquisar no Google o caminho a percorrer enquanto conduzia, não podia perder o controlo, tinha de continuar concentrado, continuar a pensar num passo de cada vez. Nunca mais do que no passo seguinte.

Mina.

Jane.

Não podia pensar no tanque de água. Não podia pensar que ia a conduzir o mais depressa que conseguia para permitir que a irmã mais velha o fechasse numa caixa de vidro cheia de água. Não podia pensar que Jane iria deixá-lo afogar-se, não podia pensar que estava a pisar o acelerador a fundo para ir ao encontro da sua própria morte. Os outros condutores apitaram quando os ultrapassou, passando tão rente aos carros que quase lhes arranhou a pintura. Pisou com mais força no acelerador.

Mina.

Jane.

Sara deteve-se durante alguns segundos à porta do gabinete de Julia, para recuperar o fôlego. Depois, bateu e entrou. A sala estava vazia. Não esperara aquilo, tinha ficado com a ideia de que todos estariam nos seus postos naquele dia, quando o estado de alerta era tão alto. Sabia que o gabinete de Christer ficava um pouco mais ao fundo do corredor e foi até lá. A porta estava escancarada, mas de Christer nem sinal. O que é que se passava? Talvez tivessem sido chamados de emergência. E, nesse caso, precisariam ainda mais da informação que ela tinha.

De repente, ouviu gargalhadas alegres e música de alguns gabinetes mais à frente. O ritmo inconfundível da música de Bob Marley. Mas que raio? Apressou-se até à sala de onde o som vinha e parou abruptamente à porta, estupefacta com o cenário com que se deparou.

Peder estava a dançar ao ritmo *reggae* de «No Woman No Cry», as costas inclinadas para trás e os joelhos levantados à vez. Ao peito tinha um bebé pendurado num marsúpio, a balbuciar de felicidade. No chão estavam mais dois bebés em cima de uma manta grossa, que, numa mistura de horror e prazer, pareciam prestes a afogar-se em lambidelas molhadas de um *golden retriever* eufórico. Christer segurava a trela e fazia os possíveis para que o cão não engolissem as crianças. Peder avistou Sara, parou com uma perna no ar, ainda com uma expressão animada no rosto, e corou de orelha a orelha.

— Eh, pois, é que... a minha mulher faz anos hoje — disse, envergonhado.

Sara não respondeu, estava demasiado ocupada a tentar compreender o que estava a ver.

— Foi a prenda dela — continuou Peder como resposta à pergunta que ninguém tinha feito. — Melhor dizendo, foi a exigência dela, sim, exigência acho que é a palavra certa, poder ir almoçar. Sozinha. E depois ir cortar o cabelo. Sozinha. E adormecer sentada a um canto de um café qualquer. Já tínhamos decidido o programa há bastante tempo. Por isso... Bem, é isto.

Peder fez um sinal com a cabeça para as trigémeas, como se explicasse tudo.

— Do que a Julia me disse, fiquei com a ideia de que hoje era um dia importante — respondeu Sara. — Que havia uma mobilização total. Acho que não seria a propósito do aniversário da tua mulher.

Peder aclarou a garganta, ainda mais envergonhado, e desligou a música de Bob Marley no computador. Christer afastou o *golden retriever* dos bebés, que balbuciavam de alegria na manta. O cão ficou com um ar profundamente infeliz.

— É verdade que estamos em alerta máximo — confirmou Christer. — Todas as equipas foram mobilizadas, como disseste. Segundo o Vinc... eh... quero dizer, temos informação de que pode haver um novo homicídio hoje. Os carros-patrulha estão todos concentrados no centro da cidade, mas, como não temos mais nenhum dado, o Peder e eu estamos a seguir os acontecimentos a partir daqui, na sede. Para o caso de entrar alguma coisa e termos de agir rapidamente.

— Então, vão gostar do que tenho para vos dizer — disse Sara. — Lembram-se do telemóvel que rastreámos antes do verão? Aquele que fez a chamada de Kungsholmen e que vocês consideraram que seria do vosso assassino?

Peder e Christer assentiram com a cabeça, atentos os dois. As trigémeas e

o cão pareceram aperceber-se da seriedade da situação, pois ficaram em silêncio ao mesmo tempo.

— A Julia pediu-me para manter a vigilância do número durante esta semana, para o caso de voltar a ficar ativo. O que acabou de acontecer. O telemóvel foi ligado há dez minutos e iniciou uma chamada. Mas, desta vez, não estava em Kungsholmen, a chamada foi feita de uma ilha do arquipélago de Norrtälje.

O bebé no marsúpio de Peder começou a gemer, inquieto, e Peder embrulhou-lhe as mãos pequenas e gordas nas suas.

— Em Norrtälje? — perguntou. — E de que é que falaram?

— Isso não sei. Não podemos escutar as chamadas, para isso precisamos de outro tipo de autorização, e a Julia não me disse para eu a requerer.

Sara sentiu um aperto no estômago por ter falhado. Claro que devia ter perguntado a Julia do que é que eles precisavam, as autorizações especiais demoravam tempo, era necessário pensar dois passos à frente. Mas também não era fácil conhecer os procedimentos quando não se trabalhava com aquilo diariamente. Claro que devia ter confirmado. Estava há três meses naquele emprego e parecia uma novata.

— A culpa não é tua — disse Christer, como se lhe tivesse lido os pensamentos. — A Julia devia ter-te dito para pedires essa autorização, mas ela tem tido muito em que pensar. Sabemos mais alguma coisa sobre a chamada, além da origem geográfica?

— Muito mais — respondeu Sara, aliviada. — Sabemos para quem foi feita. Um Victor... desculpem, um Vincent Walder.

Peder e Christer trocaram um olhar de choque. Sara não compreendeu, não esperara uma reação tão forte. Na verdade, não esperara que reagissem de todo. Era evidente que havia mais qualquer coisa ali além do que Julia lhe contara.

— Merda — disse Peder em voz baixa, antes de se virar para ela. — Nós conhecemo-lo pessoalmente.

— Vou telefonar à equipa de operações especiais imediatamente e pedir-lhes que enviem uma patrulha para lá — disse Christer. — Anda, *Bosse*, temos trabalho pela frente.

— O Ruben já está a vigiar a casa do Vincent — disse Peder. — Vou contactá-lo e depois tentar apanhar a Julia. Obrigado, Sara. Bom trabalho!

Sara não conseguiu conter um sorriso quando Peder e Christer desapareceram para realizar as suas tarefas. Eram estes os momentos pelos quais vivia, aqueles instantes em que sabia que tinha feito a diferença. Quando todas as horas de tédio de morte a fazer análises estatísticas de repente produziam resultados na vida real. Ela e Michael talvez pudessem adiar um pouco aquela mudança para a Califórnia.

Desanimada, Julia contemplou a mala pousada em cima da cama. Tinha frisado, várias vezes até, para o caso de ele não ter ouvido, que não precisavam de fazer as malas como se fossem de férias para o estrangeiro. Uppsala nem a uma hora de distância ficava e não iam ali estar mais tempo do que o absolutamente necessário. Porém, Torkel gostava de se sentir sempre preparado para qualquer eventualidade, tão bem preparado, aliás, que podia ser um daqueles «supersobreviventes» que Julia tinha visto em documentários na Netflix. Sem sequer abrir a mala, Julia suspeitava de que o seu conteúdo seria suficiente para os ajudar a sobreviver a uma pequena guerra. E, em casa, poderiam sobreviver durante vários anos. Principalmente em termos de papel higiénico, que tinham em quantidade suficiente para abastecer todo um concelho ao longo de um período considerável. Que maluquinho é que achava normal acumular papel higiénico? Mas era o seu maluquinho.

Por outro lado, Torkel também não podia fazer muito mais naquela fase do processo. Não era no corpo dele que iam enfiar uma mangueira de aspirador, não eram os seus óvulos que iam ser sugados às dezenas para ver se dois ou três podiam ser utilizados. A única coisa de valor que ele podia fazer agora era preparar-lhe a mala. E Julia não podia repreendê-lo por ele querer fazê-lo com afinco.

No entanto, o que estava a irritá-la naquele momento era a sua atitude. Julia não era apenas a sua esposa e eventual mãe dos seus potenciais futuros

filhos, também tinha obrigações profissionais a desempenhar, apesar de Torkel parecer não querer reconhecê-lo.

— Eles passam bem sem ti — disse Torkel do corredor. — Anda lá, vamos embora.

Julia ouviu-o retirar as chaves do carro do chaveiro ao lado da porta.

— Não sei como é que te posso dizer isto de uma maneira mais clara — reclamou Julia. — Eu não estou simplesmente a participar numa investigação, estou a liderá-la. Sou a responsável por toda uma equipa, uma equipa com características únicas, que requer a minha participação ativa em todas as frentes. E hoje é o dia em que vamos ter um novo homicídio. Não percebes a imagem que dá se eu não estiver no meu posto?

Julia estava à beira das lágrimas. Como é que ele podia ter vistas tão curtas e não compreender aquilo? Ao mesmo tempo, já tinha espetado mais agulhas na barriga e inalado aquele maldito *spray* mais vezes do que se conseguia lembrar. Aquilo tinha de acabar. Torkel entrou no quarto, Julia viu que ele estava a esforçar-se para não exprimir a frustração que, mesmo assim, se lhe refletia claramente no rosto.

— Tu própria o disseste, não estás sozinha nessa investigação. Os teus colegas desenrascam-se sem ti, eles sabem o que fazer. Também não és tu pessoalmente que vais impedir esse homicídio, pois não?

— Obrigada pela confiança — respondeu Julia e afastou-se.

Torkel suspirou e sentou-se na cama. Julia tinha consciência de que os baixos níveis de estrogénio a deixavam irritadiça, mas, às vezes, ele era mesmo um grande estúpido.

— Mas uma coisa que *podes* fazer — continuou Torkel — é isto. É dar-nos uma oportunidade. Não funcionou da última vez que tentámos, e eu sei que o *timing* agora não podia mesmo ser pior, mas temos esta data marcada no calendário há meses. Se não formos ao hospital de Uppsala hoje, vais ter

de começar tudo do início outra vez, com as injeções e todo esse carrossel durante semanas. Só para voltarmos ao ponto em que estamos agora. Achas que vale a pena?

Julia sentou-se ao lado dele, prostrada, e limpou os olhos à manga da camisola.

— Não, não acho que valha a pena — respondeu. — Mas estás a pedir-me para escolher entre criar uma vida, uma vida que nem sequer sabemos se vai realmente existir, e tentar impedir que uma vida se extinga, uma vida que garantidamente existe neste momento. E isso não é justo.

Sentiu uma vibração debaixo do rabo e apercebeu-se de que se sentara em cima do telemóvel. Levantou-se e pegou no aparelho; era uma mensagem escrita de Peder. Três palavras, três pequenas palavras que tomaram a decisão por ela.

— Tenho de sair imediatamente — disse. — Dá-me as chaves do carro.

Torkel estendeu-lhe as chaves sem discussão.

— Beijinhos, meu amor, falamos mais logo — disse o marido enquanto ela vestia rapidamente o casaco.

Julia leu novamente a mensagem a caminho do carro.

«É o Vincent.»

Um zumbido irritantemente insistente perturbou-lhe a concentração, como se alguém tivesse ligado um despertador a uma grande distância, ou este tocasse há muito tempo. Ruben franziu a testa.

Não podia ser incomodado; se se mexesse um milímetro, Vincent ganharia.

Vincent estava tão quieto. Ruben esforçou-se ao máximo.

Não compreendia como era possível estar tão quieto como aquele mentalista, de pé à janela.

Mas Ruben não pensava dar-se por vencido.

Fixou ainda mais o olhar em Vincent.

O som apareceu outra vez, bastante mais forte e nítido agora. Que estranho. Em comparação, era como se da vez anterior o tivesse ouvido através de uma camada de algodão. Agora parecia uma faca afiada a cortar-lhe o ouvido.

Semicerrou os olhos na direção de Vincent.

Algo estava diferente.

Algo não fazia sentido.

O ruído soou uma terceira vez. Ruben piscou várias vezes os olhos, como se tivesse acabado de acordar de um sono muito profundo, daqueles em que era preciso fazer um esforço para se conseguir sair.

Porém, sabia que não tinha estado a dormir. De todo.

Tinha estado a olhar fixamente para Vincent, sem dormitar um único segundo.

Mas havia qualquer coisa nas sombras no rosto do mentalista ali ao fundo, à janela da cozinha. Não batiam certo.

Como é que era possível?

*

O telemóvel tocou uma quarta vez e Ruben viu-se obrigado a desviar o olhar para procurar o aparelho, no assento ao seu lado. Atendeu a chamada em alta voz.

— Aqui Ruben Höök. Quem fala? — respondeu, irritado.

— É o Peder. O assassino acabou de telefonar ao Vincent. Sei que tu o vês como suspeito, e isto claro que aponta nessa direção. Mas também pode ser que ele esteja em perigo. O Christer já enviou uma patrulha da força de intervenção, fica aí e não faças nada até eles chegarem.

Ruben desligou. Refletiu. Olhou para a casa do outro lado da rua. Depois, saiu do carro. Hesitou e ficou parado alguns segundos, encostado à porta da viatura. De seguida, atravessou rapidamente o relvado a correr, até à janela da cozinha. A figura de cartão de Vincent olhava tranquilamente para o infinito. Ruben até podia jurar que estava a sorrir para ele.

Vincent conduziu o carro até ao pátio de gravilha, em frente à quinta de criação de martas. Kenneth aguardava-o; o cabrão até se atreveu a acenar-lhe quando o viu. Vincent odiava-o. Estacionou o carro e saiu. O odor fedorento a putrefação parecia vir do edifício principal. Algo acontecera naquela quinta, disso não tinha dúvidas, mas agora não estava minimamente interessado no assunto. Queria assassinar Kenneth, eliminá-lo da face da terra por aquilo que tinha feito a Mina, mas sabia que não era boa ideia atirar-se ao reformado barbudo, senão nunca mais voltaria a ver Mina.

— Onde é que ela está? — perguntou, em vez disso.

Kenneth virou-lhe as costas e começou a afastar-se. Vincent não tinha outra escolha senão segui-lo. Na outra ponta do edifício havia uma porta mais pequena através da qual o homem desapareceu. Com a mão a tapar a boca, Vincent parou à porta. A luz forte do sol lá fora fazia com que não se visse nada para o interior, podia haver fosse o que fosse ali, podia ser uma armadilha. Mas Mina estava lá dentro.

Do outro lado da porta havia uma oficina, a oficina que tinha visto durante o telefonema. No meio repousava o tanque de água, com Mina sentada no fundo. Vincent correu para ela e começou a bater nas paredes de vidro. Agachou-se para conseguir vê-la melhor, o sangue na testa já começara a secar, mas iria ficar com um hematoma enorme. De resto, parecia estar ilesa, segundo o que Vincent podia determinar. Porém, não se movia.

— Mina! — chamou Vincent, com a boca encostada ao vidro.

— Tivemos de a anestesiar — explicou o homem, fechando a porta. — Estava demasiado combativa.

O sol de outono que brilhava lá fora desapareceu e foi substituído pela luz fria das lâmpadas fluorescentes. Um gerador começou a zumbir algures ao longe.

— Mas vai voltar a acordar de certeza quando enchermos o tanque com água — disse Kenneth e estendeu a mão a Vincent. — Dá-me o teu telemóvel.

Vincent levantou-se. Antes, quando só tinha visto o tanque através do ecrã do telemóvel, não ficara com a certeza, mas agora não restavam dúvidas. A caixa de vidro era uma cópia exata da câmara de tortura aquática de Houdini, a *Water torture cell*, construída para lá caber uma pessoa à justa. Não era apenas apertada; no original, Houdini também ficara pendurado de cabeça para baixo, amarrado pelos pés. Dali a pouco, seria a sua vez de fazer a mesma coisa. Não iria conseguir. Mas também não tinha escolha. Esforçou-se para controlar a respiração, não podia mostrar quão aterrorizado realmente estava. Deu o seu telemóvel a Kenneth, que se afastou e o levou para um grande contentor a um canto da sala.

— Não precisam de o encher com água — gritou para as costas de Kenneth. — Eu agora estou aqui, como vocês queriam. Tirem-na.

A construção do tanque de água era de uma qualidade infinitamente superior às caixas onde tinham encontrado as outras vítimas. De facto, parecia ser obra de um profissional.

— Esta é a única que não fomos nós a construir — disse-lhe a irmã, que acabara de sair das sombras e se aproximou do tanque na cadeira de rodas. — Guardámo-lo para o final. Para ti, só o melhor, Vincent — acrescentou e passou a mão pelas paredes de vidro.

— Mas como é que... ?

— As outras caixas foram um presente teu — continuou Jane e atirou para o chão algo que aterrou ao pés de Vincent.

Era um pequeno livro que não via desde que tinha sete anos. Um livro chamado *Série de Hobbies 12: constrói as tuas próprias ilusões!*.

— Esses desenhos são um desastre, não há um que funcione — disse Jane com uma gargalhada seca. — Não que quiséssemos que funcionassem, mas mesmo assim. Já isto aqui comprámos àquele ilusionista... como é que ele se chamava... o Tomas Presto? Presto?

Vincent sentiu um nó apertado formar-se no estômago. «Não sei onde é que esse aquário está a acumular pó agora», dissera Umberto sobre o tanque de água de Tom Presto. E Vincent não lhe pedira que investigasse. Que estúpido fora. Se o tivesse feito, Mina não estaria deitada lá dentro neste momento.

— Mas não te preocupes — continuou a irmã. — O Presto explicou-nos como é que o truque funciona. A escotilha, o ferrolho e todas as trancas estão ligadas entre si, de maneira que é possível abri-las como uma única grande tampa para se poder sair. É um mecanismo mesmo engenhoso. Mas o Kenneth soldou tudo. Garanto-te que não há maneira de escapar.

Vincent olhou para a irmã. Parecia tão decrepita, tão velha e frágil, ali sentada na cadeira de rodas. A pele cinzenta e pálida tremia-lhe levemente quando se movia. Era difícil acreditar que só tinha mais nove anos do que ele.

— Mas porquê, Jane? — perguntou Vincent.

Jane levantou os olhos para ele com a mesma expressão inflamada de quando eram crianças.

— Tu roubaste-me a vida — disse-lhe. — Naquele verão, quando mataste a nossa mãe, essa foi a última vez em que eu estive viva. Sabes em

quantas casas de acolhimento estive desde essa altura? Queres que te conte sobre o homem que me chicoteava com uma antena de rádio, enquanto a mulher ficava a olhar? Ou sobre as vezes em que tive de me trancar numa casa de banho por causa de um pai alcoolizado? Sobre o meu primeiro namorado que me levou a uma festa para os amigos me violarem? Sobre os comprimidos? As seringas? Vivo no inferno desde esse verão. Enquanto tu, que és a causa de tudo, tu que mataste a nossa mãe, pudeste seguir em frente e ter uma vida feliz. Uma *carreira*. Onde é que está a justiça disso?

O cérebro de Vincent funcionava a rotações tão altas que lhe doía a cabeça. Não estava a conseguir assimilar o que Jane lhe contava, os seus pensamentos tinham ficado agarrados a algo que dissera antes.

«Os desenhos são um desastre, não há um que funcione.»

Apanhou o livro do chão. Sains também lhe dissera algo do género, quando Vincent o visitara da primeira vez. Mas o que era? Sim, agora lembrava-se. «Muitos dos desenhos clássicos foram feitos com erros deliberados... Se queres construir a ilusão, também tens de perceber como é que tens de mudar o desenho para que realmente funcione... senão o alçapão não se abre... ou seja lá o que for.»

Vincent não tinha cometido um erro, afinal. Aos sete anos. Apenas seguira as instruções que o livro indicava. E era uma criança. Tivera medo de que a mãe ficasse zangada. Mas isso não era suficiente. Agora já não era suficiente. O ódio de Jane era uma chama que fora alimentada durante demasiados anos para agora poder ser apagada com a verdade. Além disso, ela tinha razão. Se Vincent não tivesse construído aquelas caixas, nada do resto teria acontecido.

— Jurei a mim mesma nessa altura — continuou Jane — que nem que fosse a última coisa que fizesse na vida, um dia ia tirar-te o que tu me roubaste. Mas nunca tive forças suficientes para conseguir fazê-lo sozinha,

até o Kenneth ter aparecido na minha vida. Ele foi o primeiro que me compreendeu verdadeiramente.

Kenneth estendeu a mão a Jane e agarrou-a carinhosamente. Pelo canto do olho, Vincent viu que Mina se começara a mexer. Se conseguisse ganhar tempo suficiente para ela despertar da anestesia, talvez fosse possível resolverem a situação juntos.

— Mas porquê os outros três? — perguntou. — Porque é que mataste... mataram, quero dizer... a Agnes, a Tuva e o Robert? Se era de mim que te querias vingar...!

Tentou perscrutar o espaço em volta sem que se notasse, para ver se conseguia encontrar algo que pudesse utilizar como arma. Algo com que pudesse deter Jane e Kenneth. Na parede ao fundo da sala, avistou a bancada de ferramentas onde tinham torturado Mina. Porém, estava vazia agora, não havia lá nenhuma espada. Não tinham querido correr nenhum risco.

— Tu já sabes quem eram as mães deles — disse Kenneth. — A Jane contou-me sobre as tuas amigas. Elas também tiveram culpa na morte da vossa mãe. Essa culpa é dividida por vocês os quatro, só que a tua parte é maior, obviamente. Elas roubaram à Jane a mãe, nós tirámos-lhes os filhos. Chama-lhe *karma*.

— Além disso — acrescentou Jane e soltou uma gargalhada seca —, ninguém se teria interessado por aí além se matássemos umas senhoras de meia-idade. Mas os filhos, Vincent, oh, os filhos. Raparigas jovens, um rapaz deficiente? Os *media* adoram essas coisas. Atacar os jovens inocentes era mesmo a pior coisa que podias ter feito, Vincent.

Vincent sobressaltou-se. Só podia ter ouvido mal.

— Eu? — perguntou, abanando a cabeça.

— Eu disse-te que te ia tirar aquilo que tu me tiraste — respondeu Jane.

— Tu roubaste-me a vida que eu podia ter tido. Eu vou simplesmente apagar a tua. Quando te encontrarem morto no tanque de água, também vão encontrar uma carta. Escrita por ti. Nessa carta, explicas que fizeste do mundo um sítio melhor ao limpá-lo de algumas pragas.

Vincent continuava a não perceber nada da conversa, Jane estava obviamente delirante.

— Vá lá, não sejas o tontinho do costume — disse Jane, irritada. — A Agnes misturava-se com gente de outras raças, a Tuva era judia e o Robert era deficiente mental. Tudo aquilo que tu odeias. Pelo menos, de acordo com a carta. Essa confissão, combinada com o facto de teres deixado o teu próprio nome como pista nas datas dos homicídios, a tua assinatura, vai ser suficiente para te condenarem e fazerem de ti uma pessoa odiada por muitas gerações. Ninguém vai querer sequer mencionar o teu nome. Vais ser apagado dos livros de história como uma mancha vergonhosa. Vai ser como se nunca tivesses existido.

— A Polícia não desvendou o código com o meu nome — disse Vincent. — Tive de ser eu a mostrar-lhes.

Jane desatou a rir com mais uma gargalhada rouca.

— Oh, maninho! Tu fazes o trabalho todo por mim! E claro que acreditaram em ti quando juraste a tua inocência...

— Nem por isso.

Havia um brilho de felicidade louca nos olhos de Jane e Vincent olhou para o chão. Como é que podia ter sido tão estúpido?

— Claro que foi por isso que enviaste o artigo do jornal para o Ruben — disse Vincent. — Para dar uma ajuda à Polícia com o código.

— Artigo de jornal? — perguntou Jane e olhou para ele com ar confuso. — Agora não sei do que é que estás a falar. Mas tens razão, parece que às vezes é mesmo preciso dar um pequeno empurrão aos nossos representantes

da lei e da ordem. Deixando uma admiradora fanática sugerir o teu nome para os ajudar numa investigação complicada, por exemplo.

— A Rapariga Golfinho.

Jane riu-se da denominação, satisfeita.

— Sim, às vezes é preciso um pouco de sorte — disse. — O Kenneth e ela ouviram a mesma chamada, quando a Mina estava a falar com a chefe. Percebemos que era uma excelente oportunidade para nós. E nem teve de ser o Kenneth a sugerir o teu nome à Mina, bastou referi-lo à Anna... Meu deus, há coisas que parece que estavam predestinadas.

Mina. Vincent olhou na sua direção outra vez, mas ela parara de se mexer. Precisava de mais tempo.

— E como é que iam explicar o caso da Mina, se ela tivesse ficado com a cabeça espetada num prego? — perguntou-lhes.

— De acordo com a carta, a tua «grande obra» ficaria concluída com o teu suicídio — respondeu Kenneth. — Mas, quando a Anna nos contou quanto a Mina significava para ti, não conseguimos resistir. Além disso, com um apelido como Dabiri, encaixa-se perfeitamente no padrão. Tu também odeias muçulmanos, obviamente.

Vincent apercebeu-se de uma mudança no ambiente, uma viragem. Sentiu que a conversa estava a chegar ao fim.

— Já sei o que estás a pensar — disse Jane. — Estás a pensar que o telefone de onde eu te liguei está a ser rastreado. Que a Polícia sabe onde tu estás e vem a caminho. E é verdade, eu quero que eles saibam. Até lhes vou telefonar para ter a certeza de que vêm. E espero que venham muitos, quantos mais melhor, para apreciarem a tua última exibição e a tua mensagem para a posteridade. Mas, quando chegarem, já terás dado o teu último suspiro.

Era a sua última oportunidade.

— Mina! Acorda! — gritou, batendo no vidro com toda a força.

As pálpebras de Mina estremeceram e pareceu-lhe que estava a dizer alguma coisa. Depois, ficou novamente imóvel.

Kenneth agarrou nos ombros de Vincent e afastou-o da caixa de vidro.

— Controla-te — ordenou Kenneth.

— Já chega de conversa — disse Jane e dirigiu a cadeira de rodas até um escadote que estava apoiado a um dos lados. — Está na hora, maninho.

Vincent olhou para o escadote. Depois para o tanque de vidro. Era feito para só lá caber uma pessoa.

— Primeiro, tirem a Mina — disse.

— Preciso da tua ajuda para isso — disse Kenneth. — Tu entras e empurras-lhe as pernas, e eu iço-a aqui por cima, pelos braços.

Vincent não tinha escolha. Era agora que ia acontecer, ninguém viria salvá-los. Subiu para o escadote, a parte de cima do tanque era uma boca aberta que ameaçava devorar-lhe a sanidade mental. O espaço era demasiado estreito, demasiado apertado. E o horror não acabaria ali. Maria acreditaria que tinha sido ele a escrever a carta. Benjamin, Rebecka e Aston iriam odiá-lo para sempre. Teriam de mudar de apelido. A imprensa não iria dar ouvidos a Mina quando ela defendesse a sua inocência. Não quando as provas eram tão avassaladoras. Mas a sua família talvez desse. Era a única esperança que lhe restava. Que a sua família o escutasse.

Concentrou-se em Rebecka, Benjamin, Aston e Maria, enquanto subia os últimos degraus do escadote e descia para o tanque. Talvez não o viessem a odiar. Talvez não. Teve de se encolher quando desceu para a caixa de vidro e afastou o cabelo do rosto de Mina. Era difícil, não havia espaço suficiente para poder inclinar-se para a frente. A única forma de chegar a Mina era dobrando os joelhos e mantendo o tronco direito.

— Mina — disse Vincent carinhosamente, e acariciou-lhe o rosto. —

Tens de acordar, tens de me ajudar a tirar-te daqui.

Mina murmurou algo impercetível novamente. Mas que raio de anestésico é que lhe teriam dado? Esperava que não fosse cetamina.

— Acorda, Mina.

Um rangido sob a sua cabeça fê-lo olhar para cima. Kenneth acabara de colocar a tampa do tanque no devido sítio e Vincent ouviu algo metálico chocalhar em cima dela. Uma corrente. Claro. Jane bateu no vidro para lhe chamar a atenção.

— Percebes que não podíamos deixá-la viva, não percebes, mano? Ela podia estragar tudo. — Jane pegou numa caneta e numa folha de papel dobrada. — Vou acrescentar umas frases à carta, a explicar porque é que escolheste morrer com ela. Para te assegurares de que, mesmo depois da morte, ela não vai parar ao reino dos céus dos muçulmanos, ou qualquer coisa assim desse estilo. O mais irónico é que a Mina me salvou a vida. Se não tivesse chamado uma ambulância quando eu tive o colapso nos Alcoólicos Anónimos, não estaríamos aqui hoje. Tens de lhe agradecer por mim.

— Jane!! — gritou Vincent e bateu no vidro com toda a força. — Tu és minha irmã! Tínhamos feito um acordo, a Mina podia viver!

— Tua irmã?! — repetiu Jane e fixou-o com o seu olhar intenso e ardente. — Essa Jane morreu há mais de trinta anos. E o irmão mais novo dela vai morrer hoje.

Vincent bateu na tampa por cima da sua cabeça, mas era completamente inútil. Kenneth desceu do escadote e dirigiu-se para a torneira na parede, de onde saía uma mangueira que serpenteava pelo chão até ao tanque. A mangueira retesou-se quando Kenneth abriu a torneira e, alguns segundos depois, a água começou a acumular-se à volta dos pés de Vincent. Num gesto reflexo, Vincent levantou um dos pés, antes de o seu cérebro

compreender que seria impossível evitar molhar-se. A água, porém, tinha de entrar por algum lado; com um pouco de sorte, poderia pelo menos tapar o buraco. Procurou freneticamente no fundo do tanque, mas não encontrou nada; provavelmente estava escondido atrás de alguma válvula. A caixa de tortura aquática estava bem desenhada.

— Estamos quites, Vincent — disse Jane, do lado de fora do vidro. — Ou vamos estar, daqui a pouco, pelo menos. Vou telefonar à Polícia agora, devem demorar meia hora a chegar aqui de barco, desde Norrtälje. Quando encontrarem o teu corpo e o da Mina, juntamente com a tua confissão tão convicta, tudo terá finalmente acabado. Desculpa-nos se não ficamos a assistir até ao final do espetáculo.

Jane esboçou um sorriso e colou a carta com fita-cola do lado de fora do vidro, à altura do rosto de Vincent, para que a pudesse ver claramente. Depois soltou um longo suspiro, como se se tivesse livrado de um enorme peso, e deixou que Kenneth lhe empurrasse a cadeira para fora da oficina. Se estivessem num filme, Jane teria dito uma frase de despedida inteligente e bem formulada e Vincent teria encontrado uma maneira genial de sair do tanque no último segundo, ou talvez chegasse alguém para partir o vidro, precisamente quando toda a esperança parecesse perdida.

No entanto, nada disso aconteceu.

A única coisa que se ouvia era o borbulhar da água a subir lentamente e a voz de alguém a gritar o nome da sua irmã, enquanto um homem já velho empurrava calmamente uma mulher em cadeira de rodas através de uma porta, para a luz do sol.

A figura de cartão que representava Vincent estava dobrada em dois, era a única forma de fazê-la caber no carro. Quando Christer perguntara a Ruben para que é que ele queria aquilo, este limitara-se a murmurar algo sobre material de prova e continuara a enfiá-la à força no banco traseiro.

Na verdade, Ruben também não sabia muito bem por que motivo queria levar a figura de papelão, tirando o facto de ser uma forma de ter presente a tromba feia de Vincent e isso lhe manter os níveis de adrenalina altíssimos, uma vez que ficava furioso de cada vez que olhava para ela. O que Vincent lhe fizera era imperdoável. Era como se lhe tivesse amarrado os atacadores dos sapatos e lhe tivesse baixado as calças.

Nenhum dos colegas se atrevera a rir-se dele, pelo menos à sua frente, mas Ruben conseguia vê-lo nos seus olhares. O grande Ruben Höök, intrujado por um mentalista amaricado. Olhou em volta para confirmar que ninguém olhava na sua direção e deu um murro violento na cara do cartaz publicitário, antes de fechar a porta traseira do carro. Maldito Vincent. Outra vez.

Foi ter com Christer, que estava parado junto à carrinha da equipa de intervenção, um pouco mais acima na rua.

— Tinhas mesmo de trazer a tropa toda a reboque? — perguntou num tom amargo a Christer. — Amanhã já toda a esquadra vai saber disto.

— Não sabíamos como ia ser a situação no terreno — disse Christer. —

Com a informação que tínhamos, podia perfeitamente ser o Vincent a próxima vítima.

— Mas não percebem que ele nos enganou a todos? Eu disse desde o início que o devíamos ter detido. Se me tivessem dado ouvidos, isto não tinha acontecido. Espero que se lembrem disso quando encontrarem a próxima vítima.

Peder e aquela mulher do departamento de análise, Sara-não-sei-quê, saíram de um carro à paisana. Peder devia ter ido a casa largar as trigémeas nos braços da mulher, bonita maneira de celebrar o aniversário.

A última vez que Ruben se cruzara com Sara, ela tratara-o como se ele fosse invisível. Não fazia a mais pequena ideia porquê, não conseguia recordar-se de alguma vez a ter visto. Fufa, de certeza. Não se admiraria minimamente, as sapatonas não costumavam gostar dele.

— Fazemos alguma ideia de onde é que o Vincent pode estar agora? — perguntou a Peder.

— Não ao certo — respondeu Sara. — Os telemóveis ligam-se sempre à estação de base mais próxima. O Vincent recebeu uma chamada que conseguimos rastrear até uma estação em Gräddö, no arquipélago de Norrtälje; por isso, presumimos que ele deve andar por ali. O problema é que as estações de base no arquipélago cobrem áreas muito maiores do que as daqui da cidade. Se tivesse sido no centro de Estocolmo, até podíamos saber em que rua é que ele estava. Mas agora temos imensas ilhas por onde escolher, pode ser Tjockö, Edsgarn, Lidön...

Ruben olhou fixamente para Sara.

— Lidön? Não pode ser coincidência, estive lá quando investigámos as quintas de criação de martas. Sei exatamente onde é que ele está.

A água já lhe chega aos calcanhares, encharca-lhe as meias e enche-lhe os sapatos. *Não penses nisso. Não penses na água que só demora cinco minutos a encher o tanque de vidro.* O tanque, que tem quatro lados, seis se se contar com o teto e o chão, é demasiado apertado, não pode estar ali dentro e não *pode* estar ali dentro com Mina.

Tem de ajudar Mina.

Quatro e seis são dez, um e zero, homem e mulher, ele e Mina. São os dois uma função matemática do tanque de água, tem de encontrar maneira de os soltar. Cinco minutos para encher. A quinta roda. Cinco dedos em cada mão. Entre dois corpos celestes em órbita existem cinco pontos onde um objeto pode manter-se em equilíbrio perfeito pela gravidade de ambos os corpos, que o puxam para si na mesma medida e, portanto, mantêm-no imóvel. Dois corpos. Ele e Mina. Em equilíbrio perfeito. Enquanto forem dois.

Como Mina está sentada no fundo, a água molha-lhe as calças, as pernas e as costas. Ela franze a testa e murmura algo, mas continua sem abrir os olhos.

— Mina, tens de acordar!

Dobra os joelhos, outra vez sem inclinar o tronco porque o espaço é tão apertado, tenta colocar o braço dela nos seus ombros para a levantar, mas não consegue. Não é possível. O tanque é tão estreito que não cabem os

dois de pé, mesmo que se pressionem um contra o outro. Um deles tem de estar por baixo.

Um deles tem de ser o primeiro a ficar debaixo de água.

Um deles tem de ser o primeiro a morrer.

De repente, Mina inspira fundo e abre os olhos. A expressão é de choque.

— Vincent! Onde é que estamos...? O que é que se passa...? Porque é que...?

Dobra o pescoço para olhar para cima e bate com a nuca no vidro.

— Au! — grita de dor e começa a respirar em arranques.

— Quatro paredes de vidro — murmura ele, sem conseguir controlar-se.

— Um espaço fechado. Quatro cavaleiros do Apocalipse. O quarto é a morte.

O cérebro está em queda livre, os pensamentos ricocheteiam violentamente contra as paredes, tão enclausurados como ele, que só tinha seguido as instruções, só tinha sempre seguido as instruções à letra, a culpa não foi sua, só tinha sete anos...

— Vincent!! — grita Mina e bate-lhe com força na perna. — Pára imediatamente!

— Desculpa — diz ele. — Desculpa-me por tudo.

Jane contempla a extensão de água e as outras ilhas do arquipélago, enquanto Kenneth empurra a cadeira de rodas ao longo do caminho por trás da fábrica. A paisagem naquelas ilhas é linda. Principalmente, hoje.

Sente-se muito agradecida a Kenneth. Não pode dizer que teve uma boa vida, mas, pelo menos no final, Kenneth deu-lhe algum sentido. Não tinha nenhuma obrigação de cuidar dela, mas compreendia-a. Talvez porque ele próprio já estivesse tão perto do fim quando se conheceram. Ajudou-a a fazer justiça, o que é a maior prova de amor que alguém lhe podia ter dado.

Kenneth pára quando chegam ao embarcadouro. Escutam o bater da água contra as estacas de madeira que sustentam a estrutura e uma gaivota que grita às companheiras ao longe. Kenneth pousa a mão no seu ombro e ela acaricia-a suavemente, sem se virar para trás.

— Daqui a pouco, tudo estará terminado — diz ele.

— Eu sei — responde ela. — Obrigada. Sem ti, tudo teria continuado na mesma.

Não precisam de dizer mais nada, ele não precisa de perguntar se ela quer aquilo verdadeiramente, não lhe faz essa pergunta há muito tempo. Já estão para lá de tudo isso. Não que tivessem escolha agora.

Pega num rolo de fita adesiva, enrola-lha em volta da mão esquerda e do punho da cadeira de rodas. Uma volta, e outra, e outra. É importante que a mão fique bem presa. Ela ajuda-o a prender a mão direita quando ele não o consegue fazer sozinho. Só quando termina é que o olha nos olhos. Mas ele não lhe devolve o olhar; já há muito que olha para longe, para muito longe, para onde voou a gaivota.

Começa a empurrá-la pelo molhe. Devagar, primeiro. As tábuas de madeira rangem sob as rodas. Quanto mais avançam, mais ele acelera. Ela agarra-se ao assento para não cair. Quando chegam ao final do molhe, ele não pára, em vez disso, dá um grande salto e deixa a cadeira de rodas continuar pelo ar.

Kvibille, 1982

— Vincent! A abertura secreta parece não estar a funcionar como deve ser.

Empurra a porta oculta que o filho lhe mostrou, mas está presa. Completamente fixa. Ou então é ela que a está a empurrar de um ângulo estranho, não é fácil perceber estando praticamente dobrada ao meio. Aparentemente, é preciso ser-se magro como um pau mas flexível como uma dobradiça para se ser assistente de mágico.

— Vincent! Onde é que te meteste? — volta a chamar.

Tenta empurrar a tampa, mas também está presa. Claro que ele a trancou com aquele cadeado. Vincent tinha dito que ia buscar qualquer coisa, provavelmente é uma surpresa. Claro que deve ser isso. Sabe que a porta afinal não se abre e isto é a ideia dele de uma brincadeira. A qualquer momento, vai voltar para abrir a tampa e apresentar-lhe uma roupa de assistente de mágico que costurou para ela, com lantejoulas nas cores do arco-íris. Ou outra coisa qualquer. Tem de se lembrar de não ralar de maneira severa com ele.

Mas demora muito tempo a voltar, demasiado tempo, tendo em conta a posição incómoda em que está enfiada na caixa. Arrepende-se. Afinal vai ter de ralar a sério com ele. Sem dúvida que esta não foi uma das suas melhores ideias.

Finalmente ouve sons, vozes. Não estão dentro do celeiro, ainda não.

Estão lá fora. Ouve a voz de Vincent, sem dúvida. E não está sozinho. Há mais vozes, vozes de raparigas. Estão a rir-se. Vincent também se ri. Depois, baixam de tom, como se estivessem a planear uma partida.

— Não sejas uma florzinha de estufa, Vincent! — ouve uma delas chamar. — Anda lá!

Depois, as vozes afastam-se outra vez.

— Vincent! — chama ela, batendo com força na parede da caixa à sua frente.

Com bastante mais força, desta vez.

— Já voltaste para mim, Vincent?

Mina olha para ele com ar severo. Vincent limita-se a assentir com a cabeça em resposta, demasiado envergonhado para dizer alguma coisa. Ela tenta levantar-se, é obrigada a pressionar-se contra ele para ter espaço. Consegue fazê-lo com muita dificuldade. A água já lhes chega às coxas e as caixas torácicas estão fortemente pressionadas uma contra a outra, a espremer-lhes o ar dos pulmões. Não consegue olhar para ela, está demasiado perto. Mas sente-a ali. Não só porque estão comprimidos um contra o outro, mas porque ela... está ali. Quatro e seis são dez, um e zero, ele e Mina. Dois corpos em órbita. Um pequeno objeto, um entendimento frágil, em equilíbrio perfeito entre eles. Mas não é isso que ele diz. Afinal, não é tão idiota.

— Nesta posição não nos conseguimos mexer — diz, com esforço. — E assim não conseguimos sair.

— Diz-me que sabes como é que vamos sair daqui — suplica ela, fazendo também um grande esforço para falar.

— Sei como é que vamos sair daqui.

— A sério?!

— Não, não faço a mínima ideia. Só sei que não temos força suficiente para partir o vidro pelo lado de dentro. Isso só funciona na televisão. Temos de encontrar outra maneira.

— Está aqui muita água, Vincent.

— Eu sei. Desculpa.

— Pára de pedir desculpa, pensa mas é numa solução. É nisso que tu és bom. Às vezes.

A água chega-lhes à barriga. Restam-lhes dois minutos, no máximo. Mas ela tem razão. E os pensamentos estão sob controlo outra vez. Ignora a água, ignora o tanque de vidro, tenta pensar.

Ou não, espera. Recua.

O tanque de vidro. Ao contrário de Agnes, de Tuva e de Robert, eles não estão numa caixa feita por amadores. Estão dentro de um objeto de magia para um truque com água construído por um profissional. E esses têm sempre diferentes camadas de segredos. Tom Presto talvez não os tenha revelado todos a Jane. Têm de existir maneiras de sair e também maneiras de... obter ar.

Tubos de respiração.

Um truque de magia com água tem sempre tubos escondidos que conduzem ao exterior e através dos quais o ilusionista pode respirar. Bate a testa com força no vidro em frustração.

— Vincent? — diz Mina e ele ouve a ansiedade na voz dela.

Mas não consegue perdoar-se a si próprio. Devia ter-se lembrado daquilo há muito tempo. A caixa continua a fazer com que o cérebro não funcione como devia. É tão apertada. Dali a pouco mais de um minuto o ar vai acabar e tem de encontrar os tubos rapidamente.

Partindo do princípio de que Jane e Kenneth não os retiraram.

Por um segundo, Jane tem a sensação de estar a voar. Como se não estivesse sujeita à gravidade, ou como se estivesse a cair para cima. Depois, a cadeira de rodas embate na superfície da água com um grande chape. A temperatura gelada corta-lhe a respiração. Sabia que ia estar fria, mas não assim tão fria. Continua agarrada com força ao assento quando começam a afundar-se.

A luz desaparece quase de imediato. A água do mar é escura, não vê nada à sua frente. Não era assim que era suposto ser. Larga o assento, vira-se para trás e procura os braços de Kenneth na escuridão. Ele continua preso com a fita adesiva à cadeira de rodas a afundar-se, não pode responder ao toque dela, que se iça pelo braço dele, para longe da cadeira, até conseguir abraçá-lo. Ele aperta a parte de cima dos braços à volta dela, num abraço incompleto.

Iam enfrentar o fim juntos.

Afundar-se abraçados, na imensidão de azul.

Com dignidade e serenidade.

Mas está escuro como breu e frio e é doloroso.

É tão doloroso.

Cerra os olhos com força contra o frio e puxa os braços de Kenneth, tenta içá-lo para fora da escuridão. Sente-o tentar desesperadamente soltar as mãos da cadeira de rodas, mas estão presas com a fita adesiva.

Uma volta, e outra, e mais outra.

A cadeira continua a puxá-los para o fundo. Parece-lhe. O pânico apodera-se dela quando se apercebe de que já não consegue determinar em que sentido se estão a mover, ou se estão sequer em movimento. A escuridão da água devorou-os. Já nada revela o que é para cima e o que é para baixo.

Kvibille, 1982

— Vincent, Vincent, Vincent — murmura com os lábios pressionados contra a madeira.

Primeiro gritou até ficar rouca, na esperança de que as vozes das crianças regressassem. Mas elas não voltaram. Agora, já só consegue sussurrar. Então, murmura o nome dele, até nem isso conseguir fazer.

O calor dentro da caixa lembra o de uma sauna, o suor deixou-lhe o cabelo encharcado e pinga-lhe da ponta do nariz. Percebe que tem as costas completamente molhadas, apesar de não as conseguir alcançar com as mãos para as sentir.

Se a caixa tivesse sido construída com painéis de contraplacado fino, talvez conseguisse parti-los a pontapé por dentro. Mas Vincent fizera o seu melhor e Allan devia ter-lhe dado material bom da serralharia. E as juntas foram pregadas e coladas.

O ácido láctico queima-lhe as articulações. Se não conseguir esticar as pernas em breve, sente que vai perder completamente o juízo. É uma sensação desumana, ficar sentada naquela posição durante várias horas. Ou seja lá quanto tempo passou. Podem ser dias. Anos.

— Alguém me ajude — sussurra.

Também tentará gritar. Em breve. Assim que tiver recuperado forças.

Vincent inspira profundamente e depois flete os joelhos o máximo que consegue. Passa as mãos ao longo das juntas por baixo de água. Nada no chão. A unha do dedo mindinho arranha qualquer coisa num dos cantos, uns centímetros acima do chão. Está ali. Está ali. Afinal, Jane não o encontrou.

Levanta o tubo com cuidado. Claro que o respiradouro está na parte de baixo, o mágico fica pendurado de pernas para o ar na caixa, pelo que o chão é o que está mais próximo da cabeça. Levanta-se outra vez, cospe e tosse para a água, que agora já chega à boca de Mina.

— Tens a certeza de que não conseguimos partir o vidro? — pergunta ela rapidamente e cospe quando a água tenta entrar-lhe pelos lábios.

A sua voz está prestes a ser tomada pelo desespero. Ele assente com a cabeça e olha para a carta de Jane, a sua última mensagem para o mundo, do lado de fora do vidro. Era capaz de fazer qualquer coisa para o poder partir e rasgar a carta em pequenos pedaços. Não quer que a família passe a odiá-lo.

— Há um tubo de respiração preso lá em baixo — diz-lhe. — Tens de pegar nele.

— Não precisas de te armar em cavaleiro, eu é que sou polícia — diz ela e volta a cuspir água.

— Tu és mais baixa do que eu — diz ele. — Eu devo ter mais meio minuto do que tu aqui em cima para tentar encontrar uma solução. Depois desço. E aí vamos ver qual de nós é o mais forte.

— Ah, ah, ah.

Mina, porém, faz o que ele diz e mergulha até ao tubo precisamente antes de a água lhe alcançar o nariz. O movimento súbito agita a superfície e ele fecha a boca e os olhos com força. Nunca se preocupou em praticar suste a respiração. Claro que poderia partilhar o tubo para respirar com Mina, não fosse o facto de a manobra de trocar de posição com ela dentro da caixa

apertada requerer mais tempo do que o que teriam de ar nos pulmões para o conseguir fazer. E depois teriam de trocar de imediato outra vez. Tenta controlar a respiração.

A água começa a roçar-lhe os lábios, pelo que Vincent fecha a boca com força, inspirando de forma entrecortada pelo nariz. Sente que já não consegue respirar, que já não há oxigénio no tanque. Bate com força na tampa por cima da cabeça. *Tirem-nos daqui, por favor, tirem-nos daqui. Já chega.* O som dos seus punhos contra a tampa metálica ecoa pelo espaço, mas, de resto, reina o silêncio. Não aguenta aquilo. Não aguenta mais. Não pode ser enterrado vivo. Quando a água passa o lábio de cima, bate nas paredes de vidro, em pânico. Não pode ceder ao pânico, senão está tudo perdido, mas não aguenta mais.

Pânico.

Algo ligado ao pânico?

A água chega-lhe às narinas. Vincent dá um impulso para cima e inspira aquilo que crê ser o seu último fôlego. Só lhe resta o tempo que os seus pulmões aguentarem. Alguém lhe puxa a perna das calças. Olha para baixo e Mina aponta para o tubo de respiração, mas ele abana a cabeça. Não há tempo. O corpo já está a explodir. Devia ter treinado sustentar a respiração. A atenção que lhe resta está focada em manter a boca fechada.

Não consegue ver claramente, pisca os olhos dentro de água. Se se deixar distrair, é o fim. O corpo arde-lhe todo, o cérebro quer apagar-se

Pânico...

... pânico...

... *a alavanca de pânico.*

Umberto. O que é que disse Umberto? Pontos de luz começam a aparecer-lhe no campo de visão. Algo sobre uma alavanca. Todo o som

desaparece quando a água lhe cobre as orelhas. Uma alavanca que não existia. Uma alavanca de pânico. Está isolado em água. Cercado. Do outro lado do vidro, uma sala vazia. Ar. Vida. A alavanca não existia porque Tom Presto corria riscos. Pressiona a mão contra o vidro. A salvação está do outro lado. Do seu lado há apenas morte. Mas o Tom Presto que Vincent conheceu não ia brincar com a morte. Pelo contrário. Recusar-se-ia a colocar a sua vida nas mãos de outra pessoa. Já não consegue pensar. O cérebro desliga-se, afunda-se numa escuridão primordial. Golpeia descontroladamente na água, mas os seus movimentos são abafados, falta-lhe a força. Abre os maxilares e o corpo puxa instintivamente a água para os pulmões. O colecionador francês de Umberto enganou-se. Tom teria seguramente tido uma alavanca de pânico. Só que não do lado de fora. Estaria... *do lado de dentro do tanque.*

O equilíbrio perfeito entre dois corpos estilhaça-se em milhões de pedaços quando a órbita é descontinuada.

Não demora muito tempo.

Como uma vertigem momentânea.

O resto é precisamente como adormecer.

O corpo a que Jane se agarra estremece em espasmos violentos. Ela já não quer isto. Quer viver. Não era assim que era suposto ser.

Solta-se de Kenneth e tenta nadar para a superfície. Deixa-o afundar-se no fundo do mar. Sabe que está a uma grande profundidade e que não pode mover as pernas. Só consegue nadar com os braços.

Demora demasiado tempo. Se calhar, nem está a nadar na direção certa. Se calhar, está só a descer cada vez mais. Mas não quer.

Depois de três braçadas, os pulmões explodem-lhe.

Não era assim.

Foi assim.

Kvibille, 1982

Já não sabe quem ela própria é. Só sabe que sente dores insuportáveis há muito tempo. As articulações do corpo gritam em desespero. O calor. A sede. Chupa os dedos ensanguentados para ingerir um pouco de líquido. Há muito que as unhas desapareceram, de as raspar contra a madeira que a mantém prisioneira. Parece-lhe que foi há tanto tempo. Amaldiçoa o mundo e depois pede perdão.

— Vincent. Jane. É melhor assim. Já não vos vou chamar mais. Vocês vão ficar melhor sem mim. Eu sei que sim. Sempre soube.

Não tem a certeza, mas provavelmente não o disse em voz alta.

Depois, não diz mais nada.

Kvibille, 1982

— Foste tu que construístes a caixa?

Uma mulher desconhecida estava à sua frente, com um bloco de notas e uma caneta na mão. Falava num tom ansioso, quase ávido. Não lhe respondeu. De qualquer forma, parecia-lhe que ela já sabia a resposta. Além do mais, não a conhecia. Olhou-lhe para as mãos outra vez. Uma caneta era uma linha. Uma dimensão. Um bloco de notas era um quadrado. Duas dimensões. A caixa que tinha construído era um cubo. Três dimensões. A quarta dimensão era o tempo. Só que naquele momento movia-se fora dele, estava de pé no pátio da quinta há uma eternidade. Ou há um segundo. Alguém tinha falado com ele. Ou talvez não.

Um polícia que pensava já ter visto antes, provavelmente o mesmo que ajudara a mãe quando o carro ficara sem bateria à porta da mercearia, agarrou a mulher pelo braço e afastou-se com ela.

— Deixe o miúdo em paz — disse o polícia. — Ele já nem devia estar aqui, mas a senhora dos serviços sociais está atrasada.

A entrada do celeiro estava vedada com fita policial e a caixa de madeira decorada com estrelas fora levada lá para fora, para o pátio. Ainda bem que a tinha construído com rodas, senão teria sido demasiado pesada para a carregarem. Mas agora não sabia como é que poderia voltar a entrar na oficina, onde guardava todos os seus segredos. Esperava que não comesçassem a mexer neles, senão ia ficar muito triste.

— Trabalho no *Hallandsposten* — reclamou a mulher e puxou o braço para se soltar da mão do polícia. — Os nossos leitores têm o direito de saber.

Olhou para a sua sombra na gravilha. Começava a ficar comprida. Não era mais do que a sua sombra, unidimensional. De lado, não era visível. A mulher inclinou-se para ele.

— Como é que te sentes, agora que já não tens mãe? — perguntou-lhe, com a ponta da caneta pousada no caderno.

Não percebeu como é que ela conseguia vê-lo quando ele estava de lado. E o que é que queria dizer com aquilo, não ter mãe? A mãe estava ali, na cozinha. A mãe estava na maneira como ele lavava os dentes. Somos aquilo que fazemos, dizia sempre a mãe. Ele pode fazê-la sempre que quiser.

— Caramba, agora chega! — disse o polícia à mulher, zangado. — Ou abandona o local do acidente, ou vou detê-la por obstrução do trabalho policial.

A mulher pegou rapidamente numa máquina fotográfica e disparou antes de o polícia ter tempo de reagir. A luz forte do *flash* fê-lo piscar várias vezes os olhos.

— Esqueceste-te de sorrir — disse ela. — Mas não faz mal, as crianças sérias dão boas fotografias. Não havia uma irmã algures por aqui, também? Ela talvez seja mais faladora.

A mulher afastou-se rumo ao extremo oposto da quinta. O polícia parou à frente dele e colocou-lhe as mãos nos ombros. Ficou a tapar o sol.

— Foi um acidente — disse o homem. — Sabes disso, não sabes? Ninguém te culpa pelo que aconteceu. Vai ficar tudo bem. Tu e a tua irmã vão viver com outras famílias, mas o importante é que percebas que ninguém acha que a culpa foi tua, aquilo que aconteceu não foi culpa tua.

— E vamos viver juntos? — perguntou ele, ansioso. — Eu e a Jane?

— Não sei, Vincent. Teria de haver uma família com capacidade para vos acolher aos dois. Por isso, talvez não. Mas de certeza que vão continuar a viver perto um do outro. Estou convencido de que vão poder encontrar-se sempre que quiserem. Isto é só temporário. Compreendo que agora tudo pareça estranho, mas vocês são miúdos espertos e perspicazes. Vão sair disto mais fortes e unidos e vão conseguir ultrapassar o que aconteceu. Afinal de contas, têm-se um ao outro, são uma família. Tudo será perdoado.

Mina estava sentada no fundo da câmara de tortura aquática de Houdini, a tentar acalmar-se. De repente, a água começara a jorrar para fora do tanque. Como se tivesse ficado sem fundo. A água continuava a fluir da mangueira para dentro do tanque, mas escorria para fora ao mesmo ritmo que entrava.

Vincent estava de pé por cima dela, inerte. Tombara com a testa e os joelhos contra o vidro e o tamanho apertado do tanque era o que o mantinha erguido. Mina vira-o agitar-se num pânico selvagem quando ficara sem ar e fora por um triz que não lhe dera um pontapé na cabeça. Em algum desses movimentos desesperados, devia acertado numa alavanca ou num botão e esvaziara o tanque.

Porém, ainda precisavam de sair daquele maldito aquário. Mina não sabia se Vincent estava morto, mas tinha a certeza de que não continuaria vivo por muito mais tempo se ela não conseguisse fazer-lhe as manobras de reanimação rapidamente. Ele dissera que seria impossível partir o vidro por dentro, mas não ia dar-se por vencida. Descalçou um sapato e começou a bater ritmadamente com o salto no vidro. Certificou-se de que acertava precisamente no mesmo ponto a cada golpe. Foram precisos quinze golpes fortes, e Vincent tinha razão, teria sido impossível fazê-lo com o tanque cheio de água. Quando o vidro se estilhaçou, Mina protegeu-se automaticamente com os braços. Vincent caiu para a frente, mas o corpo

dela impediu que aterrasse com o rosto diretamente em cima dos milhares de cacos de vidro.

Mina conseguiu sair do que restava do tanque, arrastou Vincent e deitou-o cuidadosamente numa parte de chão sem pedaços de vidro. Pesava menos do que ela pensara. Ou então ela é que ganhara força.

Olhou para ele. O Mentalista. Fora ela que o envolvera em tudo aquilo, porque Kenneth fizera com que Anna lho sugerisse. Mina engolira o isco sem pestanejar. E depois a irmã de Vincent quase a matara, e agora Vincent talvez estivesse morto. Não iria deixá-lo fazer isso. Disse para si própria que a água provavelmente o limpava de todos os germes e bactérias; levantou-lhe o queixo para lhe abrir as vias respiratórias, inspirou profundamente e encostou a boca à dele.

Vincent continuava demasiado combalido para conseguir ajudá-la. Jazia de costas no chão, ofegante, respirando o ar que lhe faltara dentro do tanque. Mina não fazia a mais pequena ideia de onde Jane e Kenneth estavam ou quando voltariam. Surpreendeu-a que não tivessem ficado para os ver morrer, a ela e a Vincent, mas talvez não precisassem. Estavam convencidos de que tinham alcançado o seu objetivo e isso talvez fosse suficiente. Agora a única questão era se teriam fugido ou se continuavam por perto.

Mina tentou concentrar-se e pensar com clareza. O seu cérebro estava obviamente em modo de fuga urgente e teve de fazer um grande esforço para contrariar o impulso de fugir dali o mais depressa possível. Por um lado, porque não podia simplesmente deixar Vincent para trás, acabara de lhe salvar a vida e, segundo uma filosofia chinesa de que se recordava vagamente, isso queria dizer que agora era responsável por ele. Por outro lado, também podia facilmente dar de caras com Kenneth e Jane assim que abrisse a porta e saísse disparada.

Olhou em redor, lutando contra as náuseas e os vômitos que o fedor adocicado a putrefação que enchia o ar lhe provocava. Tinha de chamar reforços. E isso queria dizer que precisava de encontrar um telefone. Kenneth atirara o dela pela janela da carrinha, estava partido em mil pedaços a vários quilómetros de distância. Provavelmente, também tinham ficado com o de Vincent, mas, se não o tivessem levado com eles, deveria

estar algures por ali. Procurou em cima e à volta da bancada de carpintaria, que era basicamente o único móvel presente, mas não encontrou nada.

— Vincent — chamou, virada para ele.

Vincent continuava deitado de costas, os olhos revirados de tal forma que não se viam as pupilas. Ainda respirava de maneira irregular e parecia lutar para recuperar a consciência.

— Vincent! — insistiu Mina, mais decidida. — Viste o que é que eles fizeram ao teu telemóvel? Não está em cima da bancada e não o encontro em lado nenhum. Achas que o levaram?

Sentiu a esperança desvanecer, claro que tinham levado o telemóvel.

Porém, Vincent levantou muito a custo o braço direito e apontou na direção de um dos cantos da sala, onde havia um enorme contentor de resíduos, daqueles usados para depositar o entulho das obras. Mina nem tinha reparado nele antes, mas um contentor era algo que evocava demasiadas associações a sujidade impossível de ser lavada para que ela quisesse sequer admitir a sua existência. Não obstante, era precisamente para ali que Vincent continuava a apontar.

Contrariada, dirigiu-se para o contentor. Quanto mais se aproximava, mais o cheiro a podre se intensificava. Sentiu o conteúdo do seu estômago subir-lhe pelo esófago, queimar-lhe a garganta e depois voltar a descer. A cada passo que dava, o pânico cercava-a com mais força. Não queria ver o que estava no contentor. Não queria sequer tocar-lhe de raspão. Não queria estar no mesmo espaço físico que aquele contentor.

Virou-se para trás e olhou para Vincent com ar suplicante. Percebeu que ele tentava falar, mas ainda não tinha força suficiente e, em vez disso, levantou a mão novamente e apontou uma terceira vez para o contentor. Porra para aquilo. Porra, merda, foda-se para aquilo tudo!

Subitamente, pareceu-lhe ouvir qualquer coisa no exterior. Ficou

completamente imóvel, tentando ouvir melhor, mas só ouviu silêncio. Ninguém viria salvá-los. Cabia-lhe a ela tirá-los dali.

O contentor era alto, demasiado alto. Nunca conseguiria alcançar o topo sozinha. Olhou de novo em redor, o escadote que estivera encostado ao tanque de água caíra quando ela partira o vidro. Agora estava molhado e escorregadio, além de coberto de estilhaços. Inutilizável. Encostado à parede oposta havia outro escadote. Parecia consideravelmente mais antigo, como se não fosse utilizado há muitos anos, mas ao menos não estava repleto de pedaços de vidro. Dirigiu-se para o velho escadote depois de lançar outro olhar para a porta.

Estava coberto de teias de aranha. E não eram apenas teias, como pôde comprovar logo de seguida, enojada. Também ali viviam aranhas. Um exército de pequenas aranhas que passeavam pelos degraus e se perdiam na intrincada rede de seda. Encontrou alguns centímetros que não estavam cobertos pelos fios brancos e peganhentos e, com horror e repugnância, agarrou essa parte do escadote. Quando o desencostou da parede, descobriu a origem de todas aquelas aranhas minúsculas: uma enorme mãe aranha, gorda e peluda, que estivera agarrada à parte de trás da estrutura de madeira, passeava-se agora sobre a sua mão.

Sem conseguir evitá-lo, soltou um grito de terror. O som ecoou por entre as paredes e Mina sentiu o coração disparar, olhando de imediato para a porta. Teriam ouvido? Será que Jane e Kenneth iam voltar agora, e descobrir que ela e Vincent afinal não tinham morrido dentro do tanque?

Mas nada.

Ninguém.

Silêncio.

Com o coração ainda a bater como o rufar de um tambor, levantou o escadote e levou-o até ao contentor. Estava a sentir comichões por todo o

corpo, do couro cabeludo às pontas dos pés, e teve uma visão do seu corpo coberto por pequenas aranhas bebês, que seguramente poriam ovos debaixo da sua pele ou qualquer outra coisa igualmente repugnante.

Recordou-se de um vídeo do YouTube que Ruben lhe mostrara uma vez, provavelmente para a deixar horrorizada de propósito, de algo chamado *botfly*. Era uma mosca sul-americana que colocava ovos por baixo da pele, que depois eclodiam em larvas. O vídeo mostrava alguém a puxar uma enorme e agitada larva do couro cabeludo de uma pessoa.

Mina estivera a ponto de vomitar, mas não quisera dar essa satisfação a Ruben. Então, controlara-se, tal como fazia agora, com toda a força de vontade que conseguia reunir.

Cuidadosamente, pousou o escadote junto ao contentor e tentou fazer o mínimo barulho possível quando apoiou a madeira contra o metal. Várias das pequenas aranhas tinham acompanhado a mudança da sua casa desde a parede até ao contentor, e corriam agora pela teia danificada, inquietas.

Mas Mina já quase nem pensava nelas. O cheiro nauseabundo tornara-se completamente insuportável, agora que estava tão perto do contentor. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e sentia as narinas arderem. Fosse o que fosse, algo a cheirar daquela maneira só podia estar a contaminar completamente o ar com milhões de bactérias e micro-organismos, que pairavam todos à sua volta, perto dela, em cima dela, *dentro* dela.

Obrigou-se a concentrar-se na tarefa que tinha pela frente, no objetivo que tinha fixado. Quando se virou para olhar para Vincent, viu que ele já conseguira sentar-se e que estava com a cabeça entre as pernas. Após uma série de arranques, o resto da água que engolira no tanque saiu projetada, num vômito para o chão.

Mina sentiu a boca encher-se de ácido novamente. Engoliu em seco, uma e outra vez. Não podia vomitar agora, de outro modo não seria capaz de

fazer o que tinha de fazer. Vomitar era a pior coisa que podia imaginar. Pior do que a mosca *botfly*. Ver com os próprios olhos toda a porcaria que tinha dentro dela, aquilo que passava cada momento da sua existência a tentar reprimir, causava-lhe sempre um ataque de pânico total. Uma vez naquele dia era mais do que suficiente. Em alturas de picos de gripe, borrifava as mãos com álcool três vezes mais do que o costume e, pelo sim, pelo não, engolia dez grãos de pimenta-branca por dia. Claro que aquilo dos grãos de pimenta-branca não tinha qualquer tipo de base científica, mas a mãe sempre o fizera e Mina passara os últimos dez anos sem apanhar uma indigestão sequer.

Subiu três degraus do escadote. O topo da sua cabeça estava agora à altura da borda do contentor, ainda não conseguia ver o que havia no interior, mas o cheiro tornara-se, se possível, ainda mais intenso e pungente. Puxou a gola da camisola sobre o nariz, como uma fraca proteção improvisada. Algumas das pequenas aranhas correram-lhe pelas costas das mãos, mas, em comparação com o cheiro pesado e pútrido, nada podia ser pior e conseguiu ignorá-las.

Subiu mais um degrau.

Mais outro... e espreitou para o interior.

O contentor estava repleto de cadáveres.

Martas.

Milhares de martas mortas, em diferentes estádios de decomposição, a olhar para ela. Moviam-se, e Mina sabia porquê. Os cadáveres estavam cheios de gases, larvas e moscas pegajosas, numa tal quantidade que faziam a carne morta mexer-se. Não conseguiu conter-se, teve de inclinar-se para o lado e deixar os cereais da manhã, que não tinham sido expulsos com o vómito anterior, jorrarem para o chão de cimento.

As lágrimas começaram a escorrer, o seu ritmo cardíaco triplicou, e

sentiu as palmas das mãos encharcadas em suor. O ataque de pânico aproximava-se a alta velocidade, mas Mina sabia que, se fosse assoberbada por aquela sensação nem que por um milissegundo, ficaria paralisada e não conseguiria fazer rigorosamente mais nada.

Virou-se para trás e olhou para Vincent, que lhe pareceu ter estabilizado. Estava sentado a olhar para ela, com um pouco mais de cor no rosto. Talvez já conseguisse levantar-se e andar. Talvez pudessem arriscar sair dali, confiar que Kenneth e Jane tivessem fugido e já se encontrassem bem longe deles.

Mas Mina sabia que não era possível. Ainda levaria bastante tempo até Vincent estar capaz de se mover com alguma rapidez e também não conseguiria oferecer resistência nenhuma se precisassem de se defender.

Tinha de chamar reforços.

Mina precisava do telemóvel.

Colocou um pé na borda do contentor. Tentou não pensar nos corpos de animais decompostos e cheios de gás lá dentro. Recusou-se a pensar nos milhões e milhões de larvas e ovos de moscas e, em vez disso, evocou desesperadamente imagens de arco-íris e unicórnios, prados de flores silvestres e gatinhos amorosos.

E saltou.

Quando a Polícia de Norrtälje chegou, encontraram Mina e Vincent sentados no chão da oficina. Mina tentara lavar-se com a mangueira ligada ao tanque de vidro, mas continuava com coágulos de sangue e pedaços de cadáver dos animais em que nem queria pensar agarrados ao cabelo. Assim que conseguisse encontrar algum objeto afiado, iria cortá-lo todo.

A sua roupa estava a um canto, arruinada para todo o sempre. Mina arrancara-a do corpo enquanto berrava com todas as suas forças. Mas, pelo menos, tinha encontrado o telemóvel de Vincent, pegajoso de sangue. E ainda funcionava. Assim que terminara a chamada, atirara-o com aversão para o chão e afogara-o com a mangueira.

Vincent não fizera nenhum comentário, limitara-se a dar-lhe a sua própria roupa. Ficava-lhe tudo enorme, além de também estar encharcada, mas ao menos as peças estavam livres quer de aranhas quer de larvas e pedaços de cadáveres. Já Vincent ficara de cuecas. Um par da marca *Björn Borg*, com estampado havaiano, como Mina não pôde deixar de notar.

A esquadra de Norrtälje enviara dois agentes, ambas mulheres. Quando viram Mina e Vincent, uma delas virou-se para a porta.

— Precisamos de cobertores! — gritou a alguém que ficara do lado de fora à espera. — Depressa.

— Recebemos uma chamada daqui — disse a outra agente. — E pouco depois, uma segunda chamada da Polícia de Estocolmo.

Agachou-se ao lado de Mina, com ar preocupado.

— Sim, fui eu que telefonei daqui — respondeu Mina, a fungar. — Chegaram depressa.

— Foi você? — perguntou a polícia, surpreendida. — Fiquei com a ideia de que a voz era de alguém bastante mais velho. Seja como for, os colegas de Estocolmo pareceram-me bastante confusos, mas, segundo a pessoa que nos telefonou daqui, é suposto haver dois mortos. Alguma coisa sobre um crime de ódio e um suicídio. Sabem alguma coisa sobre isso?

Mina não sabia o que responder e olhou para Vincent.

— A Jane e o Kenneth telefonaram para a Polícia antes de se irem embora — disse-lhe, em tom de desculpa. — Esqueci-me de te dizer.

Deixaram Estocolmo para trás e seguiram para norte. Depois da saída para o aeroporto de Arlanda, o trânsito diminuiu consideravelmente, como sempre, e agora estavam praticamente sozinhos na autoestrada, mas Julia sabia que voltaria a ficar mais compacto à medida que se aproximassem de Uppsala. Christer telefonara-lhe quando ela se encaminhava de carro para a esquadra e contara-lhe que estavam à procura de Vincent, mas que o caso estava agora sob a jurisdição dos colegas de Norrtälje. Já não era nada com eles, Julia não precisava de vir.

Christer fora bastante insistente em frisar que não fazia a mínima ideia do motivo pelo qual Julia estava em casa, mas que talvez tivesse algo mais importante para fazer naquele dia em particular. Julia telefonara a Torkel e voltara para trás de imediato, agradecida pelo facto de os colegas serem os piores do mundo a guardar segredos.

Apertou a mão de Torkel sobre o volante, e ele devolveu-lhe o gesto carinhoso, sem tirar os olhos da estrada.

— Obrigada — disse Julia. — Por teres paciência para mim. Estas hormonas são do pior.

— Bem, tu é que és a superdetetive — disse Torkel, com um sorriso. — Tiveste uma escolha difícil pela frente hoje e só tenho pena de não ter sido capaz de a tornar mais fácil para ti. Mas quero que saibas uma coisa.

Torkel desviou a atenção da estrada por alguns segundos para a olhar nos olhos.

— Amo-te. E acho que fizeste a escolha certa. Teríamos tido outras oportunidades de fazer um filho, mas que tipo de pai é que eu seria se não te deixasse proteger alguém que já existe, uma pessoa que também é filho de alguém? Desculpa por ter sido tão estúpido.

— Não faz mal — respondeu Julia e pousou a mão sobre a perna de Torkel. — Também já sabemos que eu não te escolhi pela tua inteligência.

Torkel soltou uma gargalhada e Julia riu-se com ele. Com o riso, foi como se uma comporta se abrisse. A tensão acumulada durante os últimos meses, desde que recomeçara o tratamento hormonal, finalmente deixou o seu corpo. E Torkel pareceu sentir a mesma coisa. Estavam a caminho de algo novo. Juntos.

Julia abriu a janela do carro, apesar do frio de outono já começar a fazer-se sentir. O vento bateu-lhe na cara e agitou-lhe o cabelo, divertido, brincalhão. Sorriu e fechou os olhos. O vento estava cheio de vida.

OUTUBRO

Vincent não aparecera para a conferência de imprensa. Mina compreendia-o. A comunicação social atirara-se às notícias da sua ligação aos homicídios com o mesmo frenesim de um cardume de piranhas a uma vaca morta num rio. O melhor era realmente manter-se à margem.

Julia subiu para o estrado. Uma parte da informação já era do conhecimento público, a comunicação social misturara fragmentos de verdade descontextualizada com aquilo que alguns jornalistas achavam por bem inventar, com base na sua própria imaginação. Era aquilo a que gostavam de chamar «cenários prováveis».

O burburinho diminuiu lentamente e todos os olhares se voltaram expectantes para Julia. Mina ficou no canto da sala, escondida atrás de uma cortina. Também o nome dela andara a rodopiar pela imprensa, não conseguia perceber onde é que tinham encontrado aquelas imagens. Sempre fora cuidadosa em manter-se longe dos holofotes públicos, e nem sequer em privado gostava de encarar uma câmara. Ainda assim, tinham conseguido desenterrar uma velha fotografia a preto-e-branco, onde estava com um ar terrível. Tirada durante alguma chamada de emergência, sem que ela sequer se tivesse apercebido da presença de um fotógrafo.

— Ainda não localizámos os autores dos homicídios, mas já os identificámos. Trata-se de Jane Boman e Kenneth Bengtsson. Como a

imprensa constatou, a Jane é irmã do Vincent Walder, o conhecido mentalista.

— Há quanto tempo é que o Vincent sabia que um dos criminosos era a irmã?

Foi um dos jornalistas mais impulsivos do jornal *Expressen* quem interrompeu Julia com a pergunta.

— Peço-vos a gentileza de levantarem a mão e esperarem que vos seja dada a palavra — indicou Julia severamente. — Senão vai ser um caos aqui dentro.

Só então Mina reparou que o chefe da Polícia de Estocolmo, o pai de Julia, se encontrava no fundo da sala, a observar a filha no pódio. Pareceu-lhe estar orgulhoso. Mina sabia que a criação do grupo dirigido por Julia era uma situação complicada para ele, e que a filha, por causa dessa relação familiar próxima com o chefe da Polícia, era sempre obrigada a trabalhar duas vezes mais do que os outros. Por esse motivo, o seu visível orgulho deixou Mina ainda mais contente. Julia merecia-o.

— Mas, para responder à sua questão — continuou Julia —, o Vincent só soube do envolvimento da irmã quando ele e a nossa colega Mina Dabiri foram feitos reféns.

— E porquê? Qual era o motivo?

O mesmo repórter outra vez, e de novo sem levantar o braço antes de fazer a pergunta. Mina viu que a paciência de Julia estava prestes a esgotar-se.

— *Agradeço* que levantem a mão. Posso confirmar que a motivação dos crimes está relacionada com o acontecimento com que os jornais nos têm massacrado nos últimos dias. Estou a referir-me ao acidente que ocorreu na infância do Vincent e da Jane. A mãe deles, Gabriella Boman, morreu em circunstâncias trágicas e, por diversos motivos, a Jane considerou o Vincent

responsável quer pelo acidente em si quer pela forma como a sua vida se desenrolou depois da morte da mãe.

Outro jornalista agitou o braço no ar.

— E porquê o tema do ilusionismo? Não vos parece desnecessariamente complicado?

— O que querem que diga? Na minha experiência, os homicidas nem sempre são particularmente racionais no que diz respeito à forma de atuar. E como já disse, tanto o motivo dos homicídios como a forma como foram cometidos estão relacionados com as circunstâncias da morte de Gabriella Boman.

— A morte do Daniel Bargabriel está ligada a isto de alguma forma?

— A morte do Daniel não está relacionada com este caso, exceto pelo facto de ele conhecer duas das vítimas. No entanto, posso dizer-vos que hoje detivemos todos os perpetradores que acreditamos estarem envolvidos no assassinato do Daniel e que as provas contra eles são muito convincentes, segundo a procuradoria.

Mina sentiu uma pontada de tristeza pelo jovem que tinha morrido como resultado da sede de vingança de Jane, embora não tivesse sido Jane a matá-lo. Uma morte terrivelmente desnecessária. Mina esperava que o partido Futuro da Suécia sofresse graves consequências com aquele escândalo e que se afundassem como uma pedra no mar nas próximas eleições. No entanto, também percebeu que era provavelmente uma esperança vã.

Julia continuou a ser atacada por perguntas em tom acalorado. Mina afastou-se lentamente, até a voz de Julia, a que tinha todas as respostas, ser apenas um barulho de fundo.

O chocalhar da ração a cair na tigela metálica fez com que *Bosse* aparecesse a correr e se pusesse a comer com os modos de um pequeno tremor de terra.

— Pois é, amigo — disse Christer.

Apoiou-se no canto da mesa para conseguir sentar-se no chão. Não o fez com total agilidade, mas com mais agilidade do que de costume. As caminhadas com *Bosse* estavam claramente a produzir resultados. Encostou-se às gavetas de cozinha e acariciou o pelo do cão. Aquele Harry Bosch não sabia o que perdia.

— Os teus donos parecem ter desaparecido sem deixar rasto — explicou Christer ao cão. — Não estão em lado nenhum da ilha e ninguém viu nenhum barco a sair de lá. Não há hipótese nenhuma de terem apanhado o *ferry*, é um mistério completo. A Polícia de Norrtälje anda a fazer buscas submarinas, claro, mas acho que não vão encontrar nada. As águas são demasiado profundas ali.

Bosse parou de comer e olhou para Christer com ar confuso. Devia ter percebido pelo tom de voz que algo estava diferente.

— Percebo que fiques triste — disse Christer e coçou-o atrás das orelhas. — Mas pensei que podíamos ir fazer uma longa caminhada quando acabares de comer e depois compramos uma daquelas bolas que guincham e que tu gostas de roer. Uma com brilhantes. Acho que eles não vão voltar, percebes? Acho que a partir de agora somos só nós os dois.

Bosse soltou um latido rápido antes de lambe o rosto de *Christer*, desde o queixo até à testa, com um hálito forte a ração. Não era nada mau ter um pouco de companhia, afinal. Sem saber muito bem porquê, os seus pensamentos dirigiram-se para a sua juventude pela enésima vez. De volta a *Lasse*. Na verdade, era escandaloso que não fizesse a mínima ideia do que acontecera a *Lasse* desde essa altura. Uma pessoa que em tempos conhecera tão bem e que desde então vivera uma vida inteira com experiências e vivências das quais *Christer* nada sabia. Quase sentiu ciúmes. Sem saber realmente de quem. Porém, não era tarde demais para mudar a situação; apesar de tudo, era polícia. Além disso, também havia redes sociais, não podia ser particularmente difícil descobrir o que *Lasse* andava a fazer por estes dias.

Ali sentado no chão, com os dedos metidos no pelo de *Bosse*, sentiu algo mover-se profundamente no seu corpo. Uma sensação de início leve, que nem tinha a certeza de estar realmente lá, mas que, à medida que foi crescendo, o deixou cada vez mais convencido. Era uma sensação totalmente nova, algo que nunca sentira antes. Não tinha a certeza, mas pensou que poderia ser algo chamado felicidade.

Milda deixou-se ficar sentada à mesa de jantar. Como de costume, Vera e Conrad tinham acabado de comer a uma velocidade recorde. Depois, Vera sentara-se à frente da *PlayStation*, enquanto Conrad fora buscar os trabalhos de casa. Agora estava sentado à frente de Milda, imerso num livro de ciências sociais e a tomar notas diligentemente no computador.

O seu querido Conrad. Tinha sido um verão difícil para ele, mas o centro de reabilitação parecia ter tido um efeito quase mágico sobre o filho. Desde que regressara, tinha não só deixado os maus hábitos de outrora, como também parecia ter uma nova atitude em relação à vida e à escola. Até Vera comentara que Conrad parecia muito mais contente. E agora até estava sentado a fazer trabalhos da escola por iniciativa própria.

Claro que Milda sabia que não podia ter grandes expectativas. Já acreditara na recuperação definitiva de Conrad noutras ocasiões, só para o ver recair ao fim de alguns meses. Mas agora parecia-lhe... diferente. Não se atrevia a pensá-lo, sabia que não devia, mas, desta vez, talvez pudesse ser permanente. Todos mereciam que assim fosse.

Especialmente agora.

Não precisava de ir buscar a carta de Adi para se recordar do que lá estava escrito. Na verdade, não tinha sido enviada pelo irmão, mas sim pelo seu advogado. Milda bufou, provavelmente outro amigalhaço que conheceu através de um dos seus negócios duvidosos, ou talvez até na prisão. Advogado, sim, claro. Ao contrário de Conrad, Adi não mudara em nada.

Continuava na mesma linha, sendo que o dinheiro era a única coisa importante.

E dinheiro era precisamente o problema. Ela e Adi tinham os dois herdado a casa onde Milda vivia. Adi, num gesto incaracterístico de generosidade, deixara-a ficar lá a viver com Vera e Conrad, quando o inútil pai das crianças se mostrara incapaz de cumprir as suas obrigações. No entanto, Milda sabia que a generosidade não era autêntica, Adi estava de olho na casa do avô Mykolas, em Enskede, que não só era maior, mas também estava mais bem localizada. Quando o avô morresse, iria alegar que tinha direito único à casa, uma vez que doara a sua metade da casa dos pais a Milda e aos filhos.

Porém, a falsa generosidade do irmão parecia ter chegado ao fim. E Milda não podia recriminá-lo, Adi tinha a lei do seu lado. Só que fora tão repentino, tinha pensado que poderiam conversar sobre o assunto primeiro, mas Adi, por meio daquele advogado, limitara-se a informá-la de que, se quisesse continuar a morar onde estava, teria de comprar a metade dele. Caso contrário, a casa seria vendida. Ou, então, podia renunciar à sua parte da futura herança do avô. Tinha um mês para lhe pagar.

Vender estava fora de questão, o dinheiro nunca seria suficiente para outra habitação razoável e não podia sujeitar os filhos a isso. Mais a mais, nunca conseguiria um empréstimo bancário suficiente para pagar a parte de Adi, não no estado atual das suas finanças. Os custos do tratamento de reabilitação de Conrad na clínica privada tinham sido muito elevados.

Ao mesmo tempo, não havia outra forma de conseguir o dinheiro, a menos que assaltasse um banco. Olhou para Conrad, a cabeça enterrada no livro da escola. Um mês. Depois, estariam na rua. Milda e a sua família precisavam de um milagre.

Ruben hesitou. Estava tão longe da sua zona de conforto que devia ter sido preciso passaporte e vacinas internacionais para ali chegar. Por momentos, ponderou desistir. Afinal, tinha uma boa vida. Não tinha?

Sim, até achava que sim. Um trabalho que não lhe exigia mais do que aquilo que ele estava disposto a dar, principalmente agora, que o novo grupo se tinha provado competente e ia poder continuar. Fazendo parte da equipa, não era obrigado a trabalhar sob as mesmas restrições que antes o irritavam tanto. E, como era solteiro, tinha a liberdade de fazer o que lhe apetecia. Não tinha crianças para ir buscar ao infantário logo depois do almoço, nem tinha de se preocupar com baixas para apoio à família na época de gripe. Ruben bufou, baixa para apoio à família, que invenção mais ridícula. Peder teria de se despedir assim que as trigémeas aprendessem a andar.

Ruben tinha tudo. Uma cidade cheia de miúdas disponíveis e à procura de sexo, era como ter uma garagem aberta vinte e quatro horas por dia dedicada inteiramente ao serviço do seu pénis. E ninguém estragava tudo ficando mais tempo que o necessário.

Ninguém se queixava da louça por lavar e da limpeza da casa, ninguém lhe exigia flores no dia dos namorados.

Ninguém com quem jantar à frente da televisão, ninguém a quem adormecer abraçado, ninguém com cabelos claros que cheirava sempre a

flores e que no verão ficava com a pele cheia de pequeninas sardas por todo o lado.

Ninguém como...

Ninguém como Ellinor.

Ruben pegou rapidamente no pedaço de papel onde tinha apontado o contacto e marcou o número no telemóvel antes que se arrependesse. Inspirou profundamente.

— Boa tarde, o meu nome é Ruben Höök. Queria fazer uma marcação para uma primeira sessão.

Anette olhou para ele com uma expressão que Peder não via há muito tempo e este presumiu automaticamente que ela estava a gozar. Só quando ela começou a desabotoar-lhe a camisa percebeu que era a sério.

— Já reparaste que as trigémeas estão a dormir? — disse Anette, baixinho. — As três, ao mesmo tempo.

Peder esticou-se para alcançar o comando que estava em cima da mesa de centro e desligou a televisão, antes de se afundar novamente no sofá. Anette enfiou-lhe a mão dentro da camisa e começou a acariciar-lhe o peito.

— Pois é, tens razão — disse Peder e escutou o silêncio. — Estão mesmo as três a dormir. Devíamos ir comprar uma raspadinha ou assim, isto é um milagre!

— Ou então dedicamos este tempo a fazer outra coisa — segredou-lhe Anette ao ouvido.

Levantou-se do sofá e estendeu a mão para o marido. Peder agarrou-a e deixou Anette conduzi-lo até ao quarto.

— Tens a certeza? — perguntou-lhe quando ela continuou a despi-lo.

Primeiro, Anette não respondeu. Quando Peder já estava só de cuecas, Anette enfiou-se na cama. Ao fim de alguns segundos a ajeitar-se debaixo do edredão, despiu a camisola e as calças e atirou-as na direção dele. Depois, deu umas palmadinhas na almofada ao lado.

— Tenho a certeza absoluta — respondeu. — Se nos deitarmos agora, ainda devemos conseguir dormir meia hora antes de elas acordarem.

Peder olhou para a almofada e depois para a mulher. Não pensou na sua palidez, não pensou nas suas olheiras. Só pensou no quanto a amava. Adormeceu ainda antes de a cabeça atingir a almofada.

A pequena imagem de Nathalie movia-se lentamente no mapa no ecrã do telemóvel. Mina tirara uma fotografia com o telemóvel à fotografia que tinha emoldurada em cima da sua secretária, para a utilizar como ícone. A imagem já não tinha grandes semelhanças com a aparência da rapariga hoje em dia, mas era o retrato mais recente que possuía. Sentira-se tentada, por várias vezes, a fotografar Nathalie à distância, mas o instinto de autopreservação prevalecera. Nem se atrevia a pensar no que poderia acontecer se fosse apanhada.

Mina só decidira colocar um transmissor de GPS na mochila de Nathalie naquele momento, por impulso, quando tinham bebido café juntas, no jardim de Kungsträdgården. Fora a primeira vez em muitos anos que estivera tão perto da rapariga e não sabia quando isso poderia voltar a acontecer.

Primeiro pensara que os homens que vigiavam Nathalie tinham visto o que ela fizera. Quando apareceram para a vir buscar, Mina quase fizera chichi nas calças de medo. Literalmente. Porém, se tivessem descoberto o transmissor, as ameaças que recebera na chamada telefónica teriam sido muito piores. Teria provavelmente sido a última vez que via Nathalie.

Por outro lado, isso queria agora dizer que não se atreveria a aproximar-se de Nathalie durante algum tempo. Não podia ir para a estação do metropolitano em Blåsut e vê-la ir para a escola. Não podia ficar à porta do

prédio de Östermalm, ou seguir-lhe os movimentos pela cidade. Teria de passar algum tempo até Mina poder vê-la em pessoa outra vez.

Mas não fazia mal.

Tinha a rapariga à sua frente, na palma da mão.

Graças à aplicação, podia ver exatamente onde Nathalie se encontrava, fantasiar sobre o que estava a fazer e com quem. O pequeno retrato imobilizara-se e o mapa indicava que se encontrava em Östermalm, o que provavelmente significava que Nathalie estava em casa. Se Mina aproximasse ainda mais a imagem, até poderia ver a morada, mas já a conhecia.

E não queria espiá-la, obviamente. Natti tinha direito à sua privacidade. Mas planeava dar uma olhadela de vez em quando. Confirmar que estava tudo bem. Que os homens com os óculos de sol tomavam bem conta dela.

— Olá, meu amor — disse e acariciou o ecrã com as pontas dos dedos.

— Vou garantir que não te acontece nada.

Vincent retirou a chávena *Passarinha Cintilante* do armário, encheu um filtro com folhas avulsas de chá e despejou-lhe a água do fervedor. Depois colocou a chávena fumegante na mesa da cozinha, à frente da mulher.

— Aqui tens, amor — disse. — Estás com ar de quem precisa.

— É chá verde? — perguntou Maria.

Vincent hesitou um segundo.

— Não — acabou por admitir. — É *chai*.

— Graças a deus — disse Maria e soprou para a chávena. — Estou tão farta daquela água de lavar pés. Acho que até me faz dores de barriga.

Pouco depois, o jantar estava na mesa, frango *stroganoff* com chouriço picante, arroz integral, salada e *chips* de couve frisada. Aquelas folhas de couve frita não combinavam de todo com o resto da comida, mas Vincent sabia que Benjamin as adorava. Quando pousou a frigideira na mesa, fingiu deixar pingar molho em cima do telemóvel de Rebecka.

— *Tão* ridículo — disse a filha e desviou o telemóvel meio centímetro.

Depois levantou os olhos do ecrã e riu-se.

— A sério, é uma sorte não termos vizinhos por perto. Se os meus amigos te tivessem visto chegar a casa num carro da Polícia, completamente encharcado ainda por cima, eu tinha morrido de vergonha! Às vezes fico preocupada contigo, pai.

Vincent sorriu.

— Sim, fui um bocado desajeitado. Da próxima vez, não vou andar tão

perto da borda do cais.

Maria olhou para ele sobre a borda da chávena com ar inquiridor. Vincent não tinha falado muito sobre a investigação em casa, mas ninguém na família escapara aos títulos dos jornais. Porém, Maria não disse nada. Em vez disso, pousou a chávena de chá quente e serviu-se da comida.

— O que dizes, querida? — perguntou Vincent. — Vamos convidar os teus pais para virem cá na próxima semana? Tenho um presente de aniversário atrasado para o teu pai.

Maria engasgou-se e tapou a boca com o guardanapo para não cuspir o *stroganoff*.

— Bateste com a cabeça nalgum lado? — perguntou-lhe entre tossidelas. Mas Vincent viu que estava a sorrir por detrás do guardanapo.

Deixou o olhar percorrer a mesa, contemplando a sua família. Rebecka comia com uma das mãos enquanto segurava o telemóvel na outra. As suas capacidades de *multitasking* eram realmente impressionantes, isto é, optando por vê-lo dessa perspetiva. Como de costume, Aston estava a contar os pedaços de comida que tinha no prato, que Maria, apesar de já saber, tinha cortado para ele. Vincent sabia perfeitamente de quem aquele hábito de contar tudo vinha, dificilmente poderia repreender o filho. Benjamin comia olhando para o vazio. Estava na idade em que as raparigas — ou os rapazes — deviam ser o seu foco principal, mas Vincent sabia que ele estava provavelmente a pensar na solução de alguma equação matemática. Talvez uma que tivesse encontrado no YouTube. Esperava que contivesse menos mortes, desta vez.

— Mamã, adoro-te — disse Aston, subitamente.

— E a mamã também te adora — respondeu Maria com um sorriso.

— Mas também te adoro a ti, papá — acrescentou Aston, com um olhar sério para Vincent.

— Então, agora és detetive privado ou algo do género? — perguntou Benjamin, que parecia ter voltado a aterrar na realidade.

— Não debes acreditar em tudo o que lês nos *sites* noticiosos — respondeu Vincent rapidamente.

— Mas a sério, ela era mesmo tua irmã? — quis Rebecka saber. — Eu nem sequer sabia que tinha uma tia paterna.

Vincent abanou a cabeça e limpou a boca com o guardanapo.

— Aqueles assassinatos não tinham que ver comigo — respondeu. — Tinham que ver com pessoas que já não existem há muito tempo.

— Então, quanto tempo é que nós vamos existir? — perguntou Aston, preocupado.

Vincent não conseguiu conter-se e despenteou o cabelo do filho mais novo, mesmo sabendo que Aston não gostava nada daquilo.

— Esta família vai existir enquanto nós quisermos — respondeu-lhe. — Para o bem e para o mal.

Julia juntou os papéis que tinha na secretária à sua frente e guardou-os numa pasta. Quando se levantou, Mina e Vincent fizeram o mesmo.

— Obrigada por teres vindo uma última vez — disse Julia e apertou a mão de Vincent. — É bom poder terminar a nossa colaboração de uma forma um pouco mais formal, sem a presença da imprensa. Mas agora prometo que vais poder ver-te livre de nós.

Vincent riu-se, mas Mina não achou que parecesse muito alegre.

— Podes deixar o teu cartão de acesso comigo — acrescentou Julia e estendeu-lhe novamente a mão.

— Sim, claro — disse Vincent e entregou-lhe o cartão. — Obrigado por tudo. Foi uma experiência... vertiginosa.

— Eu vou com ele lá abaixo — anunciou Mina. — Para lhe abrir as cancelas.

Deixaram o gabinete de Julia e seguiram pelo corredor, em silêncio, lado a lado. Mina não queria ser a primeira a dizer alguma coisa, não fazia a mínima ideia de como eram estas coisas. Além disso, não podia garantir que a sua voz não fosse tremer.

— Bom, então é isto — acabou Vincent por dizer.

— Pois, é isto — repetiu Mina. Hesitou um pouco, mas depois acrescentou. — A Jane tinha razão. Sobre eu ser cobarde.

— Tu não és cobarde.

— Olha... como é que soubeste? Dos comprimidos? — perguntou e

olhou de lado para Vincent. — Foi alguma coisa na minha linguagem corporal ou outro sinal qualquer, que conseguiste detetar?

Vincent esfregou o nariz.

— Arrastas um bocado o pé direito quando andas, e levantas ligeiramente o ombro esquerdo para equilibrar. Também piscas os olhos o dobro das vezes de uma pessoa normal. São sinais clássicos de danos neurológicos provocados por abuso de psicofármacos.

Mina parou subitamente.

— O quê?! A sério??

Chocada, olhou para o pé direito. Vincent começou a rir-se.

— Não, estou a brincar. Não te preocupes. Foi porque em tua casa vi as medalhas dos Alcoólicos Anónimos. Claro que não sabia se se tratava realmente de comprimidos, mas álcool não me pareceu ser a tua cara, dada a quantidade de *Coca-Cola* que já te vi beber. A não ser que fosse o álcool-gel, sei que podem ir até aos oitenta e cinco por cento. Não andas a beber isso, pois não?

— Oh, não sejas parvo.

Mina deu-lhe uma pancada ao de leve no braço e ficaram novamente em silêncio. Foram pelas escadas até ao piso da entrada principal e Mina usou o seu cartão de acesso para deixar Vincent passar pelo torniquete e sair para a zona da receção.

A saída da esquadra estava apenas a alguns metros de distância, do outro lado da receção. Faltavam só alguns metros para tudo terminar. Vincent parou repentinamente e olhou para ela.

— Perdoa-me, Mina — disse-lhe. — Pelo que a minha irmã te fez. Não consigo dormir desde então, sempre que fecho os olhos vejo-te fechada naquele tanque de água. E foi tudo por culpa minha. Tenho andado a pensar

numa maneira de te compensar pelo sofrimento, mas nada me parece suficiente.

E esboçou um sorriso.

— Mas o cabelo curto fica-te muito bem.

Mina passou a mão pelo novo corte de cabelo sem conseguir reprimir o movimento a tempo e depois esfregou os dedos nas calças, como se tivessem ficado infetados. O cabelo continuava a ser uma zona contaminada, na sua mente, por mais vezes que já o tivesse lavado desde a experiência no contentor.

— Pois, ter-me-ias poupado muita ansiedade, e um corte de cabelo, se tivesses mencionado o pequeno detalhe de que a Polícia já estava a caminho...

Olhou fixamente para ele, mas sem conseguir que os seus olhos expressassem qualquer tipo de raiva verdadeira. Vincent esboçou um sorriso envergonhado e abriu os braços num gesto inocente.

— Quero dizer, eu estava praticamente inconsciente — disse. — E acho que nunca pensei que fosses saltar para dentro daquele contentor nojento. Desculpa. Mas, como disse, o cabelo fica-te bem assim.

Mina lançou-lhe um último olhar, mas já decidida a largar o assunto. O passado era para esquecer e, na verdade, estava bastante satisfeita com a sua nova imagem. Pensou no que Vincent dissera sobre a irmã e abanou a cabeça.

— Estamos aqui agora — disse-lhe. — Sobrevivemos os dois, eles não. E não vão poder matar mais pessoas inocentes.

Vincent assentiu com a cabeça, sem responder. Depois, lançou um olhar para a saída.

— Nisso tens razão. E, como a Julia disse, agora podem ver-se livres de mim.

Vincent estendeu a mão em despedida. Era a última coisa que Mina queria. Depois de tudo o que tinham vivido juntos, não podiam separar-se com um miserável aperto de mão. Mina entregara uma parte de si a Vincent, ele era provavelmente a única pessoa que sabia quem ela realmente era. Nessas histórias, as pessoas não davam apertos de mão. Nessas histórias, as pessoas ficavam ligadas para sempre.

E, ao mesmo tempo...

Não eram protagonistas de nenhum drama romântico e ela não tinha quinze anos. Encontravam-se no átrio da recepção da sede da Polícia em Kungsholmen, numa quarta-feira normal de outubro, e ela estava em serviço. Quando Vincent se fosse embora, Mina regressaria ao seu gabinete para ler os *e-mails* na caixa de entrada, há muito negligenciada.

Não estava ligada a ninguém.

— Tal qual. Como a Julia disse — respondeu e deu-lhe a mão.

Não sabia dizer quanto tempo ficaram de mãos dadas. Dez minutos, um ano, meio segundo.

Depois, Vincent quebrou o gesto e virou-se para a saída.

Mina dirigiu-se para as cancelas.

— Espera, Mina — ouviu Vincent chamar subitamente e viu-o correr para ela com a mão no bolso do casaco. — Toma, é para ti!

Estendeu-lhe um pacote fechado de palhinhas descartáveis. Mina sorriu ao aceitá-lo, mas teve de fazer um esforço para conter as lágrimas. Depois, procurou no seu próprio bolso.

— Para ti — disse e atirou-lhe o cubo mágico. — Tem cuidado com ele, as peças estão meio soltas.

Vincent sorriu de volta quando os seus olhares se cruzaram.

De seguida, virou-se e saiu pelas portas automáticas com o brinquedo colorido na mão.

Mina sentiu um breve impulso de pegar no álcool e limpar as mãos. Mas conteve-se.

AGRADECIMENTOS

Para escrever um livro destes não basta uma pessoa. Nem sequer duas pessoas. Tivemos a sorte de ter gente extremamente conhecedora à nossa volta, que garantiu que não cometíamos erros demasiado grandes no que diz respeito à parte técnica da história. Algumas dessas pessoas merecem um aplauso de gratidão extraordinário.

A doutora Kelda Stagg, médica forense da Autoridade Policial de Estocolmo, que nos afastou das nossas ideias preconcebidas sobre medicina legal e sobre como os corpos encontrados são tratados numa investigação criminal. Em vez disso, aprendemos uma imensidão de coisas, desde quem é que pode assistir a uma autópsia até aos usos do fluido ocular.

Também recebemos uma imensa ajuda de Teresa Maric, especialista de operações da Unidade de Investigação do Departamento Nacional de Operações, que nos explicou o rastreamento telefónico e a análise de informação com um nível de detalhes tão fascinante que poderíamos ter escrito um livro inteiro apenas sobre isso. Todas as descrições corretas destas áreas policiais são mérito da Kelda e da Teresa, todas as imprecisões são nossas.

No que diz respeito à história dos espetáculos de magia e à construção de adereços para truques de ilusionismo, fazemos uma vénia profunda ao conhecimento e mestria que o inventor e construtor Andreas Sebring partilhou connosco generosamente. Andreas é o Sains Bergander da vida

real, a ponto de a oficina referida no livro ser uma descrição da oficina de Andreas.

O ilusionista e mestre escapista Andreas Sebring também merece um agradecimento especial por uma importante conversa, na qual nos explicou como sair de objetos fechados de que não se devia conseguir sair.

*

Embora tenhamos tentado ser o mais fiéis possível à realidade, também tomámos certas liberdades criativas enquanto autores, para que a narrativa fluísse melhor. Por exemplo, transportámos a quinta de criação de martas de Lidön quer no tempo quer no espaço. A quinta está desativada há muito tempo e também não ficava junto à água. E as varandas do Teatro de Gävle são, na verdade, seis, e não oito. Há outros exemplos semelhantes no livro, em que lidamos com os factos de uma maneira mais superficial. Mas, se descrevêssemos a realidade tal como ela é a todos os níveis, este livro teria sido muito mais longo — e bastante mais aborrecido.

O maior ramo de flores imaginário do mundo vai para a nossa fantástica equipa da editora Bokförlaget Forum: a nossa editora Ebba Östberg, o argumentista John Häggblom e a revisora Kerstin Ödeen. Já rimos e chorámos juntos de frustração, mas eles nunca desistiram, nem sequer quando nós próprios estávamos prestes a isso. Sem a dedicação de toda a equipa da Forum a este livro, ele não teria sido nem metade do que é hoje.

Copiosas vénias de agradecimento também ao Joakim Hansson, a Anna Frankl, a Signe Lundgren e toda a equipa da Nordin Agency, bem como a Lili Assefa e toda a equipa da Assefa Kommunikation, que desde cedo acreditaram nesta série de livros e que, de uma forma quase mágica, conseguiram convencer o mundo inteiro da mesma coisa. Não sabemos bem

como é que conseguiram fazê-lo, mas estamos pasmados e sem palavras. E achamos que pode ter tido que ver com espadas de ninjas.

Agradecimento pessoal da Camilla:

Como escritora, sei muito bem que é completamente impossível escrever livros sem um enorme apoio da família. O meu fantástico marido, Simon, é o melhor companheiro que qualquer pessoa podia desejar e, em particular, uma escritora. Também conto sempre com o apoio incondicional dos meus filhos, dos meus amigos e da minha restante família. Obrigada pelos vossos gritos de alento, que me impulsionam sempre a cruzar a linha da meta.

Agradecimento pessoal do Henrik:

Obrigado, Linda, minha amada esposa, por todos os teus inestimáveis comentários sobre o manuscrito, quando o livro estava no seu pior momento, por teres aturado a minha conversa incessante sobre o Vincent e a Mina durante dois anos sem me matares, mas, acima de tudo, por nunca perderes a confiança em mim e teres paciência para mim mesmo quando eu não mereço. Obrigado também aos meus filhos Sebastian, Nemo e Milo. Se não fosse por vocês, nada daquilo que eu faço teria qualquer sentido.

Por último, queremos agradecer-vos a todos vocês, os nossos leitores, que deram uma oportunidade a esta série de livros. Adoramos-vos a todos. E esperamos que, depois de lerem esta primeira parte, estejam tão ansiosos como nós por encontrar a Mina e o Vincent outra vez.

Sobre este livro

Atreva-se a descobrir a verdade

Quando uma mulher é encontrada morta numa caixa de madeira, com o corpo perfurado por espadas, a polícia de Estocolmo fica perplexa: é difícil saber se é um truque de magia que acabou em tragédia ou um ritual macabro de assassinato.

As investigações são confiadas a uma equipa especial: um grupo heterogéneo de agentes selecionados — e alérgicos a procedimentos institucionais —, entre os quais se destaca, pela sua competência como investigadora, Mina Dabiri. É a própria Mina que sugere envolver neste caso o famoso mentalista Vincent Walder, profundo conhecedor da linguagem corporal e do mundo do ilusionismo. Juntos, partem na caça ao assassino, mas a personalidade de ambos, marcada por pequenas e grandes obsessões e segredos indescritíveis, impede a investigação, também porque o seu próprio passado acaba por estar perturbadoramente ligado ao caso.

Com o aparecimento de mais um corpo, Mina e Vincent percebem que enfrentam um implacável assassino em série e dão início a uma emocionante corrida contra o tempo, para decifram os códigos numéricos e truques de ilusionismo de uma mente brilhante e perversa. Antes que a situação se agrave, a única arma de que dispõem para evitar que o assassino volte a matar é antecipar os seus movimentos: só compreendendo plenamente a sua loucura poderão acabar com ela.

Uma emocionante viagem à parte mais obscura da alma humana e que

não deixará nenhum leitor indiferente

Sobre CAMILLA LÄCKBERG & HENRIK FEXEUS

Camilla Läckberg fez a sua estreia em 2003 com *A princesa de gelo* (Dom Quixote, 2010), recebido com elogiosa crítica e que rapidamente encontrou um vasto público de leitores. Läckberg é, atualmente, uma das autoras mais lidas da Suécia. Os seus livros venderam 30 milhões de cópias em mais de 60 países. Para além da série de sucesso internacional *Fjällbacka*, é autora da duologia «Faye» — *Uma Gaiola de Ouro* (Suma de Letras, 2019) e *Asas de Prata* (Suma de Letras, 2020) — e dos romances *Mulheres que não perdoam* (Suma de Letras 2021) e *A noite é um jogo* (Suma de Letras 2022).

Camilla Läckberg foi distinguida, com o prémio Mulher do Ano, na Suécia, os prémios Folket e SKTF de Melhor Autora do ano, o Grand Prix for Crime Literature, em França, e o People's Literature Award, entre outros.

Henrik Fexeus é um dos palestrantes mais procurados da Suécia, um mentalista reconhecido mundialmente e um dos mais renomados especialistas em linguagem e comunicação corporal. Em 2007, publicou o seu livro estreia, *The Art of Reading Minds*. Os seus livros conquistaram vários prémios, venderam mais de um milhão de cópias e estão traduzidos em mais de 30 idiomas. Henrik estreou como autor de ficção em 2017, com o romance YA *The Lost*, a primeira parte de sua aclamada trilogia «Final Illusion».

A caixa, um bestseller internacional, é o primeiro livro da trilogia escrita por esta dupla imbatível.



Edição em formato digital: setembro de 2022

A CAIXA

Título original: *Box*

Texto: © 2021, Camilla Läckberg & Henrik Fexeus

Publicado por acordo com Nordin Agency AB, Suécia

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.

Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a protecção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou electrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Elin Baginha

Revisão: Rui Augusto e Inês Fraga

Capa: André Cardoso

ISBN: 978-989-784-741-7

Composição digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)

Facebook: [Suma de Letras Portugal](#)

Instagram: [penguinlivros](#)

[1] SF no original. Referência à empresa sueca de produção e distribuição de filmes, que qualquer leitor sueco identifica de imediato ao ver a sigla SF (Svensk Filmindustri — SF Studios). A sigla SF de «Futuro da Suécia» escreve-se «Sveriges Framtid». (*N. da T.*)

[2] *Anonyma Alkoholister* na grafia sueca pode transformar-se em *Mohikanens Ayatollor* — Aiatolas Moicanos. (*N. da T.*)

[3] Alguns dados pessoais, como moradas, números de telefone e data de nascimento, são de consulta pública na Suécia. A página Eniro é um dos serviços que disponibilizam essas informações. (*N. da T.*)

Índice

A caixa

Fevereiro

Março

Abril

Maio

Junho

Julho

Agosto

Setembro

Outubro

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Camilla Läckberg & Henrik Fexeus

Créditos

Notas